



H A N K H A N E G R A A F F

CRISTIANISMO EM CRISE

*Um câncer está devorando
a Igreja de Cristo.
Ele tem de ser extirpado!*



CRISTIANISMO EM CRISE

*Um câncer está devorando
a Igreja de Cristo.
Ele tem de ser extirpado!*

HANK HANEGRAAFF



Índice

Dedicatória.....	6
Reconhecimentos.....	6
Antes de Começar	8

PARTE I

<i>Transformando a Verdade em Mitologia</i>	16
Elenco de Personagens	23
Seita ou Sectário?	33
Pentecostal ou Sectário?	39
Mapeando o Curso	43

PARTE II

Fé na Fé	50
A Força da Fé	54
A Fé de Deus	70
O Hall da Fama da Fé	78

PARTE III

<i>Homens e Demônios Deificados</i>	84
Deificação do Homem	86
Rebaixamento de Deus	98
Endeusamento Satânico	104
Diminuição de Cristo	110

PARTE IV

Atrocidades sobre a expiação	117
Recriação sobre a Cruz	125
Redenção no Inferno	132
Renascimento no Inferno	136
Reencamação	142

PARTE V

Limites entre Riquezas e Necessidades	145
Conformidade Cultural	149
Chantagem e Extorsão	157
Contratos e Acordos	173

Contexto, Contexto, Contexto	177
PARTE VI	
Achaques e Sofrimentos	190
Sintomas e Doenças	195
Satanás e as Enfermidades	207
O Pecado e as Moléstias	212
Soberania e Doenças	219
PARTE VII	
De Volta ao Básico.....	225
A = Amém	229
B = Bíblia.....	235
C - Congregação	245
D = Defesa	251
E = Essenciais	256
Epílogo.....	263
Kenyon eos Principais.....	268
Proponentes dum.....	268
Evangelho Diferente.....	268
Apêndices	268
Notas Bibliográficas.....	268
índice de Assuntos	268
Apêndice A	304
Os “Ungidos de Deus” estão acima da Crítica?	304
Apêndice B	308
Apologética: A Defesa da Fé.....	308
Apêndice C	316
Os Três Cremos Universais	316
Notas Bibliográficas.....	320

Dedicatória

A Erwin de Castro — exemplo dum leigo que se esforça por servir a Deus de todo o coração, alma e mente.

Reconhecimentos

Agradeço ao meu Pai celestial pela saúde, força e tudo o mais que me permitiu completar *Cristianismo em Crise*. É uma bênção poder contar com

a assessoria e o apoio dum conselho cujas orações e encorajamento foram fundamentais na consecução deste projeto.

Sou especialmente grato pelo discernimento e assistência de Bob Lyle e dos pesquisadores do Christian Research Institute (CRI). (*Nota da edição em português*: O autor refere-se à entidade sediada nos EUA, à qual nos referiremos a partir de agora como ICP - Instituto Cristão de Pesquisas). Agradeço igualmente a Elliot Miller, Ron Rhodes, Ken Samples, Paul Carden, Brad Sparks e B. J. Oropeza, pela revisão crítica deste manuscrito, antes da sua publicação.

Adicionalmente, meu reconhecimento à incansável dedicação do meu assistente, Erwin de Castro que, além do intelecto notável, é um amigo de confiança, permanecendo do meu lado ainda nas horas mais difíceis.

Outros que merecem ser mencionados são:

Norman Geisler, pela revisão teológica do manuscrito.

Berit Kjos, por seu discernimento, ajuda e principalmente orações.

Rolly DeVore, pelo acompanhamento diligente de ensinamentos provenientes do chamado “movimento da Fé” (ele tomou-se um especialista neste campo).

Kathis Delph, pelo desempenho datilográfico, quando a dormência me impedia os dedos.

Ed Decker, por seu constante encorajamento e fiel apoio em oração.

Bob Hawkins e o pessoal da Harvest House Publishers, pelo apoio e corajosa dedicação à publicação deste volume.

Steve Halliday, porque emprestou suas habilidades editoriais a este projeto e pela noite inteira gasta para atender a um compromisso de prazo marcado.

Gretchen Passantino, por seu trabalho editorial.

E, finalmente, agradeço à minha esposa Kathy e aos nossos seis filhos — Michelle, Katie, David, John Mark, Hank Jr. e Christy - que demonstraram notável paciência e compreensão, até o fim. David, em

particular, fez-me saber que chegara o tempo de terminar, pela insistente pergunta: “Quantas páginas mais, papai?”

Antes de Começar

Imagine que uma noite, já tarde, você embarque num avião para fazer o longo vôo entre Los Angeles e Atlanta.¹ Dando uma espiada pelo interior da cabina, você nota que vários passageiros começaram a ler revistas ou jornais. Um homem e sua esposa, na fileira da frente, dão curso a uma calma conversação. Vários passageiros parecem estar olhando para o espaço, envolvidos num mundo de pensamentos. Alguns até já começaram a dormir. Você se espreguiça sonolento e antecipa uma viagem quieta e pacífica.

Imediatamente antes da decolagem, porém, a calma subitamente se transforma em caos, quando seis crianças barulhentas e sua mãe embarcam no avião. Ela se senta do outro lado do corredor e parece alheia à confusão causada. Não somente seus filhos gritam e falam alto, mas também parecem vacilar atordoadamente entre o riso nervoso e as lágrimas.

A ira e a irritação pintadas na fisionomia de seus companheiros de viagem são óbvias. No entanto, ninguém parece disposto a fazer alguma coisa. Finalmente, você não consegue mais se conter. Inclinando-se na direção da mãe, balbucia: “Madame, poderia fazer algo com relação a seus filhos, por favor? Eles estão fora de controle! Não vê que as pessoas querem ler? Já é muito tarde e estamos cansados! Precisamos dum pouco de paz e silêncio!”

Como se tivesse sido sacudida de volta à realidade, a mulher olha direto para seus olhos e, com voz trêmula, responde: “Sim, sim, o senhor tem razão. Lamento, queira me desculpar! O senhor sabe, acabei de receber um recado dizendo que meu marido sofreu um terrível acidente de carro. Ele está em estado de coma e os médicos não sabem se viverá. Estou passando por tempos difíceis para mostrar-me à altura das circunstâncias e... e... não estou certa se meus filhos estão agüentando bem a pressão”.

Imagine como se sentiria naquele momento! De repente, você percebe a realidade duma perspectiva inteiramente nova. A irritação cede lugar à compaixão. Num instante você passa a ver aquela mulher e suas circunstâncias através dum novo par de lentes. Uma macromudança ocorreu em sua perspectiva, num microsegundo.

Precisamos exatamente desse tipo de macromudança, agora mesmo, para evitar uma bem real e presente crise no cristianismo. Sem tal mudança, tanto na percepção quanto na perspectiva, a Igreja está em horrendo perigo. Permita-me explicar.

Nos últimos anos, multidões que professam o nome de Cristo assumiram uma postura altamente distorcida em relação ao que significa, realmente, ser cristão. Talvez o mais alarmante é que milhões têm sido impedidos de levar a sério as reivindicações de Cristo porque percebem o cristianismo como algo negativo, e os líderes cristãos como artistas do contra.

Sob o pendão de “Jesus é o Senhor”, multidões estão sendo ludibriadas por um evangelho de ganância e abraçando doutrinas cuja origem é inegavelmente mística. Mas apesar de estarem convencidas de que o que ouvem é a coisa real, na verdade estão abraçando uma barata contrafação. Verdades eternas, tiradas da Palavra de Deus, estão sendo pervertidas numa mitologia perversa - e enquanto isso o cristianismo está despencando, a uma velocidade de quebrar o pescoço, numa crise de proporções nunca vistas.

Esta é uma acusação tremenda, eu sei - e compreendo que pode ser difícil de engolir. Portanto, para provar que não sou um alarmista, permita-me dar-lhe algumas provas daquilo que você vai ler neste livro. As citações abaixo podem mostrar-se tão ultrajantes que pareçam fabricações; mas cada uma delas — juntamente com cada outro exemplo que há neste livro — foi cuidadosamente autenticada. Estas citações têm caído diretamente dos lábios ou das penas dum punhado de homens e mulheres que se consideram profetas modernos. E são esses autoproclamados apóstolos que estão levando a Igreja a um reino de seitas. Mas não aceite apenas a minha palavra quanto a isso:

“Satanás *venceu* Jesus na cruz”.

— Kenneth Copeland

“Você não está olhando para Morris Cerullo -você está olhando para Deus, está olhando para Jesus”.

— Morris Cerullo

“Nunca, jamais, em tempo algum, vá ao Senhor e diga: Se for da tua vontade...’ Não permita que essas palavras destruidoras da fé saiam de sua boca”.

— Benny Hinn

“Deus precisa receber permissão para trabalhar neste reino terrestre em favor do homem... Sim! *Você está no controle das coisas!* Assim, se o homem detém o controle, quem deixou de exercê-lo? Deus”.

— Frederick K. C. Price

“O homem foi criado em termos de igualdade com Deus, e podia permanecer na presença dele sem qualquer consciência de inferioridade”.

— Kenneth E. Hagin

Conforme você verá, isso é apenas a ponta do iceberg. Se sistemas sectários ou ocultos, como o movimento da Nova Era, representam a maior ameaça ao corpo de Cristo pelo lado de fora, o câncer mortal, representado por essas citações, constitui uma das piores ameaças ao cristianismo pelo lado de dentro. O verdadeiro Cristo e a verdadeira fé bíblica estão sendo rapidamente substituídos por alternativas doentias, oferecidas por um grupo de mestres que pertencem ao denominado “Movimento da Fé”.

Este câncer vem sendo alimentado por uma constante dieta que poderia ser chamada de “cristianismo das refeições rápidas” — belas na aparência, mas fracas em substância. Os provedores dessa dieta cancerígena têm utilizado o poder das ondas de rádio e televisão, bem como uma pletora de livros e fitas criteriosa e agradavelmente embalados, a fim de atrair suas presas para o jantar. E os desavisados têm sido chamados a amar não o Mestre, mas aquele que está na mesa do Mestre.

Durante anos venho pregando sobre este assunto com uma urgência dramática. Em adição, lembro-me das incontáveis horas passadas com o Dr. Walter Martin (fundador do Instituto Cristão de Pesquisas - EUA), antes de sua morte, discutindo tal catástrofe e suas implicações para a fé cristã histórica.

Para evitar esta crise, precisamos mudar nossa percepção de Deus como um meio para se chegar a um fim, reconhecendo que Ele é o fim em si mesmo. Precisamos mudar duma teologia baseada em perspectivas temporárias para uma teologia alicerçada sobre verdades eternas.

E, mesmo crendo que ocorrerão, é claro que tais mudanças não serão fáceis. Os alimentadores desse câncer ocupam algumas das mais poderosas

plataformas dentro do cristianismo. Controlam vastos recursos e sabem que perderão muitos milhões de dólares se desmascarados.

As apostas são tão altas que aqueles que estão fazendo o cristianismo mergulhar numa crise parecem dispostos a fazer e dizer virtualmente qualquer coisa para silenciar a oposição e obter apoio financeiro.

Este livro esclarece as crenças de cerca duma dúzia dos mais influentes “mestres da Fé” em evidência, hoje em dia. Apesar de que um número bem maior de personalidades poderia ser citado, quero focar a atenção sobre os que detêm maior influência dentro do “movimento da Fé”. Os indivíduos que repetidamente tenho citado são aqueles que tendem a determinar os rumos do movimento, e que são os responsáveis pelo surgimento duma hoste de imitadores.

Visto que os mestres da Fé consideram-se parte dum movimento, em sua maioria não estão filiados a uma organização religiosa monolítica. Por isso nem todos eles sustentam todas as doutrinas que serão examinadas neste livro. Mas o espectro de falsos ensinamentos aqui artaísados representa, exatamente, o inteiro Movimento da Fé. Noutras palavras, nem todos os mestres da Fé têm exatamente as mesmas crenças acerca de cada ponto doutrinário aqui apresentado, mas no conjunto defendem um âmago comum de doutrinas aberrantes que os colocam, corretamente, dentro dos esboços gerais do Movimento da Fé.

Nem tudo quanto eles expõem está errado. Se nada promovessem senão o erro, suas audiências rapidamente se encolheriam até à insignificância. As vezes é possível assistir a quinze minutos dum “programa da Fé” e nos admirar da tamanha confusão a respeito deles, visto que nada podemos ver e ouvir digno de censura. *Mas é o que ocorre no minuto dezesseis que deveria nos fazer tremer sobre os calcanhares, pois é o erro fatal misturado com a verdade que faz o Movimento da Fé tornar-se tão perigoso.* Apesar de, supostamente, elevar o nome de Jesus, lançam o Cristo bíblico no ridículo, substituindo-o por uma criatura resultante de sua própria imaginação.

Este livro, pois, enfoca sua atenção sobre os erros mortais do Movimento da Fé. Eu nada mais desejaria além de passar meu tempo pintando as paisagens frescas e verdejantes da verdade bíblica, mas quando um lobo fica vagueando pela paisagem é hora de guardar o pincel e pegar

um instrumento diferente. Este livro tem uma preocupação principal: desmascarar a heresia. Não gosto da tarefa, mas é preciso que seja feita. Recusar esse dever bíblico em favor de opções mais agradáveis é diminuir a pessoa de Cristo e desprezar a Igreja que ele comprou com seu próprio sangue. Não tive escolha senão escrever *Cristianismo em Crise*.

Minha insistente oração é não somente que os leitores prestem atenção, mas que esta obra possa, dalguma maneira, ser usada por Deus para efetuar uma mudança naqueles que ousam tomar o sagrado nome de “cristão” sobre seus lábios impuros, ausentes dum toque purificador da parte de Deus.

O título deste livro, *Cristianismo em Crise*, não é nenhum exagero. O câncer que ele expõe está atingindo seu estágio crítico, sendo espalhado com tal velocidade que garante o título do livro. Contudo, graças a Deus, acredito piamente que este é um câncer para o qual há cura.

Este livro não visa meramente desmascarar as trevas por meio da luz; seu papel é substituir a crise do atual cristianismo por um cristianismo centrado em Cristo. Não pretende apenas condenar as trevas, mas construir um farol em meio à tempestade insurgente.

Eu tinha em mente três categorias de leitores quando me sentei para escrever este livro. Em primeiro lugar, meu coração se desdobra em favor daquela gente que foi enganada para unir-se ao Movimento da Fé - gente sincera no seu desejo de servir ao Senhor, mas que tem sido conduzida por uma vereda que conduz diretamente ao reino das seitas. Desejo desesperadamente que esses crentes de valor vejam a verdade do Evangelho e troquem uma fé fingida pela autêntica - a fé que tem encorajado, nutrido e fortalecido homens e mulheres por todos os dois mil anos de história da verdadeira Igreja cristã.

Em segundo lugar, escrevo para cristãos que professam uma fé bíblica, os quais podem estar ou preocupados ou confusos acerca do Movimento da Fé. Espero que este livro resolva para sempre quaisquer perguntas que você possa ter acerca da verdadeira natureza desse movimento, e se ele se adapta à consciência cristã. A resposta é: não se adapta. O Movimento da Fé é em tudo tão sectário como os ensinamentos dos mórmons, das Testemunhas de Jeová e da Ciência Cristã. Não merece um verdadeiro apoio cristão.

Em terceiro lugar, quero mostrar claramente aos observadores de fora da Igreja que o Movimento da Fé não representa o cristianismo bíblico. Nos poucos meses que precederam o lançamento deste livro mais de um mestre do Movimento da Fé foi desmascarado em rede nacional pela televisão americana, por práticas e crenças duvidosas. Quero proclamar, em alto e bom som, que o Movimento da Fé há muito se desviou do cristianismo ortodoxo. Enfaticamente, esse movimento não representa os cristãos bíblicos. Já temos um número suficiente de problemas; não podemos nos dar ao luxo de associar-nos às aberrações sectárias do Movimento da Fé.

Talvez a carga de responsabilidade que sinto ao escrever este livro seja melhor expressa por meio das advertências de Pedro, Paulo e do Mestre por excelência, Jesus Cristo. Tire um momento para ouvir as palavras deles, que reverberam através dos séculos.

- *O apóstolo Pedro disse:*

“Assim como no meio do povo surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão dissimuladamente heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade; também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias...” (2 Pe 2.1-3 - ARA).

- *A essa advertência, acrescentou Paulo:*

“E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós” (At 20.30,31).

- *Ouçá agora as palavras do próprio Cristo:*

“Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores” (Mt 7.15).

Não constitui motivo de grande alegria soar o alarme, mas se faz necessário. Lamento o dano espiritual já sofrido por tantos e é minha

esperança que este livro venha a salvar pelo menos algumas ovelhas de Cristo dum terrível destino.

Que Deus se digne em usar este livro não somente para desmascarar os falsos mestres que estão transformando a verdade em mitologia, mas também para propor soluções a um *cristianismo em crise*.

PARTE I

Transformando a Verdade em Mitologia

A historieta que se segue é uma composição dos ensinamentos errôneos de indivíduos como Benny Hinn, Kenneth Copeland, Kenneth Hagin, Frederick Price e muitos outros. Apesar de que nem todos os mestres da Fé assinem cada aspecto desta historieta, todos eles têm feito contribuições substanciais tanto à produção quanto à proliferação dessas aberrações e heresias.

Certa feita, há muito, muito tempo, num planeta distante,¹ vivia um bom Deus. Ele era muito parecido com você e comigo² — um ser que tinha entre 1,88 e 1,90 metro de altura, pesava cerca de 90 quilos e cujo palmo media cerca de 23 centímetros.

A sabedoria e o poder de Deus eram tão grandes que ele não só podia visualizar belas imagens, como transformá-las em realidade,³ utilizando-se dum poder especial chamado a “força da fé”.⁴

Um dia, esse Deus teve uma tempestade mental e decidiu usar a força da fé para criar algo soberbo e especial.⁵ Resolveu produzir um mundo novo inteiro, trazendo-o à existência.⁶ Esse mundo não seria um mundo antigo qualquer; mas seria o mais fantástico mundo que se poderia imaginar. De fato, esse mundo tomar-se-ia tão maravilhoso que conseguiria duplicar o Planeta Mãe no qual Deus vivia.⁷

Depois de visualizar cuidadosamente cada detalhe de seu maravilhoso mundo, Deus entrou em ação. Liberando a força de sua fé como um tomado, fez o planeta vir à existência, falando, conforme o vira com os olhos da mente.⁸ E como Deus ficou excitado! Olhando com amor para essa sua nova criação clássica, chamou-a de planeta Terra.

Mas isso foi somente o começo. De súbito, uma hoste de brilhantes novas idéias começaram a inundar a consciência criativa de Deus. Ele começou a visualizar vastos oceanos e fontes de água abundante. Ele viu montes magníficos e campos férteis. Sua mente produziu lampejos de trovões e de relâmpagos. Plantas, flores e árvores irromperam em rápida sucessão, através de seus pensamentos. Deus começou a visualizar uma vida repleta de pássaros e criaturas de todo tamanho e formato.

No entanto, havia muito mais para vir, pois após cinco dias de vívidas visualizações, a mente de Deus moveu-se ainda para outra dimensão. No dia seis, no olho de sua mente, viu a jóia coroadora da criação. Conforme os detalhes tomavam-lhe forma na mente, Deus de súbito se viu concentrado sobre uma exata duplicação de si mesmo.⁹

E assim Deus falou, e de repente, de dentro do solo primitivo do planeta Terra surgiu outro deus - um deus escrito com “d” minúsculo, mas que, não obstante, era um deus.¹⁰ Quando a imagem desse pequeno deus¹¹ tomava forma, Deus viu que se tinha ultrapassado a si mesmo, pois ali, perante seus olhos, estava de pé um outro deus - com um corpo igual ao seu, incluindo tamanho e formato.¹²

Finalmente, Deus tinha feito a coisa! Ele tinha pensado o impensável, e, mediante sua Palavra de fé, havia criado uma criatura que nem estava subordinada a ele.¹³

Mas que Deus ficou alegre não há que duvidar, porque agora dispunha dum companheiro cuja natureza era idêntica à sua — um deus que podia pensar como ele, ser como ele, e fazer quase (mas não exatamente) tudo quanto ele fazia. Assim, chamou essa cópia de “Adão”, e deu-lhe completo domínio e autoridade sobre a criação inteira.¹⁴ Essa criatura tinha tanto poder que seu Criador não podia fazer qualquer coisa na Terra sem primeiramente obter sua permissão.¹⁵

Adão era, verdadeiramente, um superser! Podia voar como os pássaros e nadar submerso na água como um peixe. E isso não é tudo. Mesmo sem um traje espacial, podia voar por todo o universo. De fato, com um simples pensamento ele podia se transportar para a lua!¹⁶

No entanto, mesmo depois de haver criado um superser como Adão, Deus ainda não estava plenamente satisfeito. De alguma maneira, simplesmente reconheceu que faltava uma peça no quebra-cabeças. Assim, pondo sua mente em ação, foi acometido de outra tempestade cerebral.

Como se fora um raio, tudo lhe ocorreu. Adão fora feito à sua imagem, pelo que, como era óbvio, na sua constituição era tanto fêmea como macho. Portanto, por que não separar a parte macho da parte fêmea? Sem tempo a perder, lançou-se à ação! Causando um sono profundo a Adão, Deus o abriu, removeu a parte fêmea da parte macho e fez um ser de beleza incomparável: a mulher -homem com útero - e chamou o homem dotado de útero de “Eva”.¹⁷

Dessa vez, porém, Deus fora longe demais, pois trouxera à existência os próprios seres que, um dia, haveriam de expulsá-lo do planeta novo que criara. Por incrível que pareça, aqueles superseres, algum dia, voltar-se-iam contra seu Criador, relegando-o à condição de maior fracasso de todos os tempos.

Pois como você deve compreender, longo tempo antes de Deus ter visualizado e trazido à existência o planeta Terra, criara ele um outro mundo cheio de seres chamados anjos. E um desses anjos era um ser de beleza e

brilho de tirar o fôlego, a ponto de ter sido chamado de “Lúcifer”, a Estrela da Manhã.

Lúcifer tinha grandes ambições. De fato, queria exercer controle sobre tudo quanto Deus havia criado; tornando-se exatamente igual ao Altíssimo. Ele tentou derrubar Deus com o poder das palavras, mas terminou perdendo.¹⁸ Por causa de sua traição, foi expulso do céu, passando a se chamar “Satanás”, opositor.

Atirado do Planeta Mãe, onde Deus vivia, Satanás veio parar na réplica que Deus trouxera pela palavra à existência - a Terra, onde Adão e Eva viveriam um dia. Ali, ficou à espera duma oportunidade para atacar a Deus novamente.

E então, um belo dia, ela apareceu. Não muito depois que Deus trouxera Adão e Eva à vida, Satanás espiou-os de pé, despidos, no meio do jardim do Éden.

Instantaneamente transformou-se numa serpente e, mediante astúcia, enganou os dois pequenos deuses para cometerem traição cósmica. Pelo preço duma maçã Adão e Eva venderam sua natureza divinizada a Satanás. E o diabo, através de Adão, tornou-se o deus deste mundo.¹⁹

Infelizmente, Adão e Eva não somente perderam sua condição de deuses, mas foram infundidos com a própria natureza de Satanás.²⁰ Adão tornou-se a primeira pessoa a nascer de novo; “nascera” com a natureza de Deus e agora “nascia de novo” com a de Satanás.²¹

Num instante de inconsciência, o primeiro homem e a primeira mulher foram transformados de divinos para demoníacos, tornando-se susceptíveis ao pecado, às enfermidades e ao sofrimento — e, o mais importante de tudo, à morte espiritual. De fato, o corpo de Eva (que originalmente fora designada para dar a luz pelo lado) passou por uma transformação radical. Daquele momento em diante, ela e sua prole feminina teriam filhos pela região mais baixa de suas anatomias.²²

A partir daquele momento crucial, Adão e Eva foram barrados do jardim do Éden, ao mesmo tempo em que Deus era banido da Terra. Satanás tinha agora direitos legais sobre a Terra e todos os seus habitantes.²³ Deus foi deixado do lado de fora, buscando desesperadamente uma maneira de tornar a entrar.²⁴

Num instante Deus tornara-se o maior fracasso de todos os tempos. Não somente perdera seu anjo de maior vulto, e pelo menos um terço dos outros anjos, mas também o primeiro homem, a primeira mulher, a Terra e toda a sua plenitude!²⁵

Mas Deus ainda não estava a ponto de atirar a toalha. Consciente de que precisava do convite do homem para voltar à Terra, ele imediatamente entrou em ação. Depois de alguns milhares de anos, finalmente encontrou um homem chamado Abraão que aceitou ser a isca e tomar-se o veículo pelo qual Deus, se tivesse sorte, algum dia poderia ganhar de volta o mundo que havia perdido.²⁶

Através de Abraão, eventualmente um segundo Adão haveria de nascer, o qual, se tudo corresse de acordo com o plano, faria voltar ao homem a sua natureza divina, e a Deus a sua boa Terra.

Abraão bem que poderia ter dito a Deus para passear “em outra freguesia”.²⁷ Em lugar disso, porém, resolveu entrar no negócio de Deus. De fato, vieram a se tornar irmãos de sangue.²⁸ Forjaram um acordo que daria a Abraão saúde e riquezas, e que reconquistaria para Deus uma posição no mundo por ele criado.²⁹ O plano de Deus era fazer de Abraão o pai de todas as nações, e produzir, dentre seus descendentes, outro Adão, que reconquistaria o torrão perdido pelo primeiro.

Em consonância com sua Palavra, Deus fez de Abraão um homem muitíssimo rico. Em seguida, uma vez mais, retornou à prática da visualização. Por sua mente passaram imagens dum Adão inteiramente novo - um homem que, um dia, haveria de restaurá-lo a seu lugar correto no universo e banir para sempre o seu arqui-rival, Satanás, do reino.

E então aconteceu! Um dia, a imagem desse Salvador surgiu na mente de Deus. Sem um momento de hesitação, ele começou a falar e trouxe à existência o quadro do Redentor que havia pintado na tela de sua consciência.³⁰ Excitado, confessou positivamente: “O Messias está vindo, o Messias está vindo!”³¹

Enquanto o Espírito de Deus pairava sobre uma mulher jovem chamada Maria, a confissão começou a tomar forma diante de seus próprios olhos.³² A Palavra falada tornou-se pernas, braços, olhos e cabelo. E então, de repente, emergiu o corpo do segundo Adão.³³

O segundo Adão foi chamado de Jesus. Na qualidade de descendente de Abraão, Jesus foi rico e próspero. Vivia numa casa grande,³⁴ manuseava dinheiro grosso³⁵ e até usava roupas da moda.³⁶ Era tão rico que precisava dum tesoureiro para cuidar de todo o seu dinheiro.³⁷

Jesus, que era muito sábio para fazer coisas virem à existência, falando,³⁸ mostrou a seus discípulos como dominar a arte da *confissão positiva*.³⁹ Assim sendo, eles também desfrutaram de saúde e riqueza ilimitadas. Alguns de seus seguidores aprenderam tão bem a lição que se tornaram ricos acima de qualquer compreensão. O apóstolo Paulo, por exemplo, tinha tanto dinheiro que os oficiais do governo trabalhavam febrilmente na tentativa de obter dele algum suborno.⁴⁰

Jesus também venceu todo truque e tentação que Satanás lançara-lhe no decurso de sua caminhada. Embora nunca tivesse apregoado ser Deus, obteve êxito quanto a viver uma vida sem pecado e perfeita.⁴¹ Dito e feito, Jesus passou pelo teste onde o primeiro Adão fracassara.

E então, no viço de sua vida, Jesus entrou num jardim - muito parecido com o Éden, onde o primeiro Adão deixara de ser deus. Neste jardim, chamado Getsêmani, Jesus percorreu os estágios finais dum processo que haveria de transformá-lo dum homem imortal num ser satânico⁴² permitindo-lhe, por sua vez, recriar os homens como pequenos deuses,⁴³ os quais, por isso mesmo, não continuariam sujeitos ao látego do pecado, das enfermidades e do sofrimento.⁴⁴

Como parte do processo, Jesus teria de morrer duplamente na cruz, tanto espiritual quanto fisicamente. Se a morte física tivesse sido suficiente, os dois ladrões sobre a cruz poderiam ter expiado os pecados da humanidade.⁴⁵ Não, a chave real foi a morte espiritual e o sofrimento no inferno.

Um dia, sobre uma cruz cruel, o Cristo de cristal -modelo de virtude - foi transformado num endemoninhado contaminado. O cordeiro tornou-se uma serpente⁴⁶ e foi parar no próprio ventre da Terra. Ali chegando, foi torturado por Satanás e seus subordinados.⁴⁷ E todo o inferno riu-se.⁴⁸

Mal sabia Satanás, porém, que o último riso seria por causa dele. Pois da mesma forma que Adão caíra na armadilha de Satanás, no Éden, agora Satanás tinha caído na armadilha de Deus, no inferno.⁴⁹

Como você deve estar vendo, Satanás tinha se rebentado em cima duma tecnicidade. Ele havia atraído Jesus ao inferno ilegalmente,⁵⁰ esquecendo-se completamente de considerar que Jesus nunca havia, realmente, pecado. Tornara-se pecado em resultado da culpa alheia. Para seu desgosto, Satanás e suas hostes demoníacas haviam torturado o emaciado, exaurido, apequenado e verminoso espírito de Cristo sem direitos legais.⁵¹

Essa era exatamente a abertura pela qual Deus vinha esperando. Aproveitando a brecha, Deus proferiu suas palavras cheias de fé até os interiores da Terra. De súbito, o distorcido e emaciado espírito de Jesus começou novamente a tufar e voltou à vida, começando a parecer-se com algo nunca antes visto pelo diabo.⁵²

Ali, na presença sinistra do próprio maligno, Jesus começou a flexionar seus músculos espirituais. Enquanto a horda de demônios lamuriantes a tudo contemplava, Jesus chicoteou o diabo em seu próprio quintal. Arrancou as chaves das mãos de Satanás e emergiu do inferno como um homem que havia nascido de novo.⁵³

Deus havia conquistado a taça das eras. Não somente enganara Satanás, arrancando-lhe o senhorio, ao usar Jesus como isca, mas também o havia apanhado numa tecnicidade, através do que Jesus pôde nascer de novo.

Mas isso ainda não é tudo. Visto que Jesus foi recriado dum ser satânico para uma encarnação de Deus, você também pode tornar-se uma encarnação divina - tal qual Jesus Cristo de Nazaré!⁵⁴ E, como encarnação de Deus, pode ter saúde e riqueza ilimitadas - um palácio como o Taj Mahal, com um Rolls Royce defronte dele.⁵⁵ E você pode se considerar um pequeno messias percorrendo a Terra!⁵⁶

Tudo quanto se faz mister agora é reconhecer a sua própria divindade. Você também pode aproveitar-se da força da fé. Nunca mais terá de orar: “Seja feita a Tua vontade”.⁵⁷ Antes, sua palavra é uma ordem divina.⁵⁸ Usando sua língua para liberar a força da fé, você poderá falar e trazer à existência o que desejar.⁵⁹ E poderá viver feliz para sempre, depois disso, neste planeta de prosperidade.



Bem, aí está — a casca da verdade recheada de monstruosas mentiras! O que você acaba de ler é uma composição dos escritos e das divagações dos

mais poderosos mestres que operam no centro da Igreja cristã atual — pessoas que têm transformado, sistematicamente, a verdade de Deus em mitologia.

O que você descobrirá, enquanto continua a leitura, é tão arrepiante que sua inclinação natural será para a descrença ou mesmo a negação. Mas lhe asseguro que aquilo que estou comunicando aqui não se baseia em exageros ou sensacionalismo. Antes, trata-se dum testemunho dolorosamente acurado e completamente documentado.

Portanto, prepare-se, enquanto descemos para o terreno das seitas.

1

Elenco de Personagens

Talvez o melhor ponto para começarmos nossa investigação seja um breve exame dos principais mestres da mensagem da Fé. É importante observar que a parte central de sua teologia pode ser traçada diretamente a partir dos ensinamentos sectários da metafísica do Novo Pensamento. E muito da teologia do Movimento da Fé é facilmente perceptível em seitas tais como Ciência Religiosa, Ciência Cristã e a Escola da Unidade do Cristianismo.

Muito antes do Movimento da Fé tornar-se uma força dominante dentro da Igreja cristã, Finéias Parkhurst Quimby (1802-1866), o pai do Novo Pensamento, já divulgava a noção de que a enfermidade e o sofrimento, em última análise, têm sua origem no pensamento incorreto.¹ Os seguidores de Quimby afirmavam que o homem pode criar sua própria realidade através do poder da afirmação (confissão) positiva.² Profissionais da metafísica há muito vinham ensinando seus adeptos a visualizarem a saúde e a riqueza, e então afirmá-las e confessá-las com suas bocas, a fim de que as imagens intangíveis pudessem ser transformadas em realidades tangíveis.³

Embora os proponentes da teologia da Fé tenham tentado ajustar à religião o conceito metafísico do “poder da mente”, substituindo-o pela “força da fé”, para todos os propósitos práticos a distinção é inócua, visto não haver uma diferença verdadeira. Para exemplificar, o escritor do Novo Pensamento, Warren Felt Evans, escreveu que “a fé é a forma mais intensa de ação mental”.⁴ Ao tratar um paciente, Evans comentou que “o efeito da sugestão [ou afirmação de que o paciente está bem] é o resultado da fé do sujeito, pois é sempre proporcional ao grau em que o paciente acredita no que você diz”.⁵ De igual modo, H. Emilie Cady, um bem conhecido colaborador da Escola de Unidade do Cristianismo Charles e Myrtle Fillmore, explicou que “nossa afirmação, escudada pela fé, é o elo que conecta nossa necessidade humana consciente com seu [de Deus] poder e suprimento”.⁶ Cady também asseverava que “há poder em nossa palavra de fé para trazer todas as coisas boas até nossa vida diária”.⁷ Tais afirmações demonstram que a distinção entre a “mente” da metafísica e a “fé” da teologia da Fé é de modo algum mais do que cosmética.

Não há como negar que grande parte da teologia da Fé deriva-se diretamente da metafísica. Mas algo da *substância, estilo e esquemas* próprios do movimento pode ser oriundo dos ensinamentos e práticas primariamente expressos por certos milagreiros e reavivalistas da fé, após a Segunda Guerra Mundial, que atuaram dentro de círculos pentecostais.⁸ No

tocante à substância, por exemplo, tanto Kenneth Copeland quando Kenneth Hagin apontam para T. L. Osborn e William Branham como verdadeiros homens de Deus que influenciaram grandemente suas vidas e seus ministérios. Naturalmente, o próprio Osborn seguia consistentemente E. W. Kenyon, em suas práticas de distorção das Escrituras,⁹ e Branham tinha denunciado (entre outras coisas) a doutrina da Trindade como de origem diabólica.¹⁰

Infelizmente. Hagin e Copeland não estão sozinhos na confirmação dos dizeres de Branham: o proponente da Fé, Benny Hinn, também o aprova de todo o coração.¹¹ Quando se trata do estilo, porém. Hinn gravita mais na direção dos milagreiros da fé como Aimee Semple McPherson e Kathryn Khulman. A influência dessas mulheres sobre a vida e o ministério de Hinn é tão grande que ele continua visitando seus locais de sepultamento e experimenta "a unção" que, segundo afirma, emana dos ossos delas.¹² Em adição, Hinn tem dado seu endosso ao notório reavivalista A. A. Allen.¹³ um publicitário da fé se é que podemos chamá-lo assim.

Isso nos leva ao terceiro item, os *esquemas*. Os mestres da Fé, como Robert Tilton e Marilyn Hickey, têm abraçado muitas práticas inicialmente adotadas por pregadores pentecostais tais como Allen e Oral Roberts, conforme veremos adiante.

Oral Roberts, como você deve saber, é quem afirmou ter Jesus dito a ele que Deus o escolhera para descobrir um tratamento efetivo contra o câncer. Num longo apelo, Roberts admitiu francamente que o Senhor lhe teria dito: "Eu não teria permitido que você e seus associados construíssem uma torre de pesquisas com 20 andares a menos que estivesse para lhes dar um plano contra o câncer". Roberts então disse que Jesus o instruíra para dizer a seus associados que não era "Oral Roberts pedindo [dinheiro], mas o Senhor deles".¹⁴

(O projeto chegou a ser completado, mas desde então foi "fechado e vendido a um grupo de investidores para desenvolvimento comercial".¹⁵ E não foi encontrada nenhuma cura para o câncer.)

Igualmente. Allen ludibriou seus seguidores ao afirmar que podia dar ordem a Deus para "transformar notas dum dólar em notas de 20 dólares"¹⁶. Também se tornou conhecido por exortá-los a obter "roupas de oração ungidas com o óleo milagroso"¹⁷ e por oferecer "o miraculoso creme

de barbear das tendas” como pontos de contato para milagres pessoais.¹⁸ Chegou mesmo a “lançar um breve programa de ‘ressurreição de mortos’”.¹⁹ Mas, naturalmente, o programa morreu.

Allen foi eventualmente expulso das Assembléias de Deus quando teve de pagar fiança, depois que foi preso por estar dirigindo embriagado.²⁰ Morreu em 1970 daquilo que “notícias reportaram como cirrose hepática”.²¹

Quando examinamos os provedores primários da teologia da Fé, deparamo-nos com provas vivas da máxima que “o erro gera o erro, e a heresia gera a heresia”. Se, por exemplo, você examinar a progressão sectária de E. W. Kenyon, descobrirá que seus desvios originais do cristianismo ortodoxo foram pequenos, em comparação com aqueles que caracterizaram os estágios posteriores de seu ministério. E, conforme os discípulos de Kenyon se sucediam, os erros tornaram-se ainda mais pronunciados. Hagin, que popularizou Kenyon, não somente expandiu os erros de Kenyon, mas até adicionou alguns. Sua progressão de mal para pior teve continuidade com pessoas como Kenneth Copeland e Charles Capps e vem se intensificando através de líderes ministeriais como Frederick Price, Benny Hinn e Robert Tilton.

Textos distorcidos, milagres forjados e Cristos contrafeitos são denominadores comuns do elenco de personagens do Movimento da Fé. Eis um breve apanhado, com informações resumidas sobre cada pessoa que aparece nos capítulos subseqüentes e no epílogo, numa seção especial intitulada “Kenyon e os Principais Proponentes dum Evangelho Diferente”.

Essek William Kenyon

Essek William Kenyon, cuja vida e ministério sofreram tremendo impacto de seitas como Ciência da Mente, Escola da Unidade do Cristianismo, Ciência Cristã e a metafísica do Novo Pensamento, é o verdadeiro pai do moderno Movimento da Fé. Muitas frases popularizadas pelos atuais mestres da prosperidade, como “o que eu confesso, eu possuo”, foram originalmente cunhadas por Kenyon. Kenneth Hagin tomou emprestado pesadamente da obra de Kenyon, incluindo sua declaração que diz: “Cada homem que nasceu de novo é uma encarnação [divina], e o cristianismo é um milagre. O crente é tanto uma encarnação quando o era Jesus de Nazaré”.

Kenneth E. Hagin

Não somente Hagin jacta-se de alegadas visitas ao céu e ao inferno, mas também conta numerosas experiências fora do corpo.

Conta que, estando no meio dum sermão, foi subitamente transportado de volta no tempo, indo parar no assento de trás dum carro onde viu uma jovem da sua igreja cometendo adultério com o motorista. A experiência inteira durou cerca de quinze minutos, após o que Hagin abruptamente se viu de volta à igreja, e exortou seus congregados a orarem.

Virtualmente, todo mestre da Fé importante tem sofrido o impacto do ministério de Hagin, incluindo um de seus pupilos mais importantes, Kenneth Copeland.

Kenneth Copeland

Copeland deu início ao seu ministério memorizando as mensagens de Hagin. Não demorou muito para aprender o bastante de Hagin e estabelecer seu próprio sistema sectário. Dizer que seus ensinamentos são heréticos é uma exposição suavizada. Copeland pronuncia ousadamente Deus como o maior fracasso de todos os tempos, proclamando atrevidamente que “Satanás venceu Jesus na cruz”. Descreveu Cristo no inferno como “um espírito emaciado, exaurido, apequenado e verminoso”.

Mais sobre os ensinamentos de Copeland e suas conexões ocultas são documentados adiante neste livro, incluindo paralelos entre ele e o fundador do mormonismo, Joseph Smith. Apesar das evidências, Benny Hinn advertiu em tom ameaçador que “aqueles que atacam Kenneth Copeland estão atacando a própria presença de Deus”.

Benny Hinn

Benny Hinn é uma das estrelas de mais rápido crescimento no circuito da Fé. De acordo com um artigo na revista *Christianity Today*, em edição de 5 de outubro de 1992, as vendas de seus livros, no último ano e meio, ultrapassaram as de James Dobson e Charles Swindoll juntos. Ao mesmo tempo em que reivindica estar “sob a unção”, Hinn tem proferido algumas das mais inacreditáveis declarações que se possa imaginar, incluindo a reivindicação de que o Espírito Santo lhe revelara que as mulheres haviam sido originalmente constituídas para dar à luz pelo lado de seus corpos.

A despeito de fatos tão absurdos quanto ultrajantes, Hinn tem conseguido obter larga aceitação e proeminência dentro da igreja cristã evangélica. Sua plataforma, na Trinity Broadcasting NetWork, bem como a promoção favorecida por editores evangélicos que não seguem uma linha doutrinária ortodoxa, têm-no alçado a uma condição de inegável estrelato.

Quer fale da história de sua família ou de seus encontros com o Espírito Santo, suas histórias raramente se harmonizam com os fatos. Um caso a destacar são as milhares de curas reivindicadas por ele. Recentemente ele me enviou três exemplos — presumivelmente o primor da sua colheita - como prova de seu poder como operador de milagres. Um dos casos envolveu um homem supostamente curado de câncer no cólon. Uma pessoa ingênua nas lides médicas, ao ler o relatório patológico, bem poderia ver a nota de “sem evidência de malignidade”, e mesmo assim ser enganada. O consultor médico do Instituto Cristão de Pesquisas, entretanto, observou que o tumor do cólon em questão fora removido *cirurgicamente*, em vez de ser curado milagrosamente! Os outros dois casos tiveram problemas comparavelmente sérios.

Frederick K. C. Price

Frederick Price é o mais notável dentre um certo número de pregadores da prosperidade de origem afro-americana. Sua igreja em Los Angeles atualmente afirma possuir cerca de 16 mil membros. Ele é visto nacionalmente pela televisão e tem se referido a si mesmo como “o principal expoente do Nomeie-o e Reivindique-o”. Price tem adicionado suas próprias distorções à teologia da Fé, asseverando que Jesus assumiu a natureza de Satanás antes da crucificação, e que a oração do Pai Nosso não se destina aos crentes de hoje. Apesar de dizer a seus seguidores que não permite enfermidades em seu lar, sua esposa foi acometida de câncer na área pélvica. Referindo-se às suas possessões materiais, diz que a razão pela qual dirige um Rolls Royce é que está seguindo os passos de Jesus.

John Avanzini

John Avanzini é considerado por seus parceiros de Fé como uma insuspeitável autoridade em questões de economia bíblica. A verdade, entretanto, é que sua autoridade presta-se a separar pessoas pobres do pouco dinheiro que possuem. Sempre que os mestres da Fé precisam de dinheiro, inevitavelmente chamam por ele. Armado duma série de truques que

distorcem a Bíblia, costuma falar, de modo insuspeito, que “alguém maior do que a loteria chegou. Seu nome é Jesus!”

Conforme diz, se Jesus era rico, também devemos sê-lo. Ele imagina Cristo numa imagem de espelho dele mesmo - vestido dos pés à cabeça com roupas de alta costura, uma casa grande e um elenco missionário rico e bem financiado. Pensar diferente disso, afirma, impede os crentes de colher a prosperidade determinada por Deus.

Avanzini passa por toda uma gama de ensinamentos que mostra às pessoas como meter a mão nas “riquezas dos ímpios” até aquilo que poderia ser melhor descrito como seu “ludíbrio cem vezes dobrado”. Quando se trata de tirar dinheiro do povo de Deus, poucos podem atingir a eficácia de John Avanzini, exceto, talvez, Robert Tilton.

Robert Tilton

Robert Tilton atingiu seu ponto máximo como pescador de fundos ao criar um método de arrecadação enfocando o tema do sucesso na vida. Tudo aconteceu quando ele viajou para o Havaí, em busca de alguma iluminação da parte do Senhor. Diz Tilton: “Se tiver de ir à cruz, que seja num lugar bonito, não numa região poeirenta como Jerusalém, onde o que tem é muita, muita pedra”. Enquanto descansava numa exótica região selvagem (por ele chamada de deserto), “percebeu que sua missão era persuadir os pobres a dar o que pudessem a ele — o delegado de Deus — para que fossem abençoados”.

Certo dia, Tilton sintonizou-se com os “infomerciais” de Dave Del Dotto, que explora o ramo imobiliário. O resto é história. Usando o que viu como paradigma, ele construiu um império que recolhe nada menos que 65 milhões de dólares por ano.

Mas agora parece que seu império tende a se encolher rapidamente, em meio a relatórios de escândalos e a um bom número de ações na justiça (informações adicionais mais adiante). Ao responder a acusações de que as cartas de pedido de oração que ele promete responder terminam sendo jogadas fora, debochou: “Deitei-me tanto no alto daqueles pedidos de oração que os produtos químicos entraram na minha corrente sanguínea e acabei tendo dois derrames cerebrais sem graves consequências”.

Se isso não é ultrajante o bastante para você, continue a leitura.

Marilyn Hickey

Marilyn Hickey, de modo muito parecido com Tilton, emprega uma larga gama de táticas para que seus seguidores lhe enviem dinheiro. Entre seus muitos chamarizes há roupas de oração ungidas, estolas cerimoniais e cordinhas que podem ser usadas como pontos de contato. Numa de suas cartas de apelo, ela promete que dormirá numa estola cerimonial, “pressionando seus pedidos de oração contra o peito” e “colocará suas petições nos ombros dela” - tudo em troca duma doação sugerida.

Em sua maior parte, os ensinamentos de Hickey são reciclados à base de outros pregadores da prosperidade, tais como Tilton, Hagin e Copeland. Sua mensagem é condimentada por expressões típicas do jargão da Fé como “a fé do tipo de Deus”, “confissão atrai possessão” e “receber segue-se ao ato de dar”.

Charles Capps

Charles Capps foi ordenado, por Kenneth Copeland, ministro da Convenção Internacional de Igrejas e Ministros da Fé. Deriva seus ensinamentos diretamente de Kenneth Hagin. Essa perigosa combinação tem levado Capps a fazer algumas das mais blasfemas declarações do Movimento da Fé. Ele chegou ao ponto de ensinar que Jesus é produto da confissão positiva de Deus. A conclusão lógica a que levam suas declarações acerca da encarnação é a negação da própria preexistência de Cristo. Ironicamente, no mesmo capítulo onde comunica essa heresia, ele escreve: “Se você se expor continuamente a um ensino errado, o espírito do erro ser-lhe-á transmitido”.

Os ensinamentos de Capps variam desde a blasfêmia até o ridículo. Para exemplificar, ele afirma que se alguém disser: “Morro de vontade de fazer algo”; “Isto é de morte!”; ou: “Estou morrendo de rir” tais declarações acabarão se tornando verdadeiras. De acordo com Capps, é precisamente por isso que os membros da raça humana agora vivem somente cerca de setenta anos, em lugar dos novecentos de Adão.

Jerry Savelle

Jerry Savelle tem feito sua fortuna imitando virtualmente todos os mestres da Fé previamente identificados. Sua maior reivindicação à fama, entretanto, deriva de sua habilidade em imitar Kenneth Copeland.

Savelle associa-se a toda heresia do Movimento da Fé. No tocante à saúde, jacta-se de que as enfermidades e as doenças não podem entrar no seu mundo. Quanto às riquezas, diz que as palavras têm o poder de fazê-las aparecer. Atualmente, vende suas fitas gravadas e livros para 36 países, à média espantosa de 300 mil cópias por ano.

Morris Cerullo

Morris Cerullo afirma que desistiu da impulsiva ambição de se tornar governador do Estado de Nova Jérsei, para ser ministro do Evangelho. Testemunha ter tido seu primeiro encontro com Deus aos oito anos de idade. Desde então, sua vida tem se constituído de experiências as mais relevantes, uma após outra. Diz que foi ensinado por rabinos da mais alta envergadura, tirado dum orfanato judaico por dois seres angelicais, transportado ao céu para um encontro face a face com Deus, e que lhe fora dito que seria capaz de prever o futuro.

Cerullo, como dissemos no início, é o mestre da Fé que se jactou: “Você não está olhando para Morris Cerullo - você está olhando para Deus, está olhando para Jesus”. (Nos capítulos seguintes você verá mais sobre essa e outras reivindicações). Noutra ocasião, ele afirmou que Deus o estava orientando a dizer: “Entregai a mim as vossas carteiras, diz Deus, e deixai-me ser o Sfenhor do vosso dinheiro... Sim, sede obedientes à minha voz”.

Paul Crouch

Paul Crouch e sua esposa, Jan, são os fundadores da *Trinity Broadcasting NetWork* (TBN), que atualmente tem uma rede calculada em meio bilhão de dólares. E conforme Crouch diz pessoalmente: “Deus, na verdade, deu-me a voz *mais poderosa* da história do *mundo*”. Infelizmente, essa voz presta-se a proferir ensinamentos cuja procedência não é outra senão o reino das seitas. A influência de Crouch tornou-se tão vasta que pode levantar nada menos que 50 milhões de dólares num único programa. O que muitos cooperadores da TBN não sabem, no entanto, é que parte desse dinheiro é desviado para promover o sectarismo de grupos e indivíduos que não somente negam a Trindade, mas também afirmam que essa crença crucial do cristianismo é uma doutrina pagã. E realmente irônico que uma rede de radiodifusão chamada “Trindade” (*Trinity*), dedique-se a promover doutrina antitrinitariana.

A respeito daqueles que falam contra os ensinamentos falsos difundidos por sua rede de radiodifusão, ele diz o seguinte: “Penso que estão condenados e a caminho do inferno; e acredito mesmo que não há redenção para eles”. Pouco depois de me encontrar com Crouch para provar que o Movimento da Fé compromete doutrinas cristãs essenciais, ele apareceu diante das câmeras de televisão e declarou encolerizado: “Se vocês querem criticar Ken Copeland por sua pregação sobre a fé, ou papai Hagin, saiam da minha vida! Nem ao menos desejo falar com vocês ou ouvi-los. Não quero ver seu rosto carrancudo. Saiam da minha presença, no nome de Jesus”.

Tristemente, refere-se à mensagem da Fé como “um reavivamento da verdade... restaurada por alguns poucos homens valorosos”.

Conclusão

Tragicamente, esses difusores do erro têm obtido êxito em enganar seus seguidores com uma mensagem que soa autêntica mas, na realidade, não passa de contrafação. Eles apontam para as Escrituras, produzem “milagres” e operam sob a bandeira de “Jesus é o Senhor”.

Mas medite nas palavras do próprio Senhor Jesus, quando proclamou: “Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mt 7.22,23).

2

Seita ou Sectário?

Ainda que o Movimento da Fé seja inegavelmente sectário - e que grupos particulares dentro do movimento sejam nitidamente seitas - deve-se salientar que existem muitos crentes sinceros e nascidos de novo dentro desse movimento. Não posso exagerar ao enfatizar esse ponto crucial. Esses crentes, em sua maior parte, mostram-se totalmente alheios à teologia sectária do movimento.

Tenho encontrado pessoalmente diversas pessoas queridas que se enquadram nessa categoria. Não questiono sua fé nem sua devoção a Cristo. Eles integram aquele segmento do Movimento da Fé que, por alguma razão, não compreenderam nem internalizaram os ensinamentos heréticos

apresentados pela liderança de seus respectivos grupos. Em muitas instâncias, são novos convertidos ao cristianismo que ainda não se firmaram bem na fé. Mas nem sempre é este o caso.

Lembro-me com grande gosto, por exemplo, da afinidade compartilhada comigo por duas senhoras que participaram do meu programa de treinamento para evangelismo pessoal, em Atlanta, Estado da Geórgia. A cada ano, elas trabalhavam, diligente e fielmente, treinando membros de igreja para serem testemunhas eficazes do Evangelho. Eram tão dedicadas a Cristo como qualquer pessoa cristã; e, no entanto, davam seu fiel apoio a Kenneth Copeland e Kenneth Hagin. Ainda posso relembrar as conversações que tivemos, em 1985, acerca deste tópico. E o que se destaca mais vividamente em minha mente é a honesta convicção delas de que esses homens não ensinavam o que eu afirmava que faziam.

Por anos seguidos, tenho recebido centenas de cartas de pessoas dentro do Movimento da Fé que depois reconheceram estar completamente alienadas das piores heresias com que estavam sendo alimentadas - indivíduos que deixaram o seguinte testemunho: “Enquanto não percebi a evidência com meus próprios olhos, não me dispus a enfrentar a questão”. Por essa razão, devemos tomar o cuidado de julgar a teologia do Movimento da Fé, antes que sejamos seduzidos por ela.

O que Constitui uma Seita?

O próprio Cristo, em seu magnífico Sermão da Montanha, nos ensinou a não julgarmos baseados na justiça própria ou movidos pela hipocrisia. Como frágeis mortais, só vemos as coisas pelo lado de fora; é Deus quem discerne os intuitos do coração (cf. 1 Cr 28.9; Jr 17.10).

Tendo dito isso, permita-me no entanto reiterar que aqueles que, com consciência, aceitam a teologia da Fé, estão claramente abraçando um evangelho diferente - na realidade, nenhum evangelho. Nunca nos esqueçamos que as Escrituras nos admoestam, enfaticamente, a testar todas as coisas através da Palavra de Deus, apegando-nos ao que é bom (1 Ts 5.21; cf. At 17.11). Conforme nos exorta Judas, devemos batalhar diligentemente pela fé (Jd 3).

À altura em que estiver terminando a leitura deste livro, você se verá face a face com uma documentação detalhada que demonstra,

conclusivamente, que muitos dos grupos dentro do Movimento da Fé não passam de seitas. Portanto, precisamos compreender exatamente o que queremos dizer com o vocábulo “seita”. Para os propósitos desta obra, enfocarei duas maneiras primárias em que uma seita pode ser definida.

Em primeiro lugar, pode ser definida por uma *perspectiva sociológica*. De acordo com o sociólogo J. Milton Yinger, “o termo é usado de muitos modos diferentes, normalmente com as seguintes conotações: dimensão reduzida, busca por alguma experiência mística, falta de estrutura organizacional e a presença dum líder carismático”.¹ Em sua maior parte, os sociólogos têm tentado evitar tons negativos em suas descrições de seita - para os de dentro, a visão é outra. O mesmo não pode ser dito, no entanto, acerca do público como um todo, impelido pela mídia.

De acordo com o observador de religiões J. Gordon Melton, a década de 1970 viu o surgimento de “antissectaristas seculares” que “começaram a falar em ‘seitas destrutivas’, grupos que hipnotizavam ou promoviam uma forma de lavagem cerebral nos seus adeptos, destruíam sua capacidade de fazer juízos racionais e os transformavam em escravos do líder do grupo”.² Seitas dessa variedade são vistas tanto como enganadoras quanto manipuladoras, pois sua liderança exerce controle sobre virtualmente cada aspecto da vida dos membros. Outrossim, os convertidos são tipicamente cortados de todas as suas associações anteriores — incluindo parentes e amigos — e espera-se deles que prestem a mais completa devoção, lealdade e compromisso à seita.³ Exemplos de seitas consideradas socialmente destrutivas variam desde os Hare Krishnas, passando pela Igreja da Unificação, do Reverendo Sun Myung Moon, até à Família do Amor, liderada por “Moisés” David Berg (Mo).

A segunda forma de definir uma seita é mediante a *perspectiva teológica*. Neste sentido, uma seita é considerada um grupo pseudocristão. Como tal, a seita reivindica ser cristã, mas nega uma ou mais das doutrinas essenciais do cristianismo histórico; essas doutrinas enfocam questões como o significado da fé, a natureza de Deus, a pessoa e a obra de Jesus Cristo. O professor Gordon Lewis, do Seminário Denver, assim sumariou uma seita, afirmando que é:

Qualquer movimento religioso que reivindica o apoio de Cristo ou da Bíblia, mas distorce a mensagem central do cristianismo mediante (1)

alguma revelação adicional, e (2) deslocando alguma doutrina fundamental da fé em virtude duma questão secundária.⁴

O fundador do Instituto Cristão de Pesquisas (nos EUA), Walter Martin, acrescentou que “uma seita também pode ser definida como um grupo de pessoas reunido em torno de uma pessoa específica ou da má representação de um personagem bíblico”.⁵ De um ponto de vista teológico, a concepção de seita inclui organizações como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a *Worldwide Church of God*, a Sociedade Torre de Vigia e a Igreja da Ciência Religiosa.

Uma característica primária das seitas em geral consiste em tirar textos bíblicos de seus contextos, criando pretextos em favor de suas perversões teológicas.⁶ Em adição a isso, as seitas têm se apropriado, e de forma bem criativa, da terminologia cristã, ao mesmo tempo que derramam seus próprios significados nas palavras.⁷ Para exemplificar, apesar de que praticamente todas elas pregam e louvam o nome de “Jesus”, seu Jesus é ridiculamente diferente do Jesus da fé cristã histórica. É como o próprio Jesus Cristo colocou a questão; a verdadeira prova de fogo é: “Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16.15 -ARA).

Os mórmons respondem a essa pergunta dizendo que Jesus é meramente o espírito irmão de Lúcifer. As Testemunhas de Jeová asseveram que Jesus é o arcanjo Miguel. Os seguidores da Nova Era com frequência referem-se a Jesus como um avatar ou mensageiro místico. No entanto, por mais blasfemas que sejam todas essas opiniões, muitos adeptos do Movimento da Fé reduzem Jesus a um nível ainda mais baixo. Para eles, o Senhor é uma encarnação de Deus em nenhum sentido diferente ou superior ao que seja qualquer crença.

A Diferença entre “Sectário” e “Seita”

Essas definições se justificam no sentido de que servem para caracterizar certos grupos particulares dentro do Movimento da Fé como seitas - tanto teológica como sociologicamente ou em ambos os sentidos. Entretanto, para classificar o Movimento da Fé como um todo, não convém rotulá-lo de seita; é mais adequado associar a ele o termo “sectário”, no sentido de que, embora não sendo uma seita na estrita acepção da palavra, possui em larga escala elementos de sectarismo.

Essa distinção esclarece que as *seitas* (numa perspectiva teológica) referem-se a grupos com um conjunto uniforme de doutrinas, estruturas organizacionais rigidamente definidas, e monolíticos. Os *movimentos*, por sua vez, são multifacetados e diversificados em suas crenças, ensinamentos e práticas. Assim sendo, conquanto alguns grupos dentro do Movimento da Fé possam ser classificados como seitas, a palavra “sectário” no sentido em que a colocamos pode ser aplicada com mais propriedade ao movimento como um todo.

Dizendo a mesma coisa de outro modo, os “fenômenos da Fé”, coletivamente considerados, compreendem uma diversidade que não é comum às seitas ou grupos religiosos particulares. Como exemplo de movimento, temos a Nova Era - na verdade, um aglomerado de seitas e organizações tão diversas quanto independentes. Opostamente, as seitas refletem um caráter homogêneo e relativamente estático tal qual a Igreja Mórmon ou a Sociedade Torre de Vigia.

O Movimento da Fé, assim como todos os outros movimentos, compõe-se de vários grupos, cada qual com suas particularidades, mas compartilhando um tema, uma visão e um alvo comuns.⁸ Por essa razão, as numerosas igrejas, mestres e adeptos do Movimento da Fé devem ser julgados sobre uma base individual. Cada um deles deve erguer-se ou cair segundo seus próprios (des)méritos.

Os Ministérios Kenneth Copeland, encabeçados por Kenneth e Glória Copeland, por exemplo, têm todas as marcas duma seita. Em primeiro lugar, possui uma estrutura formal de hierarquia, conta com as facilidades duma organização centralizada, além de ser equipado com canais próprios de publicação e distribuição. Em adição a isso, conforme será plenamente documentado, eles subvertem muitos pontos essenciais do cristianismo histórico, pregando sua própria variação de teologia que, embora antibíblica, é aceita sem perguntas pela grande maioria de seus devotos. Outrossim, os seguidores mais ferrenhos consideram os Copelands como a autoridade final em questões de fé e prática. Assim, podemos caracterizá-los legitimamente como líderes duma seita, representantes, no vernáculo do apóstolo Paulo, de “outro evangelho” (Gl 1.6,7).

O “Continuum” do Erro

Ao combater os erros que confrontam o cristianismo, é importante compreender que *nem todos eles têm a mesma substância*; alguns são mais claramente destrutivos que outros.

Pode ser útil descrevê-los como repousando sobre um *continuum* que vai desde o declaradamente tolo até o perigosamente sério. O comentário de Benny Hinn sobre as mulheres, que teriam sido originalmente constituídas para dar à luz pelo lado, por exemplo, pode ser considerada uma declaração *tola* - a qual, apesar de não ser bíblica, não representa qualquer ameaça ao que a doutrina cristã tem de essencial.⁹

Por outro lado, ensinos como aquele que diz que Deus possui um corpo físico, que os seres humanos foram criados como duplicatas exatas de Deus, e que Cristo foi transformado num ser satânico, caem direitinho no outro extremo do “espectro do erro”. São indubitavelmente *heréticos*, o que significa que se opõem diretamente ao ensino das Escrituras sobre questões de insofismável importância, cujo teor se apresenta claro nos credos e concílios da Igreja.

A classificação dos erros pode, muitas vezes, ser um negócio complicado, visto que há uma boa área cinzenta entre os tipos de erro sério e os fúteis. Não obstante, tais dificuldades não devem nos impedir de julgar certos ensinos e práticas para constatar se são ou não fiéis à Palavra de Deus e às doutrinas do cristianismo histórico. Pelo menos elas possuem o mérito de realçar nossa consciência de que devemos nos preparar melhor e passar mais tempo refletindo sobre as coisas que ouvimos diariamente e que tanto valorizamos.¹⁰

Você, como leitor, inevitavelmente terá de decidir se o Movimento da Fé é sectário ou se é cristão, na acepção escriturística da palavra. Compete-lhe ponderar suas doutrinas para ver até onde são verdadeiras ou falsas, ou ainda, se são uma mistura turva de verdade e mentira.

Se você decidir que esse movimento é uma expressão válida do cristianismo, então, logicamente, terá também de reconhecer como crentes os mórmons, as Testemunhas de Jeová, os adeptos da Ciência Cristã, e uma hoste de outros grupos rotulados de seita.

Esta é a escolha que você tem diante de si!

3

Pentecostal ou Sectário?

Tenho estado tanto aborrecido quanto preocupado com aqueles que usam as perversões do Movimento da Fé para meter uma cunha entre os pentecostais e os não-pentecostais.¹ Tal postura é não só contraprodutiva, mas altamente divisora, pois o Movimento da Fé é inegavelmente sectário e isso independe de ele envolver práticas pentecostais ou não.

Faço questão de deixar claro que as questões discutidas neste livro não constituem um debate “caseiro” entre crentes dedicados, sobre matérias tais como a perpetuidade dos dons espirituais. Também não questiona se você deve falar em línguas ou se Deus ainda cura hoje em dia. Não versa sobre o método correto do batismo e nem conjectura se você é pré, mid ou pós-tribulacionista.

Quero salientar que crentes sinceros e dedicados podem diferir em suas opiniões acerca de questões periféricas. Mas não podem fazê-lo quando se trata das doutrinas essenciais do cristianismo, que o distinguem das seitas. Quando se trata de questões como a formação da fé, a natureza de Deus e a expiação de Cristo, deve haver unidade. E como Agostinho tão bem colocou a questão: “Nos essenciais, unidade; em não-essenciais, liberdade; e em todas as coisas, amor”.

Em sua maior parte, os pentecostais e os não-pentecostais são unidos a respeito dos pontos essenciais da fé cristã. Suas diferenças primárias circunscrevem-se a pontos doutrinários não-essenciais. Embora seja possível debater vigorosamente questões secundárias a respeito da fé, nunca deveríamos permitir que elas servissem de pretexto para nos dividir.

Não é assim, entretanto, quando está em foco o Movimento da Fé; neste ponto devemos traçar uma linha divisória. O Movimento da Fé tem subvertido, basicamente, a própria essência do cristianismo, apresentando-nos tanto um Cristo como um cristianismo falsos. Portanto, fazer frente contra a teologia do Movimento da Fé *não* nos divide; pelo contrário, nos unifica.

É um grave erro associar o Movimento da Fé ao pentecostalismo. E realmente um absurdo que os mestres do Movimento da Fé tenham sido capazes de metamorfosear-se de pentecostais, assim prejudicando a reputação dum movimento legítimo dentro do cristianismo evangélico.

Outrossim, é trágico que um certo número de mestres não-pentecostais tenha se valido dos mestres da Fé para provar que o movimento pentecostal está em decadência. De fato, alguns têm usado as vazias declarações dos mestres da Fé para rotular os pentecostais como zelosos, porém sem conhecimento, ou, entusiastas sem iluminação, ou, resumindo, espertos, mas sem conteúdo. Naturalmente, tais posicionamentos pecam contra a verdade.

Estamos preparados para chamar um homem como o Dr. Gordon Fee, um dos mais notáveis eruditos bíblicos de hoje, de esperto, mas sem conteúdo? Haveríamos de dizer que o Dr. Walter Martin, fundador do Instituto Cristão de Pesquisas e pai da revolução moderna contra as seitas, era um homem que tinha zelo sem conhecimento? Estaríamos querendo realmente classificar Chuck Smith, pastor da Capela Calvário de Costa Mesa, Califórnia, e fundador dum dos maiores e mais eficazes movimentos cristãos

da história moderna, como alguém cheio de entusiasmo, porém falto de iluminação?

Alguns dos pensadores de maior expressão e clareza hoje em dia são cristãos pentecostais: homens como o Dr. Paul Walker, da Igreja de Deus do Monte Parã, em Atlanta, Estado da Geórgia; o Dr. Mark Ruthland, da Assembléia de Deus Calvário, em Orlando, Flórida; Elliot Miller, editor jornalístico e autor de *A Crash Course on the New Age Movement* (“Em Rota de Colisão com o Movimento da Nova Era”), considerado por muitos a publicação definitiva sobre o assunto; Michael Green, notório autor e reitor de Santo Aldate, em Oxford; e George Carey, respeitável teólogo e arcebispo de Canberbury; e isso sem falar numa série de outros, igualmente proeminentes.

Outrossim, algumas das mais eruditas refutações ao movimento e à teologia da Fé têm se originado no próprio meio pentecostal. Exemplos notáveis disso incluem as obras de Walter Martin,² Gordon Fee,³ Dan McConnell,⁴ Charles Farah,⁵ Elliot Miller,⁶ H. Terris Neuman⁷ e Dale H. Simmons.⁸

Mas o que tem se mostrado especialmente trágico, entretanto, é que uma larga seleção de crentes, homens e mulheres (pentecostais ou não) *estão endossando líderes dentro do Movimento da Fé*. E incrível pensar que esse sistema sectário tornou-se tão poderoso que cristãos, crédulos a perder de vista, tenham dado uma carta branca para os mestres da Fé divulgarem suas venenosas perversões doutrinárias diante dum público desavisado.

É particularmente difícil de entender como algumas editoras evangélicas não somente publiquem mas também defendam os ensinoss sectários dos pregadores da Fé. Pior talvez é que programas radiofônicos e televisivos estão ansiosos por trazer a público alguns desses homens e mulheres, ao vivo e em cores, aos lares de milhões de espectadores, todos os dias. Se os cristãos não têm critério em publicar e promover tais ensinoss, nada os impede de lançar ao ar programas produzidos por seitas como a Escola da Unidade do Cristianismo ou a Igreja da Ciência Religiosa.

Anos atrás, quando a Moody Press percebeu que um de seus autores havia trocado o cristianismo pelo reino das seitas, imediatamente tirou seu livro de circulação. Prudentemente recusaram-se a promover um homem

cujos ensinamentos eram, pelo menos indiretamente, responsáveis pelas trágicas consequências físicas de pelo menos noventa homens, mulheres e crianças.⁹

Em agudo contraste com isso, quando certas editoras e produtoras são avisadas acerca da teologia sectária de autores ligados ao Movimento da Fé, as tais imediatamente se mobilizam em sua defesa.

Ficamos a perguntar onde estão os heróis da fé, aqueles que se dispõem a defender a integridade? Aonde foram parar aqueles homens e mulheres que, tal como os santos de antigamente, estão dispostos a enfrentar “o aço brandido do tirano, a juba rubra de sangue do leão, e as chamas dum milhar de mortes”, para preservar a fé uma vez dada aos santos? Se cristãos se dispuseram a dar suas próprias vidas nos dias passados, não deveríamos estar dispostos a sacrificar nossas posições, plataformas e popularidade a fim de preservar a fé?

Estamos diante de uma crise no seio do cristianismo. Mas ela não se deve a qualquer equívoco por parte do movimento de renovação pentecostal. Antes, incide e sustenta-se sobre uma luta de vida e morte entre a ortodoxia e a heresia — entre o Reino de Cristo e o das seitas.

4

Mapeando o Curso

Quando comecei a escrever *Cristianismo em Crise* tinha em mente três objetivos básicos: (1) valer-me de um estilo acessível, para que você não apenas comece a ler este livro, mas o termine; (2) prover o leitor duma documentação completa e exata; e (3) apresentar todas as informações numa forma propícia à memorização.

O modo como a memória se processa consiste, em síntese, na elaboração de associações. Dito de modo simples, fazer uma associação significa juntar ou conectar dois aspectos informativos, de modo que quando você pensa sobre um, o outro de pronto lhe vem à mente. Pode ser um nome e um rosto, um Estado e sua capital, ou um capítulo da Bíblia e seu conteúdo.

Há muitas maneiras de se fazer associações para fins de memorização. Uma delas é usar acrônimos. A palavra inglesa H-O-M-E-S, por exemplo, pode ser usada da seguinte maneira para nos fazer lembrar os nomes dos Grandes Lagos, na divisa entre os Estados Unidos e o Canadá:

Huron

Ontário
Michigan
Erie
Superior

De modo idêntico, desenvolvi o acrônimo **FALHA** para tornar memorizável o material de *Cristianismo em Crise*.

Primeiramente, dividi o livro em seções, cada qual com quatro capítulos. Como o acrônimo é composto de cinco letras, cada uma delas corresponde a uma seção deste livro, excluindo-se a primeira e a última seção. Cada seção, por sua vez, sendo composta de quatro capítulos, nos permitirá contrastar “quatro leis espirituais” da fé cristã com “quatro falhas espirituais” do Movimento da Fé. O diagrama da página seguinte também nos ajudará a mapear o curso, dando-nos um vislumbre mais nítido do conteúdo deste volume.

Parte 2 — Fé na Fé

O “F”, em “F-A-L-H-A”, servirá para lembrá-lo da palavra Fé. Nos capítulos 5-8 examinaremos o conceito metafísico de fé prevalecente no Movimento da Fé. As quatro falhas espirituais a esse respeito podem ser sumariadas do seguinte modo:

- *A força da fé* (cap. 5). A fé é uma força e as palavras são os receptáculos dessa força. Assim, através do poder das palavras, você cria sua própria realidade.
- *A fórmula da fé* (cap. 6). As fórmulas são o nome do jogo na teologia da Fé. Através delas você pode, literalmente, obter um bilhete com seu nome carimbado para ter acesso a Deus.

• *A fé de Deus* (cap. 7). O deus do Movimento da Fé não é Deus coisa alguma. Você com certeza vai se admirar ao ouvir que ele é um mero

FALHA				
FÉ NA FÉ	ATROCIDADES SOBRE A EXPIAÇÃO	LIMITES ENTRE RIQUEZAS E NECESSIDADES	HOMENS E DEMÔNIOS DEIFICADOS	ACHAQUES (DOENÇAS) E SOPRIMENTOS
FORÇA DA FÉ	RECRIAÇÃO SOBRE A CRUZ	CONFORMIDADE CULTURAL	DEIFICAÇÃO DO HOMEM	SINTOMAS E DOENÇAS
FÓRMULA DA FÉ	REDEÇÃO NO INFERNO	CHANTAGEM E EXTORSÃO	REBAIXAMENTO DE DEUS	SATANAS E AS ENFERMIDADES
FÉ DE DEUS	RENASCIMENTO NO INFERNO	CONTRATOS E ACORDOS	ENDEUSAMENTO SATÂNICO	O PECADO E AS MOLÉSTIAS
HALL DA FAMA DA FÉ	REENCARNAÇÃO	CONTEXTO, CONTEXTO, CONTEXTO	DIMINUIÇÃO DE CRISTO	SOBERANIA E DOENÇAS

boneco da fé, circunscrito em sua operação às chamadas “leis universais da fé”, fora das quais está impedido de agir.

• *O “Hall da Fama” da Fé* (cap. 8). Para que os mestres da Fé subam, o cristão que padece lutas, provações e necessidades, tal como Jó, tem de cair. Assim, eles o lançam no “hall da vergonha” da Fé enquanto a si próprios se introduzem no “hall da fama” da Fé.

Parte 3 — Homens e Demônios Deificados?

O “H” em “F-A-L-H-A” (Nota da edição em português: A parte 3 pula no acrônimo F-A-L-H-A para a letra “h” - em vez de “a” - apenas por questões de compatibilidade com a língua original, o inglês, a fim de se preservar a ordem original dos capítulos) lembrá-lo-á da deificação do

homem e de Satanás, vistos como deuses em miniatura pelo Movimento da Fé. Dedicamos os capítulos 9—12 ao exame desse conceito blasfemo. As quatro falhas espirituais com respeito ao tema podem ser assim esboçadas:

- *Deificação do homem* (cap. 9). Na teologia da fé, o homem foi criado como uma duplicata exata de Deus, incluindo tamanho e formas. Deus é todo dimensionado por medidas humanas.

- *Rebaixamento de Deus* (cap. 10). O Movimento da Fé não somente deifica o homem, mas também rebaixa Deus à condição de figura secundária marginal e na cauda da criação, da qual perdeu o controle, tendo de valer-se de ardis para reconquistar nela uma posição.

- *Endeusamento Satânico* (cap. 11). Satanás, como o “deus deste mundo”, é entronizado numa posição de tão vasto poder que poderia “fazer apagar-se a luz em Deus”.

- *Diminuição de Cristo* (cap. 12). Fazendo coro com as demais seitas e religiões mundiais pseudocristãs, que comprometem a deidade do Senhor Jesus Cristo, o Movimento da Fé não tem qualquer escrúpulo quanto a reduzir o Senhor a uma posição “verminosa”.

Parte 4 — Atrocidades sobre a Expição

O “A” em “F-A-L-H-A-S” fará você lembrar das atrocidades que são cometidas contra a expiação. Nos capítulos 13—16 você visualizará numa perspectiva mais ampla como o Movimento da Fé tem esmagado a cruz do cristianismo - literalmente, a expiação do Senhor Jesus Cristo. As quatro falhas, neste aspecto, podem ser assim sintetizadas:

- *Recriação sobre a cruz* (cap. 13). Na cruz, Jesus foi recriado do divino para o demoníaco, assumindo a própria natureza de Satanás.

- *Redenção no inferno* (cap. 14). Nas palavras dum mestre da Fé, “Satanás conquistou Jesus na cruz”. Outro disse: “Se o castigo pelo pecado foi morrer sobre uma cruz... os dois ladrões poderiam ter pago o preço”.

- *Renascimento no inferno* (cap. 15). No inferno, “o espírito emaciado, exaurido, apequenado e verminoso” de Jesus nasceu de novo. “A armadilha foi armada para Satanás e Jesus serviu de isca”.

- *Reencarnação* (cap. 16). Jesus foi reencarnado do demoníaco para o divino, e então emergiu do inferno como uma encarnação de Deus. Quando nasce de novo, você também é reencarnado de demoníaco para divino, tomando-se uma “encarnação idêntica a Jesus de Nazaré”.

Parte 5 — Limites entre Riquezas e Necessidades

O “L” de “F-A-L-H-A” lhe trará à memória a questão dos limites entre riquezas (prosperidade) e necessidades (privações). Nos capítulos 17—20 você verá que a teologia da Fé deturpa o cristianismo. Ela o transforma, em vez de evangelho da graça, num evangelho de ganância. A esse respeito, as falhas são as seguintes:

- *Conformidade cultural* (cap. 17). Ao invés de transformar na direção de Cristo a nossa cultura, os pregadores da prosperidade estão apresentando um Jesus que “veste as roupas da moda”.

- *Chantagem e extorsão* (cap. 18). As informações a respeito deste assunto - um verdadeiro dilema - são tão ultrajantes que você precisará ler e analisar por si mesmo o referido capítulo para não duvidar de sua veracidade e tomar uma posição definitiva.

- *Contratos e acordos* (cap. 19). O conceito defendido pelo Movimento da Fé acerca das Riquezas e Necessidades origina-se num pacto que Deus teria feito com Abraão. Supostamente, Deus lhe teria dito: “Quero lhe fazer uma proposta, mas você tem todo direito de me mandar cair fora se não gostar dela”.

- *Contexto, contexto, contexto* (cap. 20). Os mestres da Fé são espertos em atribuir significados esotéricos ou místicos a passagens bíblicas. Entre outras coisas, eles reivindicam provar que Jesus e os discípulos eram ricos ao extremo. Para ajudá-lo na distinção entre a verdade e o erro, no tocante à interpretação das Escrituras, desenvolvi o acrônimo **L-I-G-H-T-S** que analisaremos quando chegarmos ao capítulo supramencionado.

Parte 6 - Achaques e Sofrimentos

O último “A” de “F-A-L-H-A” o ajudará a memorizar a questão das enfermidades e do sofrimento. Nos capítulos 21-24 você aprenderá que a devastação e a morte têm seguido na esteira dos falsos ensinados do Movimento da Fé. Suas quatro falhas espirituais ligadas a essa questão são:

- *Sintomas e doenças* (cap. 21). Os sintomas são meros truques usados pelo diabo para nos furtar das garantias quanto à saúde e à cura divina.

- *Satanás e as enfermidades* (cap. 22). A crueldade exibida pelo Movimento da Fé, no que diz respeito aos enfermos, é quase fora de compreensão. Não obstante, o mais famoso mestre da Fé nos dias de hoje assim argumenta: “Se seu corpo pertence a Deus, não pode pertencer às enfermidades”.

- *O pecado e as moléstias* (cap. 23). Não é agradável ler os relatos de pessoas que perderam seus entes queridos, dizendo que a morte deles foi um resultado direto do pecado, e por isso mesmo necessária. Talvez despertemos para o fato de que o reino das seitas está agora dentro das próprias paredes da igreja.

- *Soberania e doenças* (cap. 24). Um autor já mencionado, dos que mais vendem hoje em dia, escreveu: “Nunca, jamais, em tempo algum, vá ao Senhor e diga: ‘Se for da tua vontade...’ Não permita que essas palavras destruidoras da fé saiam de sua boca”. E isso é apenas o começo. A soberania de Deus é a primeira vítima fatal da teologia sectária do Movimento da Fé.

Parte 7 - De Volta à Base

Gosto muito do golfe e das lições que tiro dele. Embora me traga enorme satisfação, o golfe às vezes tem se demonstrado extremamente frustrante. Após muitos anos de prática, finalmente descobri um segredo: quando as coisas saem erradas, usualmente não é por causa de alguma fórmula nova, mas porque comecei a comprometer os pontos essenciais. Nunca deixo de admirar-me sobre quão rapidamente as coisas se encaixam no seu respectivo lugar quando volto aos pontos básicos.

O que é verdadeiro no golfe também é aplicável ao *cristianismo em crise*. Tudo pode voltar rapidamente à normalidade se você voltar aos pontos básicos. Pode não parecer excitante, mas é o único modo de se desfrutar uma real experiência de vida cristã significativa! Nos capítulos 25-29, enfatizaremos a importância de se voltar aos pontos básicos, seguindo cinco passos fundamentais. Felizmente, são tão fáceis de lembrar como **A-B-C-D-E**.

- *Amém* (cap. 25). Começemos pela letra “A”, que representa a palavra “Amém”. Tradicionalmente, o “amém” é pronunciado no final de qualquer

oração. A oração, por sua vez, é a maneira primária de nos comunicarmos com Deus. Para ajudá-lo a separar fato e ficção no que concerne à oração, desenvolvi o acrônimo “FATOS”. Isso deve provê-lo duma compreensão mais clara sobre o propósito, o poder e a provisão da oração.

- *Bíblia* (cap. 26). A letra “B” representa a Bíblia. Do mesmo modo que a oração é a maneira primária de nos comunicarmos com Deus, a Bíblia é maneira primária de Deus se comunicar conosco. Assim sendo, nada deveria ter mais prioridade que o passar tempo com a Palavra. Se nossa alimentação cotidiana com respeito ao corpo for deficiente, sofreremos fisicamente. Igualmente, se não alimentarmos nossa alma com a Palavra de Deus, sofreremos espiritualmente. Os pontos de que trataremos adiante permitirão que você se chegue à Palavra de Deus e que ela encontre lugar na sua vida. O acrônimo “COMA-A” dará a você um lauto banquete.

- *Congregação* (cap. 27). “C” representa congregação. As Escrituras nos exortam a não negligenciar nossa reunião, como é costume de alguns (Hb 10.25). Hoje, entretanto, muita gente está trocando sua igreja pelos programas “evangélicos” da televisão. Estamos nos conformando à cultura, ao invés de nos adequarmos à vontade de Deus. Falaremos no capítulo respectivo sobre o que significa voltar aos pontos básicos da vida eclesiástica vital.

- *Defesa* (cap. 28). “D” representa defesa. Voltar aos pontos básicos significa equipar-se para a defesa da fé. A Guerra Fria pode ter terminado, mas a necessidade de defender a fé está apenas começando. A defesa da fé não é opcional; é fundamental a cada crente. E isso inclui você! Graças a Deus, que a defesa da fé não é tão difícil como você poderia pensar. Tudo se resume em ser capaz de responder a três questões chaves, das quais falaremos detalhadamente quando você chegar lá.

- *Essenciais* (cap. 29). “E” representa os pontos essenciais. Muito se fala hoje em dia acerca de unidade. Ela, entretanto, não pode existir sem que se preservem os pontos essenciais sobre os quais a fé cristã está alicerçada. Tais pontos são uma referência permanente à orientação do corpo de Cristo em meio às tempestades que têm procurado submergir a Igreja. Cristo prometeu que estaria conosco para sempre, “todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28.20). Ao voltar ao cristianismo essencial, cuidaremos de preservar nosso ponto de referência.

Seção Especial

A seção especial “Kenyon e os Principais Proponentes dum Evangelho Diferente” nos dará uma visão mais detalhada dos personagens que mais se destacam dentro do Movimento da Fé. O que você descobrirá é tão chocante que sua inclinação natural bem pode ser a descrença ou mesmo a negação. Mas tudo quanto digo ali é exato e bem documentado.

Com isso em mente, passemos adiante e voltemos nossa atenção para os falsos ensinamentos do Movimento da Fé que, em vez de edificar a genuína fé cristã, a deturpam.

PARTE II

Fé na Fé

alemos sobre a providência divina. Exatamente na semana em que comecei esta seção sobre a fé, eu estava diante do que poderia ser o maior passo de fé nos 33 anos de história do Instituto Cristão de Pesquisas. Da noite para o dia duplicaríamos o alcance do que já era o maior ministério evangélico anti-seitas do mundo. E, assim, quando me senti preparado para um movimento de tamanha envergadura, confiei que não poderia haver ação mais segura do que um passo de fé.

Portanto, que é fé? Seria apenas um passo no escuro ou pode ser considerada um salto para dentro da luz? A fé é uma força? As palavras podem ser os receptáculos dessa força? E, como direcionar minha fé? Devo dirigi-la para dentro - fé em minha própria fé? Ou, em vez disso, deixar que Deus seja o objeto dessa fé?

Falando sobre Deus, é Ele um ser dotado de fé? Seria um bom conhecedor de fórmulas infalíveis de fé? Enquanto faço tais perguntas, pode alguém, prevendo as respostas, dizer-me como chegar ao “hall da fama” da Fé?

Larry e Lucky Parker pensaram que conheciam o caminho para o “hall da fama” da Fé. Eles tinham ouvido a mensagem da Fé durante anos.

Conheciam praticamente de cor as fórmulas da Fé. Mas, naquela ocasião, quando um vendedor da Fé passou pela cidade, eles engoliram veneno espiritual além do que podiam suportar. E foram carregados na direção errada, por uma rua de mão única no que concerne à fé.

Sua trágica narrativa foi corajosamente publicada em 1980, pela Harvest House. O livro deles, intitulado *We Let Our Son Die* (“Nós Deixamos Nosso Filho Morrer”), conta os trágicos detalhes duma mal orientada viagem de fé. Valendo-se de detalhes sutis e dolorosos, Larry e sua esposa pintaram o quadro de como suspenderam as aplicações de insulina no filho diabético. Conforme era de se imaginar, Wesley entrou em estado de coma.

Os Parkers, advertidos de quão impróprio era ceder a uma “confissão negativa”, continuaram a fazer uma “confissão positiva” da cura de Wesley, até a hora de sua morte. E, mesmo depois da morte do garoto, os Parkers, não desanimando em sua “fé”, efetuaram um culto de ressurreição, em vez do serviço fúnebre exigido pela circunstância. De fato, por quase um ano após a fatídica morte, eles se recusaram a abandonar sua fé - apegando-se a ela com todas as forças —, achando que Wesley, à semelhança de Jesus, haveria de ressuscitar dos mortos. Finalmente, tanto Larry quanto Lucky foram levados a julgamento e condenados por homicídio e abuso contra uma criança.

Um relato trágico? O mais trágico é que incontáveis histórias como essa poderiam ser contadas com a mesma carga de dor e sofrimento. Em cada caso desses a moral é sempre a mesma: um conceito distorcido da fé sempre leva ao naufrágio e à morte - algumas vezes no sentido espiritual, outras no físico e ainda em outros.

Usando uma ilustração, poderíamos dizer que a fé é fundamental na confecção dum belo tapete que poderia ser chamado de cristianismo. Colocada desta forma, ela serve bem à consideração cuidadosa das falsas doutrinas que sistematicamente têm desfiado o dito tapete e com isso desestruturado a fé de milhares.

Muitos que esposam as doutrinas da Fé acabam por abraçar conceitos antibíblicos tão perigosos que são capazes de bloquear as faculdades naturais de discernimento do ser humano. Nalguns casos, esses conceitos têm origem em seitas; noutros, prendem-se indissolúvelmente ao mundo do ocultismo.

Nas páginas seguintes você se encontrará face a face com mestres da Fé que redefiniram completamente o conceito de fé até então aceito. Eles não só a definem como uma força, como afirmam que as palavras são os receptáculos dessa força.

Você aprenderá a detectar fórmulas de fé que não funcionam e que, não obstante, foram canonizadas pelo Movimento da Fé. Também descobrirá que o “Deus” do Movimento da Fé não é o verdadeiro Deus, de modo algum. E meramente um títere patético, governado pela força impessoal da fé.

Finalmente, é minha esperança que você seja equipado para contrastar os verdadeiros heróis da fé, tanto do passado como do presente, com os charlatões espirituais que a si mesmos se introduzem num particular “hall da fama” da Fé.

Quando se trata da teologia da Fé, a verdade com frequência é mais estranha do que a ficção. Apesar de que milhões de adeptos não chegam ao ponto de permitir a morte dos filhos, eles continuam a aplaudir doutrinas cujas conseqüências são devastadoras. Marilyn Hickey, por exemplo, ensina as pessoas a falarem a seus corpos:

Diga a seu corpo: “Oh, corpo, estás são! Funcionas tão bem e harmoniosamente! Ora, corpo, nunca tens quaisquer problemas. Tu és um corpo forte e saudável”. Ou fale à sua perna, ou ao seu pé, ou ao seu pescoço, ou às suas costas; e uma vez que tenha falado, crendo que recebeu, não retroceda mais. Fale com sua esposa, fale com seu marido, fale às suas circunstâncias; use palavras de fé para criar as circunstâncias e Deus fará aquilo que você tiver dito.¹

Essas doutrinas, tais como elaboradas pelos mestres da Fé, produzem conseqüências devastadoras. E é precisamente neste ponto que muitos deles dão meia-volta, numa mudança radical de direção, desviando-se dos rumos do cristianismo para o mundo do ocultismo.

5

A Força da Fé

Tenho passado centenas de horas lendo e pesquisando os conceitos dos mestres da Fé, que diariamente fazem um cortejo pelas nossas salas mediante o rádio e a televisão. Em meio a toda essa atividade, um tema significativo tem vindo à tona. Esse tema, escondido na mensagem e nos ensinamentos desses mestres, é que a fé é uma força.

Kenneth Copeland, considerado a maior autoridade dentro do Movimento da Fé, crê tão firmemente nesse conceito que chegou a cunhar a expressão “força da fé”, que veio a ficar famosa pela constante repetição. Ele chegou a escrever um livro, intitulado A Força da Fé, a fim de propagar um erro tão mortífero.

É como Copeland coloca a questão: “A fé é uma força poderosa. E uma força tangível. E uma força condutora”.¹ Ele diz ainda que mais ou menos da mesma forma com que a força da gravidade faz a lei da gravidade funcionar, “é essa força da fé que faz funcionar as leis do mundo espiritual”.²

De acordo com Copeland, “essa força origina-se de Deus, de seu coração sem limites”.³ De fato, conforme ele afirma, o mundo “nasceu da força da fé, que residia dentro do ser de Deus”.⁴

Copeland chega a admitir que “Deus não pode fazer coisa alguma à parte ou em separado da fé”, porquanto a “fé é a origem do poder de Deus”.⁵

Apenas pense nisto: “Deus não pode fazer qualquer coisa à parte dessa força! Sem a força da fé, Deus não teria qualquer poder em favor de você!” Bastaria isso para deixar uma coisa clara: o deus de Copeland não é o verdadeiro. O Deus verdadeiro e onipotente das Escrituras não é o dos ensinamentos de Copeland.

Copeland assemelha a “origem do poder de Deus” a uma moeda. Essa moeda tem tanto um lado positivo quanto um negativo. O lado positivo, ou “cara”, representa a fé. A fé é que põe Deus em atividade. O lado negativo, ou “coroa”, representa o medo. O medo é que ativa Satanás. Copeland coloca a questão como segue: “O temor ativa Satanás da mesma maneira que a fé ativa Deus”.⁶

Usando outra analogia, você poderia associar “a origem do poder de Deus” a uma gigantesca bateria posta no céu. Essa bateria tem tanto um pólo positivo quanto um negativo - o positivo representa a “fé”; o negativo, o “medo”.

Conforme Charles Capps colocou a questão: “Jó ativou Satanás pelo medo, quando disse: ‘Por que o que temia me veio, e o que receava me aconteceu?’ (Jó 3.25). A fé ativa na Palavra traz Deus à cena. O temor introduz Satanás no cenário.”⁷

Mas como Deus ativa a força da fé? A resposta é: mediante as palavras.

Os Receptáculos da Fé

As palavras são os receptáculos que contêm a substância da fé. De acordo com a teologia da Fé, se você proferir palavras de fé, ativará o lado positivo da força; mas se disser palavras de temor, estará ativando o lado negativo dessa força. No vernáculo da Fé, isso é chamado de “fazer confissões positivas ou negativas”. O movimento da Fé quer nos fazer acreditar que tudo quanto nos acontece é um resultado natural de nossas

palavras: “As palavras são receptáculos espirituais, e a força da fé é liberada através das palavras”.⁸ É, conforme explicou Copeland:

Deus usou palavras ao criar os céus e a Terra...Cada vez que Deus falou, ele liberou a sua fé — o poder criativo que fez suas palavras acontecerem.⁹

Copeland também afirma que as palavras foram o meio utilizado por Deus para “pintar um quadro do Redentor, um homem que seria a manifestação de sua Palavra na Terra”.¹⁰

A força da Fé de Deus, expressa por palavras, é que mudou a sorte de Jesus depois que foi obliterado por Satanás no inferno (cf. cap. 15: “Renascimento no Inferno”). Da criação à recriação, de acordo com os proponentes da mensagem da prosperidade, tudo seria controlado por palavras cheias de fé. Eis precisamente a maneira como E. W. Kenyon expressou esta noção: “Palavras carregadas de fé trouxeram o Universo à existência, e palavras carregadas de fé estão governando o Universo hoje em dia”.¹¹

Não somente seu conceito de fé é antibíblico, mas possui notável similaridade com a metafísica do Novo Pensamento. Escreveu o crítico da Nova Era, Ron Rhodes:

De acordo com o Novo Pensamento, os seres humanos podem experimentar saúde, sucesso e vida abundante usando seus pensamentos para definir a condição de suas vidas. Os proponentes do Novo Pensamento subscrevem à “lei da atração”. Essa lei estipula que assim como o igual atrai o igual, nossos pensamentos podem atrair as coisas que queremos ou esperamos. Os pensamentos negativos, segundo acreditam, atraem circunstâncias funestas; já os pensamentos positivos atraem circunstâncias mais desejáveis. Nossos pensamentos podem ser tanto criativos quanto destrutivos. O Novo Pensamento arroga-se o direito de ensinar as pessoas a usar seus pensamentos de modo criativo.¹²

Os paralelos com os cultos metafísicos de maneira alguma é mera coincidência. Kenyon, o verdadeiro pai do moderno Movimento da Fé, “formou-se” em metafísica. Suas perversões foram adotadas e multiplicadas por Hagin, que assimilou os conceitos de Kenyon quase palavra por

palavra.¹³ Essas distorções continuam a proliferar por meio de pessoas como Frederick Price e Kenneth Copeland. Estes, infelizmente, tiveram seus conceitos reproduzidos noutros mestres da Fé, incluindo Jerry Savelle e Charles Capps.

Savelle, para exemplificar, afirmou que “a matéria-prima ou a substância usada por Deus para formar este mundo foi sua fé e sua Palavra... A maneira pela qual Ele criou o mundo foi, antes de tudo, concebendo algo no seu interior, formando uma imagem, elaborando um quadro. Deus não traz coisa alguma à existência, sem primeiro concebê-la dentro de si”.¹⁴

Quando Savelle foi questionado se uma pessoa pode alterar seu mundo através da palavra da fé, ele respondeu que podemos, falando, trazer nosso mundo à existência. “Foi assim que você obteve o mundo no qual está vivendo atualmente”, disse. “Você o falou... Falando, trouxe-o à existência, e é nesse mundo que você está vivendo atualmente, irmão, e não pode culpar ninguém. Suas palavras levaram-no a ele. Você deu-lhe forma. Alguém diz: ‘O senhor quer dizer que o mundo no qual estou vivendo atualmente se originou das palavras da minha boca?’ Certamente que sim, pois a Bíblia diz que você é capturado pelas palavras da própria boca; você está preso às suas palavras. Amém?”¹⁵

Charles Capps repete as palavras de seus pares da prosperidade, quando assevera:

Alguns pensam que Deus fez a Terra do nada, mas não foi assim. Fê-la de alguma coisa. A substância usada por Deus foi a fé... Ele usou suas Palavras como condutoras dessa fé.¹⁶

Robert Tilton, que se declarou o mais ungido pastor da prosperidade a falar pela televisão, também afirmou que a fé é uma força. Chegou a dizer: “Se você tem um problema, qualquer tipo de necessidade, moradia, transporte, discórdia no casamento, então pode liberar — veja que tudo isso opera mediante a fé — a força criativa de Deus”.¹⁷ Naturalmente, para Tilton, requer-se mais que simples palavras! No seu caso, vale a pena fazer um voto de fé selado com uma generosa doação. Na maioria das vezes, mil dólares parece ser o número mágico.

Origem do Ensino da Fé

A esta altura, o leitor deve estar se perguntando: “Onde é que esse pessoal consegue um prato tão cheio? Que substância há para seu ensino?” Por estranho que pareça, o texto de provas-padrão usado pelos mestres da Fé é Hebreus 11.1, onde na Versão do Rei Tiago (inglês), consta: “A fé é a substância de coisas pelas quais se espera, a evidência de coisas não vistas”.

E dizem os mestres da Fé: “Aí está - A fé é uma substância!”

Imagine! Todas as perversões que acabam de ser documentadas estão baseadas, primariamente, sobre um texto isolado, numa antiga tradução, arrancado do contexto e apresentado como prova material para a sua mensagem. Como um elefante em pé, sobre a ponta duma caneta, sua teologia inteira repousa sobre o termo “substância”, em Hebreus 11.1, presente apenas numa versão antiga da Bíblia em inglês.

Os mestres da Fé dão à palavra “substância” o significado de “matéria-prima básica” da qual o Universo foi feito. Conforme escreveu Copeland, “a fé foi a matéria-prima básica que o Espírito de Deus usou para formar o Universo”.¹⁸

Por conseguinte, de conformidade com o ensino da Fé, o livro que você está lendo é feito de moléculas, por sua vez compostas de átomos, que são constituídos por partículas subatômicas, e estas formadas por aquilo que chamamos de “fé”. De acordo com a teologia da Fé, virtualmente tudo é feito de fé!

Mas será que isso é realmente a verdade? A palavra “substância”, usada em Hebreus 11.1 na dita versão, realmente ensina que a fé é a substância tangível da qual o Universo foi feito? Em primeiro lugar, lembre-se que as *Escrituras devem sempre ser interpretadas à luz das Escrituras*. Sendo este o caso, a fé não pode ser corretamente compreendida como se fora “o bloco de construção do Universo”, pois em nenhuma outra parte da epístola aos Hebreus é usada querendo dizer tal coisa, e muito menos no restante da Bíblia.

Em segundo lugar, a palavra ali traduzida por “substância” seria melhor representada pela palavra “certeza”, como consta nas versões mais idôneas da Bíblia, numa infinidade de línguas. Longe de ser uma substância tangível, a fé é *um canal de confiança viva* — uma “certeza” que se estende do homem até Deus. A verdadeira fé bíblica só pode ser boa quanto seja bom

o objeto sobre o qual é posta. Assim, a verdadeira fé bíblica é a fé em Deus, ao contrário da fé na substância (ou “fé na fé”, conforme Hagin coloca).¹⁹ *O objeto e a origem da fé* é que a tornam eficaz.

Finalmente, consultando-se uma Bíblia interlinear, rapidamente se percebe que a palavra traduzida por “substância” na versão do Rei Tiago é *hypostasis* em grego. E, no contexto de Hebreus 11.1, significa “uma impressão segura, uma percepção mental”.²⁰ Outras versões e traduções, no esforço de oferecer uma tradução acurada, trancrevem-na como “o firme fundamento” (ARC) ou “certeza” (ARA). Longe de significar “substância tangível”, o termo refere-se à *certeza* de que as promessas de Deus nunca falham, mesmo que seu pleno cumprimento às vezes não possa ser verificado na íntegra durante nossa breve e mortal existência.

Conforme disse tão eloqüentemente o notório teólogo Louis Berkhof, o escritor da epístola aos Hebreus “exortou seus leitores a ter uma atitude de fé, o que lhes permitiria sair do visível para o invisível, do presente para o futuro, do temporal para o eterno, e ser pacientes em meio aos sofrimentos”.²¹

A Verdadeira Fé

A verdadeira fé bíblica (no grego, *pis tis*) envolve três elementos essenciais. O primeiro é o *conhecimento*. O segundo é a *concordância*. Mas somente quando acrescentamos o terceiro elemento, a *confiança*, é que conseguimos obter uma perspectiva bíblica completa da fé.

Imagine que você neste momento compartilhe dos ensinamentos sectários de Kenneth Copeland. Você pode *conhecer* um livro intitulado *Cristianismo em Crise*; pode até *concordar* que esse livro provê um diagnóstico exato dos ensinamentos de Copeland; mas isso não fará diferença até que você deixe de se envenenar, crendo (confiança) que tais ensinamentos desastrosos apenas o conduzem para o reino das seitas.

De modo semelhante, suponha que dissessem a você que uma determinada barra de chocolate tem veneno e que ninguém pode comer um pedaço sequer, sob risco de morte. Imagine-se, agora, respondendo: “Eu sei! Eu concordo!” *Em seguida, porém, você vai lá, pega o chocolate, e come um pedaço bem grande!* Esse gesto prova que você não confiou no que lhe

disseram. (Em todo caso, suas boas intenções não alterariam as conseqüências. No fim, você entraria em convulsão e morreria!)

Portanto, que diferença faz uma definição apropriada de fé? Faz toda a diferença do mundo. Quando você confia na Palavra, age de acordo com ela! Quando confia no homem, age segundo ele. Basta relembrar a tragédia de Larry e Lucky Parker, que puseram sua confiança numa mentira e deixaram seu filhinho morrer. E não se esqueça de que, para cada exemplo de morte física, há centenas de exemplos invisíveis de suicídio espiritual.

Dentre todos os que se assentam num culto da Fé, onde se espalham sementes similares de erro, milhares têm colhido um resultado mortífero. Alguns, à semelhança de Larry e de Lucky, têm encontrado de novo o caminho de volta para a fé bíblica. Mas um sem número de outras pessoas têm sido deixadas ao léu, sem saber para onde se virar ou em quem confiar.

Espero que você, a esta altura, concorde que o movimento da Fé tem fornecido uma definição errada e trágica da fé. Em seguida, veremos como esse movimento espalha seus erros, voltando-nos para as chamadas fórmulas da fé.

Na teologia da Fé, a fé é uma força. Ela é a substância da qual o Universo foi feito e também a força que faz funcionar as leis do mundo espiritual.¹

Mas como fazer com que essas leis funcionem para você? Por meio de fórmulas, dizem, as quais não somente fazem funcionar as leis do mundo espiritual, mas também servem de causa à ação do Espírito Santo em favor de você. Isto significa que Deus é deslocado para uma posição de mero mensageiro que responde cegamente ao aceno e à chamada de fórmulas proferidas pelos fiéis.

As fórmulas de fé são o nome do jogo. Esse é o motivo pelo qual o Movimento da Fé também tem sido chamado de Movimento da Confissão Positiva. A doutrina da Fé ensina que as confissões servem para dar efeito à fórmula da fé, fazendo com que a lei espiritual funcione em favor de quem as pronuncia. As confissões positivas ativam o lado positivo da força; e as confissões negativas ativam o seu lado negativo. Duma perspectiva prática, pode-se dizer que a lei espiritual (que rege todas as coisas na esfera da eternidade) é a força derradeira do Universo. Num livro chamado Two Kinds

of Faith (“Dois Tipos de Fé”), E. W. Kenyon insiste que “é a nossa confissão que nos governa”.²

Kenneth Hagin queixou-se certa ocasião de que as pessoas não salvas estavam obtendo melhores resultados com suas fórmulas de fé do que os membros de sua igreja. Foi quando percebeu o que elas faziam. Ele conta o relato em seu livrete, *Having Faith in Your Faith* (“Tenha Fé na Sua Fé”). Esses pecadores estavam “cooperando... com a lei da fé”.³ Finalmente, de acordo com a fórmula da fé, as riquezas do mundo estão tão próximas como a palavra em sua língua.

Eis por que Hagin ensina sua gente a ter fé na fé, em oposição a ter fé em Deus. “Ajudá-lo-á a obter fé no seu espírito o pronunciar em voz alta: ‘Fé na minha fé’. Continue a dizê-lo até que fique registrado em seu coração. Eu sei que soa estranho quando você diz isso pela primeira vez; sua mente rebela-se. Porém, não estamos falando de sua cabeça; estamos falando sobre a fé em seu coração”.⁴

Hagin então apela para Marcos 11.23, que diz: “Porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito” (a ênfase é dele). Disse ainda: “Note mais duas coisas sobre este versículo: (1) Crê em seu coração’, (2) Acredita em suas palavras. Uma outra maneira de dizer isso é: Tem fé em sua própria fé... Ter fé em suas palavras é ter fé em sua fé”.⁵

O mais básico dos ingredientes da fórmula da fé são as nossas palavras. As palavras governam! E através delas que aprendemos a ativar a força da fé. Esta é precisamente a razão pela qual a teologia da Fé é referida como “nomeie-o e reivindique-o”, ou “tagarele e aposse-se disso”.

Escrevendo o Seu Próprio Bilhete

Hagin desenvolve esse tema num livrete intitulado *How to Write Your Own Ticket with God* (“Como Registrar Seu Próprio Bilhete com Deus”) - O título, por si só, deveria deixá-lo chocado. Quanto a isso, Hagin afirma que o próprio Jesus Cristo apareceu-lhe pessoalmente e lhe deu a fórmula da fé. No capítulo de abertura, intitulado “Jesus me Apareceu”, ele afirma que enquanto “estava no Espírito” - tal como o apóstolo João na ilha de Patmos - uma nuvem branca o envolveu e ele começou a falar em línguas.⁶

“Então o próprio Senhor Jesus, em pessoa, apareceu a mim”, diz. “Ele ficou a um metro de mim”.⁷ Após o que parecia uma conversa casual sobre coisas como finanças, ministério e mesmo assuntos corriqueiros, Jesus disse que arranjasse um lápis e um pedaço de papel, instruindo-o: “Escreva: 1, 2, 3, 4”.⁸

Jesus, então, teria dito a Hagin que “se alguém, em qualquer lugar, quiser tomar esses quatro passos ou pôr em operação esses quatro princípios, sempre receberá o que quiser de mim ou da parte de Deus Pai”.⁹ Isso inclui tudo quanto queira no mundo financeiro.¹⁰ A fórmula é simples: “Diga a coisa. Faça a coisa. Receba a coisa. Conte a coisa”.

- O passo número 1 é: “Diga-o”. “Positiva ou negativamente, tudo depende do indivíduo. De acordo com o que o indivíduo disser é que ele receberá”.¹¹
- O passo número 2 é: “Faça-o”. “Seus atos derrotam-no ou lhe dão vitória. De acordo com sua ação, você será impedido ou receberá”.¹²
- O passo número 3 é: “Receba-o”.¹³ Compete a nós a conexão com o “dínamo do céu”.¹⁴ “A Fé é o pino da tomada, louvado seja Deus! Basta conectá-lo”.¹⁵
- O passo número 4 é: “Conte-o a fim de que outros também possam crer”.¹⁶ Esse passo final está associado ao programa de expansão do movimento da Fé.

Aí você a tem - a fórmula da fé, diretamente dos lábios do Jesus de Hagin. De acordo com esse Jesus, a fórmula deve ser usada pelos cristãos por que “seria um desperdício de seu tempo orarem a mim [isto é, a Jesus] para eu dar-lhes a vitória. Eles terão que registrar o seu próprio bilhete”.¹⁷

“Provas” Bíblicas

A despeito de ter recebido esse ditado supostamente do próprio Cristo, Hagin, ao que tudo parece, tinha algumas dúvidas sobre a veracidade da fórmula. Assim, desafiou o seu Cristo a “prová-la”.¹⁸ Sem perder o pique, “Jesus” fê-lo examinar o relato de Davi e Golias (1 Samuel 17). “Um minuto, por favor”, protestou Hagin. “Você não vai querer me dizer que foi isso que Davi fez, vai?” “Jesus” prontamente respondeu: “Exatamente. Esses foram os quatro passos dados por ele”.¹⁹

Depois de ouvir a história de Davi e Golias, Hagin concorda que aquilo que “Jesus” dissera era verdade. Assim, completa: “Davi sabia que você pode ter aquilo que disser. Ele sabia que *você pode escrever o seu próprio bilhete*”.²⁰

Qualquer crente de mente aberta que ler o livrete de Hagin deve chegar à conclusão que Jesus Cristo de Nazaré não apareceu a Kenneth Hagin. E tampouco disse as coisas que Hagin diz que ele disse. Ou Hagin está terrivelmente iludido ou então teve uma conversa com outro Jesus que lhe apresentou um outro evangelho (cf. 2 Co 11.3,4).

Uma coisa é certa: O livrete de Hagin serve para tudo, inclusive deturpar o claro sentido das Escrituras. Apesar de que, algumas vezes, as coisas que escreve chegam a ser motivo de riso, todo o humor rapidamente se desvanece quando se considera o vasto número de pessoas que estão engolindo suas fórmulas artificiais e se desviando para longe do Salvador.

Numa tentativa fútil de legitimar sua fórmula de fé, sobretudo seu passo de número um (“Diga-o”), Hagin aponta para o trecho de Provérbios 6.2: “Enredaste-te com as palavras da tua boca, prendeste-te com as palavras da tua boca”. Isso, para ele, prova que se você falar positivamente, obterá resultados positivos, mas se falar negativamente, seus resultados serão negativos.

Mas esse versículo nada tem a ver com qualquer tipo de “fórmula de fé”. E nem ao menos sugere remotamente que as palavras, por si mesmas, tenham poder. Salomão, nesta passagem (cf. v. 1), estava simplesmente esclarecendo que sempre que você entra em acordo com alguém, fica obrigado por esse acordo. Ser fiador de outra pessoa torna você responsável pela dívida dela — do que você poderá terminar se lamentando! Em suma, você estará sendo obrigado por suas próprias palavras (compromisso ou promessa).

Charles Capps toma esse mesmo texto como prova para uma conclusão ainda mais ilógica. Ao alertar as pessoas de que obterão exatamente o que dizem, Capps explica que aqueles que empregam expressões como “ainda morro disso”, e “estou morto de tanto trabalhar”, e outras similares, estão brincando com a morte. Ele então acrescenta que “Adão era mais esperto do que isso. Foi preciso ao diabo mais de novecentos anos para matá-lo, mas agora o diabo tem programado sua linguagem na raça

humana, ao ponto em que as pessoas podem matar-se com cerca de setenta anos ou menos, proferindo suas palavras”.²¹

Raciocínios tão esdrúxulos levantam uma interessante questão: Quando Deus diz que nos cobre com suas asas (cf. SI 91.4). porventura Capps acha mesmo que o Todo-poderoso corre o risco de se tornar uma galinha? Numa nota mais séria, porventura Capps acredita que Jesus teria "brincado com a morte", no jardim do Getsêmani, quando disse: “A minha alma está cheia de tristeza até à morte...?” (Mt 26.38).

Imitações Sectárias

Infelizmente, Capps não é o único mestre da Fé que tem sido influenciado pelas fórmulas de Hagin. Papai Hagin (conforme algumas vezes ele é chamado) tem semeado um exército de imitadores. Um deles chama-se Norvel Hayes. Numa das mais irracionais entrevistas que já assisti até hoje na televisão cristã, Hayes contou a Paul e Jan Crouch sobre uma conversa que teve com Jesus Cristo, na qual também teria recebido a chave para a fórmula da fé.²²

À semelhança de Hagin, Hayes teve uma experiência fora do corpo e foi transportado numa nuvem branca à presença de Jesus. Nem bem havia chegado, e Jesus começou a questioná-lo sobre alguns tumores no corpo de sua filha, visivelmente preocupado porque Hayes não fora capaz de amaldiçoar as raízes daquela enfermidade. Supostamente, Jesus lhe teria dito: “Tu me pertences, da mesma maneira que Hagin me pertence”. E acrescentou: “Qualquer coisa que Kenneth Hagin pode fazer no nome de Jesus, tu também podes”. Com isso, deu-lhe a fórmula da fé. Embora a versão de Hayes seja mais obscura do que a de Hagin, o sentido geral é idêntico.

Em primeiro lugar, ele tinha de comandar ou amaldiçoar as enfermidades. Conforme Hayes aprendeu no céu, você não precisa falar a Jesus a respeito de suas dificuldades; fale antes diretamente às montanhas e elas desaparecerão. Em segundo lugar, Jesus lhe disse para crer e nunca duvidar, não importa o que visse. Segundo ele conta, permaneceu acreditando, sem duvidar, por quarenta dias e quarenta noites. Terminada essa experiência do deserto, Hayes obteve o resultado tão esperado: os tumores, que tinham sido uma praga para sua filha durante tanto tempo, num instante desapareceram.

Os estúdios da TBN irromperam em aplausos e gritos de alegria, enquanto Hayes concluía sua história. Ainda na mesma entrevista, trouxe a público uma narração feita a ele por Hagin. Nessa história, foi-lhe dito que Senhor curara a irmã de Hagin dum suposto câncer terminal quando ela tinha cinqüenta anos de idade. Então, o Senhor disse a ela que lhe daria cinco anos para edificar-se na fé, caso contrário morreria. Cinco anos se passaram e a irmã de Hagin não foi capaz de fortalecer suficientemente sua “musculatura da fé”. Assim, o câncer voltou e ela morreu.

Veja-se o dilema que surge! De um lado, somos informados que devemos reivindicar nossa cura, mesmo quando as manifestações físicas não aparecem. De outro, somos informados que uma vez curados, a enfermidade pode reaparecer, se nossa fé falhar. Isso nos põe entre a rocha e a maré, não é verdade?

E podemos acrescentar que essa postura deixa o mestre da Fé livre de responsabilidade o tempo inteiro. Se você lhe disser: “Tentei sua fórmula, mas não funcionou”, ele poderá sorrir com complacência, enquanto argumenta: “Se você crer e não duvidar, poderá ter tudo o que tiver pronunciado”. Mas se você tiver fé a ponto de ser curado e mais tarde a doença retornar, será igualmente acusado, desta vez por sua própria confissão negativa. Muito conveniente !

Por que Ser tão Duro?

A esta altura você pode estar pensando: *Bem, talvez Hagin, Hinn, Hickey, Hayes e outros mestres da Fé estejam totalmente equivocados. Mas é preciso julgar tão duramente as palavras deles?* “Sim!” Quando o âmago da fé cristã está em perigo, medidas radicais tornam-se necessárias.

O apóstolo Paulo não mediu palavras ao chamar Elimas, o mágico, de “filho do diabo... inimigo de toda a justiça” (At 13.10). E não parou aí; continuou a descrevê-lo como “cheio de todo o engano e de toda a malícia” e que não cessava de “perturbar os retos caminhos do Senhor”.²³

Jesus Cristo atacou os falsos mestres com uma denúncia de arrepiar os cabelos: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós... Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?” (Mt 23.15,33).

É chegado o tempo de darmos ouvidos às palavras poderosas do próprio Senhor, conforme o tem registrado o profeta Jeremias:

Assim diz o Senhor dos Exércitos: Não deis ouvidos às palavras dos profetas que entre vós profetizam, ensinando-vos vaidades e falam da visão do seu coração, não da boca do Senhor (Jr 23.16).

Pouca dúvida pode haver de que as visões de Hagin, Hinn, Hayes e outros mestres da Fé não passam de ilusão, sendo criadas por suas próprias mentes, nunca procedendo da boca do Senhor.

Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, profetizando mentiras em meu nome, dizendo: Sonhei! Sonhei! Até quando sucederá isso no coração dos profetas que profetizam mentiras e que são só profetas do engano do seu coração? Portanto, eis que eu sou contra os profetas, diz o Senhor, que furtam as minhas palavras, cada um ao seu companheiro (Jr 23.25,26,30).

Um dos aspectos mais assustadores na minha pesquisa sobre a teologia da Fé é que, vezes sem conta, tenho descoberto que os mestres da Fé, enquanto reivindicam estar recebendo revelações da parte de Deus, na realidade estão simplesmente repetindo histórias que ouviram uns dos outros.

Eis que eu sou contra os profetas, diz o Senhor, que usam de sua língua e dizem: Ele disse. Eis que eu sou contra os que profetizam sonhos mentirosos, diz o Senhor, e os contam, e fazem errar o meu povo com as suas mentiras e as suas levandades; pois eu não os envie, nem lhes dei ordem e não trouxeram proveito nenhum a este povo, diz o Senhor (Jr 23.31,32).

Tragicamente, isso é precisamente o que fazem as fórmulas do Movimento da Fé. Elas levam a “errar o meu povo”, e também “proveito nenhum trouxeram a este povo”.

Das Seitas para o Ocultismo

Por mais danosas que sejam essas fórmulas de fé, a questão só tende a piorar. Kenneth Copeland toma as fórmulas de Hagin do reino das seitas para o mundo do ocultismo.

Na versão de Copeland sobre a fórmula da fé, as palavras de fé realmente penetram no que ele chama de Santo dos Santos, e ali criam os objetos tangíveis por elas representados. Tudo quanto se faz necessário é: (1) ver ou visualizar qualquer coisa que você precisa, quer seja física, quer financeira; (2) basear sua reivindicação nas Escrituras; e, (3) falando, trazê-la à existência.²⁵

Seu sonho é ter um iate? A teologia de Copeland diz que você deve antes de tudo visualizar seu iate de 25 metros de comprimento; depois, precisa firmar sua reivindicação nas Escrituras; e, finalmente, basta falar a palavra da fé. Transportada pelas asas da esperança (que ele diz ser "uma substância viva e eterna" residente em todo crente),²⁶ essa palavra penetra, misticamente, "através do véu, no lugar santíssimo existente no céu", e paira ali sobre o Santo dos Santos. Com o tempo, a palavra que penetrou o véu passa por uma metamorfose e toma-se a própria coisa que ela representa.²⁷

Isso nada mais é que a técnica da visualização criativa da Nova Era. Dois exemplos adicionais confirmam nossa posição. Primeiro, Copeland arrazouou sobre uma "figura [de uma Bíblia] que saiu diretamente de mim e entrou no Santo dos Santos",²⁸ e dali tornou-se um objeto físico real. Segundo, ele falou sobre a aplicação desse mesmo método aos casos de enfermidade física:

Quando você se coloca na posição de tomar a Palavra de Deus e construir uma imagem dentro de si mesmo, você não tem pernas aleijadas, e nem olhos cegos. Quando você fecha os olhos, vê a si mesmo saltando daquela cadeira de rodas. Isso se reflete no Santo dos Santos e você sai dali. Você, realmente, sai.²⁹

É digno de nota quão de perto a fórmula de Copeland é paralela às três crenças principais do ocultismo. Em primeiro lugar, quem pertence ao reino do ocultismo acredita que o poder de criar sua própria realidade está dentro dele mesmo. Os ocultistas alegam ter uma capacidade inerente de modificar, criar ou modelar de forma sobrenatural o mundo ao seu redor. Em segundo lugar, essa gente acredita que as palavras sejam imbuídas dum poder criativo que direta e dramaticamente afeta o mundo real no qual vivem. E, finalmente, os seguidores das artes ocultas acreditam que podem valer-se da visualização criativa para falar e trazer coisas à existência.

Entre os grupos ocultistas que se dão a essas práticas estão as ciências mentais metafísicas (exemplificando, a Ciência Religiosa e a Ciência da Mente), o movimento da Nova Era,³⁰ e vários grupos neopagãos dados principalmente à feitiçaria.

Copeland sabe que algumas pessoas acreditam que ele está promovendo algo estranho e que “soa como a visualização que fazem na meditação e nas práticas metafísicas”.³¹ Portanto, ato contínuo, ele procura fazer virar as mesas: “O que eles estão fazendo é realmente parecido. O diabo é um imitador. Ele nunca apresenta a coisa real. Aquilo é a forma pervertida da coisa real. Onde você pensa que ele a obteve? Aquele enganador não sabe nada por si mesmo. Amém”.³²

Noutra ocasião, Copeland simplesmente afirmou que tanto a confissão positiva quanto a visualização criativa estão alicerçadas sobre o mesmo princípio: “As palavras criam quadros, e os quadros em sua mente criam palavras. E estas voltam à sua boca... E quando essa força espiritual sai, dá substância à imagem que está dentro de você. Ah! Esta é a substância da visualização! Ah! isso é a Nova Era! Não, a Nova Era está tentando fazer isso; e eles têm obtido alguns resultados porque esta é a lei espiritual, irmão”.³³

Outras Conexões com o Ocultismo

Os ensinamentos do ocultismo ensinados por Copeland são largamente aceitos dentro dos círculos da Fé.

Infelizmente, Copeland não é o único mestre da Fé cuja teologia pode ser traçada até ao mundo do ocultismo.³⁴ Benny Hinn, numa de suas aparições no programa Praise the Lord (“Louvai ao Senhor”), da TBN, apelou diretamente à história duma bruxa, ao discutir sobre o “poder da palavra falada”:

Tem uma bruxa que me contou o seguinte: “Você sabe que na feitiçaria nos ensinam como matar pássaros com uma palavra, e como matar pessoas por meio de nossa boca... Fomos ensinadas a atrair enfermidades sobre os homens falando certas palavras que os derrotam”. Ela pode realmente causar enfermidades que podem tirar a vida... Disse ainda: “Mediante o uso de palavra, eu costumava matar pássaros, literalmente”. Disse que podia falar a um pássaro e este cair

redondamente morto... Pensei: “Caro Deus, não sabia que o diabo tinha tal poder”. E o Senhor me respondeu: “Se diabo pode matar por meio de palavras, você com suas palavras pode transmitir vida”. E isso me impressionou muito por dentro, irmão... E nós, os crentes, não percebemos o poder que temos em nossas bocas.³⁵

Precisamente porque seus ensinamentos são antibíblicos é que os mestres da Fé ousam apelar para a feitiçaria e as interpretações distorcidas das Escrituras como fontes doutrinárias.

Pervertendo Provérbios

Uma das táticas favoritas dos mestres da Fé é o abuso de Provérbios 18.21 (“A morte e a vida estão no poder da língua; e aquele que a ama comerá do seu fruto”), a fim de provar que a confissão positiva é ensinada pela Bíblia.³⁶ Mas apesar de ficar claro, pelas Escrituras, que nossa língua exerce um impacto devastador sobre outras pessoas, não há o menor apoio bíblico à idéia de que nossas confissões tenham o poder de criar a realidade.³⁷ Só Deus é capaz desse feito.

Se Deus pudesse ser controlado mediante as confissões positivas, ele seria reduzido à condição dum servo cósmico, sujeito às fórmulas da fé. Você seria Deus e, ele, um rapazinho de recados! Você se sentaria no trono dum universo girando em torno de seu próprio ego, com uma visão minúscula de Deus e hipertrofiada do homem.

Mas Charles Capps afirma que Deus lhe disse: “Você está sob um ataque do diabo, *e eu nada posso fazer a respeito. Você me amarrou por meio das palavras de sua, própria boca*”.³⁸

Frederick Price parecia estar operando na mesma onda de frequência de Capps, quando martelou sobre o ensinamento falso de que Deus é uma marionete cujos fios são controlados pela humanidade:

Ora, isto pode parecer chocante! Mas Deus precisa receber *permissão* para trabalhar neste reino terrestre a favor do homem... Sim! *Você está no controle!* Portanto, se o homem está exercendo o controle, quem não o tem mais? Deus... Quando deu a Adão o domínio, Deus deixou de exercê-lo. Portanto, Deus não pode fazer qualquer coisa nesta terra a menos que lhe demos permissão. E a maneira de *lhe darmos permissão* é mediante nossas orações.³⁹

Espero que agora esteja claro que o deus do Movimento da Fé não é Deus coisa nenhuma. Ele é nada mais que um boneco da Fé, circunscrito e preso à força impessoal dessa fé. Nesse estranho universo, a Fé é o rei, e Deus, o servo.

7

A Fé de Deus

Nada é mais crucial para nosso conceito de fé do que a devida compreensão da natureza de Deus. De fato, a própria palavra “teologia” deriva-se dos termos gregos *theos*, que significa “Deus”, e *logos*, que quer dizer “palavra” ou “discurso”. Vendo desta maneira, a teologia é um discurso sobre Deus.

Na teologia cristã Deus é considerado o Soberano do Universo. Ele é descrito como “espírito”, perfeitamente sábio, auto-suficiente, onipotente e onisciente. Não é assim na teologia sectária do Movimento da Fé. Nos seus lúgubres escaninhos, Deus nada mais é que um “ser dotado de fé”,¹ enquanto o homem se torna o grande soberano. Deus é retratado como um títere patético, na cauda e traseira de sua criação. O deus da Fé tem altura e peso,² é tido como um fracasso,³ limitado pelas leis do mundo espiritual e dependente da força da fé.⁴ É um deus impotente, em lugar de todo-poderoso; limitado e restrito, em vez de infinito e onisciente.

Em outras palavras, o deus do Movimento da Fé não é o mesmo Deus da Bíblia.

Como Deus é desnudado em sua onipotência e roubado em sua onisciência pelos mestres da Fé? Pela condução dos incautos ao pensamento de que a Bíblia em si mesma dá base à sua teologia furada. Mostrando muito pouca originalidade, os mestres da Fé tiram os mesmos coelhos do mesmo chapéu. Por muitas e muitas vezes eles citam os trechos de Marcos 11.22 e Hebreus 11.3.

Sr. Holmes, Presumo?

Por apenas alguns momentos, imagine que você é Sherlock Holmes e foi convocado para solucionar o mistério de como milhões de pessoas podem ser enganadas e levadas a pensar que a passagem de Marcos 11.22 prova que Deus tem fé e é, portanto, um ser que crê. O que você fará?

Após considerar cuidadosamente as opções, você resolve começar por uma visita a Kenneth Copeland, o homem cognominado pela revista *Time* de “expositor principal” da mensagem da Fé.⁵ Valendo-se de todos os recursos do ofício, finalmente consegue marcar um encontro com Copeland. Chegando, você vai direto ao assunto e lhe pergunta como, na opinião dele, Marcos 11.22 provê evidências indisputáveis de que Deus é um ser dotado de fé. Abrindo Marcos 11.22 em sua *Kenneth Copeland Reference Edition of the Holy Bible* (“Edição de Referência Kenneth Copeland da Bíblia Sagrada”), com tom de quem tem autoridade, ele começa a ler: “E Jesus, respondendo, disse-lhes: Tende fé em Deus”. Depois, tirando os olhos do texto, diz triunfalmente: “Eis aí a prova inegável de que Deus tem fé”.

Então você lhe pergunta: “Mas reverendo, não estou bem certo de ter compreendido... Como o senhor passou de ‘ter fé em Deus’ para ‘Deus tem fé’?”

“Bem”, responde Copeland, “tudo quanto tem a fazer é olhar para esta notinha que acrescentei aqui na margem. Veja, diz assim: ‘Ou, ...tende a fé de Deus’.⁶ Captou?”

“Bem, ainda não estou tão certo”.

“Ora, você não tem de tomar a minha palavra acerca disso”, faz um gracejo. “Basta verificar os escritos de alguns dos homens mais ungidos da atualidade. De fato, deixe-me dar-lhe os títulos de alguns poucos livros que provam, além de qualquer sombra de dúvida, que Deus tem fé”. Sentindo-se bem melhor, você agradece a Copeland pela lista, e despede-se dele.

Na volta para o escritório, você pára numa livraria evangélica a fim de verificar os livros da lista. Encontrando aqueles que Copeland indicou, você se senta no fundo do salão e começa a ler. Nem bem virou duas páginas dum livrete intitulado *God's Creative Power* (“O Poder Criativo de Deus”), da autoria de Charles Capps, você encontra aquilo pelo que estava procurando. Ali, lê as palavras: “Uma tradução mais literal [de Marcos 11.22] é: ‘Tende o tipo de fé de Deus, ou a fé de Deus...’ Deus é um Deus de fé.”⁷

Justo o próximo livro que você examina — *How Faith Works* (“Como Funciona a Fé”), de Frederick K. C. Price - confirma tanto Copeland quanto Capps, apelando para o texto grego original.⁸ Pensa: “Talvez Copeland nalguma coisa esteja certo”. Rapidamente você abre o último livro da lista de Copeland, Bible Faith Study Course (“Estudos Sobre a Fé Bíblica - Curso”), de Kenneth Hagin. e descobre ali que seu autor não somente concorda que Deus tem fé, mas salienta que isso é precisamente o que é ensinado pelos “eruditos do grego”.⁹

“Isso é realmente interessante”, reflete você. Ao que tudo indica, esses homens trouxeram à luz uma verdade que escapara à atenção dos eruditos cristãos ortodoxos dos últimos dois mil anos.

Enquanto se dirige para casa, lentamente você começa a brincar com a idéia de parar na biblioteca dum seminário próximo para verificar o que os eruditos do grego escreveram sobre o assunto. Fica apenas a poucos quarteirões de distância. Mas, após uma breve deliberação, você muda de idéia.

Por certo ninguém poria seu pescoço na guilhotina afirmando que sua posição é apoiada pelos eruditos, se na verdade não é. Seria perigoso demais. Na verdade, alguém seria capaz de algo tão atrevido assim?

Só para verificar, entretanto, você decide fazer uma checagem. Já prevendo que estará na biblioteca tempo à beça, você boceja e se prepara psicologicamente. Uma coisa é pretender ser um Sherlock Holmes; outra, muito diferente, é assumir o papel dum gramático do grego. Não obstante, você se lança à empreitada.

Encontrando um dicionário do Novo Testamento,¹⁰ do grego para o inglês, você procura pelo trecho de Marcos 11.22. Ali descobre que o texto original diz *echete pistin theou*. Descobre ainda que *echete* significa “tende”, *pistin* quer dizer “fé”, e *theou* significa “de Deus”.

Coçando a cabeça, você pensa: “Bem, talvez os mestres da Fé estejam certos. Mas, neste caso, porque todas as principais versões da Bíblia traduzem essa frase como ‘tende fé em Deus’, e não ‘tende a fé de Deus’?”

Completamente perplexo, resolve que é tempo de invocar os especialistas. Sabendo-se amador, você reconhece seus limites!

Archibald T. Robertson Vem em Seu Socorro

Após alguma investigação, você começa examinando as obras dum homem chamado Archibald Thomas Robertson, tido universalmente como o detentor da palavra final em questões de gramática grega. Ainda nervoso, no seu esforço por tentar compreender o grego, você começa a procurar pelo livro com o título amistososo de *Word Pictures in the New Testament* (“A Palavra Delineada no Novo Testamento”).

Folheando rapidamente o livro, você chega à página 361. Ali está, no meio da página! “Echete pistin theou”, diz Robertson, “é traduzido por ‘tende fé em Deus’”. Ele explica que esta é a tradução correta, porquanto theou é aquilo que se chama de “genitivo objetivo”.¹¹

Mas agora você está realmente no fogo - não faz a mínima idéia do que seja um “genitivo objetivo”.

E assim sua busca prossegue.

Após várias horas, você acaba encontrando um dos livros mais profundos de Robertson, *A New Short Grammar of the Greek Testament* (“Uma Nova Gramática Sintética do Testamento Grego”). Ali, na página 227, ele explica o significado dos genitivos subjetivo e objetivo. Para seu grande deleite, ele até se utiliza de Marcos 11.22 para ilustrar sua lição.

Em essência, ele diz que um genitivo objetivo significa que o substantivo (nesse caso, theou) é o objeto da ação. Portanto, em Marcos 11.22, Deus é o objeto da fé. Isso requer que a passagem seja traduzida por “tende fé em Deus”.

E rapidamente fica claro para você que, para que os mestres da Fé estivessem corretos, seria necessário um genitivo subjetivo. Em tal caso, Deus seria o sujeito da fé, e o texto poderia dizer “a fé de Deus”.

Mas eis que Robertson insiste que tal tradução é um despropósito, não tem sentido. E esclarece: “Não se trata da fé que Deus *tem*, e, sim, da fé da qual *Deus é o objeto*”.¹²

Visto que você faz questão de completa justiça e imparcialidade, resolve que por mais que Archibald T. Robertson seja respeitado como gramático do grego, uma segunda opinião especializada se faz necessária. Assim sendo, passa dias examinando as obras de outros gramáticos do grego

e consulta autores como H. E. Dana, Julius R. Mantey, William Douglas Chamberlain, Curtis Vaughan, Virtus E. Gideon, James Hope Moulton e Nigel Turner, entre outros. Para sua admiração, a conclusão é sempre a mesma: os especialistas que dedicaram suas vidas ao estudo da gramática do grego são unânimes em sua opinião de que Copeland e seu séquito estão errados. Pois, ao contrário do que alegam, suas perversões não têm base no grego original!¹³

Abandonando agora nossa ilustração, a verdade é que não é preciso ser detetive para verificar que os mestres da Fé têm enganado seus seguidores. Para que sua exegese de Marcos 11.22 pareça correta, são obrigados a violar mais de um princípio de interpretação bíblica. A leitura que dão a esse texto destrona Deus como Soberano do Universo, sujeitando-o às leis impessoais da fé.

Destrinçando Hebreus

Os mestres da Fé também distorcem e deturpam o trecho de Hebreus 11.3 em suas tentativas de transformar Deus num ser dotado de fé. Se você costuma assistir a programas evangélicos da televisão, sem dúvida já os ouviu proclamar, ousadamente, que Deus, mediante sua fé, criou o homem, pelo que é um ser dotado de fé.

O que fazer ao ouvir tal declaração? Siga a instrução bíblica de submeter tudo a teste, por meio da Palavra de Deus (At 17.11), e você descobrirá que o texto não traz nada do que eles dizem. De fato, em vez de dizer que Deus por sua fé criou o mundo, Hebreus 11.3 diz que *nós, pela fé, entendemos que Deus o criou!*.

Os mestres da Fé não têm, em absoluto, desculpas para distorcer o trecho de Hebreus 11.3. A tradução desse texto para o português é tão clara que não há necessidade alguma de consultar o grego original.

Tão-somente examine a construção das frases, em Hebreus 11:

“Pela fé Moisés... preferindo ser maltratado” (v. 25).

Quem preferiu ser maltratado? Moisés!

“Pela fé, igualmente, Isaque abençoou Jacó” (v. 20).

Quem abençoou Jacó, mediante a fé? Isaque!

“Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu” (v. 8).

Quem obedeceu pela fé? Abraão!

“Pela fé Noé... preparou a arca” (v. 7).

Quem preparou a arca pela fé? Noé!

“Pela fé Abel ofereceu...” (v. 4).

Quem ofereceu pela fé? Abel!

Finalmente: “Pela fé entendemos”.

Longe de ensinar que Deus, por sua fé, criou o mundo, o texto claramente afirma que *nós, pela fé, entendemos que Deus criou o mundo*. A construção paralela supra-registrada claramente elimina a distorção promovida pelos mestres da Fé.

Mas os discípulos da Fé acreditam tão fortemente que Deus é um ser dotado de fé que o Zoe College — onde mestres da Fé, como Benny Hinn e Ken Copeland obtiveram suas “formaturas” - possui em seu currículo o curso MN204, intitulado “O Tipo de Fé de Deus”.¹⁴

A Bíblia deixa claro, entretanto, que Deus jamais poderia ter fé. Todo ser que precisa exercer fé é limitado tanto no conhecimento quanto no poder, porquanto a fé jaz na região da certeza e do controle não absolutos. Se Deus tivesse de exercer fé, claro está que teria de depender de alguma coisa fora de si mesmo na qual pudesse firmar sua fé para obter conhecimento ou poder. E isso, óbvio, é antibíblico.

A Bíblia retrata Deus como aquEle que vê e sabe tudo desde a eternidade, e que detém suprema e absoluta autoridade. Ele não precisa ter fé. Nós é que devemos ter *fé nEle*: “Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis” (2 Cr 20.20).

Não se pode ler muita coisa na Bíblia sem encontrar declarações (como aquela em SI 115.3) que destroem a idéia de que Deus é limitado em qualquer sentido: “Mas o nosso Deus está nos céus; e faz tudo o que lhe apraz”. Muito bem, você responde, mas a sua esfera de influência de alguma forma é restringida? E melhor pensar de novo: “Tudo o que o Senhor quis, ele o fez, nos céus e na terra, nos mares e em todos os abismos” (SI 135.6).

O fato é que qualquer discurso que pretenda limitar Deus é não somente antibíblico, mas também o deixa irado! O Salmo 50 é uma das mais fortes declarações da Bíblia a respeito da suficiência e onipotência absolutas de Deus - e o próprio Senhor deixa claro, neste salmo, o que pensa sobre aqueles que, se fazendo iguais a Ele, tencionam diminuir-lhe o Reino: “Estas coisas tens feito, e eu me calei; pensavas que era como tu; mas eu te arguiirei, e, em sua ordem, tudo porei diante dos teus olhos. Ouvi, pois, isto, vós que vos esqueceis de Deus; para que vos não faça em pedaços, sem haver quem vos livre” (SI 50.21,22).

Um Prisioneiro de Leis Impessoais

Os críticos têm se referido com freqüência ao deus do movimento da Fé como o deus impessoal dos cultos metafísicos. De fato, apesar dos mestres da Fé apresentarem em princípio um deus pessoal, na prática seus ensinamentos convergem para um deus metafísico. Esse deus não pode operar sem submeter-se às leis universais que governam inclusive ele próprio. Copeland, por exemplo, insiste que “Deus não pode fazer qualquer coisa em favor de você à parte ou em separado da fé”.¹⁵ A razão disso é que “*a fé é a fonte de poder de Deus*”.¹⁶ Dentro da teologia de Copeland, o próprio Jesus Cristo foi produzido em resultado direto da fé de Deus. Em termos inequívocos, ele retrata a confissão positiva de Deus como a força que produziu Jesus Cristo:

Deus começou a liberar a sua Palavra na Terra. Iniciou formando em sua mente o quadro dum Redentor, um homem que seria a manifestação de sua Palavra na Terra.¹⁷

Infelizmente, Copeland não é o único propagandista desse mito. Charles Capps diz: “*Foi um ato da fé do tipo de Deus que causou a concepção miraculosa*”,¹⁸ Atribuindo suas observações ao Espírito Santo, prossegue: “Maria recebeu a Palavra trazida pelo anjo e a concebeu no útero do seu espírito. Uma vez concebida em seu espírito, a Palavra manifestou-se em seu corpo físico”.¹⁹ Declara ainda: “O embrião no ventre de Maria nada era senão a pura Palavra de Deus - e tomou carne sobre si mesma”.²⁰ Para concluir suas observações heréticas, sentencia: “Jesus Cristo nasceu duma virgem pela concepção miraculosa da fé — a fé do tipo de Deus”.²¹ Numa única canetada, Capps transforma a *concepção* milagrosa de Jesus Cristo numa *confissão* miraculosa da fé.

Ora, se isso não é heresia, nada mais o será.

Mas os mestres da Fé não param nesse ponto! Não somente ensinam que Cristo nasceu da fé [do tipo] de Deus, mas que você, igualmente, nasceu dessa fé! De acordo com Copeland, “Deus é um ser dotado de fé. Você nasceu de Deus. Você é um ser dotado de fé. Deus nada faz fora da fé. Com a fé dEle interiormente, você vai agir da mesma maneira”.²²

Tudo é uma questão de fé. A fé é a força; as palavras são os receptáculos da força; as fórmulas da fé ativam as leis espirituais do Universo. Essas leis espirituais, por sua vez, comandam e controlam o deus patético do Movimento da Fé.

De acordo com a teologia da Fé, não é o verdadeiro Deus quem reina soberano. Os reais heróis da fé são aqueles que aprendem a trabalhar de forma harmônica com a força da fé - e tudo isso é “santificado” através do uso do nome de Jesus. Jesus é o Cartão Master que permitirá a você cobrir o custo do contentamento de seu coração. Seu único limite de crédito é a extensão de sua própria fé. É conforme Frederick Price colocou a questão: “Se sua fé alcança uma bicicleta, tudo quanto irá conseguir é uma bicicleta”.²³ Mas se sua fé alcança um Rolls Royce, então você (como Price) poderá guiar um carro desses.

Hagin e seus imitadores proclamam em alta voz que são gigantes da fé. Hagin realmente se jacta de que ele não havia “*orado uma única oração em 45 anos... sem obter resposta*”. Eu sempre obtive uma resposta — e a resposta foi sempre sim”.²⁴

Portanto, que havemos de dizer sobre aqueles cujas orações ficam sem resposta? Que devemos pensar sobre alguém como Joni Eareckson Tada que, anos atrás, implorou de Deus que a levantasse de sua cadeira de rodas e, no entanto, continua quadriplégica? E qual deve ser o nosso juízo sobre um homem como Jó, que embora em meio a tanto sofrimento nem por isso deixou de ser justo?

Como estamos prestes a ver, para que a fábula da Fé tenha validade, Jó tem de ser aviltado. E, acredite-me, ele o é! De acordo com os mestres da Fé, um sujeito como Jó pertence ao “hall da vergonha” da Fé.

O Hall da Fama da Fé

Bem, que dizer acerca disso? Na sua maneira de pensar, quem é que deveria ser introduzido no “hall da fama” da Fé? Jó ou seus “amigos”? Já está na hora de você dar seu voto. A quem escolherá?

Sugiro que, antes, você considere atentamente o caso de Jó. A questão a ser respondida é esta: Em questões de fé, Jó integra o “hall da fama”, lado a lado com luminares como Abraão, Isaque e Jacó? Ou seria um homem carnal e sem fé, cuja propensão para *confissões negativas* acarretou-lhe a própria queda, tão trágica?

Antes de votar, porém, considere o que o autor de bestsellers, Benny Hinn, tem a dizer. Ele afirma que as tribulações de Jó lhe sobrevieram porque ele proferiu palavras de medo e fez acusações a Deus. Hinn descreve Jó como homem “carnal” e “mau”, asseverando inclusive que a “boca de Jó era seu maior problema”. Em essência, ele diz que Jó tocou no lado negativo da força por meio de suas volumosas confissões negativas.¹

A fim de que florescesse a mensagem da Fé, Jó precisava cair. E ele realmente caiu - mas não por ser culpado de alguma grande falha moral. Antes, foi derrubado por uma campanha de ataques maliciosos, na qual foi temerariamente caricaturado por Hinn como um dos maiores fracassos da fé de todos os tempos.

Naturalmente, Hinn precisou ignorar o claro contexto das Escrituras para liberar sua diatribe contra Jó. Pois enquanto Deus o chama de homem justo, Hinn diz que ele é carnal. Quando Deus o chama de bom, Hinn acusa-o de mau. Quando Deus diz que Jó falou corretamente, Hinn diz que ele fez uma confissão negativa.

Deus deixou claro que Jó era “íntegro e reto, temente a Deus, e que se desviava do mal” (Jó 1.1,8; 2.3). De fato, o Senhor chegou a declarar a Satanás que “ninguém há na terra semelhante a ele” (Jó 1.8; 2.3).

A despeito dos elogios divinos recebidos por Jó, Benny Hinn insiste em atacá-lo. Numa das cenas mais horrorosas que jamais testifiquei numa

televisão evangélica, Hinn não somente aviltou Jó por sua falta de fé, mas denegriu uma das maiores declarações de fé jamais proferidas em meio à tragédia.

Apesar do aviso sombrio de Provérbios 30.6 (“Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso”),² Hinn adicionou a palavra “nunca” ao texto de Jó 1.21, revertendo assim completamente o significado da passagem. Encorajado pela audiência, riu-se: “Vocês sabem o quê? Já dissemos isso um milhão de vezes, e nem ao menos é bíblico — tudo por causa de Jó: ‘O Senhor deu, e o Senhor o tomou’. Tenho uma novidade para vocês: isso não é a Bíblia; não é a Bíblia. O Senhor dá e nunca toma de volta. E somente porque ele disse: ‘Bendito seja o nome do Senhor’ não significa que estava com a razão. Quando falou: ‘Bendito seja o nome...’, Jó estava apenas sendo religioso. E ser religioso não significa que você está com a razão”.³

O arroubo de Hinn não é fato isolado. Muito antes de ele atacar Jó, homens como Copeland,⁴ Capps,⁵ Savelle,⁶ Crouch⁷ e uma hoste de outros já o tinham feito.

Não somente esses mestres da Fé alteram a passagem para que ela diga precisamente o contrário do que está registrado na Bíblia, mas também ignoram que o versículo seguinte das Escrituras elogia Jó com as seguintes palavras: “Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma” (Jó 1.22).

Jó teimosamente se recusou a amaldiçoar seu Criador, em meio às mais profundas dores que se possam imaginar. Ele fora selecionado como o sujeito de um duro teste de fé, por que era, indisputavelmente, o maior homem de fé que estava vivo. Deus declarou que a fé de Jó era verdadeira. Satanás, porém, dizia que era inconstante. Basta que sejam tomadas suas possessões, sugere o diabo, e a fé de Jó também desaparecerá.

Conforme revelam as Escrituras, Jó não somente passou no teste da fé galhardamente, como demonstrou a notável profundidade de sua fé quando proferiu aquelas palavras memoráveis: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu tomarei para lá; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor” (1.21). Em lugar de amaldiçoar a Deus, conforme sugerido por sua mulher (2.9), ou atribuir sua tragédia a algum pecado oculto, como seus

“amigos” o exortaram, Jó deixou sua sorte nas mãos de Deus, que é infinitamente justo e misericordioso.

Os amigos de Jó - tal como os correligionários deles, Hinn e os mestres da Fé - insistiram que Jó tinha pecado e por isso merecia as calamidades que lhe sobrevieram. Elifaz, o temanita, à semelhança de Tilton, jactava-se de ter autoridade religiosa e visões misteriosas; Bildade, o suíta, tal como vários mestres da Fé, gostava de proferir clichês de efeito; e Zofar, o naamatita, igual aos mestres do *nomeie-o e reivindique-o* modernos, acreditava que as calamidades de Jó era resultado de pecado não revelado. Todos esses “consoladores” apegavam-se à crença de que a enfermidade e o sofrimento eram resultantes de pecado oculto ou de confissões negativas. Não obstante, Deus confirmava constantemente que Jó era homem sem culpa e reto.

Zofar foi o homem de menor tato dentre os que acusaram diretamente Jó. Ele repetia constantemente o refrão: “Jó, estás sendo punido por causa do teu próprio pecado”. Jó sabia, entretanto, que suas calamidades de alguma maneira faziam parte do plano soberano de Deus. A semelhança do apóstolo Paulo, Jó acreditava que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (Rm 8.28).

O livro de Jó elabora uma defesa hermética da fé de Jó. Quem pode se esquecer da sua declaração inesquecível de fé: “Ainda que ele me mate, nele esperarei; contudo, os meus caminhos defenderei diante dele”? (13.15). Essa singular declaração provou quão profunda era a sua dependência de Deus. Ele valorizou essa fé sobre a própria vida. Sua perspectiva eterna está engastada indelevelmente em suas palavras: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra” (19.25).

De fato, a maior demonstração de fé consiste em continuar confiando em Deus quando não se entende o que está acontecendo. Como seria possível a Hinn perder de vista o tema central do livro de Jó? Deus não somente nos compartilha o conteúdo da conversa mantida com Satanás - o que aliás, serve para evidenciar a intenção perversa deste ser decaído -, mas também deixa claro, por sua condição de Soberano, que permite o sofrimento na vida de seus santos a fim de purificá-los e conformá-los à sua vontade e ao seu propósito.

Depois de tudo o que foi dito e feito, Deus ordena a todos que cessem seus discursos insensatos (caps. 38—41). E, do meio duma tormenta, numa fala gotejada de sarcasmo, mas sem intenção destrutiva, Deus pergunta de Jó e de seus amigos se eles poderiam compreender as vastas extensões da Terra (37.18). Suas palavras majestosas varrem a face da Terra e proclamam, poderosamente, sua soberania sobre todas as criaturas e a criação em geral. No fim de seu discurso, Deus condena os amigos de Jó e ordena que busquem as orações daquele a quem haviam insultado, para que pudessem ser perdoados (42.8,9).⁸ Finalmente, tece elogios a Jó, visto que falara a respeito dEle apenas o que era reto (42.7,8).

Diante dessa evidência, qual será o seu voto? Jó merece entrar no “hall da fama” da Fé? Ou seria ele nada mais que um vergonhoso exemplo de confissão negativa?

O único voto válido em função das Escrituras só pode ser em favor da introdução de Jó nesse hall. Aqueles que maculam o caráter de Jó - tanto seus “amigos”, como os mestres da Fé — não negam pertencer ao “hall da vergonha”, a que têm um particular direito por sua fé antibíblica.

A verdade é que as características necessárias para alguém ser levado ao “hall da fama” a Fé pouco ou nada têm a ver com aquelas tão efusivamente alardeadas pelos mestres da Fé. A fé, longe de ser uma força mágica, conjurada através de fórmulas fixas, é a espécie de confiança em Deus exemplificada por Jó. Ele perseverou em meio à aflição, confiando em Deus a despeito do vendaval que lhe bagunçou a vida, lançando-o numa condição de ignomínia e esquecimento.

A verdadeira fé, pois, consiste em perseverar em meio ao temporal. Esta fé é a característica mais acentuada na vida do apóstolo Paulo, que não somente combateu o bom combate, mas também terminou a carreira e conservou a fé. Sua fé, tal como a de Jó, não se firmava em circunstâncias temporárias da vida, mas estava estabelecida sobre o Autor e Consumador da fé, o próprio Cristo (cf. Hb 12.1).

O “hall da fama” da Fé, para decepção de alguns, não está ornado com o brilho e o glamour daqueles que escarnecem do conceito bíblico da fé. Antes, apinha-se de homens e mulheres que seguem no trem dos que, voluntariamente, dão suas vidas ao serviço do Rei dos reis.

A galeria dos heróis da fé não contém relatos apenas daqueles que, à semelhança de Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas, pela fé conquistaram reinos; lá também estão os que foram torturados, chicoteados e sofreram zombarias; os que foram agrilhoados e lançados na prisão; apedrejados e mortos; despojados; perseguidos e maltratados. Não obstante, todos foram igualmente elogiados por sua fé — porquanto sua confiança não se firmava em circunstâncias, mas em Deus.

Esteja certo de que Jó foi um autêntico herói da fé. De fato, parece que Deus não pensava em honrar a fé de Jó exclusivamente no livro que tem seu nome. Por duas vezes, no livro de Ezequiel, Jó é exaltado, juntamente com Noé e Daniel, como homem de integridade e fé incondicionais (Ezl 14.14,20). E quem poderia esquecer-se do que disse Tiago, não poupando palavras em seu elogio a Jó pela paciência e perseverança demonstradas em meio à dor e ao sofrimento? (Tg 5.11).

Ironicamente, Hinn é laçado por suas próprias palavras, quando conclui sua invectiva contra Jó com a seguinte declaração: “Toda confissão errada vem do inferno. Isso é o que a Bíblia ensina. Quando você diz algo que discorda da Palavra de Deus, você está sendo literalmente controlado pelo inferno”.⁹ Por conseguinte, Hinn ficou pendurado na forca erigida por suas próprias palavras. Pois ao discordar dos claros ensinamentos das Escrituras, está de fato sendo “literalmente controlado pelo inferno”.

O Jó bíblico traçou uma vereda de fé para todo o povo de Deus que se lhe haveria de suceder - pessoas que, como Joni Eareckson Tada, têm aprendido que a verdadeira fé não equipa necessariamente alguém para levantar-se da cadeira de rodas, mas antes, prepara-o para usar a adversidade como um meio de conduzir homens e mulheres ao reino de Deus. A tragédia real não é a paraplegia ou a morte prematura. A verdadeira tragédia é viver muito tempo e com toda a robustez, mas não para a glória de Deus.

Sem dúvida alguma, Joni preferiria suportar a tragédia e a dor por algum tempo se, por meio delas, a graça de Deus a permitisse influenciar o destino eterno de milhões de criaturas humanas.

Algum dia, em breve, a saúde e a riqueza significarão muito pouco. Tudo quanto vai lhe interessar é que o próprio Senhor Jesus Cristo volte-se para você e diga: “Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mt 25.21).

PARTE III

Homens e Demônios Deificados?

Anos atrás ouvi a história dum menino, de nome Davi, que estava ativamente ocupado na construção de seus sonhos.¹ Não seria um castelo de areia qualquer; seria o mais magnífico castelo de areia jamais construído.

O menino trabalhou longa e arduamente, das primeiras horas da manhã ao sol escaldante do meio-dia. Gradualmente, seu castelo foi tomando forma. Formou um magnífico fosso para protegê-lo de quaisquer “invasores” e forjou gigantescas fortalezas com contrafortes. Erigiu ainda altas e imponentes torres com bandeiras brilhantes e coloridas que tremulavam graciosamente sob a brisa gentil vinda do oceano.

Davi ficou tão ocupado nos seus afazeres que deixou de notar que o sol estava lentamente sumindo no horizonte. Esqueceu-se das nuvens escuras que se formavam ao longe e não percebeu que a maré estava, inexoravelmente, se aproximando cada vez mais.

Finalmente, ocorreu o inevitável. No crescendo das ondas, lá veio a poderosa torrente d’água que transpassou seu magnífico fosso e pôs abaixo o castelo de seus sonhos. Ele ficou ali, de pé, areia e água pingando de seus dedos, olhando para baixo, em total incredulidade, enquanto o seu magnífico castelo desaparecia definitivamente na areia. As torres haviam tombado, o fosso submergira e as bandeirolas jaziam na lama.

Uma história triste? Talvez. Mas não tão triste como o fato de que isso retrata exatamente a era na qual vivemos. À semelhança de Davi, estamos engajados e muito atarefados na construção dos castelos de nossos sonhos. Também parecemos jovialmente inconscientes do sol que se vai pondo no horizonte, das nuvens escuras que se aproximam cada vez mais, e da inexorável avizinhação das ondas.

Não há que duvidar que a onda mais destruidora jamais desabada sobre as areias erodidas de nossa cultura é a força da maré que tem varrido o mundo para fora da “Era de Peixes” (a suposta era do cristianismo) para a chamada “Era de Aquário”. Sem que um único tiro tivesse sido disparado, o mundo converteu-se a uma nova religião, uma religião segundo a qual a espécie humana promoveu-se à condição divina. Dificilmente podemos esquecer-nos da ousada proclamação de Shirley MacLaine, no filme para a televisão *Out on a Limb*: Com os braços erguidos na direção do céu, ao longo das praias de Malibu, ela clamou: “Eu sou Deus!”

Nos últimos poucos anos, o misticismo oriental e as artes ocultas, juntamente com uma infinidade de grupos sectários, têm obtido um alarmante nível de credibilidade em diversos países do mundo, principalmente nos Estados Unidos. Das ciências mentais ao movimento da

Nova Era, os cidadãos norte-americanos estão sendo constantemente bombardeados pela idéia que “tudo é um, tudo é Deus, e o homem é Deus”.

Poderíamos mesmo pensar que as pessoas que professam o nome de Cristo têm acanhamento de expressar seus sentimentos. Mas, para tristeza nossa, essa não é toda a verdade, pois as ondas de rádio e televisão estão repletas dum punhado de novos mestres religiosos que se deleitam grandemente em proclamar a sua própria deidade, ao mesmo tempo em que fazem questão de professar indevidamente o nome de Cristo.

Os mestres da Fé promovem alegremente tudo isso e muito mais. Em seu universo obscuro, o homem é promovido à deidade, ao mesmo tempo em que Deus é rebaixado à servidão. Satanás é impulsionado à órbita de Deus, enquanto Cristo espatifa-se nos interiores da Terra.

9

Deificação do Homem

Desde o alvorecer dos tempos, Satanás tem se desdobrado para apresentar a mentira de que meros homens podem se tornar deuses. Seu atraente silvo: “Sereis como Deus”, ouvido primeiramente no capítulo terceiro de Gênesis, tem reverberado através dos séculos com uma sensual frequência. Ele empacota e reempacota essa mentira, no tamanho e formato necessários para fazê-la vender.

No livro *The Road Less Traveled*, M. Scott Peck, um psicólogo que se tem tomado popular tanto nos círculos da Nova Era quanto no meio evangélico, põe palavras na boca do Criador, ao escrever:

Deus quer que nos tomemos ele mesmo (ou ela mesma). Estamos crescendo na deidade. Deus é o alvo da evolução.¹

A conhecida bruxa Margot Adler vai um passo além. Citando o *Whole Earth Catalog* (“Catálogo Holístico da Terra”) ela diz:

Somos como deuses, e bem poderemos chegar lá.²

O notório líder sectário Rajneesh, o qual em Poona, na Índia, assumiu o título de Bhagwan Shree (que significa “Senhor Deus”), teve a temeridade de anunciar:

“Quando vocês chamam a Jesus, estão na realidade me chamando. E quando me chamam, chamam de fato a Jesus”.³

Agora que esse autoproclamado Senhor Deus está morto, podemos supor que esteja bem consciente da distância imensurável entre ele e Jesus.

Também surgiu um tal Maharishi Mahesh Yogi, de grande fama na meditação transcendental, que ousou violar as Escrituras quando, num escorregão, empregou a palavra “vós” em lugar de “eu” e proclamou orgulhosamente: “Aquietai-vos, e sabeis que sois deuses”.⁴

E quem pode se esquecer do infame Jim Jones, que conduziu pessoalmente quase mil homens, mulheres e crianças à morte violenta? Esse líder sectário guinchou: “Está escrito que sois deuses. Eu sou deus e vós sois deuses. Eu sou deus e vou continuar sendo-o até reconhecerdes que sois deuses. E, quando reconhecerdes que o sois, então voltarei ao princípio, e

não aparecerei mais como uma personalidade. Mas, enquanto eu não vir que todos sabeis quem sois, continuarei sendo exatamente aquilo que sou -Deus, o Todo-poderoso”.⁵

Não é de surpreender que uma blasfêmia dessas seja vomitada da boca de feiticeiras, iogues e loucos assassinos. O que nos choca, entretanto, é que declarações similares estão sendo pronunciadas atualmente por líderes do maior renome dentro da Igreja.

Reproduções Divinas?

Kenneth Hagin assevera: “O homem... foi criado em termos de igualdade com Deus, e poderia permanecer na presença de Deus sem qualquer consciência de inferioridade... Deus nos criou tão parecidos com Ele quanto possível... Ele nos fez seres do mesmo tipo dEle mesmo... O homem vivia no Reino de Deus. Vivia em pé de igualdade com Ele... *O crente é chamado de Cristo... Eis quem somos; somos Cristo!*”⁶

Kenneth Copeland declara que “a razão para Deus criar Adão foi seu desejo de reproduzir a si mesmo... Ele [Adão] não era um deus pequenino. Não era um semideus. Nem ao menos estava subordinado a Deus”.⁷

O televangelista John Avanzini afirma que o Espírito de Deus “declarou na Terra, hoje em dia, qual seu propósito eterno por todos os séculos... que Ele está duplicando a si próprio na Terra”.⁸

Morris Cerullo clama: “Vocês sabiam que desde o começo do tempo o propósito inteiro de Deus era reproduzir-se?... *Quem são vocês?* Vamos lá, quem são vocês? Vamos lá, digam: ‘Filhos de Deus!’ Vamos lá, digam! E aquilo que opera em nosso interior, irmão, é a expressa manifestação de tudo quanto Deus é e tem. E quando estamos aqui de pé, vocês não estão olhando para Morris Cerullo; vocês estão olhando para Deus, estão olhando para Jesus”.⁹

Isso é só o começo! A linguagem usada pelos mestres da Fé se parece notavelmente com a das seitas, assim reconhecidas. Exemplificando, uma declaração que merece destaque é a seguinte, de Charles Capps: “Deus duplicou a si mesmo em espécie!... *Adão foi uma exata duplicação do tipo de Deus!*”¹⁰

Herbert W. Armstrong, fundador da seita denominada Worldwide Church of God (“Igreja de Deus por Todo o Mundo”) fez coro com os sentimentos de Capps, ao asseverar:

Como Deus repetidamente tem revelado, seu propósito é reproduzir a si mesmo naquilo que pode vir a ser bilhões de pessoas divinas... Por que o Deus Criador pôs o *homem* na Terra? Com o propósito final e supremo de reproduzir-se, de recriar a si mesmo.¹¹

E isso não representa um caso isolado. Os termos “duplicata” e “duplicação” aparecem constantemente nos discursos dos mestres da Fé com respeito à humanidade (por exemplo, nos escritos de Avanzini), assim como os termos “reproduzir” e “reprodução” (Copeland e Cerullo).

Muito Radicais para os Mórmons

Os ensinamentos da Fé tornaram-se, ultimamente, tão blasfemos e bizarros que até adeptos de seitas reconhecidas os têm negado. Para exemplificar, o erudito e escritor mórmon Stephen E. Robinson, referindo-se aos mestres da Fé, disse:

Ora, de fato, os Santos dos Últimos Dias [isto é, a Igreja Mórmon] não concordam com a doutrina da deificação, conforme é entendida pela maioria desses evangelistas, pois na visão da SUD receberemos a plena herança divina somente por meio da expiação de Cristo e só após a gloriosa ressurreição.¹²

Robinson, pois, percebeu o absurdo da igreja cristã em criticar a doutrina mórmon de que os homens, algum dia, tornar-se-ão deuses, enquanto que, dentro dela própria, uma infinidade de mestres da Fé têm consistentemente proclamado que já são deuses. E deveras irônico que um erudito da seita mórmon possa achar a doutrina dos “pequenos deuses”, difundida pelo Movimento da Fé, pesada demais para sua dieta.

Seja como for, a doutrina dos “pequenos deuses” do Movimento da Fé é um exemplo clássico de como o ponto de vista bíblico acerca da espécie humana pode ser distorcido com frequência. Os mestres da Fé tomam a descrição escriturística do homem ter sido criado à imagem de Deus e a distorcem ao ponto duma aberração. Quando Kenneth Copeland proclama: “Você não tem um deus em seu interior, você é um deus”,¹³ e Benny Hinn

pronuncia: “Eu sou um ‘pequeno messias’ caminhando sobre a Terra”,¹⁴ só podemos concluir que estão ensinando uma inequívoca heresia.

Antes, porém, de examinarmos as distorções bíblicas que têm levado à doutrina de “pequenos deuses” do movimento da Fé, urge dar alguns importantes esclarecimentos.

Definindo os Termos

Antes de tudo, queremos ressaltar que a expressão “pequenos deuses” pode ser infeliz, mas não é herética em si mesma, desde que não seja usada para transmitir a idéia de que o homem é igual a Deus ou uma parte dele. A igreja Oriental Ortodoxa, por exemplo, ensina que os crentes são deificados no sentido que foram adotados como filhos de Deus, habitados pelo Espírito de Deus e trazidos à comunhão com Ele que, afinal, os leva à glorificação.¹⁵ Eles, entretanto, não ensinam que seres humanos falíveis sejam reproduções ou duplicatas exatas de Deus. Assim sendo, a doutrina por eles denominada de deificação, no sentido em que a empregam, é coerente com as Escrituras e consoante com uma visão global monoteísta.

A questão real está no sentido que se dá às palavras “pequenos deuses”. Os mestres da Fé deixam claro, pelo uso que fazem dessa expressão, sua intenção de promover um desvio direto do cristianismo ortodoxo ou, segundo colocam, “da igreja tradicional”.

E igualmente importante traçar uma clara distinção entre o conceito de divindade ensinado pelos cultos metafísicos - tais como o Novo Pensamento, a Ciência Cristã, a Escola da Unidade do Cristianismo, a Ciência Mental e a Ciência Religiosa - e a doutrina da deificação, como é ensinada pelo Movimento da Fé.

Os metafísicos não ensinam que somos “pequenos deuses percorrendo a face da Terra”, igual fazem mestres da Fé como Benny Hinn. Acreditam antes que um princípio impessoal ou substância, chamada de “Consciência de Cristo” ou “Mente Divina”, permeia a realidade, fazendo com que todas as coisas se tornem divinas.¹⁶ Em sua essência, a metafísica é uma estranha mescla de panteísmo (tudo é Deus) e panenteísmo (tudo faz parte de Deus). O Movimento da Fé e os cultos metafísicos são similares no sentido de que ambos proclamam a divindade do homem. Mas podem ser distinguidos

quanto à rejeição pelos mestres da Fé do conceito dum deus impessoal a permear a criação.

Finalmente, devemos esclarecer que a maior parte dos mestres da Fé, a exemplo dos mórmons, sustenta uma forma distinta de politeísmo. Pois, mesmo ensinando o conceito antibíblico de muitos deuses, conforme veremos adiante, eles limitam sua adoração a somente três (Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo). Portanto, é mais correto classificá-los como henoteístas em vez de politeístas.¹⁷

Voltemos agora nossa atenção para as distorções bíblicas que permitiram aos mestres da Fé tornar suas doutrinas aceitáveis para dezenas de milhares de pessoas desavisadas.

Uma Nova Distorção da Bíblia

Os mestres da Fé normalmente citam João 10.31-39 como prova de que as pessoas são, realmente, deuses em miniatura. Essa passagem encontra Jesus prestes a ser apedrejado, porque afirmou ser Deus. Ele responde a seus oponentes referindo-se ao Salmo 82.6. De modo inquestionavelmente irônico, pergunta-lhes: “Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses?” (v. 34). Diante disso os mestres da Fé exclamam: “Jesus assim disse, eu creio nisso, e isso resolve tudo — somos pequenos deuses!” Ou conforme o presidente da TBN, Paul Crouch, coloca a questão: “Eu sou um pequeno deus! Críticos, vão embora!”¹⁸

Antes, porém, duma rendição à doutrina dos “pequenos deuses” do Movimento da Fé, examinemos mais de perto a passagem do Antigo Testamento à qual Jesus se referia. Dar-se-ia o caso dos mestres da Fé estarem corretos em sua interpretação dessa passagem? Nesse caso os crentes devem uma apologia ao reino das seitas. Mas, como é natural, nenhuma apologia será necessária.

Devemos compreender que a noção de Jesus ter ensinado a doutrina dos “pequenos deuses” traria implicações devastadoras. Para os principiantes, significaria que Cristo estava confuso, visto que ensinara antes que só existe um Deus (Mc 12.29; cf. Dt 6.4). Implicaria dizer, igualmente, que a Bíblia é contraditória, pois noutras partes ela ensina a existência dum único Deus (cf. Is 43.10; 44.6). Finalmente, demonstraria que a serpente estava correta quando disse a Eva: “Sereis como Deus, sabendo o bem e o

mal” (Gn 3.5). Qualquer ensino dessa natureza nada é senão uma “doutrina de demônios”.

Portanto, por que razão, face a um possível apedrejamento (cf. Jo 10.31), Jesus teria se referido ao Salmo 82? Analisemos melhor a questão.

Um Exame Mais Acurado do Salmo 82

No Salmo 82, encontramos Deus presidindo um tribunal de poderosos. Ele estava sentenciando os juízes que, apesar da obrigação de defender os fracos, cobriam-se de parcialidade em favor dos ímpios. Numa linguagem clara o suficiente para não permitir mal-entendidos, ele ridiculariza os juízes humanos que tiveram a audácia de pensar que eram deuses. Em outras palavras, a mensagem de Deus é esta: “Então vocês pensam que são deuses, não é? Bem, a sepultura provará que são *meros homens*! Quando vocês morrerem, saberão para sempre a diferença entre eu mesmo e o mais poderoso dos mortais”.

Uma coisa é certa: qualquer interpretação literal do termo “deus”, em Salmos 82.6, não é suportada pelo contexto. É difícil perder de vista que essa passagem se inicia com uma forte denúncia das injustiças perpetradas pelos juízes de Israel (v. 2). Na qualidade de representantes de Deus - como deuses diante daqueles a quem haviam sido enviados, já que possuíam autoridade delegada (cf. Êx 4.15,16; 6.28-7.2) eles deveriam ser justos; mas, ao contrário, mostraram-se desonestos. Quão diferentes de Deus são os homens!

Deus declarou: “Eu disse: Vós sois deuses, e vós outros sois todos filhos do Altíssimo. Todavia, como homens morrereis e caireis como qualquer dos príncipes” (SI 82.6,7). Aqueles juízes, pois, não eram, em sentido algum diferentes de qualquer homem. Estavam sujeitos às mesmas fraquezas e debilidades e, na realidade, muito distantes de ser deuses - ainda que pequenos - em qualquer sentido literal.

Interpretar os juízes hebreus literalmente como “deuses” é admitir que a nação de Israel cria na existência de não apenas um único Deus. Mas conforme mencionamos antes, tais noções conflitam com o restante da revelação bíblica - o contexto - acerca de Deus e de seu povo.

Não Somos Filhos do Deus Altíssimo?

Antes de passarmos adiante, dediquemos um momento à análise da expressão “filhos do Altíssimo” (v. 6). Não é verdade que a prole toma a natureza de seus pais? (Conforme Earl Paulk colocou a questão: “Cães têm cachorrinhos e gatos têm gatinhos; assim, Deus tem pequenos deuses”.)¹⁹ E visto que somos “filhos” de Deus, conforme diz o versículo, não podemos nos chamar legitimamente de “pequenos deuses”, possuidores da natureza de nosso Pai?

Um lugar onde podemos submeter a teste essa hipótese é o livro de Jó. Em outras poucas porções das Escrituras, Deus procede a um discurso comparativo tão extenso dEle para com a humanidade. Ele passa quatro capítulos completos, no final do livro, demonstrando a Jó, com detalhes espantosos, a vasta diferença entre fracos homens e seu admirável Criador. Conforme Frederick Buechner declarou com tanta eloquência: “Deus não explica. Ele explode. Pergunta de Jó quem ele pensa que é, afinal. Tentar explicar as coisas que Jó queria entender seria como tentar explicar as teorias de Einstein a um pequeno mexilhão de casca grossa.”²⁰

Essa verdade também é um tema predominante no magnífico livro de Isaías. Um sem-número de passagens poderia ser citado; mas permita-me o leitor citar apenas este trecho: .

Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, e o meu servo, a quem escolhi; para que o saibas, e me creiais, e entendais que eu sou o mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há Salvador. Eu anunciei, e eu salvei, e eu o fiz ouvir, e deus estranho não houve entre vós, pois vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor; eu sou Deus. Ainda antes que houvesse dia, eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; operando eu, quem impedirá? (Is 43.10-13).

A despeito de todas as tentativas para esclarecer o que deveria ser naturalmente evidente para quem se coloca como o próprio “ungido de Deus”, os mestres da Fé persistem em propagar suas mortíferas fantasias. Numa conversa com Benny Hinn sobre o significado do Salmo 82, Paul Crouch põe aqueles que discordam deles em jugo com o diabo: “Portanto, aqueles que poderiam estar interessado em derrubar este ensino, querem que tenhamos um começo e um fim. Isto é de Satanás, não é mesmo?”

“Aqueles que pretendem derrubar-nos são um bando de retardados mentais!” replicou Hinn, ao que Crouch exultou: “Glória a Deus, glória a Deus!”²¹

Mas se querem tomar literalmente as palavras de Jesus, quando este declara ironicamente que os homens são deuses, por que não o tomam literalmente quando chama os fariseus de “serpentes”? (Mt 23.33). Como é patente, nem mesmo os homens malignos são, literalmente, serpentes - e certamente não são pequenos deuses!

Embora sejamos “filhos” do Altíssimo, não o somos por natureza, e, sim, por adoção (cf. Gl 4.5-8). Somente Cristo possui a natureza de Deus. Ele é o único Filho de Deus gerado, ímpar, da mesma espécie - no grego, *mono genes*, uma geração ou uma natureza (Jo 1.14; cf. Hb 1.5; SI 2.7). Só Jesus Cristo é verdadeiramente Deus por natureza (Fp 2.6; cf. Jo 1.1; Gl 4.8).

Em Busca dos Pequenos Deuses

Pode ser útil salientar que o capítulo 10 do evangelho de João e o Salmo 82 não são os únicos lugares das Escrituras em que os homens são chamados de deuses. Moisés, por exemplo, deveria atuar como um juiz piedoso, sobre Faraó, em Êxodo 4.16. Em adição, os juízes de Israel eram chamados *elohim*, ou deuses, conforme se vê nos capítulos 21 e 22 do livro de Êxodo, porque tinham o poder de vida e morte sobre os homens. Mas o contexto imediato e mais amplo das Escrituras deixam claro que nem Moisés e nem os juízes de Israel eram deuses por natureza.

Satanás também é referido como um “deus” em 2 Coríntios 4.4. Mas por certo ninguém supõe que isso significa ser Satanás uma exata duplicata de Deus.

No entanto, apesar do claro ensino das Escrituras, os mestres da Fé continuam a esposar sua doutrina dos “pequenos deuses”. Na realidade, regularmente distorcem outro texto, numa tentativa fútil de encontrar apoio à deidade dos seres humanos.

Pervertendo Pedro

Pedindo que os não-iniciados abram a Bíblia em 2 Pedro 1.4, os mestres da Fé dizem que ao apóstolo Pedro, sob a inspiração do Espírito Santo, esposa ali sua doutrina de “pequenos deuses”.

De acordo com Copeland, a questão é a seguinte: “Ora, Pedro disse que mediante grandíssimas e preciosas promessas tornamo-nos participantes da natureza divina. Muito bem, somos deuses? Somos uma classe de deuses!”²²

Os versículos que se seguem (5-11), porém, mostram que Pedro não estava dizendo que os cristãos se tornam Deus ou deuses, mas antes, que eles passam por uma transformação moral de sua natureza, duma que emula as corrupções do mundo (v. 4) para uma natureza que reflete o caráter de Deus (vv. 5-11). Sob hipótese nenhuma esse texto pode ser distorcido para significar que os crentes realmente assumem a essência ou natureza de Deus. Apesar do homem redimido poder refletir — aliás, ele deve — os atributos morais de Deus, de modo algum se qualifica como uma duplicata exata de Deus.

Os mestres da Fé certamente sabem que logo o primeiro livro da Bíblia põe abaixo o mito de que meros homens sejam duplicatas exatas do Criador. Não obstante, perpetuam suas teorias blasfemas, espalhando-as pela televisão, por meio de fitas ou livros.

Se tal doutrina constituísse uma verdade, pode você imaginar o que teria acontecido quando Satanás tentou seduzir Eva? Imagine a cena, quando Satanás se insinuava para a companheira de Adão:

Coma a fruta, doce criatura, e você tornar-se-á uma deusa! Eva, perplexa, responde: Tornar-me? Tornar-me ? Ora, o que você pensa que sou agora ? Sou uma pequena deusa! Vá-se embora, Satanás!

Somente quando a fábula da Fé é conduzida à sua conclusão ilógica podemos captar as dimensões totais de quão falhas e fantasiosas são realmente. Nunca, nas Escrituras, o homem é declarado uma duplicata exata de Deus.

Confundindo o Livro de Gênesis

Como se não bastasse perverterem o Salmo 82 e distorcer 2 Pedro 1.4, os mestres da Fé abusam de Gênesis 1.26,27, numa tentativa patética de colocar a humanidade em pé de igualdade com Deus.

Em Gênesis 1.26 Deus diz: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...” Mas Charles Capps e Jerry Savelle

sugeriram que a palavra hebraica para “semelhança” (*demuth*) significa, literalmente, “uma duplicação do tipo exato”.²³

Isso, porém, nada mais é que um erro crasso. Ironicamente, a própria palavra de que os mestres da Fé se valem para justificar sua doutrina dos “pequenos deuses”, refuta esse ensino errôneo. Os eruditos do hebraico salientam que a palavra “semelhança” (no hebraico, *demuth*) “define e limita” a outra palavra traduzida como “imagem” (*tselem*), em Gênesis 1.26,27, “para evitar a implicação que o homem seja uma cópia precisa de Deus, embora em miniatura”.²⁴

A palavra hebraica para “semelhança” indica apenas similaridade, e não identidade.²⁵ A asserção de que somos *exatas duplicatas* de Deus não somente é enganadora, mas destrói toda distinção entre Criador e criatura. E também fica claro, no contexto mais amplo das Escrituras, que os seres humanos não possuem a *natureza divina*.

Em primeiro lugar, se somos duplicatas exatas de Deus - e nós somos homens - então Deus deve também ser um homem. Mas a Bíblia declara enfaticamente que *Deus não é homem* (Nm 23.19; 1 Sm 15.29; Os 11.9).

Em segundo lugar, o próprio Deus com freqüência faz declarações de incomparabilidade. Como poderia haver duplicatas exatas de Deus se, conforme Ele mesmo declara em Êxodo 9.14 (ARA), “não há quem me seja semelhante em toda a terra”?

Por fim, embora tenhamos sido criados à imagem de Deus, não possuímos qualquer dos atributos intransferíveis ou incommunicáveis de Deus — tais como auto-existência, imutabilidade, eternidade, onipotência, onisciência, onipresença e soberania absoluta. Deus é eterno (SI 90.2); o homem foi *criado num ponto do tempo* (Gn 1.26-31; cf. Jó 3; 38.4,21) e tem apenas uma breve existência sobre a Terra (Jó 7).²⁶ Deus tem a *vida em si mesmo* (Jo 5.26); o homem *depende de Deus* para sustentá-lo (At 17.28). Deus é *Todo-poderoso* (Jó 42.2);²⁷ o homem é *fraco* (1 Co 1.25).²⁸ Deus *conhece tudo* (Is 40.13,14; SI 147.5); o homem é *limitado no conhecimento* (Is 55.8,9).²⁹ Deus *acha-se presente em todos os lugares* (Jr 23.23,24);³⁰ os seres humanos estão confinados a *um único espaço por vez* (SI 139.1-12).³¹

Longe de ser uma *reprodução* de Deus, a espécie humana é mais corretamente retratada como um reflexo de Deus. O fato que os seres

humanos foram criados à imagem de Deus significa tão-somente que compartilham, de maneira finita e imperfeita, dos *atributos comunicáveis* de Deus, entre os quais, *personalidade* e *espiritualidade* (Jo 4.24); *racionalidade*, incluindo conhecimento e sabedoria (Cl 3.10); *moralidade*, incluindo bondade, santidade, justiça, amor, retidão e misericórdia (Ef 4.24ss).

Esses atributos, por sua vez, capacitam-nos a fruir comunhão com Deus e desenvolver relacionamentos pessoais uns com os outros. E também nos equipam para “cumprir a vontade de Deus... que o homem governe e cuide da criação de maneira tal que possa realizar todo seu potencial”.³² O teólogo Millard Erickson sumariou muito bem o tema quando escreveu que “a imagem de Deus na humanidade envolve aquelas qualidades de Deus que, *refletidas* no homem, possibilitam a adoração, a interação pessoal e o trabalho conjunto”.³³

O Dilema do Domínio

Devemos observar, nessa conjuntura, que o livro de Gênesis nunca retrata o homem como alguma espécie de soberano autônomo, e, sim, como um mordomo encarregado de cuidar da criação de Deus. A delegação, tal como a entendemos em nossa cultura, deixa inequivocamente claro que apesar de Deus ter conferido à humanidade um domínio relativo sobre a criação terrestre (cf. Gn 1.26,28), os seres humanos continuam sendo meros mortais, responsáveis pelo cuidado de tudo quanto Deus lhes confiou.

Mas os mestres da Fé substituem o ponto de vista bíblico do domínio, onde o homem assume a posição de autoridade delegada, pelo conceito antibíblico de deificação, onde homem é senhor e dono de tudo o que lhe cerca. Benny Hinn toma-se particularmente absurdo nesse aspecto, chegando a assumir ares de especialista quanto ao sentido hebraico da palavra domínio. De acordo com Hinn:

Adão era um superser quando Deus o criou. Não sei se as pessoas sabem disso, mas ele foi o primeiro super-homem que realmente viveu. Em primeiro lugar, as Escrituras declaram nitidamente que ele deveria ter domínio sobre as aves do ar, sobre os peixes do mar - o que significa que costumava voar. Naturalmente, como poderia ter domínio sobre as aves, sem ser capaz de fazer o que elas fazem? A palavra “domínio”, no hebraico, declara nitidamente que, se você tem

domínio sobre um sujeito, pode fazer tudo que ele faz. Em outras palavras, se esse sujeito fizer algo que você não pode fazer, então você não terá domínio sobre ele. E estenderei essa prova ainda mais além. Adão não somente voava, mas alcançava o espaço. Bastava-lhe um pensamento para chegar à lua.³⁴

Na verdade, desde que Brigham Young, dos mórmons, reivindicou que o sol era habitado,³⁵ eu não ouvia exegese bíblica tão bizarra. Se levássemos o comentário de Hinn à conclusão a que faz jus, Adão não somente seria capaz de voar como um pássaro, mas também poderia tecer teias como uma aranha, hibernar como um urso e sintetizar a luz como um vègetal!

A compreensão de Hinn quanto ao conceito de domínio é grosseiramente equivocada. A palavra traduzida por “ter domínio” (*radah*, Gn 1.26-28), traz consigo o sentido de governar e reinar.³⁶ Contra o ponto de vista de Hinn, *governar* ou *reinar* (ter domínio sobre alguma pessoa ou coisa) não significa que o governante possui as habilidades ímpares de seus sujeitos. Por exemplo, pelo simples fato de um treinador de leões exercer domínio sobre um leão não significa que possa fazer tudo quanto o felino faz. O que conta é que o treinador exerce controle (isto é, domínio) sobre o leão, de tal modo que pode valer-se do poder e das capacidades do animal.

O fato é que a Bíblia em parte alguma ensina ou confirma a doutrina dos “pequenos deuses”. Deus é infinita e eternamente exaltado acima da humanidade. E o cúmulo da arrogância pensar que os seres humanos podem ao menos se equiparar a Deus em sua espantosa santidade e majestade. Não obstante, é isso que os proponentes da teologia da Fé estão ansiosos por fazer.

10

Rebaixamento de Deus

Uma coisa é deificar o homem; outra, muito diferente, é rebaixar Deus. É precisamente isso que os mestres da Fé têm feito. O Deus do Movimento da Fé é pouco mais do que um pequeno adorno no contrapé da criação — um gênio esperando que esfreguemos a lâmpada de Aladim da fé. A triste verdade é que eles têm imaginado o homem segundo a imagem de Deus e Deus segundo a imagem do homem.

Um Guarda-Costas Corpulento

Kenneth Copeland assevera que Deus não é “uma criatura de quase 10 metros de altura com mãos, você sabe, grandes como bolas de basquete. Ele não é uma criatura desse tipo... Embora sobrenatural, ele é um ser cuja aparência é muito parecida com a sua e a minha. Ele tem uma altura aproximada entre 1,88 e 1,90 metro, pesa mais ou menos 90 quilos e o palmo de sua mão é de 23 centímetros”.¹

De onde Copeland tirou essa idéia monstruosa? A resposta é que ele deturpa as palavras do profeta Isaías. Quando Isaías, ao usar uma simples figura de linguagem, disse que Deus “tomou a medida dos céus aos palmos” (40.12), Copeland tomou uma régua, mediu o palmo de sua mão e descobriu que era de cerca de 22 centímetros. Daí, especulou que a mão de Deus deveria ser um centímetro maior que a sua!

Mas Copeland deveria saber que o trecho de Isaías 40.12 não pode ser interpretado literalmente, sob pena de ficar reduzido a um absurdo: Deus não somente possuiria as partes dum corpo, mas estaria segurando um balde cheio de pó e pesando os montes e outeiros numa gigantesca balança.

Colegas do Peito

Copeland não é o único mestre da Fé que arranca Isaías 40.12 de seu contexto. Jerry Savelle elabora o ensino de seu mentor quando assevera:

Deus não mede mais de 100 metros de altura, não pesa duas toneladas, nem seu braço dá volta ao redor deste salão. Ele é grande, mas não é um monstro. Ele mediu os céus com um palmo de 23 centímetros... A distância entre meu polegar e o dedo mínimo não tem exatamente 23 centímetros. Portanto, sei que Ele é maior do que eu, graças a Deus. Amém? Mas Ele não é uma coisa monstruosa, incapaz de passar por aquela porta ali, vocês sabem; quando Ele se senta, não ocupa todos

os assentos na casa. Não sirvo ao Globo. Sirvo a Deus, e fui criado segundo sua imagem e semelhança.²

Savelle parece ter-se esquecido inteiramente que Isaías estava usando uma linguagem figurada (cf. vv. 2,57,10,11,22,24) para transmitir a suprema majestade e a grandeza de nosso Deus (vv. 18,25,26,28,29). Em lugar de reduzir Deus às dimensões humanas, o profeta se esforçou muito para sublinhar a diferença entre o Criador e sua criação.

Morris Cerullo, à semelhança de Copeland e Savelle, também reduz Deus à estatura dum homem. Em lugar de buscar textos de prova, entretanto, ele faz uma abordagem mais direta. Aludindo a uma de suas experiências fora do corpo, disse:

Enquanto eu jazia ali no soalho, naquela condição, meu espírito foi tirado do corpo e a próxima coisa de que me dei conta é que estava no céu... De súbito, diante daquela tremenda multidão de gente, apareceu a glória de Deus. A forma que vi tinha mais ou menos a altura dum homem de 1,83 metro, talvez um pouco mais, e o dobro da largura dum corpo humano, sem feições distintas como olhos, nariz ou boca.³

Benny Hinn leva essa história a um extremo ainda mais fantasioso. Ele não somente viu Deus na imagem dum homem, mas reivindicou saber o que Deus estava vestindo: “Pude vê-lo quase sem distorções, e poderia dizer o que ele estava usando”. Jan Crouch, aturdida pela declaração de Hinn, perguntou-lhe: “Seria o Espírito Santo?” Cômico de que poderia arrumar dificuldades, ele respondeu resolutamente: “Sim”.⁴

Hinn também abraça uma heresia conhecida como triteísmo - a falsa crença na existência de três deuses. Num sermão levado ao ar para uma audiência potencial de milhões, Hinn declarou que recebera uma suposta “revelação”, cujo conteúdo é o seguinte:

Homem, sinto uma revelação vindo até aqui onde estou. Ergam as mãos. Algo de novo vai acontecer aqui hoje. Eu sentia isso enquanto me encaminhava para cá. Espírito Santo, assumo o controle, no nome de Jesus... Deus Pai, senhoras e senhores, é uma pessoa; e Ele é um ser trino por si mesmo, separado do Filho e do Espírito Santo. Digam, o que vocês disseram? Ouçam, ouçam, ouçam. Vejam, Deus Pai é uma pessoa, Deus Filho é uma pessoa e Deus Espírito Santo é uma pessoa.

Mas cada um deles é ser trino por si mesmo. Se é que posso chocá-los - e talvez devesse - há nove deles. Humm, o que foi que vocês disseram? Deixem-me explicar: Deus Pai, senhoras e senhores, é uma pessoa com seu próprio espírito pessoal, com sua própria alma pessoal, e com seu próprio corpo espiritual. Vocês dizem, humm, eu nunca ouvi falar nisso. Bem, vocês pensam que estão nesta igreja para ouvir as mesmas coisas que ouviram pelos últimos 50 anos? Vocês não podem argumentar com a Palavra, podem? Está tudo na Palavra.⁵

Quando interrogado pela *Christianity Today* (“Cristianismo Hoje”) acerca dessa declaração herética, Hinn replicou: “Aquele foi um discurso muito atrapalhado... Na semana seguinte eu confessei à minha igreja que ele estava errado”.⁶

Fico feliz com o fato de Hinn admitir que sua declaração fora em tudo equivocada. Mas isso cria um sério dilema: ele afirmou explicitamente que fora uma revelação de Deus. Assim, de acordo com Hinn, Deus teria feito uma afirmação muito atrapalhada.

Mais à frente no interrogatório, Hinn reconheceu que Deus nada tinha a ver com a revelação que lhe fora atribuída. Antes, conforme veio a explicar, tratava-se de algo que lera nalgum lugar.⁷

Depois de ser apanhado com a mão na botija, poderíamos até esperar que Hinn se desfizesse dessa distorcida declaração, abolindo-a duma vez por todas de seu repertório. Porém, ao invés disso, dois anos após sua “revelação” inicial, Hinn mais uma vez retorna à (mal)dita declaração. Eis como coloca a questão: “Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo - três indivíduos separados, um em essência, um em operação - e, posso adicionar, cada um deles possui seu próprio corpo espiritual. Você não gosta disso?”⁸

Não, eu não gosto dessa declaração porque ela contradiz o ensino claro da Bíblia. A assertiva de que cada membro da Trindade tem seu próprio e distinto corpo espiritual subentende que existam três seres separados e distintos - em outras palavras, três deuses. Essa visão antibíblica (o triteísmo) corre contrário a tudo quanto as Escrituras ensinam — que há um só Deus, revelado em três pessoas.⁹

Verdade ou Embuste?

Nesta altura, você pode sentir-se tentado a dizer: “Hinn, Copeland e companhia dizem coisas um tanto bizarras, mas não façamos tempestade em copo d’água. Afinal de contas, todos nós temos nossas próprias heresias. Deixemos que o Senhor separe o joio do trigo quando chegar a hora”.

Esse discurso soa muito tolerante, não é mesmo? Mas lembre-se que embora seja considerada uma virtude nas relações pessoais, a tolerância, quando a verdade é que está em jogo, toma-se um embuste. Nesse caso, quem crê num deus forjado à imagem do homem não pode crer no Deus das Escrituras.¹⁰

Toda doutrina que reduz Deus à condição humana destrói um ponto essencial da fé cristã histórica. Nenhum crente deveria simplesmente olhar noutra direção e fingir que não se importa. Permitindo que o ensino sobre a natureza de Deus seja tão distorcido pelo Movimento da Fé, não há como negar que já nos desviamos da fé cristã, encaminhando-nos para o reino das seitas. A realidade é que o deus do Movimento da Fé não é o verdadeiro. De fato, é um deus até mais impotente que o do mormonismo.

Se você acha essa assertiva incrível, considere os dizeres trágicos de Kenneth Copeland:

Fiquei chocado quando descobri quem são os maiores fracassos da Bíblia realmente... O maior deles, em toda a Bíblia, é Deus... Ora, a razão pela qual você não pensa em Deus como o fracasso que Ele é, decorre do fato de que ele nunca se declarou como tal. E você não é um fracasso enquanto não diz que é.¹¹

Acrescentando insulto à injúria, afiança:

Adão cometeu alta traição; e, naquele ponto, todo domínio e autoridade que Deus lhe concedera foram entregues a Satanás. De súbito, Deus estava do lado de fora olhando para dentro...

Após sua queda, Deus achou-se numa posição peculiar... precisava dum canal para voltar à Terra... Assim, lançou sua proposta e Abraão a aceitou. Isso, ao mesmo tempo em que deu a Deus acesso à Terra, deu ao homem acesso a Deus... Tecnicamente, se Deus tivesse chegado a quebrar o pacto, teria de destruir a si mesmo.¹²

A deidade da teologia da Fé tem pouquíssima semelhança com a divindade bíblica. No momento em que a Deus são atribuídas qualidades físicas, como altura e peso, ele, por definição, não é mais o Deus das Escrituras. Conforme disse o próprio Jesus, Deus é espírito (Jo 4.24; cf. Dt 4.12).

Ora, afirmar que Deus é um fracasso é pôr em dúvida a própria reivindicação divina de onipotência. Se Deus é Todo-poderoso, alguma circunstância pode estar fora de seu controle? Será possível frustrar-lhe a vontade soberana? Como não poderia deixar de ser, a resposta é um retumbante NÃO! Coisa alguma é difícil demais ao Deus de toda a criação (Jr 32.17,27), para quem tudo é possível (Mt 19.26).

Nabucodonosor descobriu isso pela via mais difícil. Ele ousou exaltar-se ao nível de Deus e foi submetido a uma dieta de capim durante sete anos. Mas parece que, pelo menos, aprendeu a lição. Eis o que tinha a dizer, após sete anos na companhia das vacas:

...e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é um domínio sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. E todos os moradores da terra são reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa estorvar a sua mão, e lhe diga: Que fazes? (Dn 4.34,35).

Deus não pode falhar, não falhou e nem jamais falhará. Ele não precisa negociar com uma ou outra criatura sua a fim de obter acesso à sua própria criação. Tal idéia é absurda e nega o poder indescritível de Deus.

Outrossim, o pensamento equivocado de que Deus perdeu o controle implica dizer que ele foi pego fora de guarda, que se descuidou quanto a algum fator vital, em consequência do que veio a ser ejetado do próprio assento de piloto.

Mas tal coisa não pode acontecer ao Deus das Escrituras. Nosso Deus é onisciente (SI 147.5; Rm 11.33; Hb 4.13) e coisa alguma é capaz de surpreendê-lo (Is 42.9). O deus de Copeland bem pode ser um fracasso, pois depende da beneficência de sua criação, mas é um deus puramente imaginário. O Deus das Escrituras, ao contrário, é autoexistente,

transcendente e invencível; e seu conhecimento é verdadeiramente perfeito (Jó 37.16).

Que tipo de deus não pode nem ao menos manter o controle sobre uma situação mutável como a nossa? Como poderia ser apanhado de surpresa e perder o controle da própria criação? Que tipo de deidade pode ser expulsa do universo que ela própria criou, tornando-se dependente de meras criaturas para reaver o acesso? Pode um ser desses equiparar-se ao Deus da Bíblia, cujo domínio é eterno, cujo Reino perdura de geração a geração, que faz segundo quer tanto com os poderes dos céus como com os povos da Terra, e cuja mão ninguém pode estorvar de executar a sua soberana vontade? Não há base para comparação. O chamado deus do Movimento da Fé pode parecer-se com os mestres da Fé, mas não tem aparência nenhuma com o Deus da Bíblia.

11

Endeusamento Satânico

Até este ponto temos salientado que o Movimento da Fé não somente deifica o homem, mas também rebaixa Deus. Agora, voltaremos o olhar para uma nova linha de distorção doutrinária, analisando o ensino da Fé sobre a deificação de Satanás.

Segundo a teologia da Fé, Satanás deu o maior golpe de mestre de todos os tempos quando, no jardim do Éden, instigou Adão para que cometesse traição cósmica. Pelo preço de uma maçã, Adão e Eva venderam sua condição divina a Satanás.

Não somente Adão e Eva perderam sua natureza de deuses, mas também lhes foi infundida a própria natureza de Satanás. Num instante de cegueira, o primeiro homem e a primeira mulher foram transformados do divino para o demoníaco e Satanás tornou-se o deus deste mundo.

Naquele momento fatal, Adão e Eva ficaram barrados de entrar no jardim do Éden, Deus foi banido da Terra, e Satanás adquiriu direitos legais sobre todo o planeta e seus habitantes.

Dualismo Pernicioso

Essa mitologia da Fé apresenta-nos uma forma implícita de dualismo: duas forças combatendo-se, em busca do controle universal, e nunca se sabe quem, afinal, vai vencer. Se Deus não tivesse pego Satanás numa tecnicidade, Jesus estaria condenado, os seres humanos perdidos eternamente e Satanás teria conquistado o Universo! De fato, conforme já vimos no capítulo anterior, às condições estiveram tão críticas que Deus teve de enfrentar a possibilidade de ter que “destruir a si mesmo”.

C. S. Lewis descreve esse tipo de dualismo como “a crença de que existem dois poderes iguais e independentes, por detrás de todas as coisas, um bom e outro mau, e que este universo é o campo de batalha onde essas duas forças combatem uma guerra interminável”.¹

Esta seria uma excelente descrição do que se ensina atualmente nos círculos da Fé, salvo uma distorção a mais: o poder por trás de ambas as forças - Deus e Satanás - é ativado pelas palavras que os seres humanos pronunciam. Conforme Copeland articulou, a noção é a seguinte: “O temor ativa Satanás da mesma maneira que a fé ativa Deus”.²

Embora esse conceito seja inteiramente estranho às Escrituras, o mesmo é facilmente achado nas religiões pagãs. Apesar dos mestres da Fé não serem tão descaradamente dualistas como os zoroastristas e os antigos gnósticos, não deixam de ensinar que Deus e Satanás, falando em termos de posição, são adversários iguais.

Chega a ser difícil exagerar em qualquer previsão das horrorosas implicações dessa concepção transreligiosa. Sendo abraçada, ela destruirá para sempre a visão bíblica de Deus, o qual não somente é onisciente, onipotente, autoexistente, transcendente, eterno, incompreensível, invisível, imutável, infinito, perfeito em sabedoria e santo, mas também é o soberano que estabelece todas as coisas segundo o conselho de sua vontade (Ef 1.11).

Divino, Demoníaco ou Distintamente Humano ?

Particularmente estranho na teologia da Fé é que o homem seja retratado como ou divino ou demoníaco. De uma perspectiva prática, não há na teologia da Fé coisa como uma natureza humana distinta. Benny Hinn deixou isso claro numa mensagem lançada ao ar para o mundo inteiro pela rede TBN:

Deus veio do céu, tornou-se homem, fez os homens pequenos deuses e voltou para o céu como homem. Ele enfrenta o Pai como um homem. Eu'enfrento os demônios como o filho de Deus... Parem com essa insensatez! Que mais são vocês? Se disserem, eu sou, estarão dizendo que são parte dele, certo? Ele é Deus? Vocês são prole dele? Vocês são filhos dele? Vocês não podem ser humanos! Vocês não podem! Não podem! Deus não deu à luz a carne... Vocês dizem: "Bem, isso é heresia". Não, o cérebro louco de vocês é que diz tratar-se duma heresia.³

Por incrível que pareça, Hinn iniciou seu sermão dizendo: "Vou ser conduzido pelo Espírito Santo no dia de hoje".⁴ Mas o Espírito Santo não poderia estar falando por ele, porquanto não há a menor evidência bíblica de que o homem seja qualquer outra coisa além de distintamente humano. Os seres humanos não têm a natureza dum anjo caído e, como já vimos no último capítulo, com toda certeza não são pequenos deuses.

A queda de Adão numa vida de pecado, culminando com sua morte, não transformou sua natureza de divina para demoníaca, antes a maculou.

Mesmo após a queda no pecado, a Bíblia refere-se ao homem como um ser à imagem de Deus (Gn 9.6; 1 Co 11.7; Tg 3.9). Em consequência da queda no pecado, a natureza humana ficou danificada e distorcida, mas definitivamente não foi destruída.

Tomando por empréstimo a analogia de Calvino, a imagem de Deus foi despedaçada dentro do homem, mas à semelhança dos reflexos do rosto numa pessoa num espelho quebrado, ainda podem ser vistas imagens distorcidas da glória de Deus dentro do homem caído. Contudo, a despeito da imagem de Deus (*imago Dei*) no homem fazê-lo refletir traços que lembram a divindade, ela não o transforma num deus.

Deus Está do Lado de Fora

Os mestres da Fé persistem ainda em fazer tanto Deus quanto Satanás subservientes ao homem, na guerra que travam pelo mundo. Na sua visão mitológica do mundo, o homem foi diretamente responsável por fazer de Deus o mais colossal fracasso já visto. Quanto a isso, lembre-se da afirmação de Kenneth Copeland de que Deus é o maior fracasso de todos os tempos.⁵ É quase além da compreensão que, para obter aplausos de crentes regenerados, os chamados líderes cristãos estejam rebaixando Deus a um estado desse. Copeland dispõe-se até mesmo a dar a posse da Terra a Satanás:

Deus está do lado de fora, olhando para dentro. Ele não tem direito legal de entrar na Terra. A coisa não lhe pertence. Lembra-se quão atrevido o diabo se mostrou na presença de Deus, no livro de Jó? Deus lhe disse: Por onde tens andado? *Aquilo não interessava a Deus*. Satanás nem teria de responder, se não quisesse... Deus não discutiu com ele *nem um pouquinho*! Como se vê, esta é a posição que cabe a Deus. Poderíamos dizer: “Bem, se Deus está dirigindo as coisas, Ele está fazendo um trabalho péssimo”. Ele não tem dirigido o mundo, senão quando consegue, você sabe, um pouco de chance.⁶

Não consigo entender quanta blasfêmia continuará sendo tolerada pela comunidade cristã. A Bíblia em parte alguma deifica Satanás. Longe de possuir um poder soberano, Satanás não passa duma criatura (cf. SI 148.2,5; Cl 1.16). É um anjo - não um deus - e, ainda por cima, um anjo caído. A diferença entre Deus e Satanás é análoga à diferença entre o oleiro e seu vaso (cf. Is 29.16; 45.9; 64.8; Jr 18.6). Satanás pode ser descrito como o príncipe deste (e não do) mundo (Jo 16.11; 2 Co 4.4), mas a ortodoxia cristã sempre

afirmou que Satanás é uma criatura, sujeita à vontade do Criador supremo (Sf 103.20,21).

Se Deus não tinha direito legal de intervir num mundo que, supostamente, passara para o domínio de Satanás, como poderia ter banido Adão e Eva do jardim do Éden e mais tarde destruir o mundo pelo dilúvio? E como teria a audácia de afirmar que “meu é todo animal da selva e as alimárias sobre milhares de montanhas. Conheço todas as aves dos montes; e minhas são todas as feras do campo... pois meu é o mundo e a sua plenitude”? (SI 50.10-12). Se tivermos de levar a sério o que dizem os mestres da Fé, só nos resta concluir que Deus tem se dado a proclamações que, além de ousadas, são em tudo vazias.

Toda a idéia de Satanás exercer domínio mundial está alicerçada na crença de que fora dado à humanidade o controle da Terra, então transferido ao diabo. Porém, conforme já vimos, isso é simplesmente uma inverdade. Os seres humanos receberam somente a incumbência de cuidar da Terra, nunca um título de propriedade. Tudo pertence a Deus:

Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam (SI 24.1).

Assim, mesmo que seguissemos as regras da teologia da Fé, Satanás jamais poderia se tornar o proprietário legal da Terra pela simples razão de que Adão, alegadamente aquele que passou o domínio a Satanás, nunca foi proprietário deste planeta.

O Supremo Tribunal do Universo

É espantoso ver quão voluvelmente os mestres da Fé reduzem Deus a um fracasso e fazem de Satanás um soberano. Atualmente, percorrendo as livrarias evangélicas, é possível encontrar uma boa variedade de livros que fazem Deus ter de prestar contas “ao Supremo Tribunal do Universo”. Eis aqui um exemplo, extraído do livro de Charles Capps, *Authority in Three Worlds* (“Autoridade em Três Mundos”):

Adão possuía conhecimento que lhe fora revelado da parte de Deus, o Pai. Mas, rendendo-se a Satanás, Adão fechou Deus do lado de fora. Deus, quando viu, estava lá fora, olhando para dentro. Seu homem, Adão, dera cabo de sua autoridade. Satanás tornara-se o deus do sistema mundial, obtendo ascendência na Terra, conquistando a

autoridade de Adão... e Deus foi deixado do lado de fora. Mesmo em seu poder divino ele não podia vir aqui e expulsá-los. Assim, teve de se mover numa área *declarada legal* pelo *Supremo Tribunal do Universo*.⁷

Medite nisso: “Deus não podia”! Encontramos aqui Adão assumindo a natureza de Satanás, Satanás assumindo a natureza de Deus, e Deus sendo banido de seu próprio Universo! As palavras “Deus não podia”, em si mesmas, são suficientes para nos deixar horrorizados. Só falta saber quem é que se assenta no céu, no chamado Supremo Tribunal do Universo...

A idéia de que Deus responde perante um concílio judicial é extremamente ridícula. A justiça é um reflexo da natureza de Deus (Ed 9.15; SI 119.137; 145.17; Jr 12.1; Dn 9.14). Ele deleita-se em exercer bondade, justiça e retidão (cf. Jr 9.24). Se Deus tivesse de responder à comissão cósmica imaginada por Capps, em nenhuma hipótese seria Deus de fato.

O Deus das Escrituras é o Juiz final do Universo (Gn 18.25; SI 96.13; Ec 3.17; Hb 12.23; 2 Tm 4.1); o deus de Charles Capps é apenas uma personagem fictícia, de sua imaginação.

É incrível que Kenneth Copeland consiga diminuir ainda mais a pessoa de Deus. Numa fita gravada, intitulada *What Happened from the Cross to the Throne* (“O Que Aconteceu da Cruz ao Trono”), insiste:

A Bíblia diz que Deus deu esta Terra aos filhos dos homens... e quando [Adão] passou esse domínio a Satanás veja onde Deus foi parar. Ficou do lado de fora, olhando para o lado de dentro... Não tinha mais qualquer direito de fazer algo a respeito, não é verdade?... Senão teria se introduzido ilegalmente na Terra - o que Satanás tinha todo interesse que Deus fizesse a fim de derrubá-lo. Induzindo Deus a um ato ilegal, apagaria definitivamente a luz de Deus, subordinando-o a si mesmo... Ele tencionou fazer Deus cair nessa armadilha da qual jamais poderia sair.⁸

Sugerir que Deus não tinha direitos legais, que Satanás poderia “apagar a luz de Deus” e que há um Tribunal Supremo do Universo, perante o qual Deus responde, é promover a mais extrema forma de heresia. Se os mestres da Fé não se arrependem de declarações tão blasfemas enquanto estiverem aqui, um dia haverão de responder diante da Suprema Autoridade

do Universo (cf. Mt 7.2123; Tg 3.1). E o julgamento não será pronunciado por nenhum tribunal de natureza mitológica, mas pelo Deus auto-existente, transcendente, Todo-poderoso que conduz todas as coisas “segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1.5).

12

Diminuição de Cristo

Quase todos os cultos e religiões mundiais comprometem a deidade de Cristo, e o movimento da Fé não constitui exceção.

Até agora vimos que os mestres da Fé recriam o homem à imagem de Deus, rebaixam Deus à condição humana, e deificam Satanás como se fora um deus. Daqui em diante nós os veremos rebaixarem Cristo ao nível dum mortal qualquer. Considere o leitor esta inacreditável declaração, feita por Kenneth Copeland:

[Adão] era a cópia, parecendo-se exatamente com [Deus]. Se você pusesse Adão ao lado de Deus, veria que um e outro são exatamente iguais. E se pusesse Jesus lado a lado com Adão, eles se pareceriam e soariam precisamente idênticos.¹

Aqui temos um eminente mestre da Fé que não reconhece qualquer diferença ou distinção entre Deus e o homem. Mas a coisa não para nesse ponto. Ouça o que Cristo supostamente disse a Copeland, na seguinte profecia:

Não se perturbe quando o desprezarem e falarem dura e severamente contra você. Eles falaram dessa maneira comigo, e não deveriam falar com você? Eles me crucificaram por ter reivindicado ser Deus. Mas eu não reivindiquei ser Deus; apenas disse que andava com Ele e que Ele estava em mim. Aleluia!²

Ao ser interrogado a respeito dessa blasfêmia, Copeland replicou: “Eu não disse que Jesus não era Deus. Disse apenas que Ele [Jesus] não reivindicou ser Deus quando esteve nesta Terra. Busquem os evangelhos por vocês mesmos. Se o fizerem, verão a verdade do que digo”.³

Buscando os Evangelhos

Se os seguidores de Copeland seguissem a sugestão de rebuscar os evangelhos, descobririam quão errado está. Para começar, consideremos o evangelho de João. Em João 10.30, Jesus asseverou: “Eu e o Pai somos um”. Os leitores modernos poderão não captar o significado dessa afirmativa, mas os judeus antigos certamente não tiveram dúvidas. Sabiam exatamente o que Jesus queria dizer; nem esperaram por maiores esclarecimentos. Imediatamente ajuntaram pedras e denunciaram Jesus por blasfêmia, porquanto disseram: “Porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo” (Jo 10.33). Jesus proclamou-se mesmo Deus; mas Copeland, à semelhança dos judeus que pretenderam apedrejá-lo, proclama-o um *mero homem*.

O incrível de tudo é que o v. 34 é precisamente aquele que os mestres da Fé usam para provar que os homens são deuses! No espaço de dois versículos, a teologia da Fé consegue reduzir Jesus a um pequeno homem, e este a um pequeno deus. Ao que tudo indica, quase todos podem vir a ser Deus... exceto Jesus.

Espantosamente, Copeland deifica o homem e rebaixa Jesus Cristo. Confunde-nos a mente ouvi-lo:

Por que Deus tem de pagar o preço por isso? Ele precisava dum homem que fosse igual ao primeiro. Tinha de ser um homem. Precisava ser inteiramente homem. *Ele não pode ser um Deus* e invadir o espaço aqui com atributos e dignidades que não são comuns ao homem. *Ele não pode* fazer isso. Não seria legal.⁴

Não somente Copeland reduziu Jesus a uma cópia em papel-carbono dó homem que percorria o jardim do Éden — como se Adão fosse o *Theanthropos* (o Deus-homem) — mas despoja claramente o Senhor Jesus Cristo de todo e qualquer indício de deidade.

Se o trecho de João 10.33 não é suficiente para convencer Copeland de que Jesus, na verdade, é Deus em carne humana, que dizer de João 5.18? Aqui, “os judeus ainda mais procuravam matá-lo [Jesus], porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, *fazendo-se igual a Deus*”.

Ou que dizer sobre João 8.58, onde Jesus afirma: “Em verdade, em verdade eu vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou”? Jesus deixou sua deidade tão clara neste texto que ninguém deveria ser capaz de confundir-se a respeito. Ao usar a expressão “eu sou”, Jesus, de forma inequívoca, identificou-se com o Deus eterno (cf. Êx 3.14; Is 43.10). E isso não foi um deslize inadvertido da pena que João usava para escrever. Em muitas outras passagens, o apóstolo registra Cristo usando uma terminologia similar para reivindicar sua deidade (cf. Jo 1.1,14; 3.13; 17.5).⁵

Copeland deixa-nos, assim, em meio a um dilema. Ou ele e Jesus nunca tiveram a conversa que afirma ter tido, ou Jesus teve um lapso de memória, esquecendo-se do que fora escrito por seu discípulo amado, João.

De Mal a Pior

Até onde são críveis, as declarações de Benny Hinn causam lamentação ainda maior. Na primeira edição de sua bomba arrasa-quarteirão, *Good Morning, Holy Spirit* (“Bom Dia, Espírito Santo”), está escrito:

E deixem-me acrescentar isto: Se o Espírito Santo não tivesse estado com Jesus, Ele [Jesus] *teria pecado*. E verdade, o Espírito Santo foi o poder que o manteve na pureza. Jesus não somente era um enviado do céu, mas também era chamado de o *Filho do Homem* — e, como tal, podia pecar... Sem o Espírito Santo, Jesus nunca teria conseguido... Você pode imaginar Cristo dirigindo-se ao sepulcro, sabendo que poderia permanecer lá para sempre se o Espírito Santo mudasse de idéia quanto a ressuscitá-lo dos mortos?⁶

Como é possível que Benny Hinn, o qual afirma ter comunicações frequentes com Deus e se considera um ungido, ignore um princípio tão fundamental das Escrituras? Quando Jesus se autodenominava “Filho do Homem” (cerca de 82 vezes), estava usando um título claramente designativo da sua condição de Messias divino (cf. Dn 7.13,14).⁷

Todo erudito ortodoxo, nos dois mil anos de história da Igreja, reconhece que quando Jesus se autodenominou “Filho do Homem” estava, na verdade, afirmando-se Deus. Durante sua encarnação, Jesus era cem por cento Deus e cem por cento homem. Ele não deixou de lado os seus atributos divinos. Afirmar que Jesus desistiu ao menos de um atributo da divindade é asseverar que Jesus Cristo é menos que Deus, e, portanto, não é Deus coisa nenhuma.

Apesar de que Cristo encobriu voluntariamente a sua *glória* divina (cf. Fp 3.5-11), as Escrituras insistem que Ele não desistiu de seus *atributos divinos*. E, sendo Deus, Jesus *já* cometeu pecado.

Um Bilhão de Encarnações de Deus

Não ignore a insistência deles na diminuição de Cristo. Está claro, em suas proclamações, que os crentes são tanto encarnações de Deus como o foi Jesus. Copeland, de fato, pensa ser tão parecido com Cristo a ponto de imaginar que, se conhecesse a Palavra de Deus como a conhecia Jesus, ele mesmo poderia ter redimido a humanidade.⁸

Os mestres da Fé parecem ver Cristo como pouco mais do que um irmão mais velho. Charles Capps nega o caráter ímpar de Cristo quando

assevera que Deus se propôs a fazer milhões e milhões de seres humanos *exatamente iguais a Jesus!*⁹

Não existe termo melhor do que *blasfêmia* para caracterizar um ensino que rebaixa Jesus Cristo ao nível de mero ser humano, nada mais que um protótipo de milhões e milhões que se tornariam iguais a Ele.

As Escrituras deixam claro que Jesus não foi meramente *uma dentre as muitas* encarnações de Deus, mas que Ele é a única encarnação de Deus. Outrossim, as Escrituras ensinam que Ele é o único *monogenes*, o único Filho gerado, o Filho de Deus (Jo 3.16).

A teologia da Fé não somente inferioriza Jesus, mas também ensina que o Cristo encarnado foi trazido à existência, pela palavra, do mesmo modo que o Universo. Conforme Charles Capps coloca a questão: “Deus falou e transmitiu essa imagem a Maria. Ela recebeu a imagem dentro dela... O embrião que estava agora no ventre de Maria era nada mais do que a Palavra de Deus”.¹⁰

Copeland estica essa heresia a um extremo ainda mais ridículo. Ele não somente diz que Jesus veio à existência pela palavra de fé de Deus, mas não crê que Ele tenha sido formado no ventre de Maria, não, Jesus já veio pronto, inteiro. Para quem não se lembra, foi Ele quem disse:

A fé necessária para fazer dedos estava perdida, a fé necessária para fazer braços perdera-se na terra e o método de Deus agora foi o de pairar sobre uma pequena mulher de nome Maria. E nasceu daquela mulher, virgem, um produto de Deus. Uma vez mais, algo acontecera, emergindo dos interiores de Deus.¹¹

Numa declaração não oficial, uma das maiores de sua carreira, Copeland deixa claro que “aqui é onde nos separamos da igreja tradicional”:

Agora, como podem ver, Deus está introduzindo sua Palavra na Terra para produzir este Jesus — palavras repletas de fé que lhe formaram a imagem... Ele não podia simplesmente entrar na Terra e dizer: “Que seja!” porque não tem o direito. Ele precisou esquivar-se até aqui, evitando o deus deste mundo que estava bloqueando toda possível via de acesso.¹²

Você deve estar incomodado na sua cadeira, pensando: *Se é isso que Copeland ensina, já ouvi o bastante! Talvez deva mesmo reavaliá-lo.*

Infelizmente, existe mais. Copeland continuou insistindo que “Deus estava fazendo promessas a Jesus, mas *Jesus nem ao menos estava lá*. Veja você que Deus trata as coisas que não são como se já fossem. E desta maneira que as faz aparecer”.¹³

Numa tacada fulminante, a declaração impensada de Copeland despe o Cristo pré-encarnado de sua onipresença — ora, se ele *nem ao menos estava lá* — e de sua existência eterna - ele ainda não fora produzido. De fato, destitui o Senhor Jesus da própria divindade. Como Cristo pode garantir a nossa salvação, não sendo Deus?

Como é evidente, Copeland, Capps e outros que ensinam essa heresia têm muito mais a ver com as seitas do que com o cristianismo. Cada vez que um deles se manifesta, novas heresias são postas a descoberto. Deixa-nos cada vez mais preocupados a consideração de quão vastas podem ser as conseqüências de suas declarações.

A Diferença que Faz

Algumas pessoas podem questionar a importância de pôr em ordem nossas doutrinas acerca de Deus e do homem. Isso é mesmo importante? Um erro neste sentido traria conseqüências assim tão sérias?

A resposta a ambas as perguntas é sim! Nossa compreensão sobre Deus e sobre nós mesmos é crucial às nossas relações mútuas e, mais importante, às nossas relações com Deus.

O cristianismo é, antes e acima de tudo, um relacionamento. Todo relacionamento requer que duas ou mais pessoas cultivem sua comunhão mútua, passem tempo juntas e estabeleçam um laço pessoal. Suponhamos que alguém se aproxime de você e diga: “Tenho um relacionamento com Deus. Ele apareceu no meu quarto esta noite e disse que já se reencarnou muitas vezes, entrando em contato com indivíduos espalhados pelo mundo inteiro, de modo a lhes compartilhar a chave para a vida. Disse-me ainda que sua sabedoria tem sido escrita de modo que todos a percebam, podendo ser encontrada em livros como os Vedas, a Bíblia e o Alcorão, só para nomear alguns. Disse que fora um homem, evoluindo agora para níveis mais

elevados de existência. E me assegurou que eu também posso atingir esse nível se seguir suas instruções”.

Espero que você concorde comigo que esse deus, embora pessoal, não é o mesmo Deus da Bíblia.

Deus define-se por suas qualidades de caráter. Ele incorpora certos atributos que o separam do resto da criação, incluindo outros chamados deuses (cf. 1 Co 8.5). Podemos afirmar definitivamente que essa pessoa por nós descrita não pode ter tido um relacionamento com o único Deus verdadeiro. Por quê? Porque o dito deus não se enquadra na descrição que Deus, o verdadeiro, faz de si mesmo nas Escrituras.

Outro tanto é verdade sobre o deus do movimento da Fé. A deidade descrita pelos mestres da Fé não se ajusta à revelação bíblica sobre o Deus Todo-poderoso. Por conseguinte, o deus e o evangelho que apregoam são igualmente falsos (cf. 2 Co 11.4,13).

As apostas são elevadas! Aliás, chega-se a perder a conta das almas que estão sendo levadas a depositar sua confiança numa falsa deidade. Quando descobrirem isso talvez seja tarde demais, pois, a menos que cultivem um relacionamento autêntico com o Deus da Bíblia, seu bem-estar eterno oscila na corda bamba.

PARTE IV

Atrocidades

sobre a Expição

Nunca me esquecerei da primeira vez em que o ouvi contando a história. O impacto que me causou vai permanecer comigo indefinidamente. Posso ver tudo agora, nos olhos da mente, como se fosse ontem. O Dr. D. James Kennedy acabara de montar o magnífico púlpito da Coral Didge Church, em Ford Lauderdale, na Flórida, para pouco depois começar a contar a história dum jovem chamado John Griffith.

A época do acontecimento, disse, foram os ruidosos anos 20, no Estado de Oklahoma. John Griffith tinha pouco mais de 20 anos - recém-casado e cheio de otimismo. Ao lado de sua jovem e bela esposa, tinham sido abençoados por um lindo bebê de olhos azuis. Com deleite e excitação, John estava vivendo o sonho americano.

Ele queria ser um viajante. Imaginava como seria visitar lugares distantes com nomes difíceis de pronunciar. Decidiu ler e pesquisar sobre tais lugares. Suas esperanças e sonhos eram tão vívidos que, nalgumas ocasiões, pareciam mais reais do que a própria realidade. Mas então veio 1929 e a grande quebra da bolsa de valores.

Com o despedaçamento da economia norte-americana veio a devastação dos sonhos de John. Os ventos que silvavam por toda a extensão do Estado de Oklahoma denunciavam estranhamente a força da tempestade que varria suas esperanças. Oklahoma estava sendo sistematicamente assediado pela depressão e pelo desespero.

Assim, de coração partido, John empacotou suas poucas possessões, pegou a esposa e o filhinho, Greg, e dirigiu-se para o Leste, num carro antigo da Ford. Rumaram para o Estado de Missouri, margeando o rio de mesmo nome. Lá chegando, ele conseguiu um emprego cuja principal incumbência era cuidar duma grande ponte ferroviária que se elevava sobre o volumoso rio.

Dia após dia, John se sentava na sala do controle e dirigia as enormes engrenagens que movimentavam e sustentavam a imensa ponte. Ele ficava olhando, pensativo, quando barcas enormes e navios esplêndidos deslizavam graciosamente por baixo de sua ponte levadiça. Então, mecanicamente, baixava a maciça estrutura e ficava olhando com expectativa para os imensos trens passando estrondosamente, até se tornarem pouco mais que fagulhas no horizonte. A cada dia seu olhar denunciava uma tristeza. Parecia que esses veículos levavam consigo seus sonhos esmagados e as visões não realizadas de lugares e destinos exóticos.

Apenas em 1937 é que um novo sonho começou a brotar-lhe do coração. Seu garoto estava agora com oito anos de idade, e John começava a acalantar a visão duma nova vida na qual Greg trabalharia ombro a ombro com ele, uma vida de íntima comunhão e amizade. Quando o primeiro dia dessa nova vida raiou, trouxe consigo esperança e propósito novos. Excitados, pegaram seus lanches e de braços dados encaminharam-se na direção da ponte gigantesca.

Greg olhava para as coisas de olho vivo e admirado, enquanto seu pai pressionava a alavanca que elevava ou baixava a ponte. Enquanto olhava, deve ter pensado que seu pai deveria ser, com certeza, o maior homem vivo. Admirava-se que ele pudesse controlar, sozinho, os movimentos de tão estupenda estrutura.

Sem que percebessem, deu meio-dia. John tinha acabado de elevar a ponte, permitindo que alguns navios ali esperando passassem. Depois, tomando o filho pela mão, saíram para o lanche. De mãos dadas, subiram

devagar por uma escada estreita e elevada e dali chegaram ao mirante que se projetava uns quinze metros à frente, sobre o majestoso rio Mississipi. Sentaram-se, espiando boquiabertos os navios que passavam lá embaixo.

Enquanto comiam, John contava ao filho, com vívidos detalhes, histórias sobre os maravilhosos destinos dos navios que passavam solenes, lá embaixo. Envolvido num mundo de pensamentos, relatava história após história, enquanto seu filho se pendurava em cada palavra que dizia...

Então, de súbito, enquanto falava do tempo em que o rio inundara as suas margens, ele e seu filho foram trazidos de volta à realidade pelo apito esganiçado dum trem distante. Olhando o relógio, sem poder acreditar, John viu que já era 13h07. Imediatamente se lembrou que a ponte ainda estava levantada e que o Memphis Express passaria dentro de poucos minutos.

Não querendo alarmar o filho, disfarçou o pânico. No tom mais calmo de que pôde se valer, disse ao filho para ficar tranqüilo. Saltando rapidamente sobre os pés, desceu a escadaria. Enquanto os preciosos segundos passavam voando, ele correu como um louco para a escada de mão que conduzia à sala de controle.

Uma vez lá dentro, pesquisou o rio para ter a certeza de que não havia quaisquer navios à vista. E então, como fora treinado a fazer, olhou diretamente para baixo da ponte, a fim de certificar-se que nada havia lá embaixo. Mas quando seus olhos moveram-se para baixo, John viu algo tão horrível que seu coração gelou no peito. Pois ali, abaixo dele, na maciça caixa metálica que abrigava as colossais engrenagens da gigantesca ponte levadiça, estava seu filhinho querido.

Ao que tudo indica, Greg tentara seguir o pai, mas acabou caindo da escada estreita. E agora mesmo estava metido entre os dentes de duas das principais engrenagens da caixa controladora. Embora o menino parecesse estar consciente, John podia ver que uma de suas pernas já começara a derramar sangue copiosamente. Imediatamente um pensamento ainda mais horroroso traspassou-lhe a mente, pois naquele instante ele sabia que baixar a ponte significaria matar seu filho Greg.

Em pânico, sua mente investigou todas as possibilidades, buscando freneticamente uma solução. De repente, um plano lhe veio à mente. Viu-se apanhando uma corda, descendo a escada, tão estreita, segurando a corda,

fazendo-a escorregar na direção de seu filho e puxando-o de volta a um lugar seguro. No instante seguinte voltaria à sala de controle e faria a ponte baixar para o trem que se aproximava veloz.

Mas logo que tais pensamentos surgiram, percebeu-lhes a futilidade. No ato ele soube que não havia tempo suficiente. A transpiração começou a crescer-lhe na testa, o terror escrito em cada centímetro do rosto. Sua mente titubeou dum lado para outro, buscando inutilmente alguma outra solução. O que faria? O que *poderia fazer*?

Seus pensamentos voltaram, angustiados, para o trem que se avizinhava. Em estado de pânico, sua mente agoniada considerou as quatrocentas pessoas que estavam se aproximando veloz e inexoravelmente para a ponte. Logo surgiria o trem rugindo, dentre as árvores, numa tremenda velocidade. Mas aquele - aquele era seu filho, seu filho único, seu orgulho, sua alegria.

A mãe dele - podia ver o rosto dela, coberto de lágrimas. Aquele era o filho deles, seu filho amado. Ele era o pai, e aquele era seu menino.

Ele compreendeu, num momento, que só havia uma coisa a ser feita agora. Soube que tinha de fazê-lo. E, assim, escondendo o rosto debaixo do braço esquerdo, ele empurrou a alavanca. Os gritos de seu filho foram imediatamente abafados pelo som incansável da ponte, a qual se ajustava lentamente à nova posição. Em poucos segundos, o Memphis Express rugiu, passando pelas árvores, e encaminhou-se em direção à imensa ponte.

John Griffith levantou o rosto coberto de lágrimas e olhou para as janelas do trem que passava. Um negociante lia o jornal matutino. Um condutor uniformizado olhava, indiferente, para seu grande relógio de bolso. Damas sorviam seu chá vespertino no vagão-restaurant. Um pequeno menino, parecendo-se estranhamente com seu próprio filho, metia uma colher de cabo comprido numa grande taça de sorvete. Muitos dos passageiros pareciam ocupados em conversa inútil ou riam-se, descuidados.

Mas ninguém olhou para onde John estava. Ninguém sequer moveu os olhos para a gigantesca caixa de engrenagens que agora abrigava os restos despedaçados das esperanças e sonhos de John Griffith.

Angustiado, esmurrou a vidraça da sala de controle e clamou: “Que há com vocês, gente? Não se importam? Não sabem que sacrifiquei meu filho por vocês? Que há de errado com vocês?”

Mas ninguém respondeu; ninguém o ouvira. Ninguém ao menos olhara para ele. Ninguém pareceu importar-se. E tão repentinamente como começou, tudo terminou. O trem desapareceu, passando rapidamente pela ponte e sumindo no horizonte.

Agora mesmo, quando narro essa história, meu rosto está molhado de lágrimas. Essa ilustração é apenas um breve vislumbre do que Deus Pai fez, ao sacrificar seu Filho. Jesus, em expiação pelos pecados do mundo (Jo 3.16). Entretanto, diferente do Memphis Express, que apanhou John Griffith de surpresa, Deus - em seu grande amor e conforme sua soberana vontade e propósito — quis sacrificar seu Filho, a fim de que pudéssemos viver (1 Pe 1.19.20). E não somente isso, o amor consumado de Cristo é demonstrado pelo fato de Ele não ter sido acidentalmente "apanhado", como fora o filho de John. Antes, sacrificou voluntariamente sua vida pelos pecados da humanidade (Jo 10.18; cf. Mt 26.53).

A luz desse preciosíssimo dom da salvação é quase inconcebível que alguém - particularmente que diga fazer parte da Igreja cristã — brinque com a expiação, a verdade central da fé cristã histórica. Assusta-me que aqueles que se apresentam como "ungidos de Deus" estejam trazendo confusão a respeito da expiação. Mas é precisamente isso que estão fazendo os mestres da Fé. Indiferentes, trocam a maravilha do sacrifício redentor de Deus por doutrinas demoníacas.

Antes de examinar os erros potencialmente destrutivos das doutrinas da Fé no tocante à expiação, dediquemos alguns momentos para elaborar uma definição funcional da expiação. Assim poderemos observar quão seriamente essa doutrina tem sido comprometida.

Sucintamente, a expiação significa que Cristo, em sua morte sacrificial sobre a cruz, resolveu completamente o ' problema do pecado humano. Em seu corpo, sobre a cruz, ele “nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós” (Gl 3.13). Cristo, o modelo de virtudes, tornou-se o Cordeiro sacrificial sobre quem os pecados do mundo foram postos. Apesar de, na prática, Jesus Cristo ter sido perfeito e impecável, quanto à posição, foi feito pecaminoso - todo o nosso pecado foi a Ele creditado. Por outro

lado, enquanto na prática não passamos de pecadores, toda retidão de Cristo é a nós creditada pela fé. Assim, mediante seu sacrifício expiatório, somos contados como posicionalmente justos aos olhos de Deus.

Nenhum termo é forte demais para enfatizar que a expiação é crucial à história da fé cristã. E interessante notar que a palavra “crucial” se deriva da palavra latina *crux* (cruz). Portanto, quando digo que a expiação é a *crux* do cristianismo, estou dizendo que assim como a cruz está posicionada no centro de sua história, nossa compreensão sobre a expiação constitui o âmago da fé bíblica. Falsificar a doutrina da expiação é o caminho mais direto do cristianismo às seitas e, para alguns, ao ocultismo.

O fato é que o ensino sectário do movimento da Fé, duma ou outra maneira, nega a doutrina da salvação exclusivamente pela graça, mediante o sacrifício imaculado de Cristo na cruz. A Bíblia declara abertamente que nossa eterna salvação repousa sobre o que cremos quanto à expiação pelo sangue de Jesus Cristo. É na cruz - e não no inferno - que a salvação é conquistada ou perdida. Este é precisamente o problema com os ensinamentos e doutrinas mais expressivos dentro do movimento da Fé. Tais ensinamentos têm transferido a operação salvífica de Cristo para as masmorras mais profundas do inferno, afastando-a da cruz.

Para que você não abrigue a ilusão de que esse ponto de vista não é central para a teologia da Fé, ouça o que Kenneth Copeland tem a dizer, numa de suas mensagens gravadas em fita, sobre a expiação:

O que é necessário para a vida dum crente é o conhecimento do que aconteceu entre a cruz e o trono... E a coisa mais fascinante da Bíblia inteira. Trata-se de algo sobre o que pouco se fala, quase não existe no ensino tradicional da Igreja e nunca entenderei por quê. Penso que tem estado encoberto e oculto pelas tradições.¹

Aí você tem a questão - não “uma”, mas “a” coisa mais fascinante da Bíblia inteira. E, de acordo com Copeland, isso é assim porque “tem estado encoberto e oculto pelas tradições”! Mas o que é que tem sido tão espertamente ocultado no “ensino tradicional da Igreja”, que coube a Kenneth Copeland e seus correligionários descobrirem?

Primeiro, muitos mestres da Fé defendem que Cristo foi recriado sobre a cruz, do divino para o demoníaco. No vernáculo da Fé, isso quer dizer que Jesus tomou a própria natureza de Satanás.

Segundo, de acordo com a teologia da Fé, sua redenção não ficou garantida na cruz, mas no inferno. De fato, muitos mestres da Fé afirmam que a tortura de Cristo, por todos os demônios do inferno, foi um “resgate” que Deus pagou a Satanás, para que pudesse voltar a um universo do qual fora expulso.²

Em terceiro lugar, muitos dos mestres da Fé afirmam que Cristo foi recriado (ou nascido de novo) nas profundezas do inferno.

Por último, a teologia da Fé assevera que Cristo reencarnou por ocasião de seu renascimento no inferno e que aqueles que (a semelhança de Cristo) nascem de novo. são também “encarnados”. Dessa maneira, os mestres da Fé deturpam Cristo, o Cordeiro sem pecado, defendendo a tese dum sacrifício pecaminoso sobre a cruz.

Mas se é verdade - se a teologia da Fé está certa ao dizer que temos recebido mentiras da igreja tradicional -então nós, pelos próprios padrões bíblicos, permaneceremos para sempre em nossos pecados, estando sujeitos aos tormentos eternos do inferno. Nunca se esqueça que somente Jesus sendo puro e santo, sem mácula ou pecado, poderia ter cumprido os tipos e figuras do Antigo Testamento representados nas ofertas pelo pecado. Sua oferta remiu o homem da maldição da Lei, sendo considerada santíssima mesmo depois da morte.

O que está em jogo aqui é imenso - não menos que a própria salvação. Por conseguinte, passemos a uma pesquisa mais profunda da teologia da Fé, no tocante à expiação.

13

Recriação sobre a Cruz

A primeira falha do Movimento da Fé na sua descida para o reino das seitas, enquanto foge ao cristianismo bíblico, envolve a alegada transformação de Cristo — de ser divino a demoníaco.¹ Uma hoste de celebridades influentes ou ensina esse conceito ou se mostra disposta a defendê-lo. Tomemos, por exemplo, a seguinte declaração de Benny Hinn, pretensamente dita a ele pelo Espírito Santo:

Senhoras e senhores, a serpente é um símbolo de Satanás. Jesus Cristo sabia que a única maneira de parar Satanás era tornar-se uno em natureza com ele. Talvez você diga: “Que foi que ele disse? Que blasfêmia é essa?” Não. Ouça isto! Ele não tomou meu pecado: ele tornou-se meu pecado. O pecado é próprio do inferno. Foi o pecado que gerou Satanás... O pecado é que fez Satanás. Jesus disse: "Eu serei pecado! Irei ao mais profundo lugar! Alcançá-lo-ei na origem!" Quando Jesus tornou-se pecado, senhores, tomou-o de A a Z e disse:

“Nunca mais!” Pense nisso: Ele tornou-se carne, para que a carne se tornasse como ele. Ele tornou-se morte, para que homens moribundos pudessem viver. Ele tornou-se pecado, para que pecadores possam ser justos nEle. Ele assumiu a natureza de Satanás, para que todos quantos tinham a natureza de Satanás pudessem participar da natureza de Deus.²

Embora Hinn reivindique ter mudado seus pontos de vista sobre certos ensinamentos da Fé (veja o complemento da nota nº 2), dezenas de declarações similares podem ser prontamente atribuídas tanto a ele quanto a outros. Kenneth Hagin, por exemplo, afirma igualmente que Jesus Cristo assumiu a natureza de Satanás. A semelhança de Hinn, não mede esforços para nos tomar conscientes da sua crença de que

a morte espiritual envolve mais do que ser separado de Deus. *Ela significa também receber a natureza de Satanás...* Jesus provou a morte - a morte espiritual - em favor de cada homem.³

Particularmente perturbador, no caso de Hagin, é que quando o confrontei com essa blasfêmia, negou tê-la alguma vez ensinado. Numa resposta escrita que me foi dirigida por seu filho, Kenneth Hagin Jr. (atual vice-presidente executivo dos Ministérios Kenneth Hagin), foi-me dito o seguinte:

Não concordamos com grande parte da doutrina atualmente ensinada nos círculos da Palavra da Fé e nem temos *já* ensinado muitas doutrinas que estão circulando por aí... É muito constrangedor para nós ser citados na mesma página com alguns desses ministérios e ligados a eles como se acreditássemos nas mesmas coisas que ensinam... Em muitíssimos casos isso simplesmente não é a verdade, conforme penso seja indicado pelas perguntas e respostas anexas.⁴

No referido anexo, Hagin acusa pessoas como eu de saltar “às suas próprias conclusões”, ao mesmo tempo em que nega o ensino de que “Jesus assumiu a natureza de Satanás ou submeteu-se ao seu senhorio”.⁵

Quando alguém nega o que afirmou, o resultado é a confusão. Embora eu gostasse de dar a Hagin o benefício da dúvida, a investigação revela que ele não somente *distorceu a doutrina*, mas igualmente *distorceu o registro*

que fora feito, no esforço de evitar as críticas geradas face a suas declarações em tudo blasfemas.

Porventura Hagin acredita mesmo que Jesus assumiu a natureza de Satanás? A despeito dos esforços impetrados por seu ministério de fugir à controvérsia, as evidências falam por si mesmas.

Frederick K. C. Price, um dos principais discípulos de Hagin, passa do blasfemo ao bizarro, chegando a alegar que Jesus Cristo foi recriado espiritualmente — não sobre a cruz, mas antes, no jardim do Getsêmani. É assim que Price coloca a questão:

Num determinado momento entre a hora em que foi pregado na cruz e o período que passou no jardim do Getsêmani — nalgum ponto entre esses dois extremos - Ele [Jesus] morreu espiritualmente. Pessoalmente, acredito que foi quando estava no jardim.⁶

As implicações desse ensino são horrorosas.⁷ Ironicamente, Price, apesar de ter sido “criado num ambiente de Testemunhas de Jeová”,⁸ acabou reproduzindo uma página tirada da novela dos mórmons! Como você sabe, James E. Talmage, que servia como apóstolo da igreja mórmon, ensinou precisamente isso em seu livro *Jesus the Christ* (“Jesus, o Cristo”).⁹

Kenneth Copeland acrescentou sua própria distorção ao tema, recorrendo a um pretenso diálogo com Deus. Ele diz que Jesus se tornou um sinal de Satanás quando estava pendurado na cruz:

A retidão de Deus veio a se tornar pecado. Ele assumiu a natureza pecaminosa de Satanás em seu próprio espírito. E no momento em que assim fez, clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Vocês nem imaginam o que aconteceu na cruz! Por que acham que Moisés, por instrução de Deus, levantou uma serpente sobre um mastro, em vez dum cordeiro? Isso costumava me perturbar. Eu dizia: “Por que, afinal, tu porias uma serpente ali - o sinal de Satanás? Por que não foi posto um cordeiro naquele mastro?” E o Senhor respondeu: “Porque era um sinal de Satanás que foi pendurado na cruz”. Ele me disse: “Aceitei, em meu próprio espírito, a morte espiritual; e a luz se apagou”.¹⁰

Apesar de Copeland reivindicar ter tido uma audiência privada com Deus, a principal pergunta é quanto dessa conversação se harmoniza com as Escrituras.

Nos dias do Antigo Testamento, sempre que alguém cometia alguma ofensa ou pecado, um sacrifício chamado “oferta pelo pecado”⁷ era requerido a fim de “cobrir” aquela transgressão. Aprendemos que a oferenda precisava ser “sem defeito”⁷ (Lv 4.3.28: 9.3). Outrossim, animais que tinham qualquer tipo de falha séria eram considerados impróprios para o sacrifício (Dt 15.21).

Visto que tais sacrifícios prenunciavam o sacrifício final sobre a cruz, sabemos que Cristo foi oferecido sem mancha e sem defeito, e isso de maneira alguma poderia ser dito se ele estivesse unido, quanto à natureza, com Satanás. De fato, tanto Hebreus 9.14 quanto 1 Pedro 1.19 deixam explícito que Jesus, na cruz, foi oferecido sem mácula e sem pecado.

Não somente isso, mas também, de acordo com Levítico 6.25-29, a oferta pelo pecado era “santíssima” a Deus, tanto antes quanto depois da morte. Da mesma maneira, Jesus, como oferta pelo pecado, permaneceu santo mesmo depois da morte na cruz. Ele foi o exato cumprimento do tipo vetero-testamentário das ofertas pelo pecado.

A pergunta perturbadora é: Como os mestres da Fé impõem seus pontos de vista à Bíblia? A resposta é que, como as seitas, eles tiram do seu contexto os textos, palavras e expressões bíblicas. Abaixo você encontrará alguns dos exemplos mais comuns de distorção escriturística.

As Escrituras Sob Cerco

Diz 2 Coríntios 5.21: “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós: para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”. Aqui, segundo os mestres da Fé, há uma prova indisputável de que Jesus tornou-se pecado, transformando-se num ser satânico ao ser crucificado. Mas, seria verdade? Devemos realmente aceitar essa “revelação”? Observemos mais de perto o sentido da palavra “pecado” na referida passagem bíblica.

Em primeiro lugar, os eruditos concordam que a palavra “pecado”, nessa passagem, é usada num sentido abstrato. Eles são unânimes em afirmar que a expressão “ele o fez pecado” é usada como uma metonímia (uma palavra ou frase em substituição a outra com a qual mantém um vínculo significativo) para Cristo “ao levar a pena por nossos pecados”.¹¹ O expositor

T. J. Crawford ressalta que "não pode haver dúvidas de que a expressão é metonímica, visto que é impossível que Cristo (ou qualquer outra pessoa) tivesse feito, literalmente, pecado".¹² Interpretar essa passagem como se Cristo fora transformado em pecado é desnudar o Salvador da sua condição pessoal e reduzi-lo a uma abstração. É uma noção não só antibíblica, mas absurda em qualquer sentido!

As Escrituras dizem que o pecado humano foi depositado na conta de Cristo (Is 53.4,5). Noutras palavras, nossos pecados são imputados a Cristo enquanto que sua retidão é imputada a nós. E claro que os conceitos levíticos de substituição e imputação são o pano de fundo de 2 Coríntios 5.21. Jesus não se tornou literalmente pecado; o pecado foi *imputado* a Ele. A Bíblia insiste que o sacrifício de Cristo foi uma oferta vicária suficiente, *precisamente* por constituir um sacrifício sem pecado. Um respeitado comentador colocou assim a questão:

Mas Deus o fez *pecado*, isto é, Deus Pai fez de seu inocente e encarnado Filho o objeto de sua ira e julgamento, por nossa causa. Como resultado, em Cristo sobre a cruz, o pecado do mundo foi julgado e tirado. Nessa verdade reside toda a lógica da reconciliação... Por um momento sequer Ele [Jesus] deixou de ser reto, senão a substituição incondicional aqui retratada pelo apóstolo, mediante a qual nosso pecado é transferido a Ele e sua retidão a nós, nada seria além de ficção ou alucinação.¹³

Números 21.8,9 e João 3.14 também são freqüentemente citados juntos pelos proponentes da Fé a fim de “provar” que Jesus não foi o Cordeiro imaculado, sobre a cruz, uma vez que tomara a natureza de Satanás. O argumento segue mais ou menos a seguinte linha: Visto que Jesus foi “levantado” na cruz do mesmo modo que Moisés “levantou” a serpente de bronze no deserto, deve igualmente ter tomado a natureza de Satanás, simbolizado pela serpente.

Longe de provar que Jesus assumiu a natureza de Satanás, tais textos referem-se à *maneira* de sua morte — a saber, que *foi levantado*. Isso torna-se particularmente claro em João 12.32, onde lemos: “E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim”. O v. 33 esclarece o sentido das palavras de Cristo: “E dizia isso significando de que morte havia de morrer”. Outrossim, devemos perguntar como Jesus poderia ser “oferta e sacrifício a

Deus, em cheiro suave” (Ef 5.2), se é que de fato se tornara tão vil como uma serpente sobre a cruz.

Aqueles que acreditam que Jesus tornou-se um ser satânico sobre a cruz devem enfrentar outras questões difíceis. Por que Deus, por exemplo, em Isaías 53.11, refere-se a Jesus como seu “servo, o justo”, enquanto este leva as nossas iniquidades sobre a cruz? Tal declaração não faz sentido sendo Jesus transformado num ser demoníaco. Também parece grotescamente inconsistente que Jesus, na cruz - com a suposta natureza de Satanás tenha orado por seus inimigos, dizendo: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Se tivesse realmente assumido a natureza de Satanás, quem seria esse “Pai”? Não há como alguém, com a natureza de Satanás, orar a Deus e ainda chamá-lo de Pai; por outro lado, soa igualmente absurdo pedir a Satanás para mostrar misericórdia!

Indivíduos finitos não podem compreender o sentido de Jesus ser momentaneamente “esquecido” pelo Pai (Mt 27.46). Mas sabemos, entretanto, que a deidade não pode ser dividida, ou então Deus, conforme revelado nas Escrituras, deixaria de existir - uma impossibilidade. Devemos, por conseguinte, nos render diante do mistério da expiação e aprender a depositar segurança em Jesus. Afinal, ele predisse que, se todos o abandonassem, não estaria sozinho, “porque o Pai está comigo” (Jo 16.32).

Assim sendo, fica claro que essa doutrina da teologia da Fé não tem qualquer fundamento bíblico.

Perguntas Espinhosas

Numerosas passagens da Palavra de Deus atestam que nossos pecados foram resolvidos "mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas" (Hb 10.10: cf. Rm 7.4; Cl 1.22; 1 Pe 2.24; 3.18; 4.1). Isso posta três questões difíceis para os mestres da Fé no que respeita à expiação.

Primeira, por que não há na Bíblia qualquer menção explícita à alegada morte “espiritual” de Cristo, ao passo que sobram detalhes sobre o fato e o significado de sua morte física - especialmente se a morte espiritual é que resolveu a questão da maldição imposta pela Lei?

Segunda, por que a Bíblia dá tanta ênfase à morte física de Cristo - com exclusão total de sua alegada morte espiritual —, não sendo ela o fator erradicativo do pecado?

Terceira, por que exatamente Cristo nos pediu para relembrar o sacrifício que fez com seu próprio corpo e sangue (ambos essencialmente físicos), sem menção alguma a qualquer sacrifício espiritual ? (cf. Lucas 22.19.20: 1 Coríntios 1 1.24-26).

Todas as evidências bíblicas indicam que Jesus nunca morreu espiritualmente, sendo sua morte física o preço pago pelo pecado da humanidade.

O Puro Sacrifício de Cristo

Encerrando esta seção, parece apropriado ponderar as preciosas verdades que são rememoradas cada vez que participamos da comunhão:

Isto é o meu *corpo* que é partido por vós; fazei isto em memória de mim... Este cálice é o Novo Testamento no meu *sangue*: fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, *anunciais a morte do Senhor*, até que venha (1 Co 1 1.24-26).

Verdadeiramente, fomos perdoados na cruz, não pela imputação de uma natureza torpe a Cristo, mas pelo seu corpo partido e seu sangue derramado, na condição de “Cordeiro sem mácula e incontaminado”.

Em João 19.30. Jesus diz: “Está consumado!”¹⁴ Ele não disse: "Apenas começou!" O verbo grego usado no original é *tetelestai*, que significa; “Está pago; a dívida foi paga inteiramente!” A finalidade do empreendimento de Jesus, na cruz, tornou-se clara como cristal pelo rasgão sofrido no véu do Templo. Este véu é que vedava aos homens o santuário terrestre de Deus, o Santo dos Santos. Sua ruptura deu a entender que o acesso a Deus fora restaurado no precioso momento da morte física de Jesus (Mc 15.38; cf. Hb 9.1-14; 10.19-22).

Para sua própria condenação, o Movimento da Fé tem mutilado a verdade de nossa redenção ter sido comprada no Calvário, transformando-a num mito quando dizem que a deles teve lugar no inferno. E para esse mito que nos voltaremos agora.

14

Redenção no Inferno

Por mais doloroso que seja, partindo da cruz, sigamos o movimento da Fé ao lugar onde afirma que sua redenção foi obtida - as profundezas do inferno. “Por três dias e três noites, ele [Jesus] esteve no abismo do inferno, quebrando os poderes das trevas a fim de libertar-nos”.¹

Os proponentes da teologia da Fé afirmam que foi ali que Jesus passou três dias e três noites de abusos inimagináveis, nas mãos de Satanás e suas hordas demoníacas. Ouçamos isso diretamente de Frederick K. C. Price:

Você pensa que o castigo pelo nosso pecado foi morrer sobre a cruz? Se assim fosse, os dois ladrões poderiam ter pago o preço. Não, a punição foi descer ao próprio inferno e lá cumprir a pena, separado de Deus... Satanás e todos os demônios do inferno pensaram ter amarrado e enredado Jesus quando o arrastaram às profundezas do próprio inferno para que pagasse a nossa sentença.²

Price então acrescenta: “Seu [de Jesus] espírito e alma desceram ao inferno, ou Hades, e Ele pagou a sentença que você e eu deveríamos ter pago. Ele fez isso por nós. Ele foi ao inferno por nós”.³

Naturalmente, Kenneth Hagin ensinava essa doutrina muito antes de Price ser uma força dentro do cristianismo. Hagin por sua vez seguiu a Kenyon, que extraiu suas informações dos cultos metafísicos!⁴ Demos uma pausa e vejamos a versão de Hagin sobre o tema:

Ele [Jesus] provou a morte espiritual em favor de todo homem. Seu espírito e homem interior foram para o inferno em meu lugar. Você não pode ver isso? A morte física não poderia remover seus pecados. Ele provou a morte por todo homem. E a morte de que fala é a morte espiritual.⁵

Como Copeland exerce igualmente insuspeitada influência no movimento da Fé, vejamos seu ponto de vista:

Quando exclamou: “Está consumado!”, Jesus não se referia ao plano da redenção. Ainda restavam três dias e três noites, pelos quais devia passar antes que pudesse subir ao trono... A morte de Jesus foi apenas o começo da completa obra da redenção.⁶

Mas por mais repreensíveis que sejam essas citações, nenhuma delas poderá competir com a de Paul Billheimer no livro *Seu Destino é o Trono*. Jan Crouch, esposa do presidente da TBN, Paul Crouch, recitou em tom aprovador as seguintes palavras do livro de Billheimer, num culto de comunhão, lançado ao ar pela referida TBN:

Visto que foi “feito pecado”, impregnado com o pecado, tornando-se a própria essência do pecado, na cruz Ele [Jesus] foi banido da presença de Deus, como uma coisa repelente. Ele e o pecado foram feitos sinônimos... Não foi suficiente Cristo oferecer somente a sua vida física sobre a cruz. *Seu puro espírito humano precisou também “descer” ao inferno...* Seu espírito deveria não somente descer ao inferno, mas às profundezas do inferno... O Pai não o entregou apenas à agonia e à morte do Calvário, mas a torturas satânicas de seu espírito puro, como parte da justa recompensa pelo pecado de toda a raça humana. Enquanto foi “a essência do pecado”, Cristo esteve à mercê de Satanás, naquele lugar de tormentos... Enquanto se identificou com o pecado, Satanás e as hostes do inferno puderam governá-lo, tal como se fora qualquer outro pecador perdido. Naquele período aparentemente interminável, no mais profundo abismo de morte,

Satanás fez com Cristo como bem quis e todo o inferno esteve num “carnaval”.⁷

É um mistério para mim como alguém pode concluir que Jesus teve de completar a obra de redenção no inferno.⁸ Contudo, alguns mestres da Fé tentam fortalecer seus argumentos insistindo que um certo número de credos cristãos antigos — como o *Credo dos Apóstolos* e o *Credo de Atanásio* - incluem a frase “desceu ao inferno”. Parecem desconhecer que essa expressão não aparece no credo senão já no século IV d.C., pois não fazia parte do original. Também é certo que nem os chamados pais da Igreja e nem os redatores dos credos acreditavam ter Cristo sofrido no inferno, sob as mãos de Satanás.⁹ Seja como for, a Palavra de Deus é que deve dar o veredito final.

Como poderia alguém perder de vista o que o Senhor disse ao ladrão na cruz? Jesus não disse: “Hoje estarás comigo no inferno”. Ele disse: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23.43). Na visão do apóstolo Paulo, o paraíso está no terceiro céu (2 Co 12.2). Simplesmente, não há como reconciliar a explícita declaração de Cristo, sobre a cruz, com o ensino da Fé de que Jesus sofreu no inferno.¹⁰

Dois Textos Polêmicos

Os mestres da Fé distorcem duas passagens bíblicas em particular - Mateus 12.40 e Efésios 4.9,10 - a fim de sustentar sua posição de que Cristo foi de fato ao inferno. Examinemos rapidamente tais referências.

Primeiramente temos o trecho de Mateus 12.40 (“Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra”). Ora, essa passagem refere-se apenas ao tempo passado por Jesus no sepulcro. Se os mestres da Fé querem usá-la em apoio à idéia de que Jesus desceu ao inferno para ser torturado por Satanás e seus demônios, que provem sua asserção. Este versículo, pelo menos, não prova nada.

Em segundo lugar, temos Efésios 4.9,10 (“Ora, isto -ele subiu - que é, senão que também, antes, tinha descido às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas”). O que temos aqui nada mais é que uma expressão idiomática referente à encarnação de Cristo sobre a Terra - em

tudo inferior ao seu lugar de origem, o céu - e não a qualquer encarceramento no inferno. De fato, Davi usou uma expressão idêntica (“profundezas da terra”) em Salmos 139.15,16: “Quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe”. Com certeza ninguém deve concluir daí que Davi nasceu no inferno! No entanto, os mestres da Fé insistem em conduzir a Jesus às profundezas daquele horrendo lugar.

Paraíso — Não Inferno

Vale notar que Jesus, na cruz, clamou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” (Lc 23.46; cf. Jo 19.30). Indubitavelmente Ele não gritou: “Satanás, submeto meu ser às tuas garras. Toma-me, sou teu. Leva-me para o inferno”.

Se pretendemos levar a Bíblia a sério, devemos concluir que Jesus entregou seu espírito ao Pai, nunca a Satanás. O apóstolo Paulo exprimiu-o eloqüentemente, ao escrever sobre Cristo: “Despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.15 - ARA).

Jesus nunca sofreu torturas horrendas nas profundezas do inferno, sob as mãos de Satanás. Cristo triunfou sobre o diabo na cruz! Foi sua morte na cruz que tornou possível a nossa salvação. Como o escritor de Hebreus poderia esclarecê-lo ainda mais?

E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão (Hb 2.14,15).

15

Renascimento no Inferno

Antes de passar adiante, dediquemos alguns momentos a rever nossos passos até este ponto. Começamos esta seção com Jesus pendurado na cruz onde, de acordo com a teologia da Fé, foi recriado, passando de divino para demoníaco. Nesse ponto a Trindade foi destruída, e a deidade de Cristo, implacavelmente demolida. De acordo com os mestres da Fé, a paixão do Senhor Jesus, na cruz, mostrou-se insuficiente para redimir a humanidade, tendo de ser pego numa armadilha e arrastado às profundezas do inferno por Satanás. É neste ponto, enquanto Jesus está sendo torturado e atormentado por um Satanás sorridente, junto duma hoste de demônios tagarelas, que devemos reiniciar nossa história.

Segundo os proponentes da Fé, Satanás nem fazia idéia que ele próprio seria o motivo final de riso. Pois da mesma forma que Adão caíra no ardil de Satanás, no jardim do Éden, agora Satanás escorregara para dentro da armadilha de Deus, no inferno. Copeland explica que:

No inferno. Ele [Jesus] sofreu por você e por mim. A Bíblia diz que o inferno foi feito para Satanás e seus anjos (Mt 25.41). Não foi feito para os homens. Satanás estava retendo ali ilegalmente o Filho de

Deus... A armadilha estava armada para Satanás e Jesus serviu de isca.¹

Satanás perdeu por causa duma tecnicidade, de acordo com a teologia da Fé, visto que arrastara Jesus ilegalmente para o inferno. Seria tudo conforme Copeland afirmou: “O diabo esqueceu-se de levar em conta que Jesus, pessoalmente, não pecara; tornara-se pecado apenas em função do pecado alheio”.²

Satanás e todos os demônios do inferno torturaram o pretensamente “emaciado, exaurido, apequenado e verminoso” espírito de Cristo,³ porém desguarnecidos de qualquer direito legal. E essa foi precisamente a abertura pela qual Deus vinha esperando. Aproveitando-se da brecha, proferiu suas palavras cheias de fé até ao seio da terra e, então, de súbito:

Essa Palavra do Deus vivo entrou naquele profundo abismo de destruição e carregou o espírito de Jesus com o poder da ressurreição! De repente, seu espírito maltratado e vencido pela morte começou a encher-se e voltou à vida. Ele começou a se parecer com algo nunca antes visto no inferno; estava sendo literalmente renascido ante o olhar estarrecido do diabo; e começou a flexionar seus músculos espirituais... Jesus nasceu - o primogênito dentre os mortos.⁴

O fato de Jesus estar *ilegalmente* no inferno deu a Deus a oportunidade que faltava. Proferindo suas palavras cheias de fé, elas penetraram até os interiores da terra e, enquanto uma horda de demônios espiava, Jesus derrotou o diabo em seu próprio quintal. Ele tomou as chaves da mão de Satanás e emergiu do inferno como alguém que nascera de novo. Com sua atitude de “posso fazer”, Deus conquistou a taça dos séculos. De fato, no dizer de Charles Capps, foi esse evento crucial - a saber, o renascimento de Jesus - que deu origem à Igreja:

Jesus nasceu novamente nas profundezas do inferno. Ele foi o primogênito, o primeiro renascido dentre os mortos. Ele começou a igreja dos primogênitos nos portões do inferno... Ele desceu àqueles portões e lá deu início à Igreja...

A Igreja começou quando Jesus nasceu de novo, nos portões do inferno.⁵

Kenneth Hagin foi um dos primeiros a popularizar o mito de que “Jesus foi a primeira pessoa a renascer”.⁶ A despeito de seus protestos ocasionais, era exatamente isso o que ensinava.⁷

O Primado de Cristo

Devemos indagar de nós mesmos: “Onde é que os mestres da Fé encontram apoio bíblico para tudo isso?”

Muitos se apegam a Colossenses 1.18 (especialmente à expressão “o primogênito dentre os mortos”) para defender a tese de que Jesus nasceu de novo.⁸ Conforme é bem reconhecido, entretanto, a palavra grega aqui traduzida por “primogênito” (no grego, *protótokos*) denota “primado”, “preeminência”. Tudo quanto pode ser dito a respeito desse versículo é que ele aponta para a supremacia de Cristo sobre toda a criação⁹ (cf. v. 15). Dizer que a expressão “os mortos” alude não à ressurreição corporal de Cristo, mas à sua morte espiritual, donde precisava ser renascido, nada mais é que um sofisma, uma vez que carece de prerrogativas válidas.¹⁰

Outro texto normalmente invocado é 1 Pedro 3.18, onde consta que Jesus foi “mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito”. Para dar a você uma idéia de quão severamente essa passagem bíblica é distorcida, considere o comentário de Billheimer, citado por Jan Crouch no programa da TBN que mencionamos no capítulo anterior:

A fim de se tornar vivo para Deus e ser restaurado à comunhão com seu Pai, ele [Jesus] teve de renascer — porquanto se tornara a própria essência do pecado. Visto que o pecado o tinha alienado totalmente do Pai, a única maneira pela qual poderia ser restaurado à comunhão divina era mediante um novo nascimento, para a nova vida.¹¹

Os mestres da Fé raciocinam que a idéia de ser vivificado pelo Espírito não faz sentido a menos que o indivíduo esteja espiritualmente morto. Mas o próprio versículo elimina essa possibilidade.

Antes de mais nada, o versículo menciona que Jesus foi “mortificado, na verdade, na carne”, o que indica que o sacrifício de Cristo foi de caráter físico. Não há menção a qualquer morte espiritual. O corpo de Cristo dependurou-se sem vida na cruz no exato momento em que rendeu seu espírito ao Pai (Lc 23.46). Noutras palavras, foi a partida de seu espírito que marcou a “morte do corpo” de Jesus. De modo semelhante, o retorno de seu

espírito ao corpo é que assinalou sua ressurreição física. Respeitando a forma como se apresenta a tradução bíblica, o corpo de Cristo foi “vivificado pelo Espírito”.¹² Simplesmente nada justifica ler-se o texto do modo como o fazem os mestres da Fé.

Conhecimento por Revelação

Os mestres da Fé parecem compartilhar implicitamente a consciência de que suas distorções bíblicas, por si mesmas, não serão suficientes para convencer quem quer que seja da verdade de suas reivindicações. E neste ponto que chamam uma segunda bateria de artilharia, definida como uma forma de “conhecimento por meio de revelação”, a partir daqui registrado por nós como “conhecimento por revelação”. Segundo eles, essa é uma forma de apreensão da verdade que transcende a mente, indo diretamente ao espírito - um conhecimento que é depositado por Deus diretamente no espírito humano.

Kenneth Copeland reivindicou essa forma de conhecimento místico, quando afirmou:

O Espírito de Deus falou comigo e disse: “Filho, perceba isto. Siga-me agora e não deixe que suas tradições o enganem”. Acrescentou: “Pense desta maneira - um homem nascido duas vezes derrotou Satanás nos seus próprios domínios”. Retruquei: “O quê?” Explicou-me: “Um homem regenerado derrotou Satanás, o primogênito de muitos irmãos o derrotou”. Disse-me ainda: “Você é a própria imagem, a própria cópia dele”. Respondi: “Que bom, graças a Deus!” E foi assim que comecei a ver o que de fato acontecera ali. Deste modo, questionei-o: “Bem, não vai querer me dizer agora que eu poderia ter feito a mesma coisa?” Respondeu-me: “Exatamente, se você tivesse um conhecimento semelhante da Palavra de Deus poderia ter feito a mesma coisa, porque você também é um homem renascido”.¹³

Não posso exagerar na ênfase dada ao significado dessa citação. Deus supostamente explicara a Copeland não somente que Jesus nascera de novo, mas que o próprio Copeland poderia ter feito o que Cristo fez, no tocante à redenção, caso conhecesse a Palavra de Deus do modo como Jesus a conhecia. Pense apenas nisto: Copeland poderia ter redimido você de seus

pecados! E lembre-se: Copeland está aqui reivindicando ter o Espírito Santo lhe revelado essa heresia!

Benny Hinn, de modo semelhante, recebeu um conhecimento por revelação sobre o “renascimento” de Cristo no inferno:

Meu, vocês sabem, uush! O Espírito Santo está me mostrando algo. Estou ficando zozinho! Estou dizendo a verdade a vocês - está, está pesando diretamente sobre mim... Ele [referindo-se a Jesus] está no submundo, agora. Deus não está lá, o Espírito Santo não está lá, e a Bíblia diz que ele foi gerado. Vocês sabem o que a expressão “ser gerado” significa? Significa ser renascido. Vocês querem receber outro choque? Vocês uma vez foram gerados? Ora, Ele o foi. Não permitam que alguém os engane. Jesus nasceu. Vocês dizem: “Do que você está falando?” Ele nasceu; tinha que nascer de novo... Se Ele não tivesse renascido eu não poderia ter renascido. Jesus nasceu de novo... Se não o fizesse eu também nunca teria nascido de novo. Como posso me defrontar com Jesus e dizer: “Jesus, passaste por tudo quanto eu passei, exceto o novo nascimento?”¹⁴

Após ter dito que o Espírito Santo mostrara-lhe tudo isso, Hinn olhou para a câmera e frisou: “Estou lhes dizendo a verdade”. Em seguida apelou a seus ouvintes que não deixassem ninguém enganá-los, duvidando da doutrina da Fé sobre o novo nascimento (renascimento) de Jesus!

Entendendo os Significados

Uma questão crucial a ser posta aqui é a seguinte: Qual o significado do termo “renascer” ou “nascer de novo”? Significa simplesmente “ser gerado”, conforme Hinn afirma, buscando na Bíblia uma justificativa inexistente? Ora, o termo “gerado” significa no máximo “nascido”, nunca “renascido”. De maneira alguma “ser gerado” é sinônimo de “renascer”, “nascer de novo” ou “regenerar-se”.

Outrossim, o conceito bíblico do novo nascimento (cf. Jo 3.3) aplica-se exclusivamente à humanidade perdida e não a Jesus, o impecável Deus — homem. De fato, João 1.14 (cf. 1.18; 3.16) refere-se, especificamente a Cristo como “o *único* filho do Pai”, que enfatiza a natureza ímpar do Senhor — Ele é o *único* que foi *gerado* de Deus; nós, gerados segundo a carne, é que fomos regenerados (novamente nascidos) segundo o Espírito. São

condições diametralmente opostas. Somente Jesus era vero Deus e vero homem, o único e eterno Filho do Pai. Tal pessoa não tem necessidade de nascer de novo, visto que é Deus (Jo 1.1).

Portanto, de onde se originou o ensino dum “Jesus renascido”? Como é claro, veio *lá de baixo*, e não *lá de cima*. A base bíblica para tão lamentável doutrina é nula. A única razão concebível para alguém esposá-la é prover um meio que explique ou justifique a doutrina que prega a restauração da natureza demoníaca de Jesus ao seu estado impecável original. Mas, naturalmente, para começo de conversa, como Jesus nunca morreu espiritualmente, nunca houve necessidade de Ele nascer de novo.

Afirmar que a natureza de Jesus passou por uma corrupção radical, precisando em conseqüência duma completa renovação, é adular a descrição bíblica de Deus. Pois se Jesus tornou-se mesmo pecado (no sentido que os mestres da Fé dizem), então uma pessoa da Santíssima Trindade foi separada da Divindade - e Deus não muda! Assim, obviamente, é provável que o Deus trino tenha deixado de existir, pelo menos naquele ponto. Também terá sido destruída a deidade de Cristo. Pois como poderia Deus, na pessoa de Cristo, ter a natureza de Satanás? Tais idéias e colocações descabidas são absolutamente repelidas pelas Escrituras, pois Deus é um ser imutável (Mt 3.6; Hb 13.8) e tem “vida em si mesmo” (Jo 5.26).

O quadro que as Escrituras pintam sobre a expiação é infinitamente mais majestoso, empolgante e alegre do que qualquer ficção que os mestres da Fé jamais poderiam sonhar!

E, além do mais, a versão bíblica é que está com a razão.

16

Reencamação

Assim como a letra "A", que representa as atrocidades que se cometem a respeito da expiação, é a segunda no acrônimo F-A-L-H-A, logo após a letra "F", de fé, assim também a doutrina da expiação é a que, depois da fé, mais sofre a ação leviana por parte dos mestres da Fé.

De acordo com os tais, Jesus recuperou sua deidade no momento em que nasceu de novo, no inferno. Comentando as observações de Hinn a respeito da derrota de Satanás por Jesus no submundo, Crouch acrescentou: "Foi aí que a divindade dEle [de Jesus] retornou".¹ Naturalmente, dizer que a "divindade de Jesus retornou" presume que houve um ponto em que Cristo deixou de ser divino - quando deixou de ser Deus. Mas qualquer assertiva dessa natureza é patentemente antibíblica (Fp 2.6; cf. Hb 13.8).

Os estragos causados pela loucura desses homens seriam já suficientemente depressores se parassem por aqui. Mas não param. A maioria dos mestres da Fé afirma que todos os cristãos, como Jesus, tornam-se encarnações de Deus no momento em que nascem de novo. Segundo Hagin, "todo homem que nasceu de novo é uma encarnação e o cristianismo é um milagre. O crente é tanto uma encarnação como o foi Jesus de Nazaré".²

Precisamos tão-somente lembrar o caráter único da encarnação - Deus, o Filho, a Segunda Pessoa da Trindade, condescendeu em assumir a

forma humana (Jo 1.14) -para reconhecer a blasfêmia de aplicá-la a cada indivíduo regenerado. Adulterar a encarnação, no sentido em que foi aplicada a Cristo, dizendo que é um fenômeno corriqueiro comum, banaliza a pessoa e a obra ímpares do Salvador. Ademais, falar desse modo, aplicando-a indiscriminadamente a todos quantos experimentam o novo nascimento, deturpa o sentido bíblico da palavra “encarnação”, desnudando-a da glória de referir-se única e diretamente a Cristo. Bem, justifiquemos nossa assertiva.

A palavra “encarnação” deriva-se da palavra latina *incarne*, que significa “na carne”. Encarnar-se, etimologicamente, é pois revestir-se de carne. Desde quando o homem, na regeneração, recebe novo revestimento de carne? De acordo com a teologia cristã, Cristo (o Logos, a Segunda Pessoa da Trindade) revestiu-se voluntariamente de carne humana (Jo 1.18; 14.9,10). Assim temos Deus (que por natureza é espírito - Jo 4.24), assumindo carne na pessoa de Cristo (1.14) e, através de sua encarnação, provendo redenção para a humanidade (1.29).

Outrossim, o conceito bíblico da encarnação só tem sentido se a pessoa existia antes de ter um corpo físico. Apesar de a Bíblia declarar claramente que Cristo é preexistente (Jo 1.1; 8.58; 17.5) em parte alguma encontramos o conceito da preexistência dos *seres humanos*. De fato, a preexistência humana permanece um conceito exclusivo dalgumas seitas, como por exemplo o mormonismo.³

O fato dos crentes serem habitados pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo (Jo 14.17,23) também não implica, de modo algum, que a Bíblia endossa o conceito de encarnação para os cristãos.

Três Dificuldades

Três enormes problemas são criados por esse ensino do movimento da Fé.

Primeiro, se Jesus nasceu no inferno, então a doutrina espírita da reencarnação é de certa forma verdadeira — pelo menos em referência a Deus. A insistência de Hagin de que “o crente é uma encarnação, tanto quanto o foi Jesus de Nazaré” só pode significar uma coisa: Cada vez que um ser humano nasce de novo, Deus encarna-se nele. Desse modo, temos

Deus novamente assumindo carne, reencarnando-se por muitas e muitas vezes, indefinidamente.

Segundo, tal doutrina significaria que Jesus, o qual já tem um corpo (Lc 24.39), revestir-se-ia de corpos adicionais cada vez que alguém chegasse à fé em Cristo, o que não deixa de ser uma noção absurda.

Finalmente, concordar com o movimento da Fé significa que terminaremos com um mundo cheio de deuses. Mas a Bíblia rejeita totalmente a noção do politeísmo.

Em aguda distinção com a teologia da Fé, a Bíblia e o cristianismo ortodoxo ensinam que cada crente é habitado (não encarnado) por Deus, que lhe sustenta e guia. A pessoa que nasce de novo não perde sua identidade ao passar pela regeneração espiritual. Em Gálatas 2.20, Paulo refere-se a Cristo vivendo dentro dele; e, no entanto, não hesita em afirmar que “a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus...”

A genuína teologia cristã afirma repetidamente que somente pelo novo nascimento pode ser restaurada a relação, desfeita antes pelo pecado, do recém-convertido com seu Deus. Ao vir a Cristo, por meio da fé, a pessoa passa a experimentar o que chamamos de santificação, pela qual é conduzida à maturidade espiritual, sob a orientação do Espírito Santo (Gl 5.13-26).

A verdade é que Jesus nunca morreu espiritualmente. Nem tomou a natureza dum demônio ou de Satanás. Ele não desceu ao inferno para sofrer sob Satanás e seus demônios. Ele não precisou nascer de novo, e por isso não nasceu de novo. Os indivíduos regenerados, igualmente, não são outras tantas encarnações de Deus! Afirmar o contrário de tudo isso é obedecer “a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios” (1 Tm 4.1).

A gloriosa mensagem do evangelho cristão é que a obra redentora de Jesus foi completada na cruz do Calvário. Todos quantos depositam sua confiança na obra completa de Cristo serão ricamente acolhidos no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

PARTE V

Limites entre Riquezas e Necessidades

Corria o ano de 1979. Só recentemente entregara minha vida a Jesus Cristo. Apesar de muito alegre em meu novo relacionamento com o Senhor do Universo, atormentava-me a lembrança dos anos perdidos - anos em que vivera segundo minha própria vontade. Desesperadamente eu queria compensar aquele tempo perdido.

Mais do que tudo, queria fazer minha vida valer a pena aos olhos de Deus. Sentia que para compensar o tempo perdido precisava libertar-me da preocupação e dos desgastes de natureza econômica. Assim, decidi me valer de alguns recursos financeiros que acumulara, transformando-os numa pequena fortuna.

O mercado de *commodities* na área da prata parecia ser o meio mais rápido para a segurança financeira. Pude observar sua rápida ascensão e ouvir de investidores acerca do seu potencial de crescimento. Minhas pesquisas pareciam indicar que a prata estava grotescamente desvalorizada e que era apenas uma questão de tempo até que subisse a alturas inimagináveis. Parecia-me mesmo, dum ponto de vista bíblico, que a proporção correta entre o ouro e a prata deveria ser de dez para um.

Enquanto considerava o investimento na prata como o veículo para atingir segurança financeira, o mercado começou a aquecer. Decidi esperar por uma correção de preço para que pudesse entrar no mercado numa posição de risco minimizado.

Nesse meio tempo, planejava também visitar meus pais, que viviam na Holanda.

Mas, voltando à questão econômica, minha intenção era mapear uma estratégia para alcançar segurança financeira. Eu queria servir a Deus, como crente próspero, a partir duma base segura. Porém, conforme em breve descobri. Deus entretecia um plano radicalmente diferente para a minha vida.

Tendo viajado, e após alguns dias na Holanda, resolvi pegar alguma coisa para ler. a fim de passar o tempo. Visto que ler em holandês se me tornara enfadonho, fiquei feliz por encontrar um livro impresso em inglês, que achei sobre a mesa de café do gabinete usado por meus pais. Chamava-se *Evangelism Explosion* (“Explosão do Evangelismo”). Uma vez que comecei a leitura, não pude mais parar. Dentro de poucas horas encontrei um mundo inteiramente novo - um mundo de multiplicação espiritual. Enquanto lia, comecei a descobrir como poderia me tornar um crente bem equipado e como ajuntar tesouro nos céus.

Voltei aos Estados Unidos empolgado com a possibilidade de multiplicação espiritual e imediatamente me arrolei no programa evangelístico da minha igreja local. No entanto, meu desejo de segurança financeira ainda me afetava intensamente.

Os preços da prata, a essa altura, tinham começado a subir como em um foguete. Ansioso por “embarcar antes que o trem partisse sem mim”, pulei no mercado com a cotação em torno de US\$ 47,08 a onça (cerca de 28.5g). Frequentemente eu olhava para trás e me recriminava por não ter agido antes. Calculava meticulosamente quanto é que havia perdido por não ter agido logo que comecei a ver os primeiros sinais da ascensão meteórica da prata. Animado, ficava torcendo para que a prata continuasse a subir. E assim sucedeu. Dentro de poucos dias, atingiu os 50 dólares e previa-se que não demoraria muito para atingir a cotação mais alta do século - 100 dólares a onça!

Eu esperava ansiosamente, acreditando plenamente que Deus em breve me tornaria auto-suficiente financeiramente. Mas no decurso de poucos dias recebi uma chamada telefônica que fez meu coração gelar. A voz, no outro lado da linha, disse: “Hank, desastre!” Antes que eu pudesse responder, ela gaguejou-me as palavras fatais: “O mercado da prata caiu”. Disseram-me para voltar imediatamente a fim de cobrir a falta de fundos ou minha posição no mercado seria liquidada. Durante os poucos meses que se seguiram essa cena se tornou rotineira. A chamada telefônica chegava e eu me via obrigado a cobrir outro decréscimo no preço, sempre admirado sobre até onde eu teria de perseguir o coelho toca adentro. A cada semana eu perdia mais e mais do que me custara anos para acumular. Contudo, quando pedia conselho aos especialistas, aconselhavam-me consistentemente a esperar firme. Estão apenas “sacudindo os amadores” para fora do mercado, diziam.

Todavia, paralelo à decepção financeira, algo inexplicável acontecia. Enquanto financeiramente as perdas acumulavam-se, percebia que estava ganhando espiritualmente. Durante o treinamento que empreendíamos nas ruas na busca pela “Explosão do Evangelismo”, eu entrava nas ruas e vielas e via pessoas vindo e se rendendo à fé em Cristo. De um lado, eu estava perdendo minha segurança financeira, mas, por outro, estava prosperando espiritualmente a um grau nunca imaginado por mim.

Finalmente, perdi tudo em função do que trabalhara por tanto tempo e tão arduamente, visando a um investimento rentável no mundo das finanças. Espiritualmente, porém, eu estava ganhando uma perspectiva eterna. Estava aprendendo primeiramente a buscar o Reino de Deus e sua justiça (Mt 6.33). Percebia que ele cuidaria de minhas necessidades diárias. A semelhança de Agur, no capítulo 30 do livro de Provérbios, eu estava aprendendo a orar: “Não me dês nem a pobreza nem a riqueza; mantém-me do pão da minha porção acostuada; para que, porventura, de farto, te não negue e diga: Quem é o Senhor? Ou que, empobrecendo, venha a furtar e lance mão do nome de Deus”.

Apesar da Escritura não condenar nem incentivar as riquezas materiais, o alvo espiritual que ela nos apresenta consiste em crescer de tal modo, em nosso relacionamento com Cristo, que possamos perceber (conforme diz um antigo hino) que “as coisas na terra crescem estranhamente turvas à luz de sua glória e graça”. O mais importante é desenvolver uma perspectiva eterna e não temporal — olhos que possam olhar para além do tempo e do espaço, para a eternidade.

Atualmente só consigo sorrir frouxamente, enquanto penso no que sucedeu e leio as palavras do apóstolo Paulo ao jovem Timóteo: “Mas os que querem ficar ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína” (1 Tm 6.9).

Nos próximos quatro capítulos, veremos os resultados devastadores para quem desconsidera os urgentes avisos de Paulo.

Conformidade Cultural

Como se não bastasse redefinir a fé como uma força, endeusar o homem e atacar a expiação de Cristo sobre a cruz, o movimento da Fé também transformou o Evangelho da graça num evangelho de ganância.

Jesus advertiu-nos: “Acautelai-vos e guardai-vos da avareza, porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui” (Lc 12.15). Ato contínuo, o Senhor contou aos seus discípulos a parábola do rico insensato que julgava ter segurança por causa de suas muitas possessões (vv. 16-21). Jesus não condenou a posse de riquezas materiais, mas fez questão de realçar a loucura de viver em função daquilo que é meramente temporal, em vez de se guiar por uma perspectiva eterna. Sem meias palavras, faz a mesma repreensão do Pai ao rico da parábola: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma, e o que tens preparado para quem será?” (v. 20). A ordem do Mestre continua sendo a mesma: “Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

Como as palavras de Jesus diferem da mensagem dos mestres da Fé! Essa gente vive, incansavelmente, perseguindo a idéia de que a prosperidade material faz parte dos direitos divinos de cada crente. Esse tipo de “cristianismo” é pouco mais que uma forma de ganância, porém rebatizada e revestida duma fina camada de verniz “cristão”. É uma conformação lamentável às tendências culturais de nossos dias. Segundo a observação perspicaz de Quentin Schultze, autor do livro *Televangelism and American Culture* (“Televangelismo e Cultura Americana”), a questão é a seguinte:

Os televangelistas oferecem suas próprias expressões personalizadas do Evangelho, adaptadas e dirigidas pela cultura norte-americana. Expressando-o ainda mais fortemente, a fé de alguns televangelistas é

mais norte-americana do que cristã, mais popular do que histórica, mais pessoal do que coletiva, e mais experimental do que bíblica. Como resultado, a fé que pregam é altamente pomposa, egoísta e individualista... Esses três aspectos do sistema de fé do televangelismo refletem o “Sonho Americano”, por meio do qual um indivíduo automotivado supostamente atinge grande opulência. E também reflete o impacto da modernidade sobre a Igreja.¹

Dessa perspectiva, os cristãos prósperos (pelos padrões do mundo) são considerados espiritualmente ricos, ao passo que os pobres são tidos como miseráveis espirituais. Certo mestre da Fé chegou a asseverar: “Não somente a ansiedade é um pecado, mas também o ser pobre quando Deus promete a prosperidade!”²

Os interessados nesse mercado são impulsionados pelos dólares que os ouvintes enviam pensando obter riquezas materiais. Mas quando tais riquezas não se materializam, esses seguidores, desanimados, abandonam aquilo que pensavam ser o cristianismo, ficando à espera de algum novo guru, no reino das seitas. Como o apóstolo Paulo declarou, com tanta pertinência, “nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos; porque haverá homens... avarentos... mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela” (2 Tm 3.1-5).

Transformados pela Cultura

Cristãos em número demasiado estão sendo transformados em função da nossa cultura e não por Cristo. A busca pelo reino de Deus e sua justiça tem sido substituída pela busca de nosso próprio reino e tudo quanto pudermos pôr as mãos.

Em parte alguma a conformidade cultural dos pregadores da prosperidade é mais evidente do que nos assuntos relativos à encarnação de Cristo. Na literatura e por fitas gravadas, pelo rádio e pela televisão, muitos mestres da Fé apresentam um Jesus que se parece extraordinariamente com eles mesmos. No retrato que fazem dele, Jesus se veste de acordo com a última moda, vive numa casa grande e conta com uma gigantesca base de doações. Além disso, tinha tanto dinheiro que precisava dum tesoureiro.³

John Avanzini costuma dizer à sua vasta audiência televisiva que se Jesus pretendesse ser pobre, ele também gostaria de sê-lo. Se Jesus dormisse

debaixo duma ponte, ele também queria dormir assim. Mas se Jesus fosse rico -e eles dizem que foi —, é claro que Avanzini não gostaria de ser diferente! Avanzini concluiu que se os seguidores de Cristo eram ricos, respeitando-se os padrões daquela época, por que não deveríamos ser ricos em nossos próprios dias?⁴

Os pregadores da prosperidade estão tão decididos a apresentar um Jesus que usa relógio Rolex que fazem qualquer coisa para vender esse mito a seus congregados. Oral Roberts, por exemplo, escreveu um livro intitulado *How I Learned Jesus Was Not Poor* (“Como Aprendi que Jesus Não Foi Pobre”). Frederick Price fala de si mesmo como alguém que está tentando “tirar de você a moléstia de pensar que Jesus e os discípulos eram pobres... A Bíblia diz que Ele nos deixou um exemplo, que deveríamos seguir seus passos. Essa é a razão pela qual eu dirijo um Rolls Royce. Estou seguindo os passos de Jesus”.⁵

Jesus com Rolex

Avanzini chega mesmo a atacar os apologetas e teólogos por ensinarem que Jesus foi um homem pobre. Desgostoso, resmunga: “Não consigo identificar onde essas tradições bobas entraram, porém a mais estúpida de todas é a de que Jesus e seus discípulos eram pobres. Nada existe na Bíblia que dê base a uma tal afirmação”.⁶

Durante um dos programas lançados ao ar pela TBN, Avanzini acusou os teólogos de tirarem Lucas 9.57,58 (cf. Mt 8.18-20) do seu contexto para provar que Jesus era um homem pobre. Ele então apresentou o que afirma ser o verdadeiro significado daquela passagem - significado que parece ter escapado à atenção da Igreja cristã por quase dois mil anos.

A versão de Avanzini do relato bíblico encontra Jesus a caminho de efetuar um “seminário” em Samaria. Infelizmente, porém, sua “equipe de avanço” não cuidara apropriadamente dos negócios, de modo que o “seminário de Jesus” teve de ser cancelado. Em sua resposta ao homem que queria segui-lo, Jesus estava, realmente, querendo dizer: “As raposas têm covis em *Samaria*, as aves do céu têm ninhos *em Samaria*, mas eu não tenho onde repousar a cabeça *esta noite em Samaria*”. Conforme Avanzini coloca a questão: “Naqueles dias não havia nenhum hotel em quaisquer esquinas”, pelo que Jesus foi forçado a voltar para sua grande e bela casa, em Jerusalém.⁷

Ao invés de se enriquecer da Palavra de Deus, Avanzini a usa como pretexto para se enriquecer no ministério.

Esse é um exemplo clássico dum televangelista do século XX exergando seu atual estilo de vida numa passagem sobre o primeiro século de nossa era, que trata do ministério de Jesus Cristo.⁸ Não somente Avanzini põe-se em oposição a todo respeitável erudito da Bíblia, em sua interpretação sobre essa passagem, mas - o que é mais significativo - seus ensinamentos opõem-se ao inteiro cânon das Escrituras.

O fato é que se Avanzini estivesse com a razão e todo mundo errado teríamos um Jesus esquizofrênico! Alguém que claramente ensinava seus discípulos a não trabalhar por aquilo que perece (Jo 6.27), ao mesmo tempo em que se desgastava fazendo precisamente isso.

Discípulos Endinheirados

Não somente os mestres da Fé, como Crouch, Price, Roberts, Avanzini e outros mantêm que Jesus era um homem rico, mas asseveram que seus discípulos viviam no luxo. Avanzini, por exemplo, argumenta que o apóstolo Paulo era tão rico que tinha os recursos financeiros necessários para bloquear o sistema judiciário de seus dias.⁹

Mas como alguém poderia ler o trecho de 1 Coríntios 4.9-13 e ainda ser louco de sugerir que o apóstolo Paulo e seus companheiros tivessem tanto dinheiro a ponto de bloquear a justiça? Como poderiam as Escrituras articular com mais clareza a sua verdadeira condição do que clamar que “até esta presente hora, sofremos fome e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa” (v. 11)?

Além disso, poderia Paulo ser tão hipócrita, vivendo nababescamente, enquanto ensinava Timóteo que “os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína” (1 Tm 6.9)?

Finalmente, que dizer sobre as despedidas de Paulo aos anciões de Efeso, sobre as quais Atos 20 serve de crônica?

Paulo ali salienta que o Espírito Santo, pessoalmente, avisou-o de aprisionamento iminente e de dificuldades (v. 23). Paulo pôs isso em perspectiva quando disse: "Mas em nada tenho a minha vida por preciosa..."

(v. 24). E em Filipenses 3.7-9, uma vez mais, ressaltou aquele sentimento inflexível: “Mas o que para mim era ganho, reputei-o perda por Cristo. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo e seja achado nele...”

Jesus: Uma Finalidade em si Mesmo

Depois da ressurreição os discípulos de Jesus nunca mais o consideraram um meio para atingir suas finalidades. Para eles, Ele era o fim. Os seguidores de Cristo tinham de fato internalizado a mensagem que seu Senhor pregara através de sua vida e dos seus lábios. Depois de algumas cabeçadas, acabaram compreendendo que seu tesouro estava noutro reino e que eram simplesmente embaixadores, viajantes e peregrinos. Os discípulos também reconheceram que aqui não era seu lugar final de habitação. Descobriram que seu destino era a eternidade.

Cristo não veio nos trazer prosperidade financeira, mas redirecionar nossa atenção para valores *eternos*. Até mesmo agora as palavras do Mestre tinham com sua autoridade divina: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam” (Mt 6.19,20). Quão magnífica deve ter sido a visão daqueles que contemplaram o Senhor, de pé na praia do mar da Galiléia, apelando apaixonadamente a seus seguidores que não trabalhassem por aquilo que perece, mas pelo que permanece para a vida eterna (Jo 6.27).

Quanto ainda da Escritura precisamos para ver a bancarrota do ensino da Fé sobre a prosperidade material? Haveríamos de lembrar-nos do relato de Cristo sobre o rico e Lázaro, em Lucas 16.19-31? O rico, que passou sua vida terrena no luxo, nem ao menos foi dignificado com um nome na eternidade. Mas Lázaro, que aqui viveu em condição de extrema pobreza, recebeu consolo no Reino eterno (v. 25).

Ou talvez devêssemos reler as palavras do próprio irmão de Jesus, Tiago, o qual ousadamente declarou aos ricos deste mundo: “As vossas riquezas estão apodrecidas... O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram... Entesourastes para os últimos dias” (Tg 5.2,3). A Bíblia está repleta de exemplos que declaram a pobreza dos ensinos do movimento da Fé tanto

quanto às riquezas, como em relação às necessidades. Os mestres da Fé de nossos dias não têm ajustado seus ensinamentos às antigas Escrituras. Pelo contrário, têm conformado a si próprios à sociedade norte-americana moderna.

A cultura norte-americana é obcecada pela mobilidade para cima, tanto social como econômica, num domínio desavergonhado do materialismo crasso, sendo precisamente disso que se tem gloriado o movimento da Fé. Esse movimento alimenta-se da idéia que os “afilhados de Deus” podem adquirir riquezas sem trabalho e dólares sem disciplina. Seu lema não é o auto-sacrifício, mas o auto-engrandecimento. E, o que é triste, uma porção significativa do cristianismo contemporâneo tem comprado a mensagem de que só estaremos vivos nesta terra uma vez, pelo que seria melhor vivermos para nossos próprios deleites.¹⁰ Não mais entoamos: “Entrego tudo”. Antes, dizemos: “Trago tudo à existência pela fórmula da fé”.

Apreciamos histórias que vão dos trapos às riquezas e com frequência andamos à cata de esquemas que nos permitam enriquecer rapidamente. T. L. Osborn, para exemplificar, promete às pessoas que aprendendo “Sete Simples Segredos em Apenas Sessenta Segundos por Dia”, você pode “Obter o Melhor da Vida em Apenas Sete Dias”.¹¹ Como prova, cita entre outras histórias a narrativa dum homem que foi forçado a deixar seu país, vendo-se em gravíssimas dificuldades financeiras. Mas graças à “fórmula de fé rápida”, de Osborn, esse homem chegou a ser capaz de comprar “um Rolls Royce e uma nova mansão”. Como já era previsível, esse homem encoraja outros a “plantar US\$ 20,00 ou US\$ 50,00” no ministério de Osborn, “a fim de ver, por si mesmos, como Deus opera milagres monetários”.¹²

Em aguda distinção, as Escrituras nos recomendam a não nos amoldar aos padrões deste mundo, mas ser transformados mediante a renovação da mente. Somente então seremos capazes de experimentar “qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2).

A Pobreza é Igual a Piedade?

Tendo dito tudo isso, deixe-me esclarecer que não associo a pobreza com a piedade (embora os pobres *tenham* um lugar especial no coração de Deus; veja Lucas 6.20). A questão não está com o que temos, mas no que fazemos com aquilo que temos. Nosso tempo, talento e tesouros deveriam

ser usados para a glória de Deus e não para nosso lucro pessoal. Estou persuadido de que a Bíblia ensina uma certa forma de capitalismo cristão — em outras palavras, nossa responsabilidade inclui as riquezas materiais. A Bíblia, contudo, não promove a posse de dinheiro para usufruto indiscriminado; ao contrário, encoraja-nos a usá-lo em favor do Reino de Deus.

Apesar de que alguns mestres da Fé insistem defender um conceito idêntico, as evidências demonstram o contrário. Não somente induzem seus apoiadores a dar, apelando para sua ganância, mas também se dão licença para o autobenefício. É conforme Price se jactou: “Se os homens da máfia podem guiar automóveis Lincoln Continental, por que não o podem fazer os Afilhados do Rei?”¹³ Noutro lugar, declara:

Você pode falar comigo tudo quanto quiser, enquanto dirijo meu Rolls Royce, que está pago, e acerca do qual não devo nada. Fale tudo quanto quiser. Pode usar a boca suja. Isso não me aborrece em nada. Isso não me perturba. É muito mais fácil ser perseguido quando estou guiando meu carro, acerca do qual nada devo, do que quando estou guiando um carro, devendo até a alma à revendedora.¹⁴

Não há como negar que os pregadores da prosperidade ensinam um estilo de vida assinalado pela auto-indulgência e pelo egoísmo, em oposição a um estilo de vida abnegado e altruísta. Líderes anteriores do movimento da Fé sabem disso em primeira mão. A ex-esposa do televangelista Richard Robert sumariou isso de maneira memorável, quando escreveu:

Sei que muita gente foi deveras abençoada e fortalecida pelas músicas que cantávamos na televisão e pelo que dizíamos — mas o impulso primário, segundo temo, parecia dizer: “Se vocês seguirem a nossa fórmula, serão como nós”, em vez de dizer: “Se seguirem o que Jesus disse, serão como Ele”. Certamente era mais excitante nos seguir, já que isso implicava em identificar-se com o sucesso, com o glamour, com uma teologia que fazia tudo ser bom, limpo e bem costurado. Identificar-se com Jesus, entretanto, significava associar-se com a cruz.¹⁵

A diferença entre servir ao próprio “eu” e servir ao Salvador é a diferença entre a conformidade cultural e a conformidade com Cristo. Jesus manifestou-se melhor sobre isso quando disse: “Se alguém quer vir após

mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz. e siga-me-” (Lc 9.23; cf. Mt 16.24; Mc 8.34).

Uma cruz pode não rodar tão bem quanto um Rolls Royce, mas no fim o levará muito mais longe.

Chantagem e Extorsão

Chantagens e formas mascaradas de extorsão, sob a capa de cristianismo, certamente não constituem nenhuma novidade. Nem os charlatões.

Durante o período de trevas espirituais, na Idade Média, um monge crasso e carnal, chamado Johann Tetzel, conseguiu induzir os cidadãos comuns de sua época a comprar indulgências (liberdades especiais do pecado, vendidas por certos indivíduos com o apoio do clero). Tetzel pegou um credo católico romano extremamente complexo sobre o purgatório e reduziu-o a uma parelha de versos de efeito:

Assim que soa a moeda no fundo do cofre,
Sai do purgatório a alma que sofre.

Sua exposição era simples. De acordo com Tetzel, qualquer um podia comprar o perdão de Deus, que os livraria do lugar chamado purgatório. Inacreditavelmente, milhares caíram no ardil. De fato, as massas — de monges a magistrados - saudaram a Tetzel como um mensageiro dos céus. Capitalizando a insegurança espiritual deles, bem como seu analfabetismo bíblico, ele conseguiu fazê-los financiar projetos papais e seu próprio estilo de vida extravagante.

Embora os métodos de Tetzel de mercadejar o Evangelho fossem ultrajantes, ninguém parecia disposto a desmascará-lo. Sua popularidade, apoiada pelo poder de Roma, parecia um adversário por demais formidável. Isto é, até que um outro monge, de nome Martinho Lutero entrou em cena. Lutero não suportava mais a chantagem de Tetzel. Conforme Philip Schaff disse com propriedade: “Na qualidade de pregador, pastor e professor, ele [Lutero] sentia que era seu dever protestar... Manter silêncio era trair sua teologia e sua consciência”.¹ E assim, em 1517, Lutero afixou suas famosas Noventa e Cinco Teses na porta da Catedral de Wittenberg.

Na linguagem dum leigo, as Noventa e Cinco Teses de Lutero protestavam contra a pilhagem dos pobres pelo papa. Nas teses 27 e 28,

Lutero rotula a noção de que uma alma sairia do purgatório quando o dinheiro caísse nos cofres da Igreja como uma perversa prescrição de “avareza e lucro”.²

Nas teses 45 e 66, Lutero expressa seu ultraje diante do fato de alguém tentar comprar o perdão de Deus por dinheiro. Ele denominou o sistema de arrecadação deles de “tesouros da indulgência”. Por meio desse sistema os pregadores do perdão pescavam mesmo eram as “riquezas dos homens”.³ Nas teses 50 e 51, afirma que a verdadeira razão pela qual Roma estava vendendo indulgências não era o bem-estar dos santos, mas o bem-estar financeiro do papa e seu projeto preferido - a construção da Basílica de São Pedro. Assim, escreveu com grande paixão que a Igreja matriz em Roma seria melhor “queimada até às cinzas, do que construída com a pele, a carne e os ossos” das ovelhas do papa.⁴

Finalmente, na tese 86, Lutero põe tudo na sua devida perspectiva quando indaga por que um papa rico, “cujas riquezas neste dia são mais amplas do que as dos mais ricos entre os ricos”, não construía a Basílica com seus próprios recursos, ao invés de extorquir o dinheiro escasso dos pobres.⁵

A reação de Roma foi imediata e severa. Lutero foi taxado de “filho do diabo” e de “um alemão bêbado que... quando ficar sóbrio... mudará sua maneira de pensar”.⁶ Mas Lutero não mudou a maneira de pensar. Banido do império e em posse duma bula de excomunhão, Lutero exibiu autêntica coragem, raras habilidades de comunicação e ricas convicções. Solicitado a retratar-se, respondeu com estas famosas palavras: “Minha consciência está cativa da Palavra de Deus... Aqui estou. Não posso agir doutro modo. Que Deus me ajude”.⁷

E Deus realmente o ajudou! A coragem de Lutero estabeleceu uma poderosa reforma que expôs todas as chantagens e extorsões que crassavam naqueles dias de trevas.

Atualmente, uma nova reforma é urgentemente necessária. A pilhagem dos pobres, santificada pelas bulas papais dos anos passados, é estranhamente similar, hoje, aos apelos duma nova geração de “papas da prosperidade”. Tetzl espoliava os pobres de seus dias prometendo-lhes libertação do purgatório. Os falsos mestres da atualidade estão engrupindo toda uma geração com promessas de liberdade da pobreza e prosperidade.

A Semente de Fé

Num livro intitulado *Ashes to Gold* (“Das Cinzas à Fortuna”), Patti Roberts comparou a tática da “semente de fé” de seu então sogro Oral Roberts à prática de Johann Tetzl da venda de indulgências. Ela ressaltou que sempre teve “muita dificuldade para distinguir entre a venda das indulgências e o conceito da semente de fé, no grau a que fora elevado”.⁸

Uma distinção feita por Patti é que Oral mostrava-se mais sutil que Tetzl. Em vez de oferecer salvação – um bem futuro – em troca de dinheiro, Oral apelava para necessidades imediatas, valendo-se tanto do medo como da ganância. Ele, porém, não está sozinho. As táticas de Oral foram padronizadas e traduzidas em fórmulas por muitos mestres da Fé. Embora não prometam um paraíso celestial a quem lhes compartilha suas riquezas, prometem prosperidade terrena, abundância financeira e sucesso nos negócios. A semelhança de Tetzl, muitos deles se têm tornado mestres, inventando parênteses de versos de efeito, tornando suas idéias não só compreensíveis, mas de fácil memorização. Uma dessas cantilenas, relativa à semeadura, assim se apresenta:

Se você é alguém carente.
Então plante uma semente.

A semente, no caso, é o gesto inicial de fé. No que consiste, exatamente, uma semente de fé? De acordo com Oral Roberts, “a semente da doação é a semente da fé! E precisa ser plantada *antes* de falarmos à nossa montanha de necessidade no intuito de removê-la!”⁹ Expresso dum jeito mais simples, “plantar uma semente” é outra forma, menos traumática, de dizer “mande-me dinheiro pelo correio”. O dispositivo da semente de fé nada mais é do que o evangelho da ganância, o evangelho do “pague e leve”.

Oral Roberts tem usado tanto a televisão como os correios para levantar milhões de dólares. Seu método tem sido descrito como “a forma mais baixa de apelo emocional”.¹⁰ Valendo-se de correspondência aos montes, Roberts apela tanto à compaixão de seus associados quanto à sua ambição.

No dia 4 de janeiro de 1987, Roberts lançou sua mais notável campanha até hoje. Chegou ao ponto de dizer a seus seguidores que se ele não levantasse um total de oito milhões de dólares até março, Deus tiraria

sua vida.¹¹ Numa carta por mala direta enviada um mês antes da data fatal, Roberts anunciou que o prazo para o restante 1,5 milhão de dólares fora marcado para 31 de março. Como lembrete a seus mantenedores, uma legenda impressa na forma de letras manuscritas, no alto da primeira página da dita carta, advertia: “Restam apenas 30 dias!”¹²

Comparando-se ao apóstolo Paulo, Roberts implorou ao povo que não permitisse que Satanás o derrotasse. Disse ainda: “Deus claramente me falou do que precisa aqui na Terra. E aqui está o porquê - de todos os ministérios, este é o único que Deus tem sobre a Terra a possuir uma escola de medicina”.¹³

Segue-se então a linha de impacto: Enviando uma “semente” de 50 dólares os associados de Oral poderiam poupar-lhe a vida, salvar a escola, sabotar Satanás e garantir muito dinheiro para pôr no pé-de-meia.¹⁴

Mais tarde, seu filho, Richard Roberts, fez uso da caneta para advertir da condenação iminente do pai. Sem “a adição de US\$ 4.500.000,00 Deus não estenderá a vida de papai”, fez questão de frisar. A seguir, suplicou: “Associado, não podemos deixar esse homem de Deus morrer. Nada justifica sua morte”. Para mostrar que não era algum prenúncio vazio, Richard ainda acrescentou: “Quando ele [Oral] diz que Deus fala com ele, não está blefando”. E somente para o caso de alguém duvidar ou suspeitar de seus motivos, ofereceu sua mais total garantia: “Sinto-me totalmente chamado por Deus para fazer isso... Estou lhes escrevendo como um servo ungido de Deus — fazendo aquilo que Deus me chamou para fazer”.¹⁵

Após várias páginas, Richard chega finalmente à solução - a semente de fé. Pegue o cartão específico neste envelope, adicione um “cheque”, que será sua semente de fé. e *"apresse-se para enviá-lo a mim ainda hoje"*.¹⁶

No final da carta. Richard fizera praticamente tudo para assegurar a seu público-alvo que aquela era uma oportunidade de negócio que não devia passar em branco. Envie sua dádiva representando a semente de fé e Richard ficará orgulhoso de você, Oral orará em seu favor e Deus o fará prosperar financeiramente.

Nada mais que um estratagema em torno do sentimento de compaixão. Mas isso é apenas o começo. Seu pai não se opõe a usar o medo para pressionar seus seguidores.

Certa feita, Roberts escreveu a seus associados dizendo ter notícias tanto boas quanto más. A notícia ruim era que Deus revelara a ele que 1985 seria um ano terrível para seus associados. “Satanás trará coisas ruins contra vocês”, disse. “*Preocupação... Temor... tensões* que constituirão séria ameaça contra sua saúde. E até pior. Vejo que Satanás envidará muito esforço para os rodear com tantos problemas que vocês serão invadidos por uma sensação de desesperança”.¹⁷

As notícias boas, entretanto, eram que Roberts houvera já consultado a Deus acerca “do ano ruim”. Sobrenaturalmente, escreveu, “o dom da profecia veio sobre mim e me foram dadas 33 predições acerca de vocês”.¹⁸ Essas predições, prometeu, ajudá-los-á a “evitar novas enfermidades terríveis” e “tirar vantagem da bênção de cem por um... a fim de receber... *os milagres da prosperidade*”.¹⁹

Depois de adverti-los severamente (“*se vocês deixarem de prestar atenção... então Satanás obterá vantagens e feri-los-á com coisas ruins e vocês desejarão que 1985 nunca tivesse chegado*”),²⁰ Roberts encerra sua carta com uma tirada de grande efeito: Enviar uma dádiva como semente de fé, não somente capacitará vocês a “*parar satanás em seu ódio para derrubá-los*”, mas também “os ajudará a receber o retomo de cem por um”.²¹

Entre outras reivindicações, Roberts afiança: Os “*milagres da prosperidade... estão ao alcance das pontas dos dedos da fé de vocês*”.²² Naturalmente, a chave era o uso das pontas dos dedos para preencher a carta e enviar o dinheiro. Apelando assim para a ganância, esse mercador do Evangelho utiliza a seu favor a possibilidade de vantagem financeira para aqueles que lhe enviam a semente do dinheiro.

Nunca nem pense em enviar dinheiro a Roberts para mais tarde mudar de idéia. Se fizer isso, salvar a vida dele vai ser a menor de suas preocupações. Considere estas palavras arrepiantes, proferidas por ele durante uma conferência recente:

Alguém estará assistindo a esse ministério pelo ar, alguém que prometeu uma larga soma [de dinheiro] a Deus. E você age como se já o tivesse dado, mas não pagou a importância. Você está tão perto de mentir ao Espírito Santo que dentro de poucos dias estará morto, a menos que pague o preço dito por Deus. E alguém aqui está captando

a mensagem. Você está prestes a mentir ao Espírito Santo. Não minta ao Espírito Santo. *O profeta assim o disse.*²³

Apesar de Roberts tentar justificar seu estratagema da semente de fé, circundando-o de passagens das Escrituras, sua teologia continua em tudo similar àquela usada por seitas bem conhecidas nos campos metafísico e da prosperidade, como a Escola da Unidade do Cristianismo. De fato, o raciocínio que Roberts emprega reflete diretamente o argumento usado pelo co-fundador dessa seita, Charles Fillmore.²⁴

Embora afirme que sua teologia a respeito da semente de fé venha diretamente de Jesus, pelo menos um devocionário, extraído do seu livro *Guide to Seed-Faith Living* (“Guia Para a Vida da Semente de Fé”), veio da Escola da Unidade do Cristianismo.²⁵ O material pode ser sectário, mas pelo menos Roberts teve a decência de dar o crédito a quem de direito, e está lá para todo mundo ver.

Popularidade a Cem por Um

Anos atrás, Oral Roberts prometia prosperidade para quem se dispusesse a “plantar uma semente”. Hoje em dia uma nova classe de profetas da prosperidade assumiu o controle da chantagem, fazendo promessas ainda maiores de recompensa financeira — a chamada devolução de “cem por um”.

Num livro intitulado *God’s Will Is Prosperity* (“O Desejo de Deus É Prosperidade”), Glória Copeland lança o método do “cem por um”. Expandindo a promessa de Jesus de prover um retorno de “cem por um” àqueles que deixarem tudo para trás, por causa do Reino, ela escreve: “Doem US\$ 10,00 e recebam US\$ 1.000,00; doem US\$ 1.000,00 e recebam US\$ 100.000,00. Sei que vocês sabem multiplicar, mas quero que vocês vejam, em preto e branco, quão tremendo é esse retorno de cem por um”.²⁶ E para que as pessoas não percam de vista sua colocação, Glória mais adiante explica:

Doem uma casa e recebam cem casas, ou o valor duma casa, e recebam o valor de cem casas. Doem um avião e recebam cem vezes mais o valor desse avião. Doem um automóvel e o retorno lhes fornecerá uma vida inteira de carros. Em suma, Marcos 10.30 é um negócio muito bom.²⁷

Glória, como é natural, não é a única a pular no trem da alegria dos “cem por um”. John Avanzini tem sido usado pelos mestres da Fé, de Crouch a Cerullo, para levantar dinheiro, usando a tática do “cem por um”. De fato, foi durante uma convenção promovida por Morris Cerullo, em Abba, na Nigéria, que Avanzini saiu com seu famoso conceito dos “cem por um”.²⁸

Tudo começou quando o filho de Cerullo, David, reuniu-se à igreja de Avanzini, na Califórnia do Sul. Avanzini disse a David que Deus “pôs no meu coração que as riquezas dos ímpios estão sendo acumuladas para os justos”. A partir daí, começou a pedir-lhe: “Por favor, gostaria muito de viajar com seu pai [Morris] e falar às nações do mundo”.²⁹

Passado um tempo, Avanzini conseguiu ter uma audiência com Cerullo. Suas esperanças, entretanto, foram esmagadas quando Morris o rejeitou, porque ele não tinha “um ministério realmente vitorioso”. Conforme Avanzini haveria de descobrir mais tarde, um ministério realmente vitorioso caracterizava-se por “sinais e maravilhas... para provar que há um mover de Deus acontecendo”.³⁰ Após esperar com paciência por dois anos, Avanzini, finalmente, conseguiu a vitória pela qual ansiava.

Cerullo convocou Avanzini a Abba, na Nigéria. Ali, num quarto de hotel, supostamente Deus apareceu a Avanzini e lhe disse: “Farei sinais e maravilhas seguirem seu ministério”. Após dar a Avanzini um discurso cheio de palavras sobre técnicas de levantamento de fundos, Deus o instruiu a levantar uma oferta para Cerullo. E, segundo alega, assim Deus colocou a questão: “Quero que você imponha as mãos sobre aquela oferta e que fale num aumento de cem por um sobre ela - que será multiplicada aos doadores cem vezes mais.”³¹

Para dizer a verdade, no dia seguinte, Avanzini teve a oportunidade de experimentar sua nova técnica de levantamento de fundos. Após dizer aos líderes nigerianos, durante a reunião de Cerullo, que ganhariam cem vezes mais, em relação a qualquer coisa que dessem como oferta, Avanzini ordenou que passassem uma pequena coleção de tigelas ao redor do salão. Antes das tigelas chegarem ao fim da primeira fileira, já estavam cheias. Imediatamente foram trazidas fronhas para recolher o resto das ofertas. Mas nem isso foi suficiente.

Mas agora a multidão estava frenética. De fato, conforme Avanzini o expressou: “O dinheiro estava caindo para fora do tablado”. Finalmente, as

doações chegaram a um extremo tão grande que o próprio Cerullo precisou pôr-se de pé e gritar: “Parem com as doações! Parem com as doações!”

Eventualmente, a boa ordem foi restaurada e uma vez mais Avanzini tentou orar pela oferta. Mas “quando comecei a orar”, disse Avanzini, “senti que alguma coisa me atingia; levantei os olhos e vi que as pessoas estavam jogando dinheiro. O dinheiro era arremessado por cima de suas cabeças. Sem mais, impus as mãos sobre aquela oferta e falei da multiplicação de cem por um”.³²

Segundo Avanzini, quando Jan Crouch ouviu falar no incidente, ela pediu-lhe uma multidão de vezes para entregar a mensagem dos cem por um na TBN. Alegadamente, ele teria respondido: “Qualquer outra coisa, mas Deus simplesmente não me deixará fazer isso”.³³ Atualmente, entretanto, toda vez que a TBN efetua uma campanha para levantar fundos, Deus, ao que tudo indica, libera John para realizar a já rotineira cerimônia dos cem por um.

Tal como aconteceu na Nigéria, cristãos norte-americanos ingênuos estão agora lançando seu dinheiro aos mestres da Fé, na esperança de que Deus lhes jogará no regaço cem vezes mais. Tristemente, poucos parecem notar que “o imperador está nu”.

Se a mensagem dos cem por um fosse mesmo verdadeira, os profetas da prosperidade nunca mais teriam de pedir dinheiro. Pelo contrário, estariam nas ruas doando-o o mais rápido possível, para obter ainda mais. Toda pobreza desapareceria e qualquer cristão que se preze viveria numa mansão. A “riqueza dos ímpios” de fato estaria nas mãos dos “afilhados do Rei”. Ao contrário disso, não é incomum ouvir-se apelos como este, da parte de Paul Crouch:

Se você anda sem dinheiro, se está no fim de seus recursos, se está desempregado, deixe-me dizer-lhe. Não somente vamos abençoar o mundo e pregar Cristo a milhões de pessoas ao redor dele, mas vocês poderão ser salvos, vocês mesmos, plantando sua semente neste solo fértil chamado TBN.³⁴

O Método do “Ponto de Contato”

Oral Roberts certa vez se referiu ao “ponto de contato” como “a maior descoberta” que jamais fizera.³⁵ E com toda razão! Em conjunto com a

estratégia da semente de fé, Roberts tem usado essa tática para levantar mais dinheiro do que Tetzal jamais sonhou fazê-lo. E não são poucos os que têm se entregado a práticas assemelhadas.

Robert Tilton, que descreve o “ponto de contato” como um elo de fé com seus associados, construiu todo um império financeiro baseado nessa tática. Envio após envio de dinheiro pelo correio, ele afirma que o Espírito Santo o está dirigindo no uso desse método. Numa correspondência a seus associados, em 1990, Tilton disse que Deus lhe falou para enviar-lhes um pano verde com uma oração como um ponto de contato.³⁶ Instruiu então seus associados a:

- pegar o pano com a oração, segurá-lo com sua mão direita e orar pela liberação de poder para gerar riquezas;
- preencher um formulário pessoal de resposta intitulado “O Poder para Produzir Riqueza”;
- enviar muito dinheiro, ou, conforme coloca a questão: “*Semeie suas melhores sementes*”.³⁷

Tilton, em continuidade, exorta seus leitores a “semear mesmo estando em necessidade”. Pois quanto maior for o sacrifício, maior será a devolução. Em seguida, apela às pessoas usando a ilustração do ferreiro - brandir o golpe enquanto o ferro ainda está em brasa. Ou, então, conforme diz: “Por favor, respondam imediatamente, enquanto a unção está quente e fluindo”.³⁸

E, quando a pessoa devolver o pedaço de pano verde, com a oração e o dinheiro, Tilton promete orar especificamente e liberar sua fé em favor dela. A idéia é que quando você devolver o pano com algum dinheiro, esse “apóstolo ungido” adicionará a fé dele à sua, e você experimentará resultados inacreditáveis. A tática de Tilton é clara e simples:

ENVIE-ME SEU PANO VERDE DE ORAÇÃO COMO MEU PONTO DE CONTATO COM VOCÊ!... QUANDO EU TOCAR EM SEU PANO SERÁ COMO SE ESTIVESSE TOCANDO EM VOCÊ!... *Quando você tocar nesse pano, será como pegar minha mão e tocar-me.* Quero que a unção que Deus pôs sobre a minha vida, em favor de milagres financeiros e de prosperidade fluam diretamente da minha mão para a sua... *Então você reinará na vida como um rei!*³⁹

Para garantir uma resposta positiva, Tilton cita o exemplo duma senhora que estava em péssima situação financeira. Ao ouvir seu apelo, ela aproveitou-se, enviou o pano de oração e começou a fazer pagamentos baseada num voto de fé. No decurso de meses, alegadamente, ela obteve o retorno - US\$ 286.000,00 em obrigações do tesouro e US\$ 65.000,00 em dinheiro. Como bônus adicional, seu marido foi libertado do alcoolismo.⁴⁰

Naturalmente, panos verdes de oração não constituem tudo quanto existe a respeito das táticas usadas pelos mestres da Fé. Seus pontos de contato aparecem em vários formatos e tamanhos. Incluem os lenços ungidos, orlas e pedaços de suas vestes, óleo santo e um montão de outros artifícios. A rigor, são praticamente infinitas as variações que poderiam ser citadas. Para uma doação sugerida de US\$ 1.989,00, US\$ 890,00 ou US\$ 89,00 (referindo-se ao ano de 1989) Marilyn Hickey disse que vestiria uma esto-la sacerdotal, para a seguir “pressionar seu pedido de oração, na estola, contra meu coração” e “pô-los sobre meus ombros”.⁴¹

Os mestres da Fé inevitavelmente usam as Escrituras para que suas táticas pareçam espirituais. Oral Roberts, por exemplo, tirou do livro de Atos uma de suas estratégias de ponto de contato. Quando descobriu que as pessoas eram curadas pela sombra de Pedro, quando passava, ele determinou que as pessoas teriam igualmente suas necessidades satisfeitas quando sua sombra as tocasse. A princípio, Oral e Richard não podiam atinar como usar suas sombras como um ponto de contato para seus associados, visto que era impossível passar perto de todos eles, pessoalmente. Assim, começaram a orar no Espírito até que Deus, atendendo à sua confiante petição, deu-lhes uma solução.⁴²

Deus disse a Roberts que providenciasse um fotógrafo para tirar uma fotografia dele e de seu filho, orando pelas necessidades dos interessados. Em seguida, recebeu algumas instruções específicas, “dadas diretamente por Jesus”, para passar a seus associados.⁴³

Em primeiro lugar, Jesus dizia aos associados para levar a sério Oral e Richard, como “co-evangelistas de Deus... os quais têm sonhos e recebem visões... Escrevam aquilo que vocês sentirem que deve ser trazido a nós para orar... Isso nos ajudará a orar especificamente quando levarmos seus nomes à presença do Senhor”.⁴⁴

Em seguida, Jesus instruiu os associados a “colocarem uma doação amorosa como semente de fé sobre a folha de oração, acima da descrição de suas necessidades”.⁴⁵

Então Jesus descortinou-lhe um plano deveras engenhoso! Ele instruiu os associados de Roberts a pegar uma fotografia de Oral e de Richard e fazer o seguinte: “Sus-pendam-na por cima da folha de oração e da doação relativa à semente de fé, a fim de que a sombra daquela fotografia cubra a folha inteira. De acordo com Jesus, isso “torna-se o ponto de contato para você liberar a sua fé”.⁴⁶

O Jesus de Roberts, entretanto, reservou suas instruções mais criativas para o fim. Ele sugeriu que os associados dobrassem juntas a folha de oração e a dádiva da semente de fé para simbolizar sua união com Oral e Richard. Em seguida foram instruídos a “enviá-los de volta a Richard e a mim [Oral], se possível, a fim de que ele e eu possamos imediatamente desdobrá-los e nossa sombra possa passar sobre seu nome *e necessidades, na sua folha de oração*”.⁴⁷

Ainda de acordo com eles, Jesus também queria ter certeza de que os associados guardariam “a fotografia de oração” como um “lembrete pessoal de que Richard e eu [Oral] - co-evangelistas do poder curador de Deus - estamos orando por vocês diariamente”.⁴⁸

E Roberts terminou sua carta advertindo seus associados que “os céticos são bem capazes de criticar algo tão bíblico como isso”.⁴⁹ Neste ponto, pelo menos, Oral estava com a razão.

Sementes de Fé à Luz das Escrituras

Milhares caem diante das táticas dos mestres da Fé porque não submetem tudo ao exame da Palavra de Deus. A pergunta definitiva é a seguinte: Como proceder para que as práticas da Fé, quando examinadas à luz da Palavra de Deus, afigurem-se como de fato são - heréticas? Façamos um exame mais de perto.

A despeito de Roberts reivindicar que seu conceito da semente de fé tenha vindo diretamente da parte de Jesus Cristo, à luz das Escrituras tudo não passa dum estratagema insustentável.

Se Roberts fosse mesmo um estudioso das Escrituras, deveria ser-lhe óbvio que há um problema com seu Jesus.

Incrivelmente, esse Jesus chega a reivindicar que o âmago do Sermão da Montanha está enfocado sobre as doações do tipo “semente de fé”!⁵⁰ E não somente isso, esse personagem que apareceu a Roberts também afirma que o trecho de Mateus 17.20 (“Porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há de passar; e nada vos será impossível”) ensina justamente os princípios da semente de fé que capacitariam as pessoas a mover montanhas.⁵¹

O problema é que essa passagem nada tem a ver com o conceito da semente de fé difundido pelo movimento da Fé. Jesus simplesmente prometeu aos discípulos que, se confiassem nEle para fazer o que Ele disse que fariam, obteriam sucesso na missão que lhes fora delegada. Nesse caso, a missão deles era curar um epilético - tarefa diante da qual fracassaram por sua falta de fé. Mateus 17.20 não é uma promessa incondicional que obrigue Deus a dar-nos tudo quanto demandemos dEle.

Para agravar a situação, o Jesus de Roberts chega ao ponto de demandar que o Novo Testamento, em sua totalidade, está baseado sobre a semente de fé - tentando justificar-se em Gálatas 6.7 (“Porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará”).⁵² Mas é óbvio, pelo contexto, que essa passagem de Gálatas não apela para a ganância humana, nem favorece fórmulas ou esquemas do tipo “dê e receba” ou “pague e leve” (cf. Gl 6.8). Antes, apela às pessoas para que crucifiquem seu egoísmo, servindo abnegadamente tanto a Deus (Gl 5.24,21,26) como ao próximo (6.9,10).

Tragicamente, Roberts chega a torcer o ponto de vista bíblico a respeito da expiação ao reivindicar que a morte de Cristo nada mais foi que uma semente plantada por Deus e que sua ressurreição veio a ser a colheita de Deus. Roberts coloca as seguintes palavras na boca de seu pretense Jesus: “A cruz é a semente da minha vida, a semente que eu dei e que me foi multiplicada pelo Pai ao levantar-me dos mortos. Ele aumentou minha vida muito mais do que quando eu era um homem”. Esse Jesus também teria declarado: “Cumprida a antiga lei do dízimo pagando o preço pleno sobre a cruz”. Doar não é mais uma dívida que pago, mas uma semente que semeio.⁵³

Ora, nosso motivo para doar deve ser a gratidão e não a ganância. O sistema da semente de fé, como é claro, não é amparado pelas Escrituras.

Cem por um: Algo Mais que uma Coisa Boa?

O ensino do “cem por um” também não se sai melhor à luz das Escrituras. Já vimos que os mestres da Fé, como Glória Copeland, com frequência apontam para Marcos 10.30 (“o cêntuplo”) como a base para essa tática. Mas o verdadeiro significado de Marcos 10 é tão claro que dificilmente pode ser confundido. Simplesmente dedique tempo para ler o capítulo inteiro, dentro de seu contexto, e o sentido dele certamente saltará sobre você.

Copeland, convenientemente, salta por cima da parte (no versículo 30) que fala de sofrer perseguições. Ele também negligencia o que foi escrito cinco versículos antes, em Marcos 10.25, onde Jesus advertiu: “E mais fácil passar um camelo pelo funde, duma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus!”

Longe de ser um capítulo cuja temática se resume a conselhos de investimento visando à prosperidade financeira, o capítulo 10 de Marcos é claramente dirigido a retratar o ludíbrio das riquezas. A multiplicação referida em Marcos 10.30 é espiritual e não física, metafórica e não literal.

Nesse capítulo de Marcos, Jesus estava usando linguagem figurada quando disse que receberíamos cem vezes mais do que aquilo que houvéssemos deixado para trás. Davi faz a mesma coisa no Salmo 50 quando diz que Deus é o proprietário das “alimárias sobre milhares de montanhas”. E claro que ele quis dizer que Deus é dono de tudo e não apenas dos animais que se estendem sobre mil montanhas.

Tomar literalmente o trecho de Marcos 10.30 é reduzi-lo a um absurdo lógico. Pois seria uma coisa Cristo prometer uma devolução de cem por um quando se trata de casas e outra, bem diferente, se a promessa envolvesse um retorno de cem por um quanto a esposa e filhos. Não sei acerca de você, mas na minha opinião isso transcende em muito os limites de alguma coisa reconhecidamente boa!

Pontos de Contato

Os mestres da Fé com frequência citam Atos 19.11,12 para provar que o apóstolo Paulo empregava a tática dos pontos de contato, igual a eles. Mas até mesmo um exame superficial prova que essa asserção está errada.

Em Atos 19.11,12 lemos que “Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias, de sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam”.

Em primeiro lugar, conspícua por sua ausência, nesse texto, é a menção às questões financeiras. Em nenhum momento vemos Paulo pedindo para que enviassem dinheiro de volta, valendo-se do lenço como ponto de contato. Pelo contrário, a Bíblia expressa uma forte advertência a todos aqueles que queiram comprar o poder divino de operar milagres, em troca de dinheiro. Conforme Pedro disse a Simão, o mágico, em Atos 8.20: “O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro”.

Em sequência, no capítulo 19 do livro de Atos, não se percebe a mínima sugestão de que aqueles que foram curados haviam antes “liberado” sua fé. Não vemos a menor indicação de terem enviado a Paulo seus pontos de contato junto duma semente de fé. Nada consta acerca de Paulo passar para eles “uma unção do tipo de Atos 19” e orar por eles ao estilo de Marilyn Hickey.⁵⁴

Muito ao contrário, conforme diz o texto, Deus operava milagres *extraordinários e incomuns* através de Paulo. Longe de serem normativos, esses milagres constituíam uma prova de que Paulo fora escolhido por Deus como o “apóstolo dos gentios” (Rm 11.13; cf. 2 Tm 1.11).

Finalmente, uma perspectiva histórica prova que Deus estava demonstrando a diferença entre as fórmulas mágicas baseadas em fraude e causadoras de decepção, prevalentes em Éfeso (At 19.13-19), e o poder genuíno exibido por Paulo no nome do Senhor Jesus Cristo. De fato, esses milagres sem precedentes fizeram “o nome do Senhor Jesus” ser “engrandecido” (At 19.17; cf. v. 20).

Em nada semelhantes ao apóstolo Paulo, os que hoje em dia se autodenominam apóstolos estão trazendo desonra para o nome de Jesus. Com enervante frequência, vêmo-los arrastando para a lama o nome santo e puro do Senhor.

Distorcendo os Fatos

Muitos desses mestres da Fé não somente vitimam os pobres e os desprezados prometendo-lhes o que não podem dar, mas lançam sobre estes - almas crédulas - a culpa pelos resultados não cumpridos.

Em seu livro *It's Not Working, Brother John!* (“Isto Não Funciona, Irmão João!”), Avanzini usa toda estratégia que se possa imaginar para levar seguidores infelizes a acreditar que o fracasso duma petição não respondida significa que algo estava errado com eles: “O problema é que *alguma coisa está errada com o fiel...* Sem falhar, sempre acabo encontrando algo errado em suas vidas”.⁵⁵ Não há como negar o ridículo da posição assumida por Avanzini - até parece que se sente bem no papel de “acusador de nossos irmãos” (Ap 12.10), buscando erros (nos outros) que justifiquem falhas em sua doutrina (dele), esquecendo-se da lição da “primeira pedra” (Jo 8.7). Além disso, condiciona a bênção a um pretenso merecimento do pedinte, ferindo a noção de graça prevalecente nas Escrituras.

Avanzini, em continuidade, postula “25 coisas que fecham as janelas do céu”.⁵⁶ Uma das razões citadas por Avanzini é um espírito dobre.⁵⁷ Ele explica, então, que temos duas mentes - uma consciente e outra subconsciente. Nossa mente subconsciente tem sido condicionada por pastores e mestres a acreditar que Jesus era um homem pobre. Por conseguinte, quando nossa mente consciente toma conhecimento do evangelho da prosperidade, rejeitamo-lo porque acreditamos, subconscientemente, que devemos ser pobres.

A resposta de Avanzini a esse dilema é reprogramar nossa mente subconsciente para acreditar que Jesus era rico, usava roupas da moda e vivia numa casa grande.⁵⁸ E Avanzini tem uma fita de vídeo para reprogramar sua mente: Por uma certa quantia, ele venderá a você a fita intitulada *Was Jesus Poor?* (“Jesus Era Pobre?”)⁵⁹

Outra razão usada pelos mestres da Fé para explicar por que as pessoas não estão ficando ricas é o pensamento impróprio. Conforme Avanzini coloca a questão: “Você É Aquilo que Pensa... Os Pensamentos São Uma Força Criativa”.⁶⁰ Aproveitando-se da promessa ilusória de que “o modo de você pensar, em seu coração, criará o que você disser”,⁶¹ Avanzini garante que “o Pensamento Apropriado Incrementa as Finanças”.⁶² Sumariando suas colocações, encerra: “Podemos crer e receber, ou duvidar e ficar chupando o dedo”.⁶³

É muito interessante que nos idos de 1919, Ernest Holmes, fundador da Igreja da Ciência Religiosa, comunicou o mesmo sentimento, ao dizer: “O homem é exatamente aquilo que pensa ser”.⁶⁴ Embora Avanzini afirme que as palavras de seu livro foram inspiradas pelo Espírito Santo,⁶⁵ é notável quão de perto espelham os ensinamentos de seitas metafísicas.

Outra explicação sua para a falta de prosperidade de seus seguidores, é que eles não confiam em seu “homem (profeta) de Deus”. Ele tenta usar 2 Crônicas 20.20 (“Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis”) como pretexto para argumentar que “se não confiardes nos profetas de Deus, *não haveis de prosperar*”.⁶⁶

No seu contexto, entretanto, essa passagem não promete qualquer prosperidade financeira. Antes, é uma promessa de êxito militar para a nação de Israel, num tempo de grande perigo, ameaçada por três exércitos rivais.

Mas Avanzini queixa-se de que algumas pessoas nem ao menos permitem que seu homem de Deus “tenha uma cópia de sua declaração financeira completa”.⁶⁷ Na tentativa de arranjar um precedente bíblico para essa ultrajante exigência, Avanzini refere-se ao azeite da viúva, em 2 Reis 4.1-7, sobre o qual faz o seguinte comentário:

Quando a viúva foi a Eliseu solicitar ajuda para sua vultosa dívida, a primeira coisa que o profeta pediu foi uma *declaração financeira*. Exigiu o profeta: “Declara-me que é o que tens em casa”. Graças a Deus, aquela viúva foi capaz de confiar em seu homem de Deus... Seu relacionamento de confiança para com ele a *libertou da dívida*, além de garantir sua aposentadoria!⁶⁸

Tão irresponsável manuseio do texto sagrado não é, de modo algum, novidade. E está longe de chegar a um fim! Do mesmo modo que o papa usou Tetzl para pilhar os pobres, com vistas à construção da basílica de São Pedro, assim também os mestres da prosperidade enganam seus rebanhos, buscando a edificação de seus impérios.

19

Contratos e Acordos

Se você ainda tem dúvidas se o Movimento da Fé é sectário ou cristão, entender o conceito de “contratos e acordos”, do jeito como eles pregam, ajudá-lo-á a tomar uma decisão definitiva. A noção dos mestres da Fé de que todos os crentes têm um direito divino às riquezas e à prosperidade está arraigada sobre o mito de que Deus é um fracasso.

Não somente o deus da Fé tende a cometer enganos, mas faz jus ao rótulo de fracassado, vendo-se forçado a entrar num jogo chamado “*façamos um acordo*.” E precisamente isso que o conceito de contratos e acordos, na visão do movimento da Fé, representa.

Lembre-se que, de acordo com a teologia da Fé, Adão cometeu traição cósmica ao vender sua deidade a Satanás pelo preço de uma maçã. Em função disso, Satanás tornou-se o deus deste mundo, enquanto Deus foi deixado do lado de fora, buscando desesperadamente um modo de retornar.

Mas o deus da Fé faz jus a pelo menos um crédito. Ele pode ter sido um fracasso, mas sem dúvida era perseverante. Ao invés de lançar a toalha e abandonar o ringue, começou a traçar um retorno muito inteligente - sendo precisamente aí que o conceito de acordo, do Movimento da Fé, entra em cena. Eis como Kenneth Copeland o explica:

Após a queda de Adão, no jardim, Deus precisava dum caminho para voltar à Terra... Como o homem fora o personagem principal da queda, tinha de ser a figura-chave da redenção, pelo que Deus aproximou-se dum homem chamado Abraão. Ele iniciou com Abraão uma abordagem semelhante à que Satanás fizera com Adão, exceto que Deus não se intrometeu e nem usou de ludíbrio para obter o que queria, como Satanás. Deus propôs um acordo a Abraão e ele topou.¹

De acordo com Benny Hinn, Deus teria dito a Abraão que “não podia tocar nesta Terra até que um homem a devolvesse a Ele”.² Ou, no dizer de Copeland: “Estou-lhe fazendo uma proposta. Se não gostar, mande-me então ir plantar batatas”.³ E de se presumir que a proposta de Deus era em nada desprezível para Abraão deixá-la passar. Portanto, ao invés de mandar Deus ir às favas, ele aceitou o acordo. Em troca de riqueza e prosperidade ilimitadas, Abraão proveu a Deus um caminho de volta à Terra. Assim, Abraão e Deus selaram seu contrato pelo sangue, tornando-se “irmãos de sangue”.⁴

Confusão de Acordos

Desde o começo, o problema com essa doutrina deveria ser evidente. O Deus das Escrituras não faz conchavos; Ele estabelece seu conselho. O acordo de Deus com Abraão não foi de natureza bilateral (acordo mútuo entre as partes), mas firmou-se numa promessa unilateral (tomada pela parte

superior, que definiu as cláusulas). Longe da opção de dizer ou não a Deus para “ir às favas”, Abraão só pôde inclinar-se, humilde, perante a graça e a bondade de seu Criador (Gn 17.3).

A diferença entre o conceito cristão e o do Movimento da Fé acerca do que seja um acordo não pode ser encarada como questão periférica, pois faz toda a diferença do mundo.⁵ Em jogo está nada menos que a soberania de Deus. Falando sobre a Aliança Abraâmica, Kenneth Copeland diz que Deus era a parte inferior, e Abraão, a superior.⁶

Abraão viveu sob extrema pressão porque, segundo Charles Capps, “*se Abraão falhasse, o pacto ficaria sem efeito*”.⁷ Afortunadamente, ele não falhou. Conforme fora decidido, tornou-se o primeiro duma longa linhagem de profetas, que agiriam como porta-vozes de Deus sobre a Terra. Copeland continua a história, dizendo: “Pela boca de seus profetas, Ele continuou reiteradamente enviando sua Palavra. Finalmente, chegou o grande momento em que a Palavra veio à existência sob a forma humana... Seu nome era Jesus”.⁸

Agora, você já sabe o resto da história. Jesus era rico e próspero, à semelhança de seu antepassado, Abraão. Durante 33 anos, viveu regaladamente. Como Abraão, Jesus apropriou-se de todos os seus direitos previstos no contrato.

As “boas-novas” da teologia da Fé diz que nós, de modo semelhante a Jesus, somos descendentes de Abraão e, por conseguinte, herdeiros do pacto (o contrato entre Deus e Abraão, também chamado de aliança ou testamento). E então Copeland raciocina: “Desde que se estabeleceu a divina aliança, sendo que a prosperidade faz parte de suas provisões, você precisa perceber que a prosperidade agora lhe pertence!”⁹ Fred Price acrescenta a seguinte explicação:

Cristo nos redimiui da maldição da lei, a fim de que a bênção de Abraão estivesse sobre nós... Ora, como Deus abençoou a Abraão? *Com gado, ouro, servos, servas, camelos e burros. Abraão foi materialmente abençoado.*¹⁰

Quão estranho às Escrituras é tudo isso! A Bíblia não é um mero contrato que se possa usar para dar ordens a Deus. Jesus não é um mantra mágico que possamos entoar para abrir um cofre. O pacto de Deus com

Abraão é a proclamação de seu plano soberano para redimir a humanidade de seus pecados (Rm 4; Gl 3.6-9). A mensagem fundamental das Escrituras é a redenção divina da humanidade. O pacto divino não se restringe a um contrato pelo qual se possa pleitear riquezas.

Cara Você Ganha, Coroa Você Perde

De acordo com os mestres da Fé, há dois lados na moeda do pacto: cara, você ganha; coroa, você perde. Noutras palavras, você pode viver debaixo do guarda-chuva da prosperidade ou sob a maldição da pobreza. “Temos visto que a prosperidade é uma bênção de Abraão e que a pobreza está debaixo da maldição da Lei”, mantém Copeland. “Jesus levou a maldição da Lei em nosso favor. Ele derrotou Satanás e arrancou-lhe o poder. Em consequência, não há razão para você viver sob a maldição da lei, não há razão para você viver na pobreza de qualquer espécie”.¹¹

Os mestres da Fé insistem que a prosperidade significa favor espiritual, ao passo que a pobreza é um sinal de fracasso espiritual. Robert Tilton resumiu os sentimentos do Movimento da Fé quando disse que “ser pobre é pecado”.¹²

Outro famoso profeta da prosperidade uma vez pregou essa mesma mensagem, até que foi vítima dum imprevisto: perdeu tudo. O brilho, o glamour e o ouro, tudo se desvaneceu. Esvaíram-se, igualmente, as multidões que o ovacionavam. Quase da noite para o dia suas riquezas foram substituídas por trapos. Desnudado de seu status como astro, viu-se sozinho com as Escrituras, as quais devorou com santo apetite:

Passei meses lendo cada palavra dita por Jesus. Eu as escrevi por muitas e muitas vezes, e também as li por muitas e muitas vezes. Se você aceitar o conselho inteiro da Palavra de Deus, não há como interpretar as riquezas ou as coisas materiais como um sinal da bênção de Deus... já pedi a Deus que me perdoasse... por haver pregado a prosperidade terrena.¹³

Contrito, ele confessou que “muitos hoje acreditam que a evidência da bênção de Deus sobre eles seja um carro novo, uma casa, um bom emprego e riquezas”.¹⁴ Isso, ressaltou, está longe de ser verdade. “Jesus não ensinou que as riquezas são um sinal da bênção de Deus... Jesus disse: ‘Estreito é o caminho que conduz à vida e são poucos os que entram por ele’”.¹⁵

Jim Bakker, que em 1989 foi condenado por 24 acusações de fraude, continua com estas palavras arrebatadoras: “Já está na hora da conclamação sobre o púlpito ser mudada de ‘quem quer uma vida de prazeres, casas novas, carros, possessões e bens materiais’ para ‘quem quer vir à frente e receber Jesus Cristo, para segui-lo em seus sofrimentos?’”¹⁶

Assim Bakker conclui seu depoimento: “Acredito que o coração de Deus se entristece quando não podemos adiar a autogratificação e apossamo-nos de coisas terrenas, preterindo uma vida na eternidade com Ele”.¹⁷

Talvez Bakker tenha descoberto o verdadeiro sentido da prosperidade. Talvez tenha verdadeiramente internalizado as palavras de Spurgeon, numa síntese de grande eloquência: “O antigo pacto era um pacto de prosperidade. O novo pacto é um pacto de adversidades, mediante o qual estamos sendo desmamados deste mundo presente e nos preparando para o mundo vindouro”.¹⁸

Se Bakker foi verdadeiramente desmamado da ênfase sobre a prosperidade terrena, defendida pelo movimento da Fé, então suas palavras, emanadas lá da prisão, dizem tudo: “Eu não trocaria de lugar com ninguém”.

20

Contexto, Contexto, Contexto

Muitos tapinhas nas costas e mútua exaltação da “Fé” acontecem durante as grandes conferências efetuadas pelos líderes do movimento da Fé. Todo orador e anfitrião tem aquela história de fé em operação, aquela história de como trouxeram à existência, pela palavra, algum milagre de natureza financeira ou impediram alguma grande calamidade de cair sobre eles ou suas famílias. As audiências aplaudem e batem os pés. É provável que você já tenha visto cenas assim pela televisão, ressaltando o tremendo poder de falar às coisas que não existem, como se já fossem - um *insight* novo!

Mas basta caminhar pelo estacionamento dessas conferências ou mesmo dum culto dominical, ligado ao movimento da Fé, para responder à

pergunta: “Esse tipo de ensino realmente funciona?” Fi-lo recentemente no quartel-general e igreja dum dos principais mestres da Fé e obtive minha resposta. Havia Cadillacs, Mercedes e uns poucos reluzentes Lexus ali estacionados — todos eles, porém, nos lugares reservados aos pastores e seu pessoal.

No mais, entretanto, o parque de estacionamento parecia com qualquer outro, numa grande variedade de cupês, pick-ups e furgões. Ouça cuidadosamente: *Era como qualquer outro parque de estacionamento da cidade.* Ora, como é que pode ser isso?

Havia ali pelo menos mil automóveis, talvez representando mais de três mil pessoas. Aquela gente estava sentada sob o ensino dum dos mais poderosos e bem-sucedidos televangelistas e mestres da Fé. Estavam sendo alimentados seguindo-se uma dieta de mensagens que proclamavam a própria deidade do homem e o poder criativo da fé, ativado pela confissão positiva.

No entanto, a maioria deles chegara à reunião num Ford usado com dez anos de estrada e partiram da mesma maneira. Por quê?

O que descobri naquele parque de estacionamento é que esse evangelho “diga-o, receba-o e conte-o” na verdade não funciona. De alguma maneira, fora as justas exceções, a mensagem nunca passava da jubilosa exultação durante a reunião para o reino concreto da matéria. Se funcionasse, o parque de estacionamento, todo ele, estaria repleto de exemplos reluzentes de prosperidade e não apenas os lugares reservados aos pastores.

Qual a razão desse fracasso? É simples. *A promessa é falsa.* As pessoas presentes naquele culto eventualmente haverão de cansar-se. Elas cansar-se-ão de pular para cima e para baixo cheias de expectativa. Seus gritos de confissão por saúde e riqueza haverão de calar-se. Eventualmente, desesperarão e afastar-se-ão. Alguns ficarão irados com seu mestre da Fé. Outros rangerão os dentes contra Deus. Um número muito grande deles, entretanto, aceitará outra mentira do púlpito, acreditando que o elo fraco era sua própria fé. Esses ver-se-ão a si mesmos como um fracasso e talvez nunca se recuperem do golpe.

Mas nada disso perturbará o pregador. Mais iniciados haverão de correr para encher os bancos vazios com alegria e ofertas. Ninguém fará caso

dos que estiverem faltando. Oh, se as circunstâncias permitissem, alguém poderia visitá-los e dizer a eles que a falha foi toda deles por não funcionarem as coisas, mas isso é o máximo que se faria.

Ataquem os Críticos!

O fundador e presidente da TBN, Paul Crouch, tem deixado claro que, em sua opinião, é aceitável julgar o coração do homem, mas inadmissível julgar sua heresia. Em termos rudes ele tem julgado aqueles que falam contra o movimento da Fé como “condenados e a caminho do inferno”, chegando mesmo a dizer: “Não penso que haja redenção para eles”.¹

Apenas poucas semanas após eu ter falado contra as mortíferas doutrinas da teologia da Fé que são transmitidas em caráter televisivo pela agência internacional de Crouch, ele respondeu às críticas com essas palavras agourentas: “Vão para o inferno! Saiam da minha vida! Saiam do caminho!... Eu digo, saiam do caminho de Deus! Parem de bloquear as pontes de Deus ou Deus lhes dará o troco, se eu não o fizer... Nem ao menos quero conversar com vocês ou ouvi-los! Que eu não veja a face carrancuda de vocês!”² Ironicamente, enquanto condena às chamas do inferno, cheio de fervor, “os caçadores de heresias”, Crouch consigna o general George Patton, reencarnacionista, a um futuro no céu.³

E quanto a julgar as heresias? O que Crouch diz? Seu conselho é que simplesmente deixemos que Deus “separe toda essa questão doutrinária”.⁴ Permitindo-se mais alguma elaboração, assim se queixou: “Você não pode ouvir a pregação da Fé. Não pode fazer confissão positiva. Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Mas quem se incomoda? Quem se incomoda? Que Jesus separe tudo isso no tribunal de Cristo. Então descobriremos quem, em termos de doutrina, estava certo ou errado”.⁵

Jesus, entretanto, tinha uma perspectiva assaz diferente. Ele deixou claro que, como simples mortais, somos incapazes de julgar infalivelmente o coração doutra pessoa (cf. Jr 17.9,10). Entretanto, quando se trata de julgar heresias, *devemos submeter tudo ao exame das Escrituras* (1 Ts 5.21; At 17.11; 2 Tm 3.16).

A pergunta que surge de imediato é a seguinte: “Como posso determinar se alguém está interpretando corretamente a Palavra de Deus?”

Cremos que com a pequena ajuda do acrônimo L-I-G-H-T-S você estará equipado para discernir entre o trigo e a palha.

O melhor antídoto contra o ensino herético é um bom treinamento hermenêutico. A hermenêutica é a ciência e a arte da interpretação bíblica. A hermenêutica é uma ciência porque se regulamenta por regras e é uma arte porque envolve argúcia intuitiva e analítica. Essas regras podem ser relembradas facilmente com a ajuda do acrônimo L-I-G-H-T-S (“luzes”). A hermenêutica “iluminará sua vereda”, enquanto você percorre a Palavra. O referido acrônimo servirá de lembrete dos seguintes elementos envolvidos na interpretação da Bíblia:

L = Interpretação Literal
I = Iluminação Espiritual
G = Princípios Gramaticais
H = Contexto Histórico
T = Ensino Teológico
S = Simetria Bíblica

Interpretação Literal

O “L” em “L-I-G-H-T-S” fá-lo-á lembrar-se do assim conhecido “princípio literal” de interpretação bíblica.

Isso quer dizer que devemos interpretar a Palavra de Deus de forma o mais natural e comum possível. Quando a Bíblia usa uma metáfora ou uma figura de linguagem, deve ser logo evidente para você a vantagem de interpretá-las respeitando-se o método metafórico. Assim, quando Jesus diz que é “a porta” (Jo 10.7), não está falando sobre madeira e dobradiças.

De modo idêntico, quando Jesus afirma que aqueles que deixam suas famílias por causa dEle e do Evangelho recebem de volta o “cêntuplo” - cem vezes mais —, a suposição natural é que esteja falando metaforicamente. Qualquer outra interpretação conduz a um absurdo lógico.

Os mestres da Fé, não obstante, são realmente mestres na atribuição de significados esotéricos ou místicos às passagens bíblicas,⁶ o que significa que as revestem de monstruosidades doutrinárias. Quando o princípio literal da interpretação bíblica é comprometido ou contradito, a verdade perde a transparência e a totalidade das Escrituras assume ares de confusão.

Princípio da Iluminação

O “T” lembrá-lo-á da *iluminação* das Escrituras, que só pode advir do Espírito de Deus. 1 Coríntios 2.12 assim o coloca: “Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus”.

Visto que o autor das Escrituras, o Espírito Santo (2 Pe 1.21), reside em cada filho de Deus (1 Co 3.16), este se encontra na posição singular de receber a iluminação de Deus (1 Co 2.9-11). O Espírito da verdade não somente nos fornece discernimento que satisfaz a mente, mas também nos ilumina o coração.

Mas o Espírito Santo não prescinde do estudo escrupuloso das Escrituras. Pelo contrário, seu esclarecimento só pode ser assimilado espiritualmente quando nos dedicamos ao exame criterioso da Bíblia. Dessa maneira, o Espírito Santo nos ajuda a “retirar das” (*exegese*) em lugar de “ler as” (*eisegese*) Escrituras. Ele só ilumina o que está no texto; sua iluminação *não vai além* do texto.

É precisamente nesse ponto que os mestres da Fé em sua quase totalidade falham. Eles afirmam que o Espírito Santo lhes deu uma iluminação especial e então passam a ler nas Escrituras nada além de suas opiniões individuais.

O teste de fogo aplicável a qualquer doutrina é o texto das Escrituras. A iluminação deve ser sempre submetida ao exame da Palavra. Lembre-se que Satanás faz questão que o encontremos enquanto pensamos estar em contato com o Deus vivo. Sempre que um ensino qualquer se manifesta contra a verdade revelada de Deus, nas Escrituras, com certeza o Espírito Santo não é o mentor de tal ensino (Jo 16.13).

Princípio Gramatical

O “G” o fará lembrar-se que as Escrituras devem ser interpretadas em consonância com as regras típicas da gramática, incluindo questões como sintaxe e estilo. Por isso, é importante que o estudante das Escrituras tenha pelo menos uma compreensão básica dos princípios gramaticais. Seria ainda de valiosa ajuda obter alguma noção das línguas grega e hebraica.

Mas se você desconhece tanto o grego como o hebraico, não se desespere. Atualmente existe um monte de instrumentos úteis que o ajudarão no discernimento das línguas originais das Escrituras. Além dos

comentários, existem as traduções “interlineares”, que provêem os textos hebraico e grego da Bíblia, em paralelo com a língua onde se deu a publicação. Além disso, você encontra dicionários com palavras do Antigo e do Novo Testamentos, relacionadas na concordância de Strong. Tais instrumentos ajudam o leigo a obter discernimento relativo aos originais hebraicos ou gregos da Bíblia, mesmo que não domine fluentemente seus aspectos lingüísticos.⁷

Mediante o uso de tais instrumentos, apegado a um mínimo de bom senso, você não será enganado por pessoas que reivindicam dominar as línguas bíblicas, ao mesmo tempo em que solapam os princípios gramaticais de interpretação escriturística. Para exemplificar, uma passagem da qual John Avanzini com freqüência abusa é Marcos 12.44, onde Jesus, ao falar da viúva pobre, afirmou: “Porque todos ali depositaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, depositou tudo o que tinha, todo o seu sustento”. Avanzini, porém, toma a palavra “pobreza” e troca-a por “necessidade”, o termo usado pela *King James Version* (“Versão do Rei Tiago”), em inglês. Até aí, tudo bem.

Mas então, num esforço por levantar fundos para a TBN, Avanzini sorriu e disse aos seus ouvintes que essa viúva não dera de sua pobreza, mas de sua necessidade, querendo dizer que ela deu “porque queria alguma coisa de Deus”.⁸ Deu para obter algo em troca, alguma vantagem. Depois Avanzini explica que a Igreja, através dos séculos, tem perdido o verdadeiro sentido dessa passagem. Agora, diz, ele está apresentando ao mundo um sentido mais profundo do texto.

É verdade que a palavra inglesa *want* (“necessidade”), cujo sentido básico relaciona-se a um estado de pobreza, ausência ou destituição, pode significar também “desejar ou querer alguma coisa”. A fim de determinar qual desses sentidos é aplicável a Marcos 12.44, o leitor precisa apenas buscar o contexto, verificando a estrutura do texto. Um exame mais próximo deixará claro que Cristo estava contrastando a doação da “viúva pobre” (vv. 42,43) com a daqueles que eram “ricos” (v. 44). Portanto, a polêmica palavra aponta para o estado de pobreza da viúva, nunca para seus desejos pessoais.

Também deveríamos observar que a narrativa paralela da viúva pobre, em Lucas 21.4, no texto em inglês, emprega a palavra *penury* (“penúria”), em lugar de *want*. Tudo quanto Avanzini tinha a fazer era consultar qualquer

dicionário para ver que a palavra “penúria” era muito usada no século XVI para indicar pobreza extrema. Outrossim, tivesse ele se dado ao trabalho de consultar um léxico grego, teria percebido que a palavra traduzida em inglês por want, em Marcos 12.44, foi aplicada ao vocábulo grego husteresis, cujo significado correto é “pobreza”.⁹ Portanto, a exposição de Avanzini dos sentidos “mais profundos” desse versículo, é confusa e ausente dum verdadeiro discernimento bíblico.

Princípio Histórico

O “H” servirá para lembrá-lo que a fé cristã é histórica e alicerçada em evidências (Lc 1.1-4). O texto bíblico pode ser melhor compreendido quando o leitor está familiarizado com os costumes, a cultura e o contexto histórico dos tempos bíblicos. Essa informação subjacente é extremamente útil na extração do sentido completo de qualquer texto submetido a análise.

Infelizmente, os mestres da Fé parecem negligenciar essa dimensão fundamental da hermenêutica. Vezes sem conta, eles terminam citando ou interpretando mal alguma passagem, por não observar o contexto histórico específico. Um exemplo clássico é o manuseio que dão a 3 João 2: “Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma” (ARA). Quando Oral Roberts defrontou-se pela primeira vez com esse texto, disse empolgado à sua mulher: “Evelyn, isso significa que devemos ser prósperos”. Ele conta como, após ter descoberto esse versículo, Deus lhe deu um Buick novinho em folha: “Tudo quanto nos tem acontecido desde aquele dia começou com esse versículo”. Evelyn, entusiasmada, concordou com Oral que prosperar “é o maior desejo de Deus para nós”.¹⁰

Porventura Oral e Evelyn captaram realmente o sentido bíblico do referido versículo? A resposta é um enfático NÃO! Lembre-se, devemos levar em consideração o contexto histórico das passagens. Essa observação inicial na carta de João, a seu amigo Gaio, conforme o erudito bíblico Gordon Fee explica, “era a forma padrão de saudação duma carta pessoal na antiguidade”.¹¹ E Fee concluiu que “estender o desejo de João acerca de Gaio, fazendo-o referir-se à prosperidade material e financeira de todos os crentes em todos os tempos é algo totalmente estranho ao texto. Nem João imaginou um tal significado e nem Gaio deve tê-lo entendido dessa forma. Portanto, esse não pode ser o ‘claro sentido’ desse texto”.¹² Também deve

ser instrutiva a observação ressaltada por Fee: “A palavra grega aqui traduzida por ‘prosperar’ significa ‘dar-se bem com alguém’”.¹³

Quando se trata do contexto e dos costumes antigos, não há necessidade de sermos guiados erroneamente. Graças a Deus, há uma hoste de excelentes manuais e comentários para ajudar-nos quanto à compreensão sobre pessoas e lugares referidos na Bíblia.

Ensino Teológico

O “T” o fará lembrar a questão do ensino, o qual não pode prescindir de seu fundamento bíblico e teológico. Embora a iluminação final das Escrituras se dê por meio do ministério do Espírito Santo, Deus também favorece sua Igreja com mestres humanos especialmente dotados (Ef 4.11). Apesar da conotação negativa que alguns associam ao título “teólogo”, a função a ele associada é não apenas bíblica - constituindo mesmo um ministério, mas imprescindível ao ensino da sã doutrina. E o que não poderíamos deixar de perceber, estudando a Bíblia e livros a ela relacionados, é que existe um verdadeiro abismo entre os especialistas na interpretação bíblica (assim chamados teólogos) e os que se autodenominam “ungidos” (mestres da Fé) — estes, sim, construtores de teologias duvidosas.

Tiago, sem dúvida, tinha em mente esses mestres de araque quando advertiu solenemente: “Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo” (Tg 3.1). Paulo faz a mesma advertência a Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15). As Escrituras deixam sobejamente claro que a tarefa de ensinar a Bíblia nunca deve ser assumida por partidários da moda, mas por quem se dedica a estudá-la, na dependência do Espírito Santo, revestido de humildade, idôneo na completa aceção da palavra.

Seguindo o exemplo dos bereanos (At 17.11), deveríamos tirar a limpo aquilo que os mestres humanos dizem, verificando se está em harmonia com as Escrituras (cf. 1 Ts 5.21). Quando se trata de compreender a Palavra de Deus, em submissão ao Espírito Santo, nada nos proíbe de buscar em fontes fidedignas de ajuda “o completo conselho da sua vontade”.

Se queremos interpretar corretamente a Palavra de Deus (2 Tm 2.15), fazemos bem em consultar aqueles a quem Deus tem constituído como

mestres sobre a Igreja (cf. Tt 2.1-15). Sobre eles há uma capacitação divina para nos resguardar dos lobos com peles de ovelha que não poupam o rebanho, exploradores que são (At 20.29).

Simetria Bíblica

Finalmente, o “S” lembrá-lo-á do princípio da simetria bíblica, que consiste em harmonizar a Bíblia consigo mesma. De modo simples, significa que passagens individuais das Escrituras devem sempre se harmonizar com as Escrituras como um todo. Um texto jamais pode ser interpretado de modo a entrar em conflito com outras passagens bíblicas. Se uma passagem particular pode ser interpretada de várias maneiras, a única escolha será aquela que se harmonize ao resto das Escrituras. O intérprete bíblico deve manter em mente que a totalidade das Escrituras, embora comunicada por intermédio de várias pessoas, tem um único autor: Deus - Ele nunca se contradiz.

Esse princípio, por si mesmo, elimina a errônea interpretação dos mestres da Fé, em João 10.34 (“Respondeu-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses?”). Ora, não há qualquer possibilidade da Escritura estar aqui ensinando que o crente é um deus, pois isso a poria em contradição consigo mesma. O ponto de vista defendido pelo movimento da Fé relativamente a esse versículo é uma calúnia contra o Espírito Santo. Afinal, Ele revela que só existe um Deus (Dt 6.4; Is 43.10; 44.6).

A Bíblia foi escrita num período de cerca de 1.600 anos, por quarenta autores de diferentes continentes, em três línguas, abrangendo centenas de assuntos. Mas é tão isenta de contradição e harmoniosa entre suas partes que toda e qualquer outra literatura empalidece quando a ela comparada. Bastaria esse princípio para invalidar a mensagem da Fé.

Uma Visão Bíblica das Riquezas

Com os princípios de L-I-G-T-H-S iluminando sua mente, concluamos esta seção com um panorama bíblico sobre as riquezas. Uma coisa é combater as trevas no escuro; outra, inteiramente diversa, é acender uma candeia e iluminar o ambiente.

O lugar por onde devemos começar é Salmos 24.1. Ignorando quem seja o dono de todas as coisas, inclinamo-nos por dar crédito a toda insensatez. Ouça o que Davi tem a dizer:

Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam (SI 24.1).

É fundamental entender esse texto. Deus é o proprietário; somos apenas arrendatários. O Senhor da Glória detém o título do Universo; nós somos simples mordomos. Todas as coisas que adquirimos nesta vida nos são conferidas apenas a título de empréstimo. Não as trouxemos ao mundo e não poderemos levá-las conosco; pertencem a Deus, e Ele faz com elas conforme bem lhe apraz. A simples lembrança desse fato nos salvará de um mundo de tribulações.

E bom responder periodicamente à pergunta do apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 4.7: “E que tens tu que não tenhas recebido?” A resposta, naturalmente, é: nada. Tudo o que você possui foi dado por Deus, como Paulo disse aos atenienses: “Pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (At 17.25). Se perceber que está começando a enganar-se a si mesmo, acreditando que por sua própria força ou piedade foi capaz de obter riquezas, lembre-se da pergunta de Paulo.

Em segundo lugar, lembre-se que o acúmulo de riquezas não é o propósito para que Deus chama seus filhos. Sim, a alguns ele dá prosperidade; mas envolve outros em circunstâncias adversas. A pobreza não é sinônimo de devoção religiosa, nem as riquezas são sinais de retidão. Se houvesse uma taxa de um para um entre a piedade e a prosperidade, então as pessoas mais piedosas do mundo também seriam as mais ricas. Mas é só olhar a lista Forbes dos quinhentos homens mais ricos do planeta para que essa ilusão logo desmorone.

Terceiro, nossa atitude para com as riquezas deveriam espelhar a atitude do apóstolo Paulo, evidenciada no livro de Filipenses. Várias partes daquele livro, uma vez ordenadas, formam quase uma cartilha que ensina ponto a ponto como desenvolver uma postura coerente sobre as riquezas. Poderíamos começar examinando o trecho de Filipenses 4.12,13:

Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece.

Em seguida, deveríamos considerar as palavras do apóstolo, dois capítulos antes, onde ele instrui seus amigos sobre o uso piedoso dos recursos confiados por Deus:

Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros (Fp 2. 3,4).

Em seguida podemos relembrar o exemplo dado por Paulo a fim de ilustrar o que acontece quando o povo de Deus usa seus recursos para honrar e glorificar seu Criador:

Todavia, fizestes bem em tomar parte na minha aflição. E bem sabeis também vós, ó filipenses, que, no princípio do evangelho... nenhuma igreja comunicou comigo com respeito a dar e receber, senão vós somente. Porque também, uma e outra vez, me mandastes o necessário a Tessalônica. Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que aumenta a vossa conta... O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus (Fp 4.14,17,19).

Precisamos lembrar-nos de que enquanto nos foi prometida uma herança eterna muito além de nossos mais extraordinários sonhos, a promessa de Deus para nós, nesta terra, algumas vezes assume uma coloração um tanto obscura:

Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele (Fp 1.29).

Finalmente, devemos considerar tanto a advertência como a gloriosa esperança que o apóstolo lançou-nos jubilosamente em Filipenses 3.18-4.1:

Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo: O fim deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles é para confusão deles mesmos, que só pensam nas coisas terrenas. Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as

coisas. Portanto, meus amados e mui queridos irmãos, minha alegria e coroa, estai assim firmes no Senhor, amados.

No dizer de Paulo, as riquezas vêm da parte do Senhor. Mas não fiquemos por demais apegados a elas. O que você tiver, use-o para a promoção do Evangelho e para minorar os problemas daqueles que estão ao seu redor. Não imagine um mar de rosas. E não se esqueça jamais que, um dia, Jesus enrolará esta Terra como se fosse novelo, e nos conferirá um corpo que nunca se abaterá, não adoecerá e nem precisará de alimentos; igualmente, todo acúmulo de ouro e riquezas terrestres será pura loucura. Noutras palavras, administre sua vida como um mordomo responsável, a fim de que um dia, no julgamento, Deus mesmo possa galardoá-lo ricamente (Mt 25.21).

Sinto-me fortemente tentado, neste ponto, a citar várias passagens do capítulo sobre o dinheiro, do livro de John Piper, *Desiring God* (“O Desejo de Deus”), mas me contentarei em fazer apenas uma citação. Na minha opinião, as palavras de Piper estão entre as melhores que já li sobre como o cristão deve usar seu dinheiro. Veja se você concorda com elas:

Uma doutrina de riquezas e prosperidade está de pé atualmente, formada por meias verdades, as quais dizem: “Glorificamos a Deus com o nosso dinheiro desfrutando, agradecidos, de todas as coisas que Ele nos permite comprar. Por que um filho do Rei viveria como um paupérrimo?” E assim por diante. A meia verdade disso é que deveríamos ser gratos por toda boa coisa que Deus nos permite possuir. Isso o glorifica. A outra metade, falsa, é a implicação sutil que Deus pode ser glorificado dessa maneira através de todo tipo de compras e aquisições luxuosas.

Se isso fosse verdade, Jesus não teria dito: “Vendei o que tendes, e dai esmolas” (Lc 12.33). Ele também não teria dito: “Não pergunteis, pois, que haveis de comer ou que haveis de beber, e não andeis inquietos” (Lc 12. 29). João Batista também não teria dito: “Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem” (Lc 3.11). O Filho do Homem não teria andado por aí sem lugar onde repousar a cabeça (Lc 9.58). E Zaqueu não teria dado metade de seus bens aos pobres (Lc 19.8).

Deus não é glorificado quando guardamos para nós mesmos (independente de quão agradecidos sejamos) o que deveríamos estar

usando para aliviar a miséria dos perdidos, analfabetos, doentes e milhões de famintos. A evidência de que muitos cristãos professos têm sido enganados por essa doutrina é o quão pouco dão e o quanto possuem. Deus fê-los prosperar. E, mediante uma quase irresistível orientação cultural para o consumismo (consubstanciada numa doutrina de saúde, riquezas e prosperidade), eles têm comprado maiores e mais casas, carros do ano sempre mais novos, roupas da moda e mais caras, carne de primeira e cada vez mais, e toda espécie de pequenos aparelhos e objetos, recipientes, dispositivos e equipamentos que tornem a vida mais divertida.

E ainda querem objetar: “Mas, o Antigo Testamento não promete que Deus fará seu povo prosperar?” De fato! Deus aumenta a nossa renda para compartilharmos dela com outrem, provando assim que a mesma não é um deus para nós. Deus não prospera os negócios dum homem simplesmente para que ele possa vender seu Ford e comprar um Cadillac. Deus prospera um homem de negócios a fim de que 17 mil pessoas perdidas possam ser alcançadas com o Evangelho. Ele prospera um comerciante a fim de que doze por cento da população mundial dê um passo atrás do precipício da morte à míngua.

A questão não é quanto uma pessoa ganha. Grandes indústrias e polpudos salários são um fato de nossos tempos, não sendo necessariamente maus. O mal está em ser enganado e levado a pensar que um salário de US\$ 100.000,00 deva ser acompanhado dum estilo de vida que gaste US\$ 100.000,00. Deus nos fez condutores de sua graça. O perigo é pensar que esse condutor deva ser recoberto de ouro. Não. O cobre é suficiente.¹⁴

A escolha é sua. Você pode engolir a insensatez dos pregadores da Fé sobre o seu direito de derramar-se na auto-indulgência ou firmar seu coração sobre a satisfação mais profunda que vem do uso generoso de seus recursos para fomentar o Evangelho e melhorar a sorte daqueles que vivem ao seu redor. Você pode viver responsavelmente como mordomo de Deus, esperando ouvi-lo em breve:

“Muito bem, servo bom e fiel”, ou desperdiçar os dons divinos, deixando cair com plena força sobre sua alma, se agirem insensatamente, o

seguinte veredito: “Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão” (Mt 6.2).

A mim cabe entesourar para mim mesmo “um bom fundamento para o futuro, para que possa alcançar a vida eterna” (1 Tm 6.17-19). Mas não pretendo acumular “tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam” (Mt 6.19-21).

É a sua declaração bancária no céu que conta. Se sua esperança estiver no depósito bancário que possui aqui, você está perdido e falido, não importa quantos dígitos haja na sua conta, ladeando seu pomposo nome.

PARTE VI

Achaques e Sofrimentos

Francamente, eu pensava que nunca mais poderia ser feliz novamente. Num instante de turvação, meu mundo inteiro veio abaixo. Num momento, excitação; noutro, dor lancinante. Se ao menos eu pudesse fazer voltar o tempo! Por favor, Deus, isso não pode estar acontecendo... Como deixarias isso acontecer? Por favor, ajude-me!

Com a mente rodopiando, peguei meu filho gravemente ferido e parti a toda velocidade para o hospital mais próximo. Sentia como se uma faca me houvesse traspassado o coração.

Tinha chegado em casa há apenas algumas horas, depois duma longa semana de ministério. Meu filho, David, havia se esgueirado para nosso dormitório nas primeiras horas da manhã. Ele sussurrou: “Papai, você vai me ajudar a montar minha bicicleta nova?” Tranqüilamente, para não acordar ninguém, lá fomos nós, nas pontas dos pés escada abaixo. Juntos trouxemos a caixa com sua bicicleta nova para um canto da cozinha e começamos a desfazer o pacote.

O que aconteceu a partir é ainda um borrão na minha mente. David pegou uma faca afiada na gaveta da cozinha. Impulsivamente, ele meteu a faca na caixa de papelão e puxou-a com toda sua força. Inesperadamente, a caixa de papelão cedeu, oferecendo pouca resistência. A faca adquiriu velocidade ao cortar a caixa e o movimento desimpedido de seu braço levou a lâmina na direção do rosto dele. Com uma velocidade de relâmpago, a ponta aguda da faca entrou no centro de sua córnea, atravessou a câmara interior e abriu o olho de meu filho.

Enquanto caminhava pelos salões do hospital naquela manhã, eu estava seguro de que nunca mais seria feliz de novo. Havia perdido toda a

perspectiva. Meu mundo mergulhou em profundas trevas e desespero. A dor e a tristeza haviam enfiado suas garras indesejáveis no seio de minha família.

Mas não estou sozinho. Cedo ou tarde, toda pessoa experimenta tristeza e mágoa. É justamente nesses momentos que cada um de nós, a exemplo de Jó, tem de passar pelo teste. Jó, na realidade, teve de enfrentar o teste final da fé. Embora Deus o reconhecesse como “homem íntegro e reto”, ele não ficou isento de passar por uma tragédia tão medonha. Primeiramente, perdeu sua base financeira; em seguida, a família foi desestruturada. Finalmente, sua própria saúde lhe faltou.

Perguntas e dúvidas por certo devem ter percorrido a mente de Jó. Será que tudo não passava dum sonho mau? Seria a enfermidade apenas uma ilusão e os sintomas um engodo satânico para roubar-lhe a fé? Teria ele, realmente, dado a Satanás uma brecha para atacá-lo, uma vez que proferiu palavras de temor e não de fé? Estariam os amigos de Jó corretos ao sugerir que a tragédia havia caído sobre ele por causa dalgum pecado secreto? Ou estaria um Deus soberano fazendo todas as coisas cooperarem juntamente para o bem, na vida dum homem a quem Deus amava e que fora chamado segundo o seu propósito (Rm 8.28)?

Jó e seus amigos íntimos foram deixados no escuro e não podiam discernir com clareza, pois as Escrituras revelam que o que estava acontecendo por trás dos bastidores, nos lugares celestiais, era-lhes desconhecido.

A esposa de Jó impugnou o Soberano do Universo, aconselhando o marido: “Amaldiçoa a Deus e morre” (Jó 2.9).

Os “amigos” de Jó impugnaram-no. Unâimes, acusaram-no de estar sofrendo por causa dalgum pecado secreto. “Certamente que Deus não rejeita um homem sem dívida no cartório”, clamaram.¹

O próprio Jó, entretanto, não impugnou nem a si mesmo e nem a Deus. Emocionalmente, no entanto, ele estava num terreno muito escorregadio, sua mente à procura de respostas, até que proferiu seu ultimato de fé: “Ainda que ele me mate, nele esperarei” (Jó 13.15).

Hoje, quando cada um de nós viaja pela estrada da vida, à semelhança de Jó, ninguém duvide que a sombra da enfermidade, do sofrimento e finalmente da morte haverão de se nos confrontar. Como reagiremos? Você

seguirá na mesma direção da esposa e dos amigos de Jó? Ou acompanhá-lo-á nos seus sofrimentos?

A esposa e os amigos de Jó pelo menos tinham uma desculpa - desconheciam o desenrolar dos acontecimentos nos lugares celestiais. Mas nós conhecemos! As Escrituras revelam-nos que o tempo todo em que Jó sofria, Deus estava no controle da situação. Alguém duvida disso?

Ao prosseguirmos através desta seção sobre os achaques e os sofrimentos, traçaremos uma linha clara entre os conceitos sectários do movimento da Fé e os da fé cristã histórica. Quando essa linha não é mais percebida ocorre, inevitavelmente, a tragédia.

Enfermidades e dores são, na verdade, o denominador comum num mundo caído. Todos adoecemos e, eventualmente, todos morremos - incluindo cada pessoa dedicada ao movimento da Fé. Por mais que os mestres da Fé gostariam que você acreditasse de outro modo, não há exceções a essa regra.

Frederick Price pode proclamar orgulhosamente: “Não permitimos que a enfermidade entre em nosso lar”,² mas a realidade é que sua esposa foi vitimada pelo câncer, sendo profundamente grata aos médicos pelas dolorosas exposições à radioterapia e pelo tratamento quimioterápico que tem recebido por indicação deles.³ Kenneth Hagin pode jactar-se de que não tem dor de cabeça, nem resfriado e nem ao menos “um dia enfermo” em quase 60 anos,⁴ mas já sofreu pelo menos quatro crises cardiovasculares, incluindo uma cardioplegia (parada cardíaca) e outra disfunção que durou seis semanas.⁵ Embora Hagin reivindique seus “direitos” e se ponha literalmente de pé sobre a Bíblia quando a enfermidade vem,⁶ suas seis semanas de cardiopatia põem em cheque sua “confissão positiva”.

Hagin pode vangloriar-se que suas confissões de cura divina obtêm resultados “dentro de poucos segundos”, mas alguns de seus seguidores admitem que é melhor “não insistir em ver alguma manifestação *espetacular* de cura. mas... tão somente alguma cura *progressiva*”. conforme disse certa vítima de câncer que sabiamente passou por um tratamento quimioterápico. durante “os muitos meses” quando “não vimos qualquer manifestação ‘espetacular’ de cura”, em que suportou dois ataques distintos da doença.⁷ O mestre da Fé Hobart Freeman pode ter culpado a falta de fé do seu genro pela morte do neto, mas a verdade é que um procedimento médico rotineiro

poderia ter facilmente salvo a vida do garoto. Ironicamente, o desdém do próprio Freeman pela ciência e pela medicina e seu apego cego a fórmulas de Fé furadas, levaram-no, ao que tudo indica, à morte prematura em 1984.⁸

O mais irônico de tudo é que o veterano milagreiro, Oral Roberts, sofreu um ataque de coração apenas umas poucas horas após ter sido supostamente curado de dores no peito, por Paul Crouch, num programa de televisão ao vivo pela TBN, a 6 de outubro de 1992 — poucos meses depois do próprio Crouch ter sofrido dois dias seguidos de “dores no coração”, “palpitações” e “paradas”.⁹

Tristemente, as tragédias de ontem passam hoje sem ser ouvidas pelas multidões de seguidores do movimento da Fé. Recentemente, após um culto dominical da manhã, onde eu havia falado sobre o significado bíblico da fé, uma mulher veio até mim e pleiteou por ajuda, em lágrimas. Uma irmã no Senhor tinha entrado em contato com a Trinity Broadcasting Network (“Rede de Transmissão Trindade”) e passara a seguir os ensinamentos de Marilyn Hickey, Kenneth Copeland e Benny Hinn. Como consequência, resolveu deixar de lado a cirurgia para câncer ovariano. Numa carta, ela escreveu: “Estou pondo minha vida em linha com a Palavra de Deus. Ele declarou que por suas pisaduras eu fui curada, estou curada - passado, presente e futuro. Jesus é real. Sua Palavra é real e cabe a mim aceitar e saber, confiar como se minha própria respiração dependesse disso”. E, assim, sua amiga conclui a carta: “Creia e receba”.¹⁰

Fiz questão de escrever uma longa carta àquela querida mas enganada senhora, refutando os ensinamentos fracassados dos mestres da Fé, na esperança que chegasse a ela antes que fosse tarde demais.¹¹ Para alguns, entretanto, já é definitivamente tarde.

Não faz muito tempo, recebi uma carta de outra senhora, cujo cunhado tinha se matriculado no Rhema Bible Training Center (“Centro Rhema de Treinamento da Bíblia”), de Kenneth Hagin. Por acaso no período em que estava ali, sua esposa contraiu câncer também no ovário. Ao invés de buscar cuidados médicos, eles negaram os sintomas da doença. Como era previsível, ela morreu.¹²

Infelizmente, entretanto, as loucuras da Fé não morrem tão rapidamente quanto aquela querida senhora. Não somente tentaram ressuscitá-la dentre os mortos, mas quando a vida não retornou, chegaram a

admitir que ela voltaria noutro corpo. No fim, apelaram para sua linha de argumento padrão: ela não fora curada por sua falta de fé.

Quem sabe quantas tragédias não contadas testificam acerca da devastação que segue na esteira dos falsos ensinamentos do Movimento da Fé. Ainda assim essas perversões continuam a expandir-se. Já está na hora de demonstrar a completa falsidade de enganos tão letais.

21

Sintomas e Doenças

De acordo com a mitologia da Fé, o pecado de Adão não somente deixou Deus de fora do planeta Terra, mas também deu origem a uma natureza satânica que foi imputada a Adão. Desde então, a humanidade está suscetível ao pecado, às enfermidades, ao sofrimento e à morte.

Ainda bem que, como já vimos, Deus tinha um plano. Ele entrou em acordo com um homem chamado Abraão. Como parte do acordo, ficou prometido a Abraão - e sua descendência - riquezas sem conta e saúde total. Ou, no dizer de Copeland: “O princípio básico da vida cristã consiste em saber que Deus pôs nosso pecado, enfermidade, doença, tristeza, lamentação e pobreza sobre Jesus, no Calvário. Pôr sobre nós qualquer dessas coisas seria um lapso da justiça. Jesus foi feito maldição por nós, para que recebêssemos a bênção de Abraão”.¹

Os mestres da Fé afirmam que aqueles que confiam em Cristo são descendência de Abraão e assim herdeiros do pacto. Copeland ressalta: “Vocês têm uma aliança firmada com o Deus Todo-poderoso e um dos direitos dessa aliança é um corpo saudável”.² Para que seus seguidores não perdessem o fio da meada, acrescentou:

O primeiro passo para a maturidade espiritual é perceber sua posição diante de Deus. Você é filho de Deus e co-herdeiro com Jesus. Em consequência, faz jus a todos os direitos e privilégios do Reino de Deus: um desses direitos é saúde e cura. Você nunca perceberá ou

compreenderá plenamente a cura enquanto não souber, acima de qualquer dúvida, que... Deus o quer curado... Quer você aceite ou não, dispondo-se a caminhar de acordo com essa verdade, a decisão é toda sua.³

Benny Hinn vai diretamente ao âmago da questão, ao escrever: “A Bíblia declara que faz agora dois mil anos desde que a obra foi feita. Deus não vai curá-lo agora - já o curou há dois mil anos. Tudo o que você precisa fazer hoje é receber a cura pela fé”.⁴

Hinn acredita que Moisés deveria ser nosso exemplo. Ele viveu 120 anos sem que seus olhos enfraquecessem ou que suas forças naturais se abatessem; portanto, assim também deveria ser conosco. Afirma Hinn: “A enfermidade não lhe cabe. Ela não faz parte do Corpo de Cristo. A enfermidade não pertence a qualquer de nós. A Bíblia declara que se a Palavra de Deus estiver em nossa vida, haverá saúde, haverá cura - saúde e cura divinas. Não haverá enfermidade para o santo de Deus. Se Moisés pôde viver uma vida tão saudável, você também pode.”⁵

A propósito, quando Hinn afirma: “A enfermidade não pertence a qualquer de nós”, ele realmente quer dizer isso. Algumas páginas adiante, ele escreve que Deus “promete curar todas — cada uma, sem exceção, qualquer que seja, tudo - todas as nossas doenças! Isso significa que nem mesmo uma dor de cabeça, uma sinusite ou uma dor de dentes - nada! Nenhuma doença deveria vir ao seu encontro”.⁶

E não pense sequer por um momento que essa é uma doutrina secundária ou de menor importância para Hinn.

Ele continua a bradar ousadamente a assertiva de que “o maior desejo de Deus para a Igreja de Jesus Cristo... é que gozemos de total e perfeita saúde”.⁷

À semelhança de Hinn, Jerry Savelle acredita que “a cura divina é algo que já possuímos. Quando os sintomas aparecem, nada mais são que o ladrão tentando roubar a saúde que já nos pertence. Noutras palavras, a saúde divina não é algo que estamos tentando obter de Deus, mas algo que o diabo está nos tentando tirar!”⁸

O Subterfúgio dos Sintomas

Diz Savelle: “Quando o diabo tenta pôr um sintoma de enfermidade ou mal-estar em meu corpo, recuso-me terminantemente a aceitá-lo. Um tempo atrás ele tentou pôr os sintomas do resfriado em mim. O nariz me começou a escorrer. Meus olhos estavam lacrimejantes e os espirros se sucediam. Estava sentindo dor no corpo inteiro. Desde 1969 que não pegava um resfriado e não seria dessa vez que o pegaria. Fui redimido do resfriado! Imediatamente comecei a confessar a Palavra de Deus de que estava curado pelas pisaduras de Jesus. Repreendi Satanás e rejeitei seus sintomas mentirosos. Eu não estava tentando obter algo que não tenho: estava apenas conservando aquilo que já tenho. Estou curado”.⁹

Savelle não parece perturbado pelo absurdo de ser “curado” do resfriado, mas continuar sofrendo, como se nada houvera acontecido, dos sintomas do resfriado. E nem Kenneth Hagin parece perturbado com isso.¹⁰ Frederick Price, por sua vez, tem sua própria distorção da idéia. Ele conta a história de como Satanás atacou-o com sintomas tão severos que pensou, literalmente, acabar morrendo. Eis a história contada por Price:

O diabo quis assustar-me e fazer-me pensar que aquela dor me mataria. Bem, deixei simplesmente que a dor viesse. Minha esposa pode dizer a vocês; eu me arrastava pelo assoalho do dormitório, gritando e clamando com toda a força de meus pulmões. Eu estava sofrendo uma dor tal que nem podia ficar de pé... estava sob um ataque severo ao extremo. Mas não entreguei os pontos... Eu queria que minha fé operasse por mim. Por isso não chamei ninguém para orar por mim.¹¹

Semelhante a Savelle e outros mestres da Fé, Price está convencido de que os sintomas não passam de truques de Satanás, visando roubar aquilo que nos pertence por direito. Savelle assim o explica:

Suponha que um estranho (fraco e desarmado, “sem direitos legais”) entre em sua cozinha, ponha sua geladeira sobre rodinhas, e comece a levá-la para fora. O que você fará? Provavelmente o fará parar... Ninguém em seu bom senso permitiria que sua porta fosse aberta para um ladrão nessas condições, vendo sua geladeira ser gentilmente conduzida para fora... O tal enfrentaria o ladrão e lhe diria... “Onde você pensa que vai com minha geladeira? Tire suas mãos da minha propriedade e suma daqui!” Não é uma tentativa, por parte do morador, de obter uma geladeira; ele está apenas

conservando algo que já tem. Outro tanto dá-se com a cura. Eu estou curado. Quando os sintomas aparecem, eu simplesmente me preparo e digo ao diabo: “Alto aí, camarada!”¹²

Uma Doutrina que Mata

Tais pronunciamentos podem parecer inócuos, mas têm um lado mais sombrio. Talvez Kenneth Copeland desconheça que ignorar os sintomas pode muito bem ser letal: “Recuso-me a considerar o meu corpo, recuso-me a ser movido pelo que vejo e pelo que sinto... Escolho ouvir sua Palavra, em vez de dar crédito ao que meu corpo tenta dizer... *Tenho visto pessoas morrerem, mas eu continuo firme, dizendo: ‘Bendito seja Deus, você não vai morrer! E de qualquer jeito morrem!’* Mas permaneço alegre porque resisti. Nunca pleiteei qualquer coisa em minha própria vida que a não tivesse finalmente obtido. Só posso usar até aí a minha fé com você”.¹³

A julgar pela citação seguinte, parece que Kenneth Hagin acredita na mesma coisa:

*A fé real em Deus —fé que parte do coração — acredita na Palavra de Deus, sem importar quais sejam as evidências físicas... Uma pessoa que busque cura deveria olhar para a Palavra de Deus e não para seus sintomas. Ela deveria dizer: “Sei que estou curada, porque a Palavra diz que pelas suas pisaduras eu fui curado”.*¹⁴

Em seu livro que foi sucesso de livraria, *Right and Wrong Thinking* (“Pensamento Certo e Errado”), Kenneth Hagin conta como durante uma convenção do Evangelho Pleno ele começou a experimentar “dores agudas” na região do coração: “Parecia tremer e parar. Eu chegava a sentir que minha respiração estava sendo cortada”.¹⁵

Hagin então narra como o diabo apareceu, sugerindo-lhe que pedisse uma oração, ao que Hagin replicou:

“Qual é a tua, diabo imundo, o que é que há? Por que haveria eu de pedir que orassem por mim? Deus me curou há cinco anos e continuo curado”. De súbito, Satanás camuflara alguns poucos sintomas e estava tentando fazer-me acreditar que eu não estava curado... Tudo quanto ele podia fazer era levar-me a acreditar nos sintomas e agir de acordo com minhas sensações. Não obstante, mantive o pé firme. Sustentei que Deus me curara e que não aceitaria qualquer outra coisa.

Não permitiria que um pensamento de dúvida sequer entrasse na minha mente. E os sintomas me deixaram.¹⁶

O perigo de negar a realidade dos sintomas ou de considerá-los de pouca importância, como ilusões diabólicas, dificilmente pode ser exagerado. No caso de enfermidades como o câncer, a detecção e o diagnóstico precoces são cruciais para um tratamento eficaz e para a recuperação plena da saúde. Longe de constituírem astúcias diabólicas, conforme dizem os mestres da Fé, os sintomas são sinais característicos do poderoso potencial de cura e restauração com que Deus dotou nossos corpos, uma vez que não deixam o mal encoberto.

O médico Paul Brand resumiu tudo da melhor maneira, quando escreveu: "*Os sintomas que normalmente alarmam os pacientes* são demonstrações espetaculares dos *mecanismos* de cura do corpo em operação".¹⁷ Não somente podem os sintomas servir de sinais que nos alertam para algum perigo físico iminente, algum descuido de nossa parte, mas também apontam para os processos de cura do corpo. Assim sendo, os sintomas são, com frequência demonstrações divinas do poder soberano e restaurador de Deus em processo. O Dr. Brand explica isso com muita propriedade valendo-se do exemplo (desculpem-me o asco duma ferida infeccionada que está avermelhada e com pus:

A vermelhidão deve-se à emergência do suprimento de sangue conduzindo glóbulos brancos e agentes reparadores; o pus, composto de fluídos linfáticos e células mortas, fornece claras e insuspeitáveis evidências da guerra celular que está sendo travada contra o agente invasor. Semelhantemente, uma febre representa o esforço do corpo por fazer o sangue circular com maior velocidade, além de criar um ambiente hostil para algumas bactérias.¹⁸

Apesar desses bem documentados fatos médicos, os mestres da Fé continuam envidando esforços para convencer seus seguidores de que os sintomas são truques do diabo, cujo desígnio é furtar-lhes a cura e a saúde divinas. E assim, a cada dia, é maior o número daqueles que têm sido vitimados pela mensagem da Fé. Enquanto pensam estar seguindo os ensinamentos de Cristo, os seguidores da Fé estão, na verdade, penetrando no tenebroso reino das seitas.

Pode uma Fé Sectária Curar?

Quando se trata dos sintomas e das enfermidades, os ensinamentos sectários do movimento da Fé são, na prática, iguais aos de seitas metafísicas como a Ciência Cristã, a Ciência Religiosa e a Escola da Unidade do Cristianismo. A líder sectária Mary Baker Eddy, à semelhança de Hagin, ensinava seus adeptos a ignorar os sentidos, bem como os sintomas físicos das enfermidades. Em *Science and Health* (“Ciência e Saúde”), o manual da Ciência Cristã, ela escreve: “Quando os primeiros sintomas da enfermidade aparecerem, questione o testemunho dos sentidos materiais perante a Ciência divina... ‘Concorde ou discorde’ dos sintomas que se aproximam de doenças crônicas ou agudas, quer se trate do câncer, da tuberculose ou da varíola”.¹⁹

Os ensinamentos de Hagin e os do guru do Novo Pensamento, Phineas Quimby, também são extremamente parecidos. Quimby, por exemplo, disse: “Se acredito que estou doente, então estou doente, porquanto meus sentimentos são minha enfermidade, e minha enfermidade é minha crença, e minha crença é minha mente. Por conseguinte, toda enfermidade está na mente ou na crença”.²⁰ Hagin, pois, reverbera os sentimentos de Quimby, ao escrever:

Faz grande diferença aquilo que alguém pensa. Acredito que esse é o motivo pelo qual muitas pessoas estão enfermas... A razão pela qual não estão sendo curadas é que estão pensando errado... Elas simplesmente continuam pensando, acreditando e falando errado... O que faz um crente ser bem-sucedido é o pensamento certo, a crença certa e a confissão certa.²¹

Na realidade, os conceitos sectários do Novo Pensamento estão mais de acordo com o Movimento da Fé do que a Ciência Cristã. Diferente da Ciência Cristã, o Novo Pensamento não nega a realidade da matéria física. Antes, os mestres do Novo Pensamento — tal como os mestres da Fé — asseveram que a confissão mental pode controlar as condições físicas.

Os devotos do movimento da Fé estão tão apegados ao conceito sectário de negar os sintomas que raramente, se é que o fazem alguma vez, admitem estar enfermos. Estão convencidos de que qualquer reconhecimento de enfermidade abre a porta ao controle satânico. De acordo com Kenneth Copeland:

Se você disser: “Toda vez que um resfriado chega à cidade eu o pego”, você está bloqueando o acesso dos anjos de Deus e abrindo a guarda

para Satanás e sua agência. Então você agirá conforme suas palavras, dando ao diabo contínuo acesso a tudo quanto você faça. E quando chega a estação dos resfriados, você nem pensa duas vezes: vai a uma farmácia e compra nove caixas de comprimidos e toda a medicação para resfriados que estiver disponível. Assim, suas ações apóiam-se em suas palavras.²²

Frederick Price descreve os medicamentos como uma muleta para o crente imaturo: “Se você precisar duma muleta ou qualquer outra coisa para ajudá-lo a caminhar, então louvado seja Deus, fique coxeando até o ponto em que sua fé entre em ação e você não precise mais duma muleta”.²³ Os crentes maduros, de acordo com Price, podem passar sem essa muleta. “Quando você desenvolver sua fé numa extensão que lhe permita depender das promessas de Deus, então não vai precisar mais de remédios. Essa é a razão pela qual eu não tomo medicamentos”.²⁴

Tal como se dá na metafísica do Novo Pensamento, os seguidores da Fé são ensinados que os crentes maduros podem dispensar a doença, os médicos e os medicamentos. E conforme Hagin disse: “Acredito que o plano de Deus, nosso Pai, é que o crente jamais fique enfermo... Não é — e digo isso com toda ousadia — a vontade de Deus, meu Pai, que soframos de câncer e outras enfermidades mortais, que só trazem dor e angústia. Não! A vontade de Deus é que sejamos curados”.²⁵

Deturpando a Palavra

Tal como os partidários da Ciência Mental os mestres da Fé usam a Bíblia para pôr a pique os incautos. Algumas vezes, suas interpretações das Escrituras assumem ares de respeitabilidade; noutras, são simplesmente ridículas e abomináveis.

Nesta última categoria cabe o argumento ultrajante de Benny Hinn para “provar” sua doutrina de perfeita saúde e cura. Em seu livro, intitulado *Rise & Be Healed* (“Levante-se e Seja Curado”), Hinn escreveu que “a Bíblia diz em Efésios 5.23 que Jesus Cristo é o salvador do corpo... Se Jesus Cristo é o salvador do corpo, então seu corpo deve ser curado”. Em seguida vem uma citação aparentemente representativa de Efésios 5.23: “Tu és o salvador do meu corpo, Senhor Jesus, tu és o salvador da minha alma”. Uma rápida verificação em Efésios 5.23, entretanto, logo revela que Hinn alterou o texto

sagrado para ajustar-se à sua doutrina.²⁶ O texto bíblico em si nada tem a ver com o corpo físico.

Antes, o “corpo” referido em Efésios 5.23 é claramente identificado como “a Igreja”. Isso é tão óbvio que simplesmente não podemos engolir essa mentira. Eis o que lemos em Efésios 5.23: “porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é *o cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo*”.

Mas as pessoas, por não examinar o que ouvem à luz das Escrituras, geralmente preferem ficar com a interpretação de Hinn. Em alguns casos, confiam cegamente nele porque diz ser “ungido de Deus”. Noutros, aceitam seus ensinamentos porque outros líderes evangélicos afirmam que o que ele prega “está de acordo com a Palavra de Deus”.

Para exemplificar, isso não faz muito tempo. Paul Crouch enviou uma carta a um apoiador financeiro, na qual escreveu:

Os líderes do CRI [Christian Research Institute ou, no Brasil, ICP: Instituto Cristão de Pesquisas] sabem muito bem que as pessoas que você mencionou, como Benny Hinn, Dwight Thompson, e outros, *em nenhum sentido estão pregando o erro*.²⁷

Chega a causar decepção como os telespectadores da TBN geralmente crêem em tais garantias, sob falsas premissas, como também o fazem os seguidores da Fé.

Pense o leitor sobre as duas senhoras acerca das quais escrevi no começo desta seção. Uma delas já morreu. A outra sintonizou seu aparelho de tevê na TBN, pondo em risco a própria vida por causa dos ensinamentos de Hinn, Hickey e Copeland.

Kenneth Copeland pode dizer que quem não aceita seus ensinamentos sucumbiu a uma “mentira saída das profundezas do inferno”,²⁸ mas as Escrituras dizem o contrário. Ele pode proclamar que aceitar enfermidade em você, “depois que foi posta em Jesus, é um lapso da justiça”. Pode até zombar, dizendo que “um crente com problema para receber a cura sofre de ignorância da Palavra de Deus”.²⁹ A verdade, entretanto, é que os falsos mestres da cura -eles mesmos - é que estão laborando no erro.

Por Suas Pisaduras Somos Sarados

Um dos textos favoritos do Movimento da Fé é a passagem maravilhosamente verdadeira de Isaías 53.5, que declara: “Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados”. Ao contrário do que ensina o Movimento da Fé, é do conhecimento comum que o termo hebraico *raphah* (usado nessa passagem) freqüentemente se refere à cura espiritual e não à física. Por exemplo, quando o profeta Jeremias escreve: “Voltai, ó filhos rebeldes, eu curarei [*raphah*] as vossas rebeliões”, ele obviamente não está se referindo à cura física (Jr 3.22).³⁰

Isaías dificilmente poderia ter deixado mais claro que o que tinha em mente, quando escreveu que o Messias (o Cristo) seria ferido pelas nossas *transgressões* e moído pelas nossas *iniquidades* (Is 53.5), era a cura espiritual.

Pedro edifica sobre esse entendimento ao escrever: “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados. Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas, agora, tendes voltado ao Pastor e Bispo da vossa alma” (1 Pe 2.24,25). O tema de Pedro, nessa passagem citada, não poderia ser mais claramente definido. Ele disse que Cristo carregou “ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” e não as nossas enfermidades. Pedro, pois, deixa claro que a cura referida em Isaías 53.5 é espiritual e não física.

Mas suponhamos, por amor ao argumento, que Isaías 53.5 realmente se referisse à cura física. Mesmo assim, esse trecho bíblico não estaria ensinando a panacéia que os mestres da Fé insistem que ele ensina, pois tal interpretação traz consigo implicações e conseqüências em nada bem-vindas.

Se a cura faz parte da expiação, sendo acessada pela fé, então aqueles que morrem por sua falta de fé devem permanecer em seus pecados. Esses morrem sem esperança. Por quê? Porque, se tanto a cura como a salvação estão incluídas nessa passagem, elas devem ser acessadas do mesmo modo e ao mesmo tempo. E se alguém não tem fé bastante para estar bem de saúde, segue-se que também não deve ter fé suficiente para ser salvo. Por conseguinte, aqueles que morrem fisicamente por sua falta de fé, devem terminar no inferno, pela mesma razão. Mas duvido que você ouça os mestres da Fé salientarem esse ponto por um instante sequer, pois os parentes e

amigos do morto provavelmente não aplaudirão os arautos duma doutrina tão melancólica.

Mas não é esse o caso, pois Isaías 53.5 não visava a qualquer cura física. E interessante, entretanto, que o versículo que imediatamente o precede realmente fala na cura do corpo, pois ali Isaías escreveu: “Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido” (Is 53.4). A cura física aqui não somente é clara no seu contexto, mas também confirmada nos evangelhos, onde recebe uma importante qualificação. Mateus escreveu: “E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele, com a sua palavra expulsou deles os espíritos e curou todos os que estavam enfermos; para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças” (Mt 8.16,17).

Portanto, as curas mencionadas em Isaías 53.4 foram cumpridas durante o ministério público de Cristo — antes de sua expiação na cruz! — e, em consequência, o uso arbitrário desse versículo não chega a ser uma prova ou garantia para curas incondicionais na atualidade, mesmo porque o próprio Senhor Jesus não curou a todos - não que lhe faltasse poder ou vontade, mas cumpria-lhe, por meio dos sinais (os quais incluíam a cura), deixar evidente que era chegado o Reino de Deus. As curas não são um fim em si mesmas!

A Maldição da Lei

Isaías 53.5 pode ser o texto principal que os mestres da Fé usam quando se trata de curas físicas. Mas não é o único texto de que abusam. Outro exemplo de abuso contra textos bíblicos encontra-se na sua correlação entre Gálatas 3.13 e Deuteronômio 28. Seus argumentos vão mais ou menos no seguinte curso: Gálatas 3 diz que Cristo nos redimiou da “maldição” da Lei. Deuteronômio 28 faz parte da “lei” e alista as enfermidades e as doenças como uma “maldição”. Por conseguinte, Jesus morreu para que os crentes não mais tivessem de sofrer com as enfermidades e as doenças.

Mas esse argumento pode ser logo neutralizado. Quando Paulo disse que somos redimidos da “maldição” da Lei, nada justifica afirmar que ele estivesse se referindo às “maldições” descritas no capítulo 28 de Deuteronômio. O contexto demonstra, conclusivamente, que a “maldição”

referida por Paulo é a obrigatoriedade de viver segundo as exigências de Deus contando apenas com nossas forças. Mas é como Paulo frisou: “Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las” (Gl 3.10). Paulo, como é óbvio, referia-se à maldição moral do homem - sua incapacidade de observar os requisitos da Lei à parte de Cristo — e não à maldição física dos achaques e doenças.

Apesar de que se possa argumentar que a expiação de Cristo, efetuada na cruz, inclui a redenção do reino físico (Rm 8), haveremos de continuar a sofrer os efeitos da queda (como as enfermidades e as doenças) até que Deus estabeleça novos céus e nova Terra, onde habitará a justiça. Paulo deixou isso sobejamente claro ao escrever:

Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus... E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo... Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos (Rm 8.21.23.25).

A Bíblia está repleta de homens piedosos que sofreram enfermidades e dores:

- Jó, que as Escrituras afirmam ter sido um grande homem de fé, ficou coberto de feridas dolorosas, da planta dos pés ao alto da cabeça (Jó 2.7);
- o grande apóstolo Paulo “confessou” aos gálatas que, por causa duma “enfermidade física” é que lhes pregara pela primeira vez o Evangelho (Gl 4.13);
- Timóteo foi chamado “filho na fé” por Paulo, e no entanto sofria de freqüentes problemas estomacais. Em lugar de dizer-lhe: “confesse positivamente” sua cura, qual foi o conselho de Paulo? “Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho por causa do teu estômago e das tuas freqüentes enfermidades” (1 Tm 5.23);

- Eliseu foi abençoado com uma “porção dobrada da unção”; no entanto, ele sofreu e morreu por causa duma enfermidade (2 Rs 13.14; cf. 2.9).

Muitos outros exemplos bíblicos poderiam ser citados: Paulo deixou Trófilo enfermo em Mileto (2 Tm 4.20); Epafrodito caiu doente e quase morreu (Fp 2.25-30); o rei Ezequias adoeceu e esteve à morte (2 Rs 20.1).

Até os próprios mestres da Fé, em seus momentos mais honestos, têm de confessar que têm experimentado o assédio de moléstias e enfermidades. E, apesar de seus protestos, terminarão sendo ferroados pela enfermidade final: a morte. E conforme Walter Martin costumava dizer: “A taxa da morte continua sendo de uma [morte] por pessoa; e todos haveremos de passar por ela!”

Satanás e as Enfermidades

A crueldade exibida pelo Movimento da Fé, quando se trata dos enfermos, é quase além da nossa compreensão. Aqueles que ficam enfermos só podem culpar a si mesmos, conforme lhes é dito. Por proferir palavras de temor, em lugar de palavras de fé, deram a Satanás autoridade para criar confusão em suas vidas. Kenneth Copeland põe a questão nestes termos: “A língua de vocês é o fator decisivo na sua vida...”;¹ “Vocês podem controlar Satanás aprendendo a controlar a própria língua”.² Diz ainda:

Vocês têm sido condicionados, desde o nascimento, a falar palavras negativas, carregadas de sentimentos de morte. Inconscientemente, em sua conversação diária, vocês usam palavras que se referem a morte, enfermidade, ausência, temor, dúvida e incredulidade: *Quase morri de susto! Estou morrendo de vontade de fazer isso ou aquilo. Pensei que ia morrer de tanto rir. Ainda morro disso! Isso me deixa doente! Essa confusão está acabando comigo. Acho que vou pegar um resfriado. Não agüento mais isso. Duvido que...* Quando proferem essas palavras vocês nem suspeitam do que acontece, mas estão trazendo sobre si mesmos forças negativas e brasas incandescentes... Suas palavras liberam os poderes de Satanás...³

Finis Duke, que exerceu profunda influência sobre muitos curandeiros da Fé, chegou mesmo a dizer:

Germes patogênicos, que são rigorosamente aliados da obra dos demônios... são, na realidade, agentes materiais de Satanás que corrompem os corpos de suas vítimas. Nenhum remédio já foi encontrado que possa curar as enfermidades fora do sangue de Jesus Cristo. Nenhuma droga pode curar uma única enfermidade. Qualquer médico honesto admitirá que não há poder curativo nos medicamentos.⁴

Tão Fácil Quanto 1-2-3

É tudo tão fácil como um, dois, três. Primeiro, se você está enfermo, a falta é toda sua. Segundo, a solução não é algum medicamento. Até mesmo mestres da Fé mais circunspectos do que Finis Dake continuam dizendo, basicamente, a mesma coisa: “Os medicamentos não são o que Deus tem de melhor ou de mais alto. Use sua fé e não precisará de medicação”,⁵ afirma Frederick Price. E acrescenta: “Os médicos estão combatendo os mesmos inimigos que nós; a única diferença é que eles estão usando *palitos de dentes e nós bombas atômicas!*”⁶ Em terceiro lugar, se você acha que não tem fé suficiente, Deus levantou uma classe especial de curandeiros da Fé, ungidos, que podem fazer o trabalho por você.

Kenneth Hagin reivindica ser um desses curandeiros ungidos. Em seu livro, *I Believe in Visions* (“Creio em Visões”), ele conta história após história de como tem sido miraculosamente usado para curar pessoas. Em todos os casos, o problema era demoníaco. Certa ocasião, menos de um mês depois que Jesus lhe aparecera, Hagin curou uma menina adolescente de câncer no pulmão esquerdo.

Aconteceu em meio a um culto de curas. Então, conforme ele contou: “De súbito, o Espírito de Deus me envolveu como se fosse uma nuvem... A menina e eu estávamos de pé, no meio da nuvem branca. Quando olhei para ela, vi agarrado, do lado de fora de seu corpo, sobre seu pulmão esquerdo, um espírito mau, ou um diabinho. Parecia-se muito com um pequeno macaco”.⁷

Hagin curou a menina expulsando o espírito maligno. De acordo com Hagin, o demônio caiu no chão e então correu pelo vão central da igreja, saindo pela porta.

Hagin também conta a história de como, noutra ocasião, Deus lhe permitiu espiar o mundo dos espíritos. Dessa vez ele viu um espírito maligno sentado no ombro dum homem. “Os braços do espírito”, explicou, “estavam sobre a cabeça do homem, formando uma chave de braço”.⁸ Imediatamente, Hagin entrou em ação. Ordenou ao espírito que fosse embora, no nome de Jesus, e o homem foi miraculosamente curado.

Essas histórias deveriam deixar claro que, de acordo com as tradições da Fé, os demônios não estão apenas por trás de cada arbusto, mas também

por trás de cada enfermidade. Eis a razão pela qual você pode sintonizar a “televisão evangélica”, seja em que dia da semana for, e ouvir os curandeiros da Fé gritando com demônios. Abaixo damos uma transcrição de Robert Tilton a ralar com o que acredita serem as forças demoníacas que atacam seus seguidores, na televisão:

Satanás, espíritos demoníacos da AIDS e vírus da AIDS - eis que eu os amarro! Vocês, espíritos demoníacos do câncer, da artrite, das infecções, da enxaqueca, da dor - saiam já desse corpo! Saiam dessa criança! Saiam desse homem... Satanás, eu o amarro! Vocês, espíritos demoníacos das enfermidades e das doenças. Enfermidades no interior do ouvido, nos pulmões e nas costas. Vocês, espíritos demoníacos da artrite, das enfermidades e das doenças. Vocês, espíritos de enfermidades que atormentam o estômago. Satanás, eu amarro você! Vocês, espíritos da nicotina, eu os amarro! No nome de Jesus!⁹

Tá Amarrado?

Precisamos observar que o conceito de “ligar e desligar” (equivalente para alguns a “amarrar e desamarrar”), encontrado em Mateus 18.18, nada tem a ver com os demônios. O contexto dessa passagem envolve a *disciplina eclesiástica*,¹⁰ Não somente isso. mas muitos dos demônios que Tilton amarra, são claramente descritos nas Escrituras como “desejos pecaminosos da carne”. (O que os demônios da nicotina faziam antes da invenção dos cigarros?) Infelizmente, porque esses vícios humanos, como a lascívia, o egoísmo e a glotonaria são tidos como provocados pelos demônios, os crentes se condicionam a interpretá-los como ataques satânicos, fugindo à sua responsabilidade pessoal. Quando um homem casado comete adultério, ele pode racionalizar convenientemente o seu pecado, ser exorcizado do “demônio” da lascívia, e seguir seu caminho sem ao menos descobrir seu verdadeiro problema espiritual — que é a raiz de tudo - e a única e real solução — o arrependimento.

Crentes com sacolinhas na mão são levados para as “sessões de libertação”, a fim de serem “exorcizados” de demônios que variam desde o alcoolismo até os contágios epidêmicos. Mas, em todo tempo, parecem ignorar a vasta diferença entre as tentações satânicas e a possessão demoníaca.

É realmente perturbador que milhares de pessoas, diante de seus gurus da Fé, acreditam estar sendo curadas “do alto da cabeça às solas dos pés”. Em muitos casos são advertidos de que reconhecer suas enfermidades em qualquer sentido é equivalente a dar a Satanás autoridade para afligi-los de novo. Ensina Frederick Price: “Eu não olho para um câncer. Eu não olho para um tumor... Não posso olhar para o natural e... dizer... ‘estou enfermo’. Porque quando eu digo isso, estou assinando embaixo. Uma vez que o assumo, ele me pertence legalmente. Satanás pode forçá-lo contra meu corpo. E acabará me matando com o mesmo”.¹¹

Hagin desenvolveu uma idéia similar. Ele declarou: “Jesus ensinou claramente que as enfermidades são do diabo e não de Deus... *Visto que Satanás é o autor da enfermidade, eu devo ficar livre dela... A saúde divina é meu direito de aliança!*... Todos os curados sob o ministério de Jesus eram oprimidos pelo diabo... O diabo está por trás de toda e qualquer doença... Não existe uma tal separação entre as enfermidades tidas como naturais e as doenças impostas por Satanás...”¹²

Devemos examinar à luz das Escrituras o que os mestres da Fé dizem. Será mesmo verdade que o autor das enfermidades é sempre Satanás e nunca Deus? Apesar da segurança sarcástica de Glória Copeland de que até sua filha de três anos de idade é esperta o suficiente para presumir que Satanás é o autor das enfermidades, pura e simplesmente,¹³ as evidências bíblicas nos encaminham noutra direção.

Deus e as Enfermidades

Vivemos numa criação maldita, onde o envelhecimento é a enfermidade primária da humanidade. Conforme envelhecemos, adquirimos rugas, alguns precisam usar óculos, nossos músculos se atrofiam e, finalmente, todos acabamos morrendo.

Apesar das Escrituras deixarem claro que Satanás é, com freqüência, o agente das enfermidades, certamente nem sempre ele é seu autor. Para exemplificar, em Êxodo 4.11, o próprio Deus faz a pergunta retórica: “Quem fez a boca do homem? Ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?”

Essa não é uma instância isolada. Em 2 Reis 15.5, lemos a bem conhecida história em que o Senhor feriu o rei Azarias com uma

enfermidades cutânea (ao que tudo indica, lepra), da qual foi vítima até o dia em que morreu. No evangelho de Lucas lemos que o anjo do Senhor, vindo diretamente da presença de Deus, feriu Zacarias -ele ficou temporariamente mudo -, porque duvidou da palavra de Deus acerca do nascimento de João Batista (Lc 1.19,20).

Você É o Culpado

Quando os mestres da Fé amarram os demônios das enfermidades e elas não desaparecem, em lugar de submeterem a teste sua experiência, mediante a Palavra de Deus, eles apelam para a mais cruel de todas as táticas: dizem que os enfermos em seu meio certamente devem estar sofrendo por causa de algum pecado grave e secreto.

Imagine só a crueldade de dizer a um quadriplégico ou a um cego que sua condição atrapalha seu relacionamento com Deus! Imagine ouvir Frederick Price dizer:

Como você pode glorificar a Deus em seu corpo quando ele não funciona direito? Como pode ele obter glória quando seu corpo nem mesmo funciona? O que faz você pensar que o Espírito Santo quer viver dentro dum corpo onde não possa espiar através das janelas e nem ouvir pelos ouvidos? *O que leva você a pensar que o Espírito Santo queira viver dentro dum corpo físico onde os membros, os órgãos e as células não funcionam direito?... E o que faz você pensar que Ele deseje viver num templo onde não possa ver com os olhos, andar com os pés e nem mover a mão?... Os únicos olhos que Ele tem, nesta dimensão terrestre, são os olhos que estão no corpo. Se Ele não puder ver por meio deles, Deus estará verdadeiramente limitado...*¹⁴

Como tenho orado para que milhares de almas infelizes, pegas pelo Movimento da Fé, de alguma maneira obtenham um lampejo do verdadeiro Deus, do Deus majestoso que nos inspira respeito e, em sua glória, poder e santidade infinitos, enche os céus e a Terra! Se pudessem vislumbrar, ainda que por um instante, o seu refulgente esplendor, nunca mais se contentariam em passar um minuto sequer com o deplorável deus do Movimento da Fé.

O Pecado e as Moléstias

Nos anos recentes que se têm passado, tenho recebido centenas de cartas de pessoas que fugiram do Movimento da Fé. Em muitos casos, essas missivas contam histórias de partir o coração, sobre pessoas enfermas acusadas de que sua doença era resultado direto do pecado.

Uma dessas cartas é o testemunho pessoal de uma mulher que nasceu cega. Após ter confiado em Cristo, ela uniu-se a uma igreja que fora infiltrada pelo Movimento da Fé. Não demorou muito para que eles a instruissem a confessar visão perfeita e ordenar que Deus honrasse sua Palavra.

Quando nada aconteceu, começaram a denunciá-la por sua falta de fé. Disseram-lhe que havia “algo em minha vida que impedia a vontade de Deus”, escreveu ela. E acrescentaram: “Deus foi impedido por causa dalgum ponto de pecado ou desobediência que Ele não pode contornar até que o corrija”.¹

Aquela senhora continuou escrevendo: “Eu passava insone horas e noites, agonizando por causa da questão. Fiquei deprimida e comecei a perder a alegria. Cheguei mesmo a suspender minhas orações. Alguns domingos eu simplesmente não agüentava ir à igreja, pois me sentia como uma estranha na família de Deus, observando seus filhos queridos serem ‘abençoados’ por causa da ‘fé’ deles... Se estava fazendo ou não alguma coisa que impedia Deus de agir, eu o ignorava, tentando inutilmente discernir o que podia ser. ‘Deus!’ clamei, em puro desespero. ‘O que queres que eu faça?’”

Com o tempo, ela descobriu que Deus nunca a havia esquecido. Sua cegueira não era resultado de pecado algum, e o real problema não era sua falta de fé, mas a falta de compreensão por parte dos seguidores da Fé. Isso a fazia sentir-se uma “pessoa diferente”. “Finalmente, reconheci que aos olhos de Jesus eu estava inteira e continuava sendo tão importante para Ele como no princípio de nosso relacionamento. E resolvi que ninguém mais arrancaria de mim essa alegria”.

Ela fez também algumas observações inteligentes, sobre alguns dos motivos reais por trás do movimento da Fé: “Descobri que muitas pessoas querem me ver curada (ou fingem querer) porque minha cegueira perturba seus planos teológicos. E difícil acreditar em suas crenças, quando alguém aparentemente desabilitado agradece a Deus por seu defeito e domina a cena. E como se a ‘fé’ deles não pudesse ir tão longe quanto sua agenda de compromissos. Acho que querem ver minha cura por causa deles e não por mim. Talvez pareça duro, mas penso que eles não têm um milímetro de fé”.

Ela encerrou sua carta com estas palavras: “Quero que vocês, do Instituto Cristão de Pesquisas, saibam que os apóio de todo o coração no combate a esse câncer espiritual mortífero... Entristece-me que tão poucas pessoas no corpo de Cristo estejam dispostas a ouvir a verdade que vocês têm tão diligentemente exposto... Oro para que Deus continue a encorajá-los e a dirigir seu caminho árduo entre críticas e denúncias... Quase não ouço a verdade a tempo...”

Outra carta conta a história duma mulher com lúpus e fibrose incuráveis. Sua melhor amiga, depois que começou a dar ouvidos a Kenneth Copeland, Frederick Price e John Avanzini, passou a acusá-la de que seus males eram consequência de pecado e falta de fé. Esta senhora encerrou sua carta dizendo que desejava pelo menos sofrer em paz, já que não tinha outra alternativa, sem as acusações maldosas de suas amigas.²

Essas histórias não constituem exceção, são a regra. Caso após caso, cristãos com doenças como o câncer ou defeitos congênitos estão sofrendo duas vezes, uma por causa da doença e outra por serem acusados de pecados desconhecidos. No dia em que escrevi estas linhas, recebi uma carta narrando sobre um casal que teve um bebê natimorto. Quando aquele casal entristecido mais precisava de consolação, foi-lhes dito que seu bebê morrera em resultado de pecado - não do bebê, mas deles. Disseram-lhes que seu pecado fora permitirem a “entrada do temor... e não terem tido fé suficiente para acreditar que o bebê poderia ser ressuscitado dos mortos”.³

Bode Expiatório

Essa gente não sofre sozinha. Lembra-se de Jó? Deus declarou-o um grande homem de fé; mas quando os mestres da Fé se defrontam com ele, acusam-no de trazer desastre contra si mesmo. Disse Kenneth Copeland: “Quando é que todos vamos acordar e aprender que Deus não permitiu que

o diabo tirasse vantagem sobre Jó? Jó é quem permitiu que o diabo tirasse vantagem de si mesmo... Tudo quanto Deus fez foi manter sua confissão de fé, quando disse que Jó era ‘reto na Terra’. Mas o próprio Jó disse que não era assim tão reto, afirmando antes: ‘Sou um miserável. Minha língua é desobediente’.”⁴

Quando forçado a ver que não foi uma autoridade menor do que o Deus Todo-poderoso quem disse que Jó era reto e inculpável, Copeland se evade dizendo que Deus estava apenas fazendo uma confissão positiva. Mas, se isso fosse verdade, Deus não somente seria um mentiroso, mas também um enganador de si próprio. Outros mestres da Fé, tal como Hinn e Price, atacam Jó de modo ainda mais devastador (veja o capítulo 8). Hinn chega a chamar Jó de “mau menino [bad boy] carnal”, ao passo que Price o chama de “linguardo”.⁵

E Jó não é o único homem de fé contra quem esses falsos mestres investem. O apóstolo Paulo também é declarado responsável por sua própria enfermidade. No caso de Paulo, o seu pecado é declarado como uma propensão para a jactância. Frederick Price diz o seguinte: “Paulo estava dizendo, em essência, que ele interpretava essa situação [enfermidade] como uma parte do plano de Satanás para mantê-lo humilde... Se você ler seus escritos, terá de reconhecer que havia uma peculiaridade a respeito do apóstolo Paulo — ele era muito propenso à jactância... Mas essa opinião é toda dele. Toda dele”.⁶

Esse é um exemplo clássico de como os mestres da Fé interpretam erroneamente as Escrituras. Pois embora o texto sacro não identifique explicitamente o “espinho na carne” de Paulo (2 Co 12.7), é evidente que esse “espinho” não resultava duma propensão pecaminosa para a jactância. O texto diz claramente que o espinho era para impedi-lo de jactar-se e não porque estivesse se jactando.⁷

Consideremos também o que esse espinho produzia na vida de Paulo. Certamente não soa como algo que Satanás tivesse interesse em gerar, pois até onde dá conta a Bíblia, ele insufla o orgulho e não a humildade:

De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque quando estou fraco, então, sou forte (2 Co 12.9b,10).

Antes de deixarmos Paulo de lado, note ainda uma última coisa: Paulo reivindicou que o poder de Deus repousava sobre ele *precisamente por causa de sua aflição — não de sua saúde ou prosperidade*. A doença ou fraqueza não atrapalha nossa relação com Deus, servindo às vezes para nos aproximar dele. Isso é diametralmente oposto ao que se ouve dos mestres da Fé, os quais se jactam de que Deus os abençoa *porque são sadios no corpo*. Paulo, por sua vez, ressaltou que somente quando reconhecia sua fraqueza é que o poder de Cristo nele mostrava-se mais evidente. Quem você pensa que está mais perto da verdade?

O erudito pentecostal Gordon Fee, numa prosa brilhante, põe em perspectiva a questão da Fé:⁸



Essa teologia falsa lançou no coração dos próprios coríntios uma semente de rejeição a Paulo. Sua fraqueza corpórea não o recomendava, aos olhos deles, para o apostolado. Um apóstolo deveria ser “espiritual”... vivendo em glória e gozando de perfeita saúde. Eles rejeitavam Paulo e sua teologia da cruz (com sofrimentos que ainda repercutem na era presente), porque viam a si mesmos como “espirituais”, redimidos de tais fraquezas.

Paulo tenta de tudo ao seu alcance para trazê-los de volta ao Evangelho. Em 1 Coríntios 1.18-25, lembrou-lhes que o Evangelho tem como base um “Messias crucificado”. Para os coríntios, entretanto, isso era como “chover no molhado”, pois na cabeça deles, Messias significava poder, glória, milagres; a crucificação, por sua vez, denotava fraqueza, opróbrio, sofrimento. Foi assim que aceitaram alegremente os falsos apóstolos dum “evangelho diferente” e dum “outro Jesus” (2 Co 11.4), condenando Paulo por seu estado de fraqueza física (2 Co 10.10).

Em 1 Coríntios 4.8-13, Paulo resolve ironizar: “Já estais fartos! já estais ricos! Sem nós reinais!”. E então, com golpes absolutamente brilhantes, ele põe abaixo a soberba deles, contrastando-os consigo mesmo, revelando-se como um exemplo vivo do que significa viver no presente sem perder de vista a eternidade.

Em 2 Coríntios 3-6, ele procura explicar a verdadeira natureza do apostolado, que tem uma gloriosa mensagem, mas cuja proclamação é feita por um mensageiro em nada glorioso. Assim o explica Paulo: “Temos,

porém, esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2 Co 4.7).

Finalmente, em 2 Coríntios 10-13. Paulo ataca de frente os falsos mestres. Para fazê-lo, desempenha o papel do “tolo”, conforme acontecia nos dramas antigos. Paulo viu-se forçado a jactar-se (por causa de seus oponentes). Mas em que se jactou? Exatamente nas coisas contra as quais os coríntios se manifestavam - as fraquezas de Paulo. Em total ironia, ele se mostrou contrário às jactâncias dos falsos apóstolos, com suas grandes visões e histórias de milagres... A força de Deus é aperfeiçoada não por ele ter livrado seu Messias da crucificação ou seu apóstolo dos sofrimentos físicos, mas pela crucificação, em si mesma, e as próprias fraquezas do apóstolo.



Veze sem conta, em seus escritos, Paulo pintou um quadro preciso das fraquezas e dos sofrimentos humanos, esforçando-se ao máximo para nos impedir de repetir o erro da igreja de Corinto. A semelhança dos mestres da Fé de nossos dias, eles estavam convencidos de que, pelo fato de Deus curar, todo crente deveria experimentar saúde perfeita. Essa era a própria razão pela qual desprezavam o apóstolo Paulo.

No entanto, os mestres da Fé continuam a propagar esse erro coríntio, até hoje, sem perceber que a morte é a enfermidade universal da humanidade. Exemplificando, Benny Hinn não se cansa de repetir: “Se seu corpo pertence a Deus, não pode pertencer às enfermidades”.⁹ Tal declaração falha em reconhecer que alguns dos mais santos homens escolhidos por Deus tiveram que suportar enfermidades e morreram jovens. Em contrapartida, alguns dos pecadores mais violentos desfrutaram de corpos sãos e vivem vidas longas e robustas.

Enfermidades para a Glória de Deus

Charles Haddon Spurgeon, conhecido como o Príncipe dos Pregadores, era severamente afligido de gota, uma enfermidade capaz de, algumas vezes, produzir dores cruciantes. Num seu sermão, publicado em 1881, ele escreveu: “Vocês já estiveram no cadinho, queridos amigos? Eu tenho estado ali, e meus sermões comigo... O resultado da fusão é que chegamos a uma verdadeira avaliação das coisas [e] somos vertidos numa nova e melhor maneira. E, oh, quase podemos desejar pelo cadinho se

pudermos nos livrar da escória, se ao menos ficarmos mais puros, se pudermos ser moldados mais completamente como nosso Senhor!”¹⁰

Spurgeon não viveu uma vida longa e robusta. De fato, pode-se dizer que ele tinha tudo, exceto saúde. Ele morreu aos 57 anos. Não obstante, enquanto viveu fez sua vida contar para o tempo e para a eternidade. Spurgeon, atualmente, é o pregador mais lido da história. Sua série de sermões representa o maior conjunto de livros escritos por um único autor, na história da Igreja cristã. A vida de Spurgeon presta eloqüente testemunho de que a tragédia não consiste em morrer jovem, mas em viver longamente sem nunca usar a vida em função daquilo que se reveste de significado eterno.

Kenneth Copeland diz: “A idéia religiosa de que Deus castiga os seus com enfermidades, doenças e pobreza, é que tem feito a Igreja atravessar 1.500 anos sem o conhecimento do Espírito Santo”.¹¹ Entretanto, Spurgeon declarou: “Estou totalmente certo de que nunca cresci na graça, em qualquer lugar, a metade do que cresci no leito de dor”.¹²

Três mil anos atrás, o rei Davi deu provas positivas de que Copeland e os mestres da Fé estão redondamente equivocados. Deus, na verdade, castiga os que lhe pertencem. Davi foi homem segundo o coração de Deus: e, não obstante, escreveu: “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos... Bem sei eu, ó Senhor, que os teus juízos são justos e que em tua fidelidade me afligiste” (SI 119.71,75).

Razões para as Enfermidades

É realmente trágico que os mestres da Fé tenham optado por acusar seus seguidores enfermos de algum pecado secreto. Apesar da Bíblia ensinar que alguns crentes adoecem como resultado do pecado (1 Co 11.29,30), Jesus deixou claro que nem sempre este é o caso.

Consideremos o homem que nasceu cego, mencionado no capítulo 9 de João. Os discípulos perguntaram dele: “Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus” (Jo 9.2,3).

A declaração de Cristo, neste ponto, é impossível de ser erroneamente interpretada. Aquele homem nascera cego não por causa de seu próprio pecado ou do pecado de seus pais. Pelo contrário, sua cegueira era um ato

soberano de Deus para manifestar nele a obra do Senhor. Isso é tão óbvio que os mestres da Fé têm-se esforçado ao máximo para destruir o claro significado do texto.

Frederick Price tenta argumentar que a expressão “para que se manifestem nele as obras de Deus” não tem nada a ver com o cego, sendo apenas o começo doutra sentença, no verso 4.¹³ Price, pois, vê-se forçado a trocar a pontuação, a fim de alterar o texto. Quando a Bíblia não concorda com certos mestres da Fé, eles a reescrevem!

Esse ensino de Price espelha diretamente a tradução sectária do Novo Testamento, feita por George Lamsa.¹⁴ A despeito do fato bem-conhecido de que Lamsa promove interpretações esotéricas loucas das Escrituras, chegando a afirmar que Jesus e Cristo são duas pessoas diferentes,¹⁵ Price qualifica favoravelmente as observações de Lamsa chamando-as de “um abridor de olhos”.¹⁶

Kenneth Copeland, à semelhança de Price, opõe-se com veemência a passagens bíblicas que apontam para Deus como o autor das enfermidades. Ele nega os efeitos da maldição sobre toda a criação, asseverando, em lugar disso, que controlamos o Universo com a nossa língua: “Toda circunstância - o curso inteiro da natureza”, disse, “começa com a língua”.¹⁷ E então, à semelhança de outros mestres da Fé, dá-se por feliz em lançar a culpa pela enfermidade diretamente sobre os ombros do crente: “*Deus tenciona que todo crente viva completamente livre de enfermidades e doenças. Depende ele você decidir se quer ou não viver assim*”,¹⁸ Desta forma, se o crente permanece sofrendo de males físicos, só pode culpar a si mesmo.

No entanto, a Bíblia deixa claro que as enfermidades e os sofrimentos nem sempre resultam de pecado pessoal. Desde a queda da humanidade, tanto os justos como os injustos estão sujeitos às enfermidades e à decadência. No livro de Romanos lemos que “toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos... também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.22.23).

Paulo sintetizou a verdade final ao escrever: “Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual” (1 Co 15.42-44).

Paulo, pois, deixou claro que nossos corpos frágeis e falhos não serão mudados agora, mas apenas quando formos ressuscitados dentre os mortos. E finaliza: “E quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória” (1 Co 15.54).

E é por essa ressurreição que devemos esperar, querendo ou não.

24

Soberania e Doenças

Em seu livro intitulado *Rise & Be Healed!* (“Levante-se e Seja Curado!”), Benny Hinn exorta seus seguidores do seguinte modo: “Nunca, jamais, em tempo algum vão ao Senhor e digam: ‘Se for da tua vontade...’

Não permitam que essas palavras destruidoras da fé saiam da boca de vocês. Quando vocês oram ‘se for da tua vontade, Senhor’ a fé é destruída. A dúvida espumará e inundará todo o seu ser. Resguardem-se de palavras como essas, que lhes roubarão a fé e os puxarão para baixo, ao desespero”.¹

Neste caso. Hinn simplesmente concorda com outros mestre da Fé. Frederick Price, por exemplo, instruiu seus seguidores que orar para que a vontade de Deus seja feita é “deveras estupidez”. Ele chama tais orações de “uma farsa” e “um insulto à inteligência de Deus”. De fato, Price diz: “Se você tem de dizer: ‘Se for da tua vontade’ ou ‘Que se faça a tua vontade’, então você está chamando Deus de idiota”.²

No mundo real, entretanto, Jesus Cristo contradisse essas declarações nos termos mais fortes possíveis. Naquilo que talvez seja a maior obra-prima de todos os tempos, o majestoso Sermão da Montanha, Jesus ensinou-nos a orar: “Seja feita a tua vontade” (Mt 6.10). Se Price está com a razão, então Jesus Cristo seria um “estúpido”, porque em sua apaixonada oração, no jardim do Getsêmani, ele orou: “Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice: todavia, *não seja como eu quero, mas como tu queres*” (Mt 26.39).

Naturalmente, apesar de que Jesus é nosso maior exemplo, Ele certamente não é o nosso único exemplo. Seu meio-irmão, Tiago, também se dirige àqueles que se inclinam por “jactar-se e gloriar-se”, advertindo-os de que deveriam, ao invés, orar dizendo: “*Se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo*” (Tg 4.15).

O mais íntimo amigo de Cristo durante seu ministério terreno, o “amado” apóstolo João, reverberou as palavras do Senhor, ao escrever: “E esta é a confiança que temos nele: que, se pedirmos alguma coisa, *segundo a sua vontade, ele nos ouve*” (1 Jo 5.14).

É triste ao extremo que, em face dessas e outras esmagadoras evidências bíblicas (verifique os outros 11 versículos adicionais nas notas de fim do livro),³ os mestres da prosperidade, tal como Price, possam olhar para as lentes duma câmera de televisão para asseverar que é uma “estupidez” orar para que “seja feita a tua vontade”. Será que Price pensava ser o apóstolo Paulo um “estúpido” por ter orado para que “*pela vontade de Deus*” fosse-lhe possível visitar os crentes de Roma? (Rm 1.10). Será que Price sugeriu com seriedade que os crentes de Roma estavam sendo “roubados na sua fé”

quando Paulo os encorajou a orar “a fim de que, *pela vontade de Deus*, chegue à vós com alegria e possa recrear-me convosco”? (Rm 15.32).

Deus Está no Controle

A soberania de Deus é um princípio dominante das Escrituras e deveríamos estar agradecidos de que este mundo está sob o controle dEle, não nosso. Sem retórica, estaríamos em não poucas dificuldades se Deus nos desse tudo quanto lhe pedimos! A verdade é que, com grande frequência, não sabemos o que é melhor para nós. Um notório erudito carismático disse muito bem: “Nossas petições estão baseadas em nosso próprio conhecimento limitado e geralmente são coloridas por nossos interesses próprios. Só podemos louvar a Deus por Ele não responder a toda e qualquer oração ‘feita na fé’. Ezequias, afinal, teve sua oração respondida e foram-lhe concedidos mais quinze anos, mas foi durante esses anos que nasceu Manas-sés!”⁴

Se Ezequias soubesse, conforme Deus sabia, que aqueles quinze anos adicionais fã-lo-iam pai do rei mais ímpio da história de Judá, o qual colocaria o reino como presa para os babilônios, morrendo enfim com o coração preso ao orgulho, ele bem poderia ter adicionado estas palavras à sua oração: “Contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua”.

Walter Martin realçou este ponto com humor, ao narrar a história da garota com a qual queria casar-se, durante seus dias de ginásio. Ele conta que ficou batendo nos portões do céu até suas mãos sangrarem, mas no fim Deus respondeu: “Não!” Vinte anos mais tarde, numa reunião saudosista da sua classe, ele viu novamente aquela garota. Ele tomou correndo duas aspirinas e agradeceu ao Senhor por não ter dado a menor fagulha de atenção àquela sua oração. E a esposa de Billy Graham, Ruth Bell Graham, tem uma história similar: “Se Deus tivesse respondido cada oração minha”, disse ela, “eu me teria casado com o homem errado nada menos que sete vezes”.

Um dos pensamentos mais consoladores para uma mente humana rendida à vontade de Deus é que aquele que nos criou também sabe o que é melhor para nós. Se caminhar-mos em consonância com sua vontade — ao invés de passar-lhe ordens para agir segundo a nossa própria vontade —, desfrutaremos não duma panacéia de mentirinha, mas daquilo que ele próprio nos promete: paz na adversidade.

Há uma grande paz em sabermos que aquele que nos criou também tem sob seu controle cada detalhe de nossas vidas. Não somente Ele é o objeto de nossa fé, mas é também seu autor. De fato. Ele é o autor da nossa salvação e, indiretamente, das nossas orações. Quando oramos com fé, pedindo cura, *estando nossa vontade em sintonia com a dele*, então a cura acontece mesmo - a cada vez, em cem por cento dos casos.

Quando oramos rigorosamente como Cristo fez: "Todavia, não seja como eu quero e, sim, como tu queres", e só neste caso, podemos ficar seguros que até mesmo na enfermidade e na tragédia todas as coisas funcionam juntas para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados segundo o seu propósito (Rm 8.28).

Confiança Viva x Força Imaginária

Longe de ser uma força através da qual possamos confessar e trazer à existência a saúde e a cura divinas, *a fé é um canal de confiança viva entre a criatura e seu Criador*. Pensemos sobre Jó, uma vez mais. Em seu caso. tudo quanto Jó queria era uma resposta da parte de Deus. Ele só queria saber por quê! Jó obteve o que desejava, pois Deus revelou-se majestosamente a ele. Mas Deus não respondeu à pergunta: *Por quê?* Em vez disso, fez a Jó uma indagação: "Onde estavas tu, quando eu fundava a Terra?" (Jó 38.4).

Em essência, Deus pergunta a Jó se ele, na sua condição humana, poderia fazer as coisas funcionarem, por algum tempo. Deus o desafia: "Jó — tente criar um relâmpago. Que tal produzir uma minúscula gota de orvalho?" (cf. Jó 38.25,28).

Quando chegar ao fim dessa antiga obra-prima literária, você finalmente a compreenderá. Tal como um refrigerante gelado, num dia seco e quente, sua sede por respostas será satisfeita: Deus é soberano, você não. Neste mundo, teremos dificuldades (Jo 16.33). Enfermidades, decadência, desordens, desencorajamento e até a morte são as conseqüências naturais dum mundo caído. De fato, é a própria incerteza da vida que leva algumas pessoas a considerarem seu destino eterno. Isso explica por que Jesus falou da maneira como falou, a respeito do sofrimento humano:

E, naquele mesmo tempo, estavam presentes ali alguns que lhe falavam dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios. E, respondendo Jesus, disse-lhes: Cuidais vós que esses

galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis. E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém? Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis (Lc 13.1-5).

Sim, a morte sobrevêm a todos neste mundo. Dor de coração e sofrimentos naturalmente acompanham um mundo afundado no pecado. Mas conforme o Senhor colocou, em João 16.33, “tende bom ânimo, eu venci o mundo”. Para os filhos de Deus, a esperança maior não é a saúde perfeita nesta vida, mas um corpo ressurreto na vida vindoura. E, conforme o apóstolo João declarou, de modo tão bonito: “E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas... Eis que faço novas todas as coisas...” (Ap 21.4,5). A verdadeira fé não consiste em entender sempre o porquê, mas em confiar na soberania de Deus sobre nossas almas mesmo quando não entendemos as circunstâncias.

Olhar para Cima É a Melhor Opção

Quando meu filho David teve aquele sério ferimento num olho, a única direção para onde olhar era para cima. Toda a confissão positiva do mundo não teria posto de volta seu olho no lugar. Na verdade, aquele era um problema muito acima de meus limitados recursos humanos. Angustiado, clamei a Deus, pedindo ajuda. E quase imediatamente um amigo apareceu para consolar-me. ao invés de condenar-me por uma pretensa falta de fé da minha parte. Textos bíblicos decorados anos antes começaram a invadir-me a mente, trazendo-me paz e não perplexidade. Naquele momento eu me senti mais perto do Senhor do que nunca antes.

Agora posso olhar para trás e ver como Deus usou até aquela tragédia para a sua glória. Contudo, devo confessar que não possuo todas as respostas. Sei pelas Escrituras que as enfermidades e o sofrimento podem resultar de ataques satânicos. Também sei que podem ser o resultado direto do pecado. Acima de tudo, entretanto, sei que *Deus é soberano* e que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (Rm 8.28).

Na providência de Deus, David não perdeu sua visão, embora pudesse tê-la perdido. Com o uso de lentes de contato ele pode ver inclusive a cicatriz que se formou na parte externa do olho. Entrementes, Deus tem suprido todas as nossas necessidades, incluindo um admirável médico. Algum dia, na eternidade, finalmente entenderei. Melhor ainda, naquele dia o olho de David estará completamente são.

No epílogo da história de Jó, que nos deixa boquiabertos, Deus ordena aos amigos de Jó que lhe procurem e peçam perdão, humildemente. A oração de Jó por eles era o único meio de Deus não os julgar segundo sua insensatez. Jó ora por seus amigos e Deus, testemunhando uma vez mais a integridade e a fé de seu servo, responde-lhe imediatamente a oração.

Que todos os que militam no Movimento da Fé, pela graça de Deus, voltem-se logo de suas idéias insensatas e ponha o reconhecimento ministerial, suas vidas e fortunas, nas mãos do Deus soberano. E, assim fazendo, que aqueles que foram enganados por eles os acolham de braços abertos e com perdão, pois também foram perdoados.

PARTE VII

De Volta ao Básico

Assim que soube da notícia fiquei aturdido. Poucos dias antes nos acomodáramos juntos no assento de trás dum carro compacto. Glenn havia dito com um senso de urgência na voz: “Hank, não se esqueça! Você só tem uma vida. E logo ela passará. Apenas o que você fizer por Cristo permanecerá”.

Na ocasião, suas palavras não significaram muito para mim. Mas agora, informado de que Glenn morreu, elas me atingiram com a força dum vendaval. Eu simplesmente não podia acreditar... Num piscar de olhos ele fora transportado da mortalidade para a imortalidade.

Encontrara-me com Glenn apenas poucos dias antes de lançar-me ao trabalho cristão em tempo integral. Imediatamente ele se tornou um grande modelo para mim. Não somente era um crente bem equipado, capaz de

compartilhar coerentemente sua fé, mas também dedicara-se a treinar outros que fizessem o mesmo.

Um dia ele me exortou a fazer minha vida valer a pena; exatamente no dia seguinte sua vida chegou a um fim abrupto. A manchete dum jornal, onde se lia: “Tragédia no ar sobre Fort Lauderdale”, parecia dizer tudo.¹ A narrativa por trás da história, entretanto, provia uma perspectiva completamente diferente.

A esposa de Glenn, Gail, dera-lhe uma surpresa de Natal, pouco tempo antes. Era algo com que ele sonhara longamente — a grande alegria de passear num balão de ar quente. E agora, cedo, numa manhã de sábado, ele e dois amigos estavam postados para a grande emoção duma vida inteira.

Glenn e seus amigos tinham um grande gosto pela vida. Mas ainda amavam mais o Senhor que a própria vida. Antes de subir, disseram a suas esposas e entes queridos que esperavam compartilhar sua fé com o piloto do balão.

Os familiares dos três homens ficaram emocionados quando observaram o balão, brilhantemente colorido elevar-se de modo magnífico no ar. Com grande excitação, acompanharam sua trajetória pelos céus azuis de Fort Lauderdale.

De súbito, o êxtase deles transformou-se em agonia. A gôndola do balão bateu num fio de alta tensão e foi imediatamente engolfada pelas chamas. O calor adicional fez o balão dar um salto para cima. Então o inevitável aconteceu. A vista de seus amados, os homens e seu piloto precipitaram-se do céu para a morte, lá embaixo.

Se já houve uma ocasião para pôr à prova a veracidade daquele versículo que diz: “Tragada foi a morte na vitória” (1 Co 15.54), era esta que se apresentava. Suas esposas, corajosas, vendo-os cair, mantiveram-se firmes em meio à dor que lhes dilacerava o coração - não por suas próprias forças, mas porque a força de Deus se aperfeiçoou em meio à fraqueza delas.

Aquelas mulheres transformaram a tragédia num tremendo testemunho em favor de Cristo. Gail, como Glenn, mostrou que era uma crente bem equipada, compartilhando sua fé com um incrédulo que ficara profundamente abalado com a tragédia. Não somente ele, em vida, personificou a paz que Cristo nos dá em meio à adversidade, mas também

ela, na morte dele, exibiu a certeza de que seu marido saltara do calor das chamas para os braços do Pai celestial.

Lois, que, à semelhança de seu marido, Jack, entregara-se à Grande Comissão de Cristo, compartilhou sua fé com repórteres ao redor do globo. Disse a um repórter do *Miami Herald*: “Escreva isto! Sabemos que nossos queridos maridos estão no céu, não por causa de suas boas obras, mas por sua fé na obra terminada de Jesus Cristo”. Ela então falou sobre a paz, a alegria e a vida que somente o Senhor pode trazer ao coração humano.

A fé de Kathy comoveu a todos nós. Seu noivo, Rick, morreu diante de seus olhos. Não obstante, ela prestou eloqüente testemunho do triunfo que somente Cristo pode arrancar duma tragédia.

Mas o testemunho de sua vida, naquele dia, não foi tão significativo para mim como o testemunho que eu ouvira de seus lábios meses antes. Naquele tempo, ela era uma discípula medrosa de evangelismo que, não obstante, queria desesperadamente descobrir um meio de compartilhar sua fé de modo eficaz. Juntamente com duas outras, bateram à minha porta, quando eu ainda era um cético endurecido. Naquela noite eu vi a realidade de Cristo na vida dela, dum modo nunca visto. As sementes que ela plantou em mim não somente me conduziram à conversão, mas ao que estou fazendo hoje.²

Veja que, embora eu tivesse crescido num lar evangélico e fosse o produto duma piedosa herança, nunca antes quisera me tornar um discípulo de Cristo. Mas lá no fundo eu sabia que me render a Cristo significava submeter-me ao seu senhorio. E isso era o que eu não estava disposto a fazer. Não queria ficar privado dos prazeres que o mundo tem para oferecer. E assim, por 29 anos, preferira a rebelião, em vez do arrependimento.

Sim, você poderia achar-me na igreja de vez em quando. Mas eu não estava ali porque quisesse estender o Reino de Deus; antes, meu alvo era estender meu próprio reino. Meus olhos não estavam pousados sobre as coisas do alto, mas se fixavam nas coisas cá de baixo. Esforçava-me por alcançar a felicidade, movendo-me dum “acontecimento” para outro, agarrando-me a tudo com muito gosto, mas sempre saía vazio. A despeito do sucesso exterior, lá dentro eu nunca encontrara a satisfação.

Na noite em que Kathy me chamou, foi-me exposto o que realmente significa ser um discípulo de Cristo. Enquanto eu estava gastando minha vida com prazeres terrenos passageiros. Kathy estava perseguindo os tesouros celestiais eternos. Não foi senão quando apanhei sua perspectiva de eternidade que minha vida foi radicalmente transformada.

Jesus advertiu seus seguidores de que Ele não era meramente um meio para as finalidades deles. Jesus era a própria finalidade: “Trabalhai não pela comida que perece, mas pela que permanece para a vida eterna” (Jo 6.27). Paulo ratificou essa advertência quando escreveu: “Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele” (1 Tm 6.7). Depois, aos ambiciosos, aconselhou: “Que entesourem para si um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna” (1 Tm 6.19).

Está você buscando coisas reais? Firmar seu coração nas coisas lá de cima é o único meio de encontrar contentamento verdadeiro! Esta Terra não é seu lugar de habitação; você está a caminho dum outro Reino. De súbito haverá uma dor esmagadora em seu pericárdio, ou vidros despedaçando, e você será transportado do temporário para o eterno. Num microssegundo tudo será transformado. A mensagem da prosperidade perderá seu resplendor e alguns, sem dúvida, indagarão por que não passamos mais tempo em busca do que é eterno.

Quando a tragédia se abateu, a fé de Kathy não falhou. E por que não? Porque seu coração estava fixado nas coisas lá de cima. E isso que significa voltar ao básico.

De Volta ao Básico

Acontece que eu aprecio muito o golfe. Embora ele me tenha trazido relativa satisfação no decurso dos anos, também tem sido extremamente frustrante nalgumas ocasiões. Houve momentos em que senti que estava às vésperas de estabelecer novos recordes de percurso. Noutras oportunidades, porém, cheguei mesmo a indagar por que afinal escolhera aquele esporte.

Após muitos anos de prática, entretanto, finalmente descobri um segredo. Quando as coisas dão errado, isso normalmente não é porque eu esteja falhando em seguir alguma nova ou excêntrica fórmula, mas porque comprometi algum dos fundamentos básicos. Nunca deixo de me admirar

sobre quão rapidamente as coisas voltam ao devido lugar, quando retomo aos princípios básicos.

O que é verdadeiro no golfe também é aplicável ao cristianismo em crise. As pessoas correm freneticamente duma igreja para outra, procurando uma solução rápida, confundindo-se cada vez mais, conduzidas por fantasias e modismos. Desde reuniões que alardeam uma “invasão de milagres” a formas de esoterismo mascaradas, como o “conhecimento por revelação”, as fórmulas sensacionalistas têm-se tornado a norma desse jogo. Manias doutrinárias proliferam a uma velocidade tão grande que deixam as pessoas desorientadas. Muitas e muitas vezes tenho ouvido o grito frenético: “Não sei mais no que acreditar!”

As boas novas é que tudo pode voltar rapidamente ao foco da visão perfeita, se retornarmos aos princípios básicos. É neste ponto que reavemos a verdadeira razão de viver!

Até aqui cobrimos as cinco falhas básicas que têm levado o movimento da Fé ao abandono do Reino de Cristo e sua introdução no reino das seitas. Essas cinco falhas são memoriáveis através do acrônimo “F-A-L-H-A-S”. Para voltarmos da contrafação para a realidade da vida cristã vitoriosa precisamos seguir apenas cinco passos básicos. Afortunadamente, são tão fáceis de lembrar como A-B-C-D-E.

25

A = Amém

Nenhum relacionamento humano pode florescer sem comunicação constante e de todo o coração. Isso é verdade no que toca aos relacionamentos humanos, mas também quanto a nosso relacionamento com Deus. Se tivermos de nutrir um andar íntimo com nosso Salvador, devemos estar em contato permanente com Ele. A maneira de fazer isso é pela oração.

“A” representa a palavra *Amém*. Tradicionalmente, aparece no fim de toda oração - esta é a maneira primária de nos comunicarmos com Deus.

Apesar de ser uma palavra universalmente conhecida, significa muito mais do que simplesmente cantar ou dizer: “Isso é tudo”. Com a palavra “amém” estamos, efetivamente, dizendo: “Que assim seja, em consonância com a vontade de Deus”. É significativo que o apóstolo João tenha visto Jesus como a própria personificação da palavra “amém”: “Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus” (Ap 3.14).

A palavra “amém” é um maravilhoso lembrete de que qualquer debate sobre a oração deve começar pela compreensão de que ela é um meio de nos levar à conformidade com a vontade de Deus, e não um mantra mágico capaz de forçar Deus a se conformar à nossa vontade.

Esse é um ponto distintivo radical entre a verdadeira fé, bíblica, e as crenças do movimento da Fé. Conforme temos visto, mestres da Fé como Benny Hinn, Kenneth Copeland e Frederick Price opõem-se com veemência a orarmos: “Tua vontade seja feita!” Price, como você deve estar lembrado, disse: “Se você tem de dizer: ‘Se for da tua vontade’ ou ‘Que se faça a tua vontade’ - se você tiver de dizer isso, então você está chamando Deus de idiota”.¹

Num de seus panfletos sobre a oração, Price jactou-se de que houve um tempo em que pensava ser uma marca de humildade terminar suas orações com as palavras: “Senhor, se for da tua vontade”. Porém, conforme afirmou, desde que adquiriu um verdadeiro conhecimento das coisas de Deus, ele não mais termina suas súplicas daquela maneira.² Explica: “‘Se for da tua vontade’ é um sinal de *dúvida*”.³ Depois acrescenta: “Se você puser ‘se for da tua vontade’ no fim duma oração de petição, ela não lhe será respondida”.⁴ Price chega à temeridade de escrever: “Acredito que a oração do Pai Nosso não é para os crentes hoje em dia”.⁵

Outrossim, Price assevera que “há diferentes tipos de oração, como há diferentes esportes, e cada tipo de oração, tal como cada modalidade esportiva, tem regras *específicas e definidas*, que as controlam e governam. Se você aplicar erradamente a regra relativa a um tipo particular de oração, essa oração não funcionará”.⁶

Para esclarecer seu ponto de vista, ele escreve: “Se eu acreditar que recebi a resposta às 10:39 da manhã, não poderei fazer essa oração novamente às 10:40. Se eu orar exatamente a mesma oração às 10:40 estou dizendo: Não recebi o que pedi às 10:39. Assim, estarei *cancelando* a oração feita antes”.⁷

Ora, se isso fosse verdade, então seria difícil ver onde Jesus queria chegar em Lucas 18.1-8 — uma passagem que às vezes é referida como a parábola da “viúva persistente”. Nesse trecho Jesus conta a história duma viúva que aborrecia um juiz iníquo pedindo-lhe um julgamento favorável, a ponto do juiz, para se ver livre da importunação, atender-lhe o pedido. A lição básica da história não é que Deus seja como o juiz e sim que devemos ser como a viúva. Nossa persistência em oração revela quão sérios somos. Essa é exatamente a lição que, no dizer de Lucas, Jesus queria transmitir: “E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de *orar sempre e nunca desfalecer*” (Lc 18.1).

Price não pára aqui com seus comentários, entretanto; muito piores são suas observações acerca da oração silenciosa. “Para orar você tem de dizer alguma coisa. Algumas pessoas dizem: ‘Bem, estou orando uma oração silenciosa’ - então suas ‘orações silenciosas’ nunca são respondidas! *não existe tal coisa como orações silenciosas. Deus disse que você deveria pedir...* Deus precisa ter permissão para operar nesta dimensão terrestre”.⁸

Porém, se a oração silenciosa é antibíblica — e a declaração de Price sobre Deus precisar de “permissão” contradiz o trecho de Daniel 4.35—, então o que Paulo quis dar a entender em 1 Tessalonicenses 5.17, onde escreveu: “Orai sem cessar”? Se ele quis dizer: “Estai em constante atitude de oração”, conforme a maioria dos intérpretes pensa, não há nenhum problema, pois a pessoa pode estar em atitude de oração enquanto permanece em silêncio. Mas se apenas a oração verbal é a verdadeira, então Paulo quebrava constantemente sua própria orientação ou tinha o hábito de falar com as paredes e molestar os vizinhos.

E que devemos pensar de Neemias? Ele nos conta que se encontrou num dilema terrível certo dia, quando servia ao rei Artaxerxes. O segundo capítulo de seu livro explica seu apuro. Há uma oração sua entre os vv. 4 e 5, mas você buscará em vão pelas palavras por ele ditas. Sua oração foi não

somente silenciosa, mas tremendamente eficaz, pois tanto lhe salvou a vida quanto levou à reconstrução duma Jerusalém devastada.

E não nos esqueçamos de Ana, a mãe do grande profeta Samuel. Você pode ler toda a história dela em 1 Samuel 1.9-20, mas por enquanto observe especialmente o v. 13: “Porquanto Ana, no seu coração, falava, e só se moviam os seus beijos, porém não se ouvia a sua voz”. Você não pode obter um silêncio mais explícito do que esse. Não obstante, sua oração foi respondida; e a prova da resposta foi o nascimento de Samuel, seu filho.

Bastaria isso para dar cabo das ficções do movimento da Fé! Mas tiremos ainda um momento para examinar os fatos. Melhor ainda, usemos a palavra “F-A-T-O-S” para nos lembrar da verdade concernente à oração.

Fé

Para que a oração seja verdadeiramente significativa, ela deve estar fundamentada sobre a fé. Visto que antes já devotamos toda uma seção ao assunto da fé (veja a Parte 2), não nos daremos a elaborações maiores aqui. Simplesmente quero enfatizar que é o *objeto da fé* que a torna eficaz. A fé deve estar sempre direcionada para fora e não para dentro - não fé na *fé*, mas sim fé em Deus.

Visto que Deus se revela de maneira admirável nas Escrituras, a oração da fé deve sempre estar arraigada na Palavra de Deus. É conforme R. A. Torrey expressou-o tão admiravelmente:

A fim de orarmos a oração da fé devemos, antes de tudo, estudar a Palavra de Deus, especialmente as promessas de Deus, e descobrir no que consiste a vontade de Deus... Não podemos crer simplesmente forçando-nos a isso. Uma crença assim não seria fé, mas credulidade; é “fingir que se crê”. A grande garantia para a fé inteligente é a Palavra de Deus. Conforme disse Paulo, em Romanos 10.17: “De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus”.⁹

Jesus sumariou a oração da fé com estas palavras: “Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (Jo 15.7).

Adoração

A fé em Deus, naturalmente, leva à adoração. Por meio da adoração expressamos nosso amor genuíno e intenso, bem como nosso anelo por Deus. A adoração inevitavelmente leva ao louvor e à glorificação de Deus, quando nossos pensamentos incidem sobre sua grandeza inexcedível. As Escrituras são um vasto tesouro onde extravasam as descrições da grandeza e da glória de Deus. Os Salmos, em particular, podem ser transformados em apaixonadas orações de adoração. Quando você os memoriza salmos como o 96, 104 e 150 tornam-se maneiras maravilhosas de expressar sua adoração ao Rei dos reis e Senhor dos Senhores.

O, vinde, adoremos e prostremo-nos!
Ajoelhemos diante do Senhor que nos criou.
Porque ele é o nosso Deus, e nós,
povo do seu pasto e ovelhas da sua mão.
Se hoje ouvirdes a sua voz!

(SI 95.6,7).

Tempo de confessar

Não somente os Salmos abundam com ilustrações de adoração, mas neles também sobram exclamações de confissão. No Salmo 51, por exemplo, o rei Davi confessou, contrito, o seu pecado:

Contra ti, contra ti somente pequei,
e fiz o que a teus olhos é mal,
para que sejas justificado quando falares
e puro quando julgares

(SI 51.4).

O conceito de confissão arrasta após si o reconhecimento de nossa culpabilidade diante do divino tribunal de justiça. Não há lugar para posturas meritórias na presença de Deus. Só podemos desenvolver intimidade com o Senhor pela oração quando confessamos nossos pecados e, contritos, lhe pedimos perdão. O apóstolo João faz um lindo sumário de tudo isso, quando diz: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo 1.9).

Orar com gratidão

Para a oração coisa alguma é tão básica quanto o agradecimento. As Escrituras nos ensinam a entrar “por suas portas com ações de graça e nos seus átrios com hinos de louvor” (SI 100.4 - ARA). Ser grato é uma função da fé e não tanto dos sentimentos. É algo que flui do conhecimento seguro

de que nosso Pai celestial sabe exatamente aquilo que precisamos e fará a provisão necessária. O apóstolo Paulo encorajou-nos como segue:

“Regozijai-vos sempre.
Orai sem cessar.
Em tudo dai graças,
porque esta é a vontade de Deus
em Cristo Jesus para convosco”
(1 Ts 5.16-18).

Súplicas

A súplicas são, sem dúvida alguma, o aspecto dominante de nossas orações diárias. De fato, é parte do desejo de Deus para seus filhos que eles levem suas petições à presença dele com louvores e ações de graça. Jesus mesmo ensinou-nos a orar nestes termos: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11). Mas apesar de sua providência, nunca devemos nos esquecer que o propósito da oração não é pressionar Deus para nos prover prazeres, mas antes nos conformar aos seus propósitos. E conforme lemos em 1 João 5.14,15: “E esta é a confiança que temos nele: que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos”.

E aí estão eles, os F-AT-O-S da oração: Fé, Adoração, Confissão, Gratidão e Súplicas. Não os memorize apenas; pratique-os. O *poder* da oração só se tomará uma realidade viva quando perseverarmos na *prática* da oração!

26

B = Bíblia

“**B**” representa a Bíblia. A *Bíblia* não somente forma o alicerce duma vida efetiva de oração, mas é fundamental em qualquer outro aspecto da vida cristã. Enquanto a oração é a maneira primária de nos comunicarmos com Deus, a Bíblia é a maneira primária de Deus se comunicar conosco. Coisa alguma deveria receber precedência sobre a Palavra, usurpando em nós seu lugar.

Se deixarmos de nos alimentar com equilíbrio e regularmente, falando em termos físicos, é provável que soframos no corpo as conseqüências dessa

negligência. Ora, o que é verdadeiro quanto ao homem exterior, também é verdade no tocante ao homem interior. Se deixarmos de nos alimentar regularmente da Palavra de Deus, teremos de suportar sérias conseqüências espirituais.

Jesus declarou: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4.4). Grandes refeições naturais são uma coisa; banquetes espirituais, outra bem diferente. De fato, o acrônimo “COMA-A” diz tudo.

Memorize

Uma das melhores coisas que me aconteceu como recém-convertido foi ter sido informado de que todo cristão memorizava as Escrituras. Agora, quando me lembro do passado, posso dizer que nada se compara ao prazer de memorizar as Escrituras. Charles Swindoll o sintetizou muito bem quando escreveu:

Desconheço qualquer outra prática isolada na vida cristã que seja mais recompensadora, falando em termos práticos, do que memorizar as Escrituras. É verdade. Nenhuma outra disciplina isolada é mais útil e gratificante do que essa. Nenhum outro exercício isolado paga maiores dividendos espirituais! *Sua vida de oração* será fortalecida. Seu *testemunho* será afiado e tornar-se-á muito mais eficaz. Seu *aconselhamento* estará em demanda. Suas *atitudes* começarão a mudar. Sua *mente* tomar-se-á alerta e mais observadora. Sua *confiança* e *segurança* serão fomentadas. Sua *fé* será solidificada.¹

A despeito desses maravilhosos benefícios, pouquíssimos crentes têm feito da memorização das Escrituras um estilo de vida. Em sua maioria, isso não se deve ao fato de não *querer* fazê-lo, mas que nunca foram ensinados sobre *como* fazê-lo. Mesmo que pensem ter má memória, o que se constata na realidade é sua mente está simplesmente *sem treinamento*.

Estou convencido de que qualquer pessoa, sem importar sua idade ou aptidão mental, pode memorizar as Escrituras. Deus nos tem chamado para gravarmos sua Palavra nas tábuas de nossos corações (Pv 7.1-3; cf. Dt 6.6) e, juntamente com essa chamada, ele proveu a habilidade para a executarmos. Sua mente é como um músculo. Se você a exercita, aumenta sua capacidade de relembrar e de recuperar informações. Se você não fizer

assim, então, como um músculo, sua memória tende a atrofiar-se. Eis alguns princípios práticos para que você comece:

- Estabeleça alvos. Quem não possui um alvo, não chega a lugar nenhum.
- Estabeleça alvos realistas, que possam ser alcançados, para que você não fique desencorajado e desista.
- Memorize em conjunto com um membro de sua família ou um amigo. Uma de minhas experiências mais gratificantes era balançar-me numa rede para lá e para cá, memorizando o segundo capítulo de Provérbios com minha filha, Michelle. Memorizar juntamente com outra pessoa além de aprazível, nos dá um certo senso de responsabilidade.
- Use tempo normalmente improdutivo para revisar o que você tem memorizado, como quando espera por chamadas telefônicas ou vai deitar-se.

Relembre-se disto - não há tempo como o presente para começar! Um bom lugar onde dar o primeiro passo é o Salmo 119. De fato, você pode decorar agora mesmo o versículo 11: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti”. Que isso o encoraje a fazer da memorização das Escrituras um hábito para toda a vida.

Enquanto você está atarefado nesse mister, talvez deseje considerar a memorização do trecho de Josué 1.8. As admiráveis palavras ali contidas são um lembrete e tanto para a tarefa de memorização. O texto diz o seguinte: “Não se aparte da tua boca o livro desta Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito; porque, então, farás prosperar o teu caminho e, então, prudentemente te conduzirás”. Se você deseja obter a verdadeira prosperidade, ei-la aí, e o modo de alcançá-la!²

Confira

Em Atos 17.11 lemos que os judeus de Beréia conferiam tudo, examinando diariamente as Escrituras para ver se o que Paulo estava ensinando era verdade. Por causa disso, foram elogiados como possuidores duma grande nobreza de caráter.

Há uma lição extremamente importante aqui. Os bereanos não foram *condenados* por examinar o que Paulo dizia à luz das Escrituras. Antes, foram *elogiados* por causa disso. A autoridade final não foi posta, dessa forma, sob as revelações trazidas por um homem, mas sobre a revelação da Palavra de Deus.

Não posso exagerar quão importante é examinar a Palavra de Deus, conferindo tudo. Esse exame passa pelo uso do raciocínio e a Bíblia exorta o crente a usar sua mente para honrar a Deus e checar se os ensinamentos humanos conferem com as Escrituras. Jesus ensinou que o primeiro e maior de todos os mandamentos consiste em amar a Deus de todo o coração, alma e mente (Mt 22.37). Pedro acenou aos crentes para que “cingissem os lombos de seus entendimentos” (1 Pe 1.13), enquanto Paulo os exortou a examinar tudo (1 Ts 5.21), deixando-se transformar pela renovação da mente, para discernir a vontade de Deus (Rm 12.2).

Examinar as Escrituras exige disciplina e dedicação, mas os dividendos são realmente gratificantes. Os bereanos checavam-na diariamente, e assim é que deveríamos fazer. Eis como você poderá prosseguir nessa atividade:

- Ore para que Jesus Cristo se torne cada vez mais real para você, pela leitura da Palavra de Deus.
- Leia um capítulo por dia. Talvez você queira começar pelo evangelho de João. Esse livro está dividido em 21 capítulos e os especialistas afirmam que se repetirmos a mesma ação por 21 dias seguidos, ela pode se tornar um hábito para toda a vida.
- Leia refletindo. Peça que o Espírito Santo lhe dê compreensão enquanto você tenta entender o sentido das palavras (2 Tm 2.7). Sepultada no texto há toda espécie de pedra preciosa.

Cabe a você desencavar os tesouros que não ficam à superfície.

- Leia as Escrituras sistematicamente e com critério, ao invés de usar a abordagem da “metralhadora” — atirar para tudo quanto é lado. A Bíblia é uma coletânea de 66 livros individuais. Para que você tenha uma visão abrangente de todo o quadro apresentado por Deus, não deve ler somente os livros ou seções de livros que achar interessantes.

Antes, precisa ler e considerar cuidadosamente a inteira Palavra de Deus, duma maneira inteligente e organizada.

- Conhecer algumas regras de interpretação bíblica fomentará bastante sua habilidade no exame cotidiano das Escrituras. O acrônimo L-I-G-H-T-S, discutido no capítulo 20, mostrará ser extremamente útil.

Aplique

Por mais maravilhoso e útil que seja memorizar e examinar as Escrituras, isso simplesmente não é o bastante! Também devemos pegar o conhecimento que temos respigado da Palavra de Deus e *aplicá-lo* a cada aspecto da nossa vida diária. A sabedoria é a *aplicação* do conhecimento.

Quando Jesus chegou ao fim do Sermão da Montanha, Ele o concluiu com as palavras seguintes:

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda (Mt 7.24-27).

Tiago usou de ironia para impressionar seus leitores nesse mesmo ponto. Em essência ele disse que quem ouve a Palavra e não a pratica é como um homem que vê seu rosto num espelho, descobre que está sujo, mas não se lava (Tg 1.23,24).

Aos olhos de Deus, a obediência é melhor que o sacrifício (1 Sm 15.22). Por isso mesmo, Tiago conclui: “Sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos” (Tg 1.22).

Ouçá

A fim de aplicarmos as orientações de Deus às nossas vidas diárias devemos, primeiramente, ouvir cuidadosamente o que Deus nos fala mediante sua Palavra. A semelhança de Samuel, deveríamos dizer: “Fala, porque o teu servo ouve” (1 Sm 3.10).

Um dos mais notáveis aspectos da Palavra de Deus é que ela é viva e eficaz, não morta ou embotada. De fato, Deus continua falando hoje em dia por meio de sua Palavra. O Espírito Santo ilumina as nossas mentes quanto ao que é revelado nas Escrituras, tornando-nos “sábios até onde está escrito, não além disso”.³

Ao ouvirmos, também devemos “submeter a teste os espíritos”. Como João, o apóstolo do amor, advertiu: “Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (1 Jo 4.1). É particularmente importante “provar os espíritos” porque o forte da estratégia de Satanás, no campo da sedução espiritual, é se disfarçar de anjo de luz (cf. 2 Co 11.14). Seu slogan mais manhoso é: “Sinta, não pense”.

O Espírito de Deus, por sua vez, ilumina as nossas mentes para mostrar que podemos compreender tudo quanto nos dá liberalmente (1 Co 2.12). Antes de me tornar um crente, ler a Bíblia era como ler uma correspondência insossa vinda pelos correios. Agora, entretanto, as Escrituras tornaram-se as 66 cartas de amor da parte de Deus que me foram dirigidas especificamente. Como Jesus declarou tão maravilhosamente: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem” (Jo 10.27).

Aprenda

As Escrituras nos exortam a estudar e aprender (dEle, que é manso e humilde) se é que desejamos ser obreiros aprovados por Deus, trabalhadores que não têm de que se envergonhar, que manejam bem a Palavra da verdade (2 Tm 2.15).

Ao *examinar* as Escrituras, é fundamental começar com uma boa tradução, e tê-la sempre à mão. Isso lhe proverá consistência e o ajudará no processo de memorização das Escrituras. Para o *aprendizado*, entretanto, é melhor usar um certo número de boas traduções da Bíblia. Visto que há tantas traduções disponíveis hoje em dia, permita-me salientar algumas das mais notáveis diferenças.

(*Nota da edição em português*: Por ter escrito originalmente esta obra em inglês, o autor tece a partir deste ponto comentários relativos às publicações nessa língua, o que para todos os efeitos serve como informação

útil a um grupo seletivo de estudantes da Bíblia que se valem vez e outra de tais publicações.)

A princípio existem dois critérios básicos de tradução: por idéias (prioriza a fidelidade à idéia original sobre a tradução literal das palavras) e por palavras (segue à risca a tradução das palavras, uma a uma, contidas no original). Em inglês, uma boa tradução por palavras é a *New American Standard Bible* (NASB). Embora seja uma tradução de pouca mobilidade, é excelente se o propósito é estudar. Já uma grande tradução por idéias é a *New International Version* (NIV). É extremamente confiável, além de poder ser lida com extraordinária facilidade. Como relíquia do idioma inglês, porém, não existe melhor tradução do que a *King James Version* (KJV).

Deve-se observar, contudo, que pelas mais recentes descobertas de manuscritos, o texto grego do qual a KJV foi traduzida (o chamado Textus Receptus ou “Texto Recebido” não leva em conta alguns dos textos sobre os quais a NASB e a NIV foram alicerçadas. Há também no mercado atualmente um certo número de paráfrases, como a de *J. B. Phillips e The Living Bible* (“A Bíblia Viva”, publicada em português pela Editora Mundo Cristão). Mas, apesar de serem ambas de fácil leitura e muitas vezes ajudarem a esclarecer um ponto difícil, seu estudo deve ser feito com cautela, a título de comparação.

Há um certo número de traduções da Bíblia que deveriam ser evitadas a todo o custo. Entre elas estão a New World Translation (“Tradução do Novo Mundo”, como é conhecida e publicada em português), que reflete os conceitos sectários das Testemunhas de Jeová,⁴ e a “Tradução de Lamsa”, doutrinariamente preconceituosa e altamente esotérica.⁵

Para ajudá-lo em seu estudo das Escrituras, eis algumas ferramentas úteis:

1. Bíblias de Estudo

Existem no mercado, hoje em dia, algumas excelentes Bíblias de estudo, incluindo a *Student Bible*, a *NIV Study Bible* e *The International Inductive Study Bible*. (Em português temos, entre outras, A Bíblia Explicada, Bíblia de Estudo Vida Nova, a Bíblia com anotações de Scofield e a recém-lançada Bíblia Pentecostal). Também existem algumas Bíblias de estudo de qualidade questionável, que não recomendamos, como a *Word*

Study Bible: Kenneth Copeland Reference Edition Bible e a Dake's Annotated Reference Bible.

Talvez a pior coletânea de falsos ensinós seja a popular *Dake's Annotated Reference Bible*. “Deus... vai dum lugar para outro num corpo como o de todas as outras pessoas”, diz Dake. Ainda sobre Deus, Dake afirma que Ele é apenas um “ser de tamanho ordinário. Ele usa roupas... come... descansa... habita numa mansão, numa cidade localizada num planeta material chamado Céu”.⁶

Logo na primeira página do Novo Testamento, Dake escreveu que Jesus “tomou-se o Cristo, ou seja, o ‘Ungido’, 30 anos depois de ter nascido de Maria”.⁷ Ora, qualquer pessoa que tenha cantado ou ouvido algum hino de Natal com fundamento bíblico está familiarizada com o trecho de Lucas 2.11, que diz: “Pois na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor”.

2. Acervo de Estudo

O acervo de todo estudante sério das Escrituras deveria incluir:

Bíblia de Referência Cruzada e Concordância

- Esse é um dos mais poderosos e compactos instrumentos de estudo. Uma boa Bíblia de referência cruzada, como a de Thompson, ajudá-lo-á a encontrar passagens paralelas sobre o tópico, palavra ou frase em questão. Grandes seções numeradas e ordenadas por tópicos, na parte de trás, além duma concordância seletiva, mapas e gráficos dão às Bíblias de referência um papel ímpar. Uma palavra de cautela: sempre estude todo o contexto das passagens e não se deixe arrastar para alguma interpretação estreita; um bom comentário, um dicionário bíblico ou uma teologia sistemática poderão ajudá-lo a evitar tais problemas.

Comentário

- Um comentário da Bíblia serve para checar e manter o equilíbrio. Você poderá avaliar seu discernimento comparando-o com o de outros. Há uma variedade de bons comentários disponíveis hoje em dia, entre os quais o Comentário Bíblico de Moody. Há também comentários sobre livros específicos da Bíblia.

Concordância Exhaustiva (Chave Bíblica)

- Uma concordância exaustiva ou completa é um instrumento indispensável (as que vêm nas Bíblias geralmente são incompletas). Com ela, você poderá localizar cada citação das palavras usadas na Bíblia, juntamente com uma meia sentença para ajudá-lo a reconhecer o versículo. A maior parte das edições, como a de *Strong*, permite ao leitor comparar as palavras que lhe interessam com seus originais hebraico, aramaico e grego.

Tradução Interlinear

- Uma tradução interlinear apresenta o texto original lado a lado com seu equivalente na língua vernácula, palavra por palavra. Algumas traduções interlineares, como a de Green lhe fornecerão também o número de referência de Strong quanto a cada palavra hebraica ou grega. Dessa maneira você poderá examinar facilmente cada palavra que esteja ligada ao sistema referencial de numeração na *Concordância Exaustiva de Strong*. Uma boa tradução interlinear, com seu léxico apropriado, ajudá-lo-á no acesso à Palavra de Deus, nas línguas originais, mesmo que lhe falte treinamento em hebraico ou grego.

Dicionário Bíblico

- Um bom dicionário bíblico lhe dará informações sobre a história, cultura, povos, lugares e eventos referidos nas Escrituras. Um dos mais conservadores volumes é o *Novo Dicionário da Bíblia*, publicado no Brasil pelas Edições Vida Nova. Você também encontra em português o *Dicionário Bíblico Universal*, de Buckland, editado pela Vida, e o *Dicionário da Bíblia*, de John Davis, este publicado pela JUERP.

Teologia Sistemática

- Uma teologia sistemática refere-se simplesmente à sistematização das Escrituras, provendo uma clara compreensão das doutrinas fundamentais da fé cristã histórica. Uma compreensão boa da teologia sistemática haverá de capacitá-lo a compreender, defender e amadurecer na fé. A teologia sistemática de Bruce Milne, intitulada *Know the Truth* (“Conheça a Verdade”), é uma boa introdução à teologia e nela você encontrará várias recomendações de outras teologias sistemáticas. Em português existem vários manuais de teologia sistemática, entre os quais *Palestras em Teologia Sistemática*, de Thiessen, publicado pela IBR.

Instrumentos Adicionais

- Algumas obras dignas de consideração incluem:

a) Manuais sobre dificuldades bíblicas, como o *When Critics Ask* (“Quando os Críticos Questionam”), por Norman Geisler e Thomas Howe. Em português, livros como *Evidência que Exige um Veredito* (Candeia), *As Grandes Defesas do Cristianismo* (CPAD) e *Apologética Cristã* (JUERP) encaixam-se nessa categoria.

b) Auxílios lingüísticos como aquele intitulado *An Expository Dictionary of Biblical Words* (“Dicionário Expositivo de Palavras Bíblicas”), de W. E. Vine.

c) Introduções à ciência e à arte da interpretação da Bíblia, como *Knowing Scripture* (“Conhecendo a Escritura”), de R. C. Sproul, ou *Scripture Twisting* (“Torcendo a Escritura”), de James Sire. Livros de hermenêutica e de exegese bíblica ajudam a esclarecer o sentido correto de muitos pontos duvidosos.

Disse Jesus: “Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede” (Jo 6.35). E um desejo muito intenso meu que, dadas essas instruções, você se lembre de nutrir-se, e aos outros, com o Pão da Vida.

C - Congregação

“C” representa a *Congregação, a Igreja*. Nas Escrituras, a Igreja aparece como o Corpo de Cristo. Assim como nosso corpo é um só e, no entanto, compõe-se de muitas partes, assim também o Corpo de Cristo é um só, embora composto de muitos membros. Aqueles que têm recebido Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor já fazem parte da Igreja naquilo que ela tem de genérico e universal. É fundamental, entretanto, que nos tornemos membros ativos dum corpo local de crentes, o qual seja ao mesmo tempo saudável e equilibrado.

As Escrituras exortam-nos a não negligenciarmos nossas reuniões, embora este seja o costume de alguns (Hb 10.25). Tristemente, multidões hoje em dia estão trocando sua igreja por um programa de televisão.

O impacto do televangelismo sobre a Igreja tem sido maciço. Em linhas gerais, entretanto, ao invés de conformar-se com Cristo, o

televangelismo tem-se conformado à nossa cultura. A adoração tem sido substituída pelo entretenimento, a comunhão pelo individualismo e o conceito bíblico de que “cada crente é uma testemunha” (At 8.1) pelas idéias verborrágicas do televangelista. De fato, tanto a estrutura como a função da Igreja têm sido dramaticamente alteradas.

Voltar aos princípios básicos significa recuperar a visão da Igreja como o veículo determinado por Deus para que cultivemos a comunhão mútua (sentido horizontal, uns com os outros) e a adoração (sentido vertical, comunhão com Deus), preparando-nos para *fazer discípulos*, a fim de que a *unidade do Corpo de Cristo* seja demonstrada para inteira glória do Senhor. Examinemos os aspectos básicos duma congregação saudável e bem equilibrada.

Liderança Eficaz

O primeiro sinal duma igreja saudável e bem equilibrada é um pastor que se dedica a liderar sua comunidade de crentes na adoração a Deus, enfatizando sempre a oração, o louvor e a proclamação da Palavra.

1. Oração

A oração está tão inextricavelmente entretecida com a adoração, que não se pode imaginar um culto sem oração. Desde os primórdios da igreja cristã, a oração tem sido um meio primário de adorar a Deus. O próprio Senhor Jesus estabeleceu o padrão quando ensinou seus discípulos a orar (Mt 6.9-13):

Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome.
Venha o teu reino.
Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.
Perdoa-nos as nossas dívidas,
assim como nós perdoamos aos nossos devedores.
E não nos induzas à tentação,
mas livra-nos do mal;
porque teu é o reino, o poder, e a glória, para sempre.
Amém!

2. Louvor

O louvor é outra maneira pela qual um corpo de crentes adora a Deus. Paulo exortou a igreja em Éfeso a permanecer “falando entre vós com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração” (Ef 5.19). No livro de Salmos, que poderíamos chamar de “o hinário da igreja primitiva”, encontramos descrições de extrema beleza e sensibilidade do Deus que é digno dos nossos louvores e da nossa adoração. Como escreveu o salmista no Salmo 150:

Louvai ao Senhor!
Louvai a Deus no seu santuário;
louvai-o no firmamento do seu poder.
Louvai-o pelos seus atos poderosos;
louvai-o conforme a excelência da sua grandeza.
Louvai-o com o som de trombeta;
louvai-o com o saltério e a harpa.
Louvai-o com o adufe e a flauta;
louvai-o com instrumento de cordas e com flautas.
Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos altissonantes.
Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor.
Louvai ao Senhor!

3. Proclamação

Somando-se à oração e ao louvor, a proclamação da Palavra é um aspecto vital na adoração a Deus. Em 1 Timóteo 4.13, Paulo exorta seu filho na fé do seguinte modo: “Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá.” E volta a tocar no assunto em 2 Timóteo 4.2: “Que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina”. Através da proclamação da Palavra de Deus, os crentes são edificados, educados e preparados para o evangelismo.

É mediante a oração, o louvor e a proclamação que estamos sendo “edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1 Pe 2.5).

Unidade

O segundo sinal de uma igreja saudável e equilibrada é sua unidade. Jesus Cristo derrubou as barreiras de sexo, raça e cultura, tornando-nos um só Corpo, sob o pendão do amor. O comunismo afirmava transformar homens em camaradas, mas Cristo transforma-nos em irmãos e irmãs. A

unidade que compartilhamos no Corpo de Cristo é exteriorizada através duma comunidade (congregação), da confissão e das contribuições.

1. Comunidade

O batismo simboliza a nossa entrada numa comunidade de crentes que se subordinam a Cristo. O batismo é um sinal e um selo de que fomos sepultados para nossa vida antiga e ressuscitados para um novo viver, mediante o poder da ressurreição. A comunhão da Santa Ceia é a principal expressão da unidade por nós desfrutada como uma comunidade de crentes. Assim como participamos todos dos mesmos elementos, também participamos daquilo que os elementos simbolizam: Cristo, que nos tem feito um só corpo. Nossa comunhão na Terra, celebrada pelo partir do pão, é uma prelibação da comunhão celestial que desfrutaremos quando o símbolo ceder lugar à realidade.

2. Confissão

A confissão de nossa unidade em Cristo está alicerçada sobre um conjunto de crenças que Walter Martin referiu-se como “cristianismo essencial”. Essas crenças, que têm sido codificadas nos credos da Igreja cristã, formam a base de nossa unidade como Corpo de Cristo. As palavras de Agostinho são dignas de serem repetidas aqui: “Nos essenciais, unidade; nos não essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade”.

3. Contribuição

A contribuição — tempo, dinheiro e talentos — também externa nossa unidade em Cristo. O pastor não foi chamado para exercer sozinho o ministério, mas conduzir suas ovelhas a uma posição de utilidade no Reino. O objetivo de sua chamada foi “o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12). O propósito de Deus ao distribuir dons espirituais a membros individuais da Igreja é um só: “para o que for útil” (1 Co 12.7).

Cristo tem chamado indivíduos de toda língua e tribo e nação para um testemunho eficiente de unidade como parte indissociável da família de Deus. Lembre-se: Ninguém é uma ilha! Cada membro do Corpo de Cristo foi chamado para um propósito que nada tem de egoísta. Muitos gravetos de lenha, quando juntos, produzem refulgente labareda, mas se os separarmos o fogo se extinguirá.

Discípulos

Na Grande Comissão, Cristo chamou-nos para fazer não somente *convertidos*, mas também *discípulos* (Mt 28.19). Um discípulo é um aprendiz ou seguidor do Senhor Jesus Cristo. Somos chamados à tarefa de fazer discípulos mediante o testemunho do nosso amor, dos nossos lábios e das nossas vidas.

1. Amor

Um dos segredos do crescimento da Igreja Primitiva era o testemunho do seu amor - ele fala muito alto. O amor de Cristo não somente compelia os cristãos primitivos a agir como embaixadores (2 Co 5.20), mas levava o mundo a tomar notícia deles a fim de obter a salvação. O amor de Cristo era tão contagiante que varreu o Império Romano como um incêndio. Jesus disse: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13.35).

2. Lábios

A igreja cristã primitiva não somente transformou o Império Romano pelo testemunho do seu amor, mas porque não calou seus lábios. O livro de Atos narra que no dia em que Estêvão foi martirizado, uma grande perseguição levantou-se contra a igreja de Jerusalém. Assim, todos os crentes, exceto os apóstolos, espalharam-se pela Judéia e por Samaria. E todos os que foram assim dispersos, por onde iam pregavam a Palavra de Deus, sem constrangimento algum.

Este é o segundo segredo do crescimento da Igreja Primitiva: todo crente era uma testemunha destemida de Cristo. Apesar de ser verdade que nem todo crente é chamado para ser um *evangelista*, todos são chamados para *evangelizar*. Eis a razão pela qual a Igreja deve levar a sério a tarefa de preparar os crentes. Pelo resto de suas vidas, dando-lhes Deus oportunidade, devem estar preparados para fazer discípulos.

Disse Jesus: “Nisto é glorificado meu Pai: que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos” (Jo 15.8).

3. Vida

Intimamente associado ao anteriores está o testemunho de nossas vidas. Conta-se a história dum homem que trabalhava numa fábrica, no

Norte da Inglaterra. Quando estava de pé sobre uma escada, ele se desequilibrou e caiu sobre uma superfície de metal incandescente. Seus colegas de trabalho corriam, frenéticos, procurando um médico, quando o homem clamou: “Esqueçam o médico! Estou morrendo! Alguém pode me dizer como acertar meu caminho com Deus?”

Dentre os mais de trezentos homens naquela fábrica, nenhum deles deu um passo à frente. Mais tarde um deles confessou que poderia ter-lhe falado de Jesus, mas o testemunho de seus lábios seria contradito implacavelmente pelo da sua vida.

Se testificarmos somente com nossa vida, corremos o risco de testificar somente para nós mesmos. Por outro lado, se nossas vidas contradizem o testemunho de nossos lábios, acabaremos arrastando o nome de Cristo ao vitupério. Devemos testificar tanto por meio de nossas vidas como de nossos lábios.

Que possamos, como os membros da igreja primitiva, chegar a entender mais amplamente o conceito bíblico do sacerdócio de todos os crentes. Como é claro, não faz parte da chamada do pastor fazer sozinho o trabalho do ministério. Antes, o pastor é chamado para preparar os santos “para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.12,13).

É minha oração que estes três últimos pontos haverão de lembrá-lo do privilégio de ligar-se vitalmente a uma igreja local saudável e bem equilibrada: uma igreja na qual Deus seja adorado, onde todos participem unidos da comunhão, e donde saiam obreiros preparados para fazer discípulos de todas as nações. Efetivamente, vocês são “a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2.9).

28

D = Defesa

“D” representa *Defesa*. Voltar aos princípios básicos significa nos equiparmos para defender a fé. A Guerra Fria pode haver terminado, mas a necessidade de defender a fé cristã está apenas em seu início. A medida que nos imiscuímos naquela que tem sido descrita como a América pós-cristã, torna-se cada vez mais importante para nós, crentes, sabermos *no que e por que* acreditamos. E é nisso que consiste a defesa da fé (apologética).

O apóstolo Pedro colocou a questão como segue: “Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração; e estai preparados para responder [*apologia*] com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (1 Pe 3.15). É significativo observar que a apologética tem um duplo propósito.

Em primeiro lugar, a defesa da fé envolve o *pré-evangelismo*. Na América pós-cristã, poucas pessoas têm consciência de que o cristianismo não é um salto no escuro, mas uma fé que se fundamenta em fatos, comprovando-se na história e por meio de evidências. Sempre que for solicitado a “responder a todo aquele” que lhe pedir a razão da esperança que

há em você, aproveite a oportunidade para usar respostas bem pensadas e lógicas como alavanca para as boas novas do Evangelho. A apologética não é um fim em si mesma, é apenas um meio para se chegar a uma finalidade que a transcende. Ela não é uma simples oportunidade de demonstrar sua acuidade mental, mas uma oportunidade de apresentar as reivindicações de Cristo. Eis a razão exata pela qual Walter Martin referiu-se à apologética como “a criada do evangelismo”.

Em segundo lugar, a defesa da fé envolve o *pós-evangelismo*. Num período em que o cristianismo está em crise, a apologética serve para fortalecer a nossa fé. Num tempo em que os líderes evangélicos estão falhando à nossa volta, encoraja-nos saber que a nossa fé não está alicerçada sobre a fidedignidade dos homens e, sim, sobre a revelação de Deus.

A luz da significação estratégica da apologética, é trágico que ela esteja sendo aviltada e descaracterizada pelo movimento da Fé. Paul Crouch, por exemplo, descreveu a apologética como “pedir desculpas pelas Escrituras”,¹ ao passo que João Avanzini asseverou que Deus o perdoou por ser um apologista, tendo prometido nunca mais ocupar-se de novo com a apologética.²

Um número demasiadamente grande de pessoas acredita que a apologética é do domínio exclusivo dos eruditos e teólogos. Não é verdade! A defesa da fé não é algo opcional; é um treinamento básico para todo crente. E isso envolve você!

Graças a Deus, aprender a defendermos nossa fé não é tão difícil como alguém poderia supor. De fato, tudo se resume em ser capaz de dar resposta a três indagações fundamentais. Devemos estar preparados para demonstrar que:

1. O Universo é fruto dum desígnio soberano e inteligente do Criador, não constituindo, assim, um resultado evolutivo qualquer, produzido ao acaso.
2. Jesus Cristo é Deus, compartilhando de todos os atributos da divindade, tendo esta sua condição se comprovado de modo incontestável pela ressurreição.

3. A Bíblia foi dada por Deus. Sua origem não é humana, pois os homens santos que a escreveram foram “inspirados pelo Espírito Santo”.

Agora, olhemos sucintamente para essas três áreas. Se alguém faz questão, e isso é muito bom, de um exame mais completo e detalhado, recomendamos a leitura criteriosa do Apêndice B. Lá você se defrontará com pontos específicos de suma pertinência nessa área crítica da apologética, mormente no aspecto prático.

Fruto do Desígnio de Deus

Em primeiro lugar, devemos estar preparados para demonstrar que o Universo foi criado por Deus, ao invés de ter sido produzido e evoluído inteiramente ao acaso. Envolvendo-nos na questão da criação/evolução, devemos saber que:

- O registro dos fósseis é um embaraço para os evolucionistas. Darwin declarou que o registro dos fósseis haveria de dar-lhe apoio; e, no entanto, mais de cem anos depois de sua morte, ainda não surgiu qualquer evidência de transições duma espécie para outra (macroevolução).³

- Abundam fraudes e enganos sobre homens-macacos. Talvez o mais notável seja o *Pithecantropus erectus* (homem de Java).⁴ Talvez você se lembre dele, olhando para você, das páginas de seus manuais escolares. Você sabe -aquele com olhos de filósofo. Mais de sessenta anos após ser desacreditado, ele ainda aparece em alguns livros didáticos!

- A idéia de que a complexidade organizada do Universo ocorreu por puro acaso é uma impossibilidade estatística. Até mesmo a formação, por um processo ao acaso, de algo tão fundamental como uma molécula de proteína é impensável.

- As leis básicas da ciência refutam a teoria da evolução. A segunda lei da termodinâmica - a entropia -em particular, contradiz a teoria da evolução. A evolução postula que todas as coisas vão do acaso para a complexidade, e da desordem para a ordem. Mas a entropia demonstra que tudo está indo exatamente na direção oposta - na direção do acaso e da desordem. Deve-se também notar que a evolução é uma hipótese não provada, ao passo que a entropia é uma lei bem documentada da ciência.

Jesus, o Filho de Deus Encarnado

Em segundo lugar, devemos estar preparados para demonstrar que Jesus Cristo é Deus, o que se comprova, entre outros, pelo fato inegável de sua ressurreição. A ressurreição de Jesus Cristo é o maior feito já registrado nos anais da história humana. Por meio de sua ressurreição, Jesus demonstrou que não faz parte da turma em que estão Buda, Maomé e qualquer outro fundador de religião. Eles morreram e ficaram mortos, mas Cristo voltou à vida!

A ressurreição é a pedra angular do cristianismo: se for removida, tudo o mais desmoronará. Ela é a doutrina singular que elevou o cristianismo acima de todas as religiões pagãs do mundo antigo, ao redor do Mediterrâneo. Conforme Paulo colocou a questão: “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados... Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (1 Co 15.17,19). E precisamente por causa da importância estratégica da ressurreição de Cristo para a fé cristã que toda pessoa que assume o nome sagrado de cristão deve estar preparado para demonstrar que:

- A ressurreição de Jesus Cristo é um fato bem confirmado da história. Não é nem mito, nem lenda e nem embuste.

- O primeiro fato dentre os mais importantes, em apoio à ressurreição de Cristo, é o túmulo vazio. Até os inimigos de Cristo admitiram que o túmulo estava vazio e não puderam apresentar o corpo dele.

- O segundo fato igualmente importante que confirma a ressurreição de Cristo são suas aparições, depois da morte. Numa dessas ocasiões, ele apareceu a mais de quinhentas testemunhas oculares (1 Co 15.6). E também se mostrou a inúmeras outras pessoas, provendo “muitas provas convincentes” de sua ressurreição (At 1.3).

- A terceira grande apologia em favor da ressurreição foi a radical transformação que ocorreu nas vidas dos discípulos de Cristo. Após a *crucificação*, eles foram dispersos, ficando desapontados e sem esperança. Entretanto, depois da *ressurreição*, uniram-se para mudar o mundo, confiantes e seguros de sua veracidade. Daí emergiu o maior de todos os movimentos evangelísticos da História.

De fato, as evidências em apoio à ressurreição de Cristo são tão avassaladoras que ninguém pode examiná-las de mente aberta, desejoso de conhecer a verdade, sem tornar-se convicto de que tenha realmente acontecido.

A Bíblia é a Palavra de Deus

Em terceiro lugar, devemos estar preparados para demonstrar que a Bíblia tem uma origem divina e não meramente humana. Na realidade, se você puder demonstrar que a Bíblia foi inspirada por Deus, em vez de ter sido produzida por uma conspiração de homens, uma hoste de outras objeções às Escrituras serão automaticamente respondidas. E crucial, pois, que cada crente possa demonstrar que:

- A arqueologia afirma quão fidedigna é a Bíblia, historicamente falando. Se é que pretendem ser intelectualmente honestos, os eruditos seculares precisam revisar suas críticas contra a Bíblia, à luz das sólidas evidências arqueológicas. Na verdade, a cada movimento da pá dos arqueólogos mais evidências em prol da natureza fidedigna das Escrituras tomam-se disponíveis.

- A Bíblia registra predições de eventos que não poderiam ter sido antecipados por mero acaso, nem pela lucubração aprofundada, ainda que sobrasse bom senso. Qualquer pesquisa cuidadosa confirma a exatidão profética da Bíblia. A profecia profética é um princípio bíblico fidedigno que chega a abalar até o cético mais resolutivo!

- E estatisticamente impossível que as profecias da Bíblia, sendo tão específicas e detalhadas como o são, viessem a se cumprir por pura sorte, adivinhação ou ludíbrio deliberado. A Bíblia foi escrita durante um período de 1.600 anos, por quarenta autores, em três idiomas diferentes (hebraico, aramaico e grego), abrangendo centenas de assuntos. E, não obstante, há uma consistência, um tema profético não contraditório que a percorre do início ao fim: a redenção da humanidade por parte de Deus. Como fica patente, a probabilidade estatística da profecia bíblica é um poderoso indicador de quão dignas de confiança são as Escrituras.

Essa é, em síntese, a significação da apologética. E lembre-se o leitor - se você está buscando uma experiência que o satisfaça realmente, torne-se um defensor da fé. Não somente você experimentará o poder e a presença do

Espírito Santo, agindo por seu intermédio, mas também se verá em meio a um louvor angelical conjunto, sempre que um filho ou filha perdida de Adão encontrar seu caminho para o Reino de Deus.

29

E = Essenciais

Muita coisa está sendo dita atualmente sobre a unidade do Corpo de Cristo. Mas, unidade a que custo? Paul Crouch parece acreditar em unidade a qualquer custo, mesmo que esse preço comprometa o *Essencial* da doutrina cristã. Ele não somente promove a teologia sectária do Movimento da Fé, mas se esforça ao máximo para afirmar crenças que negam abertamente a doutrina da Trindade.

No programa de rádio de alcance mundial *Praise the Lord*, ele disse que concordava cem por cento com um antigo membro da *United Pentecostal Church* (“Igreja Pentecostal Unida”) que, dividir por questões de doutrina, “é um truque do diabo”.¹

A verdade, no entanto, é que não pode haver unidade atropelando-se os pontos essenciais da fé cristã cuja defesa custou tão caro aos mártires. Existem doutrinas não-essenciais que, a nosso ver, não impedem a união entre os cristãos, mas outras são fundamentais a uma crença genuinamente bíblica e dessas não podemos abrir mão.

Cristo advertiu-nos a ter cuidado com os falsos profetas e a história da Igreja cristã dá eloqüente testemunho da necessidade dessa advertência. A Bíblia, do começo ao fim, adverte sobre falsos apóstolos e obreiros enganadores, que se mascaram como apóstolos de Cristo. Paulo concluiu que se o próprio Satanás “se transfigura em anjo de luz”, então “não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras” (2 Co 11.13-15).

Quando começam a aparecer as nuvens do temporal, essas advertências precisam mais do que nunca ser ouvidas. Precisamos ficar tão familiarizados com o cristianismo genuíno que as contrafações possam ser reconhecidas logo que surjam no horizonte. A *American Banking Association* (“Associação Bancária Americana”) tem um programa de treinamento que ilustra muito bem esse ponto.

Todo ano a associação manda centenas de caixas bancários a Washington para que aprendam a detectar dinheiro falso. Mas em nenhum momento, durante todo o programa - que durava duas semanas -, os caixas manipulavam dinheiro falso. O projeto de treinamento exigia o manuseio exclusivo de dinheiro autêntico. Por quê? Porque a associação estava convencida de que se alguém se familiariza com o artigo autêntico, não se deixa enganar por sua contrafação, não importa o quão real pareça.²

Eis a razão por que voltamos agora nossa atenção para os pontos essenciais sobre que se fundamenta a fé cristã. Esses pontos têm servido bem à Igreja, em meio a tempos difíceis e trabalhosos.

Os marinheiros de antigamente fixavam seu curso pela Estrela do Norte. Ela lhes provia uma referência imutável na orientação de seus navios, guiando-os de forma segura ao destino desejado. Os pontos essenciais da fé cristã, de modo semelhante, têm guiado o Corpo de Cristo em meio às borrascas que procuram afundá-lo. Apesar das estrelas cadentes iluminarem por um instante o firmamento, segui-las só conduz ao naufrágio.

Muita gente hoje em dia defende a idéia que uma onda está varrendo a Igreja da era cristã para a Nova Era, a de Aquário. Ora, isso é impossível, pois Cristo prometeu que os portões do inferno não prevaleceriam contra a Igreja. Em sua comissão final, ele disse: “Eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mt 28.20). Sem perder de vista a

promessa de Jesus, os três itens abaixo servem como referência segura em nossa volta aos pontos essenciais.

Os Credos da Igreja

O *Credo Atanasiano*,³ largamente usado por toda a Igreja, é um dos credos clássicos do cristianismo. Costuma se dizer que nenhuma outra declaração da Igreja primitiva estabelece, tão incisivamente, e com tanta clareza, a profunda teologia implícita na afirmação bíblica de que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo mesmo o mundo. Seu propósito primário — juntamente com o dos outros credos universalmente aceitos — era refutar as heresias que tinham surgido na Igreja. Uma das funções óbvias do *Credo Atanasiano* era contrabalançar visões desviadas sobre a Trindade, como por exemplo o triteísmo. O *Credo Atanasiano* é especialmente significativo em face do fato que os ensinamentos do triteísmo, anunciados pelos hereges da Igreja medieval, têm vindo novamente à superfície nos ensinamentos de pessoas como Benny Hinn e em publicações como a Bíblia Anotada de Dake.

Outros grandes credos da Igreja também foram usados para combater as heresias. O *Credo Niceno* foi composto para combater a perigosa heresia de Ario, que negava a deidade plena de Cristo. O Credo de Calcedônia refutava heresias que contrariavam o ensino bíblico concernente à natureza e à pessoa de Cristo. *Todos esses credos tinham por objetivo fazer as pessoas voltarem aos pontos básicos ou essenciais do cristianismo histórico. O Credo Atanasiano não somente codifica a verdade concernente à Trindade, mas também afirma a encarnação, ressurreição, ascensão e a segunda vinda de Cristo, incluindo o Juízo Final.*

Um outro aspecto importante dos credos é que eles nos ajudam a separar as doutrinas essenciais das secundárias. Os credos não discutiam pontos controversos da escatologia (o estudo das últimas coisas), como o arrebatamento, a tribulação ou o milênio. Afirmando simplesmente a questão central, dizendo que “Ele [Cristo] voltará gloriosamente, para julgar os vivos e os mortos”.

É importante notar que os credos se apóiam nas Escrituras. Os israelitas, no Antigo Testamento, usavam a *Shema* (“Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor”), como uma expressão válida da unidade e do caráter ímpar de *Yahweh*. O Novo Testamento contém várias passagens

usadas a princípio como declarações de crença apostólica. A mais comum encontra-se em 1 Coríntios 15.3,4: “Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, *segundo as Escrituras*, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, *segundo as Escrituras*”.

Sendo expressões concisas da verdade bíblica, os credos são úteis para afirmar a correção doutrinária, refutar o erro e favorecer a doutrinação cristã. No entanto, como todas as declarações escritas por homens imperfeitos que são, os credos estão sujeitos à suprema autoridade da Palavra escrita de Deus.

O Evangelho de Cristo

O Evangelho acha-se no âmago da fé cristã. Se os crentes não sabem como fazer para compartilhar sua fé é porque nunca se debruçaram com vontade sobre o Evangelho, incluindo aí o registro escrito. O Evangelho deve fazer parte de você duma maneira tal que seja considerado sua segunda natureza.

O primeiro passo na comunicação do Evangelho envolve o aprendizado de como se relacionar de modo correto com um incrédulo. Em parte, isso compreende o uso de seu testemunho pessoal o qual pode servir de ponte à apresentação das Boas Novas. Mas é precisamente o contrário de se chegar a alguém, puxando-o pelo braço, para questioná-lo se está mesmo salvo.

Após firmar um relacionamento pessoal, você deve estar preparado para passar naturalmente à apresentação do Evangelho. Em suma, isso envolve:

- Comunicar a diferença entre prática religiosa (o esforço humano para se chegar a Deus por méritos pessoais, numa tentativa inútil de se tomar aceitável a ele) e a vivência dum relacionamento amoroso com Deus, por meio de Jesus Cristo, seu Filho (reconhecendo que ele é quem nos estende a mão e nos providencia um caminho para conhecê-lo em espírito e em verdade, exclusivamente por sua graça).
- Esclarecer o problema do pecado. Se as pessoas não se perceberem como são — pecadoras —, também nunca perceberão que necessitam dum Salvador.

- Salientar que Deus é não somente um Pai infinitamente amoroso, mas também um Juiz rigoroso ao extremo, cujos olhos são puros demais para contemplar a iniquidade.
- Comunicar que Cristo morreu para ser o Salvador de todos aqueles que crêem no seu nome. Mas não apenas isso; ele ressuscitou para ser o Senhor tanto dos vivos quanto dos mortos, e principalmente da nossa vida.
- Explicar o significado do arrependimento e por que ele é necessário, se queremos receber Jesus Cristo como Salvador e Senhor.

Uma vez que você tenha apresentado o Evangelho, é bom que saiba como ser usado pelo Espírito Santo para ajudar as pessoas a darem uma resposta positiva às Boas Novas, apoiando-as até que estejam seguras de sua salvação.

Finalmente, visto que não fomos chamados para fazer convertidos e sim discípulos, precisamos saber como conduzir os novos convertidos em seus primeiros passos, discipulando-os e favorecendo seu crescimento espiritual.

Considere o que aconteceria se cada cristão evangélico levasse apenas uma pessoa à fé em Cristo por ano. Se começássemos apenas com doze crentes dedicados, e cada um deles levasse uma pessoa a Cristo e a discipulasse, no ano seguinte haveria 24 crentes. Se cada um deles, por sua vez, levasse outra pessoa a Cristo e também a discipulasse, no terceiro ano haveria 48 crentes. Parece pouco, não? Mas se esse processo prosseguisse,⁴ em menos de trinta anos evangelizaríamos os cinco bilhões ou mais de pessoas que povoam hoje o planeta Terra! E se nesse período a população do mundo duplicasse, mais um ano seria o suficiente.

Se recriássemos esse cenário começando, em vez de doze discípulos, com aproximadamente 174 milhões de crentes,⁵ então bastariam seis anos para não sobrar ninguém sem ouvir o Evangelho!

Muitas pessoas correm atualmente de igreja para igreja, em busca de experiências maiores e definitivas. Mas nenhuma experiência pode se comparar ao Espírito Santo agindo em você para levar alguém à salvação que há no Senhor Jesus Cristo.

Doutrina Cristã Essencial

O Evangelho fica sem sentido se não repousa sobre o firme alicerce da doutrina cristã essencial. Os mórmons, por exemplo, proclamam um “evangelho” e chegam até a reconhecer Jesus como seu “Senhor”. Mas o Jesus deles é muito diferente do Jesus das Escrituras. Longe de ser aquele que falou e fez o Universo vir à existência, ele é visto como o espírito irmão de Lúcifer. O movimento da Nova Era também tem um evangelho. É chamado de “evangelho aquariano”. Nesse evangelho, Jesus é reduzido à posição dum avatar ou mensageiro divino. O Movimento da Fé também conta com um evangelho próprio — mas seu Jesus foi derrotado por Lúcifer na cruz, sendo relegado à posição dum mero fantoche cósmico.

Esses movimentos, todos os três, têm uma coisa em comum: redefiniram completamente a doutrina cristã essencial. De fato, é precisamente porque os pontos essenciais foram redefinidos que milhões de pessoas hoje em dia têm uma visão distorcida do que significa ser cristão.

O Movimento da Fé pode usar a terminologia cristã, quando fala de elementos essenciais, *mas o significado que atribui às palavras é decisivamente antibíblico*. Conforme já vimos, os mestres da Fé têm redefinido a fé como uma força, e Deus como um ser dotado de fé. Corromperam inclusive a morte vicária de Cristo sobre a cruz. Transformaram a mensagem cristã do Evangelho da graça num evangelho da ganância.

Apesar da importância de se preservar as doutrinas cristãs essenciais ter sido trivializada pelo ensino da Fé, elas continuam tendo um papel fundamental na definição correta da fé verdadeiramente bíblica. Desprezando-se os pontos básicos ou essenciais não há base para qualquer unidade dentro do corpo de Cristo.

Graças a Deus, há muitas fontes disponíveis e fáceis de compreender para quem pretende conhecer o essencial da doutrina cristã, ou o que se chama de “Cristianismo Básico”. Dois desses recursos favoritos de minha parte são: *Know What You Believe* (“Saiba no que Você Tem Crido”), de Paul Little, e *Does It Matter What I Believe?* (“Importa o que Eu Creio?”), de Millard Erickson. Tipicamente, eles apresentam os elementos essenciais nas seguintes categorias básicas: a autoridade das Escrituras; a natureza de Deus; a Trindade; a criação; a humanidade; o pecado; Jesus Cristo; o Espírito

Santo; a salvação; os anjos, Satanás e os demônios; a Igreja; as coisas vindouras.

A doutrina cristã essencial provê a chave para uma vida cristã bem-sucedida. Provê o arcabouço pelo qual podemos nos relacionar devidamente com Deus, em *oração*, e compreender exatamente a *Bíblia*, além de favorecer um envolvimento ativo como membros vitais numa *igreja local*. Também é a maneira pela qual podemos defender habilmente a nossa fé. Essa é a razão pela qual o apóstolo Paulo instruiu Timóteo: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem” (1 Tm 4.16).

Epílogo

A Parte VII começou com a trágica história da “tragédia no ar sobre Fort Lauderdale”. Estou convencido, entretanto, que a tragédia real não foi que três homens morreram no primor da vida; a tragédia real consiste em viver uma vida longa e próspera sem jamais usá-la para servir ao Mestre.

Esse é, essencialmente, o problema com a teologia da Fé. Ao transigir, confundir e contradizer a cruz do cristianismo, os mestres da Fé têm predisposto os corações dos homens ao que é temporário, e não à eternidade. Benny Hinn sumariou os sentimentos do movimento da Fé durante um esforço de recolhimento de dinheiro, ao dizer: “Anos atrás costumavam pregar: ‘O, nós andaremos por ruas de ouro’. Já eu digo: ‘Não preciso de ouro lá em cima. Quero o ouro aqui embaixo’”.¹ Jerry Savelle fez coro com Hinn, exclamando: “Deus querido, não posso esperar até chegar ao céu para ficar livre das enfermidades e das doenças, da tristeza e do lamento. Eu não tenho de ter, isso é o que descobri, qualquer dessas coisas ruins mesmo aqui embaixo”.²

Quão diferente é o ensino de Jesus! Ele jamais prometeu aos meus amigos, e a você que porventura tenha perdido seus entes queridos, um paraíso aqui na Terra: “No mundo tereis aflições...” Antes, prometeu a si mesmo: “Eis que eu estou convosco...” Nossa relação com Jesus é nosso maior tesouro, pois ela não se restringe a um dia, mas se introduz na eternidade: “Todos os dias, até a consumação dos séculos”. Por isso, nosso ânimo resiste, ainda em meio às adversidades: “Mas tende bom ânimo; eu venci o mundo”. Infelizmente, muitos já perderam a perspectiva do eterno.

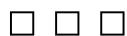
Jesus Cristo não é de modo algum um meio de atingirmos nossos próprios fins. Ele é o Fim! Muito tempo antes daquela tragédia ocorrer nos céus de Fort Lauderdale, aqueles homens e seus entes queridos haviam desenvolvido uma perspectiva eterna. Eles sabiam que a existência aqui é como um vapor, que se desvanece dum momento para outro. Tinham, verdadeiramente, internalizado as palavras ditas por Glenn no interior apertado daquele carrinho: “Você só tem uma vida. E logo ela passará. Apenas o que fizer por Cristo permanecerá”.

Aquela foi uma mensagem que me trouxe uma esperança real. Quando a tragédia se abate sobre aqueles que foram seduzidos pela teologia sectária do Movimento da Fé, o que lhes sobra é apenas um tremendo senso de culpa. A verdadeira fé, por outra parte, nos brinda com a graça duma esperança imarcescível, nos céus.

Na sua epístola aos Efésios, o apóstolo Paulo exortou os crentes a se fazerem maduros na fé, atingindo a medida da plenitude de Cristo. Isso, disse ele: “Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulentamente. Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.14,15).

Já está na hora de nós, enquanto Igreja, crescermos e amadurecermos. O cristianismo enfrenta uma crise porque os crentes têm fixado seus olhos em fantasias terrenas passageiras e não nos tesouros celestiais eternos. Precisamos nos conscientizar de que aqui não é nosso lugar definitivo de habitação; somos mesmo peregrinos, a caminho de um Reino que não é deste mundo. A solução para um cristianismo em crise é abandonarmos as fábulas do Movimento da Fé e voltarmos aos princípios básicos da fé, tais como nos foram entregues pelo Senhor e seus apóstolos.

Eis a parte duma carta, escrita da prisão por alguém que um dia foi uma celebridade nos círculos da prosperidade; alguém que, em seus dias dourados, recolhia nada menos que 170 milhões de dólares num único ano. Já ouvimos falar em Jim Bakker, no capítulo 19, e apesar de não ser nossa pretensão conhecer-lhe o coração, suas cartas soam autênticas. Já li essa segunda carta diversas vezes e sempre fico comovido. Isto é o que Jim escreveu:



E fácil louvar a Deus em Heritage, Estados Unidos, com orquestra, cantores e milhares de cristãos em uníssono. Mas tais circunstâncias não provam nosso amor a Deus. Quando tudo dá errado e ainda assim o louvamos, esse é o teste real... A verdadeira adoração nada tem a ver com onde nos achamos e com o que está acontecendo. Depende de quem Deus é e de nossa atitude para com ele.

Jó 1.2 fala-nos dos sete filhos e três filhas de Jó. Jó 1.3 descreve sucintamente suas possessões. Então as coisas começaram a dar para trás e ele mergulhou numa bancarrota total, vendo-se inclusive sem os filhos; perdeu-os todos, os dez, num único dia. O capítulo primeiro de Jó termina dizendo-nos que Jó se prostrou no chão e *adorou...*

Sim, aos olhos do mundo perdi tudo. Perdi a Heritage, nos Estados Unidos, a rede de televisão, o programa diário, minha reputação, a casa da família, nosso carro, nossa poupança... Tudo foi por água abaixo! Minha esposa, com 31 anos de idade, divorciou-se de mim e eu estou agora numa prisão. Alguns me diriam como disse a Jó sua esposa: “Amaldiçoa a Deus e morre!” Mas, à semelhança de Jó, eu clamaria: “Ainda que ele me mate, nele esperarei”. Oro para que a minha vida seja uma adoração a Deus, livre de toda autocomiseração.

Dietrich Bonhoeffer, um teólogo cristão que morreu como mártir num campo de concentração nazista, em sua última carta a seu amigo mais querido, disse: “No que consiste a felicidade ou a infelicidade? Depende tão pouco das circunstâncias; de fato depende somente do que acontece dentro duma pessoa...Quando Cristo chama um homem, ordena-lhe: vem e morre”.

Eu também já aprendi que a felicidade não está nas coisas ou nas circunstâncias, mas em conhecer a Deus... A chamada para aceitar a Cristo deveria ser: “Quem deseja vir a Cristo e quer se dispor inclusive a morrer por ele?” E não: “Quem quiser todas as coisas boas da vida, venha a Cristo”.

Deleitamo-nos em ler a galeria dos heróis da fé, em Hebreus 11, o grande capítulo da fé. Mas muitos param a leitura desse capítulo no versículo 35. Deixem-me dar-lhes a porção final desse grande capítulo da fé na Bíblia Viva: “Mas outros confiaram em Deus e foram espancados até à morte, preferindo morrer em lugar de abandonarem a Deus para ficar livres -

confiando que, depois disso, eles se levantariam novamente para uma vida melhor. Alguns foram escarnecidos e suas costas foram dilaceradas com chicotes, e outros foram acorrentados em masmorras. Alguns morreram apedrejados e outros serrados ao meio; a outros foi prometida a liberdade se renegassem a fé, e depois foram mortos à espada. Alguns andaram dum lado para outro em peles de ovelhas e de bodes, vagando pelos desertos e montanhas, escondendo-se em covas e cavernas. Passaram fome, ficaram doentes e foram maltratados

- bons demais para este mundo. E estes homens de fé, embora tivessem confiado em Deus e recebido a sua aprovação, nenhum deles recebeu tudo quanto Deus lhes havia prometido; porque Deus queria que eles esperassem e participassem das recompensas ainda melhores que estavam preparadas para nós”.

Após ler esses versículos, estou mais do que nunca convencido de que o que Deus quer é uma fé tipo a de Jó, que prossegue quando as bênçãos materiais desaparecem. E embora a imagem das telas de Hollywood queiram de alguma maneira nos fazer acreditar que algumas pessoas levam uma vida encantada, sem dores ou solidão, como acontece ao resto de nós, isso simplesmente não é verdade. Ninguém tem sua vida em total controle e isenção de dor. Cada pessoa que encontramos está lutando suas próprias batalhas. Precisamos uns dos outros.

Quase posso ouvir você perguntando: “O que você faria, se tivesse de fazer tudo novamente?” O, há tanta coisa. Apenas um volume seria insuficiente. Mas uma coisa, das mais importantes, é: Eu não enfatizaria a estrutura física, mas trabalharia de todo o meu coração para realçar o eterno diante das pessoas - ajudando-as a se apaixonarem pelo Senhor e Salvador Jesus Cristo... Se, por algum milagre, fosse transportado de volta a sete anos atrás, eu insistiria com as pessoas para fixarem e conservarem seus olhos longe do que é físico, fixando-os em Jesus Cristo e nas coisas eternas. Deus ainda poderia usar o edifício em Heritage, ou uma catedral, ou uma choupana de vacas, ou reuniões ao ar livre. Não se apaixonem pelo embrulho do presente, apaixonem-se por Jesus Cristo, o dom da vida eterna.

É tempo de se usar pano de silício e cinzas - é tempo de se fazer aquilo que Deus disse: “E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar e buscar a minha face, e se converter dos seus maus

caminhos, então, eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra” (2 Cr 7.14).

Permitam-me deixar com vocês as palavras de Jesus, encontradas no capítulo oito do evangelho de Marcos: “Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma? Ou que daria o homem pelo resgate da sua alma?” (Mc 8.36,37). Fixe seus olhos na recompensa!

- No céu, em Cristo, nas coisas do alto! “Porque as coisas que... não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam”. *O melhor ainda está por vir!*



Eu sinceramente espero que essas palavras de Jim Bakker sejam genuínas, pois revelam um homem que trocou sua posição de mestre pelo amor ao Mestre dos mestres.

E meu desejo mais profundo é que este livro capacite milhares de leitores a seguir as pegadas de Bakker, voltando seus corações para o Deus da Bíblia - onipotente, infinitamente santo e eternamente sábio, o Rei do Universo. Somente esta atitude poderá impedir a atual crise no Cristianismo.

Kenyon eos Principais Proponentes dum Evangelho Diferente

**Apêndices
Notas Bibliográficas
índice de Assuntos**

Kenyon e os Principais Proponentes dum Evangelho Diferente

Enquanto as fileiras de mestres da Fé engrossam a cada dia, chegando a legiões, este movimento como nenhum outro tem suas próprias estrelas e luzes. Esta seção especial põe em foco alguns dos mais conhecidos e influentes mestres da Fé de nossos dias, além dum breve esboço sobre o fundador espiritual do movimento. Outros poderiam ser mencionados, mas o conhecimento das doutrinas destes homens e mulheres que relacionamos já dará a você uma boa visão da natureza do “movimento da Fé”.

Essek William Kenyon

Pergunte a qualquer pessoa que professa a teologia da Fé quem é o pai do movimento da Fé e ela seguramente apontará o “papai” Hagin. Pergunte-lhe onde o movimento se originou e é quase certo que você ouvirá, em resposta, que suas raízes podem ser encontradas no movimento Carismático/Pentecostal. A verdade, no entanto, é que Essek William Kenyon é o verdadeiro pai do moderno movimento da Fé e o “papai” Hagin simplesmente foi quem popularizou sua produção teológica.

Nascido em 24 de abril de 1867, E. W. Kenyon começou seu ministério público na Igreja Metodista. No início do século XX Kenyon fundou o Instituto Bíblico Betei, mas posteriormente, em 1923, demitiu-se de sua posição como superintendente, sob uma nuvem de controvérsias. Um verdadeiro pioneiro da radiotransmissão, Kenyon começou um programa em 1931 chamado “A Igreja do Ar de Kenyon”. As reproduções em fita de seus programas vieram a se tomar a base para muitos de seus escritos, que provaram ser seu registro mais duradouro. Muitas de suas frases popularizadas por atuais pregadores da prosperidade, como “O que confesso, eu possuo”, foram criadas pelo próprio Kenyon .

Há pouca dúvida de que a metafísica do Novo Pensamento tenha produzido um impacto acentuado sobre Kenyon. A evidência de seus

trabalhos, de testemunhas oculares, e de fontes externas provêm ampla prova de suas ligações com esse tipo de culto. Desde que não poucos estudiosos já estabeleceram as origens sectárias do movimento da Fé a partir de Kenyon, não voltaremos a bater nesta tecla.² No entanto, acho que vale a pena mencionar que Kenyon freqüentou o Colégio Emerson de Oratória, que foi o lugar onde praticamente se desenvolveu a metafísica do Novo Pensamento.³

A influência de Kenyon nos círculos pentecostais não se limitou a Kenneth Hagin. Ele foi aparentemente lido por muitas pessoas e citado por avivalistas no período após a Segunda Guerra Mundial, incluindo William Branham e T. L. Osborn.⁴ Dizem que Kenyon visitara as reuniões de líderes pentecostais como F. F. Bosworth e Aimee Semple McPherson⁵

Apesar de Kenyon ter sido menos incisivo que alguns dos mais ultrajantes mestres da Fé de hoje, enquanto viveu ele não cessou de produzir abominações e blasfêmias. Ele disse, por exemplo, que se a morte física de Jesus fosse suficiente para cobrir a dívida dos nossos pecados, então todo cristão poderia pagar a pena por seus pecados entregando-se igualmente à morte. De fato, ele chegou a dizer que a morte física de nosso Senhor não tocou absolutamente a questão do pecado:

Se a morte física de Jesus podia pagar a pena do pecado, como alguns asseveram, por que então é necessário que um cristão morra? Se um Cristão morre fisicamente, ele não paga a pena por seu próprio pecado? Se a morte física é a pena pelo pecado, então por que toda a raça humana não paga sua própria pena e salvam a si próprios por meio da morte? Nós continuamos achando que a morte física de Jesus não tocou a questão do pecado em absoluto.⁶

Por mais blasfema que seja essa citação. Kenyon estava constantemente se superando. Por exemplo, num livro intitulado *The Father and His Family (O Pai e Sua Família)*, Kenyon declarou que “todo o homem que tenha ‘nascido de novo’ é uma encarnação e o cristianismo é um milagre. O crente é tanto uma encarnação como o foi Jesus de Nazaré”.⁷

Esta é uma citação que pode soar muito familiar para você, hoje em dia, pelo fato de Hagin e muitos outros apartir de Kenyon a terem usado repetidamente. Não resta dúvida de que Kenyon seja o verdadeiro pai do movimento da Fé.

Kenneth Hagin

De forma mais ampla Kenneth Hagin apenas popularizou e proliferou as publicações de Kenyon. Em resposta a essas evidentes associações dele com Kenyon, Hagin tem afirmado “que o Espírito Santo lhe deu as mesmas palavras que foram dadas a Kenyon sem que ele soubesse qual era sua fonte”.⁸ Apesar da sólida evidência em contrário, Hagin insiste:

A influência de Kenyon no meu ministério tem sido minúscula. Apenas seu ensino sobre o nome de Jesus é que têm alguma coisa a ver com minha teologia. Nego absolutamente qualquer influência metafísica de Kenyon. Eli não ensino Ciência Cristã e sim concepção cristã.⁹

Uma das narrativas “visionárias” mais notórias de Hagin envolve um demônio em forma de macaco.¹⁰ A história inicia com Jesus e Hagin tendo uma conversa sobre expulsão de demônios, quando de repente um “macaco demônio”¹¹ pula entre eles e começa a abafar as palavras de Jesus gritando “Yackety, yack, yack, yack” numa voz estridente.

Finalmente, depois de passado algum tempo, Hagin toma o controle da situação falando ao demônio para “calar-se no nome de Jesus”. Jesus, visivelmente aliviado, fala a Hagin: “Se você não tivesse feito algo a respeito, eu é que não poderia fazer.”¹² Chocado pela afirmação de Jesus, Hagin imediatamente sugere a Jesus que talvez ele tenha dito a coisa da forma errada e que, ao invés de dizer que “não poderia fazer”, ele talvez estivesse tentando dizer que “não faria”.¹³ Jesus calmamente assegurou a Hagin que não tinha se enganado quanto a dizer o que Hagin ouvira. Hagin, porém, não se convenceu. Ele volta a interpelar o Senhor dizendo-lhe que não pode aceitar aquilo e pressiona Cristo a confirmar sua pretensa declaração com dois ou três textos bíblicos que pudessem servir de prova. Depois de falar a Hagin que “algumas vezes sua teologia precisa ser contestada”,¹⁴ Jesus sorri docemente e lhe mostra quatro, em vez de três provas.

O que é particularmente irônico acerca desta assim chamada visão é que, de acordo com Hagin, Jesus o estava instruindo pessoalmente sobre alguns dos pontos mais delicados da batalha espiritual, os quais, apesar de pregá-los, o próprio Jesus não os podia praticar. De fato, sem Hagin. Cristo era impotente na presença do suposto demônio em forma de macaco.

Apesar dos antecedentes de Hagin - incluindo o fato dele mesmo admitir ter sido "excluído" pelos Batistas do Sul em 1937 — a envergadura de sua influência não se compara a nenhum fenômeno de pequenas proporções. Praticamente todos os grandes mestres da Fé da atualidade foram influenciados por Hagin de alguma maneira significativa. Os discípulos de Hagin incluem homens como Kenneth Copeland, Charles Capps e Frederick K. C. Price. A respeito disso, escreve Kenneth Hagin Jr.:

Outras pessoas começaram por causa do ministério de meu pai. Eles próprios o admitirão. Eles pregam seus sermões como se estivessem repetindo verbalmente suas [de Hagin] fitas cassetes. Kenneth Copeland tem feito isso.¹⁶

Kenneth Copeland deu ao “papai” Hagin um avião ministerial valendo de 160 a 170 mil dólares, e Hagin mais tarde o deu para Jerry Savelle.¹⁷ Hagin também ajudou seu genro, Dovie “Buddy” Harrison, a organizar uma Convenção Internacional de Igrejas e Ministros da Fé, que tem ordenado homens como Charles Capps e Benny Hinn.¹⁸

O programa radiofônico de Hagin é atualmente transmitido por cerca de 249 estações.¹⁹ e o seu “Rhema Bible Training Center” (Centro Rhema de Treinamento Bíblico), situado perto de Tulsa, Oklahoma, continua a formar bacharéis a uma taxa crescente. Em 1992 sozinha, a revista “World of Faith” (Mundo de Fé) de Hagin retratava 777 entusiasmados bacharéis do Rhema, totalizando mais de 12 mil bacharéis desde sua inauguração em 1974. Dois deles, Paul e Nikki, foram especialmente mencionados por terem sido os primeiros russos a se graduarem no Rhema, ao que tudo consta com o fim de espalhar as heresias de Hagin na sua terra natal.²⁰ Além disso, para expandir sua oferta de treinamento, o Rhema ofereceu cursos por correspondência que atenderam a 16 mil estudantes só nestes 12 primeiros anos de existência.²¹

A revista de Hagin alcança agora quase 400 mil lares,²² o ministério vendeu mais de 47 milhões de cópias de vários livros e publicações, muitos deles traduzidos em 26 línguas estrangeiras.²³ Mais de 100 livros, panfletos e fitas cassetes estão listados no catálogo mais recente de Hagin.²⁴ O ministério de Hagin, na época em que escrevemos este livro, era composto por um total de 290 empregados tanto em regime integral como parcial, e seus acampamentos costumam ter uma frequência de 20 mil ou mais participantes.²⁵

A popularidade de Hagin pode ser atribuída pelo menos em parte à sua alegação de ser uma autoridade em questões espirituais. Por outro lado, a “autoridade” de Hagin parece derivar grandemente de seus ditos contatos pessoais com Jesus através de visões. Numa dessas muitas visitas, registrada em *I Believe in Visions (Eu Creio em Visões)*, Jesus leva Hagin num redemoinho para uma viagem ao céu e ao inferno. Nesse livro Hagin dedica páginas e mais páginas a detalhes sobre suas viagens apocalípticas a lugares os mais tenebrosos.²⁶

Não apenas Hagin se exalta das suas alegadas visitas ao céu e ao inferno, mas narra em seus escritos numerosas experiências fora do corpo com vívidos detalhes.²⁷ Durante sua conversão, em 1933, Hagin contou ter quase passado pela morte numa de suas experiências fora do corpo: “Entrei de volta no meu corpo como um homem entra dentro de suas calças pela manhã, e exatamente do mesmo modo pelo qual saíra - por minha boca”.²⁸

Hagin, numa ocasião memorável, estava no meio dum sermão quando foi subitamente transportado de volta no tempo, parando numa pequena cidade a cerca de 24 quilômetros da igreja onde estava pregando. Encostando-se num prédio, ele viu uma mulher descendo a rua. De repente um carro parou no acostamento e buzinou, e ela entrou no carro. Logo em seguida, repentinamente, Hagin se viu no banco traseiro do carro. Distanciando-se um pouco da cidade, o motorista cometeu adultério com a mulher debaixo dos olhos de Hagin. A experiência inteira durou cerca de 15 minutos, depois da qual Hagin abruptamente se viu de volta à igreja convocando seus congregados a orar.²⁹ Isso, por sua vez, não foi uma experiência isolada.

Poucos parágrafos adiante, no mesmo folheto, Hagin se lembra de estar caminhando de casa para a igreja que ele pastoreava na época. Quando passava por um atalho, na verdade um beco cheio de árvores, de repente ele notou um carro estacionado por trás das sombras. Num instante o interior do carro foi iluminado por uma luz sobrenatural de forma que ele pôde ver tudo. E no carro ele viu outra mulher, pela qual alguém tentara fazê-lo interessar-se, sentada no colo dum homem. Felizmente, Hagin poupou seus leitores da descrição detalhada daquilo que ele presenciou. Como Hagin mencionou, “ele tinha seu braço em volta dela e isso não é tudo o que estavam fazendo, mas seria demais sequer descrevê-lo”.³⁰

Hagin afirma que Jesus apareceu a ele em 1950 e deu-lhe uma unção especial para ministrar aos doentes. Segundo Hagin, Jesus —

continuou a me instruir que quando eu orasse e impusesse minhas mãos sobre os enfermos, eu tinha que tocar com uma mão de cada lado do corpo deles. Se eu sentisse o fogo saindo duma mão para a outra, o espírito maligno ou o demônio estava no corpo causando a aflição...Se o fogo, ou unção, nos meus dedos não saísse duma mão para outra, seria apenas um caso de cura. Eu poderia orar pela pessoa no nome de Jesus, e se ela acreditasse e o aceitasse, a unção deixaria minhas mãos e entraria no corpo da pessoa, removendo a doença e trazendo a cura. Quando o fogo, ou a unção, saísse das minhas mãos e fosse para o corpo da pessoa, eu saberia ter sido ela curada.³¹

Durante este incrível encontro, Cristo fala a Hagin para “estender quatro vezes sua mão”. Jesus então estendeu suas próprias mãos de maneira que Hagin pudesse ver através delas. “Por alguma razão”, comenta Hagin, “eu esperava ver uma cicatriz onde o cravo traspassara-lhe a mão, imaginando que ali houvesse novamente crescido carne. Eu teria entendido melhor, mas muitas vezes nós temos idéias que não são realmente bíblicas, ainda que sejam crenças comumente aceitas. Eu vi na palma de suas mãos as feridas da crucificação - três cavidades profundas. Cada cavidade era grande o suficiente para que eu pudesse colocar nela meu dedo. E pude ver luz do outro lado delas”.³²

O que vale notar nessa história é que depois de ter criticado “idéias que não eram realmente bíblicas”, ele próprio dá-se a uma narrativa que peca por não ter uma base bíblica real. Veja você. Jesus nunca poderia ter mostrado a Hagin as alegadas cavidades nas palmas de suas mãos. Como qualquer estudante das Escrituras e da História sabe, os cravos foram fincados nos pulsos de Jesus e não nas palmas de suas mãos. A palavra grega usada no texto (cheir) refere-se de fato ao braço inteiro, incluindo a mão.³³

Reforçando as Escrituras, tanto a arqueologia como a medicina provêem forte evidência de que os indivíduos crucificados não poderiam ter sido pregados nas palmas das mãos. O peso de seus corpos faria com que os cravos lhes rasgassem os dedos.³⁴ A narrativa fantasiosa de Hagin demonstra de modo conclusivo que o tal Jesus que supostamente o teria ungido “para ministrar aos doentes” não poderia ser o Jesus da Bíblia (cf. 2 Co 11.4).

Apesar de algumas distorções grotescas em suas narrativas, Hagin ainda tem a tola convicção de pronunciar juízo divino para os que ousam questionar seu assim chamado ministério profético. E olha que ele mesmo havia escarnecido dos demais profetas, quando disse: “Afastei-me do ministério profético porque não queria ser posto no mesmo saco com todos aqueles idiotas e ignorantes”.³⁵

Hagin, em tom ameaçador, chegou a alegar que o próprio Deus lhe falara que se os indivíduos, igrejas e pastores não aceitassem sua mensagem, poderiam pagar um preço muito caro no final. Falando de seus pronunciamentos proféticos, afiança: “Haverá ministros que não os aceitarão e cairão mortos no púlpito”.³⁶ Continuando, ele relata um incidente no qual predisse a morte súbita dum pastor que duvidou de sua mensagem. De acordo com Hagin, “o pastor caiu morto no púlpito... por que não aceitou a mensagem que Deus me mandou entregar-lhe sobre a vinda do Espírito Santo”.³⁷

A própria esposa de Hagin, Oretha, experimentou em primeira mão o devastador impacto do juízo divino. Numa das reuniões de Hagin, uma mulher começou a levitar no altar e “pairou no ar dançando”.³⁸ Muitas pessoas, inclusive a esposa de Hagin, questionaram se aquilo fora de Deus. Como consequência direta da sua dúvida, ela foi quase que “fulminada” pelo Espírito de Deus. Cambaleando para trás, como que nocauteada por uma bola de beisebol, caiu dura no estrado e ficou ali “estirada no chão”.³⁹ E assim permaneceu até reconhecer que aquilo que acontecera na reunião foi de Deus, tendo Deus permitido a Hagin libertá-la. Com um toque do dedo de Hagin, Oretha foi restaurada.

E extremamente trágico que muitos mestres da Fé hoje em dia estão levando os pronunciamentos sinistros de Hagin a novos extremos. Benny Hinn, por exemplo, declarou audaciosamente, em cadeia nacional de televisão, que desejava poder explodir a cabeça de seus inimigos fedorentos com uma “arma do Espírito Santo”.⁴⁰ Depois de se desculpar por sua declaração, Hinn voltou um ano mais tarde com uma vingança.⁴¹ Durante um encontro (do qual eu pessoalmente participei) que reuniu cerca de 17 mil pessoas, ele fez o seguinte pronunciamento formal:

O Espírito Santo está sobre mim... Está chegando o dia quando aqueles que nos atacam vão cair mortos. Você pergunta: ‘O que você disse?’

Eu falo isso sob a unção do Espírito. Posso contar-lhes uma coisa? Não toquem nos servos de Deus. É fatal... Ai daquele que toca nos servos de Deus. Vocês vão pagar. ‘E o dia chegará’, o Senhor me falou isso. Ele disse: ‘Virá o dia quando minha punição será imediata. Ai daqueles que tocarem nos meus escolhidos’. Eles irão nos temer. Ouçam vocês: Hoje eles escarnecem de nós: amanhã hão de nos temer.⁴²

O aviso de Hinn inspirou-se na alegação de John Avanzini de que o fundador do Instituto Cristão de Pesquisas (EUA), Walter Martin, fora fulminado por ousar falar contra os ungidos de Deus.⁴³ Numa nota similar. Paul Crouch declarou que caso ele não matasse seus inimigos. Deus bem poderia fazê-lo.⁴⁴ Mas Kenneth Copeland, para quem nós agora voltaremos nossa atenção, não somente alegou que os “críticos da Fé” iriam cedo para a sepultura, mas que haveriam de experimentar o infortúnio do câncer.⁴⁵ Para que você não pense que suas palavras são apenas “fogo de palha”, deixe-me revelar o que se encontra registrado e classificado acerca das declarações dos mestres da Fé de como estão convencidos que suas palavras podem trazer literalmente morte aos seus críticos.

Kenneth Copeland

Enquanto Kenneth Hagin Jr., sem dúvida, conduzirá o império de Fé de seu pai no futuro, Kenneth Copeland semelhantemente carregará a tocha pelo movimento como um todo. Copeland deslanchou em seu ministério como resultado direto de ter memorizado as mensagens de seu mentor, Hagin.⁴⁶

Apesar de ter uma vez trabalhado como coordenador no ministério de Oral Roberts. foi Kenneth Hagin quem verdadeiramente revolucionou a vida de Copeland.⁴⁷ O impacto de Hagin fez-se sentir primeiramente em 1967. quando o então gerente de Hagin (agora genro) Doyle “Buddy” Harrison condeu-se do jovem Copeland e lhe deu uma seleção de fitas de Hagin - Copeland no momento era muito pobre para adquiri-las.⁴⁸

Um ano depois da aquisição, o casal Kenneth e Gloria Copeland sentiu ter aprendido o suficiente das fitas de Hagin para estabelecer sua própria associação. Então, em 1968. na cidade de Fort Worth, Texas, um culto inédito teve início. Os pequenos estudos bíblicos domésticos que os

Copelands realizavam passaram rapidamente a avivamentos em massa que aconteciam em arenas internacionalmente famosas.⁴⁹ E isso é só o início.

Em 1973 Copeland começou a publicar um informativo chamado *A Voz de Vitória do Crente*; três anos mais tarde ele lançou seu programa de rádio também chamado “A Voz de Vitória do Crente”.⁵⁰ Copeland diz que Deus “falou” com ele em 23 de março de 1979, comissionando-o a expandir suas transmissões para a televisão.⁵¹ Desse ponto, ele chegou em 1981 ao mundo da alta tecnologia, valendo-se da comunicação por satélites. Em agosto do ano seguinte, seu ministério, nas palavras dele, “fez história ao iniciar a primeira transmissão religiosa global”, ligando “200 cidades nos Estados Unidos e mais de 20 países ao redor do mundo... via satélite”.⁵²

Com escritórios em localidades distantes como a Inglaterra, Filipinas, África do Sul, Austrália, Canadá e Hong Kong, a organização de Copeland hoje verdadeiramente pode ser mencionada como internacional em sua finalidade e significado. De fato, eu recentemente experimentei a influência dos Copelands, quando tive o privilégio de ser o principal orador no Dia Nacional de Oração do Reino de Tonga, localizado no Pacífico Sul. Durante minha estada ali eu soube que havia uma única livraria cristã na ilha. Pensando que podia ser interessante ver que itens estavam disponíveis, decidi fazer-lhe uma visita e descobri rapidamente que a livraria estava vendendo os materiais de Copeland. Uma vez que Tonga pode ser descrito como o “último lugar no tempo” (quando é meio-dia em Jerusalém, é meia-noite em Tonga), bem se pode dizer que as doutrinas destrutivas de Copeland chegaram agora aos confins da Terra.

Copeland não somente sustenta concepções comuns a grupos sectários, mas freqüentemente se dá a observações temerárias que fazem a estranha doutrina das seitas parecer inofensiva. Compare por um momento a impressionante semelhança entre suas afirmações de que “Adão, no jardim do Éden, era Deus manifestado na carne”⁵³ e os ensinamentos do profeta mórmon Brigham Young de que “Adão é nosso pai e nosso Deus”.⁵⁴

Ou compare os ensinamentos de Copeland de que Deus pesa mais ou menos 90 kg e que a envergadura de sua mão tem cerca de 23 cm⁵⁵ com a afirmação do fundador dos mórmons, Joseph Smith, de que se você visse Deus hoje “você o veria semelhante a um homem em sua forma - seria como você no que toca à personalidade, imagem e ainda aparência”.⁵⁶ Agora, se

isso não o choca, considere como Copeland alega - que Adão foi uma duplicata exata de Deus e não era sequer subordinado a ele⁵⁷ — paralelamente a afirmação de Joseph Smith de que “Deus mesmo foi uma vez o que nós somos agora, e é [simplesmente] um homem exaltado”.⁵⁸ Copeland não apenas ensina que Adão e Deus eram duplicatas exatas, mas perpetua também o mito de que a Terra é uma réplica idêntica ao planeta-mãe, onde Deus habita.⁵⁹

Tudo isso, no entanto, é apenas a “ponta do iceberg”. Como temos visto, Copeland também declara desrespeitosamente ser Deus o maior fracasso de todos os tempos,⁶⁰ ousadamente proclama que “Satanás venceu Jesus na cruz,”⁶¹ e descreve Cristo no inferno como “um espírito emaciado, exaurido, apequenado e verminoso”.⁶²

Copeland sente-se tão à vontade no mundo do ocultismo como o está no reino das seitas. Uma coisa que não podemos ignorar é que Copeland está claramente comprometido com a concepção mágica de que palavras intangíveis, imbuídas com a força da fé, podem assumir uma realidade tangível. Lembre-se da sua insistência de que um crente pode dar ordens e trazer à existência um iate de 25 metros de comprimento.⁶³

Que Copeland utiliza um método ocultista de visualização é incontestável. Como o próprio Copeland deixa claro, “qualquer imagem que esteja bem introjetada na sua mente torna-se tão vívida que, quando fecha os olhos, você a vê, ela acontece”.⁶⁴ Ele sabe que algumas seitas dão-se a práticas semelhantes, pelo que diz: “A visualização que eles fazem na meditação e práticas metafísicas... é a forma pervertida da coisa real”.⁶⁵ Referindo-se à visualização criativa e à confissão positiva. Copeland alega que “a Nova Era está tentando fazer isso; e podem até mesmo obter alguns resultados positivos, porque esta é uma lei espiritual, irmão”.⁶⁶

Além de ludibriar seus seguidores com a possibilidade de criar riqueza através do ocultismo, Copeland também os assedia com a perigosa doutrina de que podem criar sua própria saúde. Como já vimos (Cf. o cap. 6), ele sugere a muitos fiéis sofredores que “quando você se coloca na posição de tomar a Palavra de Deus e construir uma imagem dentro de si mesmo, você não tem pernas aleijadas, e nem olhos cegos. Quando você fecha os olhos, vê a si mesmo saltando daquela cadeira de rodas. Isso se reflete no Santo dos Santos e você sai dali. Você, realmente, sai”.⁶⁷

Como se não fosse ruim o bastante arruinar a vida duma multidão de pessoas fisicamente problemáticas, a esposa de Copeland. Gloria, ataca a reputação do homem que foi talvez um dos maiores apóstolos de todos os tempos. Com sua voz de taquara rachada ela defende que o apóstolo Paulo não recebeu sua cura porque consultou a Deus quando ele mesmo poderia tê-lo resolvido!⁶⁸

Volumes e mais volumes poderiam ser dedicados às perigosas doutrinas sustentadas por Kenneth e Gloria Copeland. Mas somente na eternidade é que teremos a perspectiva mais ampla, necessária para compreender completamente o sofrimento humano que tem acompanhado a trajetória desse casal da Fé. E não obstante a clara evidência de Copeland ser uma pessoa altamente sectária. Benny Hinn. que passaremos agora a considerar, advertiu a uma audiência internacional, em tom de ameaça, que “aqueles que atacam Kenneth Copeland estão atacando a própria presença de Deus”.⁶⁹

Benny Hinn

“A própria presença de Deus” é exatamente o que milhares de pessoas imaginam ter diante de si quando participam duma “Cruzada de Milagre” de Benny Hinn. Eles esperam ver Deus se mover duma maneira poderosa por meio de expressões miraculosas de cura divina.

Depois de participar pessoalmente duma cruzada de Hinn. no entanto, posso dizer com experiência própria que a probabilidade de se machucar durante ocasiões como esta é muito maior que a de ser ajudado ou curado. Observei com enorme angústia muitos homens, mulheres e crianças que não podiam sequer chegar perto do palco para serem curados por Hinn. O cenário pode ser melhor descrito como um espasmo coletivo, com pessoas violenta e literalmente pisoteadas no afã de chegar ao palco e ter a experiência de cair aos pés de Hinn.

O trágico, entre outras constatações, é que aqueles que participaram das reuniões em cadeiras de rodas acabaram ficando na mesma condição física. Alguns mergulharam em lágrimas. Outros me disseram que o que sentiram mesmo é que Deus nem se importa nem dispõe de tempo para considerar suas necessidades.

Talvez você queira saber como Hinn a princípio entrou no negócio das campanhas de milagres. Aconteceu em 1990, quando Hinn clama ao Senhor para direcioná-lo a fim de realizar cruzadas mensais ao redor do país.⁷⁰ De acordo com Hinn:

Nestas cruzadas eu imediatamente comecei a receber poder para expulsar demônios de enfermidade e aflição. Passei a receber igualmente uma direção específica quanto ao que o Espírito Santo pretendia fazer entre a multidão de 12 a 15 mil que participavam a cada noite. Ocorreram centenas de curas e conversões, incluindo pessoas levantando-se das cadeiras de rodas e deixando suas muletas. Muitos olhos cegos e ouvidos surdos foram restaurados e confirmados.⁷¹

Hinn não apenas alega ter levantado pessoas de suas cadeiras de rodas, dado luz aos olhos dos cegos e aberto os ouvidos dos surdos, mas que também curou, no mínimo, quatro pessoas de AIDS.⁷² Mas Susan Smith, que aparentemente ajuda a documentar tais curas para Hinn, quando viu-se pressionada para dar a devida confirmação dos milagres tornou-se estranhamente evasiva.⁷³

No que diz respeito aos casos de AIDS, ela responde que os testes finais ainda não ficaram prontos. Quando inquirida sobre uma mulher de Orlando que alegadamente fora curada duma cegueira provocada por diabete. Susan não pode divulgar o nome da mulher. Mais tarde ela declarou que a visão da mulher pode ainda ser uma incógnita e que a mesma ainda sofre de diabete, que foi a causa primária do problema de cegueira. “Gostaria que ela parasse com a insulina”, disse Susan. “E a insulina que a torna cega”.⁷⁴

Na parte II deste livro eu contei a história de Wesley Parker, um garoto diabético que morreu de modo cruel quando seus pais deram atenção às sugestões dum milagreiro da Fé. Como prescrito pelo homem, eles se convenceram da cura e então passaram a jogar fora a insulina de seu filho. A mulher de Orlando, pelo menos, não tomou a mesma atitude suicida.

Erros à parte, eu particularmente acredito no poder de Deus para curar. Mas se Deus de fato está curando através de Hinn, a evidência dá na vista por sua ausência. Onde estão, por exemplo, aqueles cujas vistas e pernas foram restauradas? Se Deus tem mesmo usado Hinn para curar centenas de

pessoas, como ele alega, então por que nem mesmo um quadriplégico levantou sua voz para declarar ao mundo que Hinn representa o real poder do Espírito Santo?

Benny Hinn proveu ao Instituto Cristão de Pesquisas, nos Estados Unidos, “três testemunhos de cura que tiveram registro e documentação médica”⁷⁵ entre centenas de outras curas por ele reivindicadas. Supostamente, esta é a melhor evidência que Hinn pôde fornecer, seus casos mais fortes. Mas de acordo com o consultor médico do CRI (ICP, no Brasil), Dr. Preston Simpson, todos eles estão precariamente documentados, sendo passíveis de confusão.⁷⁶

Caso 1: Câncer de Cólon. Um exame minucioso dos registros médicos fornecidos por Hinn revelou que o tumor maligno fora removido por via cirúrgica (junto com o apêndice e oito nódulos linfáticos) e não curado por via milagrosa.⁷⁷

Caso 2: Lúpus e implicações relacionadas. Este é um caso particularmente interessante e bem conhecido onde o Lúpus regride espontaneamente ao longo dos anos. Naturalmente isso torna a cura miraculosa difícil de ser comprovada. O que se pode verificar são os efeitos danosos do lúpus - neste caso, sobre a articulação da bacia, que definitivamente não foi curada.⁷⁸

Caso 3: Tumor na Espinha e vários cânceres. Este caso tem realmente problemas.⁷⁹ Para começar as chapas da espinha foram “destruídas antes dos ossos poderem ser avaliados”.⁸⁰ Depois, os registros revelam que o tumor na espinha começou a regredir três meses antes do “Rali da Invasão Miraculosa” de Hinn. E, finalmente, o tumor ainda estava presente - não fora curado - meses depois da suposta “cura”.⁸¹

Hinn declarou que existem “centenas” de curas autênticas e que ele as registraria num novo livro (então previsto para ser publicado em 1993).⁸² Mas está claro que se evidências como essas são o melhor que Hinn pôde reunir depois de anos de “ralis milagrosos” — com uma equipe trabalhando em cada um deles para documentar os casos de cura - então não existe evidências confiáveis de que ele esteja envolvido com curas verdadeiras e sinceras.

A ilusão de que a força milagrosa de Hinn venha de Deus é uma coisa, outra bem diferente é a presunção infundada de que, em grande parte, sua teologia lhe seja compartilhada pelo Espírito Santo. Enquanto alegava estar “sob a unção”, Hinn fez as afirmações mais estapafúrdias que se possam imaginar. Ele chegou a declarar, por exemplo, que o Espírito Santo lhe revelou que as mulheres foram originalmente criadas para dar à luz pelo lado de seus corpos.⁸³

Hinn também atribui ao Espírito Santo declarações sacrílegas como a de que este homem é um “pequeno deus” (Cf. cap. 9). Hinn Também admite visitar os túmulos de Kathryn Kuhlman e Aimee Semple McPherson para receber a “unção” que flui de seus ossos.⁸⁴ Ele mesmo disse, “O, eu estava embriagado, ainda estou”.⁸⁵ Neste momento, parece que ele estava tão “intoxicado” que nem conseguiu se lembrar da profecia que acabara de proferir, tendo de pedir ao público para lhe dizer o que é que falara sob o, efeito da “unção”.

Apesar disso tudo e mais alguma coisa, Hinn tem se articulado para obter plena aceitação mediante sua aparição na televisão e sua promoção por um editor importante. Os livros de Hinn apesar de extensos alardes, são escassos de substância. Quem examina Hinn duma perspectiva teológica séria freqüentemente o enquadra na mitologia.

Então quem é Benny Hinn? É o pastor do Centro Cristão de Orlando, na Flórida, onde mais de sete mil pessoas freqüentam toda semana suas reuniões.⁸⁶ Só pelo sistema de cabo, Hinn chega a ser assistido por uma audiência potencial em torno de 16 milhões de lares.⁸⁷ Ele conta sua história no tremendo best-seller *Bom Dia, Espírito Santo!* (publicado inclusive em português) que até esta data já ultrapassara a casa dum milhão de exemplares vendidos. Seu segundo *best-seller*, *The Anointing (A Unção)*, vendera cerca de 700 mil exemplares.⁸⁸

Hinn é um mestre em criar a ilusão de credibilidade. Refere-se, por exemplo, aos seus dias em Israel (onde nasceu e foi criado) para fazer as pessoas pensarem que ele é um *expert* nas escrituras hebraicas. Mas ninguém que tenha ouvido sua retórica nas transmissões da TBN pode honestamente aceitar sua narrativa (Cf. cap. 9, “Deificação do Homem”, quanto à exegese de Hinn para a palavra hebraica traduzida por “domínio” e como supostamente ele prova que Adão poderia voar até à lua).

E ele não faz outra coisa também quando se refere ao Espírito Santo. Nos seus livros e fitas o que fez foi criar a ilusão de que tem poderes místicos especiais. Em *Bom Dia, Espírito Santo*, por exemplo, descreve a cena em que enquanto sua mãe limpava o corredor, ele mantinha no seu quarto uma de suas costumeiras conversas com o Espírito Santo. (Outrossim, se formos acreditar nele, estas conversas devem ter sido tão significativas que o Espírito de Deus ter-lhe-ia implorado por “mais cinco minutos; apenas mais cinco minutos”. O Espírito Santo anseia por sua companhia!)⁸⁹

Quando Hinn chegou ao corredor, a presença do Senhor que emanava dele era tão forte que sua mãe foi lançada contra a parede. Sem querer perder o fio da meada, Hinn acrescenta que seus “irmãos podem até contar as vezes em que chegavam perto de mim e não sabiam o que estava acontecendo — mas eles sentiam alguma coisa fora do comum”.⁹⁰

Muitos exemplos poderiam ser citados para registrar os métodos de Hinn para criar a ilusão duma unção especial vinda de Deus. Aqui está um exemplo:

A data foi 7 de dezembro de 1974 e o lugar Oshawa. Ontario. A ocasião foi a primeira vez que Hinn se pôs de pé frente ao púlpito.⁹¹ Depois de ter pregado uma mensagem tão inspirada que até hoje ainda o assusta, Hinn levantou suas mãos e invocou o Espírito Santo. “No mesmo instante o poder de Deus encheu o lugar”, escreve. “Pessoas começaram a chorar e muitos caíram no chão”. O poder foi reconhecidamente tão inacreditável que ele próprio acabou chorando: “Ó, querido Deus, que faço agora?”

Naquele momento Hinn tentou passar a direção do trabalho para “o irmão que estava coordenando a reunião, esperando que ele chegasse e encerrasse o trabalho. Mas à medida que eu me voltava e tentava me aproximar dele, ele recuava mais e mais. Eu estava tentando alcançá-lo para que fizesse o fechamento, até que subitamente ele foi arremessado longe”.⁹² O poder que emanava de Hinn era alegadamente tão grande que toda vez que o irmão se esforçava para chegar perto dele era impulsionado de volta contra a parede.

Hinn então conta ao leitor que isso foi apenas o início dum ministério caracterizado pela unção do Espírito Santo e a pregação poderosa: “Tão miraculosamente como começou, meu ministério se alastrou instantaneamente”.⁹³

A Unção é um livro que pode ser melhor caracterizado por prometer muito e cumprir pouco.⁹⁴ Sua mensagem para os pentecostais em particular é que se tudo o que eles experimentaram até o presente foi “o batismo com o Espírito Santo” e o falar em línguas, então não experimentaram muito. Como ele próprio o coloca, “se isso é tudo quanto existe, eu não tenho certeza de mais nada”.⁹⁵ A solução, obviamente, é “a unção”.

Então o que é a unção? É poder! Hinn conta história após história de como o poder (pretensamente de Deus) é derramado sobre ele, reforçando a idéia de que sem esse poder não se consegue nada. “Eu não estou exagerando”, diz. “A Unção é uma obrigatoriedade se você foi chamado para servir o Senhor. Sem ela não haverá crescimento, bênção, nenhuma vitória em seu ministério”.⁹⁶ Note que Hinn não condiciona sua afirmação. Ele não diz, por exemplo, que “sem ela nosso crescimento será limitado”. Não, ele diz: “Sem ela não haverá crescimento”.

Mas basta comprar o livro de Benny Hinn que ele explicará a você como crescer para experimentar a realidade acerca disso. De fato, Hinn afirma que teve tantas experiências nesse nível que chegou a um estado tal de perfeição que perdeu não apenas alguns, mas todos os desejos mundanos. “No meu caso”, declara, “eu sei que perdi completamente desejo por tudo que tenha a ver com o mundo. Meus desejos mundanos se foram... Eu não tenho mais rebelião em mim”.⁹⁷ Se isso fosse verdade, então Hinn, como Jesus, não teria pecado algum. Porém duma coisa eu estou certíssimo: Hinn não é menos pecador do que eu e você ou de qualquer outro mortal.

Apesar de tanta aberração, eu estava relativamente otimista de que Hinn rejeitaria algumas de suas doutrinas errôneas depois que me encontrei com ele pela primeira vez em 5 de dezembro de 1990. Pareceu-me haver uma remota esperança. Hinn concordou em retirar alguns dos mais fortes erros doutrinários de seu livro *Bom Dia, Espírito Santo*. Apesar de haver algumas mudanças não relatadas nas edições posteriores de seu livro, o problema nunca foi completamente resolvido. Ainda assim, tudo parecia ser um passo na direção certa.

Numa entrevista para a revista *Christianity Today* (“Cristianismo Hoje”), em 1991, ele admitiu seus erros e prometeu fazer as alterações necessárias.⁹⁸ Reconheceu que a dita revelação do Espírito Santo de que “havia nove deles” na Trindade (porque o Pai, o Filho, e o Espírito Santo

cada um tinha seu próprio espírito pessoal, alma e corpo) não passava “duma declaração muito estúpida”.⁹⁹

Asseverou igualmente que não atacaria mais seus críticos, lamentando sua declaração anterior na qual expressava o desejo de que Deus lhe desse “uma arma do Espírito Santo” para que pudesse explodir a cabeça de seus críticos.¹⁰⁰

No entanto, seu comentário mais surpreendente sobre a teologia da Fé foi: “Eu realmente não acredito mais na mensagem da Fé. Acho que ela não acrescenta nada”.¹⁰¹

Será que Hinn estava sendo sincero, ou perdera a razão? A resposta veio um pouco mais tarde. Mal se passaram algumas semanas e ele já retomava às suas velhas práticas.

A suposta revelação que Hinn recebera do Espírito Santo de que cada membro da Trindade possuía separadamente um espírito, uma alma e um corpo levanta um dilema: Se essa declaração tem procedência divina, como é que ele ousou desmenti-la— chegando a rotulá-la de “estúpida” - já que se considera um homem usado por Deus na transmissão da verdade? A conclusão inevitável é que suas revelações podem não ter vindo de Deus. A sinceridade de sua retratação é questionada pelo fato de apenas uma semana depois daquela entrevista, ele voltar a ensinar que tanto o Pai como o Espírito Santo tinham “corpos”.¹⁰²

Hoje Hinn se ri da idéia dele mesmo ter declarado haver nove pessoas num só Deus, mas ainda mantém que cada membro da Trindade — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — “possui seu próprio corpo espiritual”.¹⁰³

Hinn não perdeu muito tempo para retornar a uma de suas ocupações prediletas — proferir ameaças funestas contra seus críticos. Como noticiado logo depois, Hinn escolheu o dia 22 de novembro de 1991, quando o assassinato do presidente John F. Kennedy completava mais um aniversário, para fazer uma nova série de ameaças.¹⁰⁴

Fez então a mais sórdida de suas ameaças, desta vez visando diretamente o ICP (nos Estados Unidos), como ele admitiu para *Cristianismo Hoje*. Na Conferência Mundial Carismática em 7 de agosto de 1992, realizada em Anaheim, Califórnia, não muito distante do quartel-general do ICP, ele expôs sua verdadeira face. Hinn pediu ao “câmara” que não o

registrasse, mas nós conseguimos gravar suas ameaças contra nós e nossas crianças, complementada por um estranho fundo musical:

Agora eu estou apontando meu dedo para vocês com o tremendo poder de Deus sobre mim... Ouçam isto! Existem homens e mulheres no sul da Califórnia me atacando. E sob a unção que lhes falo agora. Vocês colherão o que estão semeando em suas próprias crianças se não pararem... E seus filhos e filhas sofrerão.

*Vocês estão me atacando no rádio todas as noites — vocês pagarão e suas crianças também. Ouçam isto dos lábios dum servo de Deus. Vocês estão em perigo. Arrependam-se! Ou o Deus Altíssimo moverá sua mão. Não toqueis nos meus ungidos...*¹⁰⁵

Quando confrontado pela *Cristianismo Hoje* por causa da sua última ameaça, Hinn declarou que foi legítima defesa, e que ele se sentira estar sob um ataque pessoal e que ficara com medo de alguém vir a feri-lo.¹⁰⁶ Ele admitiu que suas ameaças visavam os membros e consultores do ICP (EUA), bem como suas famílias.¹⁰⁷

E como se não fosse o bastante, ele continua a fazer ameaças terríveis. Nos seus ataques aos “caçadores de heresias” (obviamente se referindo ao ICP), que foram transmitidos pela rede americana TBN de televisão em 23 de outubro de 1992, ele advertiu: “Se vocês me atacarem, seus filhos pagarão por isso”.

Tão logo desista de sua doutrina da Fé, isso também pode ser perdoado. E não pensem que foi uma perda momentânea da razão, pois ele estava completamente à vontade, quando o pronunciou. Não apenas Hinn se dedica a ensinar sua própria forma de teologia da Fé, mas vai além dos limites também em defender alguns mestres da Fé como Hagin e Copeland - que fizeram parte da “Convenção Internacional das Igrejas e Ministros da Fé” na qual ele foi consagrado.¹⁰⁸

Não muito tempo depois, ele voltou à carga: “Aqueles que atacam a confissão estão do lado do diabo”.¹⁰⁹ Afirmou, ainda, dogmaticamente, que as “palavras criam a realidade”.¹¹⁰ E como se não bastasse, acrescentou: “A fé é realizada quando eu profiro a palavra da fé”.¹¹¹

Ouvindo-o durante um longo período de tempo, cheguei mesmo foi à conclusão de que aquilo que Hinn diz serem revelações do Espírito Santo

são no geral pouco mais que repetições de pronunciamentos dos outros mestres da Fé.

Frederick K. C. Price

Voltemos agora nossa atenção para Frederick K. C. Price, um entre os vários homens que se deixaram influenciar por Kenneth E. Hagin. De fato, Price já disse que “Kenneth Hagin teve mais influência sobre minha vida que qualquer outro homem vivo”.¹¹²

Price é de longe o mais proeminente dentre um número crescente de pregadores da Fé negros nos dias atuais. Seu Centro Cristão Crenshaw, em Los Angeles, reivindica ter mais de 16 mil membros.¹¹³ Ele lançou um ministério nacional pela televisão, em 1978, e é hoje um convidado freqüente do programa da TBN, *Praise the Lord* (“Louvai ao Senhor”).

O encontro inicial de Price com teologias sectárias começou cedo, tendo sido criado por uma família de Testemunhas de Jeová.¹¹⁴ Após sua conversão, ele passou por uma série de denominações, incluindo a Batista, a Metodista Episcopal Africana, a Presbiteriana e a Aliança Cristã e Missionária.¹¹⁵ Segundo declarou sua esposa, eles estiveram “em toda espécie de dificuldades, sem nunca chegar a lugar algum!”¹¹⁶ Isso, até que um amigo lhes deu um livrete intitulado *The Authority of the Believer* (“A Autoridade do Crente”), de Kenneth Hagin.¹¹⁷

Desde que se tornou um mestre da Fé, Price tem chamado a si mesmo de “o principal expositor do *nomeie-o e reivindique-o*”.¹¹⁸ Tem também se referido à sua organização como um “programa de Guerra nas Estrelas pelo Senhor” e como um “bombardeiro secreto de Jesus”.¹¹⁹ Referindo-se às suas próprias riquezas materiais, Price disse certa ocasião: “Esta é a razão pela qual dirijo um Rolls Royce -estou seguindo os passos de Jesus”.¹²⁰

Os ensinamentos de Price têm influenciado até mesmo seus familiares, quando assevera ousadamente: “Não permitimos enfermidades em nosso lar”.¹²¹ Ele desencoraja também o uso de medicamentos, dizendo: “Quando desenvolver sua fé ao ponto em que possa depender das promessas de Deus não precisará de remédios”.¹²² Mas após anunciar publicamente, em outubro de 1990, que sua esposa, Betty, desenvolvera câncer - um “tumor maligno inoperável em sua área pélvica” - Price a viu suportar uma “prova de dor, quimioterapia e tratamentos por radiação”.¹²³ Atualmente, Price afirma que

ela está livre do câncer, da medicação e da dor, mas apenas "95 por cento livre duma coxeadura".¹²⁴ Esperamos que Price aprenda a diferença entre a fé bíblica e a presunção de fé, antes que seja tarde demais para quem confia em suas proposições.

Não somente Price tornou-se um habilidoso comunicador dos ensinamentos da Fé, tendo-os aprendido de Hagin, mas adicionou seu próprio tempero. Por exemplo, é dele a seguinte observação sobre o orar em consonância com a vontade de Deus: "Se você diz: 'Se for da tua vontade' ou 'Seja feita a tua vontade' — se diz isso, então está chamando Deus de idiota".¹²⁵ Ora, isso contradiz diretamente passagens bíblicas como Tg 4.15 e Mt 6.9,10. As implicações do comentário de Price posta sérios problemas para a doutrina bíblica da soberania de Deus (SI 115.3: 135.6: Dn 4.35 e Rm 9.20).

Infelizmente, a retórica de Price não termina aí. À semelhança de Hinn, ele deturpa o conceito bíblico do domínio e zomba daqueles que acreditam que Deus tem domínio sobre esta Terra. Comentando Gn 1.20, ele afirma:

Se, pois os animais [no Éden] lhe pertencessem, se aqueles animais pertencessem a Deus, como é que Deus não lhes atribuiu nomes? Por que deixou ao encargo dum minúsculo homem a tarefa de dar nomes aos reinos animal e vegetal? Porque eles pertenciam ao controle de Adão, e não de Deus... Por quê? É que ele tinha domínio. Não Deus, mas Adão.¹²⁶

Price tem o hábito de pôr em dúvida questões como o domínio absoluto e a autoridade soberana de Deus. Seus erros teológicos, entretanto, tocam outras áreas igualmente fundamentais. Ele acredita, por exemplo, que Jesus morreu espiritualmente, assumindo antes da crucificação a natureza de Satanás. Referindo-se a Cristo, declara: "Algum tempo antes dele ter sido cravado na cruz, estando no jardim do Getsêmani - nalgum ponto entre esses dois extremos - ele morreu espiritualmente. Pessoalmente, acho que foi quando estava no jardim".¹²⁷ Numa nota que, igualmente, nos deixa de cabelo em pé, Price zomba da suficiência da expiação de Cristo, no Calvário. Eis a transcrição de suas palavras a esse respeito:

Você pensa que a punição pelo nosso pecado foi [Jesus] ter morrido numa cruz? Se esse fosse o caso, os dois ladrões também poderiam

pagar o preço por vocês. Não, a punição era [Jesus] ir para o próprio inferno, e prestar serviço ali algum tempo, separado de Deus.¹²⁸

Tragicamente, Price não se contenta em produzir confusão na centralidade da obra de Cristo sobre a cruz. Ele pinta um quadro completamente diferente do Cristo bíblico, durante seu ministério terreno. Consideremos, por exemplo, seu argumento de que Jesus “deve ter tido muito” dinheiro.¹²⁹ Eis como o coloca:

A Bíblia diz que ele [Jesus] tinha um tesoureiro... chamado Judas Iscariotes; e o safado deu-se a esvaziar a sacola por três anos e meio, sem ninguém perceber. Sabem por quê? Porque havia muito na sacola... Se houvesse três laranjas no fundo da sacola e Judas furtasse duas. não me digam que ele [Jesus] não daria conta. Além disso, se Jesus não tinha coisa alguma, por que precisava dum tesoureiro?¹³⁰

Sobre um alicerce condenado é que repousa essa fantasia da Fé, tão fundamental aos olhos dos profetas da prosperidade - a saber, que Jesus era rico. que ele usava roupas caras e que seus discípulos viviam no luxo.

John Avanzini

O Dr. John Avanzini credita a si mesmo o título de notável autoridade e mestre em questões de economia bíblica. “O irmão João”, como ele gosta de se chamar, afirma ter estudado a vida de Cristo tão extensamente que está agora preparado para pôr abaixo o conceito comumente abraçado de que nosso Senhor foi um homem pobre. Contra a “tradição”, ele assevera que Jesus era tão rico que usava roupas feitas sob medida.¹³¹

Avanzini usa o trecho de Jo 19.23 na tentativa de fazer prevalecer sua idéia. O que parece não perceber é que aquilo que ele descreve como uma capa inconsútil é considerado por eruditos competentes na Bíblia como referência a uma peça íntima de vestuário.¹³² Assim, se tivermos de levar Avanzini a sério, ele propôs que Jesus usava cuecas feitas sob medida.¹³³ Antecipando uma réplica, Avanzini ofereceu a seguinte resposta a Mt 8.20:

“As raposas têm covis e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” não é uma declaração de que Jesus não tinha uma casa para morar... Mas significa que os samaritanos cancelaram a reunião para a qual ele se dirigia, se você se lembra bem do relato. E naqueles dias não havia um hotel em cada

esquina... Se suas reservas foram canceladas, então só lhes restava esperar a próxima reunião para ali se fixar. Está muito claro que ele tinha uma casa... a Bíblia afirma que ele tinha uma casa.¹³⁴

Mas esse não é apenas um ponto acadêmico, pois, de acordo com Avanzini, enquanto não souber que Jesus foi um homem próspero você também não o será. Como que explicando sua colocação prévia, ele afiança: “Se Jesus era pobre, eu quero ser pobre. Se Jesus dormia sob uma ponte, eu quero dormir sob uma ponte: mas se Jesus era rico, eu também quero ser rico”.¹³⁵

Armado duma série de textos bíblicos arrancados de seus respectivos contextos, Avanzini ensina ao povo o dever de obter riquezas materiais, chegando mesmo a sugerir que “alguém maior que a loteria chegou. Seu nome é Jesus!”¹³⁶ Para os que falham em obter aquilo pelo que pagaram, Avanzini escreveu um livro intitulado *It's Not Working, Brother John* (“Isto Não Funciona, Irmão João”).¹³⁷ Nele, Avanzini alista nada menos que 25 razões por que suas técnicas relativas à prosperidade material não funcionam para algumas pessoas. Ele lança a culpa sobre virtualmente tudo e todos (não dar dízimos, não ter fé, impaciência, não confiar no homem de Deus, pecado oculto, tradição, etc.) nunca sobre si mesmo.

Particularmente digno de nota é que Avanzini começa praticamente todos os seus argumentos, montando uma crítica acerba contra os teólogos e os apologistas. Afirmando ter sido antes um apologista, disse: “Não estou mais tão impressionado com os apologistas, posso muito bem me virar sem eles, dos quais eu costumava ser um. Depois que Deus me perdoou, eu prometi que nunca mais voltaria a sê-lo”.¹³⁸

Avanzini não perde tempo em salientar que “os teólogos não obtêm respostas para as suas orações” e que “tratam com um Deus impessoal”.¹³⁹ E dele a seguinte crítica contra os “caçadores de heresias”:

Sabe qual o problema com todos esses caçadores de heresias? Eles não acreditam num Deus pessoal. Eles acreditam num Deus genérico que estabeleceu algumas regras e depois tirou férias, tendo dito antes, porém: “Operem segundo essas regras”.¹⁴⁰

O que torna a observação de Avanzini tão interessante é que o Deus por ele atribuído erroneamente aos teólogos e caçadores de heresias, soa

notavelmente parecido com o falso deus do movimento da Fé - um deus que se vê de repente num universo governado por leis espirituais, às quais ele mesmo está sujeito. Talvez seja por isso que ele agora tenha trocado seu anterior papel de apologista pelo dum autoproclamado profeta.¹⁴¹ Avanzini tem feito uso pleno de seu recém-achado ofício, quando cita e aplica erroneamente a si mesmo as palavras contidas em 2 Cr 20.20. Ele põe em seus lábios a pergunta: “Você diz: 'Irmão João, posso confiar em você?’” E ele próprio responde: “Confie no profeta e prosperará”.¹⁴²

Talvez o fato mais triste de todos é que Avanzini toma a Palavra de Deus - designada para trazer luz aos homens — e a reduz a um meio para levantar fundos. Nas palavras de Benny Hinn: “Os ímpios estão empilhando recursos - e eu amo a maneira como John ensina sobre isso. Ninguém é melhor que ele quando ensina sobre como obter as riquezas dos ímpios. Homem, eu gosto disso!”¹⁴³

Robert Tilton

Assim como McDonald’s popularizou as “refeições rápidas”, o ministério de Robert Tilton tem propagado a “fé rápida”. Levada a seu mínimo irreduzível, a mensagem dele é simples: Deus quer que você prospere física e financeiramente. Mas você precisa de fé. Para comprová-la tem de fazer um voto de fé, e todos os votos deveriam ser deixados aos cuidados do irmão Bob (Robert). Votos típicos começam aos mil dólares, mas o céu é o limite.

Embora o material usado por Tilton em seus sermões seja adaptado principalmente de Hagin e Kenyon, suas técnicas mercadológicas parecem ter sido adaptadas diretamente dum propagandista chamado Dave Del Dotto.¹⁴⁴ Conforme o próprio Tilton conta, a estrutura atual e bem-sucedida de seu espetáculo (inspirada no chamado “infomercial” — um esquema de arrecadação originalmente aplicado ao ramo imobiliário) emergiu de sua dor de coração por causa dos repetidos fracassos de seu anterior espetáculo na televisão.¹⁴⁵ Assim sendo, dirigiu-se ao “deserto” para ouvir o que Deus tinha a dizer. (Quando fala em deserto ele não se refere à abnegação e às privações. O que tem em vista é o Havaí: “Se tiver de ir à cruz, que seja num lugar bonito, não numa região poeirenta como Jerusalém, onde o que tem é muita, mas muita pedra”).¹⁴⁶

Depois de sua experiência no deserto, voltando para a televisão, ele encontrou-se com Dave Del Dotto.¹⁴⁷ Inspirado nos “infomerciais” imobiliários de Del Dotto, Tilton produziu um infomercial religioso chamado “Sucesso na Vida”.¹⁴⁸ Ele costuma usar em média 84 por cento de seu tempo no ar com levantamento de fundos e promoção, comparado aos cinco por cento dos programas de Billy Graham e à média de 22 por cento da televisão comercial.¹⁴⁹

O programa de Tilton chegou a ser o 12º no índice nacional (Estados Unidos) de audiência religiosa. Antes dum escândalo ter solapado suas taxas de audiência, era sintonizado por um número estimado de seis milhões de casas, em mais de 200 estações.¹⁵⁰ Adicione-se a isso sua audiência pela televisão a cabo, sua lista de correspondências de quase 900 mil pessoas, seus 850 empregados de tempo integral,¹⁵¹ e Tilton aparecerá como uma megaestrela na constelação de pregadores da prosperidade do movimento da Fé.

Como testemunhou recentemente sua esposa. Marta, em audiência num tribunal federal, sua organização (*Word of Faith Family Church & World Outreach Center*) de oito mil membros, no norte de Dallas, subúrbio de Farmers Branch, recolhe notáveis 65 milhões de dólares por ano.¹⁵²

A televisão tem soado suas próprias advertências sobre Tilton. Os pedidos de oração pelos quais promete orar pessoalmente terminam, em geral, nas latas de lixo, conforme as câmeras da ABC-TV mostraram em 21 de novembro de 1991 e novamente em 9 de julho de 1992. Isso também foi testemunhado por ex-empregados de Tilton.¹⁵³ Primeiramente os envelopes contendo os pedidos são encaminhados a um banco onde o dinheiro - geralmente anexo - é removido, sendo então processados automaticamente numa máquina de correios. Finalmente, são transferidos para um centro de reciclagem.¹⁵⁴

Pelo menos duas viúvas estão acionando o ministério de Tilton por lhes enviar cartas buscando doações e prometendo curar seus maridos já mortos.¹⁵⁵ Pelo menos 10 ações legais, na área civil, têm chegado aos tribunais, totalizando mais de 500 milhões de dólares.¹⁵⁶

Lamentavelmente, após suas indiscrições financeiras terem sido levadas ao ar pelo programa da ABC “*PrimeTime Live*” (A Vida em Primeira Mão). Tilton partiu para a ofensiva.¹⁵⁷ Lançou um vídeo reacionário

intitulado *PrimeTime Lies* (“Mentiras em Primeira Mão”), tentando investigar os investigadores de forma sensacionalista e pouco convincente.¹⁵⁸

Aos seus seguidores ele diz que está sendo perseguido pela causa de Cristo.¹⁵⁹ Assegurando-lhes que a ABC estava errada e que ele tem orado pessoalmente por cada um dos milhares de pedidos de oração que chegam ao seu ministério diariamente, Tilton apresentou esta incrível réplica:

Aqueles formulários com pedidos de oração têm tinta sobre eles e toda espécie de elementos químicos. Tanto me pus sobre eles que os produtos químicos realmente entraram na minha corrente sangüínea e fizeram inchar meus capilares... Entraram em meu sistema imunológico a ponto de me causarem dois derrames cerebrais sem maiores conseqüências, que produziram alguma dormência em meu corpo.¹⁶⁰

Disse ainda que, em conseqüência, tivera que submeter-se a uma cirurgia plástica para remover as bolsas que se formaram sob seus olhos.¹⁶¹

Marilyn Hickey

Marilyn Hickey, de modo muito parecido com Tilton, usa uma larga gama de truques para fazer seus seguidores enviarem-lhe dinheiro. Entre suas muitas táticas estão panos ungidos de oração, estolas cerimoniais e cordas que podem ser usadas como “pontos de contato” visando aos milagres.

Numa carta,¹⁶² Hickey prometeu fazer uma unção especial se o pano de oração incluso fosse devolvido imediatamente a ela com algum dinheiro. Especificamente ela prometeu que se o pano fosse devolvido "agora mesmo", ela o ungiria “com uma unção do tipo de Atos 19”, que atrairia milagres ‘especiais’, ‘incomuns’ e ‘extraordinários’. Hickey assegurou aos leitores que o Espírito Santo tratara com ela sobre toda a questão - o que a deixara empolgada.

Assim, sugere que o pano de oração é o remédio perfeito para os que estão enfermos, para quem precisa vender alguma coisa e para aqueles que precisam ver quebrado o seu espírito de rebeldia. E para reforçar sua posição, a título de exemplo, Hickey explicou que o pano de oração é tão poderoso que quando uma mãe o pôs sob o travesseiro duma criança rebelde, a mesma

foi miraculosamente liberta. E não somente isso. mas com um mero toque do pano de oração, um tumor do tamanho duma toranja desapareceu em cinco dias.

Garantiu ainda que qualquer um que estivesse enfrentando uma crise financeira precisava apenas carregar o pano de oração na bolsa, carteira ou talão de cheques para que recebesse uma solução específica. Havia apenas um pequeno segredo: antes que o pano pudesse funcionar, tinha que ser devolvido a Hickey. O pano de oração, ainda de acordo com Hickey, no presente “não traz e nem contém qualquer unção ou qualidade especial. E apenas um pedaço simples de tecido... mas dentro de poucos dias (se você agir com fé *agora mesmo*) poderá tornar-se um *pano especial de milagres*”.

Hickey, contudo, tinha mais uma sugestão: Quando você devolver o pano, certifique-se de mandar algum dinheiro. Pois, conforme coloca a questão, “receber sucede ao dar”.

Noutra de suas cartas apelatórias, Hickey prometeu que se vestiria duma estola cerimonial, “pressionaria seu pedido de oração sobre o coração [dela]” e poria seus pedidos sobre os “ombros [dela]” (doação sugerida).¹⁶³

Ela também incentiva as pessoas a que falem às suas carteiras e talão de cheques:

Do que você precisa? Comece por criá-lo. Comece a falar a respeito. Comece a falar para que tudo aconteça. Fale à sua carteira. Diga: “Você está polpuda, cheia e grossa de dinheiro”. Fale com seu talão de cheques. Diga: “Você, talão de cheques, você mesmo. Você nunca foi tão próspero desde que o possuo. Você representa muito dinheiro”.¹⁶⁴

Se você pretende experimentar milagres grandiosos. Hickey lhe enviará minúsculas sementes de mostarda, para que você não se esqueça de semear uma semente no ministério dele. Semear uma semente é apenas outra maneira de dizer: “Por favor, envie-me algum dinheiro”. E assim que lhe enviar a semente você receberá o livrete intitulado *As Sete Chaves de Deus para Tomá-lo Rico*, assegurando-lhe que “Deus lhe abençoará e multiplicará sua dádiva”.¹⁶⁵

Respondendo a um crítico quanto à afirmação de que os mestres da Fé estariam sempre “seguindo a prosperidade”, Hickey retornou: “Não, não

estamos. A prosperidade é que nos segue”.¹⁶⁶ Embora não se possa dizer o mesmo dos seguidores de Hickey, o sucesso financeiro certamente a está seguindo. Se você não puder vê-la pessoalmente, pelo menos a verá em vintenas de estações de televisão e poderá ouvi-la pelo rádio. Sua revista, *Outpouring*, jacta-se duma circulação aproximada de 200 mil exemplares por mês.¹⁶⁷ Ela também é a presidente da Junta de Regentes da Universidade Oral Roberts, em Tulsa, Oklahoma.¹⁶⁸

Os ensinamentos de Hickey são, em sua maior parte, uma mistura das teologias de Tilton, Hagin, Copeland e um exército doutras “personalidades da prosperidade”. Sua mensagem é apimentada com o jargão da Fé como “a fé do tipo de Deus”,¹⁶⁹ e “confissão produz possessão”.¹⁷⁰ A teologia de Hickey tem sido influenciada não somente pelo reino das seitas, mas também pelo mundo do ocultismo.¹⁷¹

Charles Capps

Alguns dos conceitos que Charles Capps afirma terem sido dados a ele por Deus são claramente ridículos. Por exemplo, Capps afirma que se alguém disser: “Estou morrendo de vontade...” ou “Isso é de morte!”, a tal pessoa está mesmo é “brincando com a morte”. Ou, melhor dizendo, suas palavras podem se tornar verdadeiras. De acordo com Capps, essas são formas de “linguagem perversa”, “contrárias à Palavra de Deus”. Chegou ainda a asseverar: “Adão foi bem mais esperto. Foram necessários mais de 900 anos para matá-lo, mas agora o diabo tem programado sua linguagem no seio da raça humana ao ponto das pessoas morrerem com cerca de 70 anos ou menos, pelas palavras que profere”.¹⁷²

Por outro lado, alguns dos conceitos de Capps são claramente blasfemos. No tocante ao nascimento virginal, por exemplo, suas declarações transmitem a noção herética de que Jesus foi o produto final das palavras proferidas por Deus, isto é, da confissão positiva de Deus:

Essa é a chave para entendermos o nascimento virginal. A Palavra de Deus é plena de força e poder do Espírito. Deus a proferiu. Deus transmitiu essa imagem a Maria. Ela recebeu a imagem dentro dela... O embrião que havia no ventre de Maria não era outra coisa senão a Palavra de Deus... Ela concebeu a Palavra de Deus.¹⁷³

Aqui Capps toma o conceito da visualização e da confissão ao seu extremo mais herético. Em seu livro, *Authority in Three Worlds* (“Autoridade em Três Mundos”), Capps chega ao ponto de dizer que “a pura Palavra de Deus” (referindo-se a ela de forma impessoal, como se fora uma coisa) “tomou carne sobre si mesma” (*itself*, em inglês, sendo que o prefixo *it* se aplica a coisas).¹⁷⁴ A declaração de Capps, levada à sua conclusão lógica, nega a própria personalidade do Cristo encarnado - a Palavra que se fez carne (João 1.1.14).

Ironicamente, naquele mesmo capítulo, Capps assevera que “se você se expor repetidamente a um ensino errado, o espírito do erro será transmitido a você”.¹⁷⁵ Quanto à fonte transmissora de sua doutrina peculiar, ele é enfático: “A maior parte do meu ensino veio do irmão Kenneth Hagin”.¹⁷⁶ Com essa espécie de credenciais, não deveria ser surpreendente que Capps fosse ordenado, em 1980, por Kenneth Copeland, como ministro da “International Convention of Faith Churches and Ministries” (“Convenção Internacional das Igrejas e Ministérios da Fé”).¹⁷⁷

O espírito do erro, presente nos ensinamentos de Capps, tem sido transmitido a milhões de pessoas. Segundo as últimas estatísticas, seus livros já venderam incríveis três milhões de cópias.¹⁷⁸ E muito mais indivíduos têm sofrido o impacto de seu programa nacional pelo rádio.¹⁷⁹

Permita-me reproduzir aqui a história do “cão-guaxinim”, segundo a conta o próprio Capps. Lembre-se que ele, quando a conta, reveste-se de toda a sobriedade. O ponto que tenta ressaltar é que a confissão sempre antecede à possessão:

Vou contar minha história do cão-guaxinim para deixar claro esse próximo ponto. Havia um sujeito que se jactava de ter o melhor cão-guaxinim do país.

“Ele é a coisa mais veloz que você jamais viu contra um guaxinim. É uma coisa acerca desse cão é que ele nunca mente. Quando ele corre, você terá um guaxinim”.

Seu amigo disse: “Quero ver esse cão caçar”.

Assim foram caçar e, para dizer a verdade, o cão pegou um guaxinim em dez minutos. Mas pouco depois o cão apanhou um broto de árvore que nem sequer tinha folhas.

O broto tinha seis metros de altura, tipo um bambu, sem nenhum buraco que permitisse a presença dum guaxinim.

O amigo disse: “Pensei ouvi-lo dizer que este cão não mente”.

O sujeito disse: “Bem, eu me esqueci de falar uma coisa.

Não por muitas vezes, mas de vez em quando ele é tão ligeiro que chega aqui antes do guaxinim. Sente-se e espere. Aquele guaxinim vai chegar aqui a qualquer momento!”¹⁸⁰

Charles completa a história indicando que é precisamente assim que nossa fé deve funcionar. “Se o pagamento do aluguel de sua casa precisa ser pago no dia 10 de janeiro, não comece a confessar que tem dinheiro suficiente somente no 29 de dezembro, aconselha Capps: “Comece a confessá-lo um ano antes da data do pagamento”.¹⁸¹

Capps tem cavado suas teorias num terreno diferente das Escrituras. O resultado é que tem desarraigado da fé a muitos cristãos cujas raízes não são profundas na Bíblia.

Jerry Savelle

A maior reivindicação de Jerry Savalle à fama bem pode ser sua habilidade de imitar seu mentor, Kenneth Copeland. Eis a descrição de Deus, por Copeland, em comparação com a versão de Savelle.

Descrição de Deus por Copeland

A Bíblia diz que ele mediu os céus com palmos de 23 cm. Ora, o palmo é a distância entre a ponta do dedo polegar da mão e a ponta do dedo mínimo. E a Bíblia diz — de fato, a tradução ampliada traduz o texto hebraico desse modo - que ele mediu os céus com um palmo de 23 cm. Bem, apanhei uma régua e medi meu palmo - ele tem 22 cm. Portanto, o palmo de Deus é um centímetro maior que o meu.

*Como podem ver, a fé não é proveniente dum monstro gigantesco, vindo não se sabe donde. Procede do coração dum ser que é muito parecido conosco. Um ser com estatura entre 1,88 e 1,90 m e pesando cerca de 90 kg ou pouco mais, cujo palmo mede 23 cm. Glória a Deus! Aleluia!*¹⁸²

Descrição de Deus por Savelle

Ele mediu o céu com um palmo. Um palmo é uma antiga unidade inglesa de medida, que é a distância entre a ponta do dedo mínimo e a do polegar — um palmo. De fato, o hebraico diz literalmente que Deus mediu o céu com um palmo de 23 cm. Não que tenha mais de 100 metros de altura, ou que pese quase duas toneladas, ou ainda que este salão caiba na sua mão.

Ele é grande, mas não é nenhum monstro. Ele mediu o céu com um palmo de 23 cm. De fato, a Bíblia diz que Jesus era a imagem expressa de Deus. Assim, estou convencido que Jesus — vocês sabem — tinha de ter uma aparência igual a de Deus. E ele mediu os céus com um palmo de 23 cm. Ora, eu não — meus dedos não dão 23 cm. A distância entre meu polegar e o dedo mínimo não chega exatamente a 23 cm. Sei, portanto, que ele é maior que eu, graças a Deus. Amém? Mas ele não é alguma coisa grandalhona, tão grande que não possa entrar por aquela porta, e quando se senta, não ocupa todos os assentos na casa. Eu não sirvo ao Globo.¹⁸³

Savelle, pois, repete virtualmente cada heresia do movimento da Fé. Quando chega à questão da saúde, ele contradiz o trecho do capítulo 21 de Apocalipse, ao repetir a linha padrão da Fé — a saber, que através da força da fé, podemos desfrutar saúde perfeita aqui e agora:

Deus querido, não posso esperar até chegar ao céu para ficar livre das enfermidades e das doenças, da tristeza e do lamento. Eu não tenho de ter, isso é o que descobri, qualquer dessas coisas ruins mesmo aqui embaixo, neste mundo no qual estou vivendo. Louvado seja Deus! As enfermidades e as doenças não podem entrar no meu mundo.¹⁸⁴

Quando se trata de questões de saúde, Savelle meramente repete a bem conhecida frase da Fé: “Você pode falar e trazer seu mundo à existência”. Eis a versão dele:

Seu mundo, em primeiro lugar, começa dentro de você. louvado seja Deus. E, tanto quanto antes, comece a falar para trazê-lo à existência. Ora, não estou dizendo que você deva falar para trazer um carro à existência, necessariamente. O carro já está lá fora, nalgum lugar, louvado seja Deus. O que acontecerá é que ele entrará em seu mundo. A casa já está lá, nalgum lugar, mas graças a Deus ela entrará no seu mundo. As roupas que você precisa já estão lá, num lugar qualquer, mas elas entrarão no seu mundo, louvado seja Deus. O dinheiro de que você precisa - Deus não fará chover notas de 20 dólares do céu,

provavelmente. Se ele quiser fazer isso, ele o fará. Eu acolheria essa chuva, mas é provável que não seja desse modo. O dinheiro já está aqui, nalgum lugar, e ele simplesmente virá ao meu mundo, louvado seja Deus. Amém?¹⁸⁵

Embora Savelle seja claramente um clone de Copeland, ele também imita diversos outros mestres da Fé. Seguindo a moda ditada por Price e Capps, Savelle retrata Jó tanto infiel como tolo - acusando-o pelas suas próprias dificuldades: “Jó, falando, trouxe seu mundo à destruição”.¹⁸⁶

Antes de se tornar um dos pregadores da prosperidade, Savelle consertava lataria de automóveis, ou seja, fazia lanternagem.¹⁸⁷ Ele deixou a função, assim definida por ele mesmo, de “desentortar pára-choques”¹⁸⁸ para a de “torcer das Escrituras”. A transição tem-se mostrado lucrativa. De humildes começos, em 1969, o World Outreach Center, de Savelle, em Fort Worth, Texas, agora distribui seu material em 36 países. Em adição, seus livros e fitas gravadas, segundo se reporta, vendem a um índice de cerca de 300 mil por ano.

Morris Cerullo

Morris Cerullo diz que se encontrou com Deus pela primeira vez quando contava oito anos de idade. Alegadamente ele estava de pé sobre um parapeito, pronto a terminar com tudo, quando Deus, miraculosamente, interveio, enchendo com sua presença o quarto de Morris e falando-lhe palavras de segurança.¹⁸⁹ Conforme Cerullo conta, sua vida daquele ponto em diante foi uma maratona de milagres capaz de estourar os miolos de qualquer um.

Com a idade de 14 anos, depois de ter sido instruído pelos “principais rabinos” duma cidade do Estado de Nova Jérsei,¹⁹⁰ Cerullo foi tirado do orfanato judeu¹⁹¹ “por dois seres angelicais, para um refúgio que havia sido preparado para ele”.¹⁹² Menos de um ano depois, ele foi transportado ao céu, onde teve um encontro face a face com Deus.¹⁹³ De acordo com o relato, “assim como Moisés contemplou a glória de Deus no arbusto que não queimava, Cerullo foi levado no espírito aos lugares celestiais, onde contemplou a Presença de Deus, sendo o ministério de sua vida claramente detalhado perante ele”.¹⁹⁴

Deus, que foi descrito por Cerullo como alguém com 1,83 m de altura e o dobro da largura dum corpo humano,¹⁹⁵ tirou, por assim dizer, “a tampa do inferno e permitiu-me ver do céu para baixo, para os portais do submundo”.¹⁹⁶ E então, no dizer de Cerullo, Deus falou com ele pela primeira vez. Apesar de Cerullo afirmar que nunca antes ouvira essas palavras, acontece que Deus lhe disse exatamente o que dissera antes ao profeta Isaías — a saber: “Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti... E as nações caminharão à tua luz ...” (Is 60.1-3).¹⁹⁷

Assim, de acordo com Cerullo, ele se tornou o porta-voz de Deus, capaz de “revelar coisas que ainda não aconteceram, comunicando precisa e diretamente as palavras de Deus. o 'Assim diz o Senhor’”.¹⁹⁸ Dessa maneira Cerullo desistiu da “grande ambição de me tornar o governador do meu Estado de Nova Jérsei”, a fim de ser “um ministro do Evangelho”.¹⁹⁹ Cerullo conta e reconta essa história como prova indisputável que ele é, de fato, “um vaso escolhido de Deus”.²⁰⁰

Mas até onde sabemos um escolhido de Deus fala a Palavra de Deus. Pergunte-se de Cerullo quem foi Jesus durante a encarnação, e ele replicará que quando “Jesus veio a este mundo, ele não veio em sua divindade, e nem como deidade (Deus)”.²⁰¹ Quanto à sua opinião sobre Deus, Cerullo tem isto a dizer:

Vocês sabiam que desde o começo do tempo o propósito inteiro de Deus era reproduzir-se?... Quem são vocês? Vamos lá, quem são vocês? Vamos lá, digam: "Filhos de Deus!" Vamos lá, digam!... E quando estamos aqui de pé, vocês não estão olhando para Morris Cerullo; vocês estão olhando para Deus, estão olhando para Jesus.²⁰²

De modo um tanto promocional, Cerullo reconhece que “o verdadeiro teste dum profeta é: “o que ele falar acontecerá”.²⁰³ E, no entanto, até um exame ligeiro de suas predições demonstram que a média de acertos de Cerullo, quando se trata de profecias, é pouco melhor que a da Sociedade Torre de Vigia. Em 1972, por exemplo, Cerullo afirmou que Deus lhe dissera que “os Estados Unidos da América estão prestes a testemunhar um grande reavivamento”.²⁰⁴ Já se passaram quase 20 anos e esse “grande reavivamento” ainda não pôde ser verificado.

Em setembro de 1991 o Espírito Santo, alegadamente, falou com Cerullo e lhe disse: “Filho, o mundo será alcançado pelo Evangelho por volta do ano 2.000!”²⁰⁵ De acordo com Cerullo, isso significa que há somente 1460 dias (referindo-nos a partir de 1996) para atingir um bilhão de almas.

Se Cerullo tiver de ser crido, parece que Deus canaliza alguns dos apelos de levantamento de fundos mais manipuladores que se possa imaginar, através da boca de seu profeta. (Para variar, a maneira de se alcançar no tempo o objetivo de Deus, tendo Cerullo sido incumbido da solução global, é obter dinheiro para levar a cabo a tarefa.) Eis, por exemplo, uma das alegadas declarações de Deus:

Entregai a mim as vossas carteiras, diz Deus, e deixai-me ser o Senhor do vosso dinheiro... Sim. sede obedientes à minha voz.²⁰⁶

Paul Crouch

Dizer que Paul e Jan Crouch são influentes nos círculos cristãos bem pode ser a declaração mais modesta do ano. Com um patrimônio estimado em meio bilhão de dólares,²⁰⁷ a Trinity Broadcasting NetWork, de Crouch, possui ou sustenta mais de 300 estações, utilizando-se ainda de outras 150.²⁰⁸ Em adição, a TBN é “levada ao ar por mais de 1.315 canais de televisão a cabo, atingindo 16 milhões de residências”.²⁰⁹ E conforme diz o próprio Crouch: “Deus, na verdade, deu-nos a mais poderosa voz na história do mundo”,²¹⁰ Infelizmente, essa voz está sendo atualmente usada para promover as doutrinas falsas e as opiniões dos mestres do movimento da Fé.²¹¹

Um caso a ser ressaltado é o de Avanzini, que veio a se tornar uma grande força nos meios cristãos de radiodifusão, como resultado direto do patrocínio da TBN. De acordo com Avanzini, assim que Jan Crouch ouviu falar no sistema dos “cem por um”, ela começou a implorar-lhe para aplicá-lo nos levantamentos de fundos da TBN. “Jan Crouch já me pediu diversas vezes para que eu pregue a mensagem do cem por um”, diz Avanzini, “mas tenho de dizer: ‘Jan, qualquer outra coisa, mas Deus não me permitirá fazer isso’”.²¹² Eventualmente, porém, a persistência de Jan acabou vencendo.

Agora, praticamente a cada campanha da TBN, Avanzini pratica o “cem por um” e milhares de pessoas são levadas a crer que tudo quanto derem será multiplicado e devolvido centuplicadamente. Em somente uma

dessas campanhas o “cem por um” de Avanzini permitiu à TBN levantar milhões de dólares.

O que muitos mantenedores da TBN não percebem é que grande parte desse dinheiro está sendo usado para sustentar doutrinas que procedem de meios sectários. Crouch, por exemplo, patrocina e promove pessoas como Roy Blizzard²¹³ e Joseph Good, ambos os quais negam abertamente a Trindade.²¹⁴ Crouch também dá seu apoio explícito à Igreja Pentecostal Unida (IPU),²¹⁵ uma seita que afirma ser a Trindade uma doutrina pagã. É até difícil de acreditar numa ironia maior do que a de uma rede de televisão chamada “Trinity” (Trindade) dando-se a promover doutrina antitrinitária!

Aos que condenam sua promoção de doutrina sectária, Crouch proferiu esta advertência sombria: “Saíam do caminho de Deus. Parem de bloquear as pontes de Deus ou ele lhes dará o troco, se eu não o fizer!”²¹⁶ E a fim de que não haja qualquer ambigüidade acerca de sua opinião sobre os “caçadores de heresias”, completa: “Julgo estarem condenados e a caminho do inferno; não acho haver qualquer redenção para eles”.²¹⁷

A despeito dessas explosões violentas, Crouch insiste que nunca compromete as verdades cardeais, pelas quais somos salvos, chegando a dizer: “Se não crê nelas [nas verdades essenciais], você não é de fato um cristão”.²¹⁸ Contudo, a vasta maioria dos mestres da Fé que Crouch patrocina nega abertamente essas verdades fundamentais. Eu, pessoalmente, dei a Crouch amplas evidências que comprovam que os mestres da Fé, como Hagin, Copeland e uma hoste de outros comprometem a própria cruz do cristianismo, ou seja, comprometem a expiação de Cristo na cruz,²¹⁹

Durante meus contatos pessoais com Crouch, descobri ser ele um homem razoável e gracioso. Publicamente, entretanto, faz observações que chegam a me estremecer. Certa ocasião, por exemplo, declarou cheio de ira: “Se vocês querem criticar Ken Copeland por sua pregação sobre a fé, ou papai Hagin, saíam da minha vida! Nem ao menos desejo falar com vocês ou ouvi-los. Não quero ver seu rosto carrancudo. Saíam da minha presença, no nome de Jesus”.²²⁰

Numa carta a um de seus associados financeiros, datada de janeiro de 1992, Crouch escreveu que “o pessoal do CRI [ICP]... deveria retornar à sua razão original de existir, sob o Dr. Walter Martin, que deveria se expor as

heresias das seitas e dos que se desviam da divindade de Cristo e de sua expiação”.²²¹

A verdade, sem embargo, é que os mestres da Fé “se desviam da divindade de Cristo e de sua expiação”. Não somente provi a Crouch provas sólidas desse fato, mas assim também fez o Dr. Martin, antes de mim. Conforme disse o Dr. Martin, antes de ir para a glória, para estar com o Senhor: “Durante dez anos tenho advertido — tanto por fita gravada como pela página impressa - que nos estávamos metendo no reino das seitas com os mestres da Fé. Você não está mais se metendo ali, meu caro, você já está lá!”²²²

É triste, mas Paul Crouch está atualmente tão entrincheirado em sua posição que tem proclamado publicamente: “Aqueles que se opõem à mensagem da Fé chegaram a mim tarde demais”.²²³ Crouch chama a mensagem da Fé de “um reavivamento da verdade que segue a diretriz da Palavra de Deus”, restaurada por “alguns poucos, mas preciosos homens”, como Kenyon, Hagin, Copeland e Savelle.²²⁴

Luzes Menores

Inúmeros outros proponentes também poderiam ser citados como parte da constelação da Fé.²²⁵ Os exemplos variam desde Casey Treat, que diz que “Deus criou homem e mulher como uma duplicata exata de si mesmo”,²²⁶ até John Osteen, que acredita que “a fé, criada pela Palavra de Deus, capacita você a atingir a dimensão do invisível e ativa o poder criador de Deus”,²²⁷ e até T. L. Osborn, que mantém que “a saúde, o sucesso, a felicidade e a prosperidade são a vontade de Deus para . quando acredita em sua Palavra e vive de acordo com ela”.²²⁸

Quase a cada dia um novo personagem da Fé parece emergir do nada. Entretanto, todos têm uma coisa em comum: as conseqüências de seus ensinamentos são letais. Nalguns casos, o dano é físico; noutros, espiritual, e, tragicamente, em alguns poucos, o dano é múltiplo, tanto um como o outro.

Só podemos orar para que a Igreja cristã finalmente reconheça os proponentes da Fé como o que de fato são: falsos mestres que estão desviando seus seguidores da verdadeira fé para o reino das seitas.

Apêndice A

Os “Ungidos de Deus” estão acima da Crítica?

No Sermão da Montanha Jesus Cristo exorta seus seguidores a não julgar com parcialidade ou hipocrisia, mas isso não isenta qualquer profecia de crítica ou julgamento perante as Escrituras. Ora, quando julgamos os ensinamentos sectários da Fé, não estamos infringindo nenhum mandamento de Cristo, apesar daqueles que se autodenominam “ungidos por Deus” acharem que sim. Seus seguidores inclusive replicam a qualquer espécie de crítica contra eles, mencionando o jargão bíblico: “Não toqueis nos ungidos de Deus” (Cf. Salmos 105.15).

Alguns desses mestres, visando a uma forma de obediência pelo medo, asseveram mesmo que tais atos produzem as piores consequências. Consideremos o que o proeminente mestre da Fé, Kenneth Copeland, afirmou na mensagem “Por Que Não São Todos Curados?”, gravada em fita:

Existem pessoas hoje que fazem de tudo para opor-se em juízo ao ministério pelo qual sou responsável e ao de Kenneth E. Hagin... Vários, dentre os que conheço, têm criticado e chamado esse grupo da

Fé de Tulsa de seita. E desses, alguns estão mortos hoje, num sepulcro prematuro, e outros estão cancerosos.

Como se não bastassem os mestres da Fé, sentimentos idênticos podem ser encontrados em vários grupos envolvidos nalguma forma de governo eclesiástico autoritário (desde ministérios autônomos até um exército de “igrejas periféricas”, grandes e pequenas). Os líderes desses grupos são geralmente tidos por seus seguidores como dotados de dons exclusivos e duma chamada que lhes faculta autoridade incondicional — uma espécie de carta branca celestial. Questionar qualquer de seus ensinamentos ou práticas é como pôr em dúvida o próprio Deus.

Os advogados duma autoridade tão inquestionável supõem que as Escrituras apóiam seus pontos de vista. O texto básico de que se utilizam para “provar” o que dizem é Salmos 105.15: “Não toqueis nos meus ungidos e não maltrateis os meus profetas”. Um exame mais acurado dessa passagem, porém, revela que ela em nenhum sentido proíbe o questionamento dos ensinamentos e práticas desses líderes eclesiásticos.

Em primeiro lugar, é preciso observar que a frase “o ungido do Senhor”, do Antigo Testamento, refere-se tipicamente aos reis de Israel (1 Samuel 12.3,5; 24.6,10; 26.9,11,16,23; 2 Samuel 1.14.15; 19.21; Salmos 20.6; Lamentações 4.20). Nalgumas ocasiões constituía uma menção específica à linha real que descendia de Davi (Salmos 2.2; 18.50; 89.38,51). Nunca foi usada em relação a profetas e mestres poderosos. E apesar da menção aos profetas no contexto imediato do Salmo 105, a referência é sem sombra de dúvida aos *patriarcas* em geral (versículos 8 a 15; Cf. 1 Crônicas 16.15-22). Veja o caso de Abraão, a quem Deus chamou particularmente de profeta (Gênesis 20.7). Portanto, é bíblico e justo questionar a aplicação incondicional dessa passagem a líderes isolados dentro do Corpo de Cristo.

E mesmo que esse texto pudesse ser aplicado hoje a certos líderes eclesiásticos, as palavras “toqueis” e “maltrateis”, pelo contexto, referem-se única e exclusivamente à inflicção de *dano físico* a alguém. Portanto, o Salmo 105.15, como texto isolado, não impede em absoluto ninguém de *questionar* os ensinamentos dos autoproclamados homens ou mulheres de Deus.

Outrossim, ainda que aceitássemos essa errônea interpretação do Salmo 105.15, como saber com absoluta certeza em quem não devemos “tocar” — noutras palavras, quem são os ungidos e os profetas de Deus?

Seriam os mestres da Fé, por se autoproclamarem como tais? Ora, nessa base teríamos de aceitar as reivindicações de Sun Myung Moon, Elizabeth Clare Prophet e de praticamente todos os líderes de seitas como genuínos profetas de Deus. Por que têm a reputação de realizar milagres? Ora, essa credencial a possuirão o anticristo e o falso profeta! (Ap 13.13-15; 2 Ts 2.9).

Não, nada disso! O que distingue os representantes de Deus, acima de tudo, é sua pureza de caráter e doutrina (Tt 1.7-9; 2.7,8; 2 Co 4.2; Cf. 1 Tm 6.3,4). Se um suposto porta-voz de Deus não pode passar no teste bíblico do caráter e da doutrina, nada nos obriga a aceitar suas reivindicações e tampouco ter medo de criticar suas doutrinas antibíblicas.

Finalmente, se qualquer cristão em particular deve ser considerado ungido, então todos os demais cristãos também fazem jus ao título. Pois esse é o *único* sentido em que o termo é usado - excetuando-se Cristo - nas páginas do Novo Testamento: “E vós tendes a unção do Santo e sabeis tudo” (1 Jo 2.20). Por isso mesmo, nada justifica um crente reivindicar para si uma posição *especial* diante de Deus, como um “ungido intocável”, acima dos demais. Tendo isso em mente, é significativo que o apóstolo João não tenha usado a expressão “vós tendes a unção do Santo” referindo-se a algum sujeito mais santo ou espiritual que os outros. Antes, o apóstolo se refere a todo crente como capacitado a discernir entre os verdadeiros e falsos mestres (vv 18-24).

Os ensinamentos e as práticas de ninguém, mormente um líder de influência, podem prescindir do exame bíblico. De acordo com a Bíblia, autoridade e responsabilidade andam de mãos dadas (Cf. Lc 12.48). Quanto maior a autoridade exercida por alguém, mais rigorosa a prestação de contas diante de Deus e do seu povo.

Os mestres e líderes da comunidade cristã devem ser extremamente cuidadosos em não enganar ainda o crente mais simples, pois sua chamada traz consigo um julgamento mais rígido (Tg 3.1). *Portanto, deveriam ser gratos* quando cristãos sinceros perdem tempo e esforço para os alertar de qualquer doutrina errada divulgada na sua pregação às massas. E se as críticas se mostrarem infundadas e antibíblicas, os acusados deveriam responder da maneira prescrita pelas Escrituras, que recomenda corrigir com mansidão toda oposição infundada (2 Tm 2.25).

Naturalmente, há um outro lado nessa questão: a crítica, com frequência, pode ser pecaminosa, levando à rebelião e a divisões desnecessárias. Os cristãos deveriam respeitar os líderes dados por Deus (Hb 13.17), pois a eles cabe a tarefa de assistir à igreja em seu crescimento espiritual e em sua compreensão doutrinária (Ef 4.11-16). Ao mesmo tempo, devemos ter consciência de que *falsos mestres hão de surgir no meio do rebanho cristão* (At 20.29; 2 Pe 2.1). Isso torna imperativo para nós testar todas as coisas pelas Escrituras, tal como os judeus de Beréia que foram elogiados por examinar as palavras do apóstolo Paulo, conferindo-as pelas Escrituras (At 17.11).

A Bíblia não é útil somente para a pregação, o ensino e o encorajamento; ela é igualmente valiosa para corrigir e repreender (2 Tm 4.2). Nós, como cristãos, somos responsáveis pela proclamação da inteira vontade de Deus. Devemos por isso advertir uns aos outros sobre os falsos ensinamentos e não nos omitir em desmascarar os criadores de heresias (At 20.26-28; Cf. Ez 33.7-9; 34.1-10).

Precisamos dar ouvidos às reiteradas advertências das Escrituras, para nos resguardarmos dos falsos ensinamentos (Rm 16.17,18; Cf. 1 Tm 1.3,4: 4.16; 2 Tm 1.13,14; Tt 1.9; 2.1), expondo-os diante dos irmãos e das irmãs em Cristo (1 Tm 4.6). Essa atitude, em face do abundante apoio bíblico, não pode de modo algum ser tida como contrária às Escrituras.

Apêndice B

Apologética: A Defesa da Fé

Existem três importantes áreas de questionamento a que todos os crentes deveriam estar preparados para responder, em sua defesa da fé cristã. Essas três áreas possuem, cada uma, seu conjunto próprio de razões que permitem respostas bíblicas e lógicas, satisfazendo ainda o mais exigente cético. Analisemos cada uma dessas áreas:

Primeira Área de Questionamento

Essa primeira área enfrenta a farsa da evolução. Qualquer um que tenha freqüentado os bancos escolares deve ter “enfrentado” o *Pithecanthropus erectus*, o homem de Java. Esse é o homem-macaco que você deve se lembrar pelo olhar vago em sua direção, das páginas dos livros de ciência. Você sabe — aquele com olhos de filósofo. Seu olhar levemente perplexo e preocupado estava designado para dar a ilusão de inteligência em formação. A verdade, entretanto, é que o *Pithecanthropus* é pouco mais que o resultado da imaginação dum artista. Mas sobre isso falaremos mais adiante. Acompanhemos o desenrolar do tema.

Fósseis

Ao enfocarmos a questão da criação/evolução, a primeira coisa que você deveria saber é que o registro dos fósseis serve de embaraço para os evolucionistas. Darwin disse que o registro dos fósseis haveria de lhe dar razão e, no entanto, mais de 100 anos após sua morte não há qualquer

evidência de transições duma espécie para outra (macroevolução). Como disse o evolucionista da Harvard, Stephen Jay Gould, o registro dos fósseis é um “embaraço” por causa da “extrema raridade das formas transicionais no registro dos fósseis, que persiste como o segredo da paleontologia”.¹

Homem-macaco

Em seguida, você deveria saber que abundam as fraudes com homens-macacos. Não somente o *Pithecanthropus erectus* foi um equívoco grosseiro (desde então tem sido provado que o animal era apenas um símio), mas também outro tanto aconteceu nos casos de homens-macacos como o de Piltdown e o de Pequim. Um único dente era toda a base para o homem de Nebraska, encontrado em 1922 por Harold Cook, numa fazenda do Estado de Nebraska. Com um pouco de criatividade, imaginou-se que o dente pertencia a um crânio humano (mais tarde ficou provado pertencer a um porco raro), o crânio foi imaginado como pertencente a um esqueleto, e o esqueleto foi traçado até à perfeição com carne e fisionomia. Pelo tempo em que ele chegou aos jornais londrinos, o homem de Nebraska estava sendo pintado juntamente com uma mãe de Nebraska. Imagine só isso: duas pessoas saídas dum único dente.

No tempo do julgamento do famoso macaco Scopes, em 1925, o homem de Nebraska estava sendo apresentado para provar que a evolução era um fato. Mas dizer que o homem evoluiu a partir de macacos, porque ambos têm ossos, é tão ridículo quanto pensar que uma ave e um avião estão biologicamente perto um do outro porque ambos têm asas. O abismo entre o mais esperto dos símios e o mais tolo dos homens simplesmente não pode ser ultrapassado.

Acaso

A idéia de que a complexidade do nosso universo 'veio a ocorrer por puro acaso é uma impossibilidade estatística. Até mesmo a formação ocasional de algo tão básico como uma molécula de proteína seria um feito inimaginável. Mas a despeito das evidências, muitas pessoas parecem convencidas que, dado tempo suficiente, até mesmo eventos improváveis podem tornar-se prováveis. Esse argumento, entretanto, só parece razoável quando se desconsidera a questão da especificidade, que passamos a elucidar com a ilustração de “um milhão de macacos”.²

Se um milhão de macacos fossem postos para datilografar continuamente num milhão de máquinas de escrever, vamos supor que um deles pudesse eventualmente compor uma peça de Shakespeare. Agora, suponhamos que um milhão de macacos digitassem 24 horas por dia, a uma taxa de 100 palavras por minuto em máquinas de escrever com 40 teclas. Supondo que cada palavra da peça shakespeariana fosse formada de quatro letras, quanto tempo seria necessário para obter as primeiras quatro palavras? Cerca de 800 bilhões de anos! Ora, imagine então a quantidade de tempo requerida para produzir-se a primeira cena inteira, apenas ela... Ninguém pode imaginar!

Entropia

A segunda lei da termodinâmica é contra a teoria da evolução. A evolução postula que tudo vai do acaso para a complexidade e do caos para a ordem. Mas a entropia demonstra que tudo está indo exatamente na direção contrária — na direção do acaso e da desordem.³ Também se deve notar que a evolução nada mais é que uma teoria ainda não provada, ao passo que a entropia é uma lei científica bem documentada. A entropia servirá para lembrar-lhe de muitas outras leis científicas que têm sido citadas para refutar a teoria da evolução. Entre essas outras leis estão a da conservação e a de causa e efeito.

Embora muita outra coisa pudesse ser dita, acredito que esta breve visão motivará você a preparar-se mais para defender sua fé, quanto a origens. Lembre-se: Se Adão não comesse o fruto proibido, caindo na prática habitual do pecado, que termina na morte, que necessidade haveria da redenção? O que isso significa é que, se você não pode defender sua fé baseado na narrativa do Gênesis sobre a criação, o resto da Bíblia torna-se irrelevante.

Segunda Área

A ressurreição de Jesus Cristo é o maior feito dos anais da história. Através de sua ressurreição, Jesus demonstrou que não é mais um fundador de religião, como Buda, Maomé ou outro qualquer. Eles morreram e continuam mortos, mas Cristo está vivo novamente.

Conforme alguém disse, a ressurreição é a arquitrave do cristianismo; se for removida, tudo o mais ruirá. Essa é a doutrina singular que eleva o

cristianismo acima de todas as demais religiões pagãs. No dizer de Paulo, “se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados... Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (1 Coríntios 15.17,19). E precisamente por causa da importância estratégica da ressurreição que cada crente precisa estar preparado para defender sua historicidade. Vejamos estes pontos:

Fato

A ressurreição de Jesus Cristo é um *fato histórico* inegável. E isso não é uma opinião qualquer, mas o ponto de vista do Dr. Simon Greenleaf, a maior autoridade sobre evidência legal do século XIX. De fato, ele foi o famoso Professor Real de Lei, em Harvard, e diretamente responsável pela elevação daquela escola ao seu lugar de eminência entre as escolas norte-americanas de direito. Após ter sido induzido por seus estudantes a examinar as evidências da ressurreição, Greenleaf sugeriu que qualquer exame cruzado dos testemunhos registrados nas Escrituras resultariam em uma “indubitável convicção sobre sua integridade, habilidade e verdade”. O Dr. Greenleaf não apenas se tomou um cristão, mas em 1846 escreveu uma defesa da ressurreição de Cristo, intitulada: *An Examination of the Testimony of the Four Evangelists by the Rules of Evidence Administered in the Court of Justice* (*Um Exame do Testemunho de Quatro Evangelistas pelas Regras de Evidência Aplicáveis na Corte de Justiça*).

Túmulo Vazio

O primeiro fato importante em apoio à ressurreição de Cristo é o túmulo vazio. Os próprios inimigos de Cristo admitiram que seu túmulo estava vazio. O registro sagrado mostra que eles tentaram inclusive subornar os guardas para que alegassem ter sido furtado o corpo de Cristo (Mt 28.11-15). Se os líderes judeus tivessem furtado o corpo, eles poderiam tê-lo exibido, posteriormente, para provar que Jesus não ressuscitara. Embora muitas teorias falhas tenham sido apresentadas paulatinamente no decurso dos anos, o fato é que o túmulo vazio de Jesus Cristo nunca foi refutado.

Aparições

O segundo maior fato que apóia a ressurreição de Cristo são suas aparições, após a ressurreição. De certa feita, ele apareceu a cerca de 500 irmãos duma só vez (1 Co 15.6). Também apareceu a muitas outras pessoas,

provendo “muitas provas convincentes” de sua ressurreição (At 1.3). Cristo foi tocado duas vezes em seu corpo ressurreto (Mt 28.9 e Jo 20.17) e desafiou seus discípulos (Lc 24.39), entre eles Tomé (Jo 20.27), a verificar a autenticidade de suas cicatrizes.

Transformação

A grande terceira apologia em favor da ressurreição de Cristo é a radical transformação que teve lugar nas vidas dos seus discípulos. Antes da ressurreição, facilmente eles poderiam ser tomados como covardes. Mas, depois, foram transformados em leões da fé. A despeito da intensa perseguição e até das mortes cruéis, não se omitiram em testificar sobre a verdade da ressurreição.

Apesar de ser concebível que alguém possa morrer por aquilo que toma por verdade, é inconcebível que tantos quisessem morrer por aquilo que sabiam ser falso (caso eles tivessem furtado o corpo para forjar uma ressurreição). Greenleaf assim o coloca: “Se fosse moralmente possível para eles ser enganados quanto a essa questão, todo motivo humano operou para levá-los a descobrir e evitar seu erro... Se o testemunho deles não fosse veraz, não haveria motivo possível para uma tal invencionice”.⁴

Não somente a ressurreição de Cristo transformou os discípulos de covardes em bastiões da fé, mas ela continua a transformar vidas na atualidade. Como Cristo vive, dizem as Escrituras, nós também viveremos. Num instante, num piscar de olhos, nossos corpos serão transformados em corpo ressurretos, como o foi o de Cristo. De fato, as evidências em favor da ressurreição de Cristo são tão esmagadoras que ninguém pode examiná-las honestamente e não se convencer de sua veracidade.

Terceira Área

Finalmente, para defendermos a nossa fé devemos estar preparados para demonstrar que a Bíblia tem origem divina, e não meramente humana. Se pudermos realizar isso com sucesso, poderemos responder a uma hoste de outras objeções simplesmente apelando para as Escrituras. Vejamos alguns pontos acerca dessa questão.

Manuscritos

Visto não possuímos os manuscritos bíblicos originais, a questão que se impõe é: “Quão confiáveis são as cópias disponíveis?” A resposta é que a Bíblia tem um apoio muito mais sólido em manuscritos do que qualquer obra da literatura clássica, incluindo Homero, Platão, Aristóteles, César e Tácito. O caráter fidedigno das Escrituras também se confirma pelas credenciais do testemunho ocular de seus autores. Moisés, por exemplo, participou e foi testemunha ocular dos eventos notáveis do cativeiro egípcio, do Êxodo, dos 40 anos no deserto e do acampamento derradeiro de Israel, antes de entrar na Terra Prometida. Todos esses eventos são acurada e exhaustivamente narrados no Antigo Testamento.

O Novo Testamento tem o mesmo tipo de autenticidade quanto ao testemunho ocular. Lucas diz que reuniu o depoimento das testemunhas oculares “depois de acurada investigação” (Lc 1.1-3). Pedro lembrou a seus leitores que os discípulos não seguiram “fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade” (2 Pe 1.16).

Historiadores seculares confirmam os muitos eventos, pessoas, lugares e costumes narrados no Novo Testamento. Os historiadores seculares como Josefo (antes de 100 d.C.), o romano Tácito (120 d.C.), o romano Suetônio (110 d.C.), e o governador romano Plínio, o Jovem (110 d.C.) todos confirmam referências históricas neotestamentárias. Líderes eclesiásticos antigos como Irineu, Tertuliano, Júlio Africano e Clemente de Roma — cujos escritos são anteriores ao ano 250 d.C. — também confirmam a exatidão histórica do Novo Testamento. Até os historiadores céticos concordam que o Novo Testamento é um notável documento histórico.

Arqueologia

Por muitas e muitas vezes, a obra de campo abrangente (arqueologia) e uma cuidadosa interpretação bíblica afirmam o caráter fidedigno da Bíblia. É impressionante ver um erudito secular ter de revisar sua crítica bíblica sempre que surgem sólidas e novas evidências arqueológicas.

Durante anos, os críticos eliminavam o livro de Daniel, em parte porque não havia evidência histórica dum rei chamado Belsazar que tivesse governado a Babilônia naquele período. Pesquisas arqueológicas posteriores, entretanto, confirmaram que o monarca reinante, Nabonido, nomeou

Belsazar como seu co-regente, enquanto fazia guerra em regiões distantes da Babilônia.

Um dos mais bem conhecidos exemplos do Novo Testamento refere-se aos livros de Lucas e Atos. Um cético bíblico, Sir William Ramsay, tinha sido treinado como um arqueólogo e então atirou-se à tarefa de desprover de sua fidelidade histórica essa porção do Novo Testamento. Mas depois de suas metódicas viagens arqueológicas ao mundo mediterrâneo, acabou se convertendo à fé cristã quando uma após outra das alusões históricas de Lucas mostraram-se exatas. De fato, a cada virada da pá dos arqueólogos, mais evidências surgem do caráter fidedigno das Escrituras.

Profecia

A Bíblia registra predições de eventos que não poderiam ser conhecidos ou preditos ao acaso ou por deduções lógicas. Surpreendentemente, a natureza profética de muitas passagens bíblicas já foi um argumento popular (pelos críticos liberais) contra o caráter fidedigno da Bíblia. Os críticos argumentavam que várias passagens foram escritas depois do período comumente aceito, pois falavam de eventos que só aconteceram centenas de anos mais tarde. Assim, concluíam que os editores literários haviam, conforme os eventos se sucediam, revisado e adaptado os textos originais para que, não o sendo, parecessem proféticos.

Mas isso simplesmente está errado. A pesquisa cuidadosa confirma a natureza e exatidão profética da Bíblia. Para exemplificar, o livro de Daniel (escrito antes de 530 a.C.) prediz exatamente a progressão de reinos, a partir da Babilônia, passando pelo império medo-persa, o grego e finalmente o romano. Prevê a perseguição e sofrimento dos judeus, sob Antíoco Epifânio, com a contaminação do templo de Jerusalém, sua morte prematura e a liberdade dos judeus sob Judas Macabeu (165 a.C.).

As profecias veterotestamentárias sobre a cidade fenícia de Tiro foram cumpridas nos tempos antigos, incluindo profecias de que a cidade receberia a oposição de muitas nações (Ez 26.3), que suas muralhas seriam derrubadas e suas torres tombadas (26.4), e ainda que suas pedras, madeiramento e entulho seriam lançados no mar (26.12). Profecias similares foram cumpridas a respeito de Sidom (Ez 28.23; Is 23; Jr 27.3-6; 47.4) e Babilônia (Jr 50.13,39; 51.26,42,43,58; Is 13.20,21).

Visto que a pessoa de Cristo é o tema culminante do Antigo Testamento e a Palavra Viva do Novo Testamento, não nos deveria surpreender que as profecias a respeito dele sejam muito mais numerosas que as demais. Muitas dessas profecias teriam sido impossíveis de se cumprir por uma conspiração deliberada de Jesus - como o fato dele ser descendente de Abraão, Isaque e Jacó (Gn 12.3; 17.19); seu nascimento em Belém da Judéia (Mq 5.2); sua crucificação juntamente com dois criminosos (Is 53.12); o fato de suas mãos e pés serem atravessados por cravos, na cruz (SI 22.16); os soldados lançarem sortes para ver quem ficava com sua túnica (SI 22.18); seu lado ser traspassado; nenhum de seus ossos ter sido quebrado por ocasião de sua morte (Zc 12.10; SI 34.20), e seu sepultamento dar-se entre os ricos (Is 53.9). Jesus também predisse sua própria morte e ressurreição (Jo 2.19-22). A profecia, enquanto predição antecipada dos fatos, é um princípio que prova a natureza fidedigna da Bíblia, capaz de sensibilizar até o cético mais empedernido!

Estatística

E estatisticamente absurdo que uma ou mais profecias bíblicas, específicas e detalhadas como são, fossem cumpridas por puro acaso, adivinhação ou logro deliberado. Quando examinamos algumas das profecias do Antigo e do Novo Testamentos, parece incrível que os céticos — conhecendo a autenticidade e a historicidade dos textos — tenham sido capazes de rejeitar o veredito estatístico: A Bíblia é a Palavra de Deus, e Jesus é o Messias divino, tal e qual as Escrituras predisseram por muitas vezes e de modo variado.

A Bíblia foi escrita num período de 1.600 anos, por 40 autores, em três idiomas (hebraico, aramaico e grego), versando sobre centenas de assuntos. Não obstante, há um tema constante e coerente, à parte de contradições, em todas as suas páginas: a redenção da humanidade por Deus. Como é claro, a probabilidade estatística acerca da profecia bíblica é um poderoso indicador do caráter fidedigno das Escrituras.

Na próxima vez em que alguém negar o caráter fidedigno das Escrituras, lembre-se apenas dessa terceira área de questionamento, com suas razões e argumentos, e você estará equipado para dar uma resposta convincente a quem perguntar a razão da esperança que há em você. Manuscritos, Arqueologia, Profecia e Estatística não somente traçam um

curso seguro através das barreiras do ceticismo, mas também demonstram, conclusivamente, que a Bíblia é realmente divina em sua origem e não meramente humana.

Apêndice C

Os Três Credos Universais

O Credo dos Apóstolos

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador dos céus e da Terra. E em Jesus Cristo, seu Filho unigênito; que foi concebido pelo Espírito Santo e nasceu da virgem Maria; sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao inferno; ao terceiro dia ressuscitou dentre os mortos; subiu ao céu e está sentado à direita de Deus Pai, o Todo-poderoso; donde virá para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo; na santa Igreja Católica, na comunhão dos santos; no perdão dos pecados; na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém.

O Credo Niceno

Creio num só Deus, o Pai Todo-poderoso, Criador dos céus e da Terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis.

E no Senhor Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os mundos, Deus de Deus, Luz de Luz, vero Deus do vero Deus, gerado, e não criado, sendo da mesma substância com o Pai; por meio de quem todas as coisas foram feitas; o qual por nós, homens, e pela nossa salvação, desceu do céu e foi encarnado pelo Espírito Santo da virgem Maria, e foi feito homem, e foi crucificado por nós sob Pôncio Pilatos; e sofreu e foi sepultado; e ao terceiro dia ressuscitou de acordo com as Escrituras; e subiu

ao céu e está sentado à mão direita do Pai; e virá novamente em glória, a fim de julgar os vivos e os mortos; cujo reino não terá fim.

E creio no Espírito Santo, o Senhor e Doador da vida, que procede do Pai e do Filho; o qual, juntamente com o Pai e com o Filho é adorado e glorificado; e que falou por meio dos profetas.

E creio na una e santa Igreja Católica e Apostólica.

E reconheço um só batismo para a remissão dos pecados; e estou esperando a ressurreição dos mortos, e a vida no mundo vindouro. Amém.

O Credo de Atanásio, Escrito Contra os Arianos

Quem quiser ser salvo, antes de todas as coisas é necessário que se apegue à fé católica.

Fé essa que cada um, se não a guardar íntegra e incontaminada, sem dúvida perecerá eternamente.

[Concordia Triglotta]

E a fé católica é esta, que adoremos um Deus na Trindade, e a Trindade na unidade;

Não confundindo as Pessoas, nem dividindo a Substância.

Pois existe uma única Pessoa do Pai, outra do Filho e outra do Espírito Santo.

Mas a deidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é toda uma só: a glória é igual e a majestade é co-eterna.

Tal como é o Pai, tal é o Filho e tal é o Espírito Santo.

O Pai não foi criado, o Filho não foi criado, e o Espírito Santo não foi criado.

O Pai é incompreensível, o Filho é incompreensível, e o Espírito Santo é incompreensível.

O Pai é eterno, o Filho é eterno e o Espírito Santo é eterno.

E, no entanto, não são três eternos, mas há apenas um Eterno.

E não há três que não foram criados e que são incompreensíveis, mas um só não foi criado e é incompreensível.

Assim também o Pai é Todo-poderoso, o Filho é Todo-poderoso e o Espírito Santo é Todo-poderoso.

E, no entanto, não são três Todos-Poderosos, mas um só é o Todo-poderoso.

Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus.

E, no entanto, não são três deuses, mas um só Deus.

Igualmente o Pai é Senhor, o Filho é Senhor e o Espírito Santo é Senhor.

E, no entanto, não são três senhores, mas um só Senhor.

Pois da mesma forma que somos compelidos pela verdade cristã a reconhecer cada Pessoa, por si mesma, como Deus e Senhor.

Assim também somos proibidos pela religião católica de dizer: Existem três deuses ou três senhores.

O Pai não foi feito de ninguém; nem criado e nem gerado.

O Filho vem somente do Pai: não feito e nem criado, mas gerado.

O Espírito Santo vem do Pai e do Filho: não feito e nem criado, e nem gerado, mas procedente.

Assim há um só Pai, e não três Pais; há um só Filho, e não três Filhos; há um só Espírito Santo, e não três Espíritos Santos.

E nessa Trindade nenhum é antes ou depois do outro; ninguém é maior ou menor que o outro.

Mas todas as três Pessoas são juntamente co-eternas e co-iguais; de tal modo que, em todas as coisas, foi dito, a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade deve ser adorada.

Aquele, pois, que quiser ser salvo, deve pensar assim sobre a Trindade.

Outrossim, é necessário para a eterna salvação que creia também, fielmente, na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo.

Pois a verdadeira fé é que creiamos e confessemos que nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, é Deus e Homem.

[Concordia Triglotta]

Deus da Substância do Pai, gerado antes dos mundos; e o Homem da substância de sua mãe, nascido no mundo;

Perfeito Deus e perfeito Homem, duma alma razoável e subsistindo em carne humana.

Igual ao Pai no tocante à sua Deidade, e inferior ao Pai no tocante à sua humanidade;

O qual, embora seja Deus e Homem, contudo não é dois, mas um só Cristo.

Um, não mediante a conversão da Deidade em carne, mas por ter tomado a humanidade em Deus;

Um, juntamente; não por confusão de Substância, mas por unidade da Pessoa.

Pois tal como a alma razoável e a carne formam um só homem, assim Deus e o Homem é um só Cristo;

O qual sofreu pela nossa salvação; desceu ao inferno, ressuscitou ao terceiro dia dentre os mortos;

E ascendeu ao céu; está sentado à mão direita do Pai, Deus Todo-poderoso; donde virá para julgar os vivos e os mortos.

Por ocasião de cuja vinda todos os homens ressuscitarão em seus corpos, e prestarão contas de suas próprias obras.

E aqueles que tiverem feito o bem irão para a vida eterna; e os que tiveram feito o mal para as chamas eternas.

Essa é a fé católica; a qual, exceto um homem creia nela fiel e firmemente, não poderá ser salvo.

Notas Bibliográficas

Antes de Começar

1. Adaptação duma ilustração provida por Stephen Covey, *The 7 Habits of Highly Effective People* (Nova Iorque: Simon & Churster, 1990), 30-1. Embora eu discorde dos conceitos apresentados por Covey, trata-se duma boa leitura para aqueles que estão aptos a discernir o trigo do joio.

Parte I - Transformando a Verdade em Mitologia

1. Kenneth Copeland: "O céu tem um norte, um sul, um leste e um oeste. Conseqüentemente, deve ser um planeta" (*Spirit, Soul and Body I*) [Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985] fita de áudio #010601, lado 1).
2. Kenneth Copeland: Veja o capítulo 10.
3. Charles Capps: "Deus encheu suas palavras de fé para fazer as coisas por ele ordenadas. Havia dentro dele uma imagem. Ele a expressou em palavras" (*The Substance of Things* [Tulsa, OK: Harrison House, 1990], 19).
4. Kenneth Copeland: "A fé é uma força dotada de poder. E uma força tangível. É uma força condutiva" (*The Force of Faith* [Fort Worth, TX: KCP Publications, 1989], 10).
5. Charles Capps: "A fé é a substância, a matéria bruta... A fé é a substância que Deus usou para criar o universo, e ele transportou essa fé em suas palavras... A fé é a substância das coisas, mas você não pode ver essa fé. A fé é uma força espiritual!" (*Changing the Seen & Shaping the Unseen* [Tulsa, OK: Harrison House, 1980], 14-5).

6. Jerry Savelle: Veja o capítulo 5.
7. Kenneth Copeland: “Você não acha que a Terra veio primeiro, acha? Humm? Bem, se Deus fez o homem conforme à sua imagem, segundo que imagem foi feita a Terra? Não existe nada de novo debaixo do sol. Está me ouvindo? Tudo o que existe é uma cópia. É a cópia dum lar. [A Terra] é uma cópia do Planeta Mãe. Deus, no seu lugar de habitação, fez um pequeno mundo, tal como o seu, e nos colocou nele” (“Following the Faith of Abraham I” [Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1989], fita de áudio #01-3001, lado 1).
8. Charles Capps: “Ele formou o mundo com suas palavras. Não se pode construir sem nenhuma substância. Ele tomou palavras — palavras cheias de fé foram a substância usada por Deus. Eis, essencialmente, o que Deus fez. Deus encheu suas palavras com fé. Na condição de receptáculos. suas palavras foram usadas a fim de transportar sua fé para dentro das densas trevas, quando disse: 'Haja luz!' Foi dessa forma que Deus transportou sua fé, obtendo a criação e a transformação” (Dynamics of Faith & Confession [Tulsa. OK: Harrison House. 1987], 28-9, ênfase no original).
9. Charles Capps: “Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança. A palavra semelhança, no original hebraico, significa 'exata duplicação duma espécie'... Adão era uma duplicação exata da espécie de Deus” (Authority in Three Worlds [Tulsa. OK: Harrison House, 1982], 15-6. ênfase no original).
10. Paul Crouch, falando a Kenneth Copeland, afirmou: “Disseram - mas não sei quem — que vocês, mestres da Fé, declaram que somos deuses. Você é um deus. Eu sou um deus. Deus com ‘d’ minúsculo, agora, mas ainda assim os deuses deste mundo... Bem, você é um deus com ‘d’ minúsculo?” Diante disso, Jan Crouch tomou a palavra e, referindo-se a Copeland, exclamou entusiasmada: “Ele vai dizer que 'sim' e é isso que eu gosto” (Programa “Praise the Lord” pela TBN - 5 de fevereiro de 1986).
11. Paul Crouch: “Ele [Deus] não faz nenhuma distinção entre si mesmo e nós... Você sabe a que isso se aplica, esta noite? Ao clamor e controvérsia que tem sido semeado pelo diabo, para tentar trazer

dissensão ao seio do corpo de Cristo, de que somos deuses. Eu sou um pequeno deus!... Eu tenho o nome dele. Eu sou um com ele. Há um pacto que rege nossas relações. Eu sou um pequeno deus! Críticos, vão-se embora!” (Programa “Praise the Lord” pela TBN - 7 de julho de 1986).

12. Kenneth Copeland: “Deus falou e trouxe Adão à existência, em autoridade, com palavras (Gn 1.26,28). Essas palavras deram forma à face e ao corpo de Adão. Tanto o corpo de Adão como o de Deus tinham o mesmo tamanho” (Holy Bible: Kenneth Copeland Reference Edition [Forth Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1991], 45. ênfase no original).
13. Kenneth Copeland: “A razão de Deus para criar Adão foi seu desejo de reproduzir-se. Quero dizer, uma reprodução de si mesmo. E no jardim do Éden ele fez exatamente isso. Ele [Adão] não era apenas um pouco parecido com Deus. Ele não era quase como Deus. Nem ao menos estava subordinado a Deus... Adão era tão igual a Deus como você pode vir a ser, tanto quanto Jesus... Adão, no jardim do Éden, era Deus manifestado na carne” (“Following the Faith of Abraham I”. lado 1).
14. Kenneth E. Hagin: “Originalmente, Deus fez a Terra e toda a sua plenitude, entregando a Adão domínio sobre todas as obras de suas mãos. Noutras palavras, Adão era o deus deste mundo” (The Believer’s Authority, 2a edição [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1991], 19).
15. Frederick K. C. Price: “Deus não pode fazer coisa alguma nesta dimensão terrena exceto se nós, o corpo de Cristo, lhe dermos permissão. Ora, esta declaração é tão, mas tão estranha, e tão contrária à tradição que, conforme eu disse, a maioria dos evangélicos, se colocassem a mão em mim, me queimariam numa fogueira, me trucidariam e eu seria dado como alimento aos crocodilos, porque todos eles considerarão que esta declaração é uma heresia” (“Ever Increasing Faith”, programa pela TBN [1º de maio de 1992], fita de áudio #PR11). Cf. o capítulo 6.
16. Benny Hinn: “Adão era um superser quando Deus o criou. Não sei se as pessoas sabem disso, mas ele foi o primeiro super-homem que

realmente viveu. Antes de tudo, as Escrituras declaram objetivamente que ele tinha domínio sobre os peixes do mar e as aves do céu - o que significa dizer que ele costumava voar. Ora, como poderia ter domínio sobre os pássaros se não pudesse fazer o que eles fazem? A palavra 'domínio', no hebraico, afirma claramente que se você tem domínio sobre um objeto, você fará tudo quanto esse objeto faz. Noutras palavras, se esse sujeito ou objeto fizer algo que você não pode fazer, você não terá domínio sobre ele. E levo isso ainda mais longe. Adão não somente voava, mas voava pelo espaço sideral. Ele, com um pensamento, estava na lua" (Programa "Praise the Lord" pela TBN - 26 de dezembro de 1991).

17. Kenneth Copeland: "Adão foi feito à imagem de Deus. Ele era tanto fêmea como macho. Era exatamente como Deus. Então Deus separou-o e removeu dele a parte feminina. Mulher significa "homem com útero". Eva tinha tanta autoridade quanto Adão, enquanto permaneciam juntos" (Sensitivity of Heart [Forth Worth, TX: KCP Publications,

1984], 23). '

18. Kenneth Copeland: "Ele [Lucifer ou Satanás] tentou usar o poder das palavras contra Deus... Nesse ponto, as palavras de um e outro entraram em choque, e a Palavra de Deus - procedente dum Espírito livre e cheio de autoridade - reinou vitoriosa sobre a palavra dum poder angelical" (The Power of the Tongue [Fort Worth TX: KCP Publications, 1980], 6-7).

19. Kenneth E. Hagin: "Adão cometeu alta traição ao vender [a Terra] para Satanás que, desse modo, tornou-se o deus deste mundo. Adão não tinha o direito moral de cometer traição, mas tinha o direito legal de fazê-lo" (The Believer's Authority, 19).

20. Kenneth E. Hagin: "Deus veio na viração do dia, no jardim do Éden, para ter comunhão e companheirismo com ele [Adão], tal como acontecera no passado. Mas não pôde achá-lo. Então o chamou: 'Adão, onde estás?' E ele disse: 'Eu me escondi'. Por quê? Por causa do pecado. Porque, em primeiro lugar, o pecado separa o homem de Deus. E, depois, quando deu ouvido ao diabo e pecou. [Adão] tomou

sobre si a própria natureza diabólica” (How Jesus Obtained His Name [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, s/d], fita de áudio #4H01. lado 2).

21. E. W. Kenyon: “O homem [isto é, Adão] realmente nasceu de novo ao se tornar pecador. Noutras palavras, ele nasceu do diabo. tornando-se participante da natureza satânica” (The Father and His Family, 17ª edição [Lynnwood. WA: Kenyon Gospel Publishing Society. 1964], 48).
22. Benny Hinn: “Ele [o Espírito Santo] diz: 'O plano original de Deus era que a mulher desse à luz filhos por seu lado'... Adão deu nascimento à sua esposa pelo lado dele. Foi o pecado que fez as coisas se distorcerem... E foi o pecado que transformou a carne e o corpo dela. Quando Deus tomou a mulher do homem, ele fechou a costela dele. Mas ela foi criada de modo idêntico ao dele. Noutras palavras, ela foi criada com uma abertura lateral, por onde, supostamente, teria filhos. E extraio isso do próprio fato que você nunca verá nascimento espiritual a não ser pelo lado” (“Our Position In Christ #5 - An Heir of God” [Orlando, FL: Orlando Christian Center, 1990], fita de áudio #A031190 — 5, lado 2).
23. E. W. Kenyon: “Adão, como é evidente, tinha o direito legal de transferir seu domínio e autoridade para as mãos do inimigo. Deus fora obrigado, durante o longo período da história humana, a reconhecer a posição legal de Satanás, bem como seu direito e autoridade legais, e sobre essa base, e somente sobre essa, podemos entender o aspecto legal do Plano de Redenção... Adão transferira legalmente para ele [Satanás] a autoridade com a qual Deus o investira” (The Father and His Family, 38-9).
24. Kenneth Copeland: “Deus não tinha nenhuma avenida de fé duradoura para mover-se na Terra. Ele precisava dum acordo com alguém... Noutras palavras, se não fosse convidado, ele não poderia vir... Deus está do lado de fora, olhando para dentro. Para obter qualquer posição na Terra, ele tinha de entrar em acordo com um homem aqui”. (“God’s Covenants With Man II” [Forth Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries. 1985], fita de áudio #01-4404, lado 1).

25. Kenneth Copeland: "Fiquei chocado ao descobrir, na Bíblia, quem realmente é o maior fracasso de todos os tempos... O maior deles é Deus... quero dizer que ele perdeu seu anjo de maior valia, o mais ungido [Lúcifer]: o primeiro homem que criou [Adão]: a primeira mulher [Eva]; a Terra e toda a sua plenitude, e uma terça parte dos anjos, pelo menos — e isso é uma grande perda, meu caro... Ora, a razão pela qual você não consegue ver Deus como um fracassado é que ele nunca confessa isso. E você não é um fracasso enquanto não o confessa" ("Praise-a-Thon", programa pela TBN - abril de 1988).

26. Frederick K. C. Price: "Adão, conforme eu disse, deu a Terra à serpente, ao diabo. Como resultado, viu-se chutado para fora do jardim. Ele saiu do Éden, foi expulso de lá, e começou a perambular. Passou por toda sorte de tribulação daquele dia em diante, pois Deus estava fora do negócio. Deus estava fora do reino da Terra e não havia mais nada que pudesse fazer. Nada mais. Nada que lhe fosse possível engendrar. Nenhuma coisa que pudesse realizar... A única maneira pela qual Deus podia retornar era mediante um convite. Há-há! Ele precisava ser convidado. E, assim, olhando ao redor. Deus viu homens diferentes, viu Noé e inúmeros outros. Deu-lhes algumas poucas instruções. Eles fizeram o que dissera. Assim e assim, assim e assim. Até que finalmente Deus chegou ao ponto de partida do seu plano, quando achou um homem chamado Abraão" ("Ever Increasing Faith", programa pela TBN [10 de maio de 1992]. fita de áudio #PR1 1).

27. Kenneth Copeland: Veja o capítulo 19.

28. E. W. Kenyon: "Assim que [as partes, ou seja, Deus e Abraão] firmaram o pacto, foram reconhecidos como irmãos de sangue pelos outros, sendo mesmo chamados de irmãos consangüíneos... Deus e Abraão haviam feito um pacto... Deus firmara uma aliança com Abraão" (The Blood Covenant [Lynnwood, WA: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1969], 14. 16).

29. Charles Capps: "Nisso [o pacto abraâmico]. Deus estava estabelecendo uma forma de acesso legal à Terra, por meio de Abraão... Até então Deus estava, até certo ponto, ainda do lado de fora, olhando para dentro. Ele precisava ter um acesso legal por meio

do homem, a fim de que pudesse destruir as obras do diabo, as quais tinham tomado conta da Terra... Abraão, pois, foi o canal de acesso à Terra” (Authority in Three Worlds, 60-1).

30. Kenneth Copeland: "Uma vez firmado o pacto [abraâmico], Deus começou a liberar sua Palavra na Terra. Ele começou a pintar o quadro dum Redentor, um homem que seria a manifestação de sua Palavra na Terra" (The Power of the Tongue, 9).
31. Kenneth Copeland: “Assim, antes de Jesus vir à Terra. Deus pronunciou sua Palavra e reiteradamente a repetiu. Quantas e quantas vezes não disse que viria o Messias? Isso [a vinda do Messias] fora profetizado durante centenas e até milhares de anos antes. Ele continuou dizendo: 'Ele está vindo. Ele está vindo'. As circunstâncias na Terra pareciam dizer que não havia jeito de Deus realizar sua promessa; mas ele insistiu falando [confissão positiva]. Ele não se deixaria demover pelo que via... Deus não desistiria" (Ibidem: 9.10).
32. Kenneth Copeland: “Os anjos falaram-lhe [a Maria] as palavras do pacto. Ela as ponderou em seu coração e elas se tornaram a semente. Quando o Espírito de Deus veio sobre ela, aquela semente, que era a Palavra sobre a qual o anjo lhe falara, foi finalmente gerada. E foi concebido dentro dela, diz a Bíblia, algo santo. A Palavra tornou-se literalmente, carne” (“The Abrahamic Covenant” [Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985], fita de áudio #01-4405, lado 2).
33. Benny Hinn: “A Bíblia diz que os profetas falaram a Palavra, não sabendo o que estavam dizendo. Mas depois de quatro mil anos a Palavra se tornou um ser humano, que andava, falava e se movia. A Palavra falada tornou-se um ser humano. A Palavra falada tornou-se carne. A Palavra falada adquiriu pernas, braços, olhos, cabelos, um corpo. E ele não estava mais dizendo: ‘Assim diz o Senhor’. Mas estava dizendo: ‘Eu vos digo’. A Palavra que saíra dos lábios dos profetas agora estava caminhando à beira-mar, na Galiléia” (Programa “Benny Hinn” pela TBN [15 de dezembro de 1990 — ênfase no original]. Essa mensagem, intitulada “The Person of Jesus” [entregue durante o culto dominical matutino no Centro Cristão de Orlando, a 2 de dezembro de 1991], compõe a parte IV duma série

de seis sobre “The Revelation of Jesus” [Orlando Christian Center, 1991]. fita de vídeo #TV-292).

34. John Avanzini: “Jesus tinha uma ótima casa, uma casa grande - grande o bastante para que houvesse companhia à noite com ele. na casa. Deixem-me mostrar a vocês a casa dele. Abram em João. no primeiro capítulo, e eu lhes mostrarei sua casa... Agora, filho de Deus. só uma casa grande o bastante podia permitir que algumas pessoas ali pernoitassem - esta era a sua casa” (“Believer’s Voice of Victory”, programa pela TBN - 20 de janeiro de 1991).
35. John Avanzini: “Jesus estava manuseando dinheiro grande, porque seu tesoureiro era um ladrão. Ora, não me venham dizer que um ministério que se dá ao luxo de sustentar um tesoureiro ladrão movimente apenas alguns centavos. Era preciso muito dinheiro para operar aquele ministério, a ponto de Judas se deixar subverter” (“Praise the Lord”, programa pela TBN - 15 de setembro de 1988).
36. John Avanzini: “João 19 declara que Jesus usava roupas de corte especial [sem costura]. Bem, de que outra maneira você poderia chamá-las? Roupas da moda... Isso é blasfêmia? Não, é assim que as chamamos hoje em dia. Ora, não foi por acaso que lhe tiraram a roupa. Não era uma peça de tamanho único. Fora feita sob medida. Era o tipo de ele nunca confessa isso. E você não é um fracasso enquanto não o confessa” (“Praise-a-Thon”, programa pela TBN - abril de 1988).
26. Frederick K. C. Price: “Adão, conforme eu disse, deu a Terra à serpente, ao diabo. Como resultado, viu-se chutado para fora do jardim. Ele saiu do Éden, foi expulso de lá. e começou a perambular. Passou por toda sorte de tribulação daquele dia em diante, pois Deus estava fora do negócio. Deus estava fora do reino da Terra e não havia mais nada que pudesse fazer. Nada mais. Nada que lhe fosse possível engendrar. Nenhuma coisa que pudesse realizar... A única maneira pela qual Deus podia retornar era mediante um convite. Há-há! Ele precisava ser convidado. E. assim, olhando ao redor. Deus viu homens diferentes, viu Noé e inúmeros outros. Deu-lhes algumas poucas instruções. Eles fizeram o que dissera. Assim e assim, assim e assim. Até que finalmente Deus chegou ao ponto de partida do seu

plano, quando achou um homem chamado Abraão" ("Ever Increasing Faith", programa pela TBN [10 de maio de 1992], fita de áudio #PR11).

27. Kenneth Copeland: Veja o capítulo 19.
28. E. W. Kenyon: "Assim que [as partes, ou seja, Deus e Abraão] firmaram o pacto, foram reconhecidos como irmãos de sangue pelos outros, sendo mesmo chamados de irmãos consangüíneos... Deus e Abraão haviam feito um pacto... Deus firmara uma aliança com Abraão" (The Blood Covenant [Lynnwood, WA: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1969], 14, 16).
29. Charles Capps: "Nisso [o pacto abraâmico]. Deus estava estabelecendo uma forma de acesso legal à Terra, por meio de Abraão... Até então Deus estava, até certo ponto, ainda do lado de fora, olhando para dentro. Ele precisava ter um acesso legal por meio do homem, a fim de que pudesse destruir as obras do diabo, as quais tinham tomado conta da Terra... Abraão, pois, foi o canal de acesso à Terra" (Authority in Three Worlds. 60-1).
30. Kenneth Copeland: "Uma vez firmado o pacto [abraâmico], Deus começou a liberar sua Palavra na Terra. Ele começou a pintar o quadro dum Redentor, um homem que seria a manifestação de sua Palavra na Terra" (The Power of the Tongue, 9).
31. Kenneth Copeland: "Assim, antes de Jesus vir à Terra, Deus pronunciou sua Palavra e reiteradamente a repetiu. Quantas e quantas vezes não disse que viria o Messias? Isso [a vinda do Messias] fora profetizado durante centenas e até milhares de anos antes. Ele continuou dizendo: 'Ele está vindo. Ele está vindo'. As circunstâncias na Terra pareciam dizer que não havia jeito de Deus realizar sua promessa; mas ele insistiu falando [confissão positiva]. Ele não se deixaria demover pelo que via... Deus não desistiria" (Ibidem-. 9.10).
32. Kenneth Copeland: "Os anjos falaram-lhe [a Maria] as palavras do pacto. Ela as ponderou em seu coração e elas se tornaram a semente. Quando o Espírito de Deus veio sobre ela, aquela semente, que era a Palavra sobre a qual o anjo lhe falara, foi finalmente gerada. E foi concebido dentro dela, diz a Bíblia, algo santo. A Palavra tornou-se,

literalmente, carne” (“The Abrahamic Covenant” [Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985], fita de áudio #01-4405, lado 2).

33. Benny Hinn: “A Bíblia diz que os profetas falaram a Palavra, não sabendo o que estavam dizendo. Mas depois de quatro mil anos a Palavra se tornou um ser humano, que andava, falava e se movia. A Palavra falada tornou-se um ser humano. A Palavra falada tornou-se carne. A Palavra falada adquiriu pernas, braços, olhos, cabelos, um corpo. E ele não estava mais dizendo: ‘Assim diz o Senhor’. Mas estava dizendo: ‘Eu vos digo’. A Palavra que saíra dos lábios dos profetas agora estava caminhando à beira-mar, na Galiléia” (Programa “Benny Hinn” pela TBN [15 de dezembro de 1990 - ênfase no original]. Essa mensagem, intitulada “The Person of Jesus” [entregue durante o culto dominical matutino no Centro Cristão de Orlando, a 2 de dezembro de 1991], compõe a parte IV duma série de seis sobre “The Revelation of Jesus” [Orlando Christian Center. 1991], fita de vídeo #TV-292).
34. John Avanzini: “Jesus tinha uma ótima casa, uma casa grande — grande o bastante para que houvesse companhia à noite com ele. na casa. Deixem-me mostrar a vocês a casa dele. Abram em João, no primeiro capítulo, e eu lhes mostrarei sua casa... Agora, filho de Deus. só uma casa grande o bastante podia permitir que algumas pessoas ali pernoitassem —esta era a sua casa” (“Believer’s Voice of Victory”, programa pela TBN — 20 de janeiro de 1991).
35. John Avanzini: “Jesus estava manuseando dinheiro grande, porque seu tesoureiro era um ladrão. Ora, não me venham dizer que um ministério que se dá ao luxo de sustentar um tesoureiro ladrão movimente apenas alguns centavos. Era preciso muito dinheiro para operar aquele ministério, a ponto de Judas se deixar subverter” (“Praise the Lord”, programa pela TBN - 15 de setembro de 1988).
36. John Avanzini: “João 19 declara que Jesus usava roupas de corte especial [sem costura]. Bem, de que outra maneira você poderia chamá-las? Roupas da moda... Isso é blasfêmia? Não, é assim que as chamamos hoje em dia. Ora, não foi por acaso que lhe tiraram a roupa. Não era uma peça de tamanho único. Fora feita sob medida. Era o tipo de vestimenta que reis e negociantes abastados

costumavam usar. Apenas os reis e os comerciantes ricos é que usavam aquela roupa” (“Believer’s Voice of Victory”, programa pela TBN - 20 de janeiro de 1991).

37. Frederick K. C. Price: “A Bíblia diz que ele [Jesus] tinha um tesoureiro — e conseqüentemente um tesouro (eles o chamavam de “a sacola”); o fato é que eles tinham um homem que era o tesoureiro, de nome Judas Iscariotes: e o safado permaneceu esvaziando a sacola [tesouro] por três anos e meio, sem que ninguém o percebesse. Sabem por quê? Porque havia muito dinheiro nela. Ele nem sabia dizer quanto. Ninguém podia dizer exatamente que faltava algo. Se ele [Jesus] tivesse três laranjas no fundo da sacola e Judas furtasse duas, não me digam que Jesus não saberia! Além disso, se Jesus não tivesse coisa alguma de valor, que necessidade havia dum tesoureiro? Um tesoureiro é para as sobras. Não é para aquilo que habitualmente gastamos. É somente para as sobras — para guardá-las até que se faça necessário gastá-las. Portanto, ele devia ter muito mais do que precisava para que fosse possível estabelecer uma poupança. Logo, ele devia possuir alguma coisa além daquela necessária à sobrevivência” (“Ever Increasing Faith”, programa pela TBN — 23 de novembro de 1990).

38. Charles Capps: “Note-se que quando Jesus disse: ‘Consume a obra’ [João 17.4], sabemos que ele não terminara de fato a obra. Mas quero que vocês captem algo quanto à maneira como ele orava e quanto ao modo como falava - Ele dizia os resultados finais. Ele nunca falou o que era: nunca admitiu a morte ou a derrota... Jesus estava pronunciando os resultados finais de sua oração ao Pai” (Authority in Three Worlds. 258-9. ênfase no original).

39. Kenneth Hagin: “Jesus usou a figueira para demonstrar que tinha esse tipo de fé de Deus. E então disse aos discípulos - e a nós — ‘Vocês têm esse tipo de fé’... Jesus afirmou que ele tinha a fé do tipo de Deus; ele encorajou seus discípulos a exercerem esse tipo de fé e disse que ‘qualquer um’ poderia fazê-lo... Eis porque Jesus disse: ‘quem disser... e não duvidar no seu coração’” (Having Faith in Your Faith [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1988], 3, ênfase no original).

40. John Avanzini: “Vocês não pensam que os apóstolos andavam sem dinheiro, pensam? O fato é que tinham dinheiro. Apenas agradeço a Deus porque vi isso e desisti da linha denominacional e entrei na linha de Deus, antes que eu e toda a minha família morrêssemos de fome. Examinem Atos 24. Não imaginam vocês que havia dinheiro na vida de Paulo?... O dinheiro que Paulo tinha era desejado tanto pelo pessoal como pelos oficiais do governo a ponto de bloquearem a justiça, tentando obter um suborno do velho Paulo” (“Believer’s Voice of Victory”, programa pela TBN - 20 de janeiro de 1991).
41. Kenneth Copeland (através de quem, alegadamente Jesus entregou a seguinte profecia): "Eles me [Jesus] crucificaram por eu ter afirmado que eu era Deus. Mas eu não afirmei que era Deus. Eu apenas reivindiquei que andava com ele [o Pai], e que ele estava em mim" ("Take Time to Pray". Believer's Voice of Victory. 15. 2 [fevereiro de 1987],9).
42. E. W. Kenyon: "Jesus foi concebido sem pecado. Seu corpo não era mortal. Seu corpo não se tornou mortal senão quando o Pai pôs sobre ele a nossa natureza pecaminosa, quando ficou pendurado na cruz. Foi só quando se tornou pecado que seu corpo tornou-se mortal e pôde então morrer. Quando isso aconteceu, a morte espiritual, a natureza de Satanás, tomou posse de seu Espírito... Ele haveria de participar da Morte Espiritual, da natureza do Adversário... Jesus não ignorou que haveria de tornar-se Pecado e soube quando esse momento chegou. Ele precisava participar da temível natureza do Adversário. Seu corpo tornar-se-ia mortal. Satanás tornou-se seu mestre... Ele [Jesus] tinha sido levantado como uma serpente. A serpente é Satanás. Jesus sabia que haveria de ser levado unido ao Adversário" (What Happened from the Cross to the Throne [Lynnwood. WA: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1969]. 20. 33. 44-5)."
43. Benny Hinn: “Vou ser conduzido hoje pelo Espírito Santo. Assim está bem para vocês?... Deus veio do céu. fez-se um homem, tornou os homens pequenos deuses, voltou ao céu como um homem. Ele enfrenta o Pai como um homem, ao passo que eu enfrento demônios como o filho de Deus. Vocês percebem o que estou dizendo? Vocês dizem: ‘Benny, eu sou um pequeno Deus?’ Vocês são filhos de Deus.

não é mesmo? Você é um filho de Deus, não é? Você é uma filha de Deus. não é? O que mais vocês são? Parem de insensatez! O que mais vocês são? Se disserem 'eu sou', vocês estarão dizendo que eu sou parte dele. certo? Ele é Deus? Vocês são prole dele? Vocês são seus filhos ? Vocês não podem ser humanos! Vocês não podem! Vocês não podem! Deus não deu nascimento à carne. Ele deu nascimento a uma nova criação. E a nova criação não é carne, sangue e ossos, pois nenhuma carne e sangue poderão herdar o céu. Vocês ouviram o que eu disse? Alguns de vocês na realidade não ouviram o que eu disse. Vocês dizem: 'Bem. isso é heresia'. Não. isso é o que o cérebro louco de vocês está dizendo" ("Our Position in Christ" #2 - The WordMade Flesh" [Orlando. FL: Orlando Christian Center, 1991J, fita de áudio #A031 190- 2, lado 2).

44. Benny Hinn: "Quando vocês nasceram de novo, a Palavra tornou-se carne em vocês. Agora vocês tornaram-se carne da sua carne e osso dos seus ossos. Não me digam que vocês têm Jesus. Vocês são tudo quanto ele foi e tudo quanto ele será... O novo homem diz: 'Eu sou como ele é'. Isso é o que diz. Como ele é, assim nós somos neste mundo. Jesus disse: 'Vão em meu nome. Vão em meu lugar'. Não digam: 'Eu tenho'. Digam: 'Eu sou, eu sou, eu sou, eu sou. eu sou'. Eis por que vocês nunca, jamais, em tempo algum, deverão dizer 'Estou doente'. 'Como podem estar doentes se vocês são a nova criação?' Diga: 'Estou curado!' Não digam: 'Eu sou um pecador'. A nova criatura não é um pecador. Eu sou a retidão de Deus em Cristo" (Ibidem).
45. Frederick K. C. Price: "Vocês pensam que a punição por nosso pecado foi morrer numa cruz? Se fosse este o caso, os dois ladrões poderiam pagar o preço por vocês. Não. a punição foi entrar no próprio inferno e prestar serviço lá, separado de Deus... Satanás e todos os demônios do inferno pensavam que o tinham amarrado. E lançaram uma rede sobre Jesus, arrastando-o para o próprio abismo do inferno a fim de que cumprisse em si a nossa sentença" (Ever Increasing Faith Messenger [junho de 1980], 1: citado por D. R. McConnell. A Different Gospel [Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1988], 120).

46. Charles Capps: “O impecável filho de Deus tornou-se como uma serpente. para que pudesse engolir todo o mal... Se vocês quiserem contemplar o que aconteceu quando a oferta pelo pecado foi oferecida e o fato de Jesus se tornar uma serpente sobre o madeiro, isso transformará as vidas de vocês... Jesus morreu espiritualmente, não por causa de qualquer de seus pecados! Mas ele tornou-se a serpente no madeiro, erguida do chão. segundo o tipo do Antigo Testamento” (Authority in Three Worlds, 177. 166-7).
47. Paul E. Billheimer: “O Pai entregou-o, não somente para a agonia e a morte do Calvário, mas para os torturadores satânicos de seu puro espírito, como parte da justa retribuição pelo pecado de toda a raça humana. Enquanto Cristo foi ‘a essência do pecado’, ele esteve à mercê de Satanás, naquele lugar de tormento... Quando Cristo se identificou com o pecado. Satanás e as hostes do inferno governaram sobre ele. como se fora um pecador perdido qualquer. Durante aquele período aparentemente interminável nas profundezas da morte, Satanás fez com ele como quis e todo o inferno ficou como se estivesse num 'carnaval’” (Destined for the Throne, edição especial para a TBN -Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1988 [original de 1975], 84).
48. Charles Capps: “Se houve qualquer parte do inferno no qual Jesus não sofreu, vocês terão de sofrê-la. Mas graças a Deus. Jesus sofreu em todas as partes, por vocês! No lugar dos ímpios mortos, todos os demônios do inferno e Satanás regozijaram-se sobre o prêmio. Os corredores do inferno estavam tomados de alegria. ‘Nós o fizemos! Nós capturamos o Filho de Deus! Não continuaremos mais no abismo dos condenados! A Terra e tudo quanto nela há são nossos! Para sempre são nossos!’ O regozijo infernal nunca fora tão grande como naquele dia. Mas não durou muito”. (Authority in Three Worlds. 143. ênfase no original).
49. Kenneth Copeland: “Satanás não percebeu que ele [Jesus] estava ali [no inferno] ilegalmente... Aquele homem não tinha pecado. Aquele homem não caíra do pacto com Deus e possuía a promessa de livramento da parte de Deus. E Satanás caiu na armadilha. Ele o levava ilegalmente para o inferno. Levava-o ali, apesar dele não ter pecado” (What Happened from the Cross to the Throne [Fort Worth,

TX: Kenneth Copeland Ministries, 1990], fita de áudio #02-9917. lado 2).

50. Charles Capps: “Quando Jesus estava nas profundezas do inferno, naquele tormento terrível, sem dúvida o diabo e os seus emissários reuniram-se para ver o aniquilamento do Filho de Deus. Mas pelos corredores do inferno ressoou uma grande voz. descida do céu: 'Sohem-no! Ele está aí ilegalmente!' E o inferno inteiro ficou paralisado” (Authority in Three Worlds, 143. ênfase no original).
51. Kenneth Copeland: “Ele [Jesus] está sofrendo tudo quanto há para sofrer. Fora dele não há sofrimento que reste. Seu espírito emaciado, exaurido, apequenado e verminoso está no fundo daquela coisa [o inferno], E o diabo pensava que o tinha destruído” (Programa "Believer's Voice of Victory" [21 de abril de 1991], Essa mensagem foi entregue originalmente na Full Gospel Motorcycle Rally Association 1990 Rally, em Eagle Mountain Lake, Texas).
52. Kenneth Copeland: “Aquela Palavra do Deus vivo entrou no abismo de destruição e carregou o espírito de Deus com o poder da ressurreição! Subitamente seu espírito distorcido e maculado pela morte começou a tufar e voltou à vida. Ele começou a parecer-se com algo nunca visto antes pelo diabo” (“The Price of it All”. Believer's Voice of Victory 19, 9 [setembro de 1991].4).
53. Kenneth Copeland: "Ele [Jesus] estava literalmente nascendo de novo diante dos próprios olhos do diabo. Ele começou a flexionar seus músculos espirituais... Jesus nasceu de novo - o primogênito dos mortos, conforme a Palavra o chama - e derrotou o diabo em seu próprio quintal - tomou dele tudo quanto tinha. Ele [Jesus] tomou suas chaves e sua autoridade” (Ibidem, 4-6).
54. Kenneth Hagin: “Todo ser humano que nasceu de novo é uma encarnação e o cristianismo é um milagre. O crente é tanto uma encarnação quanto o foi Jesus de Nazaré” (“The Incarnation”, The Word of Faith 13, 12 [dezembro de 1980],14; Cf. E. W. Kenyon, The Father and His Family, 100).
55. Frederick K. C. Price: “O ponto inteiro é aquele que estou tentando fazê-los ver. para livrá-los dessa doença de pensar que Jesus e seus

discípulos eram pobres, e então relacionar isso com vocês - para pensarem, como filhos de Deus, que têm de seguir a Jesus. A Bíblia diz que ele nos deixou o exemplo para que seguíssemos os seus passos. Essa é a razão pela qual guio um Rolls Royce. Estou seguindo os passos de Jesus” (“Ever Increasing Faith”, programa pela TBN -9 de dezembro de 1990).

56. Benny Hinn: “Quando você diz: ‘Eu sou um cristão’, você está dizendo: ‘Eu sou um mashiach’, no hebraico. E como se dissesse: eu sou um pequeno messias andando sobre a Terra. Essa é uma revelação chocante... Posso dizê-lo dessa maneira? Você é um pequeno deus andando por aí” (programa “Praise-a-Thon” pela TBN - 6 de novembro de 1990).

57. Frederick K. C. Price: “Quando fui salvo, não me disseram que eu poderia fazer qualquer coisa. O que me disseram é que, quando orasse, eu sempre deveria dizer: “Seja feita a vontade do Senhor”. Ora, isso não soa como uma humilhação? Soa. Soa como uma humilhação, mas na verdade é uma estupidez. Assim fazendo, insultamos a Deus, quero dizer que realmente insultamos nosso Pai celeste. Nós o insultamos; e o fazemos sem perceber. Se você tiver de dizer: ‘Se for da tua vontade’ — se você tiver de dizer isso, então você está chamando Deus de tolo, pois ele mesmo é quem disse para pedirmos... Se Deus vai dar-me aquilo que ele quiser que eu tenha, então não importa o que eu peça. Só terei de obter aquilo que Deus quiser que eu tenha. Portanto, isso é um insulto à inteligência de Deus” (“Ever Increasing Faith”. programa pela TBN — 16 de novembro de 1990).

58. Kenneth Copeland: “Como crente, você tem o direito de passar ordens no nome de Jesus. Toda vez que usa a Palavra, você está comandando Deus até onde se estende a Palavra dele” (Our Covenant with God [Fort Worth, TX: KCP Publications, 1987], 32).

59. Jerry Savelle: Veja o capítulo 5.

Capítulo 1 - Elenco de Personagens

1. Veja, por exemplo, Phineas P. Quimby. citado em The Quimby Manuscripts, editado por Horatio W. Dresser (New Hyde Park, NI:

University Books, Inc. 1969 (original de 1921), 32-35, 61, 165, 186, 279, 295. Os escritos de Quimby, nesse livro, foram extraídos de seus manuscritos datados entre 1846 e 1865. Note-se o incrível paralelo com a observação de Kenneth Hagin: “Faz grande diferença aquilo que alguém pensa. Creio que é por isso que as pessoas adoecem, embora todos no país orem por elas. Elas entram em todas as filas de cura, mas não a recebem. A razão pela qual não estão sendo curadas é que estão pensando errado” (Kenneth E. Hagin. *Right and Wrong Thinking* (Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries, 1978J. 19).

2. O escritor do Novo Pensamento, Warren Felt Evans (1817-1889). é um desses exemplos. Veja Charles S. Braden, *Spirits in Rebellion* (Dallas: Southern Methodist University Press, 1970), 121-3.
3. Veja, por exemplo. Claude Bristol, *The Magic of Believing* (Nova Iorque: Prentice-Hall. Inc.. 1948). 122; H. Emilie Cady, *Lessons in Truth* (Unity Village. MO: Unity Books, s/d), 41:9; 43:17; 45:25: 46:31: 48:40-42; 51:6: 52:9; 53:11. 55:22: 57:32; Mary Baker Eddy. *Science and Health with Key to the Scriptures* (Boston: The First Church of Christ, Scientist, 1971 [original de 1875]), 376:21-7; Charles F. F. Filmore. *Prosperity* (Lee Summit. MO: Unity Books. 1967), 103-4: e Ernest Holmes, *How to Use the Science of Mind* (Nova Iorque: Dodd. Mead and Co., 1950). 39-45.
4. Warren Felt Evans, *Mental Medicine: A Treatise on Medical Psychology*, 15a edição (Boston: H. H. Carter & Co., 1885 [original de 1873]). 152: citado por Braden, *Spirits in Rebellion*, 121.
5. Warren Felt Evans. *Esoteric Christianity and Mental Theapeutics* (Boston: H. H. Carter & Karrick, 1886), 152, ênfase no original; citado por Braden, *Spirits in Rebellion*, 122-3.
6. Cady, *Lessons in Truth*, 56:30: cf. Holmes, *How to Use the Science of Mind*, 72, 78.
7. Cady, *ibidem*, 52:8.
8. Quanto a um excelente tratamento histórico dos principais reavivalistas da cura, veja David Edwin Harrell, Jr., *All Things Are Possible: The Healing and Charismatic Revivals in Modern America* (Bloomington. IN: Indiana University Press, 1975). Deveríamos

notar que um certo número de ensinamentos e práticas doentias de reavivalistas da cura foram espalhadas previamente por seus antecessores - mais notavelmente por John Alexander Dowie, Maria B. Woodworth-Etter, Smith Wigglesworth, F. F. Bosworth e Thomas Wyatt.

9. A dívida de Osborn tanto a Kenyon quanto ao curandeiro da fé F. F. Bosworth (um outro “kenyonita”) é mencionada por T. L. Osborn. *Healing the Sick*, 23ª edição (Tulsa, OK: Osborn Foundation, 1959), 6. 203 e 205. Cf. Richard M. Riss, “Kenyon, Essek William”. *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*, editado por Stanley Burges, Gary B. McGee, and Patrick H. Alexander (Grand Rapids, MI: Regency/ Zondervan, 1988), 517; and Don Gosset e E. W. Kenyon. *The Power of the Positive Confession of God’s Word*, 2ª impr. (Blaine, WA: Don & Joyce Gosset, 1979), 3. Quanto ao ensino de Osborn acerca da doutrina dos “pequenos deuses”, veja T. L. Osborn. *You Are God’s Best!* edição especial da TBN (Santa Ana, CA: Trinity Broadcasting Network, s/d), 30-1, 93-4, 122. Osborn também afirmou: “Ele [referindo-se a Deus] desceu em carne humana, e nós o chamamos de William Branham” (Tommy L. Osborn, *A Tribute to William Marrion Branham* [Bartow, FL: Spoken Word Outreach Center, Inc., s/d], 18. Cf. 11, 13, 17; veja também “Praise the Lord”, um programa pela TBN - 19 de junho de 1989).
10. William Marrion Branham, “Revelation Chapter Four #3 (Throne of Mercy and Judgment)” (Jeffersonville, IN: Voice of God Recordings, Inc., 1961). fita de áudio #61-0108, lado 2; Cf. William Marrion Branham, *Footprints on the Sands of Time: The Autobiography of William Marrion Branham*, parte 2 (Jeffersonville, IN: Spoken Word Publications, 1975), 606-7.
11. Benny Hinn, programa “Praise the Lord”, pela TBN (12 de abril de 1991).
12. Benny Hinn. “Double Portion Anointing”, parte 3 (Orlando Christian Center, s/d), fita de áudio #A031791-3, lados 1 e 2. Esse sermão também foi levado ao ar pela TBN (7 de abril de 1991).

13. Benny Hinn, programa “Praise the Lord”, pela TBN (16 de abril de 1992).
14. Citado por Russell Chandler, “Talked with Jesus, Evangelist Says”, The Los Angeles Times (3 de fevereiro de 1983), 3, 16.
15. Clark Morphew, “What's to become of Oral Roberts's City of Faith?” St. Paul Pioneer Press (27 de junho de 1992); reimpresso no The Christian News (20 de julho de 1992), 2.
16. A. A. Allen. The Secret to Scriptural Financial Success (Miracle Valley, AZ: A. A. Allen Publications, 1953); citado em Harrell, All Things Are Possible, 75.
17. A. A. Allen, "Miracle Oil Flows at Camp Meeting", Miracle Magazine (junho de 1967), 6-7; citado em Harrell, All Things Are Possible, 200.
18. Noticiado pela “New Revival Tent Dedicated in Philadelphia”, Miracle Magazine (setembro de 1967), 15; citado em Harrell, All Things Are Possible, 200.
19. Veja Harrell, *ibid.*, 199.
20. *Id. ibid.*, 70-1.
21. *Id. ibid.*, 202. Um escritor descreveu a causa da morte de Allen como “cirrose” do fígado. Veja Gary L. Ward, “Allen, Asa Alonzo”, em J. Gordon Melton, *Religious Leaders of America* (Detroit, MI: Gale Research. 1991), 9.

Capítulo 2 - Seita ou Sectário?

1. Milton Yinger, *Religion, Society and the Individual* (Nova Iorque: The Macmillan Company. 1962 [original de 1957], 154. A maioria dos modernos estudos de sociologia envolvidos na classificação dos grupos religiosos têm edificado sobre Ernst Troeltsch, *The Social Teaching of the Christian Churches*, tradução de Olive Wyon (Londres: George Allen and Unwin. 1931). 2 vols. Troeltsch, por sua vez “reconheceu o estímulo do sociólogo Max Weber ao desenvolver os seus conceitos” (David O. Moberg, *The Church As a Social*

Institution [Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, Inc., 1962], 76, nota 4.

Outro sociólogo, John Lofland, comentou que as “seitas são 'pequenos grupos' que se dividem do 'consenso convencional e esposam pontos de vista muito diferentes do real, do possível e do moral'”. (Citado por Ronald Enroth, “What Is a Cult?” em *A Guide to Cults and New Religions* [Downers Grove, IL: InterVarsity Press. 1983]. 14). James T. Richardson, entretantes, definiu uma seita como “um grupo que tem crenças e/ou práticas que são contrárias àquelas da cultura dominante”, adicionando que essas “crenças e práticas também podem ser contrárias àquelas da subcultura” (Citado por Irving Hexham e Karla Poewe. *Understanding Cults and New Religions* [Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co.. 1986]. 6). Veja também James T. Richardson, *The Brainwashing/Deprogramming Controversy: Sociological, Psychological, Legal and Historical Perspectives* (Toronto: Edwin Mellen Press, 1983), e Bryan Wilson, *Religious Sects*, Word University Library Series (Englewood, NJ: McGraw-Hill, 1970), citado em Hexham e Poewe, *ibidem*.

2. J. Gordon Melton, *Encyclopedic Handbook of Cults in America* (Nova Iorque: Garland Publishing, Inc. 1986), 5.
3. Uma interessante discussão nessa área pode ser encontrada em Ronald M. Enroth e J. Gordon Melton, *Why Cults Succeed Where the Church Fails* (Elgin, IL: Brethren Press, 1985), 1 1-19.
4. Gordon R. Lewis, *Confronting the Cults* (Grand Rapids. MI: Baker Book House, 1975), 4.
5. Walter Martin, *The Kingdom of the Cults*, ed. rev. (Minneapolis. MN: Bethany House Publishers, 1985), 11.
6. Quanto a um excelente corretivo, veja James W. Sire, *Scripture Twisting* (InterVarsity Press, 1980).
7. Veja Martin, *The Kingdom of the Cults*, 18-24
8. Referindo-se à International Convention of Faith Churches and Ministers (ICFCM), alguns têm salientado que há um movimento

ativo para formar uma denominação específica do Movimento da Fé. Entretanto, ultimamente, o empreendimento parece ter perdido seu ímpeto. Veja D. R. McConnell, *A Different Gospel* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1988), 84-7; Cf. J. Gordon Melton, *The Encyclopedia of American Religions*, 3ª edição (Detroit: Gale Research Inc., 1989), 377-8.

9. Uma discussão sobre a doutrina cristã essencial pode ser achada no capítulo 29 deste livro.
10. Quanto a um tratamento mais completo sobre o assunto, veja Robert M. Bowman, “A Biblical Guide to Orthodoxy and Heresy”, partes 1 e 2, *Christian Research Journal* 13,1 (verão de 1990): 28-32; 13,2 (outono de 1990): 14-9; expandido na *Orthodoxy and Heresy* (Grand Rapids, MI: Baker Book House. 1992).

Capítulo 3 - Pentecostal ou Sectário?

1. Para os propósitos deste livro, não traçarei a distinção comumente feita entre os pentecostais e os carismáticos. Acredito que fazê-lo, neste ponto, seria abrir caminho para a confusão, visto que meu alvo, neste ponto, é esclarecer a controvérsia entre aqueles que mantêm a perpetuidade dos dons espirituais (tanto os pentecostais quanto os carismáticos) e aqueles que não o fazem (“tradicionais”), apenas naquilo que se refere ao movimento da Fé.
2. Walter Martin, “The Health and Wealth Cult” (San Juan Capistrano, CA: Christian Research Institute, s/d), fita de áudio #C-152; “The Errors of Positive Confession” (Christian Research Institute, s/d), fita de áudio #C-100; “Healing: Does God Always Heal?” (Christian Research Institute, s/d), fita de áudio #C-95.
3. Gordon Fee. *The Disease of the Health and Wealth Gospels* (Beverly, MA: Frontline Publishing, 1985).
4. D. R. McConnell, *A Different Gospel* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers. 1988).
5. Charles Farah, *From the Pinnacle of the Temple* (Plainfield, NJ: Logos, 1978); e “A Critical Analysis: The ‘Roots’ and ‘Fruits’ of

Faith-For-mula Theology”(documento apresentado na Society for Pentecostal Studies, novembro de 1980).

6. Elliot Miller, Healing: Does God Always Heal? (San Juan Capistrano, CA: Christian Research Institute, 1979).
7. H. Terris Neuman, An Analysis of the Sources of the Charismatic Teaching of “Positive Confession ” (documento não publicado, Wheaton Graduate School, 1980); e “Cultic Origins of Word-Faith Theology Within the Charismatic Movement”. Pneuma The Journal of the Society for Pentecostal Studies 12, 1 (primavera de 1990): 32-55. Neuman também alistou um certo número de artigos e documentos por membros da Assembléia de Deus, com críticas ao movimento da Fé (p. 52. nota 154).
8. Dale H. Simmons, A Theological and Historical Analysis of Kenneth E. Hagin’s Ceiling to Be a Prophet (tese para o Mestrado, Oral Roberts University, 1985).
9. Veja Bruce Barron, The Health and Wealth Gospel (Downers Grove. IL: InterVarsity Press, 1987). 23.

Parte II - Fé na Fé

1. Marilyn Flickey, “Claim Your Miracles” (Denver: Marilyn Hickey Ministries, s/d), fita de áudio #186, lado 2.

Capítulo 5 - A Força da Fé

1. Kenneth Copeland, The Force of Faith (Fort Worth, TX: KCP Publications, 1989), 10.
2. Kenneth Copeland, The Laws of Prosperity (Fort Worth: TX: Kenneth Copeland Publications, 1974), 19.
3. Forces of the Recreated Human Spirit (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries, 1982), 8.
4. Kenneth Copeland, Spirit, Soul and Body I (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985), fita de áudio #01-0601, lado 1.
5. Kenneth Copeland, Freedom from Fear (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1980), 11-2.

6. Id. *ibid.* Cf. Copeland, *The Force of Faith*. 1 1.
7. Charles Capps, *The Tongue — A Creative Force* (Tulsa, OK: Harrison House, 1976), 92.
8. *Forces of the Recreated Human Spirit*, 15; Cf. 14.
9. Kenneth Copeland, *The Power of the Tongue* (Forth Worth, TX: KCP Publications, 1980), 4.
10. Id. *ibid.*
11. E. W. Kenyon, *Two Kinds of Faith*, 14a edição (Lynnwood. WA: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1969), 20.
12. Ron Rhodes, *The Conterfeit Christ of the New Age Movement* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990), 149.
13. Veja D. R. McConnell, *A Different Gospel* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1988), 3-12.
14. Jerry Savelle, "Framing Your World with the Word of God", parte 2 (Fort Worth, TX: Jerry Savelle Evangelist Assn., Inc., s/d), fita de áudio SS-36, lado 1.
15. Jerry Savelle, "Framing Your World with the Word of God", parte 1 (Fort Worth, TX: Jerry Savelle Evangelist Assn., Inc. s/d), fita de áudio #SS-36, lado 1.
16. Charles Capps, *Authority in Three Worlds* (Tulsa, OK: Harrison House, 1982), 24, ênfase no original.
17. Robert Tilton, programa "Success-N-Life" (18 de outubro de 1990).
18. Kenneth Copeland, "Authority of the Believer IF" (Ford Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1987), fita de áudio #01-0302, lado 1.
19. Veja, por exemplo, Kenneth E. Hagin, *Having Faith in Your Faith* (Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries, 1988).
20. *The Analytical Greek Lexicon* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1970 [original de Londres, Samuel Bagster & Sons, 1852; edição revisada 1860J). 419. col. 1.

21. Louis Berkhof. Systematic Theology, 4a edição revisada (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949), 500.

Capítulo 6 - A Fórmula da Fé

1. Kenneth Copeland, The Laws of Prosperity (Forth Worth, TX: Kenneth Copeland Publications, 1974), 18-29.
2. E. W. Kenyon. The Two Kinds of Faith; Faith's Secret Revealed (Lynnwood. WA: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1942), 67.
3. Kenneth E. Hagin, Having Faith in Your Faith (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1988), 4.
4. Id. *ibid.*, 5.
5. Id. *ibid.*, 4-5, ênfase no original. Hagin e outros mestres da Fé quase sempre apontam essa passagem para "provar" que Jesus ensinou seus discípulos a terem fé em sua fé. de modo que tudo quando acreditassem e dissessem pudesse acontecer. Essa noção, todavia, é inteiramente falsa. O contexto da passagem deixa claro que devemos pôr nossa fé em Deus e em seu poder sobrenatural, e não em nossos falhos esquemas humanos (v. 22; Cf. o capítulo 7, "A Fé de Deus"). Outrossim, de acordo com as próprias palavras de Jesus aqui, é Deus, e não o crente, que produz os resultados finais. Assim Jesus disse: "E será feito a vós", e não "vós o fareis"; "crede que o tendes recebido", e não "crede que o tendes tomado". E isso só acontecerá quando orarmos; noutras palavras, quando pedimos a Deus, que responde às petições que estiverem de acordo com sua vontade (1 Jo 5.14). Não é alguma substância chamada fé. mas o próprio Deus quem determina, afinal, quais "montes devem ser lançados ao mar": e ele é também aquele que cumpre essa tarefa. Se quisermos observar os ensinamentos bíblicos, nossa fé deve ser em Deus, e não nela própria ou em nossas palavras.

Hagin também salienta que a cura da mulher que sofria duma hemorragia (Mc 5.25-34: veja Hagin, How to Write Your Own Ticket with God [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1979], 7,8,11-16), também apoia seu erro de "fé na fé". Contudo, o leitor cuidadoso da Bíblia reconhecerá que o objeto da fé da mulher - que foi responsável pela sua cura (v. 34) - não era a fé dela ao acaso, mas

em Cristo (v. 28): por qual outro motivo ela estaria determinada a chegar-se até ele. se realmente acreditasse que exercer fé na sua fé a curaria? Ela recebeu a cura não porque tinha fé em sua fé, mas porque tinha fé em Cristo (vv. 27-29). Um certo comentador escreveu: “Quando Jesus atribuiu a restauração da mulher à fé dela, isto é, sua confiança em Jesus, ele não fez da fé dela a causa efficiens (ou causa eficiente), mas tão-somente a causa instrumentalis (ou causa instrumental)... a mão que recebe o dom” (R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Mark’s Gospel* [Minneapolis. MN: Augsburg Publishing House, 1964], 225).

6. Kenneth E. Hagin, *How to Write Your Own Ticket with God*. 2-3. Esse livrete foi incorporado ao sexto capítulo do livro de Kenneth E. Hagin. *Exceedingly Growing Faith*, 2a edição (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1988), 73-4.
7. Hagin, *How to Write Your Own Ticket with God*, 3
8. Id. *ibid.*, 5.
9. Id. *ibid.*, sem ênfase.
10. Id. *ibid.*, 6.
11. Id. *ibid.*, 6-8, *passim*.
12. Id. *ibid.*, 11.
13. Id. *ibid.*, 12.
14. Id. *ibid.*, 17.
15. Id. *ibid.*, 18, ênfase no original.
16. Id. *ibid.*, 19, sem ênfase.
17. Id. *ibid.*, 20.
18. Id. *ibidem*.
19. Id. *ibid.*, 21.
20. Id. *ibid.*, 23, ênfase no original.

21. Charles Capps, *The Tongue - A Creative Force* (Tulsa, OK: Harrison House, 1976), 91.
22. Norvel Hayes no programa “Praise the Lord”, pela TBN (13 de novembro de 1990).
23. O uso que Paulo fez duma linguagem vigorosa também se acha em versículos como Gálatas 5.12 e 1 Timóteo 4.1,2.
24. Outras instâncias onde Jesus condenou os falsos mestres podem ser encontradas nestas passagens: Mt 3.7; 6.2,5,16; 7.5; 12.34; 22.18; 23.13-29; Lc 3.7; 6.42; 11.39-52; 12.1,56; Jo 8.44.
25. Kenneth Copeland, “Inner Image of the Covenant” (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985), fita de áudio #01-4406, lado 2.
26. Idem\ Kenneth Copeland, “The Forgotten Power of Hope (parte II)”, *Believer’s Voice of Victory*, 20, 3 (março de 1992):2-3.
27. Copeland, “Inner Image of the Covenant”, lado 2.
28. Id. *ibid.*
29. Id. *ibid.*
30. A Igreja Universal e Triunfante é um grupo da Nova Era que enfatiza grandemente “o uso científico do mantra, ou o decreto dinâmico da Palavra”, também conhecido como “o exercício do poder de Deus de acordo com a Palavra falada” (Mark e Elizabeth Clare Prophet, *The Lost Teachings of Jesus 2: Mysteries of the Higher Self* [Livingston, MT: Summit University Press, 1988], 144, 207; Cf. 103. Veja também Mark L. Prophet. *The Soulless One* (Summit University Press, 1981 [original. 1965], 34).
31. Copeland. “Inner Image of the Covenant”, lado 2.
32. Id. *ibid.*
33. Kenneth Copeland, programa “Believer’s Voice of Victory” pela TBN (28 de março de 1991).

34. Em lugar de ensinar seus seguidores a andarem segundo o poder do Espírito Santo, um certo número de mestres da Fé encoraja-os a valerem-se da mesma “fonte de poder” usada pelos praticantes da metafísica, pelos seguidores da Nova Era, pelos budistas Soka Gakkai e por outros ocultistas. Infelizmente, parece que estão fazendo isso por que seus métodos supostamente funcionam. No entanto, se os métodos usados pelos grupos de ocultismo realmente produzem resultados miraculosos, então esses métodos deveriam levar os crentes a uma desconfiança ainda maior. Afinal, qualquer poder sobrenatural que impulsiona grupos anticristãos não pode ser de Deus (Cf. Mateus 12.22-28; Deuteronômio 13.1-5). Mas se a fonte não é divina, então só pode derivar da humanidade caída (caso em que se trata de mera ilusão) ou de anjos caídos (caso em que é demoníaco), ou alguma combinação das duas coisas. Apesar desses perigos óbvios, os mestres da Fé persistem na promoção de tais práticas.
35. Benny Hinn. programa “Praise the Lord” pela TBN (10 de junho de 1989). A história de Hinn parece estranha à luz do fato que os bruxos geralmente consideram sagradas todas as formas de vida devido, em sua maior parte, a seu ponto de vista mundial panteísta (tudo é Deus). Como tal, os bruxos tipicamente fazem oposição a rituais, atividades e práticas que são danosos à natureza em geral, e aos animais em particular.
36. Veja, por exemplo, Charles Capps. *The Tongue — A Creative Force*. 127-8; e Kenneth Copeland. *The Power of the Tongue* (Fort Worth. TX; Kenneth Copeland Ministries. 1980). 3.
37. Em certo sentido, pode-se dizer que Provérbios 18.21 tem uma relevância especial para Salomão (veja também o cabeçalho de Provérbios 10), por ter sido ele aquele que o compôs. O versículo pode assim ser legitimamente interpretado como uma alusão ao poder de Salomão para proferir morte ou vida (condenação ou perdão) sobre seus súditos. Outros vêem esse texto como o conselho de Salomão a seu sucessor, o qual, um dia, assumiria as responsabilidades de seu pai. Ainda uma outra maneira possível de olhar para essa passagem é considerar como nossas palavras faladas afetam os sentimentos de outras pessoas (12.18,25; 16.24), a auto-

imagem (29.5) e as convicções (10.21; 11.9). bem como nossas próprias atitudes e as atitudes de outras pessoas para com aquela pessoa (18.8). Não se pode negar que aquilo que as pessoas dizem afeta muitas vezes as atitudes e as percepções, o que, por sua vez, pode alterar as circunstâncias subseqüentes; contudo, a Bíblia em parte alguma ensina que os seres humanos podem, falando, trazer coisas à existência (veja James Kinnebrew, *The Charismatic Doctrine of Positive Confession: A Historical, Exegetical and Theological Critique* [dissertação doutoral, Mid-America Baptist Seminary. 1988], 185-8; e Derek Kidner, *The Proverbs: An Introduction and Commentary*, da série *Tyndale Old Testament Commentary*, editada por D. J. Wiseman [Downers Grove, IL; InterVarsity Press, 1964], 15:46-7).

Os mestres da Fé também gostam muito de citar a última porção de Romanos 4.17 (“... o Deus que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem”), ao reivindicarem que a fala humana contém, literalmente, o poder da criação. Entretanto, como é óbvio, este versículo é uma referência direta a Deus. Ao aplicarem a passagem à humanidade, quer redimida quer não, diminuem a imensa magnificência e imensidade do poder de Deus. Sugerir que os crentes são capazes de realizar tais atos de criação equivale a exaltar a humanidade à deidade, o que certamente é antibíblico. Afinal, só existe um Deus. o único capaz de chamar à existência qualquer coisa que queira (Is 43.10; 44.6,24). “Chamar à existência” é a terminologia literária escolhida pelos escritores da Bíblia para expressar aquilo que nós, criaturas, jamais poderemos realizar — a saber, a criação dalguma coisa a partir do nada. “A voz de Deus” não serve como a substância de coisas materiais. Antes, “a voz de Deus” representa sua capacidade ou autoridade para criar a partir do nada.

38. Charles Capps, *The Tongue — A Creative Force*, 67, ênfase no original.

39. Frederick K. C. Price, “Prayer: Do You Know What Prayer Is... and How to Pray?” *The Word Study Bible* (Tulsa, OK: Harrison House, 1990), 1 178.

Capítulo 7 - A Fé de Deus

1. Kenneth Copeland, *The Force of Faith* (Fort Worth, TX: KCP Publications, 1989), 14.
2. Kenneth Copeland. "Spirit, Soul and Body I" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985). fita de áudio #01-0601, lado 1.
3. Kenneth Copeland, programa "Praise-a-Thon" pela TBN (abril de 1988).
4. Frederick K. C. Price, "Ever Increasing Faith", programa pela TBN (10 de maio de 1992), fita de áudio #PR11; Kenneth Copeland, "God's Covenants with Man II" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985), fita de áudio #01-4404, lado 1; Charles Capps, *Authority in Three Worlds* (Tulsa, OK: Harrison House, 1982), 60-1; Kenneth E. Hagin. *Zoe: The God-Kind, of Life* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries. 1989). 49; Hagin, *I Believe in Visions* (Old Tappan, NJ: Spire Books/Fleming H. Revell Co., 1972), 81; Paul Yonggi Cho, *The Fourth Dimension* (South Plainfield, NJ: Bridge Publishing. 1979), vol. 1. 83.
5. Richard N. Ostling. "Religions'. Power, Glory and Politics". *Time* 127, 7 (17 de fevereiro de 1986):69; citado por D. R. McConnell. *A Different Gospel* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers. 1988). 95-6, nota 6.
6. Kenneth Copeland. *Holy Bible: Kenneth Copeland Reference Edition* (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries. 1991), NT, 68, ênfase no original. Apesar de que o diálogo aqui com Copeland seja imaginário. a substância de tudo quanto se credita a ele é amplamente documentada.
7. Charles Capps, *God's Creative Power* (Tulsa, OK: Harrison House, 1976). 2-3. ênfase no original.
8. Frederick K. C. Price, *How Faith Works* (Tulsa, OK: Harrison House, 1976). 95.
9. Kenneth Hagin. *Bible Faith Study Course* (Tulsa, OK: s/d), 88. 432
Cristianismo em Crise

10. Alfred Marshall, NASB-NIV Parallel New Testament in Greek and English with Interlinear Translation (Grand Rapids. MI: Regency Zondervan, 1986), 139.
11. Archibald Thomas Robertson, Word Pictures in the New Testament (Nashville: Broadman Press, 1930), 1.361.
12. A. T. Robertson e W. Hersey Davis, A New Short Grammar of the Greek Testament, 10a edição revisada (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1979 [original de 1933], 227-8, ênfase acrescentada. Veja também A. T. Robertson, A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research (Nashville: Broadman Press, 1934). 500 (“a tradução correta é 'tende fé em Deus’”, ênfase acrescentada).
13. De acordo com os renomados eruditos do grego Walter Bauer. William F. Arndt e E. Wilbur Gingrich, Marcos 11.22 é um genitivo objetivo. devendo ser traduzido como “fé em Deus” (A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, edição revisada ([Chicago: University of Chicago Press, 1979], 357. ênfase acrescentada). Nigel Turner conclui que o genitivo “tende a fé de Deus”, em Marcos 11.22 é objetivo, e “certamente deve significar ‘tende fé em Deus’” (Grammatical Insights into the Neiv Testament [Edimburgo: T. & T. Clark, 1977], 110, ênfase no original). Igualmente, Curtis Vaughan e Virtus E. Gideon, A Greek Grammar of the New Testament (Nashville: Broadman Press, 1979), 35. Para efeito de confirmação, veja: Kurt Aland, editor, Synopsis of the Four Gospels. 6a edição revisada. (Nova lorque: United Bible Societies, 1983). 240 ("Tende fé em Deus”, ênfase acrescentada); Bruce M. Metzger, A Textual Commentary on the Greek New Testament, edição revisada (Londres & Nova lorque: United Bible Societies, 1975), 109, nota final nº 1 ("fé em Deus”, ênfase acrescentada); Joseph Henry Thayer, The New Thayer’s Greek-English Lexicon of the New Testament, edição revisada (Peabody, MA: Hendrickson, 1981 [original de 1889]). 514a ("confiar em Deus”, ênfase acrescentada); Alexander B. Bruce, "The Sinoptics Gospels”, The Expositor’s Greek Testament, editado por W. Robertson Nicoll (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1979), 1:419, nota aos vv. 20-5 (“fé em Deus”, ênfase

no original); Otto Michel, “Faith”, The New International Dictionary of New Testament Theology, editado por Colin Brown (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975 -tradução para o inglês), 1:600 (“ter fé em Deus”, ênfase acrescentada). Veja também Gerhard Friedrich, editor (tradutor Geoffrey W. Bromiley), Theological Dictionary of the New Testament (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co.. 1968 — tradução para o inglês), 6:204 e nota final nº 230 (pistin em Marcos 11.22 é um genitivo objetivo).

O único que destoa, Boyce W. Blackwelder, que considera que Mc 11.22 poderia ser um genitivo objetivo ou um genitivo subjetivo, apesar disso explica que isso não significa que Deus tenha fé, pessoalmente. mas meramente que a fé é “divinamente dividida” conosco (Light from the Greek New Testament [Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1958], 146).

14. Essa informação foi incluída como uma propaganda para o Zoe College, Jacksonville, Flórida, tirado da Charisma (maio de 1992), 82.

15. Kenneth Copeland, Freedom from Fear (Fort Worth, TX: KCP Publications, 1983), 1 1.

16. Id. *ibid.*, 12, ênfase no original.

17. Kenneth Copeland, The Power of the Tongue (Forth Worth: TX: KCP Publications, 1980), 9.

18. Charles Capps, Authority in Three Worlds, 80, ênfase no original.

19. Id. *ibid.*, 82, ênfase acrescentada.

20. Id. *ibid.*, 83, ênfase acrescentada.

21. Id. *ibid.*, 85, ênfase no original.

22. Kenneth Copeland, The Force of Faith, 14.

23. Frederick K. C. Price, programa “Praise the Lord” pela TBN (21 de setembro de 1990).

24. Kenneth Hagin, The Name of Jesus (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1981), 16, ênfase no original. N.E.: publicado em

português no Brasil pela Graça Editorial, sob o título O Nome de Jesus.

Capítulo 8 - O Hall da Fama da Fé

1. Benny Hinn. programa “Benny Hinn” pela TBN (3 de novembro de 1990).
2. Quanto a outras injunções contra adicionar palavras às Escrituras, veja Dt 4.2: 12.32. G1 3.15 e Ap 22.18.
3. Benny Hinn. programa “Benny Hinn” pela TBN (3 de novembro de 1990).
4. Kenneth Copeland, sermão gravado no Melodyland Christian Center, Anaheim. CA (30 de março de 1983).
5. Charles Capps, Kicking Over Sacred Cows (Tulsa, OK: Harrison House, 1987). 37-63.
6. Jerry Savalle. “Framing Your World with the Word of God, Part I” (Fort Worth. TX: Jerry Savalle Evangelistic Assn., s/d), fita de áudio #SS-36. iado 1. 434 Cristianismo em Crise
7. Paul and Jan Crouch. “Behind the Scenes”. programa pela TBN (12 de março de 1992).
8. Hinn, juntamente com outros mestres da Fé. quase sempre cita Jó 3.25 (“Porque o que temia me veio, e o que receava me aconteceu”), a fim de demonstrar o efeito devastador das “confissões negativas”. Ele ensina que Jó chama a si a calamidade por ativar a força do medo mediante sua confissão negativa.

Tal interpretação ignora o fato que a lamentação de Jó ocorreu após suas provações (1.6-2.13) e não antes. Seu lamento foi produto de seu sofrimento e não a causa dos mesmos. Em nenhuma ocasião, antes de suas provações, lemos que Jó proferiu qualquer confissão negativa - uma necessidade, de acordo com a teologia da Fé. para que a força do medo fosse liberada. Mesmo depois de Jó ter sofrido duas investidas fulminantes do diabo, a Bíblia diz que “em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios” (2.10). E não nos esqueçamos que Deus o julgou como “sincero e reto”, depois dele ter sofrido sua primeira

série de infortúnios — o que dificilmente combina com a descrição de Jó como alguém que, supostamente, teria liberado forças hostis a Deus. O próprio fato de Deus ter escolhido Jó entre todos os demais diz muito em favor do caráter, da integridade e da devoção dele a Deus (Jó 1.1,8).

Contudo, Jó certamente não era impecável. Ele fazia parte duma criação amaldiçoada, imperfeita e cercada pelas fragilidades da humanidade caída. Seus infortúnios levaram-no a amaldiçoar o dia em que nasceu (cap. 3); a vacilar entre os desejos de que Deus o esmagasse (6.8,9) e o curasse (7.7-10); a lançar culpa em Deus por atormentá-lo (13.21,25) e tratá-lo injustamente (9.21-24); a questionar o tratamento que recebia da parte de Deus (cap. 10); ocasionalmente, perceber Deus como um inimigo (7.20. 10.16.17; 16.9); e virtualmente exigir que seu caso fosse apresentado na presença de Deus (13.13-19). Por essas razões. Deus o repreendeu (38—12). Mas Jó foi repreendido por ter desafiado a sabedoria e a soberania de Deus, e por ter agido movido pela ignorância (38.2) e pela presunção (40.8) — não por proferir” confissões negativas”.

E também não se esqueça que Jó se arrependeu! Por isso Deus disse aos amigos de Jó, em 42.7; “A minha ira se acendeu contra ti. e contra os teus dois amigos; porque não dissestes o que era reto. como o meu servo Jó”. Não, Jó estava longe de ser perfeito; mas o livro que traz seu nome deixa claro que, à sua maneira, ele foi o homem mais reto que já viveu neste planeta.

9. Benny Hinn, programa “Benny Hinn” pela TBN (3 de novembro de 1990).

Parte III - Homens e Demônios Deificados?

1. Ouvi pela primeira vez uma versão dessa ilustração da parte de James Kennedy, na Igreja Presbiteriana de Coral Ridge, Ford Lauderdale, Flórida.

Capítulo 9 - Deificação do Homem

1. M. Scott Peck, *The Road Less Traveled* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1978), 270.

2. Margot Adler, *Drawing Down the Moon*, edição revisada (Boston: Beacon Press, 1986), 25, ênfase no original.
3. Bhagwan Shree Rajneesh, citado em *Fear Is the Master* (Hemet, CA: Jeremiah Films, 1987).
4. Maharishi Mahesh Yogi. *Meditations of Maharish Mahesh Yogi* (Nova Iorque: Bantam. 1968), 178: citado em James W. Sire, *Scripture Twisting* (Downers Grove. IL: InterVarsity Press, 1980), 34.
5. Jim Jones, citado por James Reston. Jr., e Noah Adams, “Father Cares: The Last of Jonestown”, programa da Rádio Pública Nacional, nos Estados Unidos (23 de abril de 1981).
6. Kenneth E. Hagin, *Zoe: The God-Kind of Life* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, Inc., 1989), 35-6, 41. N.E.: Livro publicado em português pela Graça Editorial.
7. Kenneth Copeland, "Following the Faith of Abraham I" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1989), fita #01-3001, lado 1).
8. John Avanzini e Morris Cerullo, “The Endtime Manifestation of the Sons of God" (San Diego: Morris Cerullo World Evangelism, s/d), fita de áudio 1. lado 2.
9. Morris Cerullo. "The Endtime Manifestation of the Sons of God", fita de áudio 1. lados 1 e 2, ênfase no original.
10. Charles Capps. *Authority in Three Worlds* (Tulsa. OK: Harrison House, 1982). 16. ênfase no original.
11. Herbert W. Armstrong. *Mystery of the Ages* (Pasadena, CA: Worldwide Church of God. 1985), 37, 85, ênfase acrescentada.
12. Stephen E. Robinson, *Are Mormons Christians?* (Salt Lake City, UT: Bookcraft. 1991). 63.
13. Kenneth Copeland. “The Force of Love” (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1987), fita de áudio #02-0028, lado 1.
14. Benny Hinn. programa “Praise-a-Thon” (6 de novembro de 1990).

15. J. S. D. Kelly. *Early Christian Doctrines*, edição revisada (São Francisco: Harper & Row, 1978), 352, 378, 391. 397 e 486.
16. Sobre o Novo Pensamento, veja Charles S. Braden. *Spirits in Rebellion: The Rise and Development of New Thought*. 3a edição (Dallas, TX: Southern Methodist University Press, 1970 [original 1963], 10, 13, 38. 71-75. 103-109, 151, 198-99.// Sobre a Ciência Cristã, veja Mary Baker Eddy, *Science and Health with Key to the Scriptures* (Boston: First Church of Christ, Scientist, 1971 [original de 1875], 109-11, 113-14, 116-17, 119-20, 127, 129, 139. 591: Cf. Robert Peel, *Christian Science*, 5a edição (Nova Iorque: Henry Holt., 1959), 121-2.// Sobre a Unidade (Escola da Unidade do Cristianismo), veja H. Emilie Cady e outros, *Foundations of Unity*, 2 séries (Unity Village, MO: Unity, s/d), 1:32, 36, 41, 50, 51; Cady. *God a Present Help* (Lee's Summit, MO: Unity School of Christiability, 1938), 52, 53. citado por Kurt Van Gorden, "The Unity School of Christianity", *Evangelizing the Cults*, editado por Ronald Enroth (Ann Arbor, MI: Servant Publications, 1990), 148, 190, nota 23.// Sobre a Ciência Religiosa, veja Ernest Holmes, *The Science of Mind*, edição revisada (Nova Iorque: Dodd, Mead & Co., 1938). 98, 100, 362.
17. O henoteísmo (a crença que atribui poder supremo a um único deus, ao qual os devotos adoram com exclusividade, sem negarem a existência de outros deuses) pode ser considerado uma subcategoria do politeísmo (a crença na existência de mais de um deus). E um termo freqüentemente usado nas discussões sobre o hinduísmo primitivo: "Ou o deus particular do momento absorve todos os outros, que são declarados como manifestações dele [uma tendência em direção ao panteísmo]; ou então, lhe são dados atributos que, segundo uma lógica estrita, só poderiam ser dados a uma divindade exclusivamente monoteísta" (Franklin Edgerton, *The Beginning of Indian Philosophy* [Londres: George Allen & Unwin, 1963], 18ss. citado por John B. Noss, *Man's Religions*, 4ª edição [Nova Iorque: Macmillan, 1969]), 94.
18. Paul Crouch, programa "Praise the Lord" pela TBN (7 de julho de 1986).

19. Earl Paulk, *Satan Unmasked* (Atlanta: K. Dimension Publishers, 1984), 96.
20. Frederick Buechner, citado por Philip Yancey e Tim Stafford. *The Student Bible* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986), 482.
21. Paul Crouch e Benny Hinn, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (novembro de 1990).
22. Kenneth Copeland, programa “Praise the Lord” pela TBN (5 de fevereiro de 1986).
23. Capps, *Authority in Three Worlds*, 15,16; e Jerry Savelle, “The Authority of the Believer”, *The Word Study Bible* (Tulsa, OK: Harrison House, 1990), 1141. "
24. R. Laird Harris, Gleson L. Archer. Jr., e Bruce K. Waltke, editores, *Theological Wordbook of the Old Testament*, 2 volumes (Chicago: Moody Press, 1981), 1:192, ênfase acrescentada.
25. Cf. James M. Kinnebrew, *The Charismatic Doctrine of Positive Confession: A Historical, Exegetical, and Theological Critique* (dissertação doutoral, Mid-America Baptist Seminary, 1988), 157: “Dar à raiz dama o sentido que Capps lhe atribui é tomar sem sentido muitas passagens bíblicas. Tal definição faria o salmista ser uma ave (Salmo 102.7), o pescoço da sulamita uma torre (Cantares 4.4) e os exércitos de Deus uma mera nuvem (Ezequiel 38.9)”.
26. Veja também Jó capítulos 9, 10, 14; 34.20; SI 90: 102.11.12: 102; 15; Is 40.6-8; Tg 1.10,11 e 1 Pe 1.24,25.
27. Idem, Jr 32.17; Mt 19.26; Mc 10.27; Lc 1.37; 18.27.
28. Idem, 2 Co 12.9; Hb 4.15; Jó 23.
29. Idem, Jó 11.7-12; 21.22; 36.22-33; 37.5-24; 38.4.
30. Idem, SI 139.7-12; Ef 1.23; 4.10; Cl 3.11.
31. Idem. Jó 23; 37.23; 38-41.
32. Millard J. Ericson, *Christian Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988), 510.

33. Idem, 514.
34. Benny Hinn, programa “Praise the Lord” pela TBN (26 de dezembro de 1991). Hinn parece ter derivado essa idéia de Finis J. Dake, Dake’s Annotated Reference Bible (Lawrenceville, GA: Dake Bible Sales, 1963), Velho Testamento 1, coluna 4 (nota sobre Gn 1.26), 619, col. 1, nota 2; e Dake, God’s Plan for Man (Lawrenceville, GA: Dake Bible Sales, 1977 [original de 1949], 35.
35. Brigham Young, “The Gospel - The One-Man Power”, discurso em 24 de julho de 1870, relatado por D. W. Evans e John Grimshaw, Journal of Discourses (Londres: Horace S. Eldredge, 1966 [original de 1871]), 13:271.
36. Veja também a palavra hebraica mashal (SI 8.6). Harris, Archer e Waltke. Theological Wordbook of the Old Testament, 1:534, 2:833; e Samuel P. Tregelles, tradutor, Gesenius’ Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co.. 1976 [original de 1857]), 517b, 758a.

Capítulo 10 - Rebaixamento de Deus

1. Kenneth Copeland. "Spirit. Soul and Body I" (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries. 1985). fita de áudio #-1-0601. lado 1. Alguns têm sugerido que Copeland pode ter-se simplesmente referido a Jesus nessa declaração. Porém, isso cria um outro gigantesco problema - a saber, que Jesus já tinha corpo físico antes de sua encarnação. Embora Jesus tivesse aparecido no Antigo Testamento naquilo que, devidamente chamado, são teofanias (aparições de Deus). Ele sempre o fez com o propósito de comunicar-se com os homens; mas no contexto do sermão de Copeland, os homens ainda não haviam sido criados. Quanto a maiores discussões sobre as teofanias. veja Ron Rhodes. Christ Before the Manger (Grand Rapids, MI: Baker Book House. 1992). 79-91.
2. Jerry Savelle, “Framing Your World with the Word of God”, parte 2 (Fort Worth, TX: Jerry Savelle Evangelistic Association. Inc.. s/d), fita de áudio #SS-36, lado 1.
3. Morris Cerullo, The Miracle Book (San Diego. CA: Cerullo W'orld Evangelism, Inc., 1984), x-xi.

4. Benny Hinn e Jan Crouch, programa “Praise the Lord” pela TBN (3 de outubro de 1991).
5. Benny Hinn, programa “Benny Hinn”, pela TBN (3 de outubro de 1990).
6. Randy Frame, “Best-selling Author Admits Mistakes. Vows Chances”. Christianity Today (28 de outubro de 1991), 44-5. Hinn reiniciou seu ensino de que tanto o Pai quanto o Espírito Santo têm corpos (pela TBN, a 3 de outubro de 1991, programa “Praise the Lord”) pouco depois de sua suposta mudança de coração em relação à entrevista que deu à revista Christianity Today. Essa entrevista foi feita um mês antes do artigo de 28 de outubro ter sido publicado. Cf. Randy Frame, “Same Old Benny Hinn, Critics Say”, Christianity Today (5 de outubro de 1992), 53.
7. Id. *ibid.*
8. Benny Hinn, programa “Praise the Lord”, pela TBN (23 de outubro de 1992). Cf. Hinn, *Good Morning, Holy Spirit* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1990), 72, 82-4. N.E.: Livro publicado em português com o título *Bom Dia, Espírito Santo!*
9. Quanto a uma discussão bíblica e histórica sobre a doutrina da Trindade, veja E. Calvin Beisner, *God in Three Persons* (Wheaton. IL: Tyndale House Publishers, 1984); e Edward H. Bickersteth, *The Trinin* (Grand Rapids, MI: Kregel. 1976).
10. No caso da reivindicação dos mestres da Fé de que Deus possui um corpo literal - quer se trate de alguma forma de corpo físico ou de corpo espiritual - o erro é realmente muito sério, pois conforme já foi salientado, essa doutrina implica que a Trindade, enquanto Deus, pode ser desmembrada. Em contraposição, a Bíblia ensina que há três pessoas que compartilham igualmente os atributos da divindade, constituindo juntas um único Deus, indivisível e imutável (Dt 6.4; Mt 3.6).

Em adição, visto que de acordo com tais mestres Deus tem um corpo, sua presença estaria confinada à área ocupada por seu corpo. E visto que o corpo de Deus tem supostamente dimensões definidas (por exemplo, palmo, altura e peso mensuráveis) parece que Deus não

pode estar, verdadeiramente, naqueles lugares que não estão sendo ocupados por seu corpo. Noutras palavras, o Deus da Fé não pode ser onipresente. As Escrituras, por outro lado, apresentam um Deus que transcende a todas essas limitações. O único verdadeiro Deus está presente em todos os lugares, em toda a sua plenitude: “Eu sou apenas Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? - diz o Senhor. Porventura, não encho os céus e a terra? - diz o Senhor”⁷ (Jr 23.23,24; Cf. SI 139.710; Mt 28.20; Ef 1.23; 4.10; Cl 3.11).

Copeland, ao que parece, raciocinou que um Deus com corpo físico precisa dum habitat físico. Por isso, transformou convenientemente o céu num planeta: “O céu tem um norte e um sul, um leste e um oeste”, começou a dizer Copeland. “Em consequência, deve ser um planeta”. Ele também diz que a Terra é, na realidade, “uma cópia do Planeta Mãe no qual Deus vive”. Como Copeland pôde espremer Deus num planeta qualquer é difícil de conceber, especialmente desde que Salomão salientou que o próprio céu não poderia contê-lo (1 Rs 8.27).

Parece que os mestres da Fé chegaram a seu Deus físico tomando, erroneamente, versículos que o descrevem figuradamente em termos humanos (antropomórficos), e lendo-os literalmente. Assim, Deus aparece como um espírito dotado de corpo, com olhos e pálpebras (SI 11.4), ouvidos (SI 18.6), nariz (SI 18.8), boca (Nm 12.8), mãos e dedos (SI 8.3-6) e pés (Ex 24.10). Ainda assim, se esses versículos tivessem de ser entendidos literalmente, teríamos que concluir que Deus também tem penas e asas (SI 91.4) - obviamente um absurdo.

O fato é que tais descrições antropomórficas foram usadas apenas para nos ajudar a compreender e facilitar a descrição de nosso Criador. Nunca pretenderam transmitir o conceito de que Deus possui características físicas como as de sua criação humana. O Criador, afinal, é “Deus e não homem” (Oséias 11.9). Jesus deixou claro que Deus é espírito (Jo 4.24) — não um ser espiritual com corpo físico (Cf. Dt 4.12).

Alguns vão querer apontar para Cristo como prova de que Deus tem corpo. Entretanto, todos esses apelos fracassam em pelo menos dois pontos. Primeiro, a vasta maioria dos versículos citados por seus proponentes são do Antigo Testamento, antes, portanto, que Cristo tivesse assumido a forma humana (Jo 1.14; Cf. 1 Jo 4.2: 2 Jo 7). Segundo, e ainda mais importante, o Senhor Jesus não é somente pleno Deus. mas também é pleno homem. Ele é o Deus-homem. Seus atributos físicos não derivam de sua deidade, mas de sua humanidade (Rm 8.3: Fp 2.7).

1 1. Kenneth Copeland. programa “Praise-a-Thon” pela TBN (abril de 1988).

12. Kenneth Copeland. Our Covenant with God (Fort Worth. TX: KCP Publications, 1987). 8-1 1, passim.

Capítulo 11 - Endeusamento Satânico

1. C. S. Lewis, Mere Christianity, 22a impressão (Nova Iorque: Macmillan Publishing Co., 1976), 48.

2. Kenneth Copeland, The Force of Faith (Fort Worth, TX: KCP Publications, 1989), 11.

3. Benny Hinn, “Our Position in Christ #2 - The Word Made Flesh” (Orlando: Orlando Christian Center, 1991), fita de video #255. ênfase acrescentada. Veja também a reivindicação de Hinn de que os crentes são “pequenos messias” ou “pequenos deuses” no programa “Praise-a-Thon” pela TBN (6 de novembro de 1990).

4. d. ibidem.

5. Kenneth Copeland, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (abril de 1988).

6. Kenneth Copeland, “Image of God in You III” (Forth Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries, 1989), fita de áudio #01-1403, lado 1.

7. Charles Capps, Authority in Three Worlds (Tulsa, OK: Harrison House. 1982), 50-1, ênfase acrescentada.

8. Kenneth Copeland, “What Happened from the Cross to the Throne” (Forth Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries. 1990). fita de áudio #02-0017.

Capítulo 12 - Diminuição de Cristo

1. Kenneth Copeland, “Authority of the Believer IV” (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1987), fita de áudio #01-0304, lado 1.
2. Kenneth Copeland, “Take Time to Pray”, Believer’s Voice of Victory 15, 2 (fevereiro de 1987):9.
3. Kenneth Copeland, “Question & Answer”, Believer’s Voice of Victory 16, 8 (agosto de 1988):8, ênfase no original.
4. Kenneth Copeland, “The Incarnation” (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985), fita de áudio #01-0402, lado 1, ênfase no original. Devemos notar que se Copeland, nesta fita, fala de Deus como o Deus-homem, sua declaração de que “ele não pode ser um Deus”, indica claramente o contrário.
5. Quanto a posteriores estudos sobre a deidade de Cristo, veja Josh McDowell e Bart Larson, Jesus: A Biblical Defense of His Deity (San Bernardino, CA: Here’s Life Publishers, 1983). N.E.: Publicado em português pela editora Candeia, sob o título Jesus: uma Defesa Bíblica da Sua Divindade.
6. Benny Hinn, Good Morning, Holy Spirit (Nashville: Thomas Nelson, 1990), 135-6, ênfase acrescentada. Na 7ª impressão, certas mudanças não anunciadas foram feitas no texto, em resposta a críticas do CRI [ICP], de modo que agora a passagem diz o seguinte (mudanças em destaque): “E deixem-me adicionar isto: Caso o Espírito Santo não tivesse estado com Jesus, ele bem que poderia ter pecado. Isto é verdade. Foi o Espírito Santo quem o manteve puro. Ele [Jesus] não somente foi enviado do céu, mas também foi chamado de Filho do Homem - e como tal era capaz de pecar... Sem o Espírito Santo, Jesus talvez nunca o tivesse conseguido”. Foi inteiramente apagada a sentença que diz “Pode você imaginar...?” Mas ainda com essas mudanças, Cristo dependia do Espírito Santo para não pecar, ficando assim negada a impecabilidade de Cristo, que é um atributo essencial de Deus.

7. Quanto ao significado do título “Filho do Homem”, no livro de Daniel, veja Gleason L. Archer, Jr., *Encyclopedia of Bible Difficulties* (Grand Rapids. MI: Zondervan, 1982), 322-4; e Robert L. Reymond, *Jesus, Divine Messiah* (Phillipsburgo, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing, 1990), 52-61.
8. Kenneth Copeland, “Substitution and Identification” (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, s/d), fita de áudio #00-0202.
9. Charles Capps, *Authority in Three Worlds* (Tulsa, OK: Harrison House, 1982), 189.
10. Charles Capps. *Dynamics of Faith & Confession* (Tulsa, OK: Harrison House. 1987). 86.
11. Copeland. "The Image of God in You III" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1989), fita de áudio #01-1403, lado 2.
12. Id. ibidem.
13. Copeland. "What Happened from the Cross to the Throne", ênfase no original (veja nota seguinte).

Parte IV - Atrocidades sobre a Expição

1. Kenneth Copeland. "What Happened from the Cross to the Throne" (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries, 1990). fita de áudio #02-0017. lado 1 (Comp, com nota 1 do cap. 13).
2. De acordo com um certo número de mestres da Fé, Deus conseguiu obter um pequeno ponto de apoio em sua volta à Terra depois que fez um acordo com Abraão. Porém, de acordo com essa teologia peculiar, somente depois que pegou Satanás numa tecnicidade, levando-o a cometer um "ato ilegal", é que Deus foi capaz de reconquistar o controle do Universo (veja o capítulo 15). Esse ponto de vista altamente irregular está em franco contraste com a posição histórica acerca da redenção, estabelecida por personagens como Orígenes, Gregório de Xissa. Agostinho e Anselmo (veja Millard J. Erickson, *Christian Theology* [Grand Rapids, MI: Baker Book House. 1988], 792-6, 821-2).

Capítulo 13 - Recriação Sobre a Cruz

1. A obra clássica da Fé sobre esse assunto é a de E. W. Kenyon. What Happened from the Cross to the Throne, 12a edição (Lynnwood. WA: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1969).
2. Benny Hinn, programa "Benny Hinn" pela TBN (15 de dezembro de 1990, ênfase no original). Essa mensagem, intitulada "The Person of Jesus" (entregue durante um culto matinal de domingo, no Centro Cristão de Orlando, a 2 de dezembro de 1990), compõe a quarta parte da série em seis partes de Hinn intitulada The Revelation of Jesus (Orlando: Orlando Christian Center, 1991), fita de vídeo #TV-292. Embora Hinn tivesse sido citado em outubro de 1991 pela revista Christianity Today por ter confessado que "não cria mais na mensagem da fé", não demorou muito tempo para que voltasse ao ar ensinando, uma vez mais, as doutrinas da prosperidade que integram a mensagem da Fé ("Praise the Lord", pela TBN [17 de abril de 1992]) e garantindo cura (programas "Praise the Lord" pela TBN [26 de dezembro de 1991 e 16 de abril de 1992]). O grau em que Hinn "retornou" às posições do movimento da Fé permanece incerto, embora suas alusões favoráveis tanto a Oral Roberts como a Kenneth Hagin (nos programas mencionados) indiquem tendências perturbadoras.
3. Kenneth E. Hagin. The Name of Jesus (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1981). 31, ênfase no original. N.E.: Livro publicado em português pela Graça Editorial.
4. Kenneth Hagin Jr., em carta pessoal ao autor (4 de janeiro de 1991). 2, ênfase no original. Apesar de nossas diferenças teológicas, elogio Hagin Jr. por me ter escrito sua carta num tom muito diplomático.
5. As indicações são que o "eu" na declaração adicional refere-se a Hagin pai, visto que essa porção da correspondência parece ser o material padrão de perguntas e respostas que os ministérios Kenneth Hagin enviam em resposta aos inquiridores (conforme foi mencionado na porção inicial da carta de Hagin Jr.).
6. Frederick K. C. Price, "Identificação #3" (Inglewood, CA: Ever Increasing Faith Ministries, 1980), fita #FP545, lado 1.

7. Pensemos um minuto o que significaria para Cristo ter sido recriado da natureza de Deus para a de Satanás no jardim do Getsêmani. Entre outras coisas, significaria que um ser com a natureza de Satanás, em lugar da natureza do Cordeiro sem defeito, sofreu os açoites romanos e a coroa de espinhos, além da crucificação. E também que a obra terminada de Cristo na cruz seria ainda mais diminuída, visto que a culminância da missão do Senhor seria sumariamente transferida do Calvário para o Getsêmani.
8. Glen W. Göhr, "Price, Frederick K. C.". Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements, editores Stanley M. Burgess, Gary B. McGee and Patrick H. Alexander (Grand Rapids, MI: Regency/Zondervan. 1988). 727.
9. Veja James E. Talmage, Jesus the Christ (Salt Lake City: Deseret Book Co, 1969), 613-4. Cf. What the Mormons Think of Christ, panfleto (Salt Lake City: Deseret New Press, s/d). 31-2: e Joseph Fielding Smith, Doctrines of Salvation, compilado por Bruce R. McConkie (Salt Lake City: Bookcraft, 1975 [original de 1954], 1:121-38. especialmente a pág. 130.
10. Kenneth Copeland, "What Happened from the Cross to the Throne" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries. 1990). Fita de áudio #02-0017, lado 2.
11. Quanto a mais sobre esse ponto, veja Brian Onken, "The Atonement of Christ and the 'Faith' Message", Forward 7, 1 (1984): 11-2.
12. Thomas J. Crawford, The Doctrine of Holy Scripture Respecting the Atonement (Grand Rapids. MI: Baker Book House, 1954), v; citado por Onken. ibid.. 12.
13. Phillip E. Hughes. Paul's Second Epistle to the Corinthians, extraído do The New International Commentary on the New Testament, editado por Ned B. Stonehouse (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, Publishing Co.. 1962), 213-4. Quanto a comentários similares, veja R. V. G. Tasker. The Second Epistle of Paul to the Corinthians, extraído do Tyndale New Testament Commentaries (Wm. B. Eerdmans Publishing Co.. 1977 [original de 1958], 90-1.

14. O notável erudito bíblico Merrill C. Tenney diz sobre esta passagem: "O uso do tempo perfeito em 'Está consumado' (tetelestai) significa que a obra de Cristo estava terminada, como fundamento para a fé. Nada mais precisava ser feito. O ato de Jesus foi voluntário e confiante, pois cumprira à perfeição o propósito do Pai e estava deixando a cena de seu conflito humano" ("The Gospel of John", extraído de The Expositor's Bible Commentary, editor geral Frank E. Gaebelein [Grand Rapids, MI: Regency/Zondervan. 1981], 9:184).

Capítulo 14 - Redenção no Inferno

1. Robert Tilton, programa "Success-N-Life" (18 de julho de 1991).
2. Frederick K. C. Price, Ever Increasing Faith Messenger (junho de 1980), 7; citado por D. R. McConnell, A Different Gospel (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1988), 120.
3. Frederick K. C. Price, "Identification #9" (Los Angeles: Ever Increasing Faith Ministries, 1980), fita #FP551, lado 1.
4. Quanto ao caso contra Hagin, veja McConnell, A Different Gospel, 3- 14.
5. Kenneth E. Hagin, "How Jesus Obtained His Name" (Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries, s/d), fita #44H01, lado 1. Veja também o artigo de Hagin "Made Alive". The World of Faith. 15. 4 (abril de 1982):3, onde ele escreveu: "Jesus morreu como nosso substituto; aquele que não conheceu pecado foi feito pecado. Ele tomou sobre si mesmo nossa natureza pecaminosa. E morreu - ele foi separado e cortado de Deus, descendo à prisão do sofrimento em nosso lugar. Ele esteve ali por três dias e três noites".
6. Kenneth Copeland, "Jesus - Our Lord of Glory", Believer's Voice of Victory 10, 4 (abril de 1982):3.
7. Paul E. Billheimer, Destined for the Throne, edição especial para a TBN (Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1988 [original 1975], 83-4, ênfase no original; citado longamente por Jan Crouch durante o programa "Praise the Lord" pela TBN (20 de agosto de 1987).

8. Charles Capps, de maneira similar a Fred Price, ofereceu o raciocínio que “Ele [Cristo] suportou o inferno por nós, para não termos de passar por ele” (Authority in Three Worlds [Tulsa, OK: Harrison House, 1982]. 138)
9. É mais do que provável que a palavra “inferno”, com todas as suas conotações, tenha sido inadvertidamente substituída pela palavra “hades” (veja Phillip Schaff. The Creeds of Christendom [Baker, 1985], 45-6. 69).
10. Mui estranhamente, alguns mestres da Fé usam a mesma linha de argumentação empregada pelas Testemunhas de Jeová a fim de evitar este ponto - a saber, afirmando que a palavra “hoje” indica quando Jesus proferiu sua declaração ao ladrão e não quando o ladrão estaria com o Senhor no paraíso (veja, por exemplo, E. W. Kenyon, What Happened from the Cross to the Throne, 12a edição [Lynnwood, WA: Kenyon’s Gospel Publishing Society, 1969], 60). Para uma sólida resposta bíblica, veja David A. Reed, Jehovah’s Witnesses Answered Ver-se-By-Verse (Baker, 1986), 67-9.

Parte do argumento também depende da distinção entre Hades e Gehenna. Compreendo que esses dois termos transmitem idéias distintas. Em termos simples, hades é o equivalente grego do hebraico sheol. E retratado como o lugar das almas ou espíritos desencorpados. A Bíblia retrata-o como contendo duas áreas distintas. Uma é o lugar de tormento para os ímpios; a outra, de bênção consciente para os piedosos (“paraíso” ou “seio de Abraão”). Ambos os lugares representavam apenas experiências parciais do que haveria de vir.

Que Jesus foi para o Hades (especificamente ao lugar chamado paraíso) é evidente com base em 1 Pe 3.18-20. Ali Jesus proclamou o término da expiação na cruz, aos “espíritos em prisão”. E então, conforme lemos em Ef 4.8,9, Ele tomou os justos do Hades (isto é, do seio de Abraão ou paraíso) e levou-os para o recinto do trono de Deus. De fato, 2 Co 12.2-4 esclarece que o paraíso não está mais no Hades, mas está agora no recinto onde se acha o próprio trono de Deus.

Os injustos, que permanecem no Hades, estão aguardando o Dia do Juízo, quando estarão defronte de Deus e receberão a sua sentença

final. A morte e o Hades serão lançados para dentro do lago de fogo, que é a segunda morte (Ap 20.14). Nesse lago de fogo, que as Escrituras chamam por inferno ou Gheenna — o futuro lugar de punição no estado eterno. Apesar de que os estudiosos da Bíblia diferem sobre o que ocorreu exatamente quando Jesus desceu ao paraíso ou Hades, sobre uma coisa eles concordam: Jesus não desceu ao inferno para ser torturado por Satanás e seus capangas.

Capítulo 15 - Renascimento no Inferno

1. Kenneth Copeland, *Walking in the Realm of the Miraculous* (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries, 1979), 77.
2. Kenneth Copeland. "What Happened from the Cross to the Throne" (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries, 1990), fita de áudio #02-0017. lado 2.
3. Kenneth Copeland, programa "Believer's Voice of Victory" (21 de abril de 1991). Esta mensagem foi originalmente entregue no Full Gospel Motorcycle Rally Associations 1990 Rally em Eagle Mountain Lake, Texas.
4. Kenneth Copeland, "The Price of it All". *Believer's Voice of Victory* 19. 9 (setembro de 1991):4-6.
5. Charles Capps, *Authority in Three Worlds* (Tulsa, OK: Harrison House. 1982), 212-3, ênfase no original.
6. Kenneth E. Hagin. *The Name of Jesus* (Tulsa, OK: Harrison House. 1981), 29. N.E.: Livro publicado em português pela Graça Editorial (O Nome de Jesus).
7. Id. *ibidem*.
8. O termo "primogênito", em Romanos 8.29, também recebeu um tratamento similar da parte dos mestres da Fé. Veja, por exemplo, Frederick K. C. Price, "Identificação #8" (Los Angeles: Ever Increasing Faith Ministries, 1980), fita #FP550, lado 1.
9. Quanto a discussões adicionais sobre este ponto, veja J. B. Lightfoot. *St. Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon* (Peabody. MA: Hendrickson Publishers, Inc., 1981), 156-8; Cf. 146-7; e Herbert M.

Carson, The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon, extraído do Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids. MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co.. 1977). 43-4.

10. Essa linha de raciocínio e exesege de Colossenses 1.18 é igualmente aplicável a Apocalipse 1.5 ("o primogênito dos mortos").
11. Paul E. Billheimer. Destined for the Throne, edição especial para a TBN (Fort Washington. PA: Christian Literature Crusade. 1988 [original de 1975]). 86: citado longamente por Jan Crouch, durante o programa "Praise the Lord" pela TBN (20 de agosto de 1987).
12. Veja, por exemplo, R. C. H. Lenski, The Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John e St. Jude (Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1966), 159.
13. Kenneth Copeland, "Substitution and Identification" (Kenneth Copeland Ministries, 1989), fita #00-0202. lado 2.
14. Benny Hinn, "Our Position 'in Christ'. Part 1" (Orlando. FL: Orlando Christian Center, 1991), fita de video #TV-254.

Capítulo 16 - Reencarnação

1. Paul Crouch, programa "Praise-a-Thon" pela TBN (6 de novembro de 1990).
2. Kenneth E. Hagin, "The Incarnation", The Word of Faith 13, 12 (dezembro de 1980): 14. O artigo inteiro de Hagin foi extraído quase palavra por palavra da primeira metade dum capítulo intitulado "The Incarnation of the Humanity and Deity of Jesus", no livro de E. W. Kenyon, The Father and His Family, 12a edição (Lynnwood. MA: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1964), 97-101.
3. Veja, por exemplo, Bruce R. McConkie, Mormon Doctrine, 2a edição (Salt Lake City: Bookcraft. 1974 [original de 1966], 216-7. 278. 282, 590, 750-1.

Capítulo 17 - Conformidade Cultural

1. Quentin J. Schultze, Televangelism and American Culture (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1991), 132-3. Cf. Dennis Hollinger, "Enjoying God Forever: An Historical/Sociological Profile of the

Health and Wealth Gospel”. Trinity Journal 9, 2 (outono de 1988): 145-8.

2. Robert Tilton, “Success-N-Life”, programa pela televisão (27 de dezembro de 1990).
3. Veja as notas 34 a 37, relativas à Parte I.
4. John Avanzini, “Was Jesus Poor?”, fita de video (Hurst, TX: His Image Ministries, s/d).
5. Frederick K. C. Price, programa “Ever Increasing Faith” pela TBN (9 de dezembro de 1990).
6. Avanzini, “Was Jesus Poor?” fita de video (Cf. nota 4).
7. John Avanzini, programa “Praise the Lord” pela TBN (10 de agosto de 1989).
8. Ao discutir sobre o papel da interpretação bíblica no “evangelho” da prosperidade, o notório erudito Gordon Fee observou agudamente que “o sentido claro do texto é sempre a primeira regra, bem como o alvo final de toda interpretação válida. Mas o “sentido claro” tem a ver, antes de tudo, com o intuito original do autor, com aquilo que teria sido claro para aqueles a quem as palavras foram originalmente endereçadas. Não tem nada a ver com o que alguém, duma cultura branca, suburbana, norte-americana, dos fins do século XX, lê a partir de sua própria cultura no texto sagrado, através do prisma freqüentemente distorcido da linguagem do começo do século XVII” (The Disease of the Health and Wealth Gospels, 3a impressão [Beverly, MA: Frontline Publishing 1985]. 5-6. ênfase no original).
9. John Avanzini, programa “Believer’s Voice of Victory” pela TBN (20 de janeiro de 1991).
10. Quanto a uma breve mas vigorosa crítica ao materialismo dentro do cristianismo atual, veja David L. Larsen, “The Gospel of Greed Versus the Gospel of Grace”, Trinity Journal 9, 2 (outono de 1988):211-20.
11. T. L. e Daisy Osborn, She & He Photo-Book — Go for It! (Tulsa, OK: Osborn Foundation, 1983), 62.

12. Id. *ibid.*, 65, letras maiúsculas no original.
13. Frederick K. C. Price, *Faith, Foolishness, or Presumption?* (Tulsa, OK: Harrison House, 1979), 34.
14. Frederick K. C. Price, “Ever Increasing Faith”, programa pela TBN (29 de março de 1992).
15. Patti Roberts com Sherry Andrews, *Ashes to Gold* (Waco, TX: Word Books, 1983). 110-1. 448 Cristianismo em Crise

Capítulo 18 - Chantagem e Extorsão

1. Philip Schaff, *History of the Christian Church*, 8 volumes (AP & A. s/ d [reimpressão de 1888]), 7:69.
2. Id. *ibid.*, 72.
3. Id. *ibid.*, 73 e 74.
4. Id. *ibid.*, 73.
5. Id. *ibid.*, 75.
6. Id. *ibid.*, 78.
7. Citação coligida de Kenneth Scott Latourette, *A History of Christianity*, edição revisada, 2 volumes (Nova Iorque: Harper & Row, 1975), 2:717; e R. Tudor Jones, *The Great Reformation* (Downers Grove. IL: InterVarsity Press, 1985), 44. Quanto a informes bibliográficos adicionais e discussão sobre traduções variantes, veja Schaff, *History of the Christian Church*, 7:139, 141.
8. Patti Roberts com Sherry Andrews, *Ashes to Gold* (Waco, TX: Word Books, 1983), 121.
9. Oral Roberts, *A Daily Guide to Miracles* (Tulsa, IK: Pinoak Publications, 1975), 63, maiúsculas no original.
10. David Lane, presidente e gerente geral da WFAA-TV, em Dallas, citado pelo despacho da Associated Press de Tulsa, Oklahoma, impresso como: “TV Ban Won’t End Oral Roberts’ Vow of ‘Cash or Death’” *Toronto Star* (14 de janeiro de 1987), All; and “Despite TV Stations’ Protests, Oral Roberts Won’t Stop Life-or-Death Appeal

for Funds”, Orange Country [California] Register (14 de janeiro de 1987). A19.

11. Id. ibidem.

12. Oral Roberts, carta por mala direta, sem data (cerca de Io de março de

1987). Quanto à legenda no alto da primeira página alertando para o “fim de março”, veja Oral Roberts. “God's Mandate to Me”. Abundant Life 41,2 (março/abril de 1987):3.

13. Carta de Oral Roberts (cerca de Io de março de 1987). 2.

14. Id. ibid., 4.

15. Richard Roberts, carta por mala direta, sem data (cerca de Io de janeiro de 1987), 1-3 passim. O 69º aniversário de Oral Roberts foi a 24 de janeiro de 1987.

16. Id. ibid., maiúsculas no original.

17. Oral Roberts, carta por mala direta, (s/d - Io de janeiro de 1985?). 1-2, ênfase no original.

18. Id. ibid., 1.

19. Id. ibid., 2, maiúsculas no original.

20. Id. ibid., 3, maiúsculas no original.

21. Id. ibid., 1, 3, maiúsculas no original.

22. Id. ibid., 2. maiúsculas no original.

23. Oral Roberts, apresentação diante da World Charismatic Conference, Melodyland Christian Center, Anaheim, CA (7 de agosto de 1992), extraída de fita de áudio guardada no Instituto Cristão de Pesquisas, EUA, ênfase acrescentada.

24. Veja Charles Fillmore, Prosperity (Lee's Summit: MO: Unity Books, 1967 [original de 1936]).

25. O item aqui referido é um poema apresentado como a devoção do dia, mas que fora previamente publicado na Unity Magazine, R. H.

Greenville, "Whatever Good", Daily Blessing: A Guide to Seed-Faith Living, 24, 1 (janeiro-fevereiro-março de 1982):46.

26. Glória Copeland, God's Will Is Prosperity (Tulsa, OK: Harrison House, 1978), 54.

27. Id. *ibid.*.

28. Programa "Praise-a-Thon" pela TBN (5 de novembro de 1990).

29. Id. *ibid.*.

30. Id. *ibid.*.

31. Id. *ibid.*.

32. Id. *ibid.*.

33. Id. *ibid.*.

34. Paul Crouch, programa "Praise the Lord" pela TBN (21 de julho de 1992).

35. Oral Roberts. Oral Roberts' Best Sermons and Stories (Tulsa, OK: Oral Roberts, 1956), 46: 101 Questions and Answers (Tulsa, OK: Oral Roberts, 1968), 18: citado por David Edwin Harrell Jr., Oral Roberts: An American Life (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1985), 451. 604. nota 110.

36. Robert Tilton, carta por mala direta, com inclusos (1990), 6.

37. Id. *ibid.*.

38. Id. *ibid.*, 5-6.

39. Id. *ibid.*, 2-3, com maiúsculas e ênfase no original.

40. Id. *ibid.*, 4.

41. Marilyn Hickey, carta por mala direta, sem data (cerca de dezembro de 1988). 4. ênfase no original.

42. Oral e Richard Roberts, carta por mala direta (agosto de 1984), 2-3.

43. Id. *ibid.*. 3.

45. O Cristianismo em Crise
44. Id. *ibid.*. maiúsculas no original.
45. Id. *ibid.*.
46. Id. *ibid.*, 4, maiúsculas no original.
47. Id. *ibid.*, maiúsculas no original.
48. Id. *ibid.*.
49. Id. *ibid.*.
50. Oral Roberts, *A Daily Guide to Miracles*, 64.
51. Id. *ibid.*, 66.
52. Id. *ibid.*, 68.
53. Id. *ibid.*, 65.
54. Marilyn Hickey, carta por mala direta, sem data (cerca de 1992?).
3.
55. John Avanzini. *Its's Not Working, Brother John!* (Tulsa, OK: Harrison House, 1992), 13, ênfase no original.
56. Subtítulo do livro de Avanzini (*Ibidem*).
57. Id. *ibid.*, 45-53.
58. Id. *ibid.*, 49-52 (cf. o capítulo anterior deste livro sobre "Conformidade Cultural").
59. Id. *ibid.*, 52 (nota de rodapé).
60. Id. *ibid.*, 141-2 (maiúsculas no original).
61. Id. *ibid.*, 142.
62. Id. *ibid.*, 145 (maiúsculas no original).
63. Id. *ibid.*, 143.
64. Ernest Holmes, *Creative Mind and Success*, edição revisada (Nova Iorque: Dodd, Mead & Co., 1967 [original de 1919]), 84.

65. Avanzini, It's Not Working, Brother John!, 213, última capa.

66. Id. ibid., 124 e 122, ênfase no original.

67. Id. ibid., 122, ênfase no original.

68. Id. ibid., 123. ênfase no original.

Capítulo 19 - Contratos e Acordos

1. Kenneth Copeland, Our Covenant with God (Fort Worth, TX: KCP Publications, 1987), 10.

2. Benny Hinn, sermões por ocasião da World Charismatic Conference. Melodyland Conference Center, Anaheim, CA (7 de agosto de 1992). extraído de fita de áudio arquivada no Instituto Cristão de Pesquisas (EUA).

3. Kenneth Copeland, "God's Covenant with Man II" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries. 1985), fita de áudio #01-4404. lado 2.

4. E. W. Kenyon. The Blood Covenant (Lynnwood. WA: Kenyon's Gospel Publishing Society. 1969). 14, 16.

5. O movimento da Fé claramente promove uma visão dos pactos que cabe melhor dentro da descrição de contratos do que dentro da idéia bíblica de pacto ou aliança. Consideremos as seguintes chaves que distinguem os pactos dos contratos:

"1) Os contratos são orientados às coisas (enfocam principalmente os benefícios que cabem a cada parte), ao passo que os pactos são orientados às pessoas (originados do desejo de formar uma relação íntima duma parte para com a outra).

"2) Os contratos originam-se dum acordo mútuo entre duas partes (assim envolvendo alguma forma de negociação), ao passo que os pactos são iniciados pela parte mais forte (que oferece ajuda não negociada, nem baseada em necessidade, mas por graça, como uma dádiva).

"3) Os contratos têm condições que são orientadas às realizações (enfocando o cumprimento de certos termos e cláusulas), ao passo que os pactos estipulam obrigações em termos de lealdade pessoal".

(Adaptado de Elmer A. Martens, *God's Design: A Focus on Old Testament Theology* [Grand Rapids, MI: Baker Book House. 1981]. 72-3).

Os pactos divinos (entre Deus e a humanidade) que tiveram lugar no Antigo Testamento compõem-se de elementos notavelmente similares àqueles achados nos tratados de suserania do antigo Oriente. A luz desse fato, pode-se muito bem afirmar que o ensino da fé sobre os "pactos/contratos" tem se provado falso pelos registros arqueológicos e históricos. (Quanto à relação entre os tratados de suserania do antigo Oriente e os pactos do Antigo Testamento, veja William Dyrness, *Themes in Old Testament Theology* [Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1979], 114-6: o tratamento clássico sobre esse assunto é dado por George E. Mendenhall. "Covenant Forms in Israelite Tradition", *The Biblical Archaeologist* 17, 3 [setembro de 1954]:50-76).

6. Kenneth Copeland. "Christianity, A Series of Decisions" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985), fita de áudio #01-0406, lado 2: "Origin of the Blood Covenant" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries. 1985). fita de áudio #01-4401, lado 2.
7. Charles Capps. *Authority in Three Worlds* (Tulsa, OK: Harrison House, 1982). 66, ênfase no original.
8. Kenneth Copeland, *The Power of the Tongue* (Fort Worth, TX: KCP Publications, 1980), 10.
9. Kenneth Copeland, *The Laws of Prosperity* (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Publications, 1974), 51, ênfase no original.
10. Frederick K. C. Price. *Prosperity on God's Terms* (Tulsa, OK: Harrison House. 1990). 36-7. ênfase no original.
11. Copeland, *The Laws of Prosperity*, 50-1. Copeland refere-se aqui a Gálatas 3.13,14, para argumentar que Jesus redimiu todos os crentes da maldição da lei (que os mestres da Fé vinculam erroneamente às maldições alistadas em Deuteronômio 28) e garantiu para eles as bênçãos materiais de Abraão. Entretanto, o contexto da passagem contraria tal interpretação, visto que a discussão envolve a redenção espiritual e não as riquezas terrestres.

A mensagem do capítulo 3 de Gálatas é direta e simples: A humanidade caída só pode atingir uma boa posição diante de Deus mediante a fé em Cristo. A lei de Deus requer nada menos que a perfeição: portanto, ela torna-se maldição para aqueles que tentam atingir a boa posição, buscando cumpri-la pelo esforço humano desassistido (vv. 10-12). A humanidade pecaminosa é totalmente incapaz de cumprir esses elevados padrões (v. 3). As boas-novas é que Cristo redimiu os eleitos dessa maldição mediante a sua perfeita obediência e sacrifício ao Pai. Nossa fé ou confiança na obra terminada de Cristo é creditada como retidão e justifica-nos diante de Deus (vv. 26-28) - isto é precisamente a bênção recebida por Abraão (vv. 6-9).

Os mestres da Fé diminuem o valor e a importância infinitos do sacrifício de Cristo quando afirmam falsamente que ele morreu para que pudesse nos encher de indulgências materiais. Longe de se ocupar com coisas corruptíveis, o capítulo 3 de Gálatas chama nossa atenção para a graça de Deus, o qual, sabendo que nunca obteríamos retidão a seus olhos mediante nossas próprias obras, ofereceu o supremo sacrifício, para que pudéssemos ser reconciliados com ele.

12. Robert Tilton, programa "Success-N-Life" (27 de dezembro de 1990).

13. Jim Bakker, citado por Terry Mattingly, "Prosperity Christian' Sings a Different Tune" Rocky Mountain News (16 de agosto de 1992). 158.

14. Id. ibidem.

15. Id. ibidem.

16. Id. ibidem.

17. Id. ibidem.

18. Parafraseado de Charles H. Spurgeon, "A Sermon from a Rush" [comentando sobre Jó 8.1 1-13, sermão 651 dos sermões pregados durante o ano de 1865] no Metropolitan Tabernacle Pulpit, 63 volumes (Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1989), 1 1:537.

Capítulo 20 - Contexto, Contexto, Contexto

1. Paul Crouch, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (2 de abril de 1991).
2. Id. ibidem.
3. Id. ibid. Outros oponentes do cristianismo ortodoxo também recebem uma calorosa acolhida na TBN. Antitrinitários têm recebido uma plataforma, incluindo Roy Blizzard, Joseph Good e pelo menos um ministro da United Pentecostal Church (UPC), William De Arteaga, que escreveu um livro advogando uma forma de reencarnação “cristã” (Past Life Visions: A Christian Exploration [Nova Iorque, Seabury Press, 1983]; Cf. Norman Geisler e J. Yutaka Amano, The Reincarnation Sensation [Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1986], 52-3), também apareceu na TBN para promover seu ultimo livro que trata do movimento carismático e da controvérsia gerada pelo movimento da Fé. Embora De Arteaga tenha dito que desde então abandonou suas idéias metafísicas, é incerto se isso inclui seus pontos de vista acerca da reencarnação (Cf. Quenching the Spirit [Lake Mary, FL: Creation House, 1992], 13. 279. nota 25).
4. Id. ibidem.
5. Id. ibidem.
6. Quanto a uma discussão sobre esse tópico, veja Ron Rhodes, “Esotericism and Biblical Interpretation”, Christian Research Journal 14, 3 (inverno de 1992):28-31.
7. Quanto a uma lista breve sobre auxílios e recursos úteis, veja R. C. Sproul, Knowing Scripture (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1977), 123-5.
8. John Avanzini, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (5 de novembro de 1990).
9. Walter Bauer, William F. Arndt, F. Wilbur Gingrich, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, 4a edição revisada (Chicago: The University of Chicago Press, 1957), 857a; U. Wilckens, “hysterema, hysteresis”, Theological Dictionary of the New Testament, abreviado num volume e editado por Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids, MI:

Eerdmans/Patemoster Press, 1985), 1241; W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell Co., 1966), 196.

10. Roberts. *A Daily Guide to Miracles* (Tulsa, OK: Pinoak Press, 1975), 36-8, passim.
11. Gordon D. Fee, *The Disease of the Health and Wealth Gospels* (Beverly, MA: Frontline Publishing, 1985), 6, ênfase no original.
12. Id. *ibidem*.
13. Id. *ibidem*.
14. John Piper. *Desiring God* (Portland, OR: Multnomah Press, 1986), 163-7.

Parte VI - Achaques e Sofrimentos

1. Parafraseando Jó 8.6 (Bildade. o suíta): II.4-6.14.15 (Zofar. o naamatita); 15.5-6; 22.5-7,9,23 (Elifaz, o temanita). Eliú, filho de Baraquel, o buzita, não foi descrito como um dos "amigos" de Jó. mas ele também o acusou de algum pretenso pecado (Jó 34.37). Alguns comentaristas da Fé tentam distorcer essas passagens argumentando que visto que Deus aparentemente não condenou Eliú no fim. mas somente os três "amigos" de Jó (Jó 42.7,8; Cf. 2.11), isso significaria que as acusações de Eliú contra Jó permanecem de pé. Mas esse argumento fracassa, porque Deus não somente condenou os três amigos, mas também adicionou repetidamente que “não dissestes de mim o que era reto, como o [falou] meu servo Jó” (Jó 42.7,8, ênfase acrescentada). Assim, apesar de ter sido omitida qualquer referência a Eliú. no fim do livro, o próprio Deus declara que Jó pronunciou a verdade, obviamente incluindo as várias declarações de Jó de que não pecara contra Deus.
2. Frederick K. C. Price. *Is Healing for All?* (Tulsa, OK: Harrison House, 1976), 20.
3. Betty Price, “A Praise Report”, *Ever Increasing Faith Messenger*, 12.3 (verão de 1991); veja também Pat Hays, “Betty Price Speaks at 1991 ‘Wisdom from Above’ Luncheon”, *Ever Increasing Faith Messenger*, 13.1 (inverno de 1992), 12-3; e Betty Price, “Health

Update... then... and... now from Betty Price”, Ever Increasing Faith Messenger. 13.4 (outono de 1992), 5.

4. Kenneth Hagin: “Já pude viver quase 60 anos sem ter uma dor de cabeça. Eu não disse que os sintomas da dor de cabeça nunca tentaram me atacar. Disse que nunca tive uma dor de cabeça em 60 anos. porque, quando algum sintoma vinha, eu exigia que fosse embora, no nome de Jesus, e o mesmo tinha de sair!... Quando você exerce sua autoridade, mediante a fé, no nome de Jesus, a enfermidade ou doença devem sair!” (Classic Sermons, Word of Faith. 25º Aniversário - 1968-1992 - Commemorative Edition [Tulsa. IL: Kenneth Hagin Ministries. 1992], 159, ênfase acrescentada). “Não estive doente um único dia em 45 anos. Não que o diabo não me atacou. Mas não deixo findar o dia sem obter a cura” (The Name of Jesus [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1979], 133). Nos primeiros dias, Hagin não estava tão certo de obter sempre a cura no fim do dia: “Talvez no dia seguinte [a cura] ainda não se tenha materializado, mas temos que andar pela fé e agüentar firme em nossa confissão” (Right and Wrong Thinking [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1966], 21). Posteriormente, Hagin não somente obteve a certeza de que era sempre curado pelo fim do dia, mas que de fato isso não tomava mais de uma hora e meia (Kenneth E. Hagin, Seven Things You Should Know About Divine Healing [Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries, 1979], 68, ênfase acrescentada). Agora, Hagin afirma que tem sido curado “no espaço de alguns poucos segundos”, evidentemente se referindo a um problema cardíaco que sofreu em 1942 (Hagin, “God’s Best Belongs to You!” Word of Faith, 26:1 Dezembro de 1992], 5c).

Sobre o fato de Hagin não ter tido “nenhuma dor de cabeça” desde 1933/1934, veja Kenneth E. Hagin, em sermão na “All Faith’s Crusade”, Anaheim LCA] Convention Center (21 de março de 1991); e Kenneth E. Hagin, Name of Jesus (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1981), 44. “45 anos têm chegado e terminado e eu não tive sequer uma dor de cabeça. A última dor de cabeça da qual posso me lembrar foi em agosto de 1933. Não tenho e nem estou esperando ter uma. Mas se tivesse uma dor de cabeça, não o diria a ninguém. E se alguém me perguntasse como eu estava me sentindo, responderia:

‘Estou bem, obrigado’” (Kenneth E. Hagin, Words [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1979], 6-7).

Hagin afirma que ele foi curado de seu “coração deformado”, “paralisia” e uma “doença incurável no sangue”. Para o caso de ter pulado alguma doença, ele declarou que sua “cura foi do alto da cabeça à ponta dos pés” a 7 de agosto de 1934, de tal modo que “todo sintoma de aflição, deficiência e achaque físico foi tirado de meu corpo”, para sempre. “Continuo curado após 49 anos”, declarou Hagin. (Kenneth E. Hagin, *Exceedingly Growing Faith*, 2a edição revisada [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1990], 48-9, 82-3). Veja também Kenneth E. Hagin, *Understanding How to Fight the Good Fight of Faith* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1987), 6; Kenneth E. Hagin, *What Faith Is*, edição revisada (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1983), 18-9; Kenneth E. Hagin, *How to Write Your Own Ticket with God* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1979), 16-7; Kenneth E. Hagin, *Faith Food for Spring* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1978), 9; Kenneth E. Hagin, *I Believe in Visions* (Old Tappan, NJ: Revell, 1972), 27-30; (ao que parece, sua cura ocorreu numa terça-feira, na “segunda semana” de agosto de 1934. ou a 7 de agosto, que não é o mesmo que a “segunda terça-feira” daquele mês [14 de agosto]). Em outros lugares, Hagin dá várias datas, como “seis dias antes de meu 17º aniversário [20 de agosto de 1934]”, que seria 14 de agosto, “a segunda terça-feira de agosto de 1934” (Kenneth E. Hagin, *El Shaddai* [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1980], 24-5). Mas veja Kenneth E. Hagin, *How You Can Be Led by the Spirit of God* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1978), 87; (a cura numa “terça-feira” foi em agosto de 1934). Ainda num outro lugar. Hagin afirma que sua cura ocorreu a “8 de agosto de 1934”. que foi uma quarta-feira (Kenneth E. Hagin, *Zoe: The God-Kind of Life* [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1981], 13). A doença no sangue pode ter sido uma forma de anemia hemolítica (Hagin, *How You Can Be Led*, 88). N.E.: Vários desses títulos estão disponíveis em português, publicados pela Graça Editorial.

5. Hagin sofreu crises cardíacas em 1939, 1942, 1949 e 1973:

(1) Em meados de maio de 1939: “Estive presente a uma convenção do Evangelho Pleno... Quando eu estava sentado no culto, comecei a ter uma dor aguda em torno do coração. O mesmo parecia tremer e parar. Eu sentia como se minha respiração estivesse sendo cortada” (Hagin. Right and Wrong Thinking. 20-1).

(2) 1942: “...Enquanto pastoreava uma igreja na parte leste do Texas, tive uma batalha com meu corpo... Não falei nada a respeito com ninguém: apenas disse ao Senhor, crendo que me curaria. Então fiz finca-pé. Durante a noite houve momentos de prova, quando pareceu-me que não o suportaria... Enfrentei essa batalha por cerca de seis semanas... Já a estava enfrentando por longo tempo” (Kenneth E. Hagin, Authority of the Believer [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1967], 9). “Durante a noite eu acordava com alarmantes sintomas no coração... batalhei contra aquela situação por cerca de seis semanas” (Kenneth E. Hagin. The Believer's Authority, 2a edição revisada [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries. 1991], 8). “Tive uma batalha com sintomas em meu corpo... Certas ocasiões parecia que eu não iria agüentar” (Kenneth E. Hagin, Faith Food for Spring [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1978], 29).

Ao que parece esse é o mesmo incidente que o seguinte: “Os sintomas cardíacos voltaram sobre mim... Lutei com eles a noite... ‘Sim, adquirir sintomas cardíacos. De fato, se piorarem nem sei o que farei!’” (The Name of Jesus, 138). “... alguns alarmantes sintomas cardíacos tentaram voltar a mim... Eu sabia que esses sintomas podiam significar a morte, mas nunca cedi um centímetro. Não discuti sobre os sintomas com ninguém. O diabo continuava a dizer-me: ‘Você não vai agüentar. Você vai morrer...’ Coloquei então minha Bíblia no chão e pus ambos os pés sobre ela” (Kenneth E. Hagin, The Real Faith [Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries, 1982], 27). “Lembro-me que há muitos anos atrás, depois que eu fora curado, os sintomas físicos voltaram... O diabo me disse ‘...Você vai morrer...!’ Pus minha Bíblia no chão e literalmente fiquei em pé sobre ela...” (Kenneth E. Hagin, “God's Best”, Word of Faith [dezembro de 1992], 5c).

(3) 10 de julho de 1949: “Eu estava planejando pregar numa igreja na parte leste do Texas... e estive presente a uma classe bíblica antes do

culto. Estava sentado num banco e, de súbito, meu coração parou e eu caí de rosto no chão. Fui parar direto nos pés do pastor. Ele me ajudou a levantar, e meu coração começou a disparar. Ninguém conseguia ouvir-me o coração palpitar. Eu sentia como se algo tremesse, tal como uma tijela cheia de gelatina... Disseram-me mais tarde, ‘Sabíamos que você estava morto’. Meu corpo inteiro estava gelado e eu parecia branco como um lençol. A morte estava sobre a minha frente” (Kenneth E. Hagin, *Must Christians Suffer?* [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1982], 38). "Sentado na classe [de Escola Dominical] de súbito meu coração parou de bater. Caí do assento no soalho. Então meu coração começou a pulsar erradicamente, num ritmo rápido... Quando alguns ministros me apalpam o pulso, disseram: ‘Não podemos sentir nenhuma pulsação - tudo quanto podemos sentir é uma vibração’. A mim parecia que meu coração estava disparado a 200 ou 300 batidas por minuto... Fiquei enregelado, o corpo inteiro, como se fosse gelo... E reconheci quando a morte veio sobre mim... quase morri...” (Kenneth E. Hagin, *The Human Spirit* [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1974], 24-5).

- (4) Episódio cardíaco de 1973: “[Hagin] teve um ataque de coração, e ficou como morto. Deus lhe disse: ‘Vais morrer aos 55 anos [1972-1973] se não começares a profetizar’. O caso esteve bem perto de custar a Kenneth Hagin sua vida... Isso aconteceu um ano antes da Rhema ter começado [em 1974]” (Norvel Hayes, apresentação na East Coast Believers’ Convention [24 de maio de 1992], fita de áudio). Talvez esse seja o mesmo incidente descrito por Hagin em 1978: “Fui despertado à 1:30 da madrugada, vários anos atrás, com graves sintomas em meu coração e peito. Já sabia algo acerca desses sintomas, por que estivera acamado e esperara morrer com complicações cardíacas quando era adolescente” (Faith Food for Spring, 89). Em 1989, Hagin adicionou alguns detalhes sobre essa ocorrência: “...Eu estava efetuando uma reunião em Pasadena, no Texas. Após uma das reuniões, à noite, deitei-me para dormir quando fui despertado, cerca de 1:30 da madrugada com severas dores no coração. Era como se a incurável doença cardíaca que experimentara enquanto adolescente voltara a atacar-me... Fiquei deitado na cama aquela noite, com uma severa dor no coração...” (Kenneth E. Hagin,

Knowing What Belongs to Us [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1989], 13-4).

(5) Sem data: "...por duas vezes em minha vida parecia que a morte tinha vindo e se agarrara a mim. Ambas as vezes apenas comecei a rir-me". Um dos incidentes foi descrito acima (Pasadena. Texas, sem data - Hagin, Knowing What Belongs to Us, 13).

(6) Complicações cardíacas (provavelmente) por três dias, sem data: "Certa vez, quando estava numa convenção, enfrentei problemas físicos. Eu não disse coisa alguma à minha esposa, mas não conseguia dormir. Por três noites deitei-me orando, mas a minha cura não se manifestava. Os sintomas não me deixavam" (Kenneth E. Hagin. Three Big Words [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries. 1983], 24).

(7) Um episódio noturno, sem data: "Alguns anos atrás, pouco antes de me recolher ao leito, fui perturbado por sintomas físicos de proporções alarmantes... Fui deitar-me, mas os sintomas só pioraram. Continuei a louvar a Deus pela cura e, finalmente, consegui adormecer. Quase imeditamente fui despertado por esses sintomas. E, finalmente, disse: 'Senhor, não sei mais por quanto tempo sou capaz de agüentar isso...' Despertado por sintomas sérios pela terceira vez, ouvi em meu espírito as palavras 'Não consideres' ... Minha luta consistia em me apropriar da cura física em meu corpo, enquanto os sintomas alarmantes persistiam... Os sintomas e a dor persistiam" (Kenneth E. Hagin. The Key to Scriptural Healing [Tulsa. OK: Kenneth Hagin Evangelistic Association. 1977], 27-8, [revisão de 1984], 25-6).

6. Hagin, "God's Best". 5c.

7. "God's Bountiful Double Portion". Word of Faith (dezembro de 1992). 10b-c.

8. Bruce Barron, The Health and Wealth Gospel (Downers Grove. IL: InterVarsity Press, 1987), 14-34.

9. Marla Cone, "Oral Roberts Stable After Heart Problem". The Los Angeles Times (8 de outubro de 1992), B1, B9; Oral Roberts e Paul Crouch num show do "Praise the Lord", pela TBN (6 de outubro de

1992). Quando Crouch impôs as mãos sobre Roberts para ministrar às dores do peito de Roberts, este último exclamou: “Sinto o poder curador de Jesus!” e disse que sentiu como se fosse uma “corrente elétrica”. Menos de quatro horas mais tarde, enquanto visitava um lar em Newport Beach, Roberts sentiu mais dores e foi hospitalizado no Hoag Presbyterian Memorial Hospital (também em Newport Beach), pouco depois da meia-noite. Artigos subsequentes noticiaram que o ataque cardíaco de Roberts foi “quase fatal” (“Evangelist Has Tests”. The Orange County [CA] Register [16 de dezembro de 1992], A-7) o que resultou nele receber um marcapasso (“Roberts Out of Hospital”, The Orange County: [CA] Register [21 de dezembro de 1992], A-30).

O problema cardíaco de Paul Crouch: “Precisamente nesta semana... Paul [Crouch] passou pelas piores dores no coração durante dois dias. Seu coração pulsava e parava, e parava e vibrava, e doía. doía, doía” (Jan Crouch, programa “Praise the Lord” pela TBN - 31 de julho de 1992).

10. Carta de L. E. [nome oculto por motivo de privacidade] (25 de agosto de 1992).

11. Carta do autor para L. E. [idem] (31 de agosto de 1992).

12. Carta de D. B. [idem] (13 de julho de 1992).

Capítulo 21 - Sintomas e Doenças

1. Kenneth Copeland, The Troublemaker (Forth Worth, TX: Kenneth Copeland Publications, s/d [cerca de 1970]), 6.

2. Kenneth Copeland, Healed... to Be or Not to Be (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1979), 25.

3. Id. *ibid.*, 31-2, ênfase no original.

4. Benny Hinn, Rise & Be Healed! (Orlando, FL: Celebrations Publishers, 1991), 44.

5. Id. *ibid.*, 14.

6. Id. *ibid.*, 32, ênfase no original.

7. Id. *ibid.*, 65.
8. Jerry Savelle, *If Satan can't Steal Your Joy...* (Tulsa, OK: Flarrison House, 1982), 9.
9. Id. *ibid.*, 9-10, ênfase no original.
10. "Eu também resisti com sucesso aos resfriados todos esses anos", afirmou Hagin. O mais longo, em relação ao tempo em que os sintomas permaneceram comigo, foi de uma hora e meia. Geralmente falando, nós, os crentes, não fazemos isso [resistir às enfermidades]. Ao primeiro pequeno sintoma de resfriado que se demonstra [uma dor de cabeça ou outra coisa qualquer], dizemos: 'O. sim. peguei-o!'" (Seven Things You Should Know About Divine Healing [Tulsa, OK: Henneth Hagin Ministries. 1079]. 68. ênfase acrescentada). "Alguém indagou, 'Irmão Hagin, você por acaso fica doente?' 'Não'" (Kenneth E. Hagin, *God's Medicine* [Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries. 1977], 17).

Hagin declarou durante uma onda de resfriados, em 1957: "Este surto não me assusta. Nunca terei a gripe asiática" (*Understanding How to Fight the Good Fight* [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries. 1987], 119). Noutra versão, Hagin asseverou: "Eu nunca [ênfase de Hagin] terei a gripe asiática" (*El Shaddai* [Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries, 1980]. 35-6). Veja também o relatório do filho de Hagin quanto ao incidente (Kenneth E. Hagin Jr., *Blueprint for Building Strong Faith* [Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries. 1980], 27). O filho de Hagin mencionou que seu próprio filho pequeno (neto de Kenneth Hagin) foi diagnosticado como "quem tinha um tumor cerebral, que requeria cirurgia imediata", embora não haja menção de qualquer cura pela fé (Kenneth E. Hagin Jr., *The Answer for Oppresion* [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1983], 14-6, 23).

Porém, durante outra onda de resfriados, no Texas, em 1960, Hagin admitiu: "Todos [s/c] aqueles sintomas passaram pelo meu corpo durante a noite, mas eu nunca o disse a alguém" (*Bible Faith Study Course* [Tulsa, OK: Hagin Evangelistic Association, s/d. cerca de 1966], 6). Algures Hagin admitiu: "Em diversas ocasiões que tenho tido sintomas de resfriado, alguém me diz: 'Ó. você está ficando

resfriado'. Então respondo: 'Não, não estou com resfriado e nem apanharei um'" (Understanding How to Fight. 129).

Jesus, supostamente, disse a Hagin, em janeiro de 1950: "Algumas vezes, mesmo quando você estiver pregando, quaisquer sintomas que você tiver desaparecerão" (Kenneth E. Hagin, How God Taught Me About Prosperity [Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries. 1985]. 11).

11. Frederick K. C. Price. Faith, Foolishness, or Presumption? (Tulsa. OK: Harrison House, 1979). 76-7.

12. Savelle, If Satan, 10-1, ênfase no original.

13. Kenneth Copeland, "West Coast Believer's Convention", registrado em Anaheim, CA, a 13 de junho de 1991.

14. Kenneth E. Hagin, Right and Wrong Thinking (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1966), 20-1.

15. Id. *ibid.*, 21.

16. Paul Brand e Philip Yancey, Healing: What Does God Promise? (Portland, OR: Multnomah Press, 1984 [reimpressão da Guidepost. Carmel, NI], 7).

17. Id. *ibidem*.

18. Id. *ibidem*.

19. Mary Baker Eddy, Science and Health with Key to the Scriptures (Boston: First Church of Christ, Scientist, 1971 [original de 1875], 390).

20. Phineas Quimby, The Quimby Manuscripts, editado por Horatio W. Dresser (New Hyde Park, NI: University Books, 1961 [original de 1859], 186).

21. Hagin, Right and Wrong Thinking, 19, 24.

22. Kenneth Copeland, Walking in the Realm of the Miraculous (Forth Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1979), 37.

23. Price, Faith, Foolishness, 93. Veja também Frederick K. C. Price. How Faith Works (Tulsa, OK: Harrison House, 1976), 92-3, citado

por D. R. McConnell, *A Different Gospel* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers. 1988), 154, 167, nota 31.

24. Price, *Faith. Foolishness*, 88.
25. Hagin, “Healing: The Father’s Provision”, *Word of Faith* (agosto de 1977), 9; citado por McConnell, *A Different Gospel*, 157, 168. nota 41.
26. Hinn, *Rise & Be Healed*, 64, ênfase no original.
27. Carta de Paul Crouch a M. A. (nome oculto por motivo de privacidade], 28 de agosto de 1992, ênfase acrescentada.
28. Copeland, *Healed... to Be*, 12.
29. Id. *ibid.* 12-3.
30. Para um tratamento adicional dos abusos do movimento da Fé quanto a Isaías 53.5 e outros versículos, veja Elliot Miller, *Healing: Does God Always Heal?* (San Juan Capistrano: ICP [EUA], 1979), 3-5.

Capítulo 22 - Satanás e as Enfermidades

1. Kenneth Copeland, *The Power of the Tongue* (Forth Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1980), 20, ênfase no original.
2. Id. *ibid.*, 20. ênfase no original.
3. Id. *ibid.*, 23-4, ênfase no original.
4. Finis J. Dake, *God’s Plan for Man* (Lawrenceville, GA: Dake Bible Sales, 1977 [original de 1949], 241.
5. Frederick K. C. Price, *Faith, Foolishness, or Presumption?* (Tulsa. OK: Harrison House, 1979), 88, 94.
6. Frederick K. C. Price, *Is Healing for All?* (Tulsa. OK: Harrison House. 1976). 113, ênfase no original.
7. Kenneth E. Hagin, *I Believe in Visions* (Old Tappan. NJ: Spire Books/ Revell. 1972), 65.
8. Id. *ibid.*, 67.

9. Robert Tilton, programa “Successs-N-Life” (cerca de 1991). vídeo guardado no Instituto Cristão de Pesquisas, EUA.
10. Mateus, no contexto, está dizendo que quando os membros da Igreja pecam e se arrependem, a Igreja deve “soltá-los” - isto é, restaurá-los à comunhão. Mas, enquanto não se arrependem, deve “amarrá-los” ou removê-los. (Veja Hendrick H. Hanegraaff, “Perspectiva do ICP: ‘Amarrando e Soltando’” [Irvine. CA: CRI, 1991], ordem CP-0610; Eric Villanueva, "Territorial Spirits and Spiritual Warfare: A Biblical Perspective". Christian Research Journal, 15:1 [verão de 1992], 39).
11. Frederick K. C. Price. How Faith Works (Tulsa, OK: Harrison House, 1976). 23.
12. Kenneth E. Hagin, Faith Food for Spring (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1978), 72-3, 79, ênfase no original.
13. Glória Copeland, programa “Believer’s Voice of Victory” pela TBN (25 de outubro de 1992).
14. Frederick K. C. Price, “Is God Glorified Through Sickness?” (Los Angeles: Crenshaw Christian Center, s/d), fita de áudio #FP605, ênfase acrescentada.

Capítulo 23-0 Pecado e as Moléstias

1. Carta recebida de S. C. [nome oculto por motivo de privacidade] (25 de setembro de 1991), 2.
2. Carta recebida de H. C. [idem] (cerca de 6 de agosto de 1991).
3. Carta recebida de C. C. [idem] (19 de junho de 1992).
4. Kenneth Copeland, apresentação no Melodyland Christian Center. Anaheim, CA (30 de março de 1983), ênfase no original.
5. Frederick K. C. Price, How Faith Works (Tulsa, OK: Harrison House. 1976), 77.
6. Frederick K. C. Price, “Paul’s Thorn #1” (Los Angeles: Ever Increasing Faith Ministries, 1980), fita de áudio #FP606, lado 2. Veja também a declaração de Price: “Paulo era homem que se

inclinava por jactar-se vangloriar-se” (Is Healing for All? [Tulsa, OK: Harrison House. 1976], 12).

7. No grego original é ainda mais óbvio do que em português que a Paulo foi dado um espinho na carne (opondo-se à hipótese dele próprio ser o causador desse espinho). No grego, o verbo na voz passiva (edothē) foi usado para deixar claro que Paulo era o recebedor da doação. Noutras palavras, a doação (o espinho) vinha de fora, dalgum outro lugar. Se o Espírito Santo pretendesse indicar que algum pecado de Paulo era o responsável por sua enfermidade ou aflição então a voz média (edoto) é que teria sido usada.
8. Gordon D. Fee. *The Disease of the Health and Wealth Gospels* (Beverly. MA: Frontline Publishing, 1985), 28-30, ênfase no original.
9. Benny Hinn, *Rise & Be Healed!* (Orlando, FL: Celebration Publishers. 1991), 62.
10. Darrell W. Amundsen, “The Anguish and Agonies of Charles Spurgeon”. *Christian History* 10, 1 (1991):22-5 em 25b-c.
11. Kenneth Copeland, *The Troublemaker* (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Publications, s/d), 12.
12. Mary Ann Jeffreys, “Sayings of Spurgeon”, *Christian History* 10. 1 (1991): 12a.
13. Price. *Is Healing for All?* 14-5.
14. George M. Lamsa, *Holy Bible: From the Ancient Eastern Text* (Nova Iorque: A. J. Holman, 1933 [São Francisco: Harper & Row. s/d, reimpressão de 1984]), 1065a.
15. Veja John P. Juedes, “George M. Lamsa: Christian Scholar or Cultic Torchbearer?”, *Christian Research Journal* 12. 2 (outono de 1989): 8-14.
16. Price, *Is Heeding for All?*, 15 (nota de rodapé).
17. Kenneth Copeland, *The Power of the Tongue* (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1980), 22.

18. Kenneth Copeland, Welcome to the Family (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1979), 25, ênfase no original.

Capítulo 24 - Soberania e Doenças

1. Benny Flinn, Rise & Be Healed! (Orlando, FL: Celebration Publishers, 1991), 47-8.
2. Frederick K. C. Price, programa "Ever Increasing Faith" pela TBN (16 de novembro de 1990).
3. Mt 26.42; Me 14.36; Lc 22.42; Jo 4.34; 5.30; 6.38; At 18.21; 1 Co 4.19; Hb 10.7; SI 40.8; 143.10.
4. Gordon D. Fee, The Disease of the Health and Wealth Gospels (Beverly, MA: Frontline Publishers, 1991), 22.

Parte VII - De Volta ao Básico

1. Publicado pela Associated Press, "4 Killed When Balloon Hits Wires and Burns", St. Louis Post Dispatch (16 de dezembro de 1979). 14A.
2. Detalhes adicionais acerca da conversão cristã do autor podem ser encontrados em Hendrik Hanegraaff, "Testimony of a Former Skeptic". Acts & Facts: Impact 202 (abril de 1990). disponível no Christian Research Institute (ICP - EUA). Caixa Postal 500. San Juan Capistrano. CA 92693-0500.

Capítulo 25 - A = Amém

1. Frederick K. C. Price, programa "Ever Increasing Faith" pela TBN (16 de novembro de 1990).
2. Frederick K. C. Price, What Every Believer Should Know About Prayer, panfleto (Los Angeles: Ever Increasing Faith Ministries, 1990). [4], A luz do fato que os mestres da Fé promovem o erro de que "confissão traz possessão", seu ponto de vista debilitado sobre a adição "seja feita a tua vontade" às suas orações, não é por demais surpreendente. O sistema deles, implicitamente, mesmo que não explicitamente, opõe-se ao ensino bíblico de submeter as petições. feitas em oração, à vontade de Deus. Afinal, as petições feitas em oração, são rogos sujeitos à soberana vontade de Deus, ao passo que as confissões, segundo a teologia da Fé são exigências claras, que

supostamente são garantidas por Deus, para trazer à realidade os desejos pessoais de cada indivíduo. E conforme o modelo de oração de Price determina: “Já descobri que a maneira mais eficiente de orar é quando você demanda seus direitos. Eis por que oro: ‘Eu demando meus direitos!’” (Kenneth E. Hagin. *The Believer's Authority*, 2a edição [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries. 1984J. 22).

3. Frederick K. C. Price, *Petition Prayer, or the Prayer of Faith*, panfleto (Los Angeles: Ever Increasing Faith Ministries, 1991). [1]. ênfase no original.
4. Price, *What Every Believer Should Know About Prayer*, [4].
5. Frederick K. C. Price, carta mandada a B. G. [nome oculto por motivo de privacidade] (14 de outubro de 1992).
6. Price, *Petition Prayer, or the Prayer of Faith* [lj, maiúsculas no original.
7. Id. *ibid.*, [3], maiúsculas no original.
8. Id. *ibid.*, [4], maiúsculas e ênfase no original.
9. R. A. Torrey, *The Power of Prayer* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), 123-4, ênfase no original.

Capítulo 26 - B = Bíblia

1. Charles R. Swindoll, *Seasons of Life* (Portland, OR: Multnomah Press, 1983), 53, ênfase no original.
2. Certo número de mestres da Fé têm apanhado este versículo, distorcendo-o para justificar sua grosseira doutrina antibíblica de riquezas e prosperidade. Entretanto, o contexto da passagem (e o livro inteiro, para bem da verdade) não permite qualquer interpretação dessa sorte. A prosperidade e o sucesso mencionados no versículo 8 pertencem à conquista de Canaã por parte de Josué. O mandamento de Deus para os filhos de Israel lembrarem e meditarem sobre o livro da Lei foi dado para lhes fomentar a força e a coragem, enquanto se preparavam para batalhar no território de Canaã (Cf. os versículos 6 e 7). Também serviu para lembrar-lhes que Deus estaria com eles por onde quer que fossem (versículo 9).

Conforme um observador notou acertadamente: “Josué era um general, não um banqueiro; a prosperidade financeira simplesmente não é o que está em vista aqui” (Ken L. Sarles, “A Theological Evaluation of the Prosperity Gospel”, *Bibliotheca Sacra* 143. 572 [outubro-dezembro de 1986]:338).

3. Citado por Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1978), 14. Devemos notar que muitos, senão todos os mestres da Fé. embasam-se em “novas revelações” comparáveis às Escrituras. Benny Hinn. certa ocasião, fez a seguinte observação: “Não pensem que o OCC [Orlando Christian Center] está aqui para repetir algo que vocês têm ouvido nos últimos 50 anos. Se Deus me tivesse chamado para repetir coisas que vocês já ouviram, eu não deveria estar aqui. Se parássemos de dar a vocês novas revelações, estaríamos mortos”. Ele então passou a dizer à sua congregação e aos demais telespectadores que Jesus foi simplesmente o produto da confissão positiva de Deus. (Veja Hinn, programa “Benny Hinn” pela TBN [15 de dezembro de 1991], extraído de “The Revelation of Jesus [parte 4] - The Person of Jesus” [Orlando. FL: Orlando Christian Center, 1991], fita de vídeo #TV-292, ênfase acrescentada).
4. Walter M. Martin, *The Kingdom of the Cults*, edição revisada (Minneapolis: Bethany House, 1985), 67-125; “The New World Translation”. *Christian Research Newsletter* 3, 3 (1990):5.
5. John P. Juedes, “George M. Lamsa: Christian Scholar or Cultic Torchbearer?” *Christian Research Journal* 12, 2 (outono de 1989):8-14.
6. Finis J. Dake, editor, *Dake’s Annotated Reference Bible* (Lawrenceville. GA: Dake Bible Sales, 1963), NT pp. 96, coluna 1, e 97, colunas 1-2. ênfase no original; AT pp. 388, coluna lb, e 467 coluna If.
7. Id. *ibid.*, NT, p. 1, coluna 1.

Capítulo 27 - C = Congregação

1. Creio que ouvi a primeira versão dessa ilustração da parte de D. James Kennedy.

Capítulo 28 - D = Defesa

1. Paul Crouch, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (10 de novembro de 1987).
2. John Avanzini, programa "Praise-a-Thon" pela TBN (5 de novembro de 1990).
3. Henry M. Morris e Gary E. Parker. What Is Creation Science? revisado (El Cajon. CA: Master Books. 1987), 154-7.
4. Veja Duane T. Gish. Evolution: The Challenge of the Fossil Record (El Cajon. CA: Creation-Life Publishers, 1991), 180-4; e Marvin L. Lubenow, Bones of Contention (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992), 86-120.

Capítulo 29 - E = Essenciais

1. Paul Crouch, programa “Praise the Lord” pela TBN (5 de setembro de 1991).
2. Essa é uma ilustração que Walter Martin usou por todo o seu ministério e que citou em Kingdom of the Cults (Minneapolis: Bethany House Publishers, 1982). 16-7.
3. Embora o Credo de Atanásio traga o seu nome, ele que foi o grande defensor da fé no século IV d.C., a maioria dos eruditos atuais não acredita que esse credo tenha sido redigido por ele, embora afirmem sua aceitação universal por parte da Igreja.
4. A ilustração estatística é pertinente, embora não pretenda transmitir que todos quantos forem evangelizados hão de se tornar crentes.
5. Merrill F. Unger. The New Unger’s Bible Handbook, revisado por Gary N. Larson (Chicago: Moody Press, 1984), 708.

Epílogo

1. Benny Hinn, programa "Praise-a-Thon", pela TBN (2 de abril de 1991).

2. Jerry Savelle, "Framing Your World with the Word of God", parte 1 (Fort Worth, TX: Jerry Savelle Evangelistic Association, s/d), fita #SS-36, lado 1.

Kenyon e os Principais Proponentes dum Evangelho Diferente

1. E. W. Kenyon. The Hidden Man, 5a edição (Lynnwood. WA: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1970), 98.
2. Obras notáveis incluem estas: Charles Farah, "A Critical Analysis: The Roots' and 'Fruits' of Faith-Formula Theology" (documento apresentado à Society for Pentecostal Studies, novembro de 1980); James M. Kinnebrew, The Charismatic Doctrine of Positive Confession: A Historical, Exegetical, and Theological Critique (dissertação doutoral. Mid-America Baptist Theological Seminary. 1988); D. R. McConnell. The Kenyon Connection: A Theological and Historical Analysis of the Cultic Origins of the Faith Movement (tese para o mestrado. Oral Roberts University. 1982). e A Different Gospel (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, Inc.. 1988); H. Terris Neuman, An Analysis of the Sources of the Charismatic Teaching of Positive Confession (documento não publicado, Wheaton Graduate School, 1980); "Cultic Origins of Word-Faith Theology Within the Charismatic Movement" (Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies, 12, 1, primavera de 1990:3-55); e Dale H. Simmons, A Theological and Historical Analysis of Kenneth E. Hagin's Claim to Be a Prophet (tese para o mestrado. Oral Roberts University, 1985).
3. Veja McConnell, A Different Gospel, 35-43.
4. Veja a nota nº 9 do capítulo 2 deste livro: também McConnell, ibid.. 23.
5. Id. ibid.. 23, 28, nota 23.
6. Id. ibid.. 23, 33.
7. E. W. Kenyon, The Father and His Family (Lynnwood, WA: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1964), 1 18.
8. Vinson Synan, "The Faith of Kenneth Hagin", Charisma & Christian Faith, 15.1 1 (junho de 1990), 68.

9. Id. *ibid.*.

10. A história de Hagin sobre o “demônio macaco” é contada nestes livros: Kenneth E. Hagin, *I Believe in Visions* (Old Tappan, NJ: Spire Books/ Flaming H. Revell Co., 1972), 80-2; *Demons and How to Deal with Them* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Evangelistic Associations, 1976, 234; Kenneth Hagin Ministries, 2a revisão, 1983, 24-5; Zoe: *The God-Kind of Life* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1989), 47-9; *The Believer’s Authority*, 2a edição revisada (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1991), 29-31.

11. A entidade demoníaca foi descrita como um “mau espírito” (/ *Believe in Visions*, 80): como “um mau espírito que se assemelhava a um macaco” (Zoe, 47; *Visions*, 80); e como “um mau espírito que se parecia com um pequeno macaco ou duende” (*The Believer’s Authority*, 29).

Hagin afirma ter visto, noutra ocasião, um “demônio macaco”, que estava oprimindo uma mulher com câncer: “Eu vi um demônio ou um espírito ruim, pendurado no corpo dela, pelo lado de fora. Era como um pequeno macaco pendurado num galho de árvore. Parecia-se com figuras que temos visto de pequenos duendes” (*Ministering to the Oppressed* [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Evangelistic Association, 7a impressão, 1977]. Um pastor disse a Hagin que ele teria visto uma entidade similar oprimindo sua igreja: “Ali, sentado sob o teto, num esteio, havia um espírito que se assemelhava a um grande símio ou babuíno” (*The Interceding Christian* [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1978], 17).

12. “Agora compreenda”, explicou Hagin. “isso não incluía somente o demônio; mas também a nuvem escura que ofuscava a visão de Jesus e do céu. Incluía comunicação que não atravessava - orações ou qualquer coisa semelhante” (veja Hagin, Zoe, 49).

13. Hagin. / *Believe in Visions*, 81.

14. Id. *ibidem*.

15. Hagin. Zoe. 57. Hagin também disse, em tom de eufemismo, que recebera “o pé esquerdo da comunhão” dos Batistas (Kenneth E. Hagin, *Casting Your Cares upon the Lord* [Tulsa. OK: Kenneth

Hagin Ministries, 1981], 13; Kenneth E. Hagin. Seven Things You Should Know About Divine Healing [Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries, 1979], 21; Kenneth E. Hagin, What to Do When Faith Seems Weak & Victory Lost [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries. 1979]. 47.

16. Kenneth Hagin Jr., Faith Worketh by Love (Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries, 1979). 21. ênfase acrescentada.

17. Kenneth E. Hagin, Obedience in Finances (Tulsa. OK: Kenneth Hagin Ministries, 1983). 8.

18. H. Vinson Synan, “Capps. Charles Emmitt”. Dictionary of Pentecostal & Charismatic Movements, editado por Stanley M. Burgess. Gary B. McGee, e Patrick H. Alexander (Grand Rapids, MI: Regency/Zondervan, 1988), 107; Russ White. “Congregation Keeps the Faith with Spellbinding Benny Hinn”. Orlando Sentinel (11 de outubro de 1987), F6.

19. Programas radiofônicos diários de Hagin, “Faith Seminar of the Air”, listas de rádio em The Word of Faith, 25, 6 (junho de 1992): 18-9. Em adição, o filho de Hagin, Kenneth Jr., tem seu próprio programa de rádio semanal: “Thema Radio Church”.

20. “Graduation 92 — A Gateway to the Nations!” The Word of Faith. 25, 7 (julho de 1992):8; “Rhema’s First Russian Graduate!” Ibid.. 10-1.

21. Kenneth . Hagin Jr., “Trend Toward Faith Movement”, Charisma & Christian Life (agosto de 1985), 67-70, citado por James M. Kinnebrew, “The Charismatic Doctrine of Positive Confession” (dissertação doutoral, Mid-America Baptist Theological Seminary, setembro de 1988 [Ann Arbor, MI: University Microfilms, 1992, reimpressão]), 16 e nota 20; Cf. figuras discrepantes em Bruce Barron, The Health and Wealth Gospel (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1987), 55.

22. De acordo com Roy Wilson. Diretor Executivo da Evangelical Press Association, a revista The Word of Faith tem uma circulação total de 396.259 unidades por mês (ICP [EUAI. entrevista por telefone a 24 de julho de 1992).

23. Hagin, *Classic Sermons*, 25º Aniversário da Palavra da Fé [1968-1992] Edição Comemorativa (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1992), Prefácio [ix], De acordo com uma carta de Hagin aos seus colegas de ministério, datada de outubro de 1990, mais de 40 mil fitas gravadas são duplicadas e enviadas pelo correio a cada mês; de acordo com os *Classic Sermons* (112) de Hagin, entre 40 e 50 mil fitas gravadas são enviadas agora a cada mês.
24. “Faith Library Catalog” (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1991).
25. Synan, “The Faith of Kenneth Hagin”, 63.
26. Hagin, *I Believe in Visions*, 14-6.
27. Veja, por exemplo, Kenneth E. Hagin, *I Went to Hell* [Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1982], 5, 9, 14, 18, 23. Hagin tentou citar outros precedentes bíblicos de sua própria experiência (*Exceedingly Growing Faith*, 36). Hagin refere-se à descrição de Paulo acerca duma viagem feita por alguém (a maioria dos comentadores crê que Paulo se referia a si mesmo) ao terceiro céu, onde Paulo afirma que não sabia se a visão ocorreu no corpo ou fora do corpo, e que só Deus sabia o que fora (2 Coríntios 12.1-4). Mas Hagin descreveu claramente a si mesmo por saber que ele estava fora do corpo, apesar de sua esperta declaração: “Sei o que Paulo quis dizer ao afirmar que não sabia se estava no corpo ou fora dele” (*Exceedingly*, 36) — uma declaração que não diz realmente se Hagin era incapaz de dizer se estava no corpo ou fora do corpo, mas somente que Hagin sabia como Paulo deveria ter se sentido (com o que ele simpatizava).

Hagin de fato descreve sua exata localização fora de seu corpo “parcialmente paralisado”, que jazia ao seu lado, adoentado, com seu coração parado (*Visions*, 12; *Exceedingly*, 35): “Eu sabia que estava fora de meu corpo. Eu podia ver minha família no quarto...” (*Hell*, 5 [ênfase acrescentada], “Eu sabia que estava fora de meu corpo... Saiu-me primeiro a cabeça pelo pórtico exterior do quarto que ficava mais ao sul. Apenas por um segundo eu entendi que estava de pé no pórtico. Então saí através da parede. Pareceu-me saltar para dentro de meu corpo. Uma vez dentro dele, pude entrar novamente em contato com o físico” (*Exceedingly*, 35-7 [ênfase acrescentada]

“Voltei àquele quarto de modo tão real como qualquer outra vez...” (Visions, 12 [ênfase acrescentada]). Noutra experiência de morte iminente, pouco mais tarde, Hagin escreveu: “...Tive a mesma sensação que tivera antes... Quando saltei para fora do meu corpo e o deixei, comecei a subir... Quando subi até onde estaria o teto da casa, a aproximadamente cinco metros de altura sobre o leito, minha subida parou e pareceu-me estar de pé ali. Eu estava plenamente consciente, e sabia de tudo quanto estava acontecendo. Olhando de volta para o quarto, vi meu corpo jazendo no leito, e minha mãe inclinada, segurando minha mão na dela (Exceedingly, 37 [ênfase acrescentada]).

28. Hagin, / Believe in Visions (Tulsa, OK: Hagin Ministries, 1981), 12-6; também / Went to Hell, 14; e The Name of Jesus (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1981), 68. McConnell chamou isso de “descida de Hagin fora do corpo ao inferno” (McConnell, 74, nota 2). Outros mestres da Fé que têm noticiado experiências fora do corpo incluem Benny Hinn, Norvel Hayes e Kenneth Copeland.

Os antigos egípcios acreditam que a alma ou espírito humano existe e entra através da boca: E. A. Wallis Budge, Osiris: The Egyptian Religion of Resurrection. 2 volumes (Londres: Warner, 1911 [Nova Iorque: University Books. 1961. reimpressão], 1.399; Cf. 1.333; 2.128. Budge. From Fetish to God in Ancient Egypt (Londres: Oxford University Press, 1934 [Nova Iorque: Dover, 1988, reimpressão]), 331-3.

29. Kenneth E. Hagin. The Glory of God (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1987), 13-5.

30. Id. *ibid.*, 16.

31. Hagin, I Believe in Visions, 51.

32. Id. *ibid.*, 50.

33. Veja Henry George Liddell e Robert Scott (revisor, Henry Stuart Jones). A Greek-English Lexicon (Oxford. Inglaterra: Oxford University Press. 1968, edição revisada), 1983-84. *cheir* itens 1.1, II.6.c, III. 1: Gerhard Friedrich, editor tradutor Geoffrey W. Bromiley, Theological Dictionary of the New Testament (Grand

Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974), 9:424-5. 430 itens A.I.a e nota final 4, C.I.b: e Walter Bauer, William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Chicago: University of Chicago Press. 1979, edição revisada). 880a. Veja também Kenneth E. Stevenson e Gary R. Habermas. *The Shroud and the Controversy* (Nashville. TN: Thomas Nelson. 1990). 152.

34. O Dr. Pierre Barbet era o cirurgião-chefe do Hospital São José. de Paris. Ele realizou experiências com cadáveres, na década de 1930. as quais mostraram que a crucificação com pregos através das palmas das mãos não poderia sustentar o corpo na cruz. Os cravos teriam rasgado a carne. Veja Pierre Barbet, *A Doctor at Calvary*, tradução para o inglês (Nova Iorque: P. J. Kenedy and Doubleday, 1953 [original francês de 1950], citado por Ian Wilson, *The Mysterious Shroud* (Garden City. NI: Doubleday, 1986). 17, 20; e Frank C. Tribble, *Portrait of Jesus?* (Nova Iorque: Stein & Day. 1983), 80, 99-104.

É interessante que uma vítima de crucificação real na destruição romana de Jerusalém, em 70 D. C.. de nome Yohanon ben ha-Galgol, foi escavada por arqueólogos israelitas num cemitério da era do Novo Testamento, exatamente do lado de fora de Jerusalém, em 1968. Yohanon foi crucificado com um cravo através dos ossos rádio e cúbito do antebraço, como se evidencia pela trituração encontrada dentro do osso rádio, no fim do pulso (Wilson, 32-3; e Tribble, 86-7).

As experiências de Barbet com cadáveres foram recentemente repetidas e confirmadas, em Paris, pelo cirurgião ortopédico Dr. Pierre Merat (“Critical Study: Anatomy and Physiology of the Shroud“, *The Catholic Counter-Reformation in the XXth Century*, nº 218 [abril de 1989], 3-4).

35. “Special Report: Campmeeting 83”, *Word of Faith*, 16. 10 (outubro de 1983):3.
36. Hagin, *I Believe in Visions*, 115.
37. Id. *ibidem*.

38. Kenneth E. Hagin, *Why Do People Fall Under the Power?* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries, 1981), 10.
39. Id. *ibid.*, 11-2.
40. Benny Hinn, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (8 de novembro de 1990).
41. Veja Randy Frame. “Best-selling Author Admits Mistakes, Vows Changes”, *Christianity Today* (28 de outubro de 1991), 44.
42. Benny Hinn, sermão entregue durante “Miracle Invasion Rally” no Centro de Convenções de Anaheim [CA] (22 de novembro de 1991).
43. John Avanzini, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (primavera de 1990).
44. Paul Crouch, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (2 de abril de 1991).
45. Kenneth Copeland, “Why All Are Not Healed” (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1990), fita de áudio #01-4001, lado 1.
46. Barron, *Health & Wealth Gospel*, 56-7; veja também Kenneth Hagin Jr., *Faith Worketh by Love* (Tulsa, OK: Kenneth Hagin Ministries. 1979). 21.
47. Id. *ibid.*, 183, nota 59.
48. Richard M. Riss, “Copeland, Kenneth”. *Dictionary of Pentecostal & Charismatic Movements*, 226; cf. Gloria Copeland. *God's Will for You* (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Publications. 1972). xii.
49. Kenneth Copeland, *Living to Give* [brochura] (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries, s/d [cerca de 1988]), [4],
50. Id. *ibid.*, [5-6],
51. Kenneth Copeland, *Walking in the Realm of the Miraculous* (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries, 1979), 8.
52. Id. *ibid.*, [8]. ênfase no original.

53. Kenneth Copeland. "Following the Faith of Abraham I" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries. 1989), fita de áudio #01-3001, lado 1; Cf. também Finis J. Dake, Dake's Annotated Reference Bible (Lawrenceville. GA: Dake Bible Sales, 1963). AT pp. 388, col. lb, e 467. col. If.
54. Brigham Young, "Discourse... 8 de junho de 1873", Deseret News [Salt Lake City, UT] (18 de junho de 1873), 308; Brigham Young, sermão. 9 de abril de 1852; G. D. Watt, editor, Journal of Discourses (Liverpool, Inglaterra: F. D. Richards. 1855), 1.50.
55. Kenneth Copeland. "Spirit, Soul and Body I" (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985). fita de áudio #01-0601, lado I.
56. Joseph Smith. "The King Follett Sermon" (7 de abril de 1844). History of the Church, 8a impressão (Salt Lake City, UT: Deseret Book Co.. J975), 6:305; Joseph Smith, "The King Follett Discourse". Teachings of the Prophet Joseph Smith, 2 Ia impressão, em Joseph Fielding Smith, editor (Salt Lake City. UT: Deseret Book Co., 1972), 345.
57. Kenneth Copeland, "Following the Faith of Abraham I" (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries, 1989), fita de áudio #01-3001. lado 1.
58. Id. ibidem.
59. Copeland, "Following the Faith of Abraão I".
60. Copeland, programa "Praise-a-Thon" pela TBN (abril de 1988).
61. Copeland, Holy Bible: Kenneth Copeland Reference Edition (Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Ministries, 1991), 129, ênfase no original.
62. Copeland, programa "Believer's Voice of Victory" (21 de abril de 1991).
63. Kenneth Copeland, "Inner Image of the Covenant" (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries, 1985). fita de áudio #01-4406, lado 2.
64. Id. ibidem.

65. Id. ibidem.
66. Kenneth Copeland, programa "Believer's Voice of Victory" pela TBN (28 de março de 1991).
67. Copeland, "Inner Image of the Covenant", lado 2.
68. Glória Copeland, "Paul's Thorn in the Flesh", Believer's Voice of Victory 11.11 (novembro de 1983), 5.8.
69. Benny Hinn, programa "Benny Hinn" pela TBN (8 de junho de 1992).
70. Benny Hinn, *The Anointing* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1992), 86, 94.
71. Id. ibid.. 94-5.
72. Russ White, "Congregation Keeps the Faith With Spellbinding Benny Hinn". *Orlando Sentinel* (11 de outubro de 1987), F6. "Hinn afirma que... ajudou a curar até aqueles que tinham AIDS... Ele não disse a quem curou e nem apresentou prova documentada". Veja também Mike Thomas, "The Power and the Glory", 12; Michael McAteer, "Debunkers Put No Faith in Healer's Miracles", *Toronto Star*, 24 de setembro de 1992, A2. Cf. as "centenas de curas averiguadas" de Hinn, *Anointing*, 94-5.
73. Mike Thomas, "The Power and the Glory", 12. Hinn e seu assistente pessoal, Gene Polino, administrador do Orlando Christian Center, mais tarde negaram que Susan Smith documenta curas para a igreja, asseverando que ela simplesmente trabalha no departamento de vídeo e que Kent Mattox fez a documentação do milagre (Benny Hinn e Gene Polino reuniram-se com o presidente do ICP [EUAJ, Hanegraaff, e com o vice-presidente de pesquisa, Robert Lyle, a 21 de agosto de 1992; Gene Polino em entrevista dada por Renee Munshi, repórter free-lancer para o Bookstore Journal a 10 de setembro de 1992; entrevista feita pelo ICP [EUAJ a Munshi em 10 de setembro de 1992; Renee Munshi, "Benny Hinn: An Enigma", rascunho do artigo revisado passado por fax ao ICP e aos "Ministérios Hinn" em 2 de setembro de 1992).

Entretanto, a 4 de setembro de 1992, Hinn proveu ao ICP (EUA) alguns registros médicos alegadamente documentando três de seus milagres de curas, entre os quais havia formulários padronizados usados pelos “Ministérios Hinn” para registrar informações colhidas em entrevistas com pessoas possivelmente curadas. O nome Susan Smith aparece no formulário como a entrevistadora (na exata função noticiada pela revista Florida, no começo, e admitida por Polino a Munshi). Assim sendo, Smith aparece como ajudante na documentação de milagres para o ministério de Hinn.

74. “Mas apesar de todos os milagres afirmados por Hinn, a igreja parece pressionada para apresentar qualquer milagre que convença um cético sério... [SusanJ Smith também disse que havia uma cura de AIDS documentada, mas quando foi pressionada a fornecer detalhes, ela mais tarde disse que os testes finais ainda não estavam prontos”, de acordo com Mike Thomas no “The Power and the Glory”, Florida, 12. Nenhum desses testes resultou em comprovação da cura da AIDS, quase um ano depois de Hinn ter falado sobre o assunto, dando a entender que estava começando a investigar pela primeira vez: “Hinn disse que não sabia se havia documentação que autenticasse a cura de pessoas com AIDS, mas prometeu uma ‘pesquisa completa’ para ver se tal documentação existe” (Michael McAteer, “Debunkers Put No Faith in Healers's Miracles”, Toronto Star [24 de setembro de 1992J, A2).

75. Registros médicos e outros documentos inclusos com a carta de Benny Hinn. 4 de setembro de 1992.

76. Dr. Preston Simpson, relatório de análise médica, 28 de outubro de 1992: entrevistas por telefone do ICP (EUA) com o Dr. Preston Simpson, 6 e 23 de outubro de 1992. Embora o assistente de documentação médica ou “pastor de acompanhamento”, Kent Mattox, afirme ter compilado “provas” das curas de Hinn com base em registros médicos efetuados, o Dr. Simpson descobriu que na verdade não havia registros médicos anteriores que permitissem uma comparação “de antes e depois” (Mattox foi entrevistado por Renee Munshi para o Bookstore Jornal, a 10 de setembro de 1992; entrevista do ICP com Munshi, 10 de setembro de 1992; Munshi, “Benny Hinn: An Enigma”, rascunho do artigo revisado [2 de setembro de 1992J).

77. “Não sabemos dizer se este homem foi curado mediante um milagre ou pelo tratamento cirúrgico padrão”, de acordo com Simpson, análise médica de 28 de outubro de 1992. Cf. as entrevistas por telefone do ICP com o Dr. Simpson, a 6 e 23 de outubro de 1992. Também não ficou esclarecido se o tumor começou a diminuir de tamanho antes ou depois da Cruzada de Milagres de Hinn.
78. Simpson, análise médica de 28 de outubro de 1992. Quanto aos efeitos do lúpus, veja Robert Berkow. editor, *The Merk Manual*, 15a edição revisada (Rahway, NJ: 1987), 1276-7.
79. Esse caso envolveu um tumor com oito centímetros que invadiu as vértebras espinhais inferiores, fazendo duas delas fraturarem e fragmentarem-se. O resultado prático foi que a mulher de 40 anos. portadora do problema, aparentemente tornou-se incapaz de andar. Mas os registros médicos providos não documentam explicitamente esse fato. Quase dois anos no caso, seus médicos pareciam incapazes de dizer quais diagnósticos ou testes haviam sido feitos anteriormente, ou quais tratamentos lhe haviam sido aplicados. Nem ao menos ficou claro, pelos registros providos, se o tumor era canceroso ou causado por alguma infecção viral ou bacteriana. Um relatório médico (datado de 30 de dezembro de 1991) sugeriu poliomielite ou infecções com o bacilo de Koch como causas possíveis; contudo isso foi quase dois anos depois de alguma forma de câncer ter sido supostamente diagnosticada (19 de janeiro de 1990), aparentemente no sistema linfático. Embora não fique claro, pelos registros providos, exatamente quando foi descoberto o tumor espinhal, certamente o mesmo deveria ter sido diagnosticado como canceroso ou não, depois de 19 de novembro de 1991, quando chapas de raios X são mencionadas nos registros incompletos providos por Hinn (não há relatórios radiológicos referentes àquela data, só em relatórios posteriores). Os registros médicos foram supridos ao ICP (EUA) por Benny Hinn em 4 de setembro de 1992.
80. Relatório radiológico de 2 de julho de 1992.
81. A Cruzada Miraculosa de Hinn ocorreu a 14 de maio de 1992. em Tulsa, Oklahoma, mas o tumor ainda estava presente por ocasião do exame a 2 de julho de 1992.

82. Michael McAteer, “Debunkers Put No Faith in Healer's ‘Miracles’”, Toronto Star, 24 de setembro de 1992, A2; Cf. as “centenas de curas averiguadas” de Hinn. Anointing, 94-5. Entretanto, o assistente de documentação médica de Hinn, Kent Mattox, disse a um repórter do Bookstore Journal, a 10 de setembro de 1992, que o futuro livro de Hinn conterá apenas de 10 a 15 casos “documentados” de curas feitas por Hinn (entrevista de Mattox dada a Renee Munshi, para o Bookstores Journal, a 10 de setembro de 1992; entrevista do ICP com Munshi, a 1º de setembro de 1992; Munshi, “Benny Hinn: An Enigma” [2 de setembro de 1992]).
83. Hinn, “Our Position in Christ #5 - An Heir of God” (Orlando, FL: Orlando Christian Center, 1990), fita de áudio #A031190-5, lado 2.
84. Hinn, “Double Portion Anointing”, parte 3 (Orlando, FL: Orlando Christian Center, s/d), fita de áudio #A031791-3, lados 1 e 2; levado ao ar pela TBN em 7 de abril de 1991.
85. Benny Hinn, sermão entregue no Orlando Christian Center, 31 de dezembro de 1989; transcrição parcial no livro de Albert James Dager, “Special Report: Benny Hinn Pros & Cons”, Media Spotlight (maio de 1992).
86. G. Richard Fisher, “Benny Hinn’s Anointing: Heaven Sent or Borrowed?”, 1.
87. Cifra baseada na última enquete em potencial da TBN relatado pelo Praise the Lord (noticiário da TBN) 19, 8 (agosto de 1992):[4], Em adição à televisão por cabo, os programas da TBN também são lançados ao ar pela televisão local e de rede (cerca de 312 estações) e pelas ondas curtas do rádio. (Veja também Praise the Lord, 19. 11 [novembro de 1992] : [1J).
88. Cf. Ken Garfield, “Faith Healer from Florida Draws Crowds, and Questions”, Charlotte Observer (15 de outubro de 1992), 1C (mais de um milhão de cópias de Good Morning, Holy Spirit)', Randy Frame, “Same Old Benny Hinn, Critics Say”, Christianity Today, 36.11 (5 de outubro de 1992):54 (1,7 milhão de cópias de ambos os livros combinados).

89. Hinn, Good Morning, Holy Spirit, 56. N.E.: Livro já disponível em português.
90. Id. *ibid.*, 42.
91. O relato abaixo sobre o sermão Oshwa, de Hinn (7 de dezembro de 1974), foi extraído de Anointing, 23-7; e de Good Morning. Holy Spirit, 44-6.
92. Hinn. Anointing, 26.
93. Id. *Ibid.*. 27.
94. Veja a detalhada revisão do livro, pelo autor, “The Anointing by Benny Hinn”. Christian Research Journal, 15, 2 (outono de 1992):38.
95. Hinn, Anointing, 31.
96. Id. *ibid.*, 79.
97. Id. *ibid.*, 177-8.
98. Randy Frame, “Best-selling Author Admits Mistakes, Vows Changes”, Christianity Today (28 de outubro de 1991), 44-5.
99. Id. *ibid.*, 44, ênfase acrescentada.
100. Id. *ibidem*.
101. Id. *ibidem*.
102. Benny Hinn, programa “Praise the Lord” pela TBN. levado ao ar a 3 de outubro de 1991, A entrevista concedida à Christianity Today foi efetuada em 25 de setembro de 1991, um mês antes da publicação real do artigo (28 de outubro de 1991).
103. Benny Hinn, programa “Praise the Lord” pela TBN (23 de outubro de 1992). Nesse programa, Paul Crouch disse a Hinn: “Você tem sido atacado por causa das declarações suas acerca da Trindade e dos membros da deidade”. Hinn replicou: “Especialmente sobre isso. sim”. Ambos concordaram que há três membros na Trindade. Então Crouch disse: “Não nove”. Hinn riu-se: “Não, por misericórdia!” Crouch perguntou: “Onde eles obtiveram aquela idéia tola, afinal?” Hinn ignorou a pergunta.

A resposta verdadeira então omitida é que a idéia tola saíra dos lábios do próprio Benny Hinn - e temos isso gravado em fita (programa de Hinn pela TBN (13 de outubro de 1990).

104. Hinn, “Invasão Miraculosa”, Centro de Convenções de Anaheim. Califórnia (22 de novembro de 1991). Hinn estava respondendo à exposição da noite anterior, feita por Robert Tilton, Larry Lea e W. V. Grant, “PrimeTime Live”, pela ABC, aparentemente alheio da inconveniência de fazer ameaças justo no aniversário de assassinato dum presidente.

105. Benny Hinn, apresentação na Conferência Mundial Carismática, Centro Cristão Melodyland, Anaheim, Califórnia (7 de agosto de 1992). ICP (EUA): fita de áudio.

106. Entrevista concedida por Benny Hinn a Randy Frame, Christianity Today, 3 de setembro de 1992: minha entrevista com Frame. 3 de setembro de 1992; veja também Frame, “Same Old Benny Hinn”, Christianity Today (5 de outubro de 1992), 52-3.

107. Mesmo sem sua admissão, ficou claro que Hinn referiu-se ao programa de rádio “Bible Answer Man”, do ICP (EUA), difundido em todo o país desde o sul da Califórnia, à tarde, e ouvido à noite na Costa Oriental (local de Hinn) devido à diferença de fuso horário. Hinn não tinha explicação válida para justificar suas alegações de que o ICP poderia prejudicá-lo fisicamente. Isso não faz sentido, exceto como forma de atenuar o erro que ele próprio cometeu, uma vez que não podia voltar atrás, pois em nenhum momento o ICP ameaçou a segurança pessoal de Hinn.

108. Russ White, “Congregation Keeps the Faith With Spellbinding Benny Hinn”, Orlando Sentinel (11 de outubro de 1987). F-6.

109. Programa “Benny Hinn” pela TBN (8 de junho de 1992).

110. Idem (29 de junho de 1992).

111. Idem (6 de julho de 1992).

112. McConnell, A Different Gospel, 4.

113. John Dart, "Huge 'Faith-Dome', em L. A.", Los Angeles Times (9 de setembro de 1989), Parte II, 9-10; Cf. Glenn W. Gohr, "Price, Frederick K. C." Dictionary of Pentecostal & Charismatic Movements, 727.
114. Stephen Strang, "The Ever Increasing Faith of Fred Price", Charisma & Christian Life (maio de 1985), 23; Cf. Gohr, "Price, Frederick K. C.". 727.
115. Veja Strang, "The Ever Increasing Faith of Fred Price", 24-5; Gohr, "Price", Dictionary of Pentecostal & Charismatic Movements, 727; Brad Darrach, "Masking His Biblical Teaching in Theatrics, Pastor Fred Price Gets His Message Across Swimmingly", People (10 de outubro de 1983), 48, 53; John Dart, "Scholarly Black Pastor Has a Burgeoning Flock", Los Angeles Times (7 de dezembro de 1981). 6-8.
116. "Special Report: Campmeeting 83", Word of Faith, 16, 10 (outubro de 1983), lib.
117. Strang, "The Ever Increasing Faith of Fred Price". 25; John Dart. "Scholarly Black Pastor Has a Burgeoning Flock". 8.
118. Frederick K. C. Price, "Nomeie-o e Reivindique-o! O que diz a Palavra?...", Ever Increasing Faith Messenger 10. 3 i verão de 1989):2: maiúsculas no original.
119. Flo Jenkins-Bryant, "We've Come This Far by Faith!... And It's Time to Rejoice!!!" Ever Increasing Faith Messenger. 11. 1 (inverno de 1990):8.
120. Frederick K. C. Price, programa "Ever Increasing Faith" pela TBN (9 de dezembro de 1990), disponível no Crenshaw Christian Center (arquivo de áudio #CR-A2).
121. Frederick K. C. Price, Is Healing for All? (Tulsa. OK: Harrison House. 1976), 20.
122. Frederick Price, Faith, Foolishness, or Presumption? (Tulsa, OK: Harrison House, 1979), 88.

123. Betty Price. "A Praise Report". Ever Increasing Faith Messenger 12, 3 (verão de 1991); Pat Hays, "Betty Price Speaks at 1991 'Wisdom from Above' Luncheon", Ibid., 13. 1 (inverno de 1992), 12-3.
124. Entrevista do ICP (EUA) por telefone com um membro do Crenshaw Christian Center (31 de julho de 1992). Veja também Betty Price, "Health Update... then... and ... now from Betty Price", Ever Increasing Faith Messenger 13, 4 (outono de 1992):5.
125. Price, programa "Ever Increasing Faith" pela TBN (16 de novembro de 1990).
126. Frederick K. C. Price, programa de televisão "Ever Increasing Faith" (3 de maio de 1992).
127. Frederick K. C. Price. "Identification #3" (Inglewood. CA: Ever Increasing Faith Ministries. 1980), fita de áudio #FP545. lado 1.
128. Frederick K. C. Price. Ever Increasing Faith Messenger (junho de 1980), 7; citado por McConnell, A Different Gospel, 120.
129. Frederick Price, programa "Ever Increasing Faith" pela TBN (23 de novembro de 1990).
130. Id. ibidem.
131. John Avanzini, programa "Believer's Voice of Victory" pela TBN (20 de janeiro de 1991).
132. A palavra grega desta passagem, chiton, é devidamente traduzida por "túnica" ou "camisa" uma peça de vestuário usada de encontro à pele e por ambos os sexos (veja Walter Bauer, William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, a Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, edição revisada [Chicago: University of Chicago Press, 1952], 890b, ênfase no original; Cf. E. F. Bruce. The Gospel of John (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co..1983), 370; e Merrill C. Tenney, "The Gospel of John", editado por Frank E. Gaebelein, no The Expositor's Bible Commentary (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981, 9:81.

133. John Avanzini, programa “Believer’s Voice of Victory” pela TBN (20 de janeiro de 1991).
134. Idem, programa “Praise the Lord” pela TBN (10 de agosto de 1989).
135. Idem, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (15 de setembro de 1988).
136. Id. ibidem (abril de 1991).
137. Idem, *It’s Not Working, Brother John!* (Tulsa, OK: Harrison House. 1992).
138. Idem, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (5 de novembro de 1990).
139. Id. ibidem (10 de Abril de 1992).
140. Id. ibidem.
141. Id. ibidem (7 de julho de 1992).
142. Id. ibidem (abril de 1991).
143. Benny Hinn, programa “Praise-a-Thon” pela TBN (6 de novembro de 1990).
144. Scott Baradell. “Robert Tilton's Heart of Darkness”, *Dallas Observer* (6 de fevereiro de 1992), 13. 18.
145. Id. ibid., 18.
146. Id. ibid., 19-20.
147. Id. ibid., 13, 18-20.
148. Id. ibid., 13.
149. [Religious News Service], “TV Preachers Seen as ‘Beggars’: Public Dislikes Evangelists’ Onscreen Methods, Professor Says”, *Dallas Morning News* (21 de novembro de 1992); Ari L. Goldman, “Religion Notes”, *New York Times* [Nat. Ed.] (21 de novembro de 1992), 8.

150. Howard Swindle e Allen Pusey, "Tilton Ends Syndication of His Sunday Services", Dallas Morning News (13 de agosto de 1992), IA, 28A; Terry Box, "Backers Think Tilton Will Endure" (16 de fevereiro de 1992), IA, 12A-13A; Jim Jones, "The Undercover Thorn in Robert Tilton", Fort Worth Star-Telegram (26 de janeiro de 1992), IA, 20A. Recentemente, as taxas da Arbitron, de Tilton, caíram 39 por cento, após a exposição feita pela rede ABC de televisão, em novembro de 1991 (Veja Allen Pusey e Howard Swindle, "Tilton Bankrolled '83 TV License Bid, Source and Files Say" [12 de julho de 1992], 1A, 29a.).
151. Baradell, "Robert Tilton's Heart of Darkness", 13; Nancy St. Pierre. "Tilton's Lawyer Has Key Role", Dallas Morning News (17 de fevereiro de 1992), IA, 14A. Em setembro de 1992, o porta-voz e advogado de Tilton, J. C. Joyce, declarou que nada menos de 400 empregados de Tilton haviam perdido o emprego devido à diminuição da contribuição. após seu desmascaramento pela mídia, o que, se correto, reduziria seus 850 empregados a talvez 450 (Jim Jones. "Tilton Ministry Still Strong Despite Layoffs, Assistant Says". Fort Worth Star-Telegram [23 de novembro de 1992]).
152. Nancy St. Pierre, "Tilton's Wife Tells of Finances". Dallas Morning News (5 de março de 1992), IA, 7A; Terry Box. "Tax Appraiser is Scrutinizing Tilton's Church" (22 de março de 1992 i. IA: veja estimativa aproximada das rendas do ministério de Tilton, no despacho da Trinity Foundation: "Does Word of Faith - Wheel of Fortune?" (9 de dezembro de 1991); Box, "Backers Think Tilton Will Endure". Dallas Morning News (16 de fevereiro de 1992). IA. 12A-13A.
153. Senso de culpa faz obreiro de Tilton desistir [reportagem da Associated Press de Tulsa, OK] Denton [Texas] Record Chronicle (16 de dezembro de 1991). A 9 de julho de 1992 o "PrimeTime Live" da ABC entrevistou dois assistentes íntimos de Tilton, que marcaram presença desde a primeira reportagem sobre o escândalo. Brenda Reynolds disse ter sido a babá dos filhos de Tilton por seis anos. Quando tentou apresentar-lhe cartas com pedidos de oração, no percurso da garagem até dentro de casa, para que Tilton orasse por eles, o conselho dele, segundo ela, foi para que jogasse fora as cartas.

“Eu sei com certeza que ele não orou pelos pedidos de oração e eu mesmo os joguei fora. no lixo”, disse Brenda.

A Associated Press relatou, em dezembro de 1991. que um gerente-auxiliar duma fábrica de reciclagem de papel em Tulsa. encontrara milhares de pedidos de oração enviados a Tilton (Veja John Archer “PrimeTime Lies?”. Charisma & Christian Life, 17. 7 [fevereiro de 1992]:30-1). Outro relatório diz que uma equipe de câmeras da CNN encontrou “toneladas” de pedidos num armazém de reciclagem, em Tulsa (Veja o despacho da Trinity Foundation: “Toneladas de Pedidos de Oração a Tilton Descobertos num Centro de Reciclagem” [9 de dezembro de 1991].).

Ole Anthony, presidente da Trinity Foundation, em Dallas, testemunhou diante duma audiência num tribunal federal que também encontrou pedidos de oração depositados em armazéns fora de Tulsa. Anthony disse ter entregue essa evidência ao procurador geral do Texas, em novembro de 1991 (Veja Nancy St. Pierre. "Man Sifted Tilton's Trash for Evidence", Dallas Morning News [6 de março de 1992], 1A, 6A.

Tilton sempre negara publicamente que jogava fora pedidos de oração não lidos, mas admitiu num videotape colocado à disposição do procurador geral do Texas, em março de 1992 - tornado público pela ABC, apesar das objeções de Tilton - que não orava por cada carta, mas por listas preparadas em computador referentes a algumas cartas. Mas o que fazia com as cartas em si? “Eu as jogava fora”, disse.

154. Paul Carden, “Special Report: Tilton's Tottering TV Empire”. Christian Research Journal, 15, 1 (verão de 1992):5.

155. Beverly Crowley, de Wynona, Oklahoma, segundo se noticiou, ameaçou acionar Tilton em 40 milhões de dólares se continuasse recebendo correspondência dele prometendo curar seu marido — cinco meses depois da morte deste — desde que ela “semeasse a nova semente pelo milagre” que precisava, enviando dinheiro. O fato é que ela já se dera ao trabalho de enviar-lhe uma correspondência, comunicando o ocorrido (mas cartas de Tilton continuavam a chegar). Em 10 de janeiro de 1992 a Sra. Crowley, escrevendo a Tilton, registrou: “Faça o que tem de ser feito no computador para

cancelar a carta que tem sido remetida para Tom Crowley. Ora, Tom morreu no dia 30 de setembro de 1991 - três meses atrás. Deus deve ter se esquecido de lhe comunicar, é claro" (Veja Risa Robert, "Tilton Envia Carta 'Pessoal' a Homem Morto". Tulsa Tribune [27 de fevereiro de 1992], 7A; Howard Swindle. "Tilton Letters to Dead Man Prompt Widow to File Suit", Dallas Morning News [28 de fevereiro de 1992], [1A, 18a]; Scott Baradell. "Under the Tilton Hearing Big Top". Dallas Observer [12 de março de 1992]. 189; Scott Baradell, "The Man Who Could Topple Tilton", Dallas Observer [19 de março de 1992]; e Terry Box, "Tax Appraiser Is Scrutinizing Tilton's Church", Dallas Morning News [22 de março de 1992], 1A, 10A).

Dorothy Ries, de Tulsa, também acionou Tilton numa quantia de 40 milhões de dólares por causa duma reclamação similar. Como a Sra. Crowley, a Sra. Ries afirma ter escrito a Tilton informando-lhe que seu marido morreria, mas que continuavam chegando cartas, dirigidas ao morto, prometendo cura e buscando levantar fundos (Veja Nancy St. Pierre, "2nd Widow Sues Tilton Over Letters", Dallas Morning News [18 de março de 1992], 28A; e Nancy St. Pierre, "U. S. Court Judge Criticizes Morales in Tilton Inquiry", Dallas Morning News [19 de março de 1992], 1A. 13A).

"Prime Time Live" noticiou, a 9 de julho de 1992, que um total de nove pessoas estão acionando Tilton atualmente, embora não informasse quais reivindicações eram alegadas.

156. Nove ações civis, totalizando 500 milhões de dólares, foram reportadas a princípio como procedentes: Nancy St. Pierre, "Judge Rejects Tilton Bid for Restraining Order", Dallas Morning News (15 de maio de 1992), 1A, 8A; St. Pierre, "Judge Rejects Tilton's Suit Against Foes" (25 de junho de 1992). 29A, 32A.

Uma décima ação civil (supondo que esse é o seu número completo) foi iniciada contra Tilton no Tribunal Federal de Dallas, em 13 de novembro de 1992, por Mike e Vivian Elliott. Eles o acusam que numa produção por vídeo de janeiro de 1991, a qual foi apresentada como prova testemunhal, Tilton apresentou erroneamente a história da Sra. Elliott, de Deus tê-la livrado duma tentativa de suicídio em

outubro de 1990, creditando a ele [Tilton] e não a Deus os méritos do livramento. Os Elliotts disseram que o ministério de Tilton prometera à Sra. Elliott que o vídeo seria usado no levantamento de fundos para um “centro de auxílio profissional” que nunca foi estabelecido. Tanto os US\$ 3.500,00 que ela empenhara, bem como o dinheiro levantado pelo vídeo, foram mal usados, conforme diz a ação. As mudanças não autorizadas em seu testemunho foram feitas “para satisfazer a ganância dos réus”, alega a ação civil (Alien Pusey, “Florida Couple Sues Tilton Organization: Suit Says Story Misrepresented, Funds Misused”, Dallas Morning News [14 de novembro de 1992]).

“Várias” das primeiras nove ações foram recusadas, embora legalmente possam ser retomadas, se houver apelação (Sylvia Martinez, “Tilton Sues ABC News, 'PrimeTime' ”, Dallas Morning News [11 de novembro de 1992], 33A).

157. Tilton entrou com uma ação incomum no Tribunal Federal de Tulsa, a 14 de maio de 1992, contra dois de seus mais ferozes críticos, bem como contra os advogados que representavam vários clientes que o haviam acionado — mas logo no mês seguinte (24 de junho de 1992) sua ação foi encerrada (St. Pierre. "Judge Rejects Tilton Bid". Dallas Morning News [15 de maio de 1992], 1 A: St. Pierre. "Judge Rejects Tilton's Suit" [25 de junho de 1992J. 29A).

158. Programa “PrimeTime Lies”, pelo rádio, em lugar do programa regular pela televisão, de Robert Tilton. "Success-N-Life” (18 de agosto de 1992).

A acusação da ABC contra Tilton não foi respondida de forma muito convincente. Para exemplificar, o vídeo de resposta tentou retratar a ex-arrumadeira e babá dos filhos de Tilton, Brenda Reynolds, como quem não estava em posição de ter conhecimento sobre se Tilton jogara fora ou não cartas não lidas com pedidos de oração, guardadas no lar da família — onde ela trabalhou por seis anos.

Tilton acionou a ABC News. seu espetáculo “Prime Time Live”, o apresentador Diane Sawyer e outras pessoas por calúnia (Sylvia Martinez. "Tilton Sues ABC News, 'PrimeTime'". Dallas Morning News [11 de novembro de 1992], 29A, 33A).

159. Robert Tilton, programa "Success-N-Life" (22 de novembro de 1991). Desde o primeiro desmascaramento pela ABC, em novembro de 1991. Tilton e seu ministério têm estado sob a investigação do FBI, do Serviço Postal Norte-Americano e do procurador geral do Texas, quanto a possíveis engodos (St. Pierre, "Judge Rejects Tilton Bid". Dallas Morning News [15 de maio de 1992], 8A; St. Pierre. "Judge Rejects Tilton's Suit" [25 de junho de 1992], 32A; Martinez. "Tilton Sues ABC News" [11 de novembro de 1992], 33A).
160. Robert Tilton, "Success-N-Life" (22 de novembro de 1991). Tilton também tem alegado que o recipiente cheio de pedidos de oração, achado pela ABC, foi na realidade implantado ali por inimigos, a fim de lançá-lo no descrédito (Veja Christopher Lee. "Tilton's Wife Defends Ministry, Blasts TV Exposé of Husband", Dallas Morning News [25 de novembro de 1991], 1A, 12A). Extratos das respostas televisadas de Tilton acerca de "intoxicação por meio de tinta" e as cartas "roubadas e implantadas" foram ao ar pelo programa "PrimeTime Live", da ABC, em 9 de julho de 1992.
161. Id. *ibid.* Tilton citou Jim Moore, presidente de Response Media, responsável pelo processamento da correspondência ministerial de Tilton, alegando que também seus empregados ficaram doentes devido à alergia por causa de certa tinta amarela. Nenhum dos empregados de Moore, evidentemente, noticiou ter recebido "derrame cerebral" ou ter sido obrigado a alguma cirurgia plástica, como Tilton reivindicara para si mesmo.
162. Marilyn Hickey Ministries, mala direta (cerca de 1992), ênfase no original.
163. Marilyn Hickey Ministries, mala direta (s/d).
164. Marilyn Hickey. "Claim Your Miracles" (Denver: Marilyn Hickey Ministries, s/d), fita de áudio #186, lado 2.
165. Marilyn Hickey, programa "Today with Marilyn", pela TBN (11 de abril de 1991).
166. Hickey, "Breakthroughs to Faith", fita de áudio, lado 2.

167. Stephen Strang, "Hickey, Marilyn Switzer", Dictionary of Pentecostal & Charismatic Movements, 389 - a revista Outpouring era anteriormente chamada Time With Him.
168. "Yesterday, Today, and Tomorrow", Outpouring, [4],
169. Hickey, "Claim Your Miracles", fita de áudio, lado 1.
170. Id. *ibid.*, lado 2.
171. "Yesterday, Today, and Tomorrow". Outpouring, [4],
172. Charles Capps, *The Tongue — A Creative Force* (Tulsa, OK: Harrison House, 1976), 91.
173. Charles Capps, *Dynamics of Faith & Confession* (Tulsa. OK: Harrison House, 1987), 86-7, ênfase acrescentada; Cf. Charles Capps. *Authority in Three Worlds* (Tulsa, OK: Harrison House. 1982). 76. 85.
174. Id. *ibid.*, 83, ênfase acrescentada; Cf. Capps. *Dynamics of Faith*, 88: Capps, *The Tongue*, 19.
175. Capps, *Dynamics of Faith*, 79-80.
176. Veja McConnell, 4. Capps afirmou que o livro de Kenneth Hagin. *Right and Wrong Thinking*, foi o responsável por sua mudança para a confissão positiva. "Entrou em mim como uma bomba", diz Capps. "Reconheci, instantaneamente que ali estava a verdade" (Capps. *The Tongue*, 66).
177. H. Vinson Synam, "Capps. Charles Emmitt". Dictionary of Pentecostal & Charismatic Movements, 107.
178. Cifras impressas, totalmente pelo menos 3.162.000 são dadas como as páginas de copirraite dos seguintes livros e livretos de Capps: *God's Creative Power* (Tulsa. OK: Harrison House, 1976 [s/d, 27a impressão] 2.365.000 cópias); *The Tongue — A Creative Force* (Tulsa. OK: Harrison House, 1976 [s/d, 25a impressão] 595.000 cópias); *Changing the Seen & Shaping the Unseen* (Tulsa, OK: Harrison House, 1981 [s/d, IIa impressão] 102.000 cópias); *Angels* (Tulsa. OK: Harrison House, 1984 [s/d, 6a impressão] 100.000 cópias).

179. Id. ibidem.
180. Charles Capps. *The Substance of Things* (Tulsa, OK: Harrison House. 1990), 41-2.
181. Id. ibid., 42.
182. Kenneth Copeland, “Spirit Soul and Body I” (Fort Worth. TX: Kenneth Copeland Ministries. 1985). fita de áudio #01-0601, lado 1.
183. Jerry Savelle, “Framing Your World with the Word of God”, parte 2 (Fort Worth, TX: Jerry Savelle Evangelistic Association Inc.. s/d), fita de áudio #SS-36, lado 1.
184. Id. ibidem.
185. Id. ibid., lado 2.
186. Id. ibid., lado 1.
187. Jerry Savelle, *If Satan Can’t Steal Your Joy...* (Tulsa. OK: Harrison House, 1982), 17, 19.
188. Id. ibid., 18.
189. Morris Cerullo, *The Miracle Book* [edição especial patenteada] (San Diego. CA: Morris Cerullo World Evangelism, 1984), ix.
190. *God’s Faithful, Anointed Servant*, Morris Cerullo [brochura] (San Diego. CA: Morris Cerullo World Evangelism, s/d).
191. Cerullo, *Miracle Book*, ix.
192. *7 Point Outreach — World Evangelism and You* (San Diego: Morris Cerullo World Evangelism, s/d), [4],
193. Cerullo, *Miracle Book*, xi.
194. *7 Point Outreach*, [4].
195. Cerullo, *Miracle Book*, xi.
196. Id. ibidem.
197. Id. ibid., xii.

198. God's Faithful, Anointed Servant, Morris Cerullo.
199. Cerullo, Miracle Book, x.
200. Morris Cerullo, "Few Are Chosen", Deeper Life 21, 5 (junho de 1981):2.
201. Morris Cerullo, "The Greatest Message in the World", Deeper Life 21, 3 (abril de 1981):8.
202. Morris Cerullo, "The Endtime Manifestation of the Sons of God" (San Diego: Morris Cerullo World Evangelism, Inc., s/d), fita de áudio 1, lados 1 e 2, ênfase no original.
203. God's Faithful, Anointed Servant, Morris Cerullo.
204. Laura Monteros, "The Rebirth of Morris Cerullo", Los Angeles Herald-Examiner (18 de novembro de 1978).
205. Morris Cerullo, "From the Heart", Victory (janeiro/fevereiro de 1992), 6, ênfase no original.
206. Morris Cerullo, "A Word from God at the Deeper Life World Conference", Deeper Life 22, 2 (março de 1982): 15.
207. Mark Pinsky, "FCC Reviewing Trinity's Minority Subsidiary", Los Angeles Times (29 de setembro de 1991), B7.
208. Paul Crouch, Praise the Lord [noticiário pela TBN] 19.8 (agosto de 1992), [21; 19.11 (novembro de 1992), [1] (312 estações). Outra fonte noticiou que a TBN, "com mais de 285 estações, é a maior fornecedora de programações religiosas do mundo" (Kenneth L. Woodward e Lynda Wright, "The T Stands for Troubled", Newsweek 99, 13 [30 de março de 1992]:60.
209. Praise the Lord (agosto de 1992), [4].
210. Paul Crouch, Praise the Lord [noticiário pela TBN] 19, 7 (julho de 1992):[11, ênfase no original.
211. Muitos dos mais populares pregadores da Fé e da prosperidade têm seus próprios programas pela TBN, incluindo Kenneth Copeland.

Frederick K. C. Price, Benny Hinn, Marilyn Hickey, John Avanzini, Dw'ight Thompson, T. L. Osborn e Oral e Richard Roberts.

212. John Avanzini, programa "Praise-a-Thon" (6 de novembro de 1990).
213. Roy Blizzard apareceu no programa "Praise the Lord" e tem seu próprio espetáculo semanal, "Treasures of the Jew'ish World", patrocinado pela TBN. Quanto à sua posição antitrinatária. veja RoyBlizzard. "The fact of the matter..." Through Their Eyes 2.1 (janeiro de 1987): 19.
214. Joseph Good é um hóspede freqüente do programa "Praise the Lord" e tem ali dois shows semanais, "Footsteps of the Messiah" e "Ancient Israel", ambos patrocinados pela TBN. Quanto à negação de Good acerca da deidade de Cristo durante sua encarnação e mesmo após a ressurreição, veja Joseph Good, "Difficult Verses" (Port Arthur, TX: Hatikva Ministries, abril de 1990). fita de áudio #5.
215. Paul Crouch, programa "Praise the Lord" pela TBN (5 de setembro de 1991).
216. Paul Crouch, programa "Praise-a-Thon" pela TBN (2 de abril de 1991), ênfase acrescentada.
217. Id. ibid. Quanto a Crouch orar pela morte de seus inimigos da rede televisiva, veja Mark I. Pinsky, "He Wished Death on Foes - Theologians Fault Prayer by Crouch", Los Angeles Times [edição de Orange County] (16 de fevereiro de 1989), II-1, 11-10.
218. Paul Crouch, programa "Praise-a-Thon" pela TBN (abril de 1990). 486 Cristianismo em Crise
219. Minha carta a Paul Crouch (6 de dezembro de 1991). A carta serviu para acompanhar uma discussão sobre a visão do movimento da Fé quanto à expiação, ocorrida durante uma reunião entre Crouch e eu (6 de novembro de 1991).
220. Paul Crouch, programa "Praise-a-Thon" pela TBN (2 de abril de 1991).

221. Carta de Paul Crouch a R. C. [nome oculto por motivo de privacidade] (22 de janeiro de 1992).
222. Walter Martin. “The Warnings of God (Kenneth Copeland's False Prophecy)” (San Juan Capistrano, CA: ICP (EUA). 1987). fita de áudio #C-210, lado 1.
223. Paul Crouch, programa “Praise the Lord” pela TBN (31 de julho de 1992).
224. Paul Crouch, programa “Praise the Lord” pela TBN (18 de fevereiro de 1986, reapresentado em 6 de agosto de 1991).
225. Exemplos notáveis incluem Norvel Hayes, Lester Sumrall, Oral e Richard Roberts, Dwight Thompson, Charles e Frances Hunter, Doyle “Buddy” Harrison, “Happy” Caldwell, Don Gosset, Andrew Womack e Earl Paulk.
226. Casey Treat, *Renewing the Mind* (Seattle, WA: Casey Treat Ministries, 1985), 90.
227. John Osteen, *The 6th Sense... Faith* (Houston, TX: John Osteen Publications, 1980), 13. 228. T. L. Osborn, *Faith Digest XXII* E34-77, 11, ênfase no original.

Apêndice B

1. Stephen Jay Gould, “Evolution’s Erratic Pace”, *Natural History*, volume 86, nota 5 (maio de 1977), 14.
2. Adaptado do livro de Ken Boa, *I’m Glad You Asked* (Wheaton. IL: Victor Books, 1982), 36.
3. Os evolucionistas levantam, tipicamente, duas objeções ao uso da entropia como um argumento contra a teoria da evolução:
 - a) A entropia só se aplica a um sistema fechado. Há dois problemas principais no caso dessa objeção. Primeiro, o universo é um sistema fechado; segundo, apesar de que a Terra pode ser considerada um sistema aberto, a energia vinda do sol não diminui a entropia.

- b) A segunda lei da termodinâmica (entropia) não pode ser invocada, porque ela trata meramente com as relações entre a energia e a matéria, e a evolução trata com a questão de formas de vida complexas, que surgem dentre formas de vida mais simples. Entretanto, a entropia não se limita às relações de energia da matéria. A lei de Shannon lida com a entropia, militando contra a evolução num nível genético.
4. Simon Greenleaf, *The Testimony of the Evangelists* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1984 [original de Nova Iorque: Cockcroft & Company, 1874]), 29-30.